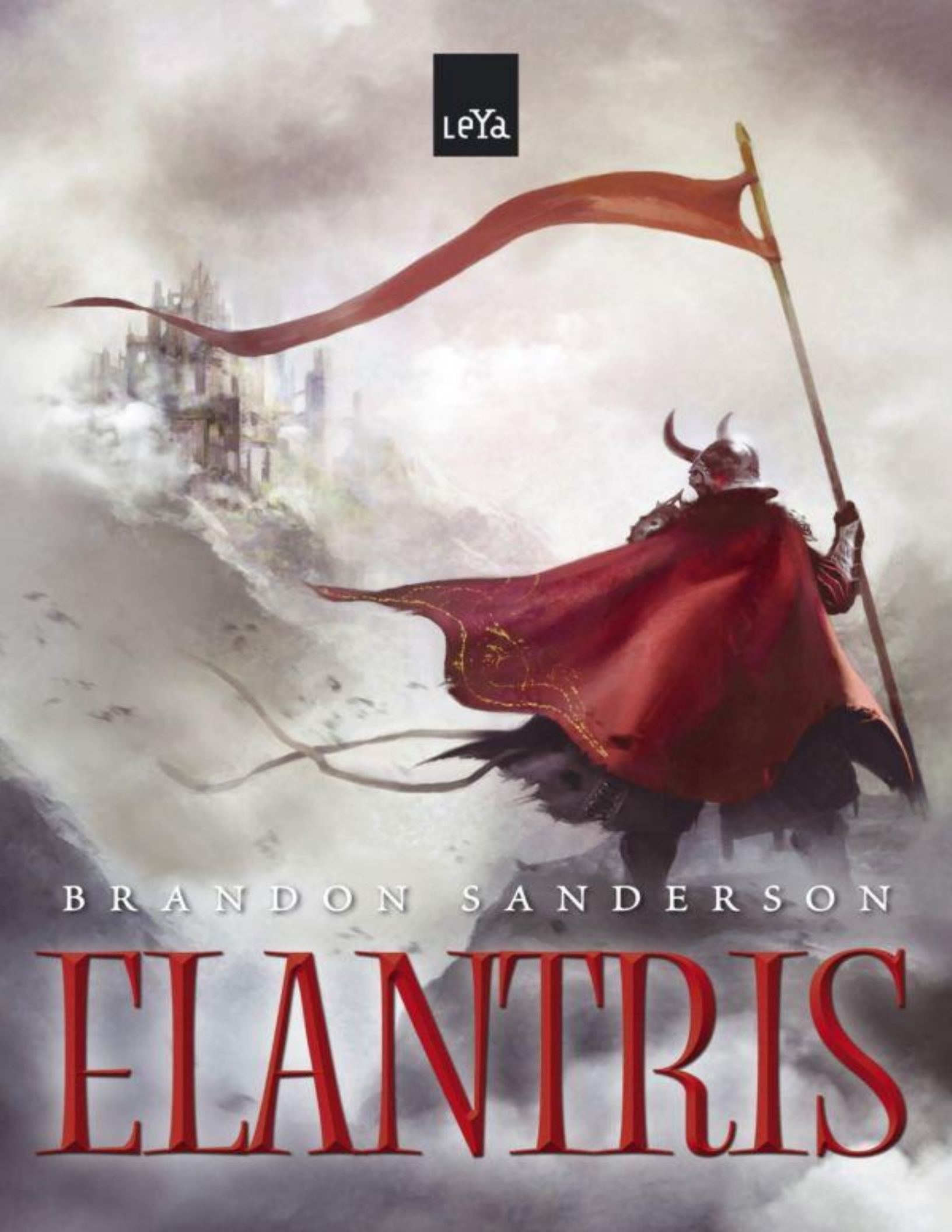
LeYa



BRANDON SANDERSON

ELANTRIS

Ficha Técnica

Copyright © Brandon Sanderson
Todos os direitos reservados.
Tradução para a língua portuguesa © 2012 by Texto Editores Ltda.
Título original: Elantris

Diretor editorial: Pascoal Soto
Editora: Tainã Bispo
Coordenação editorial externa: Taís Gasparetti

Tradução: Marcia Blasques
Preparação de texto: Natércia Pontes
Revisão: Carla Raiter Paes
Revisão da tradução: Denise R. Camargo
Diagramação: A2
Capa: Rico Bacellar
Ilustração de capa: Viktor Fetsch

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sanderson, Brandon
Elantris / Brandon Sanderson ; tradução Marcia
Blasques. -- São Paulo : Leya, 2012.
Título original: Elantris.
ISBN 978-85-8044-504-6
1. Ficção norte-americana I. Título.
12-12884 CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813.5

2012
Todos os direitos desta edição reservados à
TEXTO EDITORES LTDA.
[Uma editora do Grupo Leya]
Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86
01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP – Brasil
www.leya.com.br

Dedicado à minha mãe,

Que queria um médico,
Terminou com um escritor,
Mas o amou o suficiente para não reclamar
(muito).

AGRADECIMENTOS

Primeiro e principalmente, gostaria de agradecer a meu agente, Joshua Bilmes, e meu editor, Moshe Feder, por me ajudarem a espremer todo o potencial deste manuscrito. Sem a magistral visão editorial deles, você estaria segurando um livro bem diferente agora.

Depois, muitos elogios e agradecimentos devem ser oferecidos aos membros dos meus vários grupos de escrita. Alan Layton, Janette Layton, Kaylynn ZoBell e Ethan Skarstedt. Daniel Wells, Benjamin R. Olsen, Nathan Goodrich e Peter Ahlstrom. Ryan Dreher, Micah Demoux, Annie Gorringe e Tom Conrad. (Ei, amigos, vocês foram a uma aula de escrita, mesmo que não soubessem disso!) Obrigado a todos pelo trabalho e sugestões.

Além disso, há dúzias de pessoas que leram este livro e outros durante os anos em que lutei para ser publicado, e não posso exprimir minha gratidão pelo entusiasmo, críticas e elogios. Kristina Kugler, Megan Kauffman, Izzy Whiting, Eric Ehlers, Greg Creer, Ethan Sproat, Robert ZoBell, Deborah Anderson, Laura Bellamy, Mr. M, Kraig Hausmann, Nate Hatfield, Steve Frandson, Robison E. Wells e Krista Olsen. Se esqueci de alguém, você estará no próximo livro!

Também gostaria de fazer um agradecimento especial àqueles professores que me ajudaram em minha carreira universitária. Professores Sally Taylor, Dennis Perry e John Bennion (que trabalharam no comitê da minha dissertação de mestrado). À professora Jacqueline Thursby pela fé em mim. A Dave Wolverton, que me lançou no mundo, e ao professor Douglas Thayer, a quem um dia convencerei a ler um livro de fantasia. (Ele terá uma cópia deste, quer queira, quer não!)

Finalmente, gostaria de agradecer à minha família. Ao meu pai, por me comprar livros quando eu era criança; à minha mãe, por me transformar em um pesquisador; às minhas irmãs, por seus sorrisos; e ao Jordan, por aturar um irmão mais velho mandão. Você pode conferir as habilidades dele em programação – em conjunto com o belo desenho artístico de Jeff Creer – em meu site: www.brandonsanderson.com.

Obrigado a todos vocês, por acreditarem em mim.

PRÓLOGO

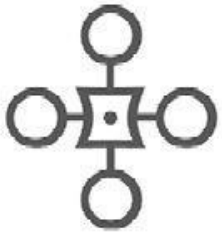
Elantris foi bonita, no passado. Era chamada de cidade dos deuses: um lugar de poder, esplendor e magia. Os visitantes dizem que até as pedras brilhavam com uma luz interior, e que a cidade tinha extraordinárias maravilhas misteriosas. À noite, Elantris resplandecia como um grande fogo prateado, visível a grande distância.

Por mais magnífica que Elantris fosse, seus habitantes eram ainda mais. Com os cabelos de um branco brilhante e a pele quase tom de prata, metálico, os elantrinos pareciam resplandecer como a própria cidade. As lendas afirmam que eram imortais ou, pelo menos, próximos disso. Seus corpos se curavam rapidamente, e eram abençoados com grande força, sabedoria e velocidade. Podiam fazer magia com o simples mover da mão; homens visitavam Elantris vindos de todo Opelon para receber cura, comida ou sabedoria. Os elantrinos eram divindades.

E qualquer um podia se tornar um deles.

Era chamada de Shaod. A Transformação. Chegava de repente, ao acaso – normalmente à noite, durante as misteriosas horas em que a vida desacelerava para descansar. A Shaod podia tomar um mendigo, um artesão, um nobre ou um guerreiro. Quando chegava, a vida da pessoa afortunada terminava e recomeçava; ela descartava sua antiga existência mundana e mudava-se para Elantris. Lá, podia viver em bem-aventurança, governar com sabedoria e ser venerada por toda a eternidade.

A eternidade terminou há dez anos.



PARTE I

A SOMBRA DE ELANTRIS

1

O príncipe Raoden de Arelon acordou cedo naquela manhã, completamente desavisado de que havia sido condenado por toda a eternidade. Ainda sonolento, Raoden se sentou, piscando com a suave luz da manhã. Pelas janelas abertas de sua sacada, podia ver a enorme cidade de Elantris a distância, suas muralhas austeras projetando uma profunda sombra sobre Kae, a cidade menor onde o príncipe vivia. As muralhas de Elantris eram incrivelmente altas, mas Raoden podia ver o cume das torres negras, com os pináculos quebrados, erguendo-se atrás delas, uma prova da majestade decaída oculta ali.

Elantris abandonada parecia mais escura do que o normal. Raoden encarou a cidade por um momento, então afastou o olhar. Suas imensas muralhas eram impossíveis de se ignorar, mas o povo de Kae tentava com todas as forças. Era doloroso recordar a beleza de lá e se perguntar como há dez anos a bênção da Shaod se transformara em uma maldição...

Raoden sacudiu a cabeça e se levantou da cama. Fazia um calor incomum para aquele horário tão cedo; não sentiu nem um pouco de frio enquanto vestia sua túnica. Puxou o cordão que pendia ao lado de sua cama, para indicar aos criados que queria o desjejum.

Essa era outra coisa estranha. Estava com fome – com *muita* fome. Sentia um apetite quase voraz. Nunca gostara de grandes desjejuns, mas naquela manhã pegou-se esperando ansiosamente pela chegada da refeição. Finalmente decidiu mandar alguém descobrir o motivo da demora.

– Ien? – chamou, nos aposentos às escuras.

Não houve resposta. Raoden franziu um pouco o cenho pela ausência do seon. Onde estaria Ien?

O príncipe se sentou e, ao fazer isso, seus olhos voltaram a pousar em Elantris. Repousando na sombra da grande cidade, Kae parecia uma aldeia insignificante. Elantris. Um enorme bloco de ébano – já não era uma cidade, apenas um cadáver. Raoden estremeceu levemente.

Alguém bateu na porta.

"Finalmente", disse Raoden, aproximando-se para abri-la. A velha Elao esperava do lado de fora com uma bandeja de frutas e pão quente.

A bandeja caiu no chão com um estrondo, escorregando dos dedos aturdidos da criada, quando Raoden estendeu as mãos para pegá-la. Ele ficou parado, enquanto o som metálico da bandeja ecoava pelo corredor silencioso da manhã.

"Misericordioso Domi!", Elao sussurrou, com um olhar horrorizado e a mão

tremendo, quando segurou o colar korathi que usava no pescoço.

Raoden estendeu a mão, mas a criada deu um passo assustado para trás, tropeçando em um pequeno melão, na ansiedade de escapar.

"O quê?", Raoden perguntou. Então viu sua mão. O que estivera oculto nas sombras do quarto escuro era agora iluminado pela lanterna pendurada no corredor.

Raoden se virou, empurrando os móveis que estavam em seu caminho enquanto se aproximava do espelho alto em um canto de seus aposentos. A luz do amanhecer aumentara o suficiente para que pudesse ver o reflexo que o encarava de volta: o reflexo de um estranho.

Seus olhos azuis ainda eram os mesmos, embora estivessem arregalados de terror. Seu cabelo, no entanto, mudara de castanho-claro para grisalho. A pele era o pior. O rosto no espelho estava coberto de repulsivas manchas negras, como hematomas escuros. As manchas só podiam significar uma coisa.

A Shaod o alcançara.

***

O portão de Elantris ressoou atrás dele, fechando-se com um surpreendente som. Raoden foi transportado para a entrada da cidade, aturdido com os acontecimentos do dia.

Era como se suas lembranças pertencessem a outra pessoa. Seu pai, o rei Iadon, não o encarava enquanto ordenava que os sacerdotes preparassem seu filho e o atirassem em Elantris. Isso foi feito rápida e silenciosamente; Iadon não podia permitir que alguém soubesse que o príncipe herdeiro era um elantrino. Dez anos atrás, a Shaod teria transformado Raoden em um deus. Agora, em vez de transformar as pessoas em deidades de pele prateada, ela as tornava monstruosidades repulsivas.

Raoden abanou a cabeça em descrença. A Shaod era uma coisa que acontecia com os outros – com pessoas distantes. Com gente que merecia ser amaldiçoada. Não com o príncipe herdeiro de Arelon. Não com Raoden.

A cidade de Elantris se estendia diante dele. Suas altas muralhas eram flanqueadas com guaritas e soldados – homens que não pretendiam manter os inimigos fora da cidade, mas impedir que seus habitantes escapassem. Desde o Reod, cada pessoa tomada pela Shaod era jogada dentro de Elantris para apodrecer; a cidade caída tornara-se uma enorme tumba para aqueles cujos corpos esqueceram como morrer.

Raoden se lembrava de ter estado naquelas muralhas, olhando os temíveis habitantes de Elantris, exatamente como os guardas faziam com ele agora. A cidade parecera distante, embora estivesse apenas do outro lado. Na ocasião, se perguntara como seria caminhar naquelas ruas enegrecidas.

Agora descobriria.

Raoden se apoiou no portão por um momento, como se quisesse forçar o corpo a atravessá-lo e limpar sua carne dessa mácula. Abaixou a cabeça e deixou escapar um gemido. Sentia vontade de se enrolar nas pedras sujas e esperar até acordar daquele sonho. Mas sabia que jamais despertaria. Os sacerdotes disseram que aquele pesadelo nunca terminaria.

Sentia que alguma coisa o instava a seguir em frente. Sabia que precisava continuar se movendo – se parasse, temia simplesmente desistir. A Shaod tomara seu corpo. Não podia deixá-la tomar sua mente também.

Então, usando o orgulho como um escudo contra o desespero, a rejeição e – especialmente – a autopiedade, Raoden ergueu a cabeça para encarar a maldição nos olhos.

***

Antes, quando Raoden estivera nas muralhas de Elantris, olhando para baixo, para seus habitantes, vira a sujeira que cobria a cidade. Agora estava nela.

Cada superfície – das paredes dos edifícios às rachaduras nos calçamentos – estava coberta com uma capa de fuligem. A substância viscosa e oleosa tornava as cores de Elantris indistintas, misturando tudo em uma única tonalidade deprimente – a cor que mesclava o pessimismo do negro com os verdes e os marrons contaminados dos esgotos.

Antes, Raoden fora capaz de ver alguns dos habitantes da cidade. Agora podia ouvi-los também. Uma dúzia de elantrinos jazia espalhada pelos fétidos paralelepípedos do pátio. Muitos estavam sentados de modo indiferente, ou sem se darem conta, em poças de água escura, os restos da tempestade da noite anterior. E gemiam. A maioria não dizia nada, murmurando ou lamentando alguma dor desconhecida. Uma mulher, no entanto, gritava no fundo do pátio com pura angústia. Ficou em silêncio depois de um momento, sem fôlego ou sem forças.

Quase todos vestiam o que pareciam farrapos – trajes escuros e soltos que estavam tão imundos quanto as ruas. Olhando de perto, no entanto, Raoden reconheceu as roupas. Contemplou sua própria roupa fúnebre branca. Era comprida e folgada, como fitas costuradas em uma túnica solta. O linho em seus braços e pernas já estava manchado com fuligem de encostar contra os portões da cidade e os pilares de pedra. Raoden suspeitava que logo estaria igual às roupas dos outros elantrinos.

É nisso que me tornarei, Raoden pensou. *Já começou. Em poucas semanas, não serei nada mais do que um corpo descartado, um cadáver gemendo nas esquinas*.

Um leve movimento do outro lado do pátio distraiu Raoden de sua autocompaixão. Alguns elantrinos estavam de cócoras em um portal coberto pelas sombras. Não conseguia distinguir muito além de suas silhuetas, mas pareciam

esperar por alguma coisa. Podia sentir os olhos deles sobre si.

Raoden ergueu um braço para afastar o sol dos olhos, e apenas quando fez isso se lembrou da pequena cesta que levava nas mãos. Continha a oferenda ritual korathi enviada com os mortos para a próxima vida – ou, neste caso, para Elantris. A cesta continha uma fornada de pão, alguns vegetais, um punhado de grãos e um pequeno frasco de vinho. As oferendas em caso de morte normal eram muito maiores, mas mesmo uma vítima da Shaod precisava levar alguma coisa.

Raoden olhou de relance para as criaturas no portal, enquanto sua mente repassava as histórias que ouvira do lado de fora – histórias da brutalidade elantrina. As figuras na sombra não haviam se mexido, mesmo assim, a maneira como o encaravam era enervante.

Respirando profundamente, Raoden deu um passo para o lado, movendo-se ao longo da muralha da cidade, em direção à face leste do pátio. As formas ainda pareciam observá-lo, mas não o seguiram. Em um momento, já não via o portal e, um segundo mais tarde, chegou em segurança até uma das ruas laterais.

Raoden soltou a respiração, sentindo que escapara de algo, embora não soubesse de quê. Depois de alguns instantes, teve certeza de que ninguém o seguira e começou a se sentir tolo por ter se assustado. Até agora, não vira nada que corroborasse os rumores sobre Elantris. Raoden sacudiu a cabeça e continuou a andar.

O fedor era quase insuportável. A sujeira onipresente cheirava à putrefação, como fungos mortos. Raoden estava tão incomodado com o cheiro que quase pisou na forma retorcida de um velho encolhido junto à parede de um edifício. O homem gemeu penosamente, estendendo um braço magro. Raoden olhou para baixo e sentiu um calafrio súbito. O "velho" não tinha mais do que dezesseis anos. A pele coberta de fuligem era escura e manchada, mas o rosto era de uma criança, não de um homem. Raoden deu um passo involuntário para trás.

O menino, como se tivesse percebido que sua oportunidade logo passaria, esticou o braço com a força súbita do desespero.

– Comida? – murmurou, com a boca meio desdentada. – Por favor?

Então o braço caiu, já sem forças, e o corpo voltou a se encolher contra a fria parede de pedra. Seus olhos, no entanto, continuaram a observar Raoden. Olhos cheios de pena e dor. Raoden vira pedintes antes, nas Cidades Exteriores, e provavelmente fora enganado por charlatães diversas vezes. Este menino, no entanto, não estava fingindo.

Raoden pegou um pedaço de pão de suas oferendas e o estendeu ao garoto. O olhar de incredulidade que passou pelo rosto do menino era de algum modo mais perturbador do que o desespero que substituíra. Essa criatura desistira da esperança há muito tempo; provavelmente mendigava mais por hábito do que por acreditar que

ganharia algo.

Raoden deixou o menino para trás, virando-se para continuar rua abaixo. Esperava que a cidade fosse menos horrível conforme se afastasse do pátio – imaginando que, talvez, a sujeira fosse resultado do uso relativamente mais frequente da área. Enganara-se; a ruela estava tão coberta de sujeira quanto o pátio, ou ainda mais.

Uma batida surda ressoou em suas costas. Raoden virou-se, surpreso. Um grupo de formas escuras estava parado perto da entrada lateral da rua, amontoado ao redor de um objeto no chão. O pedinte. Raoden observou com um calafrio enquanto cinco homens devoravam o pedaço de pão, lutando uns contra os outros e ignorando os gritos de desespero do menino. Depois de um tempo, um dos recém-chegados, provavelmente incomodado, acertou um bastão na cabeça do garoto, com um golpe que ecoou pela ruela.

Os homens terminaram o pão e se viraram para olhar Raoden, que deu um passo apreensivo para trás; parecia que fora induzido a imaginar que não fora seguido. Os cinco homens avançaram lentamente, e Raoden deu meia-volta e começou a correr.

Sons de perseguição vinham de trás. Raoden fugiu assustado – algo que, como príncipe, nunca tivera de fazer. Correu loucamente, esperando ficar sem fôlego e sentir pontadas do lado do corpo, como em geral acontecia quando se cansava demais. Nada disso ocorreu. Em vez disso, começou a se sentir muito cansado, fraco a ponto de imaginar que logo desabaria. Era uma sensação cruciante, como se sua vida estivesse sendo lentamente sugada.

Desesperado, Raoden atirou a cesta por cima da cabeça. O movimento estranho o desequilibrou, e um desnível no chão o obrigou a um salto desastrado que não terminou até que colidisse com uma massa de madeira podre. A madeira – que um dia fora uma pilha de caixas – se espatifou, interrompendo a queda.

Raoden se levantou rapidamente, e o movimento espalhou pedaços de madeira esmagada pela ruela úmida. Seus atacantes, no entanto, já não estavam mais preocupados com ele. Os cinco homens estavam agachados na sujeira da rua, recolhendo vegetais e grãos espalhados pelo chão de paralelepípedos e nas poças escuras. Raoden sentiu seu estômago revirar quando um dos homens enfiou o dedo em uma fenda, tirou um punhado escuro, que era mais imundície do que grãos, e enfiou a massa toda entre os lábios ansiosos. Uma baba enegrecida escorreu pelo queixo do homem, pingando de uma boca que parecia uma panela cheia de lama fervendo sobre o fogo.

Um homem viu que Raoden os observava. A criatura rosnou, estendendo a mão para agarrar a clava quase esquecida em seu lado. Raoden procurou freneticamente por uma arma e encontrou um pedaço de madeira um pouco menos podre do que o resto. Segurou a arma com mãos inseguras, tentando projetar um ar de perigo.

O bandido parou. Logo em seguida, um grito de alegria chamou a sua atenção: um

dos outros localizara o pequeno odre de vinho. A luta que se seguiu aparentemente tirou todos os pensamentos sobre Raoden da cabeça dos homens, e os cinco partiram em pouco tempo – quatro deles correndo atrás do que fora afortunado ou tolo o bastaste para fugir com a preciosa bebida.

Raoden ficou sentado nos escombros, aturdido. *É nisso em que você se transformará...*

– Parece que se esqueceram de você, sule – comentou uma voz.

Raoden deu um pulo, olhando na direção de onde vinha o som. Um homem, cuja careca lisa refletia a luz da manhã, estava reclinado preguiçosamente em uma escadaria a pouca distância dali. Era definitivamente um elantrino, mas antes da transformação deve ter sido de outra raça – não era de Arelon, como Raoden. A pele do homem tinha as manchas negras que indicavam a Shaod, mas suas áreas não afetadas não eram claras, e sim marrom-escuras.

Raoden se colocou em guarda contra o possível perigo, mas esse homem não mostrava os sinais de selvageria primitiva nem a fraqueza decrépita que Raoden vira nos demais. Alto e de porte firme, o homem tinha mãos grandes e olhos penetrantes em um rosto de pele escura. Estudava Raoden com uma atitude pensativa.

Raoden suspirou aliviado.

– Quem quer que seja, fico feliz em vê-lo. Estava começando a pensar que todo mundo aqui estava morrendo ou era insano.

– Não podemos estar morrendo – o homem respondeu, bufando. – Já estamos mortos. Kolo?

– Kolo. – A palavra estrangeira era vagamente familiar, como o forte sotaque do homem. – Você não é de Arelon?

O homem negou com a cabeça.

– Sou Galladon, do reino soberano de Duladel. E, mais recentemente, de Elantris, terra da podridão, da loucura e da perdição eterna. Prazer em conhecê-lo.

– Duladel? – disse Raoden. – Mas a Shaod afeta apenas pessoas de Arelon. – Levantou-se, sacudindo os pedaços de madeira em vários estados de decomposição, e fez uma careta ao sentir dor no dedo do pé. Estava coberto de sujeira, e o fedor rançoso de Elantris já emanava dele também.

– Duladel é mestiça, sule. Arelish, fjordell, teoish... encontrará todos eles. Eu...

Raoden praguejou em voz baixa, interrompendo o homem.

Galladon levantou uma sobrancelha:

– O que foi, sule? Tem uma farpa no lugar errado? Ainda que imagine que não haja muitos lugares *certos* para isso.

– Meu dedo do pé! – Raoden disse, mancando pelos paralelepípedos escorregadios. – Há algo de errado com ele, dei uma topada quando caí, mas a dor não passa.

Galladon balançou a cabeça pesarosamente.

– Bem-vindo a Elantris, sule. Você está morto. Seu corpo não vai se curar como deveria.

– O quê? – Raoden caiu pesadamente no chão perto da escadaria em que estava Galladon. O dedo continuava a doer com uma dor tão aguda como a que sentira no momento da topada.

– Cada dor, sule – sussurrou Galladon. – Cada corte, cada raspão, cada hematoma e cada ferida ficará com você até que enlouqueça de sofrimento. Como eu dizia, bem-vindo a Elantris.

– Como suportam isso? – perguntou Raoden, massageando o dedo, um gesto que não adiantou muito. Era uma coisinha de nada, mas tinha que lutar para que seus olhos não se enchessem de lágrimas.

– Não suportamos. Ou temos *muito* cuidado, ou acabamos como esses que você viu no pátio.

– No pátio... Idos Domi! – Raoden ficou em pé e foi cambaleando até o pátio. Encontrou o menino pedinte no mesmo lugar, perto da entrada da ruela. Ainda estava vivo..., de certo modo.

Os olhos do menino olhavam fixamente para o ar, as pupilas trêmulas. Seus lábios se moviam silenciosamente, sem que nenhum som escapasse. O pescoço dele fora completamente esmagado, e havia um enorme talho ao lado, expondo vértebras e traqueia. Ele tentava, sem êxito, respirar através daquela maçaroca.

De repente, Raoden sentiu que o dedo do pé não parecia tão mal.

– Idos Domi... – sussurrou, movendo a cabeça com o estômago revirado. Estendeu a mão e segurou na parede de um edifício para permanecer em pé, com a cabeça baixa, enquanto tentava não aumentar a imundície nos paralelepípedos.

– Não resta muito para esse – disse Galladon, em um tom prosaico, agachado junto ao pedinte.

– Quanto...? – Raoden começou a falar, mas parou quando seu estômago o ameaçou novamente. Sentou-se no lodo com tudo e, depois de respirar fundo algumas vezes, continuou. – Quanto tempo viverá assim?

– Você ainda não entende, sule – disse Galladon, sua voz com sotaque e pesarosa. – Ele não está vivo... Nenhum de nós está. É por isso que estamos aqui. Kolo? O menino ficará assim para sempre. Essa é, afinal, a medida típica da maldição eterna.

– Não há nada que possamos fazer?

Galladon deu de ombros.

– Poderíamos tentar queimá-lo, supondo que pudéssemos acender um fogo. Corpos elantrinos parecem queimar melhor do que o das pessoas normais, e alguns acham que é uma morte adequada para nossa espécie.

– E... – Raoden falou, ainda incapaz de olhar para o menino. – E se fizermos isso,

o que acontece com ele... com sua alma?

– Ele não tem alma – Galladon respondeu. – Ou pelo menos é o que dizem os sacerdotes. Korathi, Derethi, Jesker... todos dizem o mesmo. Estamos condenados.

– Isso não responde minha pergunta. A dor parará se ele for queimado?

Galladon olhou o menino. E acabou por dar de ombros.

– Alguns dizem que se formos queimados, se cortarem nossa cabeça ou se fizermos qualquer coisa que destrua completamente nossos corpos, simplesmente deixamos de existir. Outros dizem que a dor continua..., que nos *tornamos* dor. Acham que flutuaremos sem pensar, incapazes de sentir nada além da agonia. Não gosto de nenhuma das duas opções, então tento apenas me manter inteiro. Kolo?"

– Sim – sussurrou Raoden. – Kolo.

Virou-se, finalmente conseguindo coragem para olhar o menino ferido. O enorme talho o encarou de volta. O sangue brotava lentamente da ferida – como se o líquido estivesse retido em suas veias, como uma água estagnada em uma poça.

Com um arrepio súbito, Raoden levou a mão ao peito.

– Meu coração não bate – percebeu pela primeira vez.

Galladon olhou para Raoden como se tivesse ouvido uma declaração completamente estúpida.

– Sule, você está *morto*. Kolo?

***

Não queimaram o menino. Não só lhes faltavam os suprimentos adequados para acender o fogo, como Galladon proibiu que o fizessem.

– Não podemos tomar uma decisão dessas. E se é verdade que não tem alma? E se parar de existir quando queimarmos seu corpo? Para muitos, uma existência em agonia é melhor do que nenhuma existência.

Então, deixaram o menino onde estava – Galladon, sem pensar duas vezes, Raoden, o seguindo porque não podia pensar em mais nada para fazer, ainda que sentisse a dor da culpa de modo mais agudo do que a dor no dedo do pé.

Galladon, obviamente, não se importava se Raoden o seguia, se ia para outra direção ou se ficava encarando alguma mancha interessante de sujeira na parede. O homenzarrão de pele escura voltou por onde eles dois vieram, passando por um corpo ocasional gemendo na sarjeta, as costas viradas para Raoden em uma postura de total indiferença.

Ao ver o dula partir, Raoden tentou ordenar seus pensamentos. Havia sido treinado para uma vida na política; anos de preparação o condicionaram a tomar decisões rápidas. Tomou uma agora. Decidiu confiar em Galladon.

Havia algo agradável no dula, algo que Raoden achava indefinidamente atraente, ainda que estivesse coberto por uma fuligem de pessimismo tão grossa quanto o

lodo no chão. Era mais do que a lucidez de Galladon, mais do que sua atitude calma. Raoden vira os olhos do homem quando fitou o menino sofredor. Galladon afirmou aceitar o inevitável, mas sentia-se triste por ter que ser assim.

O dula encontrou seu antigo posto na escadaria e sentou-se novamente. Depois de respirar de modo determinado, Raoden se aproximou e ficou parado em expectativa diante do homem.

Galladon olhou para cima:

– O que foi?

– Preciso da sua ajuda, Galladon – Raoden disse, agachando-se no chão, diante da escadaria.

Galladon bufou.

– Isso é Elantris, sule. Não tem essa coisa chamada ajuda. Dor, insanidade e um monte de imundície são as únicas coisas que encontrará aqui.

– Quase parece que você acredita nisso.

– Está pedindo no lugar errado, sule.

– Você é a única pessoa não comatosa que encontrei aqui e que não me atacou – Raoden disse. – Suas ações são muito mais convincentes do que suas palavras.

– Talvez eu simplesmente não tenha tentado ferir você porque sei que não tem nada que possa ser tomado.

– Não acredito nisso.

Galladon deu de ombros, como se dissesse "Não me importo com o que acredita", e se virou de lado, apoiando-se contra a lateral de um edifício e fechando os olhos.

– Está com fome, Galladon? – Raoden perguntou em voz baixa.

O homem abriu os olhos.

– Eu costumava me perguntar quando o rei Iadon alimentava os elantrinos – Raoden ponderou. – Nunca ouvi falar de nenhum suprimento entrando na cidade, mas sempre presumi que eram enviados. *Afinal de contas*, pensava, *os elantrinos ainda estão vivos*. Nunca entendi. Se as pessoas dessa cidade podem existir sem batimentos cardíacos, então provavelmente podem existir sem comida. É claro que não quer dizer que a fome se vá. Estava faminto quando acordei esta manhã, e ainda estou. Pelo olhar daqueles homens que me atacaram, acho que a fome só piora.

Raoden remexeu sob sua túnica manchada, puxou um objeto fino e o ergueu para que Galladon o visse. Um pedaço de carne seca. Os olhos de Galladon se abriram completamente e seu rosto mudou de entediado para interessado. Seus olhos cintilaram – um brilho que tinha um pouco da mesma selvageria que Raoden vira nos homens mais cedo. Era mais controlado, mas estava ali. Pela primeira vez, Raoden percebeu o quanto apostara em sua primeira impressão sobre o dula.

– De onde veio isso? – Galladon perguntou lentamente.

– Caiu da minha cesta quando os sacerdotes estavam me trazendo para cá, então

guardei sob o cinturão. Quer ou não?

Galladon não respondeu imediatamente.

– O que o faz pensar que não vou simplesmente atacá-lo e tomar isso de você?

As palavras não eram hipotéticas; Raoden podia ver que parte de Galladon estava realmente considerando tal ação. Quão grande era essa parte ainda era uma incógnita.

– Você me chamou de *sule*, Galladon. Poderia matar alguém a quem chamou de amigo?

Galladon ficou sentado, transfigurado pelo pequeno pedaço de carne. Um fio fino de saliva correu pelo canto de sua boca sem que percebesse. Olhou para Raoden, que estava cada vez mais ansioso. Quando seus olhos se encontraram, algo acendeu em Galladon, e a tensão foi quebrada. O dula repentinamente deu uma gargalhada sonora e profunda.

– Fala duladen, sule?

– Apenas algumas palavras – Raoden disse, com modéstia.

– Um homem educado? Ricas oferendas para Elantris hoje! Tudo bem, cúmplice rulo, o que você quer?

– Trinta dias – Raoden falou. – Por trinta dias você me mostrará tudo por aqui e me contará o que sabe.

– Trinta dias? Sule, você está kayana.

– Pelo que vejo – disse Raoden, fazendo gesto de guardar a carne no cinturão –, a única comida que entra neste lugar vem com os recém-chegados. Deve-se passar muita fome com tão poucas oferendas e tantas bocas para alimentar. A fome deve ser enlouquecedora.

– Vinte dias – Galladon propôs, mostrando um lapso da antiga intensidade novamente.

– Trinta, Galladon. Se não me ajudar, alguém vai.

Galladon rangeu os dentes por um instante.

– Rulo – murmurou, e estendeu a mão. – Trinta dias. Felizmente, não planejava nenhuma viagem longa para o próximo mês.

Raoden lhe atirou a carne com uma risada.

Galladon apanhou a carne. Então, ainda que sua mão tenha se aproximado da boca em um reflexo, parou. Com um movimento cuidadoso, guardou a carne em um bolso e se levantou.

– Então, como devo chamá-lo?

Raoden se deteve. *Provavelmente será melhor que ninguém saiba que sou da realeza, por enquanto.*

– Sule está bem para mim.

Galladon começou a rir.

– O tipo privado, entendi. Bem, então vamos. É hora de começar o *grand tour*.

Sarene desceu do barco para descobrir que era viúva. Uma notícia inesperada, é claro, mas não tão devastadora quanto poderia ter sido. Afinal, não chegara a conhecer seu marido. De fato, quando Sarene deixara sua terra natal, ela e Raoden eram apenas noivos. Ela presumira que o reino de Arelon aguardaria sua chegada para celebrar o matrimônio. De onde viera, pelo menos, esperava-se que ambos os noivos estivessem presentes quando se casassem.

– Nunca gostei desta cláusula no contrato nupcial, minha senhora – disse o acompanhante de Sarene, uma bola de luz do tamanho de um melão que flutuava ao seu lado.

Sarene batia o pé contrariada enquanto observava os servos carregarem sua bagagem para uma carruagem. O contrato nupcial era um documento monstruoso de cinquenta páginas, e uma de suas muitas cláusulas dizia que seu compromisso seria legalmente obrigatório se ela ou seu noivo chegassem a morrer antes da cerimônia de casamento.

– É uma cláusula muito comum, Ashe – disse. – Desse modo, o tratado que deriva de um casamento político não é anulado se algo acontece com um dos participantes. Nunca vi ser invocada.

– Até hoje – respondeu a bola de luz, a voz profunda e as palavras bem enunciadas.

– Até hoje – admitiu Sarene. – Como eu ia saber que o príncipe Raoden não duraria os cinco dias que levamos para cruzar o Mar de Fjorden? – Fez uma pausa, franzindo o cenho pensativa. – Cite a cláusula para mim, Ashe. Preciso saber exatamente o que diz.

– "Se acontecer de um membro do mencionado casal ser chamado para o lar do Misericordioso Domi antes do momento previsto para a boda previamente acordada, então o compromisso será considerado equivalente ao matrimônio em todos os aspectos legais e sociais" – respondeu Ashe.

– Não há muito espaço para discussão, não é?

– Temo que não, minha senhora.

Sarene franziu o cenho distraidamente, cruzando os braços e batendo na bochecha com o indicador, observando os servos. Um homem alto e magro dirigia o trabalho com olhos entediados e expressão resignada. O homem, um ajudante da corte arelish chamado Ketol, era a única recepção que o rei Iadon julgara adequada para recebê-la. Fora Ketol quem lhe informara que "lamentavelmente" seu noivo "morrera de uma enfermidade súbita" durante a viagem dela. Fez a declaração com o mesmo tom

aborrecido e desinteressado que usava para comandar os servos.

– Então – Sarene esclareceu – no que se refere à lei, sou agora uma princesa de Arelon.

– Correto, minha senhora.

– E viúva de um homem que nunca conheci.

– Novamente correto.

Sarene balançou a cabeça.

– Meu pai vai morrer de rir quando souber disso. Não me deixará esquecer.

Ashe pulsou suavemente, incomodado.

– Minha senhora, o rei nunca encararia um evento tão solene com tal leviandade. A morte do príncipe Raoden, sem dúvida, causou um grande pesar na família real de Arelon.

– Sim. Tanto pesar, de fato, que tiveram que se poupar do esforço de vir receber sua nova filha.

– Talvez o rei Iadon viesse pessoalmente se tivesse sido avisado da nossa chegada...

Sarene franziu o cenho, mas o seon tinha razão. Sua chegada antes do tempo, vários dias antes da principal festa de núpcias, fora preparada para ser uma surpresa para o príncipe Raoden. Queria passar ao menos alguns dias com ele, em particular e pessoalmente. Seu sigilo, no entanto, trabalhara contra ela.

– Me diga, Ashe – ela disse. – Quanto tempo o povo arelish costuma esperar entre a morte de uma pessoa e seu enterro?

– Não tenho certeza, minha senhora – confessou Ashe. – Deixei Arelon há muito tempo, e vivi aqui por um período tão curto que não me lembro de muitas especificidades. Mas meus estudos dizem que os costumes arelish são em geral similares aos de sua terra natal.

Sarene assentiu e logo em seguida chamou o ajudante do rei Iadon.

– Pois não, minha senhora – disse Ketol em um tom preguiçoso.

– Estão velando o príncipe? – Sarene perguntou.

– Sim, minha senhora – o ajudante respondeu. – Do lado de fora da capela korathi. O enterro será esta tarde.

– Quero ver o caixão.

Ketol fez uma pausa.

– Ah... Sua Majestade mandou que a levasse até ele imediatamente.

– Então não ficarei muito tempo na tenda funerária – disse Sarene, encaminhando-se para a carruagem.

***

Sarene observou a concorrida tenda funerária com olhos críticos, esperando

enquanto Ketol e alguns dos servos abriam caminho para que se aproximasse do caixão. Teve de admitir que tudo parecia impecável – as flores, as oferendas, os sacerdotes korathi rezando. A única coisa estranha no evento era o quão lotada a tenda estava.

– Há muita gente aqui – comentou com Ashe.

– O príncipe era muito querido, minha senhora – o seon respondeu, flutuando ao seu lado. – Segundo nossos informes, era a figura pública mais popular no país.

Sarene assentiu, caminhando pela passagem que Ketol abrira para ela. O caixão do príncipe Raoden estava bem no centro da tenda, guardado por um círculo de soldados que deixava as massas se aproximarem apenas até certo ponto. Conforme avançou, Sarene notou o pesar verdadeiro nos rostos dos que estavam ali.

Então é verdade, pensou. *O povo o amava.*

Os soldados abriram caminho, e ela se aproximou do caixão. Havia diversos aons entalhados nele – a maioria, símbolos de esperança e paz –, segundo o costume korathi. O féretro de madeira estava rodeado por um círculo de alimentos luxuosos – uma oferenda feita a favor do defunto.

– Posso vê-lo? – perguntou, virando-se para um dos sacerdotes korathi, um homem pequeno e de aparência gentil.

– Sinto muito, filha – o sacerdote respondeu. – Mas a doença do príncipe o desfigurou desagradavelmente. O rei pediu que permitissem ao príncipe manter a dignidade na morte.

Sarene assentiu, voltando-se para o caixão. Não tinha certeza do que esperava sentir ao contemplar o homem morto com quem teria se casado. Estava estranhamente zangada.

Deixou a emoção de lado por um momento e começou a olhar ao redor da tenda. Parecia quase formal *demais*. Ainda que os visitantes estivessem obviamente pesarosos, a tenda, as oferendas e a decoração pareciam estéreis.

Um homem da idade e do suposto vigor de Raoden, ela pensou. *Morto de tosse convulsa... Acontece... Mas não parece provável.*

– Minha... senhora? – Ashe perguntou em voz baixa. – Alguma coisa errada?

Sarene fez um sinal para o seon e voltaram para a carruagem.

– Não sei – respondeu, no mesmo tom. – Algo não me parece certo aqui, Ashe.

– Tem uma natureza desconfiada, minha senhora – Ashe apontou.

– Por que Iadon não está velando o filho? Ketol disse que ele está atendendo a corte, como se a morte de seu filho não o houvesse abalado. – Sarene balançou a cabeça. – Falei com Raoden um pouco antes de sair de Teod, e ele parecia bem. Algo está errado, Ashe, e quero saber o que é.

– Ah, céus... – disse Ashe. – Sabe, minha senhora, seu pai me *pediu* que a mantivesse fora de encrencas.

Sarene sorriu.

– Essa é uma tarefa impossível. Vamos, temos de conhecer meu novo pai.

***

Sarene se apoiou na janela da carruagem, contemplando a cidade enquanto se dirigiam ao palácio. Ficou em silêncio, um único pensamento afastando todos os demais de sua mente.

O que estou fazendo aqui?

Suas palavras para Ashe haviam sido confiantes, mas sempre fora boa em esconder preocupações. Era verdade que estava curiosa sobre a morte do príncipe, mas Sarene se conhecia muito bem. Uma grande parte dessa curiosidade era uma tentativa de manter a mente longe de seus sentimentos de inferioridade e inabilidade – tudo para deixar de reconhecer o que era: uma mulher magricela e rude, que já passara do apogeu. Tinha vinte e cinco anos; devia estar casada há tempos. Raoden fora sua última chance.

Como ousa morrer dessa maneira, príncipe de Arelon!, Sarene pensou, indignada. Mesmo assim, não podia deixar de notar a ironia. Era adequado que este homem, aquele de quem pensara que poderia vir a gostar, morresse antes que tivesse a oportunidade de conhecê-lo. Agora estava sozinha em um país estrangeiro, ligada politicamente a um rei em quem não confiava. Era uma sensação de solidão aterradora.

Já esteve sozinha antes, *Sarene*, recordou-se. *Vai superar isso. É só encontrar algo para ocupar a mente. Tem toda uma nova corte para explorar. Aproveite.*

Com um suspiro, Sarene voltou a atenção para a cidade. Apesar da considerável experiência atuando no corpo diplomático de seu pai, nunca visitara Arelon. Desde a queda de Elantris, Arelon havia estado de quarentena não oficial para a maioria dos outros reinos. Ninguém sabia por que a cidade mística fora amaldiçoada, e todos se preocupavam que a doença de Elantris pudesse se espalhar.

No entanto, Sarene estava surpresa com o luxo que viu em Kae. As avenidas da cidade eram largas e bem cuidadas. As pessoas nas ruas eram bem vestidas, e não viu um único mendigo. De um lado, um grupo de sacerdotes korathi, vestidos com túnicas azuis, caminhava tranquilamente pela multidão, guiado por um estranho personagem vestido de branco. Ela observou a procissão, se perguntando o que poderia ser aquilo, até que o bando dobrou uma esquina.

De seu ponto de vista, Kae não parecia passar por nenhuma das dificuldades econômicas que supostamente Arelon enfrentava. A carruagem avançou por dúzias de mansões cercadas, cada uma delas construída em um estilo diferente de arquitetura. Algumas eram imensas, com grandes alas e telhados pontiagudos, seguindo a moda arquitetônica de Duladel. Outras eram mais como castelos, com

grandes muros de pedra que pareciam ter sido transportados do estilo militarista de Fjorden. Mas todas as mansões tinham uma coisa em comum: riqueza. O povo deste país podia estar faminto, mas Kae – sede da aristocracia de Arelon – não parecia notar.

É claro que uma sombra inquietante pairava sobre a cidade. A enorme muralha de Elantris erguia-se a distância, e Sarene estremeceu ao olhar suas pedras austeras e imponentes. Ouvira histórias sobre Elantris durante a maior parte de sua vida adulta, relatos da magia que a cidade produzira certa vez e das monstruosidades que habitavam agora suas ruas escuras. Não importava o quão espalhafatosas fossem as casas, não importava o quão luxuosas fossem as ruas, este único monumento permanecia como testemunha de que nem tudo ia bem em Arelon.

– Me pergunto por que ainda vivem aqui – comentou Sarene.

– Minha senhora? – perguntou Ashe.

– Por que o rei Iadon construiu seu palácio em Kae? Por que escolher uma cidade tão próxima de Elantris?

– Suspeito que as razões sejam principalmente econômicas, minha senhora – disse Ashe. – Há apenas dois portos navegáveis na costa norte arelish, e este é o melhor.

Sarene assentiu. A baía formada pela união do rio Aradel com o oceano criava um porto natural invejável. Mesmo assim...

– Talvez as razões sejam políticas – Sarene ponderou. – Iadon tomou o poder em uma época turbulenta, talvez pense que permanecer perto da antiga capital lhe dê autoridade.

– Talvez, minha senhora – disse Ashe.

Não que isso importe muito, pensou. Aparentemente, a proximidade de Elantris – ou dos elantrinos – não aumentava a possibilidade de ser tomado pela Shaod.

Afastou-se da janela e olhou Ashe que flutuava sobre o assento ao lado. Ainda não tinha visto nenhum seon nas ruas de Kae, embora as criaturas – que, segundo afirmavam, eram antigas criações da magia de Elantris – supostamente fossem muito mais comuns em Arelon do que em sua terra natal. Se apertasse os olhos, podia apenas distinguir o brilhante aon no centro da luz de Ashe.

– Pelo menos o tratado está a salvo – Sarene finalmente disse.

– Presumindo que permaneça em Arelon, minha senhora – comentou Ashe com sua voz profunda. – Pelo menos, é o que diz o contrato nupcial. Enquanto permanecer aqui e "for fiel ao seu marido", o rei Iadon deve honrar a aliança com Teod.

– Ser fiel a um morto – Sarene murmurou com um suspiro. – Bem, isso quer dizer que preciso ficar aqui, com ou sem marido.

– Se você está dizendo, minha senhora.

– Precisamos desse tratado, Ashe. Fjorden está expandindo sua influência em um

ritmo incrível. Há cinco anos, eu diria que não precisávamos nos preocupar, que os sacerdotes de Fjorden nunca seriam uma potência em Arelon. Mas agora... – Sarene sacudiu a cabeça. O colapso da república dula mudara muitas coisas. – Não devíamos ter ficado tão longe de Arelon nesses últimos dez anos, Ashe. Provavelmente eu não estaria nesta situação se tivéssemos forjado laços fortes com o novo governo arelish há uma década.

– Seu pai temia que a agitação política contaminasse Teod – lembrou Ashe. – Sem mencionar o Reod..., ninguém tinha certeza se o que acontecera com os elantrinos não afetaria as pessoas normais também.

A carruagem diminuiu o ritmo, e Sarene suspirou, encerrando a conversa. Seu pai sabia que Fjorden era um perigo e compreendia que as antigas alianças precisavam ser fortalecidas; era por isso que ela estava em Arelon. Diante deles, os portões do palácio se abriram. Com ou sem amigos, ela chegara, e Teod dependia dela. Tinha de preparar Arelon para a guerra que se aproximava – uma guerra que se tornara inevitável desde a queda de Elantris.

***

O novo pai de Sarene, o rei Iadon de Arelon, era um homem magro com um rosto perspicaz. Conversava com vários de seus administradores quando Sarene entrou na sala do trono. A jovem ficou parada sem ser notada por quase quinze minutos antes que ele a saudasse com a cabeça. Pessoalmente, não se importava em esperar – isso lhe dava a oportunidade de observar o homem a quem havia jurado obedecer –, mas não podia deixar de se sentir um pouco ferida em sua dignidade pelo tratamento. Seu título de princesa de Teod deveria ter lhe garantido uma recepção que, mesmo não sendo grandiosa, fosse ao menos pontual.

Enquanto aguardava, uma coisa lhe ocorreu de imediato. Iadon não parecia um homem de luto pela morte do filho e herdeiro. Não havia sinal de pesar em seus olhos, nada da fadiga abatida que em geral acompanha o falecimento de um ente querido. Na verdade, o ar da corte parecia notavelmente livre de sinais de tristeza.

Então Iadon é um homem sem coração?, Sarene se perguntou curiosamente. *Ou é apenas alguém que sabe controlar suas emoções?*

Os anos passados na corte de seu pai ensinaram Sarene a ser conhecedora do caráter dos nobres. Ainda que não pudesse ouvir o que Iadon dizia – haviam lhe dito para esperar no fundo do salão e aguardar permissão para se aproximar –, as atitudes e os modos do rei lhe davam uma ideia de seu caráter. Iadon falava com firmeza, dando instruções diretas, parando ocasionalmente para apontar, com o dedo fino, para o mapa que tinha na mesa. Era um homem de personalidade forte, percebeu – alguém com ideia definida de como queria que as coisas fossem feitas. Não era um mau sinal. Provisoriamente, Sarene decidiu que este era um homem com quem podia

trabalhar.

Iria rever essa opinião em pouco tempo.

O rei Iadon fez sinal para que se aproximasse. Ela ocultou cuidadosamente seu aborrecimento pela espera e se aproximou dele com o ar apropriado de nobre submissão. Ele a interrompeu no meio da reverência.

– Ninguém me disse que era tão alta – declarou.

– Meu senhor? – perguntou, levantando a cabeça.

– Bem, acho que a única pessoa que teria se importado com isso não está aqui para ver. Eshen! – exclamou, fazendo uma mulher quase invisível que aguardava no outro lado da sala dar um salto para atendê-lo. – Leve esta aqui para seus aposentos e assegure-se de que tenha muitas coisas que a mantenham ocupada. Bordado ou o que quer que seja que entretenha as mulheres. – Com isso, o rei se voltou para seu compromisso seguinte: um grupo de mercadores.

Sarene ficou parada na metade da reverência, aturdida pela completa falta de cortesia de Iadon. Apenas os anos de formação na corte a impediram de ficar boquiaberta. Rápida, mas sem se fazer notar, a mulher para quem Iadon dera a ordem – a *rainha* Eshen, esposa do rei – se aproximou e segurou o braço de Sarene. Eshen era baixa e magra, seu cabelo castanho claro aônico apenas começava a ter vestígios grisalhos.

– Venha, filha – Eshen disse com voz aguda. – Não devemos fazer o rei perder tempo.

Sarene permitiu que a mulher a conduzisse por uma das portas laterais da sala.

– Misericordioso Domi – murmurou para si mesma. – Onde me meti?

***

– ... e você adorará quando as rosas brotarem. Ordenei aos jardineiros que as plantassem para que possa sentir o cheiro sem precisar nem mesmo se inclinar na janela. Só gostaria que não fossem tão grandes.

Sarene franziu o cenho, confusa.

– As rosas?

– Não, querida – a rainha prosseguiu, quase sem fazer uma pausa –, as janelas. Não vai acreditar como o sol brilha quando entra por elas pela manhã. Pedi a eles..., aos jardineiros, quero dizer... que procurassem algumas cor de laranja, porque gosto *tanto* de laranja, mas até agora só acharam algumas amarelo-claras. "Se eu quisesse amarelo", disse para eles, "teria pedido que plantassem girassóis". Devia ter visto como se desculparam..., tenho certeza de que teremos algumas laranjas no final do próximo ano. Não acha que seria adorável, querida? É claro, as janelas ainda serão grandes demais. Talvez possa pedir para fechar um par delas.

Sarene assentiu, fascinada – não pela conversa, mas pela rainha. A princesa

presumira que os conferencistas da academia de seu pai haviam sido treinados para dizer nada com muitas palavras, mas Eshen superava todos eles. A rainha passava de um tópico para o seguinte como uma borboleta buscando um lugar para pousar, sem jamais encontrar um local adequado para uma permanência maior. Qualquer um dos assuntos teria sido combustível potencial para uma conversa interessante, mas a rainha não deixava Sarene se apoderar de um deles por tempo suficiente.

Sarene respirou para se acalmar, dizendo a si mesma para ser paciente. Não podia culpar a rainha por ser daquele jeito; Domi ensinava que as personalidades de todas as pessoas eram dons para serem desfrutados. A rainha era encantadora, de seu jeito sinuoso. Infelizmente, após conhecer tanto o rei quanto a rainha, Sarene começava a suspeitar que teria problemas para encontrar aliados políticos em Arelon.

Algo mais incomodava Sarene – algo estranho no jeito que Eshen agia. Ninguém *podia* falar tanto quanto a rainha; ela nunca deixava um momento em silêncio. Era quase como se a mulher estivesse desconfortável perto de Sarene. Então, em um momento de compreensão, Sarene entendeu o que era. Eshen falava sobre quase qualquer assunto imaginável, exceto o mais importante de todos: o príncipe falecido. Sarene estreitou os olhos com suspeita. Não tinha certeza – Eshen era, apesar de tudo, uma pessoa muito volúvel –, mas parecia que a rainha estava agindo com animação demais para uma mulher que acabara de perder o filho.

– Aqui é seu quarto, querida. Desempacotamos suas coisas e acrescentamos algumas também. Você tem roupas de todas as cores, até amarela, ainda que não imagine porque alguém usaria isso. Cor horrível. Não que seu cabelo seja horrível, é claro. Loiro não é o mesmo que amarelo, não. Não mais do que um cavalo é um vegetal. Ainda não temos um cavalo para você, mas pode usar qualquer um dos estábulos reais. Temos muitos animais excelentes, você verá, Duladel é linda nessa época do ano.

– É claro – disse Sarene, olhando pelo aposento. Era pequeno, mas de acordo com seu gosto. Muito espaço podia ser imponente, assim como pouco podia ser limitado.

– Agora, você precisará disso, querida – Eshen disse, apontando com a mãozinha para uma pilha de roupas que não estavam penduradas como as outras, como se tivessem sido trazidas mais recentemente. Todos esses vestidos da pilha partilhavam um único atributo.

– Preto? – Sarene perguntou.

– É claro. Você está... está de... – Eshen tropeçou nas palavras.

– Estou de luto – Sarene entendeu. Bateu o pé de insatisfação: preto *não* era uma de suas cores favoritas.

Eshen assentiu.

– Pode usar um desses no funeral desta tarde. Será um belo serviço, eu fiz os preparativos. – Começou a falar sobre suas flores favoritas novamente, e o

monólogo logo degenerou em um discurso sobre o quanto ela odiava a culinária fjordênica. Gentil, mas com firmeza, Sarene levou a mulher até a porta, assentindo com simpatia. Assim que chegaram ao corredor, Sarene confessou a fadiga da viagem e encerrou a torrente verbal da rainha fechando a porta.

– Isso vai me cansar *muito* rapidamente – Sarene disse para si mesma.

– A rainha tem um forte dom para a conversa, minha senhora – uma voz profunda concordou.

– O que descobriu? – perguntou Sarene, aproximando-se para escolher um vestido na pilha de roupas escuras enquanto Ashe flutuava pela janela aberta.

– Não encontrei tantos seons quanto esperava. Acho que me recordava que antigamente esta cidade estava repleta de outros como eu...

– Reparei nisso também – Sarene disse, segurando um vestido em frente ao espelho, e em seguida descartando a peça com uma negação de cabeça. – Acho que as coisas estão diferentes agora.

– Estão, realmente. Quanto às suas instruções, perguntei para os outros seons o que sabiam sobre a morte prematura do príncipe. Infelizmente, minha senhora, estavam hesitantes em discutir o assunto..., consideram extremamente de mau agouro que o príncipe tenha morrido bem antes de se casar.

– Especialmente para ele – murmurou Sarene, tirando a roupa para experimentar um vestido. – Ashe, algo estranho está acontecendo. Acho que alguém pode ter assassinado o príncipe.

– Assassinado, minha senhora? – a profunda voz de Ashe era desaprovadora, e o seon pulsou levemente ao ouvir o comentário. – Quem faria uma coisa dessas?

– Não sei, mas há algo estranho. Isso não parece uma corte em luto. Veja a rainha, por exemplo. Não estava nada perturbada quando falou comigo..., era de se esperar que estivesse pelo menos um pouco incomodada pelo fato de seu filho ter morrido ontem.

– Há uma explicação simples para isso, minha senhora. A rainha Eshen não é mãe do príncipe Raoden. Raoden nasceu da primeira esposa de Iadon, que morreu há doze anos.

– Quando ele se casou novamente?

– Logo depois do Reod – disse Ashe. – Alguns meses depois de tomar o trono.

Sarene franziu o cenho.

– Ainda é suspeito – decidiu, esticando a mão desajeitadamente para abotoar as costas do vestido. Então, olhou-se no espelho, estudando o vestido de modo crítico. – Bem, pelo menos cai bem..., ainda que me deixe pálida. Tinha medo que chegasse apenas na altura dos joelhos. Essas mulheres arelish são todas tão anormalmente baixas.

– Se é o que diz, minha senhora – respondeu Ashe. Ambos sabiam muito bem que

as mulheres arelish não eram tão baixas assim; mesmo em Teod, Sarene era uma cabeça mais alta do que a maioria das mulheres. Seu pai a chamava de Vara de Leky quando criança, emprestando o nome do fino e alto poste que marcava a linha do gol no esporte favorito dele. Mesmo depois de ganhar peso durante a adolescência, Sarene ainda era inegavelmente esguia.

– Minha senhora – Ashe disse, interrompendo suas contemplações.

– Sim, Ashe?

– Seu pai está desesperado para falar com você. Acho que tem algumas novidades que ele merece ouvir.

Sarene assentiu, segurando um suspiro, enquanto Ashe começou a pulsar brilhante. No momento seguinte, a bola de luz que formava sua essência se converteu em uma cabeça resplandecente, parecida com um busto. O rei Eventeo de Teod.

– Ene? – seu pai perguntou, enquanto os lábios da cabeça brilhante se moviam. Era um homem robusto, com um grande rosto oval e um queixo forte.

– Sim, pai. Estou aqui. – Seu pai certamente se encontrava parado diante de um seon similar (provavelmente Dio), que teria mudado sua forma para se transformar em um simulacro brilhante da cabeça de Sarene.

– Está nervosa com o casamento? – Eventeo perguntou ansioso.

– Bem, sobre o casamento... – ela disse lentamente. – Você provavelmente vai querer cancelar os planos de vir para cá na próxima semana. Não haverá muito para ver.

– O quê?

Ashe estava certo – seu pai não riu quando soube que Raoden estava morto. Em vez disso, sua voz ganhou um tom de profunda preocupação, o rosto brilhante inquieto. E essa preocupação aumentou quando Sarene explicou como a morte era tão comprometedora quanto um casamento real.

– Ah, Ene, sinto muito – seu pai disse. – Sei o quanto esperava deste casamento.

– Bobagem, pai. – Eventeo a conhecia bem demais. – Nunca estive com o príncipe..., como poderia ter alguma expectativa?

– Não se encontrou com ele, mas conversou pelo seon, e escreveu todas aquelas cartas. Conheço você, Ene..., é romântica. Nunca resolveria seguir com isso se não estivesse totalmente convencida de que poderia amar Raoden.

As palavras soaram verdadeiras, e de repente a solidão de Sarene retornou. Passara toda a viagem pelo mar de Fjorden em um estado de nervosismo incrédulo, ao mesmo tempo excitada e apreensiva pela perspectiva de encontrar o homem que se tornaria seu marido. Mais excitada, no entanto, do que apreensiva.

Estivera longe de Teod muitas vezes, mas sempre acompanhada por outros compatriotas. Desta vez estava por conta própria, viajando na frente do restante da

comitiva matrimonial para surpreender Raoden. Lera e relera as cartas do príncipe tantas vezes que começara a sentir que o conhecia, e a pessoa que construíra daquelas folhas de papel era um homem complexo e apaixonado a quem desejava conhecer ansiosamente.

E agora isso nunca aconteceria. Sentia-se mais do que sozinha, sentia-se rejeitada – novamente. Não desejada. Esperara todos aqueles anos, sofrera por um pai paciente que não sabia como os homens de sua terra natal a evitavam, como ficavam assustados com sua personalidade decidida, até mesmo arrogante. Finalmente encontrara um homem que desejava tê-la, e Domi o arrancara dela no último momento.

Sarene finalmente começou a se deixar sentir algumas das emoções que mantivera sob controle férreo desde que desembarcara do navio. Estava feliz de que o seon transferisse apenas suas feições, pois ficaria mortificada se seu pai tivesse visto as lágrimas rolando por seu rosto.

– Isso é bobagem, pai – disse. – Era um simples matrimônio político, e todos sabíamos disso. Agora nossos países têm mais em comum do que apenas o idioma..., nossas famílias reais estão relacionadas.

– Ah, querida... – seu pai sussurrou. – Minha pequena Sarene. Tinha esperança de que isso terminasse bem..., não sabe como sua mãe e eu rezamos para que encontrasse a felicidade aí. Idos Domi! Não devíamos ter seguido com isso.

– Eu o teria obrigado, pai. – Sarene disse. – Precisamos seriamente do tratado com Arelon. Nossa armada não manterá Fjorden longe da nossa costa por muito tempo..., toda a marinha svordish está sob comando de Wyrn.

– Pequena Sarene, tão crescida agora – seu pai disse através do seon.

– Crescida e completamente capaz de se casar com um cadáver. – Sarene riu debilmente. – Provavelmente será o melhor. Não acho que o príncipe Raoden era o que eu imaginava..., você devia conhecer o pai dele.

– Ouvi histórias. Esperava que não fossem verdadeiras.

– Ah, são, sim – Sarene disse, deixando que a insatisfação com o monarca arelish consumisse sua tristeza. – O rei Iadon é o homem mais desagradável que já conheci. Mal tomou conhecimento da minha presença antes de me mandar embora, dizendo "vá tricotar ou fazer qualquer outra coisa que as mulheres façam". Se Raoden parecia minimamente com o pai, então estou melhor assim.

Houve uma pausa momentânea, antes que seu pai respondesse:

– Sarene, quer voltar para casa? Posso anular o contrato se eu quiser, não importa o que digam as leis.

A oferta era tentadora – mais tentadora do que ela admitiria. Fez uma pausa.

– Não, pai – disse, finalmente, negando inconscientemente com a cabeça. – Tenho de ficar. Isso foi ideia minha, e a morte de Raoden não muda o fato de que

precisamos desta aliança. Além disso, voltar para casa quebraria a tradição..., nós dois sabemos que Iadon é meu pai agora. Seria impróprio que me acolhesse em sua casa novamente.

– Sempre serei seu pai, Ene. Que Domi maldiga os costumes..., Teod sempre estará aberta para você.

– Obrigada, pai – Sarene disse tranquilamente. – Precisava ouvir isso. Mas ainda acho que devo ficar. Por enquanto, pelo menos. Além disso, pode ser interessante. Tenho uma corte nova inteira, cheia de pessoas com quem me divertir.

– Ene... – seu pai disse apreensivamente. – Conheço esse tom de voz. O que está planejando?

– Nada – assegurou. – Há alguns poucos assuntos nos quais quero meter o nariz antes de desistir completamente deste casamento.

Houve uma pausa, e então seu pai começou a rir.

– Domi os proteja..., eles não sabem o que lhe enviamos. Vá com calma, Vara de Leky. Não quero receber um bilhete do ministro Naolen, daqui a um mês, dizendo que o rei Iadon fugiu para ingressar em um monastério korathi e que o povo arelish a nomeou monarca no lugar dele.

– Tudo bem – Sarene disse com um sorriso amarelo. – Esperarei dois meses, então.

Seu pai deu outra daquelas suas gargalhadas típicas – um som que fez mais bem a Sarene do que qualquer consolo ou conselho.

– Espere um minuto, Ene – disse, depois que parou de rir. – Deixe-me chamar sua mãe, ela vai querer falar com você. – Então, depois de um momento, gargalhou novamente e acrescentou. – Ela vai cair dura quando eu contar que você já matou o pobre Raoden.

– Papai! – disse Sarene, mas ele já desligara.

Ninguém do povo de Arelon saudou seu salvador quando ele chegou. Era uma afronta, é claro, mas não inesperada. O povo de Arelon – especialmente aqueles que viviam perto da infame cidade de Elantris – era conhecido por seus costumes ímpios, até mesmo hereges. Hrathen viera mudar isso. Tinha três meses para converter todo o reino de Arelon; caso contrário, o Sagrado Jaddeth – senhor de toda a criação – o destruiria. Finalmente chegara o momento de Arelon aceitar as verdades da religião derethi.

Hrathen desceu pela prancha. Além das docas, com o alvoroço contínuo de cargas e descargas, estendia-se Kae. Um pouco além, Hrathen podia ver uma alta muralha de pedra – a antiga cidade de Elantris. No outro extremo de Kae, à esquerda de Hrathen, o terreno subia íngreme, até se converter em uma alta colina – o sopé se transformava nas montanhas Dathreki. Além delas, ficava o oceano.

De modo geral, Hrathen não estava impressionado. Em épocas passadas, quatro pequenas cidades rodeavam Elantris, mas apenas Kae – a nova capital de Arelon – ainda era habitada. Kae era muito desorganizada, muito espalhada para ser defensável, e sua única fortificação parecia ser um pequeno muro de pedra de dois metros de altura – mais um limite do que qualquer outra coisa.

Recuar para Elantris seria difícil, e apenas parcialmente efetivo. As construções de Kae dariam uma cobertura maravilhosa para uma força invasora, e algumas poucas estruturas periféricas da cidade haviam sido construídas quase contra a muralha de Elantris. Esta não era uma nação acostumada à guerra. Mesmo assim, entre todos os reinos do continente Syclano – a terra chamada Opelon pelos arelish –, apenas Arelon evitara a dominação do Império Fjordênico. É claro que isso era algo que Hrathen mudaria em breve.

Hrathen se afastou do barco, e sua presença causou uma grande agitação entre as pessoas. Os estivadores paravam seu trabalho ao vê-lo passar, encarando-o com espanto. As conversas morriam quando os olhos das pessoas caíam sobre ele. Hrathen não parou para ninguém, mas não importava, pois todos se afastavam rapidamente de seu caminho. Talvez fossem seus olhos, mas o mais provável era sua armadura. Vermelho-sangue e brilhante sob a luz do sol, o peitoral de sumo sacerdote derethi era uma visão imponente até para quem estava acostumado com ele.

Começava a pensar que teria de encontrar o caminho para a capela derethi da cidade por conta própria, quando avistou um ponto vermelho entre a multidão. O ponto logo se converteu em uma figura atarracada e careca vestida com a túnica

vermelha derethi.

– Meu senhor Hrathen! – chamou o homem.

Hrathen parou, permitindo que Fjon – o principal arteth derethi de Kae – se aproximasse. Fjon bufou e secou a testa com um lenço de seda.

– Sinto muito, Vossa Graça. O registro indicava que chegaria em um barco diferente. Só soube que estava a bordo quando terminavam de descarregar. Tive de deixar a carruagem para trás; não podia atravessar a multidão.

Hrathen estreitou os olhos em desaprovação, mas não disse nada. Fjon continuou a tagarelar por um momento antes de finalmente decidir levar Hrathen à capela derethi, pedindo desculpas novamente pela falta de transporte. Hrathen seguiu seu guia rechonchudo com passo medido, insatisfeito. Fjon trotava ao lado dele com um sorriso nos lábios, acenando ocasionalmente para as pessoas com quem cruzava na rua, gritando amabilidades. As pessoas respondiam do mesmo modo – pelo menos até que vissem Hrathen, a capa cor de sangue se agitando atrás de si e sua armadura exagerada feita com ângulos agudos e linhas cortantes. Então ficavam em silêncio, as saudações minguavam e seus olhos o seguiam até que ele passasse. Exatamente como devia ser.

A capela era uma grande estrutura de pedra, acabada com luminosas tapeçarias vermelhas e torres altas. Aqui, pelo menos, Hrathen encontrou um pouco da grandiosidade com a qual estava acostumado. Dentro, no entanto, se deparou com uma visão perturbadora – uma multidão de pessoas dedicada a algum tipo de atividade social. Pessoas circulando, ignorando a sagrada estrutura na qual estavam, rindo e brincando. Era demais. Hrathen ouvira e acreditara nos relatórios. Agora tinha a confirmação.

– Arteth Fjon, reúna seus sacerdotes – Hrathen disse, e eram as primeiras palavras que pronunciava desde sua chegada em solo arelish.

O arteth deu um pulo, como se estivesse surpreso em finalmente ouvir sons vindos de seu importante convidado.

– Sim, meu senhor – respondeu, fazendo sinais para que a reunião fosse encerrada.

Demorou um longo e frustrante tempo, mas Hrathen suportou o processo com rosto inexpressivo. Quando as pessoas partiram, aproximou-se dos sacerdotes. Seus pés blindados ressoavam contra o chão de pedra da capela. Quando finalmente falou, suas palavras eram dirigidas a Fjon.

– Arteth – disse, usando o título derethi do homem –, o barco que me trouxe até aqui partirá para Fjorden em uma hora. Você deve estar a bordo.

Fjon ficou boquiaberto e alarmado.

– O quê...?

– Fale em fjordênico, homem! – Hrathen exclamou. – Certamente dez anos entre

os pagãos arelish não o corromperam a ponto de esquecer sua língua nativa, estou certo?

– Não, não, Vossa Graça – respondeu Fjon, passando do aônico para o fjordênico. – Mas eu...

– Basta – Hrathen interrompeu novamente. – Tenho ordens do próprio Wyrn. Você passou muito tempo na cultura arelish..., esqueceu seu chamado sagrado, e é incapaz de ver o progresso do Império de Jaddeth. Essas pessoas não precisam de um amigo; precisam de um sacerdote. Um sacerdote derethi. Alguém que veja como você confraterniza poderia pensar que é um korathi. Não estamos aqui para amar as pessoas; estamos aqui para ajudá-las. Você partirá.

Fjon caiu para trás, contra uma das colunas da sala, os olhos arregalados e os membros sem força.

– Mas quem será o principal arteth da capela na minha ausência, meu senhor? Os outros arteths são tão inexperientes.

– Esses são tempos importantes, arteth – disse Hrathen. – Ficarei em Arelon para dirigir pessoalmente os trabalhos aqui. Que Jaddeth me conceda o êxito.

***

Esperara um escritório com uma vista melhor, mas a capela, majestosa como era, não tinha segundo andar. Felizmente, os jardins estavam bem cuidados, e seu escritório – o antigo aposento de Fjon – dava de frente para sebes bem aparadas e canteiros de flores cuidadosamente arrumados.

Agora que limpara as paredes dos quadros – paisagens agrárias em grande parte – e jogara fora os numerosos objetos pessoais de Fjon, a câmara se aproximava de um nível de ordem digna de um gyorn derethi. Tudo o que precisava era de alguma tapeçaria e talvez de um escudo ou dois.

Assentindo para si mesmo, Hrathen voltou a atenção para o pergaminho em sua mesa. Suas ordens. Mal ousava segurá-las com suas mãos profanas. Leu as palavras mentalmente uma e outra vez, gravando tanto a forma física quanto o significado teológico na alma.

– Meu senhor..., Vossa Graça? – uma voz tímida perguntou em fjordênico.

Hrathen levantou a cabeça. Fjon entrou na sala, e se ajoelhou submisso, a testa encostando no chão. Hrathen permitiu a si mesmo dar um sorriso, sabendo que o penitente arteth não podia ver seu rosto. Talvez ainda houvesse esperança para Fjon.

– Fale – Hrathen disse.

– Agi mal, meu senhor. Agi contrariando os planos de Nosso Senhor Jaddeth.

– Seu pecado foi a complacência, arteth. O contentamento destruiu mais nações do que qualquer exército e levou as almas de mais homens do que as heresias de Elantris.

– Sim, meu senhor.

– Ainda deve partir, arteth – Hrathen disse.

Os ombros do homem caíram levemente.

– Então não há esperança para mim, meu senhor?

– Isso é tolice arelish falando, arteth, não orgulho fjordênico. – Hrathen agarrou o homem pelo ombro. – Levante-se, meu irmão. – ordenou.

Fjon olhou para cima, a esperança retornando aos seus olhos.

– Sua mente pode ter se manchado com pensamentos arelish, mas sua alma ainda é fjordênica. Você pertence ao povo escolhido de Jaddeth, todo fjordênico tem um lugar a serviço do império Dele. Volte para nossa terra natal, ingresse em um monastério para se familiarizar novamente com as coisas que se esqueceu, e lhe será dado outro modo de servir ao império.

– Sim, meu senhor.

Hrathen apertou seu ombro com força.

– Entenda isso antes de partir, arteth. Minha chegada é uma bênção maior do que pode compreender. Nem todas as obras de Jaddeth estão claras para você; não ache que pode antecipar nosso Deus. – Fez uma pausa, decidindo seu movimento seguinte. Depois de um momento, resolveu: aquele homem ainda tinha valor. Hrathen tinha uma oportunidade única para reverter muito da perversão de Arelon na alma de Fjon com um só golpe. – Olhe ali na mesa, arteth. Leia aquele pergaminho.

Fjon olhou para a mesa e seus olhos encontraram o pergaminho repousando sobre ela. Hrathen soltou o ombro do homem, permitindo que se aproximasse da mesa para ler o documento.

– Esse é o selo oficial do próprio Wyrn! – Fjon disse, pegando o pergaminho.

– Não apenas o selo, arteth – disse Hrathen. – Essa é a assinatura dele também. O documento que tem em mãos foi escrito por Sua Santidade em pessoa. Isso não é apenas uma carta: é uma escritura.

Os olhos de Fjon se arregalaram, e seus dedos começaram a tremer.

– Wyrn em pessoa?

Então, ao compreender plenamente o que segurava com sua mão indigna, derrubou o pergaminho na mesa com uma exclamação. Seus olhos não deixaram a carta, no entanto. Estavam transfigurados – lendo as palavras com a mesma voracidade que um homem faminto devora um pedaço de carne. Poucas pessoas tinham a oportunidade de ler palavras escritas pela mão do profeta de Jaddeth e Sagrado Imperador.

Hrathen deu tempo para que o sacerdote lesse, relesse e voltasse a ler o pergaminho. Quando Fjon finalmente levantou a cabeça, havia compreensão – e gratidão – em seu rosto. O homem era inteligente o bastante. Sabia que ordens seriam dadas a ele, se permanecesse a cargo de Kae.

– Obrigado – Fjon murmurou.

Hrathen assentiu educadamente.

– Poderia ter feito isso? Poderia ter seguido os comandos de Wyrn?

Fjon negou com a cabeça, os olhos percorrendo novamente o pergaminho.

– Não, Vossa Graça. Não poderia..., não teria funcionado, nem sequer poderia pensar tendo isso na consciência. Não invejo sua posição, meu senhor. Não mais.

– Volte para Fjorden com minha bênção, irmão. – Hrathen disse, pegando um pequeno envelope de uma sacola na mesa. – Dê isto para os sacerdotes de lá. É uma carta minha dizendo que aceitou sua recolocação com a graça condizente a um servo de Jaddeth. Eles se encarregarão de ingressá-lo em um monastério. Talvez algum dia possa dirigir novamente uma capela, dentro das fronteiras de Fjorden.

– Sim, meu senhor. Obrigado, meu senhor.

Fjon se retirou, fechando a porta atrás de si. Hrathen se aproximou da mesa e tirou outro envelope – idêntico ao que dera a Fjon – da sacola. Segurou-o por uns momentos, então o aproximou de uma das velas da mesa. As palavras que continha – condenando o arteth Fjon como traidor e apóstata – nunca seriam lidas e o pobre e agradável arteth jamais saberia o perigo que correra.

***

– Com sua permissão, meu senhor gyorn – disse o sacerdote ao fazer uma mesura. Era um dorven menor que servira sob as ordens de Fjon por mais de uma década. Hrathen acenou com a mão, permitindo que o homem se fosse. A porta se fechou silenciosamente enquanto o sacerdote saía da sala.

Fjon causara um sério dano aos seus subordinados. Mesmo uma pequena fraqueza podia provocar enormes falhas em duas décadas, e os problemas de Fjon eram tudo, menos irrisórios. O homem fora indulgente de maneira ultrajante. Dirigira a capela sem ordem, curvando-se diante da cultura arelish em vez de trazer força e disciplina ao povo. Metade dos sacerdotes servindo em Kae era irremediavelmente corrupta – incluindo homens que estavam na cidade há apenas seis meses. Nas semanas seguintes, Hrathen enviaria uma autêntica frota de sacerdotes de volta a Fjorden. Teria de escolher um novo arteth principal para os que permanecessem, por poucos que fossem.

Uma batida veio da porta.

– Entre – Hrathen disse. Havia entrevistado os sacerdotes um a um, sentindo a extensão de sua contaminação. Até agora, nenhum o impressionara.

– Arteth Dilaf – o sacerdote se apresentou quando entrou.

Hrathen ergueu a cabeça. O nome e as palavras eram fjordênicas, mas o sotaque estava levemente fora de lugar. Soava quase como...

– Você é arelish? – Hrathen disse com surpresa.

O sacerdote se curvou com o grau adequado de submissão; seus olhos, no entanto, eram desafiadores.

– Como se tornou um sacerdote de derethi? – Hrathen perguntou.

– Queria servir ao império – respondeu o homem, sua voz levemente intensa. – Jaddeth proporcionava um caminho.

Não, Hrathen percebeu. *Não é desafio nos olhos deste homem – é fervor religioso.* Não era comum encontrar fanáticos na religião derethi; esse tipo de gente se sentia mais atraído pela ilegalidade frenética dos Mistérios Jeskeri do que pela organização militar de Shu-Dereth. Ainda assim, o rosto daquele homem queimava de paixão fanática. Não era uma coisa má; ainda que o próprio Hrathen rejeitasse tal falta de controle, muitas vezes notara que os fanáticos podiam ser ferramentas úteis.

– Jaddeth sempre proporciona um caminho, arteth – Hrathen disse, cuidadosamente. – Seja mais específico.

– Conheci um arteth derethi em Duladel há doze anos. Ele pregou para mim, e eu acreditei. Me deu cópias do *Do-Kesseg* e do *Do-Dereth*, e li ambos em uma noite. O santo arteth me mandou de volta a Arelon para ajudar a converter o povo do meu país, e me estabeleci em Rain. Ensinei ali por sete anos, até o dia em que soube que uma capela derethi estava sendo construída na própria Kae. Superei minha repugnância pelos elantrinos, sabendo que o Sagrado Jaddeth os abatera com a punição eterna, e vim me unir aos meus irmãos fjordênicos. Trouxe meus convertidos, quase metade dos crentes de Kae são os que vieram comigo de Rain. Fjon se impressionou com minha diligência. Me concedeu o título de arteth e me permitiu seguir ensinando.

Hrathen coçou o queixo, pensativamente, observando o sacerdote arelish.

– Sabe que o que Fjon fez foi errado.

– Sim, meu senhor. Um arteth não pode nomear outro. Quando falo com o povo, nunca refiro a mim mesmo como sacerdote de derethi, apenas como um professor.

Um professor muito bom, deixava entender o tom de Dilaf.

– O que acha do arteth Fjon? – perguntou Hrathen.

– Era um tolo indisciplinado, meu senhor. Sua displicência impediu que o reino de Jaddeth crescesse em Arelon, e deixou nossa religião no ridículo.

Hrathen sorriu: Dilaf, ainda que não fosse da raça escolhida, era obviamente um homem que entendia a doutrina e a cultura de sua religião. Mas seu ardor podia ser perigoso. A intensidade selvagem dos olhos de Dilaf mal estava sob controle. Devia ser observado muito de perto, ou ser eliminado.

– Parece que o arteth Fjon fez pelo menos uma coisa certa, ainda que não tivesse autoridade para isso – Hrathen disse. Os olhos de Dilaf arderam ainda mais com a declaração. – Eu o nomeio arteth de direito, Dilaf.

Dilaf se inclinou, tocando o solo com a cabeça. Seus modos eram perfeitamente

fjordênicos, e Hrathen nunca ouvira um estrangeiro falar a Língua Sagrada tão bem. Esse homem podia ser útil, de fato; afinal de contas, uma queixa comum contra Shu-Dereth era que favorecia os fjordênicos. Um sacerdote arelish poderia ajudar a provar que todos eram bem-vindos ao Império de Jaddeth – ainda que os fjordênicos fossem mais bem-vindos.

Hrathen sorriu para si por criar uma ferramenta tão útil, e ficou completamente satisfeito até o momento em que Dilaf levantou a cabeça. A paixão ainda estava nos olhos de Dilaf – todavia havia também algo mais. Ambição. Hrathen franziu o cenho levemente, se perguntando se não acabara de ser manipulado.

Havia apenas uma coisa a fazer.

– Arteth, jurou ser odiv de algum homem?

Surpresa. Os olhos de Dilaf se arregalaram enquanto encarava Hrathen, brilhando de incerteza.

– Não, meu senhor.

– Bom. Então eu o farei meu.

– Meu senhor..., sou, é claro, seu humilde servo.

– Será mais do que isso, arteth – Hrathen disse – se for meu odiv, serei seu hroden. Você será meu, coração e alma. Se segue Jaddeth, O seguirá *através de mim*. Se serve ao Império, o fará sob minhas ordens. O que quer que pense, faça ou diga será por ordem minha. Entendido?

O fogo queimava nos olhos de Dilaf.

– Sim – sussurrou. O fervor do homem não o deixaria recusar uma oferta dessas. Ainda que sua posição inferior de arteth permanecesse a mesma, ser odiv de um gyorn aumentaria em muito o poder e a respeitabilidade de Dilaf. Seria escravo de Hrathen se essa escravidão o levasse mais para cima. Era uma coisa muito fjordênica a se fazer – a ambição era uma emoção que Jaddeth aceitava com tanto agrado quanto a devoção.

– Bom – Hrathen disse. – Então sua primeira ordem é seguir o sacerdote Fjon. Ele deve estar subindo no barco que vai para Fjordell neste momento, quero que se assegure de que isso aconteça. Se Fjon desembarcar por qualquer motivo, mate-o.

– Sim, meu gyorn.

Dilaf saiu da sala com pressa. Finalmente tinha em que canalizar seu entusiasmo. Tudo o que Hrathen precisava fazer era manter esse entusiasmo focado na direção certa.

Hrathen ficou parado um momento depois que o arelish partiu, então balançou a cabeça e voltou para sua mesa. O pergaminho ainda estava tal como caíra dos dedos indignos de Fjon; Hrathen o pegou com um sorriso, seu toque reverente. Não era um homem que se satisfizesse com posses; sua visão estava voltada para conquistas muito maiores do que a simples acumulação de bugigangas inúteis. Contudo, de vez

em quando, surgia um objeto tão único que Hrathen simplesmente se deliciava sabendo que lhe pertencia. Não se possuía tais coisas por sua utilidade, ou pela capacidade de impressionar os demais, mas porque era um privilégio tê-las. O pergaminho era um desses objetos.

Fora escrito na frente de Hrathen pela mão do próprio Wyrn. Era uma revelação vinda diretamente de Jaddeth: uma escritura feita para um único homem. Poucas pessoas chegavam a conhecer o ungido de Jaddeth, e mesmo entre os gyorns, audiências privadas eram raras. Receber ordens diretamente das mãos de Wyrn era a mais primorosa das experiências.

Mais uma vez Hrathen passou os olhos pelas palavras sagradas, ainda que há tempos as tivesse memorizado em cada detalhe.

Observe as palavras de Jaddeth, através de Seu servo Wyrn Wulfden, o Quarto, Imperador e Rei.

Sumo Sacerdote e Filho, seu pedido foi atendido. Vá até os povos pagãos do oeste e anuncie para eles meu aviso final, pois ainda que meu Império seja eterno, minha paciência acabará logo. Não dormirei muito mais dentro de um túmulo de pedra. O Dia do Império está próximo, e minha glória logo brilhará, um segundo sol surgido de Fjorden.

As nações pagãs de Arelon e Teod têm sido manchas negras em minha terra por muito tempo. Por trezentos anos meus sacerdotes serviram entre aqueles marcados por Elantris, e poucos atenderam aos seus chamados. Saiba isso, Sumo Sacerdote: meus guerreiros fiéis estão preparados e esperam apenas a palavra de meu Wyrn. Você tem três meses para profetizar para o povo de Arelon. No final desse período, os santos soldados de Fjorden cairão sobre a nação como predadores, rasgando e rompendo a vida indigna daqueles que não escutam minhas palavras. Apenas três meses passarão antes da destruição de todos que se opõem ao meu Império.

O tempo da minha ascensão se aproxima, meu filho. Seja robusto e seja diligente.

Palavras de Jaddeth, Senhor de toda a Criação, através de seu servo Wyrn Wulfden, o Quarto, Imperador de Fjorden, Profeta de Shu-Dereth, Governante do Sagrado Reino de Jaddeth e Regente de toda a Criação.

O momento finalmente chegara. Apenas duas nações resistiam. Fjorden recuperara sua antiga glória, perdida duzentos anos antes, quando o Primeiro Império entrou em colapso. Mais uma vez, Arelon e Teod eram os dois únicos reinos que resistiam ao domínio fjordênico. Desta vez, com o poder do chamado santo de Jaddeth por trás, Fjorden venceria. Então, com toda a humanidade unida sob o governo de Wyrn,

Jaddeth poderia se erguer de Seu trono sob a terra e reinar em gloriosa majestade.

E Hrathen seria o responsável por isso. A conversão de Arelon e Teod era seu dever urgente. Tinha três meses para mudar o temperamento religioso de toda uma cultura; era uma tarefa monumental, mas era vital que tivesse êxito. Se não, os exércitos de Fjorden destruiriam todos os seres vivos em Arelon, e em Teod logo depois; as duas nações, ainda que separadas pela água, tinham a mesma raça, religião e obstinação.

As pessoas podiam não saber ainda, mas Hrathen era o único que se interpunha entre eles e a aniquilação completa. Haviam resistido a Jaddeth e seu povo em desafio arrogante por tempo demais. Hrathen era sua última chance.

Algum dia o chamariam de salvador.

A mulher gritou até cansar, pedindo ajuda, suplicando piedade, chamando por Domi. Arranhou a porta larga, suas unhas deixando marcas na fina camada de lodo. Depois de um tempo, despencou no chão, tornando-se uma forma silenciosa, sacudida por soluços ocasionais. Ver sua agonia fez com que Raoden se lembrasse de sua própria dor – a pontada aguda em seu dedo do pé, a perda de sua vida exterior.

– Não vão esperar muito mais – Galladon sussurrou, a mão firme sobre o braço de Raoden, segurando o príncipe.

A mulher finalmente ficou em pé, parecendo atordoada, como se tivesse se esquecido de onde estava. Deu um único e inseguro passo para a esquerda, a mão apoiada na muralha, como se aquilo fosse um conforto – uma conexão com o mundo exterior, em vez de uma barreira que a separava dele.

– Acabou – disse Galladon.

– Fácil assim? – perguntou Raoden.

Galladon assentiu.

– Ela escolheu bem..., ou tão bem quanto possível. Veja.

Sombras se agitaram em uma ruela do outro lado do pátio; Raoden e Galladon observavam de dentro de um edifício de pedra em ruínas, um dos muitos que se alinhavam na entrada do pátio de Elantris. As sombras se converteram em um grupo de homens, que se aproximou da mulher com passos controlados e determinados, até cercá-la. Um deles estendeu a mão e arrancou sua cesta de oferendas. A mulher não tinha forças para resistir; simplesmente caiu sentada novamente. Raoden sentiu os dedos de Galladon afundarem em seu ombro quando ele involuntariamente deu um passo adiante, querendo sair correndo para enfrentar os ladrões.

– Não é uma boa ideia. Kolo? – Galladon sussurrou. – Guarde sua coragem para si mesmo. Se dar uma topada no dedo quase o deixou fora de combate, pense como seria se um desses porretes acertasse sua brava cabecinha.

Raoden assentiu, relaxando. A mulher havia sido roubada, mas não parecia correr mais nenhum outro perigo. Doía, no entanto, olhar para ela. Não era uma jovem donzela; tinha a compleição robusta de uma mulher acostumada a dar à luz e cuidar da casa. Uma mãe, não uma senhorita. As linhas fortes do rosto dela indicavam a sabedoria e a coragem duramente conquistadas e, de algum modo, aquilo tornava ainda mais difícil encará-la. Se uma mulher como essa podia ser derrotada por Elantris, que esperança havia para Raoden?

– Falei que ela havia escolhido bem – Galladon prosseguiu. – Pode estar com

alguns quilos a menos de comida, mas não tem nenhuma ferida. Agora, se tivesse virado para a direita, como você fez, sule, ficaria sob a duvidosa mercê dos homens de Shaor. Se tivesse seguido em frente, então Aanden teria direito às suas oferendas. Virar à esquerda é definitivamente melhor..., os homens de Karata pegam sua comida, mas raramente o machucam. Melhor ficar com fome do que passar os próximos anos com um braço quebrado.

– Os próximos anos? – perguntou Raoden, voltando-se para olhar seu companheiro alto e de pele escura. – Pensei que tivesse dito que os ferimentos durariam pela eternidade.

– Apenas supomos isso, sule. Mostre-me um elantrino que tenha conseguido manter o juízo até o fim da eternidade, e talvez ele seja capaz de provar a teoria.

– Por quanto tempo as pessoas costumam durar por aqui?

– Um ano, talvez dois – Galladon respondeu.

– O quê?

– Achou que éramos imortais? Que por que não envelhecemos vamos durar para sempre?

– Não sei – falou Raoden. – Pensei que tivesse dito que não podemos morrer.

–Não podemos – Galladon confirmou. – Mas os cortes, os hematomas, as topadas nos dedos se acumulam. Só dá para suportar até um ponto.

– Eles se matam? – Raoden perguntou em voz baixa.

– Essa não é uma opção. Não, a maioria fica largada no chão, murmurando ou gritando. Pobres rulos.

– Há quanto tempo você está aqui, então?

– Alguns meses.

A descoberta foi outro choque para se somar ao monte já bastante instável. Raoden imaginara que Galladon era elantrino há alguns anos, pelo menos. O dula falava da vida em Elantris como se estivesse ali há décadas, e era um impressionante perito em navegar pela enorme cidade.

Raoden olhou novamente para o pátio, mas a mulher já se fora. Podia ter sido uma criada no palácio de seu pai, a esposa de um rico mercador ou uma simples dona de casa. A Shaod não respeitava classes sociais; tomava todos igualmente. Ela se fora agora, entrara na cova aberta que era Elantris. Queria ter podido ajudá-la.

– E tudo por um simples pedaço de pão e alguns vegetais murchos – Raoden murmurou.

– Pode ser que não pareça muito agora, mas espere mais alguns dias. A única comida que entra neste lugar vem presa aos braços dos recém-chegados. Espere, sule. Sentirá o desejo também. É preciso muita força para resistir quando a fome chama.

– Você resiste – Raoden comentou.

– Não muito bem..., e estou aqui só há alguns meses. Não sei o que a fome me fará fazer daqui a um ano.

Raoden fez uma careta.

– Só espere meus trinta dias acabarem para se tornar uma besta primitiva, por favor. Odiaria pensar que não alcancei o valor da minha carne seca.

Galladon fez uma pausa por um momento, e então riu.

– Nada o assusta, sule?

– Atualmente, quase tudo aqui me assusta, mas sou bom em ignorar o fato de que estou aterrorizado. Se eu chegar a perceber o quanto estou assustado, você provavelmente vai me encontrar tentando me esconder sob aqueles paralelepípedos ali. Agora, conte-me mais sobre essas gangues.

Galladon deu de ombros, afastou-se da porta quebrada e pegou uma cadeira encostada na parede. Observou criticamente as pernas do objeto, e sentou-se com cuidado. Mas levantou-se bem a tempo de evitar uma queda quando a cadeira quebrou. Jogou-a longe, com desgosto, e se sentou no chão.

– Há três setores em Elantris, sule, e três gangues. O setor do mercado é governado por Shaor; conheceu alguns membros de sua corte ontem, ainda que estivessem ocupados demais lambendo o lodo de suas oferendas para se apresentarem. No setor do palácio, encontrará Karata. Ela é uma das que muito educadamente afanou a comida da mulher hoje. Por fim está Aanden. Ele passa a maior parte do tempo no setor da universidade.

– Um homem instruído?

– Não, um oportunista. Foi o primeiro a perceber que muitos dos livros mais antigos da biblioteca foram escritos em papel velino. Os clássicos de ontem se tornaram o almoço de amanhã. Kolo?

– Idos Domi! – Raoden exclamou. – Isso é atroz! Os antigos pergaminhos de Elantris provavelmente contêm incontáveis trabalhos originais. Não têm preço!

Galladon lhe lançou um olhar resignado.

– Sule, tenho que repetir meu discurso sobre a fome? De que serve a literatura quando seu estômago dói tanto que seus olhos se enchem de lágrimas?

– Esse argumento é terrível. Pergaminhos de dois séculos de pele de vitelo não devem ter um gosto muito bom.

Galladon deu de ombros.

– Melhor do que lodo. De qualquer modo, Aanden supostamente ficou sem pergaminhos há alguns meses. Tentaram ferver os livros, mas não deu muito certo.

– Estou surpreso que não tenham tentado ferver um ao outro.

– Ah, isso foi tentado – Galladon falou. – Felizmente, algo acontece conosco durante a Shaod. Parece que a carne de um homem morto não tem um gosto muito bom. Kolo? De fato, é tão terrivelmente amarga que ninguém consegue engolir.

– É bom ver que o canibalismo foi tão logicamente descartado como opção – Raoden disse secamente.

– Eu lhe disse, sule. A fome obriga o homem a fazer coisas estranhas.

– E isso justifica tudo?

Sabiamente, Galladon não respondeu.

Raoden prosseguiu.

– Você fala sobre fome e dor como se fossem forças irresistíveis. Qualquer coisa é aceitável, desde que a fome o obrigue a fazê-la. Tiram nosso bem-estar, e nos convertemos em animais.

Galladon balançou a cabeça.

– Sinto muito, sule, mas é assim que as coisas funcionam.

– Não tem por que ser assim.

***

Dez anos não era tempo suficiente. Mesmo na densa umidade de Arelon, teria levado mais tempo para que a cidade se deteriorasse tanto. Elantris tinha a aparência de estar abandonada há séculos. A madeira estava podre, o gesso e os tijolos se desintegravam – até mesmo as construções de pedra começavam a ruir. E, cobrindo tudo, estava a camada onipresente de lodo marrom.

Raoden estava finalmente se acostumando a andar pelos paralelepípedos escorregadios e irregulares. Tentou se manter limpo do lodo, mas a tarefa se mostrou impossível. Cada parede na qual encostava e cada saliência na qual esbarrava deixavam sua marca nele.

Os dois homens caminhavam lentamente por uma rua ampla; a via era mais larga do que qualquer uma das similares de Kae. Elantris fora construída em escala maciça, e ainda que o tamanho parecesse assustador de fora, Raoden só agora começava a compreender o quão imensa a cidade era. Ele e Galladon andavam por horas, e Galladon dizia que ainda estavam relativamente distantes de seu destino.

Os dois não se apressavam, no entanto. Era uma das primeiras coisas que Galladon lhe ensinara: em Elantris, cada um tomava seu tempo. O dula fazia tudo com precisão, com movimentos relaxados e cuidadosos. O menor raspão, não importava o quão insignificante, aumentava a dor elantrina. – Quanto mais cuidadoso, mais tempo se manteria são. Então, Raoden seguia Galladon, tentando imitar seu passo atento. Cada vez que Raoden começava a achar que a precaução era excessiva, tudo o que tinha de fazer era olhar para uma das numerosas formas que jaziam de cócoras nas sarjetas e nas esquinas, e sua determinação voltava.

Galladon os chamava de hoed: aqueles elantrinos que haviam sucumbido à dor. Suas mentes estavam perdidas; suas vidas, repletas de uma tortura contínua e implacável. Raramente se moviam, ainda que alguns tivessem instinto primitivo

suficiente para permanecer agachados nas sombras. A maioria ficava calada, ainda que poucos permanecessem em completo silêncio. Enquanto passava, Raoden podia ouvi-los resmungando, soluçando e choramingando. Muitos pareciam estar repetindo palavras e frases para si mesmos, um mantra para acompanhar seus sofrimentos.

– Domi, Domi, Domi...

– Tão bonito, já foi tão bonito...

– Pare, pare, pare. Faça parar...

Raoden se obrigou a fechar os ouvidos para aquelas palavras. Seu peito começava a contrair como se sofresse com os pobres miseráveis sem rosto. Se prestasse muita atenção, ficaria louco bem antes do que se a dor tomasse conta dele.

Contudo, se deixava a mente vagar, invariavelmente se voltava para sua vida exterior. Seus amigos continuariam com as reuniões clandestinas? Kiin e Roial seriam capazes de manter o grupo unido? E seu melhor amigo, Lukel? Raoden mal conhecera a nova esposa de Lukel; agora, nunca veria o primeiro filho deles.

Ainda piores eram os pensamentos sobre seu próprio casamento. Nunca encontrara a mulher com quem ia se casar, ainda que tivesse falado com ela pelo seon em várias ocasiões. Ela era tão espirituosa e interessante quanto parecia? Jamais saberia. Iadon provavelmente ocultara a transformação de Raoden, fingindo que o filho estava morto. Sarene nunca viria a Arelon agora; uma vez que soubesse da notícia, ficaria em Teod e procuraria outro marido.

Se eu pudesse tê-la encontrado ao menos uma vez. Tais pensamentos eram inúteis. Era um elantrino agora.

Em vez disso, se concentrou na própria cidade. Era difícil de acreditar que Elantris já fora a cidade mais bonita de Opelon, provavelmente do mundo. O lodo era o que via – a putrefação e a erosão. Contudo, embaixo dessa imundície estavam os remanescentes da antiga grandeza de Elantris. Uma torre, os restos de um muro delicadamente decorado com baixo-relevo, grandes capelas e vastas mansões, colunas e arcadas. Dez anos antes, esta cidade resplandecia com seu próprio brilho místico, uma cidade de branco puro e dourado.

Ninguém sabia o que causara o Reod. Havia aqueles que teorizavam – em geral sacerdotes derethi – que a queda de Elantris fora causada por Deus. Os elantrinos pré-Reod viviam como deuses, permitindo outras religiões em Arelon, mas com o mesmo pesar que um dono tem quando permite que seu cão lamba a comida caída no chão. Os poderes que os elantrinos possuíam e a beleza da cidade haviam impedido que a população em geral se convertesse ao Shu-Keseg. Por que procurar uma deidade invisível quando há deuses vivendo na sua frente?

Veio com uma tempestade – disso Raoden se lembrava. A própria terra estremeceu, um enorme abismo apareceu ao sul, e toda Arelon tremeu. Com a destruição, Elantris perdera sua glória. Os elantrinos deixaram de ser

resplandecentes seres de cabelos brancos para se transformar em criaturas de pele manchada e cabeça calva – como se sofressem de uma horrível enfermidade, em estágio avançado de decadência. Elantris parara de brilhar, ficando cada vez mais escura.

E isso acontecera há apenas dez anos. Dez anos não era suficiente. A pedra não se desintegrava depois de uma única década de negligência. A imundície não tinha como se acumular tão rapidamente – não com tão poucos habitantes, a maioria dos quais incapacitados. Era como se Elantris estivesse empenhada em morrer, uma cidade cometendo suicídio.

***

– O setor do mercado de Elantris – Galladon disse. – Este lugar costumava ser um dos mercados mais grandiosos do mundo, mercadores vinham de toda Opelon para vender seus artigos exóticos para os elantrinos. Aqui também era possível comprar as mais luxuosas magias elantrinas. Não davam *tudo* de graça. Kolo?

Estavam no terraço no alto de um edifício; aparentemente, alguns elantrinos preferiam os terraços em vez dos telhados pontiagudos ou das cúpulas, pois nessas áreas era possível fazer jardins. Diante deles se estendia um setor da cidade semelhante ao resto de Elantris – escuro e caindo aos pedaços. Raoden podia imaginar que essas ruas já haviam sido decoradas com os toldos de lona colorida dos vendedores, mas os únicos restos daquilo eram uns trapos ocasionais cobertos de sujeira.

– Podemos nos aproximar? – Raoden perguntou, inclinando-se na amurada para olhar o mercado.

– Você pode, se quiser, sule. – Galladon respondeu especulativamente. – Mas eu fico aqui. Os homens de Shaor gostam de caçar pessoas; provavelmente é um dos poucos prazeres que lhes restam.

– Fale-me sobre Shaor, então.

Galladon deu de ombros.

– Em um lugar como esse, muitos procuram líderes. Alguém que os proteja um pouco do caos. Como em qualquer sociedade, aqueles que são mais fortes em geral terminam no comando. Shaor é um dos que encontra prazer em controlar os demais e, por alguma razão, os elantrinos mais selvagens e moralmente corruptos encontram um jeito de chegar até ele.

– E ele consegue ficar com as oferendas de um terço dos recém-chegados? – Raoden perguntou.

– Bem, Shaor raramente se incomoda com tais coisas. Mas, sim, seus seguidores reivindicam um terço das oferendas.

– Por que o compromisso? – Raoden quis saber. – Se os homens de Shaor são tão

incontroláveis como você deu a entender, quem os convenceu a aceitar um acordo tão arbitrário?

– As outras gangues são tão grandes quanto a de Shaor, sule – Galladon explicou. – Lá fora as pessoas tendem a ser convencidas de sua própria imortalidade. Somos mais realistas. Alguém raramente ganha uma batalha sem ao menos algumas feridas e, aqui, mesmo um par de cortes superficiais é mais devastador e mais agonizante do que uma decapitação rápida. Os homens de Shaor são selvagens, mas não são completamente idiotas. Não lutarão a menos que tenham incríveis probabilidades de vitória ou uma recompensa promissora. Acha que foi seu físico que impediu que aquele homem o atacasse ontem?

– Não sei – admitiu Raoden.

– O menor indício de reação é o suficiente para espantar essa gente, sule – Galladon disse. – O prazer de torturá-lo não vale o risco de que você consiga revidar com um golpe de sorte.

Raoden estremeceu com a ideia.

– Me mostre onde vivem as outras gangues.

***

A universidade e o palácio faziam fronteira um com o outro. Segundo Galladon, Karata e Aanden tinham uma trégua muito instável, e guardas eram normalmente colocados em ambos os lados para manter vigia. Mais uma vez, o companheiro de Raoden o guiou ao terraço no alto de um edifício. Um lance de degraus pouco seguro os levou ao topo.

Contudo, depois de subir a escada – e estar a ponto de cair quando um dos degraus afundou com seu peso –, Raoden teve de admitir que a vista valia o esforço. O palácio de Elantris era grande o suficiente para ser impressionante apesar da inevitável decadência. Cinco cúpulas cobriam cinco alas, cada uma com uma torre majestosa. Apenas uma das torres – a que ficava no centro – ainda estava intacta; e se erguia ao céu, de longe a estrutura mais alta que Raoden já vira.

– Dizem que esse é o centro exato de Elantris – Galladon falou, acenando com a cabeça em direção à torre. – Antigamente podia-se subir as escadas que a circundam e contemplar a cidade inteira dali. Hoje em dia, eu não confiaria. Kolo?

A universidade era grande, mas muito menos suntuosa. Consistia em cinco ou seis edifícios alongados e achatados e muito espaço vazio – terrenos que provavelmente tinham grama ou jardins, duas coisas que haviam sido devoradas até a raiz há muito tempo pelos esfomeados elantrinos.

– Karata é a mais faminta e a mais permissiva dos líderes das gangues – Galladon disse, contemplando a universidade abaixo. Havia algo estranho em seus olhos, como se estivesse vendo coisas que Raoden não enxergava. Continuou a descrição

com seu característico tom de voz errante, como se sua boca não estivesse ciente de que sua mente estava concentrada em outra coisa.

– Ela não costuma aceitar novos membros em sua gangue, e é extremamente territorial. Os homens de Shaor podem persegui-lo por um tempo se entrar na área deles, mas só se estiverem a fim. Karata não admite intrusos. Contudo, se deixar Karata em paz, ela o deixará em paz, e raramente causa danos aos recém-chegados quando toma a comida deles. Você a viu hoje, mais cedo... ela sempre pega a comida pessoalmente. Talvez não confie em seus subalternos o suficiente para cuidar disso.

– Talvez – Raoden concordou. – O que mais sabe sobre ela?

– Não muito..., líderes de gangues de ladrões violentos não costumam ser do tipo que passa a tarde conversando.

– E agora quem está encarando as coisas com bom humor? – Raoden disse com um sorriso.

– Você é uma má influência, sule. Mortos não devem ser alegres. De qualquer modo, a única coisa que posso dizer sobre Karata é que ela não gosta muito de estar em Elantris.

Raoden franziu o cenho.

– E quem gosta?

– Todos odiamos, sule, mas poucos de nós têm coragem de tentar escapar. Karata foi pega em Kae três vezes. Sempre nas vizinhanças do palácio do rei. Mais uma vez e os sacerdotes a queimarão.

– O que ela quer no palácio?

– Ela não foi gentil o suficiente para me explicar – Galladon respondeu. – Muitos acham que quer assassinar o rei Iadon.

– O rei? – Raoden falou. – O que ganharia com isso?

– Vingança, discórdia, sede de sangue. Todos bons motivos quando já se está condenado. Kolo?

Raoden franziu o cenho. Talvez viver com seu pai – que era absolutamente paranoico sobre a perspectiva de ser morto por algum assassino – o dessensibilizara, mas matar o rei não lhe parecia um objetivo provável.

– E o outro líder de gangue?

– Aanden? – Galladon perguntou, olhando para a cidade. – Ele afirma que era algum tipo de nobre antes de ser jogado aqui. Um barão, acho. Tentou se estabelecer como monarca de Elantris, e está incrivelmente incomodado porque Karata controla o palácio. Celebra cortes, afirma que alimentará aqueles que se juntarem a ele, ainda que tudo o que conseguiu até agora foram alguns livros cozidos. Também faz planos para atacar Kae.

– O quê? – Raoden perguntou, surpreso. – Atacar?

– Ele não fala sério – Galladon explicou. – Mas é bom na propaganda. Afirma que tem planos para libertar Elantris, e com isso conseguiu muitos seguidores. Mas também é brutal. Karata só machuca quem tenta se esgueirar em seu palácio. Aanden é notório por distribuir julgamentos por capricho. Pessoalmente, sule, não acho que seja totalmente são.

Raoden franziu o cenho. Se esse Aanden realmente foi um barão, então Raoden deve tê-lo conhecido. Contudo, não reconhecia esse nome. Ou Aanden mentira sobre seu passado, ou escolhera um nome diferente depois de entrar em Elantris.

Raoden estudou a área entre a universidade e o palácio. Um certo objeto chamou a sua atenção. Algo tão mundano que não teria olhado uma segunda vez se não fosse o primeiro que via em Elantris.

– É um poço? – perguntou, incerto.

Galladon confirmou com a cabeça.

– O único da cidade.

– Como isso é possível?

– Água encanada nas casas, sule, cortesia da magia do AonDor. Poços não eram necessários.

– Então por que fizeram esse?

– Acho que era usado em cerimônias religiosas. Muitos cultos elantrinos precisavam de água fresca retirada de um rio.

– Então o rio Aredel *corre* sob a cidade – disse Raoden.

– É claro. Por onde mais correria? Kolo?

Raoden estreitou os olhos, pensativo, mas não deu nenhuma explicação. Enquanto ficou parado, contemplando Elantris, notou uma pequena bola de luz que flutuava por uma das ruas abaixo. O seon perambulava com ar perdido, flutuando em círculos de vez em quando. Estava longe demais para que fosse possível distinguir o aon em seu centro.

Galladon notou o que Raoden olhava.

– Um seon – o dula comentou. – Não são raros na cidade.

– É verdade, então? – Raoden perguntou.

Galladon assentiu.

– Quando o amo de um seon é tomado pela Shaod, o seon fica louco. Há vários flutuando pela cidade. Não falam, só pairam, sem mente.

Raoden afastou o olhar. Desde que fora jogado em Elantris, havia evitado pensar em seu seon, Ien. Raoden ouvira dizer o que acontecia aos seons quando seus mestres se tornavam elantrinos.

Galladon olhou para o céu.

– Vai chover em breve.

Raoden levantou uma sobrancelha ao ver o céu sem nuvens.

– Se é o que diz.

– Acredite em mim. Devíamos ir para dentro, a menos que queira passar os próximos dias com a roupa encharcada. É difícil fazer fogo em Elantris; as madeiras estão todas molhadas demais ou muito podres para queimar.

– Aonde devemos ir?

Galladon deu de ombros.

– Escolha uma casa, sule. É muito possível que não esteja habitada.

Haviam dormido na noite anterior em uma casa abandonada – mas, agora, algo ocorreu a Raoden.

– Onde *você* vive, Galladon?

– Em Duladel – Galladon respondeu imediatamente.

– Quero dizer, hoje em dia.

Galladon pensou por um momento, olhando Raoden com incerteza. Então, com um dar de ombros, acenou para que o companheiro o seguisse pelas escadas instáveis.

– Venha.

***

– Livros! – Raoden disse, com excitação.

– Não devia tê-lo trazido aqui – Galladon murmurou. – Agora nunca me livrarei de você.

Galladon levara Raoden pelo que parecia ser uma adega de vinhos deserta, mas que acabara sendo algo bem diferente. O ar era mais seco ali – ainda que estivessem embaixo da terra – e muito mais frio também. Como se revogasse sua advertência anterior sobre o fogo, Galladon tirou um lampião de um recanto escondido na parede e o acendeu com aço e uma pequena pederneira. O que a luz revelou era de fato surpreendente.

Parecia o estúdio de um erudito. Havia aons – os antigos caracteres míticos anteriores à linguagem aônica – pintados por todas as paredes, e várias estantes de livros.

– Como encontrou esse lugar? – Raoden perguntou ansiosamente.

– Tropecei nele – Galladon respondeu, dando de ombros.

– Todos esses livros – Raoden comentou, pegando um deles. Estava um pouco mofado, mas ainda era legível. – Talvez possam nos ensinar o segredo que se esconde por trás dos aons, Galladon! Já pensou nisso?

– Os aons?

– A magia de Elantris – Raoden disse. – Dizem que antes do Reod, os elantrinos podiam criar mágicas poderosas apenas desenhando aons.

– Ah, quer dizer, assim? – perguntou o homenzarrão de pele escura, levantando a mão. Traçou um símbolo no ar, Aon Deo, e seu dedo deixou um rastro brilhante.

Raoden arregalou os olhos, e o livro caiu de suas mãos. Os aons. Historicamente, apenas os elantrinos tinham sido capazes de convocar o poder oculto neles. Esse poder supostamente se fora; dizia-se que fora perdido com a queda de Elantris.

Galladon sorriu através do símbolo brilhante que pairava no ar entre ambos.

—Misericordioso Domi – Sarene perguntou surpresa – de onde *ele* veio?

O gyorn avançou pela sala do trono do rei com a arrogância característica de sua casta. Vestia a armadura vermelho-sangue brilhante de sumo sacerdote derethi, uma extravagante capa carmesim ondulando atrás de si, ainda que não usasse arma. Era um traje que pretendia impressionar – e, apesar do que Sarene pensava sobre os gyorns, teve de admitir que a vestimenta era efetiva. É claro, era mais para se exibir; mesmo na sociedade marcial de Fjorden, poucos podiam caminhar tão facilmente como este gyorn com a armadura completa. O metal era provavelmente tão fino e leve que teria sido inútil em batalha.

O gyorn passou por ela sem lhe dar um segundo olhar, os olhos focados diretamente no rei. Era jovem para um gyorn, provavelmente na casa dos quarenta anos, e seu cabelo negro, curto e bem cuidado apenas começava a ficar grisalho.

– Você sabia da presença derethi em Elantris, minha senhora – Ashe comentou, flutuando ao lado dela como de costume, um dos únicos dois seons presentes na sala. – Por que ficaria surpresa em ver um sacerdote fjordênico?

– Esse é um *gyorn*, Ashe. Só há vinte deles em todo o Império Fjordênico. Pode haver alguns crentes derethi em Kae, mas não o suficiente para justificar a visita de um sumo sacerdote. Gyorns são extremamente ciosos de seu tempo.

Sarene observou o fjordênico avançar pelo salão, abrindo caminho pelos grupos de pessoas como um pássaro através de uma nuvem de insetos.

– Vamos – sussurrou para Ashe, atravessando a multidão periférica em direção à frente do salão. Não queria perder as palavras do gyorn.

Não precisava se preocupar. Quando o homem falou, sua voz firme ressoou pela sala do trono.

– Rei Iadon – disse, com o mais leve aceno de cabeça em vez de uma mesura. – Eu, Gyorn Hrathen, trago-lhe uma mensagem de Wyrn Wulfden, o Quarto. Ele acha que é tempo de nossas duas nações partilharem mais do que uma fronteira em comum – Falava com o sotaque carregado e melódico de um fjordênico nativo.

Iadon levantou os olhos de seus livros, mal disfarçando a carranca.

– O que mais esse Wyrn deseja? Já temos um tratado comercial com Fjorden.

– Sua Santidade teme pelas almas de seu povo, Vossa Majestade – Hrathen disse.

– Bem, então que os converta. Sempre dei completa liberdade para seus sacerdotes pregarem em Arelon.

– O povo responde muito lentamente, Vossa Majestade. Precisam de um empurrão..., um sinal, se preferir. Wyrn pensa que é hora de Vossa Majestade se

converter ao Shu-Dereth.

Desta vez, Iadon não se incomodou nem um pouco em disfarçar o aborrecimento em seu tom de voz:

– Já acredito em Shu-Korath, sacerdote. Servimos ao mesmo Deus.

– Dereth é a única forma verdadeira do Shu-Keseg – respondeu Hrathen sombriamente.

Iadon moveu a mão com desprezo.

– Não me importam as disputas entre as duas seitas, sacerdote. Vá converter alguém que não tenha crença. Há vários arelenos que ainda seguem a antiga religião.

– Não devia descartar a oferta de Wyrn tão casualmente – o gyorn avisou.

– Honestamente, sacerdote, precisamos passar por isso? Suas ameaças não têm nenhum peso. Fjorden não tem nenhuma influência real há dois séculos. Realmente acha que pode me intimidar com o poder que *costumavam* ter?

Os olhos de Hrathen ficaram perigosos.

– Fjorden é mais poderoso agora do que jamais foi.

– De verdade? – Iadon perguntou. – Onde está seu vasto império? Onde estão seus exércitos? Quantos países conquistaram no último século? Talvez algum dia percebam que seu império colapsou há trezentos anos.

Hrathen parou por um momento; então repetiu seu aceno inicial e se virou, a capa se agitando dramaticamente enquanto caminhava em direção à porta. As orações de Sarene não foram ouvidas – ele não tropeçou no tecido e caiu. Antes de sair, Hrathen se virou para dar uma última olhada para a sala do trono. Seu olhar caiu sobre Sarene, em vez de no rei. Seus olhos se encontraram por um instante, e ela notou um leve sinal de confusão enquanto ele observava sua inusitada altura e seus cabelos loiros teodenos. Então finalmente foi embora, e a sala explodiu em uma centena de pessoas tagarelando.

O rei Iadon bufou e voltou aos seus livros.

– Ele não vê – Sarene murmurou. – Ele não entende.

– Entende o quê, minha senhora? – perguntou Ashe.

– O quão perigoso é o gyorn.

– Sua Majestade é um mercador, minha senhora, não um político de verdade. Não vê as coisas da mesma maneira que você.

– Mesmo assim – Sarene disse, falando baixo o suficiente para que apenas Ashe a ouvisse. – O rei Iadon deveria ter experiência suficiente para reconhecer que o que Hrathen disse, pelo menos sobre Fjorden, é a completa verdade. Os Wyrns *são* mais poderosos agora do que eram há séculos, mais até do que no auge do Antigo Império.

– É difícil ver além do poderio militar, especialmente quando se é um monarca relativamente novo – ponderou Ashe. – O rei Iadon não concebe como um exército

de sacerdotes de Fjorden pode ser mais influente do que seus guerreiros jamais foram.

Sarene dedilhou a bochecha por um momento, pensativa.

– Bem, Ashe, pelo menos agora não tem que se preocupar que eu cause muita agitação entre a nobreza de Kae.

– Tenho sérias dúvidas sobre isso, minha senhora. Como mais passaria seu tempo?

– Ah, Ashe – disse com doçura. – Por que me incomodaria com um bando de pretensos nobres quando posso provar minha inteligência com um gyorn? – Então, acrescentou com mais seriedade – Wyrn escolhe seus sumos sacerdotes muito bem. Se Iadon não ficar de olho nesse homem, e não parece provável que o faça, Hrathen vai converter a cidade sob suas barbas. De que servirá esse casamento, meu sacrifício por Teod, se Arelon se entregar a nossos inimigos?

– Você pode estar exagerando, minha senhora – Ashe disse com um pulsar. As palavras eram familiares: Ashe frequentemente sentia necessidade de dizê-las para a princesa.

Sarene negou com a cabeça.

– Não desta vez. Hoje foi um teste, Ashe. Agora Hrathen sentirá que tem uma justificativa para agir contra o rei. Está convencido de que Arelon é, de fato, governada por um blasfemo. Buscará um meio de derrubar o trono de Iadon, e o governo de Arelon cairá pela segunda vez em dez anos. Desta vez, não será a classe mercantil que preencherá o vazio da liderança: serão os sacerdotes derethi.

– Então vai ajudar Iadon? – Ashe perguntou com tom de voz divertido.

– Ele é meu soberano.

– Apesar de achá-lo intolerável?

– *Qualquer coisa* é melhor do que o domínio fjordênico. Além disso, talvez eu estivesse errada sobre Iadon. – As coisas não tinham ido *tão* mal entre ambos desde aquele primeiro encontro embaraçoso. Iadon praticamente a ignorara durante o funeral de Raoden, o que pareceu bem a Sarene; estivera ocupada demais buscando discrepâncias na cerimônia. Infelizmente, o evento ocorreu com um nível decepcionante de ortodoxia, e nenhum nobre proeminente se traiu deixando de participar ou parecendo culpado demais durante os ritos funerários. – Sim... – reafirmou. – Talvez Iadon e eu possamos nos dar bem simplesmente nos ignorando.

– Em nome do Ardente Domi, o que está fazendo de volta à minha corte, garota? – o rei exclamou atrás dela.

Sarene ergueu os olhos para o céu, em resignação, e Ashe pulsou um riso silencioso enquanto ela se virava para o rei Iadon.

– O quê? – perguntou, tentando parecer o mais inocente possível.

– Você! – Iadon rosnou, apontando para ela. Estava com um mau humor

compreensível. É claro que, pelo que ouvira, Iadon raramente estava de bom humor.
– Não entendeu que as mulheres não devem vir à minha corte, a menos que sejam convidadas?

Sarene piscou os olhos, confusa.

– Ninguém me disse isso, Vossa Majestade – respondeu, tentando intencionalmente parecer que não tinha nada na cabeça.

Iadon resmungou algo sobre mulheres tolas, balançando a cabeça com a óbvia falta de inteligência dela.

– Eu só queria ver as pinturas – Sarene explicou, fazendo a voz tremer, como se estivesse a ponto de chorar.

Iadon levantou a mão para deter sua choradeira, e voltou aos seus livros. Sarene quase não conseguiu disfarçar o sorriso enquanto secava os olhos e fingia observar as pinturas atrás de si.

– Isso foi inesperado – Ashe disse em voz baixa.

– Lidarei com Iadon mais tarde – Sarene murmurou. – Tenho algo mais importante com o que me preocupar.

– Nunca pensei que veria o dia em que você, entre todas as mulheres, se enquadraria no estereótipo feminino, mesmo que tenha sido apenas uma atuação.

– O quê? – Sarene perguntou, piscando os olhos – Eu, atuando? – Ashe bufou. – Sabe, nunca entendi como os seons conseguem fazer sons como esse. Você não tem boca nem nariz: como pode bufar?

– Anos de prática, minha senhora – Ashe respondeu. – Terei realmente de aguentar seus choramingos toda vez que falar com o rei?

Sarene deu de ombros.

– Ele espera que as mulheres sejam tolas, então serei tola. É muito mais fácil manipular as pessoas quando elas presumem que você não tem cérebro suficiente para lembrar seu próprio nome.

– Ene? – uma voz repentina gritou. – É você? – A voz profunda e áspera era estranhamente familiar. Era como se a pessoa que falava estivesse com a garganta irritada, ainda que Sarene nunca tivesse ouvido alguém nessas condições gritar tão forte.

Ela se virou, hesitante. Um homem enorme – mais alto, mais largo, mais atarracado e mais musculoso do que parecia possível – abriu caminho pela multidão em direção a ela. Estava vestido com um gibão largo de seda azul – Sarene estremeceu só de pensar em quantos bichos-da-seda foram necessários para tecê-lo – e a calça com babados nas barras dos cortesãos arelish.

– É você! – exclamou o homem. – Pensávamos que não chegaria antes de uma semana.

– Ashe – Sarene murmurou –, quem é esse lunático e o que quer comigo?

– Ele parece familiar, minha senhora. Sinto muito, mas minha memória não é mais como costumava ser.

– Ah! – o homem enorme disse, envolvendo-a em um abraço de urso. Foi uma sensação estranha: sua metade inferior ficou semiamassada contra a imensa pança, enquanto seu rosto foi esmagado pelo peito duro e musculoso. Ela resistiu à vontade de gemer, esperando e desejando que o homem a soltasse antes que desmaiasse. Ashe provavelmente buscaria ajuda se seu rosto começasse a mudar de cor.

Felizmente, o homem a soltou muito antes que se asfixiasse, e a segurou pelos ombros, mantendo-a na distância de um braço.

– Você mudou. Bem, da última vez em que a vi, alcançava os meus joelhos – Então examinou sua figura alta. – Bem, duvido que alguma vez tenha sido *tão* pequena, mas certamente não passava da minha cintura. Sua mãe sempre dizia que era esguia!

Sarene sacudiu a cabeça. A voz era levemente familiar, mas não conseguia localizar suas feições. Em geral tinha uma boa memória para rostos. A menos que...

– Hunkey Kay? – perguntou, hesitante. – Gracioso Domi! Que aconteceu com sua barba?

– Os nobres arelish não usam barbas, pequena. Há anos que não uso.

Era ele. A voz estava diferente, o rosto sem barba não era familiar, mas os olhos eram os mesmos. Ela se lembrava daqueles grandes olhos castanhos, sempre cheios de riso.

– Hunkey Kay[1] – murmurou distraidamente. – Onde está meu presente?

Seu tio Kiin riu, sua estranha voz áspera produzia um som que era mais um silvo do que uma risada. Essas sempre foram as primeiras palavras que ela pronunciava quando ele a visitava; seu tio lhe trazia os presentes mais exóticos, delícias que eram extravagantes o suficiente para serem únicas mesmo para a filha de um rei.

– Temo que esqueci o presente desta vez, pequena.

Sarene corou. Contudo, antes que pudesse forjar uma desculpa, Hunkey Kay passou um braço enorme em volta de seus ombros e começou a levá-la para fora da sala do trono.

– Venha, tem que conhecer minha esposa.

– *Esposa*? – Sarene perguntou, com voz chocada. Fazia mais de uma década que não via Kiin, mas lembrava de uma coisa com clareza: seu tio era um solteirão juramentado e um patife confirmado. – Hunkey Kay está *casado*?

– Você não foi a única que cresceu nos últimos dez anos – Kiin reclamou. – Ah, e por mais bonitinho que seja ouvir você me chamar de “Hunkey Kay”, provavelmente vai querer me chamar de tio Kiin agora.

Sarene corou novamente. “Hunkey Kay” fora a criação de uma criança incapaz de falar o nome do tio.

– Então, como vai seu pai? – perguntou o homenzarrão. – Agindo de maneira adequadamente régia, suponho.

– Ele está bem, tio – respondeu. – Mas com certeza ficará surpreso ao saber que você está vivendo na corte de Arelon.

– Ele sabe.

– Não, ele acha que você partiu em uma de suas viagens e se estabeleceu em uma ilha longínqua.

– Sarene, se é uma mulher tão esperta quanto era quando criança, deveria ter aprendido a distinguir a verdade das fábulas.

A declaração caiu sobre ela como um balde de água gelada. Lembrava-se vagamente de ver o navio de seu tio zarpar um dia e de ter perguntado ao pai quando o tio voltaria. O rosto de Eventeo ficara taciturno quando respondeu que, desta vez, Hunkey Kay faria uma viagem muito, muito longa.

– Mas por quê? – ela perguntou. – Todo este tempo você estava vivendo a apenas alguns dias de viagem e nunca foi nos visitar?

– As histórias ficam para outro dia, pequena – Kiin disse, balançando a cabeça. – Agora tem de conhecer esse monstro de mulher que finamente conseguiu capturar seu tio.

***

A esposa de Kiin estava longe de ser um monstro. De fato, era a mulher madura mais bonita que Sarene já vira. Daora tinha um rosto forte, com feições esculturais e cabelos castanhos lindamente penteados. Não era o que Sarene teria imaginado para seu tio – todavia, suas lembranças mais recentes de Kiin tinham mais de uma década.

A enorme mansão de Kiin, parecida com um castelo, não era uma surpresa. Lembrava-se de que seu tio era algum tipo de mercador, e suas memórias eram sublinhadas por presentes caros e pelas roupas exóticas do tio. Não era apenas o filho caçula do rei, mas um homem de negócios extremamente bem-sucedido. Algo que ainda era, aparentemente. Estivera fora da cidade a negócios até aquela manhã, e, por isso, ela não o vira no funeral.

A surpresa maior foram os filhos. Ainda que Sarene soubesse que ele estava casado, não podia conciliar as recordações do indomável Hunkey Kay com o conceito de paternidade. Seus preconceitos foram nitidamente abalados no momento em que Kiin e Daora abriram a porta da sala de jantar da mansão.

– Papai está em casa! – gritou uma garotinha.

– Sim, papai está em casa – Kiin disse com uma voz sofredora. – E não, não trouxe nada para você. Saí só por alguns minutos.

– Não me importa o que trouxe ou deixou de trazer. Só quero *comer*. – A

interlocutora, uma menina de uns dez anos de idade, tinha uma voz muito séria, quase como de adulta. Usava um vestido rosa com um laço branco e o cabelo loiro em um coque austero.

– Quando *não* quer comer, Kaise? – um garotinho, quase idêntico à menina, perguntou com expressão amarga.

– Crianças, não briguem – Daora falou com firmeza. – Temos uma convidada.

– Sarene – Kiin declarou –, conheça seus primos. Kaise e Daorn. As duas maiores dores de cabeça da vida de seu pobre tio.

– Agora, pai, você sabe que teria ficado louco de tédio há muito tempo sem eles – um homem disse da porta do fundo. O recém-chegado era da estatura média arelish, o que significava que era uns cinco centímetros mais baixo do que Sarene, de constituição esbelta, face aquilina e surpreendentemente bonita. Seu cabelo era dividido ao meio e caía pelos dois lados do rosto. Uma mulher de cabelos negros estava parada ao lado dele, os lábios levemente franzidos enquanto estudava Sarene.

O homem deu um leve aceno de cabeça para Sarene.

– Vossa Alteza – disse, apenas com um leve sorriso nos lábios.

– Meu filho, Lukel – Kiin explicou.

– Seu filho? – Sarene perguntou, surpresa. Podia aceitar as crianças, mas Lukel era alguns anos mais velho do que ela. O que significava...

– Não – Kiin disse, negando com a cabeça. – Lukel é do primeiro casamento de Daora.

– Não que isso me torne menos filho dele – Lukel disse com um sorriso largo. – Você não vai escapar da responsabilidade tão facilmente.

– Nem o próprio Domi se atreveria a ser responsável por você – disse Kiin. – De qualquer modo, ao lado dele está Jalla.

– Sua filha? – Sarene perguntou enquanto Jalla fazia uma reverência.

– Nora – explicou a mulher de cabelos negros, a voz carregada de sotaque.

– É fjordênica? – Sarene perguntou. O cabelo fora uma pista, mas o nome e o sotaque eram inconfundíveis.

– Svordish – Jalla corrigiu. Não que fosse muito diferente. O pequeno reino de Svorden não era mais do que uma província fjordênica.

– Jalla e eu estudamos juntos na universidade svordish – Lukel explicou. – Casamos no mês passado.

– Meus parabéns – Sarene disse. – É bom saber que não sou a única recém-casada na casa.

Sarene pretendia que o comentário soasse despreocupado, mas foi incapaz de afastar a amargura de sua voz. Sentiu a enorme mão de Kiin segurar seu ombro.

– Sinto muito, Ene – disse, em voz baixa. – Não ia trazer isso à tona, mas você merecia algo melhor do que isso; sempre foi uma criança tão feliz.

– Não foi uma perda para mim – Sarene disse com uma indiferença que não sentia. – Nem cheguei a conhecê-lo, tio.

– Mesmo assim – comentou Daora –, deve ter sido um choque.

– Pode-se dizer que sim – Sarene concordou.

– Se ajuda em algo – Kiin disse –, o príncipe Raoden era um bom homem. Um dos melhores que já conheci. Se soubesse algo sobre política arelish, entenderia que não uso essas palavras levianamente quando me refiro a um membro da corte de Iadon.

Sarene assentiu levemente. Parte dela estava feliz em saber que não julgara mal Raoden a partir de suas cartas; a outra metade pensou que teria sido mais fácil continuar pensando que ele era como o pai.

– Basta de falar de príncipes mortos! – uma voz pequena, mas insistente, interrompeu da mesa. – Se não comermos logo, papai terá que parar de reclamar de mim porque *eu* estarei morta.

– Sim, Kiin – Daora concordou –, você deveria ir até a cozinha e se certificar de que seu banquete não está queimando.

Kiin bufou.

– Vários pratos estão cozinhando no fogão. Seria impossível que um deles... – O homenzarrão interrompeu o que falava, farejando o ar. Então praguejou e saiu correndo da sala.

– Tio Kiin está preparando o jantar? – Sarene perguntou, surpresa.

– Seu tio é um dos melhores cozinheiros nesta cidade, querida – disse Daora.

– Tio Kiin? – repetiu Sarene. – *Cozinheiro*?

Daora assentiu, como se fosse a coisa mais corriqueira.

– Kiin viajou para mais lugares deste mundo do que qualquer um em Arelon, e trouxe receitas de cada um desses lugares. Acho que esta noite está preparando algo que aprendeu em Jindo.

– Isso significa que vamos comer? – Kaise insistiu.

– Odeio comida jindonesa – Daorn reclamou, a voz quase indistinguível da sua irmã. – É muito temperada.

– Você não gosta de nada que não leve um montão de açúcar – Lukel brincou, bagunçando o cabelo do meio-irmão.

– Daorn, vá chamar Adien.

– Outro? – perguntou Sarene.

Daora assentiu.

– O último. Irmão de Lukel.

– Ele provavelmente está dormindo – Kaise disse. – Adien está sempre dormindo. Acho que é porque sua mente só funciona pela metade.

– Kaise, garotinhas que dizem essas coisas de seus irmãos, em geral, terminam indo para a cama sem jantar – Daora informou. – Daorn, vá.

***

– Você não parece uma princesa – Kaise disse. A menina estava sentada empertigada na cadeira ao lado de Sarene. A sala de jantar tinha um aspecto acolhedor, forrado de painéis de madeira escura e cheio de recordações das viagens de Kiin.

– O que quer dizer? – Sarene perguntou, tentando descobrir como usar os estranhos talheres jindoneses. Havia dois deles, um com uma ponta afiada e o outro com uma extremidade achatada e côncava. Todos os outros membros da família usavam os talheres com naturalidade, e Sarene estava determinada a não perguntar nada. Descobriria por conta própria ou não conseguiria comer muito. A última opção lhe parecia muito mais provável.

– Bem, para começar, você é alta demais – disse Kaise.

– Kaise – sua mãe advertiu com um tom ameaçador.

– Bem, é verdade. Todos os livros dizem que as princesas são delicadas. Não sei bem o que isso quer dizer, mas não acho que ela seja.

– Sou teodena – Sarene disse, conseguindo espetar algo que parecia um pedaço marinado de camarão. – Somos todos altos assim.

– Papai também é teodeno, Kaise – disse Daorn. – E você sabe o quanto ele é alto.

– Mas papai é gordo – Kaise assinalou. – Por que não é gorda também, Sarene?

Kiin, que acabara de sair por uma das portas da cozinha, passou e distraidamente acertou com o fundo de uma bandeja a cabeça da filha.

– Bem o que eu pensava – murmurou, escutando o som criado pela bandeja de metal –, sua cabeça é completamente oca. Acho que isso explica muita coisa.

Kaise murmurou e esfregou a cabeça de modo petulante antes de voltar a atenção para sua comida:

– Ainda acho que as princesas deviam ser menores. Além disso, se supõe que as princesas tenham boas maneiras à mesa; a prima Sarene derrubou metade da comida no chão. Quem já ouviu falar de uma princesa que não sabe usar os pauzinhos MaiPon?

Sarene corou e olhou os talheres estrangeiros.

– Não dê atenção para ela, Ene – riu Kiin, colocando outro prato suculento na mesa. – Isso é comida jindonesa. É feita com tanta gordura que se metade *não* acaba no chão, algo está errado. Vai acabar aprendendo a se virar com esses pauzinhos.

– Pode usar uma colher, se quiser – ofereceu Daorn. – Adien sempre usa.

Os olhos de Sarene imediatamente se dirigiram ao quarto filho. Adien era um garoto de rosto fino, no final da adolescência. Tinha a tez branca e uma expressão estranha e inquietante. Comia desajeitadamente, os movimentos rígidos e descontrolados. Enquanto comia, murmurava para si mesmo – repetindo números,

pelo que Sarene podia entender. Ela conhecera pessoas assim antes, crianças cujas mentes não estavam completamente sãs.

– Pai, a comida está deliciosa – Lukel disse, desviando a atenção de seu irmão. – Não acredito que nunca fez esse prato de camarões antes.

– Chama-se HaiKo – Kiin explicou com sua voz áspera. – Aprendi com um mercador que passou por aqui enquanto você estava estudando em Svorden ano passado.

– Dezesseis milhões, quatrocentos mil, setecentos e setenta e dois – murmurou Adien. – São os passos necessários para chegar em Svorden.

Sarene parou por um momento com o cálculo de Adien, mas o resto da família não prestou atenção nele, e então ela fez o mesmo.

– Está realmente delicioso, tio – Sarene concordou. – Nunca imaginaria que fosse um *chef*.

– Sempre gostei disso – Kiin explicou, sentando-se em sua cadeira. – Eu teria preparado algumas coisas quando visitava Teod, mas a cozinheira-chefe de sua mãe tinha a ideia absurda de que a realeza não tinha nada o que fazer na cozinha. Tentei explicar para ela que, de certo modo, eu em parte era *dono* da cozinha, mas ela nunca me deixou colocar um pé lá dentro para preparar algum prato.

– Bem, ela prestou um desserviço para todos nós – Sarene afirmou. – Você não prepara sempre a comida, prepara?

Kiin negou com a cabeça.

– Felizmente, não. Daora é uma cozinheira muito boa.

Sarene piscou, surpresa.

– Quer dizer que não têm uma cozinheira que prepare as refeições?

Kiin e Daora balançaram a cabeça simultaneamente.

– Papai é nosso cozinheiro – Kaise disse.

– Não há criados nem mordomos? – perguntou Sarene. Imaginara que a falta de criados se devia a um estranho desejo de Kiin de servir aquela refeição particular pessoalmente.

– Nenhum – disse Kiin.

– Mas, por quê?

Kiin olhou para sua esposa, e depois para Sarene.

– Sarene, sabe o que aconteceu há dez anos?

– O Reod? – perguntou Sarene. – A Punição?

– Sim, mas sabe o que isso quer dizer?

Sarene pensou por um momento, e então encolheu os ombros levemente.

– O fim dos elantrinos.

Kiin assentiu.

– Você provavelmente nunca viu um elantrino: ainda era muito jovem quando o

Reod apareceu. É difícil explicar o quanto esse país mudou quando o desastre o acertou. Elantris era a cidade mais bonita do mundo. Acredite em mim, estive em todas as partes. Era um monumento de pedra resplandecente e metal lustroso, e seus habitantes pareciam cinzelados nos mesmos materiais. Então... caíram.

– Sim, estudei isso – Sarene assentiu. – A pele deles ficou escura, com manchas negras, e os cabelos caíram de suas cabeças.

– Você pode dizer isso com o conhecimento dos livros – Kiin disse –, mas não estava aqui quando aconteceu. Não sabe o horror de ver deuses se transformando em monstros horríveis. A queda deles destruiu o governo arelish, jogando o país no completo caos. – Fez uma pausa por um momento, e então prosseguiu. – Foram os criados que começaram a revolução, Sarene. No mesmo dia em que seus amos caíram, os criados se voltaram contra seus senhores. Alguns, grande parte deles a atual nobreza desse país, dizem que foi porque a classe baixa de Elantris era tratada tão bem que a vida cheia de regalias inspirou os criados a derrubar seus antigos governantes ao primeiro sinal de fraqueza. Acho que foi simplesmente medo..., medo ignorante de que os elantrinos tivessem uma enfermidade perversa, misturado ao terror que surge quando alguém que era adorado cai diante de você. De qualquer modo, os criados causaram o pior dano. Primeiro em grupos pequenos, depois em um tumulto incrivelmente destruidor, matando cada elantrino que conseguissem encontrar. Os elantrinos mais poderosos caíram primeiro, mas a matança se espalhou entre os mais fracos também. Tampouco parou com os elantrinos. As pessoas atacavam as famílias, os amigos, até aqueles a quem os elantrinos haviam nomeado para um cargo. Daora e eu assistimos a tudo isso, horrorizados e agradecidos por não haver elantrinos na família. Por causa daquela noite, nos convencemos de nunca mais contratar criados.

– Não que precisemos deles – Daora comentou. – Você se surpreenderia ao descobrir quantas coisas podemos fazer sozinhos.

– Especialmente quando se tem um par de filhos para fazer os trabalhos sujos – Kiin falou com um sorriso.

– É só para isso que servimos, pai? – Lukel perguntou com uma risada. – Para esfregar o chão?

– É a única razão que *eu* encontrei para ter filhos – disse Kiin. – Sua mãe e eu tivemos Daorn porque decidimos que precisávamos de outro par de mãos para limpar os penicos.

– Papai, *por favor* – Kaise reclamou. – Estou tentando comer.

– Misericordioso Domi, ajude o homem que interromper o jantar de Kaise – Lukel disse com uma gargalhada.

– *Princesa* Kaise – a garota corrigiu.

– Ah, então minha garotinha é uma princesa, agora? – Kiin perguntou, divertido.

– Se Sarene pode ser uma, então eu também posso. Afinal, você é tio dela, o que o torna um príncipe. Certo, papai?

– Tecnicamente, sim – Kiin disse. – Embora creia que não tenha mais o título oficialmente.

– Provavelmente chutaram você para escanteio porque fala de penicos na hora do jantar – Kaise comentou. – Príncipes não podem fazer esse tipo de coisa, você sabe. São modos horríveis à mesa.

– É claro – Kiin disse com um sorriso carinhoso. – Me pergunto como nunca pensei nisso antes.

– Então – Kaise prosseguiu. – Se você é um príncipe, então sua filha é uma princesa.

– Temo que não funcione desse modo, Kaise – Lukel disse. – Papai não é rei, então seus filhos serão barões ou condes, não príncipes.

– Isso é verdade? – Kaise perguntou com um tom de voz desapontado.

– Temo que sim – Kiin respondeu. – Mas, acredite em mim. Todo aquele que disser que você não é uma princesa, Kaise, nunca escutou você reclamar na hora de ir para a cama.

A menina pensou por um instante e, aparentemente incerta sobre como aceitar o comentário, simplesmente continuou jantando. Sarene não estava prestando muita atenção; sua mente se detivera no ponto em que o tio dissera "creio que não tenha mais o título oficialmente". Cheirava a política. Sarene acreditava conhecer todos os eventos importantes da corte de Teod durante os últimos cinquenta anos, e não sabia nada sobre Kiin ter sido oficialmente despojado de seu título.

Antes que pudesse refletir mais sobre a incongruência, Ashe entrou flutuando pela janela. Com o entusiasmo do jantar, Sarene quase se esquecera de que o enviara para seguir o gyorn Hrathen.

A bola de luz parou hesitante no ar, próximo da janela.

– Minha senhora, estou interrompendo?

– Não, Ashe, venha e conheça minha família.

– Você tem um seon! – Daorn exclamou com admiração. Pela primeira vez, sua irmã pareceu assombrada demais para falar.

– Esse é Ashe – Sarene explicou. – Vem servindo em minha casa há mais de dois séculos, e é o seon mais sábio que já conheci.

– Minha senhora, você exagera... – Ashe disse, com modéstia, ao mesmo tempo em que Sarene percebeu que o seon brilhava com um pouco mais de força.

– Um seon... – disse Kaise com assombro, esquecida do jantar.

– Sempre foram raros – Kiin disse –, agora mais do que nunca.

– Onde conseguiu esse? – perguntou Kaise.

– Da minha mãe – Sarene contou. – Ela me passou Ashe quando nasci.

A passagem de um seon era um dos melhores presentes que uma pessoa podia ganhar. Algum dia, Sarene teria de passar Ashe, escolhendo um novo tutelado para que ele cuidasse e vigiasse. Havia planejado que seria um de seus filhos, ou talvez netos. A possibilidade de que algum deles viesse a existir, no entanto, era cada vez mais remota...

– Um seon – Kaise disse, maravilhada. Virou-se para Sarene, os olhos iluminados de entusiasmo. – Posso brincar com ele depois do jantar?

– *Brincar* comigo? – Ashe perguntou, inseguro.

– Posso, por favor, prima Sarene? – Kaise suplicou.

– Não sei – Sarene disse com um sorriso. – Acho que ainda me lembro de alguns comentários sobre minha altura.

A expressão de desapontamento da menina foi fonte de muita diversão para todos. Nesse momento, entre as risadas, Sarene começou a sentir que relaxava pela primeira vez desde que deixara sua terra natal uma semana antes.

1 Hunkey Kay é a deformação fonética de *uncle Kiin*, "tio Kiin", em inglês. (N.T.)

6

—Temo que não haja esperança para o rei – Hrathen cruzou os braços pensativo, enquanto contemplava a sala do trono.

– Vossa Graça? – perguntou Dilaf.

– O rei Iadon – Hrathen explicou. – Tinha esperanças de salvá-lo, ainda que, na verdade, nunca tenha esperado que a nobreza me seguisse sem lutar. Estão arraigados demais em seus costumes. Talvez, se tivéssemos chegado logo depois do Reod. É claro, não tínhamos certeza se a doença que tomara os elantrinos não nos afetaria também.

– Jaddeth abateu os elantrinos – Dilaf falou com fervor.

– Sim – Hrathen disse, sem se incomodar em olhar para o outro homem. – Mas muitas vezes Jaddeth usa processos naturais para impor Sua vontade. Uma praga mataria fjordênicos tanto quanto arelenos.

– Jaddeth protegeria seus escolhidos.

– É claro – Hrathen falou, distraído, dando mais um olhar insatisfeito para a sala do trono. Fizera a oferta, cumprindo seu dever, pois sabia que o modo mais fácil de salvar Arelon teria sido converter seu governante. Mas não esperara que Iadon respondesse favoravelmente. Se o rei soubesse quanto sofrimento poderia evitar com uma simples profissão de fé.

Era tarde demais agora; Iadon rejeitara formalmente Jaddeth. Teria de se tornar exemplo. Mas Hrathen tinha de ser cuidadoso. Lembranças da revolução dula ainda eram vívidas em sua mente – a morte, o sangue e o caos. Tal cataclismo devia ser evitado. Hrathen era um homem severo e determinado, mas não gostava de carnificinas.

É claro que, com apenas três meses de prazo, talvez não tivesse outra opção. Se queria ter êxito, talvez devesse incitar uma revolta. Mais morte e mais caos – coisas horríveis para atirar sobre uma nação que ainda não se recuperara da última revolução violenta. Contudo, o Império de Jaddeth não ficaria sentado, esperando, porque alguns poucos nobres ignorantes se recusavam a aceitar a verdade.

– Acho que esperei demais deles – Hrathen murmurou. – Afinal de contas, são apenas arelenos.

Dilaf não respondeu a esse comentário.

– Notei algo estranho na sala do trono, arteth. – Hrathen comentou enquanto saíam do palácio, deixando para trás esculturas e criados sem lhes dar nem um olhar. – Talvez possa me ajudar a identificá-la. É aônica, mas mais alta do que a maioria dos arelenos, e o cabelo é muito mais claro do que a média. Parecia deslocada.

– O que ela estava vestindo, Sua Santidade? – perguntou Dilaf.

– Preto. Toda de preto com um cinturão amarelo.

– A nova princesa, Vossa Graça – Dilaf sussurrou, a voz repentinamente cheia de ódio.

– Nova princesa?

– Chegou ontem, como você. Ia se casar com o filho de Iadon, Raoden.

Hrathen assentiu. Não fora ao funeral do príncipe, mas ouvira falar sobre o evento. Não sabia, no entanto, do casamento iminente. O compromisso devia ter ocorrido recentemente.

– Ela ainda está aqui, mesmo com o príncipe morto? – perguntou.

Dilaf confirmou com a cabeça.

– Infelizmente para ela, o contrato nupcial a fez esposa de Raoden no momento em que ele morreu.

– Ah – disse Hrathen. – De onde ela é?

– De Teod, Vossa Graça – Dilaf respondeu.

Hrathen assentiu, entendendo o ódio na voz do arteth. Arelon, apesar da blasfema cidade de Elantris, pelo menos mostrava uma possibilidade de redenção. Teod, contudo, era a terra natal de Shu-Korath – uma seita degenerada do Shu-Keseg, a religião paterna do Shu-Dereth. O dia em que Teod caísse sob a glória de Fjorden seria realmente um dia de júbilo.

– Uma princesa teodena poderia ser um problema – Hrathen murmurou.

– Nada pode impedir o Império de Jaddeth.

– Se nada pudesse impedi-lo, arteth, então Jaddeth já teria abarcado todo o planeta. Jaddeth tem prazer em permitir que Seus servos O sirvam, e nos garante a glória de submeter os tolos à nossa vontade. E, entre todos os tolos do mundo, os teodenos são os mais perigosos.

– Como uma mulher poderia ser um perigo para você, Vossa Santidade?

– Bem, para começar, o casamento dela significa que Teod e Arelon têm um laço formal de sangue. Se não formos cuidadosos, teremos de lutar contra os dois ao mesmo tempo. É mais provável que um homem se considere um herói quando tem um aliado que o apoie.

– Entendo, Vossa Graça.

Hrathen assentiu, saindo para a luz do sol.

– Preste atenção, arteth, e eu lhe ensinarei uma lição muito importante, uma que poucas pessoas sabem, e menos ainda conseguem utilizá-la adequadamente.

– Que lição é essa? – Dilaf perguntou, seguindo-o de perto.

Hrathen sorriu levemente.

– Eu lhe mostrarei como destruir uma nação, o meio pelo qual os homens de Jaddeth podem derrubar impérios e controlar as almas das pessoas.

– Estou ansioso para aprender, Vossa Graça.

– Muito bem – Hrathen disse, olhando a enorme muralha de Elantris do outro lado de Kae. O grande muro erguia-se sobre a cidade como uma montanha. – Leve-me ali. Desejo ver os senhores caídos de Arelon.

***

Quando chegara à Cidade Exterior de Kae, Hrathen percebera o quão indefensável era. Agora, parado em cima da muralha de Elantris, podia ver que realmente subestimara o quão patéticas eram as fortificações de Kae. Belos terraços escalonados corriam pela face externa da muralha de Elantris, proporcionando fácil acesso para o topo. Eram construções firmes, de pedra; seria impossível destruí-las em caso de emergência. Se os habitantes de Kae se retirassem para Elantris, ficariam presos, não protegidos.

Não havia arqueiros. Os membros da Guarda da Cidade de Elantris levavam grandes lanças que pareciam pesadas demais para serem arremessadas. Mantinham um ar orgulhoso, vestindo uniformes com as cores amarelo e marrom, e sem armaduras. Obviamente se consideravam melhores do que a milícia regular da cidade. Pelo que Hrathen ouvira, no entanto, a Guarda nem sequer era necessária para manter os elantrinos ali dentro. As criaturas raramente tentavam escapar, e a muralha da cidade era extensa demais para que a Guarda a patrulhasse intensivamente. A força era mais uma operação de relações públicas do que um exército verdadeiro; o povo de Kae sentia-se muito mais confortável vivendo ao lado de Elantris sabendo que havia uma tropa de soldados vigiando a cidade. Contudo, Hrathen suspeitava que, em uma guerra, os membros da Guarda optariam por defender a si mesmos, deixando a população de Kae desprotegida.

Arelon era um tesouro esperando para ser saqueado. Hrathen ouvira falar dos dias de caos que se seguiram à queda de Elantris, e dos incalculáveis tesouros que haviam sido espoliados da magnífica cidade. Aqueles objetos de valor estavam agora concentrados em Kae, onde a nova nobreza vivia praticamente sem segurança. Também ouvira dizer que, apesar da ladroagem, uma grande porcentagem da riqueza de Elantris – peças de arte grandes demais para serem movidas com facilidade e itens menores que não foram roubados antes que Iadon começasse a reforçar o isolamento da cidade – permanecia trancada dentro das muralhas proibidas.

Apenas a superstição e a inacessibilidade impediam que Elantris e Kae fossem violentadas por invasores. Os grupos de ladrões menores ainda estavam assustados demais pela reputação de Elantris. Os grupos maiores ou estavam sob controle fjordênico – e, portanto, não atacariam, a menos que fossem instruídos para isso – ou haviam sido subornados pelos nobres de Kae para se manterem afastados. Ambas as situações eram de natureza extremamente provisória.

E esse era o motivo básico utilizado por Hrathen para justificar o uso de uma ação extrema para colocar Arelon sob controle – e proteção – de Fjorden. A nação era um ovo balançando no alto de uma montanha, esperando apenas a primeira brisa para despencar no solo duro abaixo. Se Fjorden não conquistasse Arelon logo, então o reino certamente colapsaria sob o peso de uma dúzia de problemas diferentes. Além de um governante inábil, Arelon sofria com uma classe trabalhadora sobretaxada de impostos, com incertezas religiosas e escassez de recursos. Todos esses fatores competiam para dar o golpe final.

Seus pensamentos foram interrompidos pelo som de uma respiração dura em suas costas. Dilaf estava parado do outro lado da muralha, contemplando Elantris. Seus olhos estavam arregalados, como os de um homem que levara um golpe no estômago, e seus dentes rangiam. Hrathen quase imaginou que espumaria pela boca a qualquer momento.

– Eu os odeio – Dilaf murmurou com voz carregada, quase ininteligível.

Hrathen cruzou a muralha para ficar ao lado de Dilaf. Como a muralha não fora construída com propósitos militares, não tinha ameias, mas ambos os lados tinham parapeitos de segurança. Hrathen se apoiou em um deles para estudar Elantris.

Não havia muito para ver; Hrathen estivera em cortiços mais promissores do que Elantris. Os edifícios estavam tão deteriorados que era um milagre que alguns ainda tivessem telhados, e o fedor era nauseabundo. No começo, duvidou que alguém pudesse estar vivo dentro da cidade, mas então viu algumas formas correndo furtivamente pelas laterais dos edifícios. Iam agachados, com as mãos estendidas, como se estivessem prontos para cair de quatro. Um deles parou, olhou para cima, e Hrathen viu seu primeiro elantrino.

Era careca e, inicialmente, Hrathen pensou que sua pele era escura como a de um membro da casta nobre de Jindo. No entanto, também podia ver manchas cinza-claras na pele da criatura – grandes áreas irregulares, como líquen sobre uma pedra. Apertou os olhos, inclinando-se contra o parapeito. Não podia ver os olhos do elantrino, mas de algum modo Hrathen soube que eram selvagens e ferozes, furtivos como os de um animal acossado.

A criatura seguiu com os companheiros – sua matilha. *Então é isso o que o Reod fez*, Hrathen murmurou para si mesmo. *Transformou deuses em animais*. Jaddeth simplesmente tirara o que havia em seus corações e mostrara para que o mundo visse. Segundo a filosofia derethi, a única coisa que separava os homens dos animais era a religião. Os homens deviam servir ao Império de Jaddeth; os animais podiam servir apenas à sua própria luxúria. Os elantrinos representavam o ápice da arrogância humana: haviam se considerado deuses. Esse orgulho desmedido selara o destino deles. Em outra situação, Hrathen teria se contentado em deixá-los com seu castigo.

No entanto, precisava deles.

Hrathen se virou para Dilaf.

– O primeiro passo para tomar o controle de uma nação, arteth, é o mais simples. Encontre alguém para odiar.

***

– Fale-me deles, arteth – Hrathen pediu, entrando em seu aposento na capela. – Quero saber tudo o que você sabe.

– São criaturas malignas e perniciosas – Dilaf sussurrou, entrando atrás de Hrathen. – Pensar neles faz meu coração adoecer e minha mente se sentir manchada. Rezo a cada dia pela destruição deles.

Hrathen fechou a porta do aposento, insatisfeito. Era incrível que um homem fosse *tão* apaixonado.

– Arteth, entendo que tenha sentimentos fortes – Hrathen disse com severidade –, mas se vai ser meu odiv, precisa ver além de seus preconceitos. Jaddeth colocou esses elantrinos diante de nós com um propósito em mente, e não posso descobrir que propósito é esse se você se recusa a me dizer qualquer coisa útil.

Dilaf pestanejou, surpreso. Então, pela primeira vez desde a visita deles a Elantris, um certo grau de sanidade voltou aos seus olhos.

– Sim, Vossa Graça.

Hrathen assentiu.

– Viu os elantrinos antes da queda?

– Sim.

– Eram tão bonitos quanto dizem?

Dilaf assentiu, mal-humorado.

– Imaculados, mantidos assim pelas mãos de escravos.

– Escravos?

– Todo o povo de Arelon era escravo dos elantrinos, Vossa Graça. Eram falsos deuses que prometiam salvação em troca de suor e trabalho.

– E seus poderes lendários?

– Mentiras, como sua suposta divindade. Um embuste cuidadosamente elaborado para infundir respeito e medo.

– Depois do Reod, veio o caos, correto?

– Caos, matanças, distúrbios e pânico, Vossa Graça. E então os mercadores tomaram o poder.

– E os elantrinos? – Hrathen perguntou, dirigindo-se para sua mesa.

– Sobraram poucos – disse Dilaf. – A maioria foi morta nos tumultos. Os que ficaram foram confinados em Elantris, assim como todos os homens tomados pela Shaod daquele dia em diante. Tinham o aspecto que vimos hoje, encolhidos e sub-

humanos. A pele deles era coberta de cicatrizes negras, como se alguém tivesse lhes arrancado a carne e revelado a escuridão debaixo.

– E as transformações? Diminuíram depois do Reod? – Hrathen perguntou.

– Continuam, Vossa Graça. Acontecem por toda Arelon.

– Por que os odeia tanto, arteth?

A pergunta foi repentina, e Dilaf fez uma pausa.

– Porque são ímpios.

– E?

– Mentiram para nós, Vossa Graça. Fizeram promessas de eternidade, mas não conseguiram sequer manter a própria divindade. Nós os escutamos por séculos, e fomos recompensados com um grupo de aleijados vis e impotentes.

– Você os odeia porque o decepcionaram – Hrathen disse.

– Não a mim, ao povo. Eu era seguidor derethi anos antes do Reod.

Hrathen franziu o cenho.

– Então está convencido de que não há nada sobrenatural nos elantrinos, além do fato de terem sido amaldiçoados por Jaddeth?

– Sim, Vossa Graça. Como eu disse, os elantrinos difundiram muitas falsidades para reforçar sua divindade.

Hrathen balançou a cabeça, então se levantou e começou a tirar a armadura. Dilaf fez menção de ajudá-lo, mas Hrathen o afastou com um aceno.

– Então, como explica as súbitas transformações das pessoas comuns em elantrinos, arteth?

Dilaf não tinha resposta para isso.

– O ódio enfraqueceu sua capacidade de discernimento, arteth – Hrathen falou, pendurando a placa peitoral na parede perto da mesa, e sorrindo. Acabara de ter um lampejo de inspiração; uma parte de seu plano repentinamente se encaixava. – Você supõe que, porque Jaddeth não lhes deu poderes, eles não tivessem nenhum.

Dilaf empalideceu.

– O que diz é...

– Não é blasfêmia, arteth. É doutrina. Há outra força sobrenatural além de nosso Deus.

– Os svrakiss – Dilaf falou em voz baixa.

– Sim.

Svrakiss. As almas dos homens mortos que odiavam Jaddeth, os inimigos de tudo o que era sagrado. Segundo o Shu-Dereth, não havia nada mais amargo do que uma alma que tivera sua oportunidade e a jogara fora.

– Acha que os elantrinos são svrakiss? – Dilaf perguntou.

– É doutrina aceita que os svrakiss podem controlar os corpos do mal – Hrathen comentou, soltando as grevas. – É tão difícil de acreditar que todo esse tempo

controlaram os corpos dos elantrinos, fazendo-os parecer deuses para enganar os simplórios e os sem espiritualidade?

Os olhos de Dilaf se iluminaram; o conceito não era novo para o arteth, Hrathen percebeu. Repentinamente, seu lampejo de iluminação não pareceu tão brilhante.

Dilaf observou Hrathen por um instante e então falou:

– Não acredita nisso, acredita? – perguntou, em um tom de voz desconfortavelmente acusador para alguém que falava com seu hroden.

Hrathen foi cuidadoso em não demonstrar seu desconforto.

– Não importa, arteth. A conexão é lógica; todos acreditarão. Nesse momento, tudo o que veem são restos abjetos do que certa vez foram aristocratas. As pessoas não os odeiam, têm pena deles. Demônios, no entanto, são algo que todos odeiam. Se acusarmos os elantrinos de serem demônios, então teremos êxito. Você já odeia os elantrinos; isso é bom. Para que outros se juntem a você, no entanto, terá de lhes dar outros motivos além de "nos desapontaram".

– Sim, Vossa Graça.

– Somos homens religiosos, arteth, e temos que ter inimigos religiosos. Os elantrinos são nossos svrakiss, não importa se possuem as almas de homens maus mortos há muito tempo ou homens maus que ainda vivem.

– É claro, Vossa Santidade. Nós os destruiremos, então? – Havia ansiedade no rosto de Dilaf.

– No devido tempo. Por enquanto, vamos usá-los. Você descobrirá que o ódio pode unir as pessoas com mais rapidez e fervor do que a devoção.

Raoden apunhalou o ar com o dedo. O ar sangrou luz. A ponta de seu dedo deixou um brilhante rastro branco enquanto movia o braço, como se estivesse escrevendo com tinta na parede – exceto que sem tinta e sem parede.

Moveu-se com cautela, tomando cuidado para que o dedo não tremesse. Desenhou uma linha de um palmo de comprimento, da esquerda para a direita, então baixou o dedo com uma leve inclinação, fazendo uma linha curva descendente, formando um ângulo. Depois, levantou o dedo da tela invisível e o recolocou para desenhar o ponto no centro. Aquelas três marcas – duas linhas e um ponto – eram o início de todo aon.

Continuou desenhando o mesmo padrão de três linhas em ângulos diferentes, e então acrescentou várias linhas diagonais. O desenho terminado parecia uma ampulheta, ou talvez duas caixas colocadas uma sobre a outra, tocando-se levemente pelo centro. Esse era o Aon Ashe, antigo símbolo da luz. O caractere brilhou momentaneamente, como se pulsasse com vida; então deu um leve clarão de luz, como um homem que dá o último suspiro. O aon desapareceu, sua luz foi perdendo o brilho, diminuindo, até sumir.

– Você é muito melhor do que eu, sule – Galladon disse. – Normalmente faço uma linha grande demais, ou muito inclinada, e a coisa toda some antes que eu termine.

– Não devia ser assim – Raoden reclamou. Fazia um dia que Galladon lhe ensinara a desenhar aons e, desde esse momento, passara quase todo instante praticando. Cada aon que terminava corretamente fazia o mesmo, desaparecendo sem nenhum efeito aparente. Seu primeiro encontro com a lendária mágica elantrina havia sido definitivamente desalentador.

O mais surpreendente era como era fácil. Em sua ignorância, imaginara que o AonDor, a magia dos aons, exigia algum tipo de encantamento ou ritual. Uma década sem o AonDor fora suficiente para espalhar hordas de rumores; algumas pessoas, em geral sacerdotes derethi, afirmavam que a mágica era uma farsa, enquanto outros, também em geral sacerdotes derethi, denunciavam a arte como ritos blasfemos que envolviam o poder do mal. A verdade era que ninguém, nem mesmo os sacerdotes derethi, sabia como o AonDor havia sido. Todos os seus praticantes caíram no Reod.

Mesmo assim, Galladon afirmava que o AonDor não exigia nada mais do que uma mão firme e um profundo conhecimento sobre os aons. Como apenas os elantrinos podiam desenhar os caracteres com luz, apenas eles podiam praticar o AonDor, e

ninguém de fora de Elantris pode saber o quão simples era. Nada de encantamentos, sacrifícios, poções ou ingredientes especiais; qualquer um tomado pela Shaod podia praticar o AonDor, desde que, é claro, conhecesse os caracteres.

Só que eles não funcionavam. Supunha-se que os aons faziam algo – pelo menos, algo mais do que brilhar fracamente e desaparecer. Raoden se lembrava de imagens de Elantris de quando era criança – visões de homens voando pelos ares, incríveis façanhas de poder e curas milagrosas. Certa vez quebrara uma perna e, ainda que seu pai objetasse, sua mãe o levou a Elantris para que o curassem. Uma figura de cabelos brilhantes soldara os ossos de Raoden com um breve aceno de mão. Ela desenhara um aon, exatamente como ele fazia agora, mas a runa havia liberado uma poderosa explosão de magia misteriosa.

– Deviam fazer algo – Raoden repetiu, desta vez em voz alta.

– Faziam antigamente, sule, mas cessaram desde o Reod. O que quer que levou a vida de Elantris também roubou os poderes do AonDor. Agora, tudo o que podemos fazer é desenhar bonitos caracteres no ar.

Raoden assentiu, desenhando seu próprio aon, o Aon Rao. Quatro círculos com um grande quadrado no centro, todos os cinco conectados por linhas. O aon reagiu como todos os outros, como se fosse liberar poder e, então, morreu com um gemido.

– Desapontado. Kolo?

– Muito – Raoden admitiu, puxando uma cadeira e sentando-se. Ainda estavam no pequeno estúdio subterrâneo de Galladon. – Serei honesto, Galladon. Quando vi aquele primeiro aon flutuando no ar diante de você, me esqueci de tudo: da imundície, da depressão, até mesmo do meu dedo do pé.

Galladon sorriu.

– Se o AonDor funcionasse, os elantrinos ainda governariam Arelon..., com ou sem Reod.

– Eu sei. Só me pergunto o que aconteceu. O que mudou?

– O mundo se pergunta o mesmo, sule – Galladon respondeu, dando de ombros.

– Deve haver uma relação – Raoden ponderou. – A mudança em Elantris, o modo como a Shaod começou a transformar as pessoas em demônios, em vez de deuses, a ineficácia do AonDor...

– Você não é a primeira pessoa a notar isso. Nem de longe. Contudo, ninguém está disposto a encontrar a resposta. Os poderosos de Arelon estão muito acomodados com Elantris do jeito que está.

– Acredite em mim, eu sei – Raoden falou. – Se há um segredo a ser descoberto, isso terá que ser feito por nós – Raoden olhou pelo pequeno laboratório. Notavelmente limpa e sem o lodo que cobria o resto de Elantris, a sala era quase acolhedora; como o refúgio ou o estúdio de uma grande mansão.

– Talvez a resposta esteja aqui, Galladon – Raoden falou. – Nesses livros, em

algum lugar.

– Talvez – Galladon respondeu, sem compromisso.

– Por que ficou tão relutante em me trazer aqui?

– Porque é especial, sule, não consegue ver? Se o segredo vazar, não serei capaz de sair daqui com medo de que o saqueiem enquanto eu estiver fora.

Raoden se levantou, assentindo enquanto andava pelo aposento.

– Então por que me trouxe?

Galladon deu de ombros, como se não tivesse certeza completamente.

– Você não é o primeiro a achar que a resposta possa estar nesses livros. Dois homens podem ler mais rapidamente do que um.

– Duas vezes mais rápido, imagino – Raoden concordou com um sorriso. – Por que mantém esse local tão escuro?

– Estamos em *Elantris*, sule. Não podemos ir até uma loja buscar mais óleo para acender as lamparinas sempre que precisamos.

– Eu sei, mas certamente há o suficiente. Elantris devia ter armazéns de óleo antes do Reod.

– Ah, sule – Galladon disse, sacudindo a cabeça. – Ainda não entende, não é? Essa é Elantris, a cidade dos deuses. Que necessidade os deuses têm de coisas tão mundanas quanto lamparinas e óleo? Olhe para a parede atrás de você.

Raoden se virou. Havia uma placa de metal pendurada na parede. Ainda que estivesse suja com o tempo, Raoden ainda podia distinguir a forma talhada em sua superfície – Aon Ashe, o caractere que desenhara há alguns momentos.

– Essas placas brilhavam com mais intensidade do que qualquer lamparina, sule – Galladon explicou. – Os elantrinos podiam apagá-las com um leve roçar do dedo. Elantris não precisava de óleo..., havia uma fonte muito mais confiável de luz. Pelo mesmo motivo, você não encontrará carvão, ou mesmo fornos, em Elantris, tampouco muitos poços, pois a água fluía dos canos como rios presos dentro das paredes. Sem AonDor, a cidade mal pode ser habitada.

Raoden esfregou o dedo contra a placa, sentindo as linhas do Aon Ashe. Algo catastrófico deveria ter acontecido – um evento esquecido em apenas dez anos. Algo tão terrível que fez a terra tremer e os deuses tombarem. Contudo, sem entender como o AonDor funcionava, ele não podia nem começar a imaginar o que causara a falha. Deu as costas para a placa e contemplou as duas estantes. Era improvável que algum dos livros tivesse explicações diretas do AonDor. Mesmo assim, se haviam sido escritos por elantrinos, talvez fizessem referências à magia. Referências que podiam levar o leitor cuidadoso a entender como o AonDor funcionava. Talvez.

Seus pensamentos foram interrompidos por uma dor no estômago. Não era como a fome que experimentara no mundo exterior. Seu estômago não roncava. Mesmo assim, a dor estava ali – e, de algum modo, mais exigente. Havia três dias que não

comia, e a fome começava a ficar mais insistente. Estava só começando a ver por que isso e as outras dores eram suficientes para converter homens nas bestas que o atacaram no primeiro dia.

– Venha – disse para Galladon. – Há algo que precisamos fazer.

***

A praça estava como no dia anterior: sujeira, desafortunados gemendo, os altos portões implacáveis. O sol já percorrera quase três quartos de seu caminho pelo céu. Era hora de os novos convocados serem lançados em Elantris.

Raoden estudou a praça, observando de cima de um edifício, ao lado de Galladon. Enquanto olhava, percebeu algo diferente. Havia uma pequena multidão reunida no alto da muralha.

– Quem é aquele? – Raoden perguntou com interesse, apontando para a alta figura em pé na muralha sobre os portões de Elantris. Os braços do homem estavam estendidos, e sua capa vermelho-sangue ondulava ao vento. Suas palavras dificilmente seriam audíveis a essa distância, mas era óbvio que estava gritando.

Galladon resmungou, surpreso.

– Um gyorn derethi. Não sabia que havia um em Arelon.

– Um gyorn? Um sumo sacerdote? – Raoden apertou os olhos, tentando distinguir os detalhes da figura muito acima deles.

– Estou surpreso que um deles tenha vindo tão a leste – Galladon comentou. – Eles odiavam Arelon mesmo antes do Reod.

– Por causa dos elantrinos?

Galladon assentiu.

– Ainda que não apenas por causa da adoração elantrina, não importa o que digam. Os derethi têm uma aversão particular por Arelon porque seus exércitos nunca conseguiram atravessar essas montanhas para atacar o país.

– O que acha que ele está fazendo lá em cima? – Raoden perguntou.

– Pregando. O que mais um sacerdote faz? Provavelmente resolveu dizer que Elantris é resultado de algum tipo de julgamento de seu deus. Estou surpreso que tenham demorado tanto.

– As pessoas murmuram isso há anos – Raoden falou – mas ninguém teve coragem de realmente pregar tais coisas. No fundo, temem que os elantrinos estejam apenas testando-os, temem que retornem à antiga glória algum dia e punam os descrentes.

– Ainda? – Galladon perguntou. – Pensei que essas crenças já haviam desaparecido depois de dez anos.

Raoden balançou a cabeça.

– Ainda há muitos que rezam pelo regresso dos elantrinos, ou temem que isso

aconteça. A cidade era forte, Galladon. Não imagina como era bonita.

– Eu sei, sule. – Galladon respondeu. – Não passei toda minha vida em Duladel.

A voz do sacerdote aumentou em um crescente, e soltou uma última onda de gritos antes de dar meia volta e desaparecer. Mesmo a distância, Raoden pôde captar o ódio e a fúria na voz do gyorn. Galladon estava certo: as palavras do homem não tinham nenhuma bênção.

Raoden balançou a cabeça, voltando os olhos da muralha para os portões.

– Galladon – perguntou – quais são as chances de alguém ser jogado aqui hoje?

Galladon deu de ombros.

– É difícil dizer, sule. Algumas vezes passam semanas sem um novo elantrino, mas já vi lançarem até cinco de uma vez. Você chegou há dois dias, aquela mulher, ontem..., quem sabe, talvez Elantris terá carne fresca pelo terceiro dia consecutivo. Kolo?

Raoden assentiu, observando o portão em expectativa.

– Sule, o que pretende fazer? – Galladon perguntou, desconfortável.

– Pretendo esperar.

***

O recém-chegado era um homem mais velho, talvez no fim da casa dos quarenta anos, com um rosto descarnado e olhos nervosos. Quando o portão se fechou, Raoden desceu do terraço e parou antes de chegar ao pátio. Galladon o seguiu, com expressão preocupada. Obviamente pensava que Raoden cometeria alguma tolice.

Estava certo.

O desafortunado recém-chegado encarava melancolicamente o portão. Raoden esperou que desse um passo, que tomasse a decisão inconsciente que determinaria quem teria o privilégio de roubá-lo. O homem ficou parado onde estava, observando o pátio com olhos nervosos, sua fina estrutura encolhida dentro da túnica, como se tentasse se esconder dentro dela. Depois de alguns minutos de espera, finalmente deu o primeiro passo hesitante – para a direita, o mesmo caminho escolhido por Raoden.

– Vamos – Raoden falou, saindo da ruela. Galladon resmungou, murmurando alguma coisa em dula.

– Teoren? – Raoden chamou, escolhendo um nome aônico comum.

O espigado recém-chegado levantou a cabeça, surpreso, então olhou por sobre o ombro, confuso.

– Teoren, *é* você! – Raoden disse, colocando a mão sobre o ombro do recém-chegado. Então, com a voz baixa, prosseguiu – Nesse momento você tem duas opções, amigo. Ou faz o que digo ou deixa que os homens que estão escondidos nas sombras o persigam e batam em você até deixá-lo tonto.

Com um olhar apreensivo, o homem se virou para espiar as sombras. Felizmente, nesse momento os homens de Shaor decidiram se mover e suas formas escuras emergiram na luz, seus olhos ávidos encarando-o com cobiça. Foi todo o encorajamento de que o recém-chegado precisou.

– O que faço? – o homem perguntou com voz trêmula.

– Corra! – Raoden ordenou, e imediatamente se dirigiu para um dos becos a toda velocidade.

Não foi preciso dizer duas vezes; o homem correu tão rápido que Raoden ficou com medo que desviasse por uma ruela lateral e se perdesse. Galladon deu um grito abafado de surpresa quando percebeu o que Raoden estava fazendo. O grande dula obviamente não teve problemas em segui-los; mesmo considerando o tempo em Elantris, Galladon estava em muito melhor forma do que Raoden.

– Em nome de Doloken, o que acha que está fazendo, seu idiota? – Galladon blasfemou.

– Eu lhe contarei em um momento – Raoden disse, conservando as forças enquanto corria. Mais uma vez percebeu que não ficava sem fôlego, ainda que seu corpo começasse a se cansar. Uma estranha sensação de fadiga começou a crescer dentro dele e, dos três, Raoden logo provou ser o corredor mais lento. Mas era o único que sabia para onde estavam indo.

– À direita! – gritou para Galladon e para o recém-chegado, e entrou por uma viela. Os dois homens o seguiram, assim como o grupo de bandidos que ganhava terreno rapidamente. Felizmente, o destino de Raoden não era muito longe.

– Rulo – Galladon amaldiçoou, percebendo para onde iam. Era uma das casas que mostrara a Raoden no dia anterior, a que tinha a escadaria instável. Raoden passou correndo pela porta e subiu a escada. Quase caiu por duas vezes quando os degraus cederam sob seu peso. Uma vez no telhado, usou as últimas forças que lhe restavam para empurrar um monte de tijolos – os restos do que certa vez fora uma jardineira – e fazê-los despencar pela escadaria bem quando Galladon e o homem alcançaram o topo. Os degraus enfraquecidos não foram capazes de suportar o peso e caíram com estampido furioso.

Galladon se aproximou e olhou pelo vão com olhar crítico. Os homens de Shaor estavam reunidos ao redor dos degraus caídos abaixo, sua intensidade feroz um pouco entorpecida pelos acontecimentos.

Galladon levantou uma sobrancelha.

– E agora, gênio?

Raoden se aproximou do recém-chegado, que havia se jogado no chão depois de subir a escadaria. Cuidadosamente, Raoden pegou cada uma das oferendas de comida do homem e, depois de guardar uma delas em seu cinturão, jogou o resto para a matilha humana que esperava embaixo. Sons de batalha foram ouvidos

enquanto lutavam pela comida.

Raoden se afastou do vão.

– Vamos esperar que percebam que não vão conseguir mais nada conosco e resolvam ir embora.

– E se não fizerem isso? – Galladon perguntou de modo severo.

Raoden deu de ombros.

– Podemos viver para sempre sem comida ou água, certo?

– Sim, mas eu preferia não passar o resto da eternidade no topo deste edifício – Então, dando um olhar para o novo homem, Galladon puxou Raoden de lado e exigiu em voz baixa – Sule, qual o sentido de tudo isso? Você poderia ter jogado a comida para eles lá no pátio. De fato, por que "salvá-lo"? Pelo que sabemos, talvez os homens de Shaor não o teriam ferido.

– Não sabemos. Além disso, dessa maneira ele acha que me deve sua vida.

Galladon bufou.

– Então agora você tem outro seguidor..., pela pechincha do ódio de um terço dos elementos criminosos de Elantris.

– E isso é apenas o início – Raoden disse com um sorriso. Mas, apesar de suas corajosas palavras, não se sentia tão seguro. Ainda estava surpreso em ver como o dedo de seu pé doía, e arranhara as mãos quando empurrou os tijolos. Ainda que não fossem tão doloridos quanto o dedo, os arranhões também continuavam a incomodar, ameaçando desviar a atenção de seus planos.

Tenho de continuar me mexendo, Raoden repetiu para si mesmo. *Continuar trabalhando. Não posso deixar que a dor assuma o controle.*

***

– Sou joalheiro – o homem explicou. – Mareshe é meu nome.

– Um joalheiro – Raoden disse, decepcionado, os braços cruzados enquanto observava Mareshe. – Isso não será muito útil. O que mais você sabe fazer?

Mareshe olhou para ele com indignação, como se tivesse esquecido que apenas há alguns momentos estivera paralisado pelo medo.

– A fabricação de joias é uma habilidade extremamente útil, senhor.

– Não em Elantris, sule – disse Galladon, espiando pelo vão para ver se os bandidos haviam decidido partir. Aparentemente não, pelo olhar desanimado que deu para Raoden.

Claramente ignorando o dula, Raoden voltou-se para Mareshe.

– O que mais sabe fazer?

– Qualquer coisa.

– Isso é um tanto amplo, amigo – Raoden comentou. – Poderia ser um pouco mais específico?

Mareshe levou a mão para trás da cabeça, com um gesto dramático.

– Eu... sou um artesão. Posso fazer qualquer coisa, pois o próprio Domi me deu a alma de um artista.

Galladon bufou em seu posto junto ao vão da escadaria.

– Que tal sapatos? – Raoden perguntou.

– Sapatos? – Mareshe respondeu com um tom levemente ofendido.

– Sim, sapatos.

– Suponho que sim – Mareshe falou – ainda que isso dificilmente exija toda a capacidade de um autêntico artesão.

– E um autêntico idi... – Galladon começou a dizer antes que Raoden o fizesse se calar.

– Artesão Mareshe – Raoden prosseguiu, com seu tom de voz mais diplomático – os elantrinos são jogados na cidade usando apenas a mortalha arelena. Um homem que pudesse fazer sapatos seria realmente muito valioso.

– Que tipo de sapatos? – Mareshe perguntou.

– De couro – Raoden respondeu. – Não será uma tarefa fácil, Mareshe. Veja bem, os elantrinos não podem se dar ao luxo da tentativa e erro, se o primeiro par de sapatos não servir, vai causar bolhas. Bolhas que nunca vão desaparecer.

– O que quer dizer com nunca vão desaparecer? – Mareshe perguntou incomodado.

– Somos elantrinos agora, Mareshe – Raoden explicou. – Nossos ferimentos não se curam mais.

– Não se curam...?

– Quer um exemplo, artesão? – Galladon ofereceu, solícito. – Posso lhe conseguir um facilmente. Kolo?

O rosto de Mareshe ficou pálido, e ele olhou novamente para Raoden.

– Ele não parece gostar muito de mim. – disse em voz baixa.

– Bobagem – Raoden falou, colocando o braço em torno dos ombros de Mareshe e afastando-o do rosto sorridente de Galladon. – É assim que ele demonstra simpatia.

– Se você está dizendo, mestre...

Raoden fez uma pausa.

– Me chame apenas de Espírito – decidiu, usando a tradução de Aon Rao.

– Mestre Espírito. – Então Mareshe estreitou os olhos. – Por algum motivo você me parece familiar.

– Você nunca me viu antes na vida. Agora, sobre aqueles sapatos...

– Eles têm de servir perfeitamente, sem raspar ou apertar? – Mareshe perguntou.

– Sei que parece difícil. Se está além de sua capacidade...

– Nada está *além* da minha capacidade – Mareshe afirmou. – Eu farei, Mestre Espírito.

– Excelente.

– Eles não vão embora – Galladon disse.

Raoden se virou para olhar o grande dula.

– O que importa? Não temos nada urgente para fazer. Na verdade, está bem agradável aqui. Você deveria se sentar e apreciar.

Um trovão sinistro veio das nuvens acima deles, e Raoden sentiu uma gota úmida acertar sua cabeça.

– Fantástico – Galladon grunhiu. – Já estou apreciando.

Sarene decidiu não aceitar a oferta de seu tio de ficar com ele. Por mais tentador que fosse se mudar para estar com a família, tinha medo de perder o posto no palácio. A corte era um manancial de informações, e a nobreza arelena era uma fonte inesgotável de fofocas e intrigas. Se pretendia combater Hrathen, precisava se manter atualizada.

Assim, no dia seguinte de seu encontro com Kiin, Sarene conseguiu um cavalete e algumas tintas e se fixou bem no meio do salão do trono de Iadon.

– O que, em nome de Domi, você está fazendo, garota? – o rei exclamou quando ele entrou no salão naquela manhã, com um grupo de apreensivos assistentes ao seu lado.

Sarene afastou o olhar da tela, fingindo surpresa.

– Estou pintando, pai – disse, prestativamente levantando o pincel: um ato que espalhou gotas de tinta vermelha pelo rosto do chanceler de Defesa.

Iadon suspirou.

– Posso ver que está pintando. Quero saber por que está fazendo isso *aqui*.

– Ah – Sarene disse inocentemente. – Estou pintando suas pinturas, pai. Gosto tanto delas.

– Está pintando minhas...? – Iadon perguntou com expressão pasma. – Mas...

Sarene virou a tela com um sorriso orgulhoso, mostrando ao rei um rabisco que apenas remotamente lembrava a imagem de algumas flores.

– Ah, pelo amor de Domi! – Iadon exclamou. – Pinte se quiser, garota. Só não faça isso no *meio* do *meu* salão!

Sarene arregalou os olhos, piscando algumas vezes, então puxou o cavalete e a cadeira até a lateral do salão, perto de um dos pilares, sentou-se e continuou pintando.

Iadon gemeu.

– Quero dizer... Ah, Domi a amaldiçoe! Você não vale o esforço.

Com isso, o rei deu meia-volta, ocupou seu trono e ordenou que seu secretário anunciasse o primeiro assunto do dia – uma disputa entre dois nobres menores sobre algumas posses.

Ashe flutuou para perto da tela de Sarene, falando em voz baixa.

– Achei que ele fosse expulsá-la, minha senhora.

Sarene balançou a cabeça com um sorriso de satisfação nos lábios.

– Iadon tem temperamento irritadiço, e fica frustrado com facilidade. Quanto mais o convencer de que sou desmiolada, menos ordens me dará. Sabe que simplesmente

o interpretarei mal, e ele acabará zangado.

– Começo a me perguntar como alguém assim chegou ao trono – Ashe perguntou.

– Uma boa pergunta – Sarene admitiu, tamborilando com os dedos na bochecha, pensativamente. – Ainda que talvez não estejamos lhe dando crédito suficiente. Ele pode não ser um rei muito bom, mas aparentemente foi um bom homem de negócios. Para ele, sou um investimento finalizado. Ele tem seu tratado. Não o preocupo mais.

– Não estou convencido, minha senhora – Ashe observou. – Ele parece ser obtuso demais para continuar rei por muito tempo.

– E por isso provavelmente perderá o trono – Sarene concordou. – Suspeito que seja por isso que o gyorn está aqui.

– Bem pensado, minha senhora – Ashe observou com sua voz profunda. Flutuou diante da pintura por um momento, estudando as manchas irregulares e as linhas semirretas. – Está melhorando, minha senhora.

– Não seja condescendente comigo.

– É verdade, Vossa Alteza. Quando começou a pintar, há cinco anos, eu nunca sabia dizer o que estava tentando representar.

– E essa é a pintura de...

Ashe fez uma pausa.

– Uma tigela de frutas? – perguntou esperançoso.

Sarene suspirou, frustrada. Era normalmente boa em tudo o que se propunha fazer, mas os segredos da pintura lhe escapavam completamente. No início, se frustrara com a falta de talento, e insistira com determinação para provar que era capaz. A técnica artística, no entanto, se recusara totalmente a se curvar diante de seus desejos reais. Era mestre na política, uma líder inquestionável, e podia entender até mesmo matemática jindonesa com facilidade. Mas era uma pintora horrível. Porém isso não a freava: também era inegavelmente teimosa.

– Um dia desses, Ashe, algo vai se encaixar e descobrirei como fazer as imagens em minha cabeça aparecerem na tela.

– É claro, minha senhora.

Sarene sorriu.

– Até lá, vamos fazer de conta que fui treinada por alguém da escola de extremo abstracionismo svordish.

– Ah, sim. A escola da desorientação criativa. Muito bem, minha senhora.

Dois homens entraram na sala do trono para apresentar o caso ao rei. Havia pouca coisa que os distinguisse: ambos usavam túnicas da moda sobre coloridas camisas com babados e calças de pernas largas. Muito mais interessante para Sarene foi o terceiro homem, que entrou acompanhado por um guarda do palácio. Era um indivíduo anódino, de cabelo claro e sangue aônico, vestindo uma simples bata marrom. Era óbvio que estava terrivelmente desnutrido, e tinha um olhar de

desespero que Sarene achou aterrador.

A disputa estava relacionada ao camponês. Aparentemente, ele escapara de um dos nobres há três anos, mas fora capturado pelo segundo. Em vez de devolver o homem, o segundo nobre ficou com ele e o colocou para trabalhar. A discussão não era sobre o camponês em si, mas sobre seus filhos. Ele se casara há dois anos, e gerara dois filhos durante sua estada com o segundo nobre. Ambos os nobres reivindicavam a propriedade das crianças.

– Achei que a escravidão fosse ilegal em Arelon – Sarene disse em voz baixa.

– E é, minha senhora – Ashe respondeu com voz confusa. – Não entendo.

– Falam de propriedade no sentido figurado, prima – uma voz disse diante dela. Sarene espiou por trás da tela, surpresa. Lukel, filho mais velho de Kiin, sorria logo após o cavalete.

– Lukel! O que está fazendo aqui?

– Sou um dos mercadores de mais êxito na cidade, prima – ele explicou, dando a volta na tela para apreciar a pintura com uma sobrancelha erguida. – Tenho acesso livre à corte. Estou surpreso que não tenha me visto ao entrar.

– Você estava aqui?

Lukel assentiu.

– Estava no fundo da sala, retomando alguns antigos contatos. Estive fora da cidade por algum tempo.

– Por que não disse nada?

– Fiquei muito interessado no que você estava fazendo – ele respondeu com um sorriso. – Não acho que alguém já resolveu ocupar o centro da sala do trono de Iadon para usar como estúdio de arte.

Sarene se sentiu corar.

– Funcionou, não?

– Maravilhosamente bem..., o que é mais do que pode ser dito sobre a pintura? – Fez uma pausa por um instante. – É um cavalo, certo?

Sarene fez uma careta.

– Uma casa?

– Tampouco é uma tigela de frutas, meu senhor – disse Ashe. – Já tentei essa.

– Bem, ela disse que era um dos quadros da sala. – Lukel comentou. – Tudo o que temos de fazer é continuar adivinhando até descobrir o certo.

– Brilhante dedução, mestre Lukel – Ashe falou.

– Já basta, vocês dois – Sarene rosnou. – É esse aí na frente. O que eu estava olhando enquanto pintava.

– Aquele? – Lukel perguntou. – Mas aquilo é um quadro de flores.

– E?

– O que é essa mancha escura no centro da sua pintura?

– Flores – Sarene respondeu na defensiva.

– Ah – Lukel olhou mais uma vez para a pintura de Sarene e então comparou com o modelo. – Como queira, prima.

– Talvez possa me explicar o caso do camponês, antes que eu fique violenta, primo – Sarene disse com doçura ameaçadora.

– Certo. O que quer saber?

– Nossos estudos dizem que a escravidão é ilegal em Arelon, mas esses homens se referem ao camponês como posse deles.

Lukel franziu o cenho, voltando os olhos para os dois nobres contestadores.

– A escravidão é ilegal, mas provavelmente não será por muito tempo. Há dez anos não havia nobres ou camponeses em Arelon. Apenas elantrinos e todos os demais. Ao longo da última década, as pessoas comuns deixaram de ser famílias que possuíam as próprias terras para se tornarem camponeses a serviço de senhores feudais. São servos sob contrato, algo que lembra os antigos servos fjordênicos. Não vai demorar muito até que não sejam mais do que propriedade.

Sarene franziu o cenho. O mero fato de que o rei escutasse um caso como esse – que chegasse a considerar tirar os filhos de um homem para salvar a honra de algum nobre – era atroz. Supunha-se que a sociedade tinha progredido para além daquele ponto. O camponês observava o desenvolvimento dos fatos com um olhar sombrio, um olhar cuja luz fora apagada sistemática e deliberadamente por meio de violência física.

– Isso é pior do que eu temia – disse Sarene.

Lukel assentiu ao lado dela.

– A primeira medida que Iadon adotou quando tomou o trono foi eliminar os direitos de propriedade individual de terras. Arelon não tinha exército, mas Iadon pode se dar ao luxo de contratar mercenários, forçando as pessoas a acatar seu desejo. Declarou que todas as terras pertenciam à Coroa, e então recompensou aqueles mercadores que haviam apoiado sua ascensão com títulos e propriedades. Apenas alguns poucos homens, como meu pai, tinham terra e dinheiro suficiente para que Iadon não se atrevesse a tentar tomar suas propriedades.

Sarene sentiu que seu desgosto pelo novo pai aumentava. Certa vez, Arelon se gabara de ser a mais feliz, mais avançada sociedade do mundo. Iadon esmagara essa sociedade, submetendo-a a um sistema que nem Fjorden usava mais.

Sarene olhou para Iadon, e então se voltou para Lukel.

– Venha – ela disse, puxando o primo para um canto da sala, onde podiam falar um pouco à vontade. Estavam perto o suficiente para manter um olho em Iadon, mas distante o bastante dos outros grupos de pessoas.

– Ashe e eu estávamos discutindo isso mais cedo – ela disse. – Como um homem desses conseguiu chegar ao trono?

Lukel deu de ombros.

– Iadon é... um homem complexo, prima. É notavelmente obtuso em algumas áreas, mas pode ser extremamente habilidoso quando lida com pessoas. Isso é parte do que o faz um bom mercador. Era líder da guilda de mercadores locais antes do Reod, o que provavelmente o tornou o homem mais poderoso da região que não estava diretamente conectada aos elantrinos. A guilda dos mercadores era uma organização autônoma, e vários de seus membros não se davam muito bem com os elantrinos. Veja bem, Elantris proporcionava comida grátis para todo mundo da área, algo que deixava o povo feliz, mas que era terrível para os mercadores.

– Por que não importavam outras coisas? – Sarene perguntou. – Coisas que não fossem comida.

– Os elantrinos podiam fazer quase qualquer coisa, prima – Lukel comentou. – E ainda que não dessem tudo de graça, podiam proporcionar muitos materiais a preços bem mais baratos do que os mercadores, especialmente se considerar os custos de transporte. Depois de um tempo, a guilda de mercadores fez um trato com Elantris, conseguindo que os elantrinos prometessem que proveriam apenas os itens "básicos" de graça para a população. Isso permitiu que a guilda importasse os itens de luxo mais caros, fornecidos para os mais ricos da área, que, ironicamente, tendiam a ser outros membros da guilda dos mercadores.

– E então veio o Reod – Sarene disse, começando a entender.

Lukel assentiu.

– Elantris caiu, e a guilda dos mercadores, da qual Iadon era o presidente, era a maior e mais poderosa organização das quatro Cidades Exteriores. Seus membros eram ricos e familiares diretos das outras pessoas ricas da área. O fato de que a guilda tivesse uma história de desacordos com Elantris só fortaleceu sua reputação aos olhos do povo. Iadon era a opção natural para rei. Ainda que isso não signifique que seja um monarca particularmente bom.

Sarene assentiu. Sentado em seu trono, Iadon finalmente tomou sua decisão a respeito do caso. Declarou em voz alta que o camponês fugitivo ainda pertencia ao primeiro nobre, mas que seus filhos continuariam com o segundo.

– Pois – Iadon destacou – as crianças foram alimentadas todo esse tempo por seu atual mestre.

O camponês não chorou ao escutar a decisão. Simplesmente abaixou a cabeça, e Sarene sentiu uma pontada de pesar. Mas quando o homem olhou para cima novamente, havia algo em seu olhar, algo embaixo da submissão forçada. Ódio. Ainda havia espírito suficiente nele para essa emoção poderosa.

– Isso não vai muito longe – ela disse em voz baixa. – O povo não vai suportar.

– A classe trabalhadora viveu por séculos sob o sistema feudal fjordênico – Lukel apontou. – E eram tratados pior do que animais.

– Sim, mas foram criados assim – Sarene lembrou. – As pessoas na antiga Fjorden não conheciam nada melhor. Para eles, o sistema feudal era o único sistema. Essas pessoas são diferentes. Dez anos não é muito tempo. Os camponeses arelenos podem se lembrar de um tempo em que os homens que agora chamam de mestres eram simples lojistas e comerciantes. Sabem que existe uma vida melhor. E, ainda mais importante, sabem que um governo pode cair, transformando aqueles que eram servos em mestres. Iadon colocou carga demais sobre eles muito rapidamente.

Lukel sorriu.

– Você fala como o príncipe Raoden.

Sarene fez uma pausa.

– Você o conhecia bem?

– Era meu melhor amigo – Lukel assentiu pesaroso. – O maior homem que já conheci.

– Fale-me sobre ele, Lukel – ela pediu, em voz baixa.

Lukel pensou por um momento, e então falou com voz saudosa.

– Raoden fazia as pessoas felizes. Seu dia podia ter sido tão amargo quanto o inverno, e o príncipe e seu otimismo chegavam, e com algumas poucas palavras gentis ele o fazia perceber como estava sendo tolo. Era brilhante também; conhecia cada aon e podia desenhá-los com perfeição, e sempre vinha com alguma nova filosofia estranha que ninguém além do meu pai podia compreender. Nem mesmo eu, com minha formação na Universidade de Svorden, podia acompanhar metade de suas teorias.

– Parece que era perfeito.

Lukel sorriu.

– Em tudo, menos nas cartas. Sempre perdia quando jogávamos tooledoo, ainda que depois me convencesse a lhe pagar o jantar. Teria sido um mercador horrível, não se importava em nada com o dinheiro. Perdia uma partida de tooledoo só porque sabia que eu me entusiasmava com a vitória. Nunca o vi triste ou zangado, exceto quando estava em uma das colônias exteriores, visitando o povo. Fazia isso com frequência; depois voltava para a corte e expressava seus pensamentos sobre o assunto de maneira bem direta.

– Aposto que o rei não gostava muito disso – Sarene disse com um leve sorriso.

– Ele odiava – Lukel confirmou. – Iadon tentou todo tipo de proibições para que Raoden se calasse, mas nada funcionava. O príncipe sempre encontrava um jeito de demonstrar sua posição sobre qualquer decisão real. Era o príncipe herdeiro, e então as leis da corte, escritas pelo próprio Iadon, davam a Raoden a oportunidade de expressar sua opinião sobre qualquer assunto diante do rei. E deixe-me dizer, princesa: ninguém sabia o que era uma reprimenda até que Raoden lhe desse uma. O homem podia ser tão severo que até as paredes de pedra murchavam diante de sua

língua.

Sarene se sentou, desfrutando a imagem de Iadon sendo denunciado por seu próprio filho diante de toda a corte.

– Sinto falta dele – Lukel disse em voz baixa. – Esse país precisava de Raoden. Ele estava começando a fazer algumas diferenças importantes: havia reunido um bom grupo de seguidores entre os nobres. Agora o grupo está fragmentado sem sua liderança. Meu pai e eu tentamos mantê-los juntos, mas estive fora por tanto tempo que perdi o contato. E, é claro, poucos confiam no meu pai.

– O quê? Por que não?

– Ele tem uma certa reputação de ser malandro. Além disso, não tem título. Recusou todos os que o rei tentou lhe dar.

Sarene franziu a testa.

– Espere um momento..., pensei que tio Kiin se opunha ao rei. Por que Iadon tentaria lhe dar um título?

Lukel sorriu.

– Iadon não podia evitar. Todo o poder do rei é construído sobre a ideia de que o sucesso monetário é justificativa para governar. Meu pai é extremamente bem-sucedido, e as leis dizem que dinheiro é igual a nobreza. Veja bem, o rei foi tolo o suficiente para pensar que todos os ricos pensariam como ele, e que não teria nenhuma oposição enquanto desse títulos para todos os endinheirados. A recusa de meu pai em aceitar um título é realmente um modo de minar a soberania de Iadon, e o rei sabe disso. Enquanto houver um único homem rico que não seja tecnicamente um nobre, o sistema aristocrático areleno será defeituoso. O velho Iadon quase tem um ataque cada vez que meu pai aparece na corte.

– Ele devia vir com mais frequência, então – Sarene disse perversamente.

– Meu pai encontra várias oportunidades para mostrar seu rosto. Ele e Raoden se encontravam aqui quase todas as tardes para jogar uma partida de ShinDa. Era uma fonte interminável de desconforto para Iadon que resolvessem fazer isso em sua própria sala do trono, mas, novamente, as leis que ele mesmo proclamara diziam que a corte estava aberta a todos àqueles que seu filho convidasse, então não podia expulsá-los.

– Parece que o príncipe tinha talento para usar as leis do próprio rei contra ele.

– Era um de seus traços mais cativantes – Lukel disse com um sorriso. – De algum modo, Raoden distorcia cada um dos novos decretos de Iadon, até que se virasse e acertasse o rei na cara. Iadon passou quase cada momento dos últimos cinco anos tentando encontrar um jeito de deserdar Raoden. Acontece que Domi no final resolveu seu problema.

Ou Domi, Sarene pensou com suspeita crescente, *ou um dos assassinos a mando do próprio Iadon*.

– Quem é o herdeiro agora? – ela perguntou.

– Não está decidido – Lukel disse. – Iadon provavelmente planeja ter outro filho. Eshen é jovem o suficiente. Um dos duques mais poderosos provavelmente seria o próximo na linha de sucessão. Lorde Telrii ou Lorde Roial.

– Estão aqui? – Sarene perguntou, perscrutando a multidão.

– Roial não está – Lukel falou. – Mas aquele ali é o duque Telrii.

Lukel acenou com a cabeça na direção de um homem de aspecto pomposo que estava de pé do outro lado da sala. Esbelto e forte, teria sido bonito se não mostrasse sinais de indulgência bruta. Suas roupas brilhavam com joias bordadas e seus dedos resplandeciam a ouro e prata. Quando se virou, Sarene pode ver que o lado esquerdo de seu rosto estava marcado por uma enorme marca de nascimento púrpura.

– Esperemos que o trono nunca caia nas mãos dele – Lukel comentou. – Iadon é desagradável, mas ao menos é fiscalmente responsável. Iadon é um sovina. Telrii, por outro lado, é um perdulário. Gosta de dinheiro, e gosta daqueles que dão dinheiro para ele. Provavelmente seria o homem mais rico de Arelon se não fosse tão gastador. Mas como é, é apenas o terceiro, atrás do rei e do duque Roial.

Sarene franziu o cenho.

– O rei teria deserdado Raoden deixando o país sem um herdeiro claro? Ele não sabe nada sobre guerras de sucessão?

Lukel deu de ombros.

– Aparentemente preferia não ter nenhum herdeiro a correr o risco de deixar o poder para Raoden.

– Não podia deixar que coisas como liberdade e compaixão arruinassem sua monarquiazinha perfeita – comentou Sarene.

– Exatamente.

– E esses nobres que seguiam Raoden. Ainda se encontram?

– Não – Lukel disse com o cenho franzido. – Estão temerosos demais para continuar sem a proteção do príncipe. Estamos certos de que alguns dos mais decididos vão se reunir amanhã pela última vez, mas duvido que algo saia daí.

– Quero estar presente – Sarene disse.

– Esses homens não gostam de recém-chegados, prima – Lukel avisou. – Estão muito nervosos ultimamente, sabem que seus encontros podem ser considerados traição.

– É a última vez que planejam se reunir de qualquer forma. O que vão fazer se eu aparecer? Se recusar a vir novamente?

Lukel fez uma pausa e então sorriu.

– Tudo bem, direi ao meu pai, e ele encontrará um meio para que você participe.

– Nós dois podemos falar com ele durante o almoço – Sarene propôs, dirigindo

um último olhar insatisfeito para sua tela e começando a guardar suas tintas.

– Então vai almoçar conosco, depois de tudo?

– Bem, tio Kiin prometeu preparar um mexido fjordênico. Além disso, depois de tudo o que descobri hoje, não acho que possa ficar sentada aqui escutando as decisões de Iadon por muito mais tempo. Sou capaz de começar a atirar tintas se ele me deixar mais irritada.

Lukel riu.

– Isso provavelmente não seria uma boa ideia, sendo ou não princesa. Venha, Kaise ficará enlevada com sua presença. E meu pai sempre cozinha melhor quando temos companhia.

***

Lukel tinha razão.

– Ela está *aqui*! – Kaise exclamou com um grito entusiasmado quando viu Sarene entrar. – Pai, você tem que fazer o almoço!

Jalla apareceu para receber o esposo com um abraço e um beijo rápido. A mulher svordish sussurrou algo para Lukel em fjordênico, e ele sorriu, acariciando o ombro dela com afeto. Sarene os observou com inveja, e então controlou-se, cerrando os dentes. Era uma princesa teodena; não devia reclamar sobre a necessidade dos casamentos políticos. Se Domi tinha levado seu marido antes que pudesse conhecê-lo, então Ele obviamente queria deixar a mente dela livre para outras preocupações.

Tio Kiin saiu da cozinha, colocou um livro no bolso do avental e deu um de seus abraços apertados em Sarene.

– Então você não resistiu, no final das contas. A atração da cozinha mágica do Kiin foi demais para você, né?

– Não, papai, ela está só com *fome* – anunciou Kaise.

– Ah, então é isso. Bem, sente-se, Sarene. O almoço estará pronto em alguns instantes.

A refeição desenrolou-se quase do mesmo jeito que o jantar na noite anterior, com Kaise reclamando da demora, Daorn tentando agir de modo mais maduro do que a irmã e Lukel implicando com ambos implacavelmente – como era o dever solene de qualquer irmão mais velho. Adien apareceu mais tarde, com ares distraídos, enquanto murmurava números em voz baixa. Kiin serviu vários pratos fumegantes, desculpando-se pela ausência da esposa por causa de um compromisso prévio.

O almoço estava delicioso – a comida, boa, a conversa agradável. Quer dizer, até que Lukel decidiu informar à família sobre os talentos da prima na pintura.

– Sarene estava ocupada com algum tipo de novo abstracionismo – seu primo declarou com voz completamente séria.

– Ah, é verdade? – Kiin perguntou.

– Sim – Lukel respondeu. – Ainda que não possa dizer que tipo de afirmação tentava fazer representando uma flor com uma mancha marrom que parecia vagamente um cavalo.

Sarene corou enquanto todos na mesa riam. Mas não tinha acabado – Ashe escolheu esse momento para traí-la também.

– Ela chama de escola de desorientação criativa – o seon explicou solenemente em sua voz firme e profunda. – Acredito que a princesa sente-se dotada de uma capacidade artística que supera completamente a habilidade de alguém distinguir o objeto de sua obra.

Isso era demais para Kiin, que quase caiu da cadeira de tanto rir. Mas logo o tormento de Sarene acabou, quando o tema da conversa sofreu uma leve mudança – e seu conteúdo tinha algum interesse para a princesa.

– Não existe escola de desorientação criativa – Kaise os informou.

– Não existe? – seu pai perguntou.

– Não. Há a escola impressionista, a escola neorrepresentativa, a escola derivativa abstrata e a escola revivacionista. Só essas.

– Ah... só essas? – Lukel perguntou divertido.

– Sim – Kaise afirmou. – Existia um movimento realista, mas é o mesmo que a escola neorrepresentativa. Só mudaram o nome para parecer mais importante.

– Pare de tentar se exibir para a princesa – Daorn murmurou.

– Não estou me exibindo – Kaise respondeu. – Estou sendo *culta*.

– Você é muito exibida – Daorn disse. – Além disso, a escola realista *não* é o mesmo que a escola neorrepresentativa.

– Daorn, pare de discutir com sua irmã – Kiin ordenou. – Kaise, pare de se exibir.

Kaise fez uma careta, então se recostou na cadeira com uma expressão mal-humorada e começou a murmurar incoerências.

– O que ela está fazendo? – Sarene perguntou, confusa.

– Está nos amaldiçoando em jindonês. – Daorn explicou. – Sempre faz isso quando perde uma discussão.

– Ela acha que pode salvar as aparências falando em outros idiomas – Lukel falou. – Como se isso provasse que realmente é mais inteligente do que o resto do mundo.

Com isso, a torrente de palavras que saía da boca da garotinha loira mudou de direção. De repente, Sarene percebeu que agora Kaise murmurava em fjordênico. Mas, a menina ainda não terminara: encerrou o discurso com uma breve, mas irônica, acusação que soou como dula.

– Quantos idiomas ela fala? – Sarene perguntou espantada.

– Ah, quatro ou cinco, a menos que tenha aprendido um novo enquanto eu não estava olhando – Lukel respondeu. – Ainda que logo terá que parar. Os cientistas

svordish afirmam que a mente humana só pode dominar seis idiomas antes de começar a misturá-los.

– Uma das missões da vida da pequena Kaise é demonstrar que estão enganados – Kiin explicou com sua voz grave e áspera. – Essa e comer cada porção de comida que possa ser encontrada em toda Arelon.

Kaise olhou para o pai, levantando o queixo com um gesto de desprezo, e se voltou para sua refeição.

– Os dois são tão bem informados – Sarene disse com surpresa.

– Não se impressione demais – Lukel falou. – Os tutores deles têm trabalhado com história da arte ultimamente, e eles dois se esforçam para provar que podem superar um ao outro.

– Mesmo assim – Sarene comentou.

Kaise, ainda incomodada com sua derrota, murmurou algo.

– O que foi isso? – Kiin perguntou em tom firme.

– Eu disse "se o príncipe estivesse aqui, *ele* teria me escutado". Ele sempre ficava do meu lado.

– Ele apenas *fingia* que concordava com você – Daorn disse. – Isso se chama sarcasmo, Kaise.

Kaise mostrou a língua para o irmão.

– Ele achava que eu era bonita e me amava. Estava esperando que eu crescesse para se casar comigo. Então eu seria rainha, e jogaria você no calabouço até que admitisse que estou certa.

– Ele não teria se casado com você, estúpida – Daorn disse com uma careta. – Ele se casou com Sarene.

Kiin deve ter notado a expressão de Sarene quando o nome do príncipe foi citado, pois rapidamente fez os dois filhos se calarem com um olhar duro. Mas o dano estava feito. Quanto mais sabia sobre ele, mais Sarene se lembrava da voz suave e encorajadora do príncipe viajando centenas de quilômetros através do seon para falar com ela. Pensou na maneira com que as cartas dele falavam da vida em Arelon, explicando como estava preparando um lugar para ela. Estava tão animada em conhecê-lo que decidira partir de Teod uma semana antes. Mas não cedo o bastante, pelo jeito.

Talvez devesse ter ouvido seu pai. Ele se mostrara hesitante em concordar com o casamento, mesmo sabendo da necessidade que Teod tinha de uma aliança sólida com o novo governo areleno. Ainda que os dois países descendessem da mesma raça e da mesma herança cultural, não havia muita relação entre Teod e Arelon na última década. Os tumultos após o Reod ameaçavam qualquer um que se associasse com os elantrinos – e isso certamente incluía a realeza teodena. Mas com Fjorden forçando os limites de sua influência novamente – desta vez instigado pela queda da

República Dula – tornou-se óbvio que Teod precisava voltar a se relacionar com seu antigo aliado, ou enfrentar as hordas de Wyrn sozinho.

E então Sarene sugerira o casamento. Seu pai se opusera no início, mas então cedera diante da total praticidade dela. Não havia laço mais forte do que o de sangue, especialmente quando o casamento envolvia o príncipe herdeiro. Não importava que um matrimônio real impedisse Sarene de se casar novamente; Raoden era jovem e forte. Todos supunham que viveria por décadas.

Kiin estava falando com ela.

– O que foi, tio? – Sarene perguntou.

– Eu só perguntei se havia algo que gostaria de ver em Kae. Já está aqui há um par de dias; provavelmente é hora de alguém fazer um *tour* com você. Estou certo de que Lukel ficará feliz em lhe mostrar as atrações turísticas.

O homem magro levantou as mãos.

– Sinto muito, pai. Adoraria mostrar a cidade à nossa bela prima, mas Jalla e eu temos que discutir a compra de um carregamento de seda para Teod.

– Vocês dois? – Sarene perguntou com surpresa.

– É claro. – Lukel falou, soltando o guardanapo na mesa. – Jalla é uma regateadora feroz.

– É a única razão pela qual ele se casou comigo – a mulher svordish confessou com seu sotaque pesado e um leve sorriso. – Lukel é um mercador. Lucro é tudo, inclusive no casamento.

– É isso mesmo – Lukel concordou com uma gargalhada, pegando a mão que a mulher levantava. – O fato de ser inteligente e bonita não tem nada a ver. Obrigado pela refeição, pai. Estava deliciosa. Um bom dia para todos.

Com isso, o casal se foi, um olhando para o outro enquanto partiam. Sua saída foi seguida por uma série de sons de repulsa de Daorn.

– Argh. Pai, você devia falar com eles. São tão melosos que fica difícil comer.

– A mente do nosso querido irmão se transformou em pasta – Kaise concordou.

– Sejam pacientes, crianças – Kiin falou. – Lukel está casado há apenas um mês. Em pouco tempo voltará ao normal.

– Espero que sim – Kaise disse. – Está me enojando.

É claro que não *parecia* ser tão nojento para Sarene; ainda estava engolindo a comida com ansiedade.

Ao lado de Sarene, Adien continuava a murmurar. Não parecia dizer outra coisa além de números – isso e, de vez em quando, uma palavra que soava como "Elantris".

– Eu gostaria de ver a cidade, tio – Sarene disse, e os comentários do menino a fizeram se lembrar de algo. – Especialmente Elantris, quero saber a que se deve tanto furor.

Kiin coçou o queixo.

– Bem – disse –, suponho que os gêmeos possam mostrá-la a você. Eles sabem como chegar a Elantris, e isso me deixará livre deles por um tempo.

– Gêmeos?

Kiin sorriu.

– É o apelido que Lukel deu para eles.

– Um que odiamos – Daorn comentou. – Não somos gêmeos; nem sequer somos parecidos.

Sarene observou as duas crianças, com seus cachos de cabelos loiros iguais e suas expressões determinadas idênticas, e sorriu.

– Nem um pouco – concordou.

***

A muralha de Elantris se erguia sobre Kae como um sentinela desaprovador. Caminhando pela base da construção, Sarene finalmente percebeu o quanto era formidável. Certa vez visitara Fjorden, e se impressionara com as muitas cidades fortificadas da nação – mas nem mesmo elas podiam competir com Elantris. A muralha era tão alta – suas paredes tão lisas – que obviamente não tinha sido construída por mãos humanas normais. Haviam enormes e intrincados aons esculpidos nas laterais – muitos dos quais Sarene não conhecia, mesmo que acreditasse que tinha uma boa educação.

As crianças a levaram a um enorme conjunto de escadas de pedra na face exterior da muralha. Magnificamente entalhadas, com arcos e frequentes plataformas que serviam como mirantes, até as escadas eram esculpidas com certa realeza. Davam também uma sensação de "arrogância". Eram obviamente parte do desenho original da cidade de Elantris, e demonstravam que as enormes muralhas haviam sido construídas não como defesa, mas como um meio de separação. Apenas um povo supremamente confiante em si mesmo poderia criar uma fortificação tão incrível e então colocar um amplo conjunto de escadas no exterior que levava até o topo.

Essa confiança se provara injustificada, pois Elantris caíra. Mesmo assim, Sarene recordou a si mesma, não haviam sido invasores que tomaram a cidade, mas algo diferente. Algo ainda não compreendido. O Reod.

Sarene parou em uma balaustrada de pedra, a meio caminho do alto da muralha, e observou a cidade de Kae. A cidade menor parecia uma irmãzinha da grande Elantris – tentando arduamente provar sua importância, mas perto de uma cidade tão imensa só podia parecer inferior. Suas construções pareceriam impressionantes em qualquer outro lugar, mas se aparentavam diminutas – até mesmo insignificantes – se comparadas com a majestade de Elantris.

Insignificante ou não, Sarene disse a si mesma, *Kae deve ser meu foco. Os dias*

de Elantris já se foram.

Várias pequenas bolhas de luz flutuavam ao longo da muralha – alguns dos primeiros seons que Sarene via naquele espaço. Sentiu-se animada de início, mas se lembrou das histórias. No início, os seons não haviam sido afetados pela Shaod – mas aquilo mudara com a queda de Elantris. Agora, quando uma pessoa era tomada pela Shaod, seu seon – se tinha um – sofria com uma espécie de loucura. Os seons na muralha flutuavam sem rumo, como crianças perdidas. A princesa soube sem perguntar que ali era onde esses seons enlouquecidos se reuniam, depois que seus mestres caíam.

Sarene afastou o olhar dos seons, acenando com a cabeça para as crianças, e continuou a subida pelo enorme conjunto de degraus. Kae podia ser o centro de sua atenção, mas ainda queria ver Elantris. Havia algo na cidade – o tamanho, os aons, a reputação – que tinha que vivenciar por si mesma.

Enquanto caminhava, era capaz de estender o braço e passar a mão pelo sulco de um aon entalhado no lado externo da muralha da cidade. A linha era tão larga quanto sua mão. Não havia vãos onde pedra encontrava com pedra. Era como lera: a muralha inteira era uma única pedra, sem fissuras.

Mas já não era perfeita. Pedaços do imenso monólito desmoronavam e rachavam, especialmente perto do topo. Enquanto se aproximavam do final da escalada, havia lugares em que grandes partes da muralha haviam despencado, deixando feridas abertas na pedra que lembravam marcas de mordidas. Mesmo assim, a muralha era impressionante, especialmente quando se estava no topo, contemplando o terreno abaixo.

– Ah, céus – Sarene disse, sentindo-se um pouco tonta.

Daorn segurou a parte de trás de seu vestido rapidamente.

– Não chegue muito perto, Sarene.

– Estou bem – ela disse, com voz atordoada. Mesmo assim, deixou que o menino a tirasse dali.

Ashe flutuou ao lado dela, brilhando de preocupação.

– Talvez isso não tenha sido uma boa ideia, minha senhora. Sabe como se sente nas alturas.

– Bobagem – Sarene disse, recuperando-se. Então notou pela primeira vez a grande aglomeração de pessoas em cima da muralha perto dali. Uma voz penetrante erguia-se por sobre o grupo: uma voz que não podia distinguir completamente. – O que é aquilo?

Os gêmeos trocaram gestos mútuos de confusão, dando de ombros.

– Não sei – disse Daorn.

– Esse lugar é normalmente vazio, exceto pelos guardas – Kaise acrescentou.

– Vamos dar uma olhada – Sarene sugeriu. Não tinha certeza, mas parecia ter

reconhecido o sotaque da voz. Quando se aproximaram da multidão, confirmou sua suspeita.

– É o gyorn! – Kaise exclamou, animada. – Eu queria vê-lo.

E saiu correndo, perdendo-se na multidão. Sarene podia ouvir gritos abafados de surpresa e desconforto enquanto a garotinha abria caminho até a frente do grupo. Daorn deu um olhar ansioso para a irmã e avançou um passo, então olhou para Sarene e decidiu ficar ao lado dela como um guia diligente.

Daorn não precisava se preocupar em ver o gyorn, no entanto. Sarene era um pouco mais discreta do que sua jovem prima, mas estava tão determinada quanto a menina a se aproximar o suficiente para ouvir Hrathen. Então, com o pequeno guarda ao seu lado, Sarene educadamente – mas de modo resoluto – abriu caminho pela multidão até ficar na frente do sumo sacerdote.

Hrathen estava de pé em um pequeno mirante construído na muralha de Elantris. Estava de costas para a multidão, mas posicionado de tal maneira que suas palavras chegavam a todos os ouvintes. Seu discurso era obviamente destinado aos ouvidos dos que estavam com ele e não aos que estavam abaixo. Sarene deu apenas um rápido olhar para Elantris – poderia observar a cidade mais tarde.

– Olhem para eles! – Hrathen ordenou, gesticulando na direção da cidade. – Perderam o direito de serem homens. São animais, sem vontade ou desejo de servir ao Senhor Jaddeth. Não conhecem nenhum Deus, e podem seguir apenas seus instintos.

Sarene franziu o cenho. O Shu-Dereth ensinava que a única diferença entre os homens e os animais era a capacidade humana de adorar Deus, ou "Jaddeth", em fjordênico. A doutrina não era nova para Sarene; seu pai se assegurara de incluir um extenso conhecimento de Shu-Dereth na educação dela. O que não conseguia entender era por que um gyorn perdia tempo com os elantrinos. O que poderia ganhar denunciando um grupo que já fora tão fortemente abatido?

Uma coisa era clara, no entanto. Se o gyorn via uma razão para pregar contra Elantris, então era dever de Sarene defender a cidade. Era possível bloquear os planos de seu inimigo antes de entendê-los completamente.

– ...como todos sabem, os animais estão muito abaixo dos homens aos olhos do Senhor Jaddeth – Hrathen dizia, e o seu discurso chegava a uma conclusão.

Sarene viu sua oportunidade e a agarrou. Arregalou os olhos, fingindo um ar estúpido de confusão, e – com sua voz mais aguda e inocente – perguntou:

– Por quê?

Hrathen parou. Ela calculara a pergunta para que caísse diretamente no espaço entre duas frases dele. O gyorn vacilou diante da pergunta sagaz, obviamente tentando resgatar seu ímpeto. Mas a colocação de Sarene fora muito habilidosa, e o momento se fora. Ele se virou com um olhar feroz para procurar quem o

interrompera de modo tão estúpido. Tudo o que encontrou foi uma acanhada e perplexa Sarene.

– Por que o quê? – Hrathen exigiu saber.

– Por que os animais estão abaixo dos homens aos olhos de Seu Jaddeth? – ela perguntou.

O gyorn trincou os dentes ao ouvi-la usar o termo "Seu Jaddeth".

– Porque, ao contrário dos homens, eles não podem fazer outra coisa além de seguir seus instintos.

A afirmativa-padrão seguinte a tal colocação teria sido "Mas os homens também seguem seus instintos", o que teria dado a Hrathen a oportunidade de explicar a diferença entre um homem de Deus e um homem carnal e pecador. Sarene não a formulou.

– Mas ouvi dizer que Seu Jaddeth recompensava a arrogância – Sarene disse, fingindo-se confusa.

O gyorn a olhou com suspeita. A pergunta era um pouco bem colocada demais para vir de alguém tão simples quanto Sarene fingia ser. Hrathen sabia, ou pelo menos suspeitava, que ela estava jogando com ele. Contudo, ainda tinha que responder à questão – se não para ela, para o resto da multidão.

– O *Senhor* Jaddeth recompensa a ambição, não a arrogância – ele disse cuidadosamente.

– Não entendo – Sarene falou. – Não é ambição satisfazer nossos próprios instintos? Por que Seu Jaddeth recompensa isso?

Hrathen estava perdendo a audiência e sabia disso. A pergunta de Sarene era um argumento teológico secular contra o Shu-Dereth, mas a multidão não sabia nada sobre antigas disputas ou refutações intelectuais. Tudo o que sabia era que alguém fazia perguntas que Hrathen não podia responder com rapidez suficiente, ou de modo interessante o bastante para manter sua atenção.

– Arrogância é diferente de carnalidade – Hrathen declarou com voz cortante, fazendo uso de sua posição dominante para retomar o controle da conversa. – As pessoas a serviço do império de Jaddeth são rapidamente recompensadas, tanto aqui quanto na outra vida.

Era um golpe de mestre: ele não só conseguiu mudar o assunto, mas chamar a atenção da multidão para outra ideia. Todo mundo achava recompensas fascinantes. Infelizmente para ele, Sarene ainda não terminara.

– Então, se servimos Jaddeth, nossos instintos são satisfeitos?

– Ninguém serve Jaddeth, somente Wyrn – Hrathen disse bruscamente, enquanto considerava como responder melhor às objeções dela.

Sarene sorriu; estivera esperando que ele cometesse aquele erro. Era um dogma básico no Shu-Dereth que apenas um homem podia servir Jaddeth diretamente; a

religião era muito regimentada, e sua estrutura era reminiscente do governo feudal que antigamente existia em Fjorden. Uma pessoa servia aquelas que estavam sobre ela, que por sua vez também serviam os que estavam acima, e assim sucessivamente até chegar ao Wyrn, que servia Jaddeth diretamente. Todo mundo servia ao império de Jaddeth, mas apenas um homem era sagrado o suficiente para servir a Deus diretamente. Havia muita confusão sobre a distinção, e era comum que os sacerdotes derethi fizessem essa correção como Hrathen acabara de fazer.

Infelizmente, ele também dera a Sarene outra oportunidade.

– Ninguém pode servir Jaddeth? – perguntou, confusa. – Nem mesmo você?

Era um argumento idiota – uma intepretação equivocada do que Hrathen dissera, não um verdadeiro ataque ao Shu-Dereth. Em um debate de puro mérito religioso, Sarene nunca teria sido capaz de enfrentar um gyorn plenamente treinado. No entanto, ela não pretendia desacreditar os ensinamentos de Hrathen, mas apenas arruinar seu discurso.

Hrathen ergueu a cabeça ao ouvir o comentário dela, e imediatamente percebeu seu engano. Todos os seus planos e pensamentos anteriores eram inúteis agora – e a multidão começava a se questionar diante desta nova pergunta.

Nobremente, o gyorn tentou corrigir seu erro, tentando trazer a conversa para terrenos mais familiares, mas Sarene tinha a multidão agora, e agarrou-se a ela com a força que só uma mulher à beira da histeria podia fazer.

– Que vamos fazer? – perguntou, balançando a cabeça. – Temo que essas coisas dos sacerdotes estejam além de pessoas comuns como eu.

E acabou. As pessoas começaram a falar entre si e a se afastarem. A maioria ria das excentricidades dos sacerdotes e do hermetismo do raciocínio teológico. Sarene notou que a maioria era nobre; devia ter custado um grande esforço ao gyorn levá-los ao alto das muralhas de Elantris. Ela se pegou sorrindo perversamente por todos os planos e lisonjas frustrados dele.

Hrathen viu a multidão cuidadosamente reunida se dispersar. Não tentou falar de novo; provavelmente sabia que se gritasse ou se ficasse irritado faria mais mal do que bem.

Surpreendentemente, o gyorn virou as costas para as pessoas que se afastavam e assentiu de maneira apreciativa para Sarene. Não era uma reverência, mas era o gesto mais respeitoso que ela já recebera de um sacerdote derethi. Era o reconhecimento de uma batalha vencida com mérito, uma concessão dada a um oponente valoroso.

– Você joga um jogo perigoso, princesa – Hrathen disse, mantendo baixa a voz levemente carregada pelo sotaque.

– Você descobrirá que sou muito boa com jogos, gyorn – ela replicou.

– Até a próxima rodada, então – ele disse, acenando para que um sacerdote mais

baixo e de cabelos claros o seguisse enquanto começava a descer da muralha. Nos olhos desse outro homem não havia sinal de respeito ou mesmo de tolerância. Queimavam de ódio, e Sarene estremeceu quando ele a encarou. Os dentes do homem estavam apertados, e Sarene teve a sensação de que faltava pouco para que ele a agarrasse pelo pescoço e a jogasse por sobre a muralha. Ficou enjoada só de pensar nisso.

– Aquele ali me preocupa – Ashe comentou ao lado dela. – Já vi homens assim antes, e minha experiência não foi favorável. Uma represa construída tão pobremente acaba por desmoronar.

Sarene assentiu.

– Era aônico, não fjordênico. Parece um pajem ou um ajudante de Hrathen.

– Bem, vamos esperar que o gyorn possa manter seu animal de estimação sob controle, minha senhora.

Ela assentiu, mas sua resposta foi interrompida por uma gargalhada súbita. Virou-se para encontrar Kaise rolando no chão de tanto rir; aparentemente, conseguira conter o riso até que o gyorn estivesse fora de vista.

– Sarene – disse quase sem fôlego –, isso foi *maravilhoso*! Você foi tão estúpida! E a cara dele estava mais vermelha do que a de papai quando descobriu que eu tinha comido todos os seus doces. A cara dele quase combinava com a armadura!

– Não gostei nem um pouco dele – Daorn disse solenemente ao lado de Sarene. Estava parado perto de uma parte aberta do parapeito, olhando para baixo, na direção de Hrathen, enquanto o homem descia o enorme trecho de escadarias até a cidade. – Ele pareceu ser muito rígido. Será que não percebeu que você estava só se *fingindo* de estúpida?

– Provavelmente – Sarene disse, aproximando-se para ajudar Kaise a se levantar e limpando o vestido rosa da menina. – Mas não tinha como provar, então ele teve de fingir que eu falava sério.

– Papai diz que o gyorn está aqui para converter todos nós ao Shu-Dereth – Daorn comentou.

– É mesmo? – Sarene perguntou.

Daorn assentiu.

– Ele também diz que tem medo que Hrathen tenha sucesso. Diz que as colheitas não foram boas no ano passado, e muita gente está sem comida. Se o plantio deste mês não for bem, o próximo inverno será ainda mais difícil, e tempos difíceis deixam as pessoas dispostas a aceitar um homem que prega mudanças.

– Seu pai é um homem sábio, Daorn – Sarene disse.

Seu confronto com Hrathen havia sido pouco mais do que um esporte; a mente das pessoas era inconstante, e os presentes logo teriam esquecido o debate do dia. O que quer que Hrathen estivesse fazendo era parte de algo muito maior – algo relacionado

com Elantris – e Sarene precisava descobrir quais eram as intenções dele. Ao recordar por fim o motivo original de sua visita à muralha, Sarene deu a primeira boa olhada na cidade abaixo.

Antigamente havia sido bonita. O aspecto geral, o modo como os edifícios encaixavam uns nos outros, a maneira como as ruas se cruzavam – o conjunto todo era intencional. Arte em grande escala. A maioria dos arcos desabara, muitos dos telhados abobadados caíra, e mesmo algumas das paredes pareciam ter pouco tempo de vida. Mesmo assim, Sarene podia dizer uma coisa: certa vez Elantris fora bela.

– São tão tristes – Kaise disse ao lado dela, na ponta dos pés para ver por cima da muralha de pedra.

– Quem?

– Eles – Kaise respondeu, apontando para as ruas abaixo.

Havia pessoas lá – formas encolhidas que mal se moviam. Estavam camufladas contra as ruas escuras. Sarene não podia ouvir seus gemidos, mas podia senti-los.

– Ninguém cuida deles – Kaise falou.

– Como comem? – Sarene perguntou. – Alguém deve alimentá-los.

Não conseguia distinguir muitos detalhes das pessoas abaixo – apenas que eram humanos. Ou, pelo menos, que tinham formas humanas. Havia lido muitas coisas confusas a respeito dos elantrinos.

– Ninguém – Daorn falou, parado do outro lado dela. – Ninguém os alimenta. Deviam estar todos mortos..., não têm nada para comer.

– Devem conseguir comida em algum lugar – Sarene ponderou.

Kaise negou com a cabeça.

– Estão mortos, Sarene. Não precisam comer.

– Podem não se mexer muito – Sarene disse depreciativamente – mas obviamente não estão mortos. Olhe, aqueles ali estão em pé.

– Não, Sarene. Estão mortos também. Não precisam comer, não precisam dormir e não envelhecem. Estão todos mortos – a voz de Kaise era estranhamente solene.

– Como sabe tanto sobre isso? – Sarene perguntou, tentando descartar as palavras como produto da imaginação da menina. Infelizmente, essas crianças haviam provado serem notavelmente bem informadas.

– Eu sei – Kaise disse. – Acredite em mim. Estão mortos.

Sarene sentiu os pelos de seus braços se eriçarem, e teimosamente disse a si mesma que não devia acreditar em misticismo. Os elantrinos eram estranhos, isso era verdade, mas não estavam mortos. Devia haver outra explicação.

Perscrutou a cidade mais uma vez, tentando afastar os perturbadores comentários de Kaise de sua mente. Ao fazer isso, seus olhos pousaram em um certo par de figuras – umas que não pareciam tão lamentáveis quanto o resto. Observou as figuras. Eram elantrinos, mas um deles parecia ter a pele mais escura do que o outro.

Estavam agachados no alto de um edifício, e pareciam capazes de se mover, ao contrário da maioria dos outros elantrinos que vira. Havia algo diferente nesses dois.

– Minha senhora? – A voz preocupada de Ashe soou em seu ouvido, e ela percebeu que começara a se inclinar sobre o parapeito de pedra.

Com um sobressalto, olhou para baixo, notando só agora o quão alto estavam. Seus olhos se nublaram, e começou a perder o equilíbrio, paralisada pelo chão ondulante embaixo...

– Minha senhora! – A voz de Ashe veio novamente, tirando-a de seu estupor.

Sarene se afastou da muralha, sentou-se no chão e abraçou os joelhos. Respirou profundamente por um momento.

– Ficarei bem, Ashe.

– Vamos embora deste lugar assim que recuperar o equilíbrio – o seon ordenou com voz firme.

Sarene assentiu distraidamente.

Kaise bufou.

– Sabe, considerando o tanto que é alta, ela tinha que estar acostumada com a altura.

9

Se Dilaf fosse um cão, estaria rosnando. E provavelmente espumando pela boca também, Hrathen decidiu. O arteth estava ainda pior do que o usual depois de visitar a muralha de Elantris.

Hrathen se voltou para olhar a cidade. Estavam quase na capela, mas a enorme muralha que cercava Elantris ainda era visível atrás deles. No alto, em algum lugar, estava a garota irritante que, de algum modo, havia conseguido o melhor dele naquele dia.

– Ela é magnífica – Hrathen disse, apesar de si mesmo. Como qualquer um dos seus, tinha um preconceito inquestionável em relação ao povo teodeno. Teod banira os ministros derethi do país há cinquenta anos, depois de um pequeno mal-entendido, e nunca consentira em tê-los de volta. O rei teodeno estivera a ponto de expulsar os embaixadores fjordênicos também. Não havia um só membro teodeno conhecido do Shu-Dereth, e a casa real daquele país era célebre por suas denúncias mordazes contra tudo o que era derethi.

Mesmo assim, era estimulante conhecer uma pessoa capaz de estragar com tanta facilidade um de seus sermões. Hrathen pregava o Shu-Dereth há tanto tempo, conseguira tal maestria em manipular a opinião pública que há muito não encontrava um desafio. Seu sucesso em Duladel há seis meses provara que podia causar até mesmo a derrocada de nações, se é que alguém tinha essa capacidade.

Infelizmente, em Duladel tivera pouca oposição. Os dulas eram demasiados abertos, demasiados francos para representar um desafio verdadeiro. No fim, com a ruína do governo morto a seus pés, Hrathen se sentira desapontado. Tinha sido quase fácil demais.

– Sim, ela é impressionante – ele disse.

– Está amaldiçoada antes de todos os demais – Dilaf sussurrou. – Um membro da única raça odiada pelo Senhor Jaddeth.

Então era isso que incomodava o arteth. Muitos fjordênicos assumiam que não havia esperança para os teodenos. Era uma tolice, é claro – uma justificativa simples que enchia os inimigos históricos de Fjorden de ódio teológico. Mesmo assim, algumas pessoas acreditavam nisso – e, aparentemente, Dilaf estava entre eles.

– Jaddeth só odeia aqueles que o odeiam – Hrathen falou.

– Eles odeiam Jaddeth.

– A maioria nunca ouviu Seu nome sendo pregado, arteth – Hrathen comentou. – O rei deles, sim; ele está provavelmente amaldiçoado por seu embargo contra os sacerdotes derethi. Mas o povo não teve sequer uma chance. Assim que Arelon cair

diante do Senhor Jaddeth, então nos preocuparemos em entrar em Teod. O país não durará muito tendo o resto do mundo civilizado contra ele.

– Será destruído – Dilaf profetizou com um olhar furioso. – Jaddeth não vai esperar enquanto nossos arteths pregam Seu nome contra os muros impenetráveis dos corações teodenos.

– O Senhor Jaddeth só poderá vir quando todos os homens estiverem unidos sob o governo fjordênico, arteth – Hrathen lembrou, deixando de contemplar Elantris e entrando na capela. – Isso inclui aqueles que estão em Teod.

A resposta de Dilaf foi dada em voz baixa, mas cada palavra ressoou nos ouvidos de Hrathen.

– Talvez – o sacerdote areleno sussurrou. – Mas há outro jeito. O Senhor Jaddeth se levantará quando toda alma *viva* estiver unida, os teodenos não serão um obstáculo se os destruirmos. Quando o último teodeno der o suspiro final, quando os elantrinos forem apagados da face de Sycla, todos os homens seguirão o Wyrn. Então Jaddeth virá.

As palavras eram perturbadoras. Hrathen viera para salvar Arelon, não para queimá-la. Talvez fosse necessário derrubar a monarquia, e talvez tivesse que derramar algum sangue nobre, mas o resultado final seria a redenção de toda a nação. Para Hrathen, unir toda a humanidade significava convertê-los ao derethi, não assassinar os que não acreditavam.

Mas talvez seu caminho fosse equivocado. A paciência de Wyrn parecia levemente maior do que a de Dilaf – o prazo de três meses provava isso. De repente, Hrathen sentiu uma pressa súbita. Wyrn falava sério: a menos que Hrathen convertesse Arelon, o país seria destruído.

– Grande Jaddeth sob... – Hrathen sussurrou, invocando o nome de sua deidade, ato que reservava apenas para os momentos mais sagrados. Certo ou errado, não queria sangrar todo um reino, mesmo um herético. *Devia* ter êxito.

***

Felizmente, a derrota para a garota teodena não fora tão completa quanto supôs. Quando Hrathen chegou ao ponto de encontro – uma grande sala em uma das melhores pousadas de Kae –, muitos dos nobres que convidara aguardavam por ele. O discurso na muralha de Elantris fora apenas uma parte do plano para converter esses homens.

– Saudações, senhores – Hrathen falou com um aceno de cabeça.

– Não finja que está tudo bem entre nós, sacerdote – disse Idan, um dos senhores mais jovens e mais verborrágicos. – Nos prometeu que suas palavras nos trariam poder. Parece que uma poderosa confusão foi a única coisa que conseguiram.

Hrathen fez um gesto com a mão, em desdém.

– Meu discurso confundiu uma garota simplória. Dizem que a bela princesa tem dificuldades em lembrar qual é a mão direita e qual é a esquerda. Não esperava que entendesse meu discurso, mas não me diga que você, Lorde Idan, ficou perdido do mesmo jeito.

Idan corou.

– É claro que não, meu senhor. Só que não vejo como toda essa conversa pode nos trazer poder.

– O poder, meu senhor, vem com a percepção de seu inimigo. – Hrathen passeou pela sala, o sempre presente Dilaf ao seu lado, e escolheu um assento. Alguns gyorns preferiam ficar em pé como forma de intimidação, mas Hrathen achava mais útil se sentar. Com frequência isso fazia com que seus ouvintes (especialmente os que estavam em pé) ficassem desconfortáveis. Uma pessoa parecia ter mais controle quando podia cativar o público sem se erguer sobre ele.

Naturalmente, Idan e os outros logo encontraram seus assentos também. Hrathen apoiou os cotovelos nos braços da cadeira, uniu as mãos e observou a audiência em silêncio. Franziu a testa levemente quando seus olhos pousaram sobre um rosto próximo do fundo da sala. O homem era mais velho, talvez no final da casa dos quarenta, e estava ricamente vestido. A parte mais reveladora de seu aspecto era uma grande marca de nascimento púrpura do lado direito de sua face e pescoço.

Hrathen não convidara o duque Telrii para a reunião. O duque era um dos homens mais poderosos de Arelon, e Hrathen convidara apenas os nobres mais jovens. Presumira ter poucas chances de convencer homens poderosos a seguirem-no; os jovens impacientes por ascender à liderança aristocrática eram em geral mais fáceis de serem manipulados. Hrathen teria de falar com cuidado esta noite – uma poderosa aliança poderia ser sua recompensa.

– Bem – Idan finalmente falou, vacilando diante do olhar penetrante de Hrathen – Quem são eles, então? Quem *você* entende que é nosso inimigo?

– Os elantrinos – Hrathen respondeu simplesmente. Podia sentir a tensão de Dilaf ao seu lado apenas por mencionar a palavra.

O desconforto de Idan desapareceu enquanto gargalhava, olhando para vários de seus companheiros.

– Os elantrinos estão mortos há uma década, fjordênico. Dificilmente são uma ameaça.

– Não, meu jovem senhor – Hrathen afirmou. – Ainda vivem.

– Se pode chamar aquilo de vida.

– Não me refiro aos lamentáveis despojos dentro da cidade – Hrathen falou. – Me refiro aos elantrinos que vivem na mente do povo. Diga-me Idan: já conheceu um homem que acreditasse que os elantrinos voltariam um dia?

As risadas de Idan desapareceram enquanto refletia sobre a pergunta.

– O governo de Iadon está longe de ser absoluto – Hrathen prosseguiu. – Ele é mais um regente do que um rei. O povo não espera realmente que ele seja rei por muito tempo, estão aguardando que seus abençoados elantrinos voltem. Muitos dizem que o Reod é falso, uma espécie de "prova" para ver quem permanece fiel à antiga religião pagã. Todos já ouviram como as pessoas falam dos elantrinos entre sussurros.

As palavras de Hrathen tinham peso. Só estava em Kae há poucos dias, mas ouvira e pesquisara a fundo durante esse tempo. Estava exagerando, mas sabia que o rumor existia.

– Iadon não vê o perigo – Hrathen falou tranquilamente. – Não vê que sua liderança é suportada, em vez de aceita. Enquanto as pessoas tiverem uma lembrança física do poder de Elantris, elas temerão, e enquanto temerem algo mais do que temem ao seu rei, nenhum de *vocês* terá poder. Seus títulos vêm do rei; o poder de vocês é conectado ao dele. Se ele é impotente, vocês também são.

Estavam escutando agora. No coração de cada nobre havia uma insegurança incurável. Hrathen ainda não encontrara um aristocrata que não era ao menos em parte convencido de que os camponeses riam dele pelas costas.

– O Shu-Korath não reconhece o perigo – Hrathen continuou. – Os korathi não fazem nada para denunciar os elantrinos e, com isso, perpetuam a esperança do povo. Por mais irracional que seja, o povo *quer* acreditar que Elantris será restaurada. Lembram do quão grandiosa a cidade era, suas memórias melhoradas por uma década de histórias. É da natureza humana acreditar que outros lugares e outros tempos são melhores do que aqui e agora. Se querem dominar Arelon verdadeiramente, meus caros amigos nobres, então devem acabar com as tolas esperanças de seu povo. Devem encontrar um meio de libertá-los de Elantris.

O jovem Idan assentiu entusiasmado. Hrathen torceu os lábios insatisfeito: o nobre quase imberbe se deixava convencer com muita facilidade. Como acontecia com frequência, o homem mais franco era o que tinha menos discernimento. Ignorando Idan, Hrathen julgou as expressões dos outros. Estavam pensativos, mas não convencidos. O mais maduro Telrii permanecia sentado no fundo, em silêncio, girando o grande rubi que levava em um dedo e observando Hrathen com expressão meditativa.

A incerteza deles era boa. Homens inconstantes como Idan não serviam para ele; era possível ganhá-los com a mesma facilidade com que se podia perdê-los.

– Digam-me, homens de Arelon – Hrathen falou, mudando subitamente de assunto –, já viajaram para os países do Leste?

Vários assentiram. Durante os últimos anos, o Leste recebera uma inundação de visitantes de Arelon que percorriam o antigo Império Fjordênico. Hrathen suspeitava fortemente de que a nova aristocracia de Arelon, ainda mais insegura do que a

maioria dos nobres, sentia um desejo de provar seu grau de refinamento associando-se a reinos como Svorden, o epicentro cultural do Leste.

– Se visitaram os poderosos países do Leste, meus amigos, então conhecem a influência disponível para aqueles que se aliam com o sacerdócio derethi.

"Influência" era, talvez, uma forma suave de dizer. Nenhum rei governava a leste das Montanhas Dathreki a menos que professasse aliança ao Shu-Dereth, e as mais desejáveis e lucrativas posições governamentais sempre ficavam com aqueles que eram diligentes em seu fervor por Jaddeth.

Havia uma promessa implícita nas palavras de Hrathen e – não importava o que mais pudessem discutir naquela noite, não importava outros argumentos que Hrathen pudesse expor – era isso que valeria o apoio deles. Não era segredo que sacerdotes derethi tinham um grande interesse pela política; e a maioria das pessoas sabia que ganhar o apoio da igreja em geral era suficiente para garantir vitória política. Esta era a promessa que os nobres esperavam ouvir, e era por isso que as reclamações da garota teodena não os afetara. Disputas teológicas estavam muito longe da mente desses homens; Shu-Dereth ou Shu-Korath, isso importava pouco para eles. Tudo o que precisavam era da confirmação de que uma súbita efusão de piedade por parte deles seria recompensada com bênçãos temporais – muito tangíveis e consumíveis.

– Basta de jogos de palavras, sacerdote – disse Ramear, um dos nobres mais jovens. Era o segundo filho de um barão sem importância, um homem com um nariz aônico afilado e uma reputação de franqueza: reputação que parecia merecer. – Quero promessas. Está nos dizendo que, se nos convertermos ao derethi, nos garantirá posses maiores?

– Jaddeth recompensa seus seguidores – Hrathen falou, sem se comprometer.

– E como ele nos recompensará? – Ramear exigiu saber. – O Shu-Dereth não tem poder *neste* reino, sacerdote.

– O Senhor Jaddeth tem poder em todos os lugares, amigo – Hrathen garantiu. Então, para evitar novos questionamentos, prosseguiu – É verdade que Ele ainda tem poucos seguidores em Arelon. O mundo, no entanto, é dinâmico, e poucas coisas podem enfrentar o Império de Jaddeth. Lembrem-se de Duladel, meus amigos. Arelon permaneceu intocada por tanto tempo porque não nos incomodamos em empreender esforços para convertê-la. – Uma mentira, ainda que modesta. – O primeiro problema é Elantris. Elimine-a da mente do povo e as pessoas gravitarão na direção do Shu-Dereth. O Shu-Korath é muito tranquilo, muito indolente. Jaddeth crescerá na consciência do povo, e todos procurarão modelos na aristocracia, em homens que tenham os mesmos ideais.

– E então seremos recompensados? – Ramear perguntou claramente.

– O povo nunca aceitará governantes que não acreditam no mesmo que ele. Como a história recente tem mostrado, meus amigos, reis e monarquias dificilmente são

eternos.

Ramear sentou-se enquanto pensava nas palavras do sacerdote. Hrathen tinha que ser cuidadoso ainda; era possível que apenas uns poucos desses homens acabassem apoiando-o, e não queria dar aos outros provas contra si mesmo. Por mais indulgente que pudesse ser em relação à religião, o rei Iadon não toleraria as pregações de Hrathen por muito tempo se achasse que eram traiçoeiras.

Mais adiante, depois que sentisse uma firme convicção entre aqueles inexperientes nobres, Hrathen lhes faria promessas mais concretas. E, não importava o que diziam seus oponentes, as promessas de Hrathen eram verdadeiras; por menos que gostasse de trabalhar com homens cuja aliança podia ser comprada, era uma regra firme do Shu-Dereth que a ambição devia ser recompensada. Além disso, era benéfico ter reputação de honesto, ainda que fosse só para poder mentir nos momentos cruciais.

– Leva tempo para acabar com uma religião e instaurar uma nova em seu lugar – murmurou Waren, um homem magro com cabelo loiro quase platinado. Waren era conhecido por sua piedade estrita; Hrathen se surpreendera ao ver que acompanhara o primo Idan à reunião. Parecia que a renomada fé de Waren era menos uma questão de fervor religioso e mais de vantagem política. Ganhá-lo seria de grande ajuda para a causa, como também para sua reputação.

– Você se surpreenderia, jovem lorde Waren – Hrathen comentou. – Até pouco tempo, Duladel era a sede de uma das mais antigas religiões do mundo. Agora, segundo nos dizem os registros fjordênicos, essa religião foi completamente eliminada, ao menos em sua forma pura.

– Sim – Waren concordou – mas a derrocada da religião Jesker e a república de Duladel são eventos que foram engendrados por anos, talvez por séculos.

– Mas não se pode negar que, quando aconteceu, a mudança no poder foi rápida. – Hrathen falou.

Waren fez uma pausa.

– É verdade.

– A queda dos elantrinos foi igualmente rápida – Hrathen disse. – A mudança pode vir em velocidade vertiginosa, Lorde Waren, mas aqueles que estão preparados podem se beneficiar muito com ela. Você diz que a queda de Jesker foi engendrada por anos, bem, sugiro a você que a religião korathi está em declínio há uma quantidade similar de tempo. Costumava ter muito mais penetração no Leste. Agora, sua influência está limitada a Teod e Arelon.

Waren fez uma pausa, pensativo. Parecia ser um homem inteligente e obstinado, e a lógica de Hrathen o surpreendia. Era possível que Hrathen tivesse julgado mal a nobreza arelena. Muitos deles eram casos perdidos como seu rei, mas um número surpreendente parecia promissor. Talvez percebessem o quão precária era a situação

deles – o povo faminto, a aristocracia inexperiente e a atenção completa do Império Fjordênico voltada para eles. Quando chegasse a tempestade, a maior parte de Arelon se surpreenderia como roedores aturdidos por uma luz repentina. Esses poucos lordes, contudo, podiam merecer salvação.

– Meus senhores, espero que examinem minhas ofertas com mais sabedoria do que seu rei – Hrathen falou. – Esses são tempos difíceis, e aqueles que não tiverem apoio da Igreja acharão a vida dura nos próximos meses. Lembrem-se quem e o que represento.

– Lembrem-se de Elantris – uma voz, a de Dilaf, sussurrou ao lado de Hrathen. – Não se esqueçam do poço de profanação que contamina nossa terra. Eles dormem e esperam, espertos como sempre. Esperam para capturá-los, e a todos nós, para arrastá-los em um abraço. Devem limpar o mundo deles antes que eliminem *vocês*.

Houve um desconfortável momento de silêncio. Finalmente – a súbita intervenção do arteth arruinara seu ritmo – Hrathen se recostou em seu assento, cruzando os dedos diante de si para mostrar que a reunião estava encerrada. Os nobres partiram, seus rostos preocupados mostrando que entendiam a difícil decisão diante da qual Hrathen os colocara. O gyorn os observou, decidindo quais valiam a pena serem contatados novamente. Idan era seu, e com ele viriam inevitavelmente vários de seus seguidores. Hrathen provavelmente também tinha Ramear, supondo que se reunisse com ele em particular e fizesse uma promessa sólida de apoio. Havia alguns outros como Ramear, e havia Waren, cujos olhos estavam repletos de algo que parecia respeito. Sim, podia fazer grandes coisas com Waren.

Era um grupo politicamente fraco, relativamente pouco importante, mas era um começo. Conforme o Shu-Dereth fosse ganhando seguidores, nobres cada vez mais importantes apoiariam Hrathen. Então, quando o país finalmente desabasse sob o peso da inquietude política, da incerteza econômica e das ameaças bélicas, Hrathen recompensaria seus seguidores com posições no novo governo.

A chave para alcançar esse sucesso ainda estava sentada no fundo da sala, observando em silêncio. O ar do duque Telrii era tranquilo, seu rosto calmo, mas sua reputação de extravagância indicava um grande potencial.

– Meu senhor Telrii, um momento, por favor – Hrathen pediu, levantando-se. – Tenho uma proposta especial que pode ser do seu interesse.

—Sule, não acho que seja uma boa ideia – Galladon sussurrou sem entusiasmo, enquanto se agachava ao lado de Raoden.

– Quieto – Raoden ordenou, espiando pela esquina até o pátio. As gangues haviam ouvido sobre como Raoden recrutara Mareshe, e estavam convencidas de que ele pretendia começar sua própria gangue rival. Quando Raoden e Galladon chegaram no dia anterior em busca de recém-chegados, encontraram um grupo de homens de Aanden esperando por eles. A recepção não fora agradável. Felizmente, haviam escapado sem ossos quebrados ou topadas nos dedos dos pés, mas desta vez Raoden pretendia ser um pouco mais sutil.

– E se estiverem esperando por nós outra vez? – Galladon perguntou.

– Provavelmente estão – Raoden respondeu. – E é por isso que temos de manter a voz baixa. Vamos.

Raoden deslizou pela esquina até o beco. Seu dedo doía enquanto caminhava, assim como os arranhões na mão e um hematoma que tinha no braço. Além disso, a fome chamava por ele, uma paixão fantasmagórica que vinha do fundo de seu ser.

Galladon suspirou.

– Não estou tão aborrecido com a morte para abandoná-la em favor de uma existência de pura dor. Kolo?

Raoden se virou, com um olhar tolerante.

– Galladon, algum dia você vai superar esse seu pessimismo, e toda Elantris desabará com a comoção.

– Pessimismo? – Galladon perguntou enquanto Raoden percorria o beco. – Pessimismo? Eu? Os dulas são o povo mais despreocupado e calmo em Opelon! Olhamos cada dia com... Sule! Não se atreva a não me ouvir quando estou me defendendo!

Raoden ignorou o grande dula. Também tentou ignorar suas dores, por mais agudas que fossem. Seus novos sapatos de couro ajudavam imensamente; apesar das reservas de Galladon, Mareshe criara um produto à altura de seu considerável ego. Os sapatos eram robustos, com solas fortes e protetoras, mas o couro suave – das capas dos livros de Galladon – servia perfeitamente e não machucava.

Espiando com cuidado pela esquina, Raoden observou o pátio. Os homens de Shaor não estavam visíveis, mas provavelmente estavam escondidos nas proximidades. Raoden ergueu a cabeça quando viu que os portões da cidade se abriam. O dia trouxera uma nova chegada. Mas ficou surpreso quando a guarda de Elantris empurrou não uma, mas três formas brancas pelo portão.

– *Três*? – Raoden se espantou.

– A Shaod é imprevisível, sule – Galladon falou atrás dele.

– Isso muda tudo – Raoden disse aborrecido.

– Bem. Vamos embora, os outros podem ficar com as ofertas de hoje. Kolo?

– O quê? E perder uma oportunidade dessas? Galladon, estou desapontado com você.

O dula grunhiu alguma coisa que não conseguiu entender, e Raoden colocou a mão reconfortantemente no ombro do grandalhão. – Não se preocupe. Tenho um plano.

– Já?

– Temos que nos mover rápido. A qualquer momento um dos três dará um passo e então nossa oportunidade terá desaparecido.

– Doloken – Galladon murmurou. – O que vai fazer?

– Nada. Você, no entanto, vai dar um belo passeio no pátio.

– *O quê*? – Galladon perguntou. – Sule, está ficando kayana novamente. Se eu for até lá, as gangues me verão.

– Exatamente – Raoden disse com um sorriso. – Só se assegure de correr bem rápido, meu amigo. Não queremos que peguem você.

– Está falando sério – Galladon comentou com apreensão crescente.

– Infelizmente. Agora, vamos em frente. Leve-os para a esquerda, e eu farei o resto. Nos encontraremos de novo onde deixamos Mareshe.

Galladon resmungou algo sobre "nem por toda a carne seca do mundo", mas deixou que Raoden o empurrasse na direção do pátio. Um momento depois, uma série de grunhidos assustados vieram do edifício onde os homens de Shaor costumavam se esconder. Os ferozes bandidos saíram correndo, esquecendo os três recém-chegados em seu ódio pelo homem que os enganara há alguns dias.

Galladon deu um olhar desanimado na direção de Raoden, e logo começou a correr, escolhendo uma rua aleatória e levando os homens de Shaor dali. Raoden lhe deu um momento de vantagem, então correu para o meio do pátio, fazendo uma grande encenação de respirar profundamente, como se estivesse exausto.

– Por onde ele foi? – perguntou bruscamente aos três confusos recém-chegados.

– Quem? – um deles finalmente se atreveu a dizer.

– O dula grandão! Rápido, homem, por onde ele foi? Ele tem a cura!

– A cura? – o homem perguntou com surpresa.

– É claro. É muito rara, mas deve ser o suficiente para todos nós, se me disser por onde foi. Não quer sair daqui?

O recém-chegado levantou uma mão trêmula e apontou o caminho tomado por Galladon.

– Vamos! – Raoden instou. – Se não formos rápidos, o perderemos para sempre!

Os três recém-chegados ficaram parados por um instante; então, a pressa de Raoden foi demais para eles, e o seguiram. Seus primeiros passos, portanto, foram para o norte: a direção que os teria convertido em propriedade dos homens de Shaor. As outras duas gangues só podiam observar com frustração enquanto os três se afastavam.

***

– O que sabe fazer? – Raoden perguntou.

A mulher deu de ombros.

– Meu nome é Maare, meu senhor. Era uma simples dona de casa. Não tenho nenhuma habilidade especial.

Raoden bufou.

– Se é como qualquer outra dona de casa, provavelmente tem mais habilidades do que qualquer um aqui. Sabe tecer?

– É claro, meu senhor.

Raoden assentiu, pensativo.

– E você? – perguntou para o outro homem.

– Riil, um operário, meu senhor. Passei quase toda a vida construindo na fazenda do meu amo.

– Rebocando tijolos?

– No início, meu senhor – o homem disse. Tinha as mãos largas e o rosto ingênuo de um trabalhador, mas seus olhos eram agudos e inteligentes. – Passei anos aprendendo com os artífices. Esperava que meu amo me enviasse para ser aprendiz.

– É velho demais para ser aprendiz – Raoden observou.

– Eu sei, meu senhor, mas era uma esperança. Não são muitos camponeses que têm espaço para esperanças, nem mesmo para as mais simples.

Raoden assentiu novamente. O homem não falava como um camponês, mas poucas pessoas em Arelon o faziam. Há dez anos, Arelon fora uma terra de oportunidades, e a maior parte de seu povo fora ao menos superficialmente educada. Muitos dos homens da corte de seu pai reclamavam que o ensino arruinara o campesinato, esquecendo oportunamente que eles mesmos faziam parte daquele "campesinato" uma década antes.

– Muito bem, e você? – Raoden perguntou para o outro.

O terceiro recém-chegado, um homem musculoso com um nariz que parecia ter sido quebrado ao menos uma dúzia de vezes, observou Raoden com olhos hesitantes.

– Antes de responder, quero saber por que deveria escutar você.

– Porque acabo de salvar sua vida – Raoden disse.

– Não entendo. O que aconteceu com aquele outro homem?

– Ele aparecerá em alguns minutos.

– Mas...

– Na verdade, não estávamos perseguindo-o – Raoden explicou. – Estávamos tirando vocês três do perigo. Mareshe, por favor, explique.

O artesão aproveitou a oportunidade. Com gestos largos, explicou sua fuga dois dias antes, fazendo parecer que estava à beira da morte antes que Raoden aparecesse para levá-lo a um lugar seguro. Raoden sorriu; Mareshe tinha uma alma melodramática. A voz do artista se erguia e caía como uma sinfonia bem escrita. Ouvindo a narrativa do homem, até mesmo Raoden esteve a ponto de acreditar que fizera algo incrivelmente nobre.

Mareshe terminou proclamando que Raoden era digno de confiança, e encorajando todos eles a escutá-lo. No final, até mesmo o homem corpulento de nariz adunco estava atento.

– Meu nome é Saolin, Lorde Espírito – o homem disse – e era soldado na legião pessoal do conde Eondel.

– Conheço Eondel – Raoden assentiu. – É um bom homem, um soldado ele mesmo, antes de ganhar um título. Você provavelmente foi bem treinado.

– Somos os melhores soldados do país, senhor – Saolin disse, com orgulho.

Raoden sorriu.

– Não é difícil ser os melhores soldados do nosso pobre país, Saolin. Contudo, a legião de Eondel enfrentaria soldados de qualquer nação. Sei que são homens honrados, disciplinados e habilidosos. Iguais ao seu líder. Dar um título a Eondel é uma das poucas coisas inteligentes que Iadon fez recentemente.

– Pelo que entendo, meu senhor, o rei não teve muita escolha – Saolin disse com um sorriso, mostrando uma boca na qual faltava um par de dentes. – Eondel acumulou uma grande fortuna fornecendo os serviços de sua força pessoal para a Coroa.

– É verdade – Raoden disse com uma risada. – Bem, Saolin, me alegro em poder contar com você. Um soldado profissional com sua habilidade sem dúvida fará com que todos nos sintamos um pouco mais seguros por aqui.

– O que quer que Vossa Senhoria precisar – Saolin disse com o rosto sério. – Ofereço minha espada ao senhor. Sei pouco sobre religião, além das minhas orações, e não entendo realmente o que acontece aqui, mas um homem que fala bem de Lorde Eondel é um bom homem na minha estima.

Raoden bateu no ombro de Saolin, ignorando o fato de que o soldado grisalho não tinha mais uma espada para oferecer.

– Aprecio e aceito sua proteção, amigo. Mas aviso: não é uma tarefa fácil essa que toma para si. Estou reunindo inimigos aqui, e isso vai exigir muita vigilância para garantir que não sejamos atacados de surpresa.

– Entendo, meu senhor – Saolin respondeu fervorosamente. – Mas, por Domi, não o deixarei na mão!

– E quanto a nós, meu senhor? – perguntou Riil, o construtor.

– Tenho um grande projeto em mente para vocês dois também – Raoden falou. – Olhe para cima e me diga o que vê.

Riil ergueu os olhos para o céu, confuso.

– Não vejo nada, meu senhor. Deveria?

Raoden deu uma risada.

– Nada, Riil. Esse é o problema: o telhado deste edifício deve ter caído há anos. Apesar disso, é uma das construções maiores e menos degeneradas que encontrei. Suponho que seu treinamento incluiu alguma experiência com a construção de telhados?

Riil sorriu.

– Certamente, meu senhor. Tem materiais?

– Essa é a parte difícil, Riil. Toda a madeira de Elantris está quebrada ou podre.

– Isso é um problema – Riil reconheceu. – Talvez se secarmos a madeira e a misturarmos com barro...

– Não é uma tarefa fácil, Riil, Maare – Raoden falou.

– Faremos o melhor possível, meu senhor – Maare assegurou.

– Muito bem – Raoden disse, com um aceno de cabeça aprovador. Sua postura, unida à insegurança deles, fazia com que fossem rápidos em entender. Não era lealdade, não ainda. Era de esperar que com o tempo ganhasse a confiança deles, além de suas palavras.

– Agora, Mareshe – Raoden prosseguiu – por favor, explique aos nossos novos amigos o que significa ser um elantrino. Não quero que Riil caia do alto de um edifício antes de perceber que quebrar o pescoço não significará necessariamente o final da dor.

– Sim, meu senhor – Mareshe disse, olhando a comida dos recém-chegados que estava colocada em uma área relativamente limpa do chão. A fome já estava afetando-o.

Raoden escolheu cuidadosamente alguns poucos itens das oferendas e fez sinal para os demais.

– Dividam isso entre vocês e comam. Guardar não adiantará de nada: a fome começará imediatamente, e farão bem em consumir isso antes que o tempo os deixe gananciosos.

Os quatro assentiram, e Mareshe começou a explicar as limitações da vida em Elantris enquanto dividia a comida. Raoden observou por um momento, então se afastou para pensar.

– Sule, minha hama o amaria. Ela sempre reclamava que eu não fazia exercício

suficiente.

Raoden levantou a cabeça e viu Galladon entrar no aposento.

– Bem-vindo de volta, meu amigo – Raoden disse com um sorriso. – Estava começando a me preocupar.

Galladon bufou.

– Não vi preocupação quando me empurrou para dentro do pátio. Já vi minhocas nos anzóis tratadas com mais gentileza. Kolo?

– Ah, mas você foi uma isca fantástica – Raoden falou. – Além disso, deu certo. Conseguimos os recém-chegados, e você parece não ter nenhum hematoma.

– Um estado que provavelmente é fonte de grande descontentamento para os cães de Shaor.

– Como escapou deles? – Raoden perguntou, estendendo para o dula um pão que escolhera para ele. Galladon pegou, partiu ao meio e ofereceu uma parte para Raoden, que recusou com um aceno.

Galladon deu de ombros, como se dissesse: "tudo bem, passe fome se quiser", e começou a mordiscar o pão.

– Corri até um edifício com as escadarias destruídas e saí pela porta de trás – explicou entre as dentadas. – Joguei algumas pedras no teto enquanto os homens de Shaor entravam. Depois do que você fez outro dia, imaginaram que eu estava lá encima. Provavelmente ainda estão sentados por lá, esperando por mim.

– Muito astuto.

– Alguém não me deixou com outra alternativa. – Galladon continuou a comer em silêncio, ouvindo os recém-chegados discutirem seus vários "importantes deveres". – Vai dizer aquilo para todos eles? – perguntou em voz baixa.

– Aquilo o quê?

– Os recém-chegados, amigo. Convenceu todos eles a acreditarem que são de importância vital, assim como fez com Mareshe. Os sapatos são bons, mas não são uma questão de vida ou morte.

Raoden deu de ombros.

– As pessoas fazem um trabalho melhor quando acreditam que é importante.

Galladon ficou quieto por um instante antes de voltar a falar.

– Estão certos.

– Quem?

– As outras gangues. Você está começando sua própria gangue.

Raoden negou com a cabeça.

– Galladon, isso é apenas uma pequena parte. Ninguém realiza nada em Elantris: estão todos ocupados demais brigando por comida ou contemplando a própria miséria. A cidade precisa de uma sensação de propósito.

– Estamos mortos, sule – Galladon falou. – Que propósito podemos ter, além de

sofrer?

– Esse é exatamente o problema. Todo mundo está convencido de que sua vida acabou só porque seus corações pararam de bater.

– Isso costuma ser um bom indicativo, sule – Galladon comentou secamente.

– Não no nosso caso, meu amigo. Precisamos nos convencer de que podemos continuar. A Shaod não está causando toda a dor aqui. Vi pessoas do lado de fora que também perderam a esperança, e suas almas acabam tão extenuadas como aqueles pobres despojos na praça. Se pudermos devolver nem que seja uma pequena ponta de esperança para essas pessoas, então as vidas delas melhorarão drasticamente. – Enfatizou a palavra "vidas", olhando Galladon nos olhos.

– As outras gangues não vão ficar sentadas enquanto você rouba todas as oferendas, sule – Galladon comentou. – Vão se cansar de você rapidamente.

– Então terei que estar preparado – Raoden indicou o grande edifício ao redor deles. – Esta será uma boa base de operações, não acha? Tem esse salão aberto no centro, e todos esses menores atrás.

Galladon olhou para cima.

– Podia ter escolhido um edifício com teto.

– Sim, eu sei – Raoden respondeu. – Mas este está adequado aos meus propósitos. Me pergunto o que costumava ser.

– Uma igreja – Galladon falou. – Korathi.

– Como sabe? – Raoden perguntou com surpresa.

– Tem todo o jeito, sule.

– Por que haveria uma igreja korathi em Elantris? – Raoden argumentou. – Os elantrinos eram seus próprios deuses.

– Mas eram deuses muito permissivos. Devia ser uma grande capela korathi aqui em Elantris, a mais bonita de sua espécie. Foi construída como uma oferta de amizade para o povo de Teod.

– Isso parece tão estranho – Raoden disse balançando a cabeça. – Deuses de uma religião construindo um monumento para Domi.

– Como eu disse. Os elantrinos eram deuses muito frouxos. Não se importavam realmente se as pessoas os veneravam, estavam seguros de sua divindade. Até que o Reod chegou. Kolo?

– Você parece saber bastante, Galladon – Raoden comentou.

– E desde quando isso é pecado? – Galladon disse com uma fungada. – Você viveu em Kae toda a sua vida, sule. Talvez, em vez de perguntar por que sei todas essas coisas, devesse se perguntar por que você *não sabe*.

– Bem apontado – Raoden disse, olhando para o lado. Mareshe ainda estava profundamente envolvido em sua explicação sobre a vida cheia de perigos dos elantrinos. – Ele não vai terminar tão cedo. Venha, há algo que quero fazer.

– Por acaso envolve corrida? – Galladon perguntou com voz queixosa.

– Só se nos descobrirem.

***

Raoden reconheceu Aanden. Era difícil ver – a Shaod trouxe mudanças profundas – mas Raoden era bom fisionomista. O autointitulado barão de Elantris era um homem baixo, com uma pança bastante grande e um longo bigode caído que era obviamente falso. Aanden não parecia nobre – é claro, poucos nobres que Raoden conhecera pareciam muito aristocráticos.

De qualquer modo, Aanden não era barão. O homem diante de Raoden, sentado em um trono de ouro e presidindo uma corte de elantrinos de aspecto doentio, se chamava Taan. Fora um dos melhores escultores de Kae antes que a Shaod o alcançasse, mas não tinha sangue nobre. É claro que o pai do próprio Raoden não fora mais do que um simples mercador até que a oportunidade o fizera rei. Em Elantris, Taan aparentemente se aproveitara de uma oportunidade similar.

Os anos em Elantris não haviam sido gentis com Taan. O homem balbuciava incoerências para sua corte de refugos.

– Ele está louco? – Raoden perguntou, agachado do lado de fora de uma janela que usavam para espionar a corte de Aanden.

– Cada um de nós tem sua própria maneira de enfrentar a morte, sule – Galladon sussurrou. – Os rumores dizem que a insanidade de Aanden foi uma decisão consciente. Dizem que, depois que foi jogado em Elantris, olhou ao redor e disse "Não há como encarar isso de modo são". Depois disso, declarou-se barão Aanden de Elantris e começou a dar ordens.

– E as pessoas o seguiram?

– Algumas, sim – Galladon sussurrou, dando de ombros. – Pode ser que esteja louco, mas o mesmo acontece com o resto do mundo, pelo menos aos olhos de alguém que foi jogado aqui. Kolo? Aanden é uma fonte de autoridade. Além disso, talvez tenha sido barão do lado de fora.

– Não. Era escultor.

– Você o conhecia?

– Me encontrei com ele uma vez – Raoden assentiu. Então olhou Galladon de modo inquisidor. – Onde ouviu os rumores sobre ele?

– Podemos sair daqui primeiro, sule? – Galladon pediu. – Prefiro não terminar como participante de um dos simulacros de julgamentos e execuções de Aanden.

– Simulacro?

– Tudo é um simulacro, exceto o machado.

– Ah. Boa ideia..., já vi tudo o que precisava.

Os dois homens retrocederam e, assim que se distanciaram algumas quadras da

universidade, Galladon respondeu à pergunta de Raoden.

– Falo com as pessoas, sule; é onde consigo minhas informações. É verdade que a maioria das pessoas que há na cidade está hoed, mas há conscientes o suficiente para falar comigo. É claro, minha boca é o que me meteu em encrencas com você. Talvez, se eu tivesse ficado quieto, ainda estaria sentado naqueles degraus aproveitando minha própria companhia, em vez de ficar espionando um dos homens mais perigosos da cidade.

– Talvez – Raoden concordou. – Mas não teria metade da diversão. Estaria acorrentado em seu próprio tédio.

– Estou feliz que tenha me libertado, sule.

– Não há de quê.

Raoden pensou enquanto caminhavam, tentando definir um plano de ação caso Aanden viesse atrás dele. Não levara muito tempo até que Raoden se acostumasse a andar nas ruas irregulares e cobertas de lodo de Elantris; seu dedo do pé ainda dolorido era um maravilhoso motivador. Começava a achar normais as paredes de cores pardas, cobertas de limo, e isso o incomodava muito mais do que a sujeira da cidade.

– Sule – Galladon perguntou depois de um tempo – Por que quis ver Aanden? Não tinha como saber se o reconheceria.

Raoden balançou a cabeça.

– Se Aanden tivesse sido barão do lado de fora, eu o reconheceria quase imediatamente.

– Tem certeza?

Raoden assentiu, distraído.

Galladon ficou em silêncio por mais algumas ruas, então subitamente entendeu.

– Sabe, sule, não sou tão bom com esses aons que os arelenos estimam tanto, mas, a menos que esteja completamente enganado, o aon para "espírito" é Rao.

– Sim – Raoden disse, hesitante.

– E o rei de Arelon não tem um filho chamado Raoden?

– Tinha.

– E aqui está você, sule, afirmando conhecer todos os barões de Arelon. É obviamente um homem com uma boa formação, e dá ordens com facilidade.

– Pode-se dizer que sim – Raoden confirmou.

– Então, para resumir, você se chama "Espírito". Bastante suspeito. Kolo?

Raoden suspirou.

– Eu devia ter escolhido outro nome, não é?

– Por Doloken, rapaz! Está me dizendo que é o príncipe herdeiro de Arelon?

– Eu *era* o príncipe herdeiro de Arelon, Galladon – Raoden o corrigiu. – Perdi o título ao morrer.

– Não me estranha que seja tão frustrante. Passei toda a vida tentando evitar a realeza e acabo aqui, com você. Maldito Doloken!

– Ah, fique quieto – Raoden falou. – Não é como se eu fosse realmente da realeza..., é coisa de família há menos de uma geração.

– É o suficiente, sule – Galladon disse emburrado.

– Se ajuda em algo, meu pai não achava que eu servia para governar. Tentou de tudo para me afastar do trono.

Galladon bufou.

– Tenho medo de ver o homem que Iadon julgava adequado para governar. Seu pai é um idiota..., sem querer ofender.

– Não me ofende – Raoden respondeu. – E creio que manterá minha identidade em segredo.

Galladon suspirou.

– Se quiser.

– Quero. Se pretendo fazer algo de bom em Elantris, preciso conquistar seguidores porque gostam do que estou fazendo, não porque sentem obrigação patriótica.

Galladon assentiu.

– Pelo menos poderia ter me dito, sule.

– Você disse que não devíamos falar sobre nossos passados.

– É verdade.

Raoden fez uma pausa.

– É claro que sabe o que isso significa.

Galladon olhou para ele com suspeita.

– O quê?

– Agora que sabe quem eu sou, tem que me dizer quem é você. É justo.

A resposta de Galladon não veio logo. Quase tinham chegado à igreja quando falou. Raoden reduziu o passo, sem querer interromper a narrativa do amigo com a chegada ao destino. Mas não precisava se preocupar – a declaração de Galladon foi breve e direta.

– Eu era um fazendeiro – disse, incisivo.

– Fazendeiro? – Raoden esperava algo mais.

– Cuidava de um pomar. Vendi meus campos e comprei uma plantação de maçãs porque imaginei que seria mais fácil..., você não tem que replantar árvores todo ano.

– E era? – Raoden perguntou. – Mais fácil, digo...

Galladon deu de ombros.

– Para mim era, ainda que conheça um par de plantadores de trigo que discutiriam o contrário comigo até o pôr do sol. Kolo? – O homenzarrão olhou para Raoden com olhos perspicazes. – Acha que estou mentindo sobre meu passado, não?

Raoden sorriu, estendendo as mãos.

– Sinto muito, Galladon, mas não parece um fazendeiro. Tem a constituição física para isso, mas é muito...

– Inteligente? – Galladon perguntou. – Sule, conheci alguns fazendeiros com a mente tão aguçada que era possível usar a cabeça deles para cortar feno.

– Não tenho dúvidas disso – Raoden falou. – Mas, inteligente ou não, esses tipos tendem a não ter formação. Você é um homem culto, Galladon.

– Os livros, sule, são uma coisa maravilhosa. Um fazendeiro esperto tem tempo para estudar, supondo que viva em um país como Duladel, onde os homens são livres.

Raoden levantou uma sobrancelha.

– Então, vai manter essa história de fazendeiro?

– É a verdade, sule – Galladon reafirmou. – Antes de me tornar elantrino, eu era um fazendeiro.

Raoden deu de ombros. Talvez. Galladon fora capaz de predizer chuvas e de fazer um número considerável de coisas eminentemente práticas. Mesmo assim, parecia haver algo mais, algo que ainda não estava pronto para partilhar.

– Tudo bem – Raoden disse apreciativamente. – Acredito em você.

Galladon assentiu secamente, sua expressão demonstrando que estava feliz que o assunto estivesse encerrado. O que quer que estivesse escondendo, não viria à luz naquele dia. Então Raoden aproveitou a oportunidade para perguntar sobre algo que o incomodava desde o primeiro dia que chegara a Elantris.

– Galladon – falou –, onde estão as crianças?

– Crianças, sule?

– Sim, se a Shaod ataca aleatoriamente, deve atacar tanto crianças como adultos.

Galladon assentiu.

– Ataca. Vi bebês que mal tinham idade para caminhar sendo atirados por aqueles portões.

– Então, onde estão? Só vejo adultos.

– Elantris é um lugar difícil, sule – Galladon disse em voz baixa enquanto atravessavam as portas da igreja destruída de Raoden. – As crianças não duram muito tempo aqui.

– Sim, mas... – Raoden interrompeu o que dizia quando viu algo reluzindo com o canto do olho. Virou-se, surpreso.

– Um seon – Galladon falou, notando a bola brilhante.

– Sim – Raoden concordou, observando o seon flutuar lentamente pelo telhado em ruínas e fazer um círculo preguiçoso ao redor dos dois homens. – É triste como vagam pela cidade desse jeito. Eu... – Ficou em silêncio, apertando os olhos levemente, tentando ver o aon que brilhava no centro do estranho e silencioso seon.

– Sule? – Galladon perguntou.

– Idos Domi – Raoden sussurrou. – É Ien.

– O seon? Você o reconhece?

Raoden assentiu, estendendo a mão com a palma para cima. O seon se aproximou, flutuando, e pousou na palma oferecida por um momento; então começou a voar novamente, revoluteando pelo aposento como uma borboleta descuidada.

– Ien era meu seon – Raoden explicou. – Antes que eu fosse atirado aqui dentro – Podia ver o aon no centro de Ien agora. O caractere parecia fraco, de algum modo. Brilhava de modo irregular, partes do caractere muito fracas, como...

Como as manchas na pele de um elantrino, Raoden percebeu, observando Ien se afastar flutuando. O seon se aproximou da parede da igreja, até se chocar contra ela. A pequena bola de luz parou no ar por um instante, contemplando a parede, então virou-se em outra direção. Os movimentos do seon eram desajeitados, como se mal pudesse se manter no ar. Ien se sacudia de vez em quando, e fazia giros lentos e vacilantes.

O estômago de Raoden se contraiu ao ver o que restava de seu amigo. Evitara pensar muito em Ien durante os dias em que estivera em Elantris; sabia o que acontecia com os seons quando seus mestres eram tomados pela Shaod. Supusera – talvez desejara – que Ien tivesse sido destruído pela Shaod, como acontecia algumas vezes.

Raoden balançou a cabeça.

– Ien costumava ser tão sábio. Nunca conheci um ser, seon ou homem, mais prestativo do que ele.

– Eu sinto muito, sule – Galladon disse, solenemente.

Raoden ergueu a mão novamente, e o seon se aproximou diligente, como fizera antigamente para o menino Raoden – um menino que ainda não aprendera que os seons eram mais valiosos como amigos do que como servos.

Será que me reconhece? Raoden perguntou a si mesmo, observando o seon tremer levemente no ar diante dele. *Ou reconhece apenas o gesto familiar?*

Raoden provavelmente jamais saberia. Depois de pairar sobre a palma por um segundo, o seon perdeu o interesse e flutuou novamente.

– Ah, meu querido amigo – Raoden sussurrou. – E eu pensei que a Shaod fora dura *comigo*.

Só cinco homens responderam ao convite de Kiin. Lukel franziu o cenho diante do escasso resultado.

– Raoden chegou a ter até trinta homens nas reuniões que fez antes de morrer – o belo mercador explicou. – Não esperava que viessem todos correndo, mas *cinco*? Isso mal vale nosso tempo.

– É o suficiente, filho – Kiin falou pensativo, espreitando pela porta da cozinha. – Podem ser poucos em número, mas são os melhores do grupo. Aqueles são cinco dos homens mais poderosos da nação, sem mencionar que são os cinco mais inteligentes. Raoden tinha o dom de atrair homens espertos para seu lado.

– Kiin, seu urso velho – um dos homens exclamou da sala de jantar. Era um indivíduo imponente com o cabelo meio grisalho e que vestia um uniforme militar. – Vai nos alimentar ou não? Domi sabe que só vim porque ouvi dizer que você ia preparar ketathum assado.

– O leitão está na grelha enquanto falamos, Eondel – Kiin respondeu. – E me assegurei de preparar uma porção dupla para você. Deixe o estômago pronto para daqui a pouco.

O homem riu com vontade, batendo na barriga – que, pelo que Sarene podia ver, era tão reta e dura quanto a de um homem muitos anos mais jovem.

– Quem é ele? – ela perguntou.

– O Conde da Colônia Eon – Kiin falou. – Lukel, dê uma olhada no leitão enquanto sua prima e eu fofocamos sobre nossos convidados.

– Sim, pai – Lukel disse, aceitando o atiçador e dirigindo-se para o forno localizado no fundo da cozinha.

– Eondel é o único homem, além de Raoden, que já vi se opondo abertamente contra o rei e se safou – Kiin explicou. – É um gênio militar e possui um pequeno exército pessoal. São apenas uns duzentos homens, mas são extremamente bem treinados.

Na sequência, Kiin apontou pela porta entreaberta na direção de um homem de pele escura e feições delicadas.

– Aquele homem ao lado de Eondel é o barão Shuden.

– Jindonês? – Sarene perguntou.

O tio assentiu.

– Sua família se estabeleceu em Arelon há cerca de um século, e amealharam fortuna dirigindo as rotas de comércio jindonesas por todo o país. Quando Iadon chegou ao poder, ofereceu-lhes um baronato para que suas caravanas continuassem.

O pai de Shuden morreu há cinco anos, e o filho é bem mais tradicional do que o pai jamais foi. Acha que o método de governo de Iadon contradiz o espírito do Shu-Keseg, e por isso está disposto a se unir a nós.

Sarene tamborilou a bochecha, pensativa, enquanto observava Shuden.

– Se o coração dele é tão jindonês quanto sua pele, tio, então pode ser realmente um aliado poderoso.

– Era isso o que seu marido pensava – Kiin comentou.

Sarene apertou os lábios.

– Por que fica se referindo a Raoden como "meu marido"? Sei que sou casada. Não precisa ficar me recordando.

– Sei disso – Kiin falou com sua voz áspera – mas você ainda não acredita.

Ou Kiin não viu a interrogação no rosto da sobrinha, ou simplesmente a ignorou, pois continuou com suas explicações como se não tivesse acabado de fazer um juízo dolorosamente injusto.

– Ao lado de Shuden está o duque Roial da Colônia Ial – Kiin falou, apontando para o homem mais velho da sala. – Suas posses incluem o porto de Iald, uma cidade que está abaixo apenas de Kae em riqueza. É o homem mais poderoso da sala, e provavelmente o mais sábio também. Tem relutado em tomar alguma atitude contra o rei, no entanto. Roial e Iadon são amigos desde antes do Reod.

Sarene ergueu uma sobrancelha.

– Por que veio, então?

– Roial é um bom homem – Kiin explicou. – Amigo ou não, sabe que o governo de Iadon tem sido horrível para esta nação. E suspeito que também vem por tédio.

– Ele frequenta reuniões clandestinas simplesmente porque está entediado? – Sarene perguntou, incrédula.

Seu tio deu de ombros.

– Quando se vive tanto tempo quanto Roial, é difícil encontrar coisas que interessem. A política é tão parte dele que o duque provavelmente não consegue dormir à noite se não estiver envolvido em pelo menos cinco conspirações malucas. Foi governador de Iald antes do Reod, e foi o único oficial nomeado pelos elantrinos que permaneceu no poder depois da insurreição. É fabulosamente rico; Iadon só o supera em riqueza porque inclui receitas dos impostos nacionais em seus próprios ganhos.

Sarene observou o duque enquanto o grupo de homens ria de um dos comentários de Roial. Parecia diferente dos outros velhos estadistas que conhecia: Roial era tempestuoso em vez de reservado, quase mais malicioso do que distinto. Apesar de sua constituição diminuta, o duque dominava a conversa, seus finos cabelos brancos balançando enquanto ria. Um homem, no entanto, não parecia cativado pela companhia do duque.

– Quem está sentado ao lado do duque Roial?

– O corpulento?

– Corpulento? – Sarene falou, erguendo uma sobrancelha. O homem estava tão acima do peso que seu estômago caía pelos lados da cadeira.

– É como os gordos se referem um ao outro – Kiin falou com um sorriso.

– Mas tio – Sarene falou com um sorriso doce – você não está gordo. Você é robusto.

Kiin deu uma risada áspera.

– Tudo bem, então. O "robusto" cavalheiro ao lado de Roial é o conde Ahan. Não diria ao vê-los, mas ele e o duque são muito bons amigos. Ou isso ou são inimigos muito antigos. Nunca me lembro qual das duas opções é a correta.

– Há uma pequena diferença, tio – Sarene assinalou.

– Na verdade, não. Os dois estão discutindo e brigando há tanto tempo que nenhum deles saberia o que fazer sem o outro. Devia ver a cara deles quando perceberam que estavam no mesmo lado nesta questão específica. Raoden riu por dias depois daquele primeiro encontro. Aparentemente, havia se reunido com cada um deles em separado e garantido o apoio, e ambos vieram ao primeiro encontro com a crença de que estavam vencendo um ao outro.

– E por que continuaram vindo?

– Bem, ambos parecem concordar com nosso ponto de vista. Sem mencionar o fato de que realmente gostam da companhia um do outro. Isso ou simplesmente querem ficar de olho um no outro. – Kiin deu de ombros. – De qualquer modo, nos ajudam, então não reclamamos.

– E o último homem? – Sarene perguntou, observando o ocupante final da mesa. Era magro, com a cabeça careca e um par de olhos nervosos. Os outros não deixavam o nervosismo transparecer; riam e conversavam como se estivessem reunidos para discutir observação de aves, não traição. Aquele último homem, contudo, se remexia no assento desconfortavelmente, os olhos em constante movimento, como se estivesse tentando determinar o jeito mais fácil de escapar.

– Edan – Kiin respondeu, torcendo os lábios. – Barão da Colônia Tii, no sul. Nunca gostei dele, mas é provavelmente um dos nossos mais fortes partidários.

– Por que está tão nervoso?

– O sistema de governo de Iadon se presta bem à ganância: quanto melhor o nobre está financeiramente, mais provável é que consiga um título melhor. Por isso, os nobres menores se contorcem como crianças, cada um deles tentando encontrar novas maneiras de ordenhar seus súditos e aumentar suas posses. O sistema também encoraja a aposta financeira. A fortuna de Edan nunca foi muito impressionante. Suas posses fazem fronteira com o Chasm, e as terras nas redondezas não são muito férteis. A fim de ganhar um pouco mais de *status*, Edan fez alguns investimentos de

risco e perdeu todos eles. Agora não tem riqueza para reconquistar sua nobreza.

– Ele poderia perder seu título?

– Não "poderia"... vai perdê-lo assim que o próximo período de impostos chegar e Iadon perceber o quão pobre o barão se tornou. Edan tem cerca de três meses para descobrir uma mina de ouro no jardim, ou derrotar o sistema de Iadon de concessão de títulos de nobreza – Kiin coçou o rosto, como se estivesse procurando a barba. Sarene sorriu: há dez anos o homenzarrão não usava barba, mas era difícil deixar de lado velhos costumes.

– Edan está desesperado – Kiin prosseguiu. – E as pessoas desesperadas fazem coisas completamente estranhas ao seu caráter. Não confio nele, mas entre todos os homens dessa sala, provavelmente é o mais ansioso pelo nosso triunfo.

– E o que isso significa? – Sarene perguntou. – O que exatamente esses homens desejam conseguir?

Kiin deu de ombros.

– Farão qualquer coisa para desfazer esse sistema idiota que exige que demonstrem sua riqueza. Os nobres serão nobres. Ene... eles se preocupam em manter seu posto na sociedade.

A discussão foi interrompida por uma voz que chamava da sala de jantar.

– Kiin – o duque Roial comentou – poderíamos ter criado nossos próprios porcos e os matado, no tempo em que está levando para cozinhar.

– Uma boa refeição leva tempo, Roial – Kiin bufou, colocando a cabeça pela porta da cozinha. – Se acha que pode fazer melhor, pode vir preparar seu jantar.

O duque assegurou que não seria necessário. Felizmente, não teve que esperar muito. Kiin logo proclamou que o leitão estava cozido com perfeição, e mandou que Lukel o fatiasse. O resto da refeição seguiu rapidamente – um banquete tão grande que teria satisfeito até Kaise, se o pai não tivesse ordenado que ela e as outras crianças fossem visitar a casa dos tios para o jantar.

– Ainda está determinada a se juntar a nós? – Kiin perguntou a Sarene quando voltou à cozinha para pegar o prato final.

– Sim – Sarene respondeu com firmeza.

– Aqui não é Teod, Sarene – Kiin falou. – Os homens aqui são muito mais... tradicionais. Não acham adequado que uma mulher se envolva em política.

– Isso vem de um homem que está fazendo o jantar? – Sarene perguntou.

Kiin sorriu.

– Bem observado – notou com sua voz áspera. Algum dia ela teria que descobrir o que acontecera com sua garganta.

– Posso cuidar de mim mesma, tio – Sarene assegurou. – Roial não é o único que gosta de um bom desafio.

– Tudo bem, então – Kiin cedeu, pegando um grande prato de feijão fumegante. –

Vamos lá. – Ele a conduziu através das portas da cozinha, até a sala e, depois de colocar o prato na mesa, apontou para Sarene.

– Tenho certeza de que todos conhecem minha sobrinha, Sarene, princesa do nosso reino.

Sarene fez uma reverência para o duque Roial e saudou os demais com a cabeça antes de se sentar.

– Estava me perguntando para quem era esse lugar extra – murmurou o idoso Roial. – Sobrinha, Kiin? Você tem conexões com o trono teodeno?

– Ah, me poupe! – riu alegremente o obeso Ahan – Não me diga que não sabe que Kiin é irmão do velho Eventeo! Meus espiões me disseram há anos.

– Estava sendo polido, Ahan – Roial falou. – Não é certo estragar a surpresa de um homem só porque seus espiões são eficientes.

– Bem, também não é certo trazer uma desconhecida para uma reunião dessa natureza – Ahan apontou. Sua voz ainda era alegre, mas seus olhos estavam bem sérios.

Todos os rostos se viraram para Kiin, mas foi Sarene quem respondeu.

– Alguém poderia supor que depois de uma redução tão dramática neste grupo, meu senhor, vocês apreciariam um apoio adicional. Não importa o quão desconhecido ou feminino seja.

A mesa ficou em silêncio com as palavras dela, dez olhos observando-a através do vapor que subia das várias obras de arte culinárias de Kiin. Sarene sentiu que ficava mais tensa sob o olhar desaprovador deles. Esses homens sabiam que o menor erro podia trazer rapidamente a destruição de suas casas. Não se brinca com traição em um país onde os tumultos civis são uma lembrança recente.

Finalmente, o duque Roial começou a rir, sua gargalhada ressoando levemente em sua constituição pequena.

– Eu sabia! – proclamou. – Minha querida, ninguém pode ser tão estúpido quanto você aparentou ser, nem mesmo a rainha é tão cabeça oca.

Sarene disfarçou o nervosismo com um sorriso.

– Acho que está equivocado com a rainha Eshen, Vossa Graça. Ela é simplesmente... energética.

Ahan bufou.

– Se é assim que quer chamá-la.

Então, como parecia que ninguém ia começar, deu de ombros e ele passou a se servir. Roial, no entanto, não seguiu o exemplo de seu rival; a diversão não afastara suas preocupações. Cruzou as mãos e dirigiu um olhar avaliador para Sarene.

– Você pode ser uma boa atriz, minha querida – o duque falou enquanto Ahan se inclinava diante dele para alcançar uma cesta de pão –, mas não vejo razão para que participe deste jantar. Ainda que não seja sua culpa, é jovem e inexperiente. As

coisas que diremos essa noite serão muito perigosas de se ouvir e ainda mais perigosas para se lembrar. Um par desnecessário de ouvidos, não importa o quão bonita seja a cabeça que o acompanha, não vai ajudar.

Sarene estreitou os olhos, tentando decidir se o duque queria provocá-la ou não. Roial era o homem mais difícil de ler que já conhecera.

– Vai descobrir que estou longe de ser inexperiente, meu senhor. Em Teod, não abrigamos nossas mulheres atrás de uma cortina de teares e bordados. Passei anos servindo como diplomata.

– Certo – Roial concordou – mas não está familiarizada com a delicada situação política que temos aqui em Arelon.

Sarene ergueu uma sobrancelha.

– Muitas vezes descobri, meu senhor, que uma opinião fresca e sem preconceitos é uma ferramenta de valor incalculável em qualquer discussão.

– Não seja tola, garota – cuspiu um ainda nervoso Edan enquanto enchia seu prato. – Não vou arriscar minha segurança simplesmente porque quer asseverar sua natureza libertada.

Uma dúzia de réplicas mordazes vieram aos lábios de Sarene. Contudo, enquanto decidia qual era a mais forte, uma nova voz entrou no debate.

– Eu suplico, meus senhores – disse o jovem jindonês, Shuden, em voz muito baixa, mas bastante clara – Me respondam uma pergunta. "Garota" é o título adequado para alguém que, se as coisas tivessem sido um pouco distintas, poderia ter sido nossa rainha?

Os garfos pararam a caminho das bocas, e mais uma vez Sarene se viu na posição de centro das atenções da sala. Desta vez, no entanto, os olhares eram levemente mais apreciativos. Kiin assentiu e Lukel lhe deu um sorriso encorajador.

– Eu os advirto, meus senhores – Shuden prosseguiu – proíbam-na ou aceitem-na, como queiram, mas não a tratarão com desrespeito. O título areleno dela não é nem mais nem menos importante do que os nossos. Quando ignoramos um, devemos ignorar todos os demais.

Sarene corou interiormente, castigando a si mesma. Havia passado por cima de seu título ativo mais valioso: o casamento com Raoden. Fora princesa teodena a vida toda; a posição era sua pedra angular. Infelizmente, esse autoconceito estava fora de questão. Não era mais apenas Sarene, filha de Teod; também era Sarene, esposa do príncipe herdeiro de Arelon.

– Aplaudo a cautela de vocês, meus senhores – disse a moça. – Têm bons motivos para serem cuidadosos. Perderam seu patrono, o único homem que poderia ter dado proteção a vocês. Lembrem-se, no entanto, que sou esposa dele. Não sou uma substituta para o príncipe, mas ainda tenho relações com o trono. Não só com estre trono, mas com outros também.

– Isso está muito bom, Sarene – disse Roial – mas "relações" e promessas nos servirão de muito pouco contra a ira do rei.

– Muito pouco é melhor do que nada, meu senhor – Sarene respondeu. Então, em um tom de voz mais suave e menos ácido, prosseguiu – Meu senhor duque, não conheci o homem que agora chamo de meu marido. Vocês todos respeitavam e, se acredito em meu tio, amavam Raoden. Mas eu, que deveria tê-lo amado mais do que qualquer um, nunca pude conhecê-lo. Esse assunto no qual estão envolvidos era a paixão dele. Quero ser parte disso. Se não pude conhecer Raoden, pelo menos deixem-me partilhar dos sonhos dele.

Roial a observou por um segundo, e ela soube que estava medindo sua sinceridade. O duque não era um homem para ser enganado pelo sentimentalismo. Depois de um tempo, ele assentiu e começou a cortar um pedaço de leitão.

– Não tenho problema que fique.

– Nem eu – Shuden afirmou.

Sarene olhou os outros. Lukel sorria abertamente ao discurso dela, e o corpulento mercenário lorde Eondel estava à beira das lágrimas.

– Dou minha aprovação à senhora.

– Bem, se Roial a quer aqui, então tenho que me opor por princípio – Ahan falou com uma gargalhada. – Mas, felizmente, parece que sou minoria. – Piscou para ela com um sorriso amplo. – De qualquer modo, estava cansado de olhar sempre as mesmas caras enrugadas.

– Então ela fica? – Edan perguntou surpreso.

– Ela fica – Kiin concordou.

Seu tio ainda não tocara na refeição. Não era o único: nem Shuden nem Eondel haviam começado a comer tampouco. Assim que o debate acabou, Shuden inclinou a cabeça em uma breve oração e começou a jantar. Eondel, no entanto, esperou até que Kiin desse a primeira mordida – fato que Sarene observou com interesse. Apesar da posição superior de Roial, a reunião era na casa de Kiin. Segundo as tradições mais antigas, teria sido seu privilégio comer primeiro. Apenas Eondel, no entanto, esperara. Os outros provavelmente estavam tão acostumados a ser a pessoa mais importante de suas mesas que nem pensavam quando deviam comer.

Depois da intensidade do debate que cercou o direito de Sarene estar presente, os senhores se apressaram em tratar de um assunto menos controverso.

– Kiin – Roial declarou – essa é de longe a melhor refeição que comi em décadas.

– Fico lisonjeado, Roial – Kiin falou. Pelo jeito, evitava chamar os demais pelos títulos. Mas, estranhamente, nenhum deles parecia se importar.

– Concordo com Lorde Roial, Kiin – Eondel disse. – Nenhum chef neste país pode superá-lo.

– Arelon é um lugar grande, Eondel – Kiin lembrou. – Cuidado para não me

encorajar demais. Depois você encontra alguém melhor, e fico desapontado.

– Bobagem – Eondel afirmou.

– Não posso acreditar que fez tudo isso sozinho – Ahan comentou, balançando a grande cabeça redonda. – Estou absolutamente convencido de que tem uma frota de cozinheiros jaadorianos escondidos embaixo de um desses fogões.

Roial bufou.

– Só porque é necessário um exército de homens para mantê-lo alimentado, Ahan, não significa que um único cozinheiro não seja suficiente para o resto de nós. – Então, para Kiin, prosseguiu. – Mesmo assim, Kiin, é muito estranho que insista em fazer tudo isso você mesmo. Não podia ao menos contratar um assistente?

– Eu gosto, Roial. Por que deveria deixar que outra pessoa me roubasse esse prazer?

– Além disso, meu senhor – Lukel acrescentou – o rei quase tem um infarto cada vez que ouve que um homem tão rico quanto meu pai faz algo tão mundano quanto cozinhar.

– Muito astuto – Ahan reconheceu. – Dissidência através da subserviência.

Kiin levantou as mãos inocentemente.

– Tudo o que sei, meus senhores, é que um homem pode tomar conta de si mesmo e de sua família com bastante facilidade, sem ajuda, não importa o quão rico supostamente seja.

– Supostamente, meu amigo? – Eondel riu. – O pouco que nos deixa entrever é o suficiente para que consiga ao menos o título de barão. Quem sabe, se contar para todo mundo o que realmente possui, não teríamos que nos preocupar com Iadon... Você seria o rei.

– Seus cálculos estão um pouco inflados, Eondel – Kiin assegurou. – Sou só um homem simples que gosta de cozinhar.

Roial sorriu.

– Um homem simples que gosta de cozinhar, cujo irmão é rei de Teod, cuja sobrinha é filha de *dois* reis e cuja esposa é da alta nobreza da nossa própria corte.

– Não posso evitar de ser parente de gente importante – Kiin falou. – O Misericordioso Domi dá a cada um de nós provas distintas.

– Falando em provas – Eondel disse, voltando os olhos para Sarene. – Vossa Alteza já decidiu o que fazer para sua Prova?

Sarene franziu o cenho, confusa.

– Prova, meu senhor?

– Sim, ah, a... – o digno soldado olhou para o lado, um pouco embaraçado.

– Ele está falando de sua Prova de Viuvez – Roial explicou.

Kiin balançou a cabeça.

– Não me diga que espera que ela se submeta a isso, Roial. Nem sequer chegou a

conhecer Raoden... É ridículo esperar até mesmo que lamente, muito menos que faça uma Prova.

Sarene sentiu-se incomodada. Não importava o quanto dissesse que gostava de surpresas, não apreciava o rumo que essa conversa estava tomando.

– Poderiam me explicar, por favor, exatamente o que é essa Prova? – perguntou com voz firme.

– Quando uma mulher arelena enviúva, minha senhora – Shuden explicou –, espera-se que passe por uma Prova.

– Então o que supostamente tenho que fazer? – Sarene perguntou, franzindo o cenho. *Não* gostava de ter deveres pendentes.

– Ah, repartir comida ou cobertores entre os pobres – Ahan falou, agitando a mão em um gesto desdenhoso. – Ninguém espera que se interesse de verdade pelo assunto, é só uma das tradições dos velhos tempos que Iadon decidiu manter: os elantrinos costumavam fazer algo parecido quando um dos seus morria. Nunca gostei do costume. Me parece que não devíamos encorajar as pessoas a esperar nossas mortes; não favorece muito a popularidade de um aristocrata que chegue ao auge depois de sua morte.

– Acho que é uma boa tradição, lorde Ahan – Eondel comentou.

Ahan começou a rir.

– Claro, Eondel. Você é tão conservador que até suas meias são mais tradicionais que o resto de nós.

– Não acredito que ninguém me falou sobre isso – Sarene disse, ainda incomodada.

– Bem – Ahan disse – talvez alguém tivesse mencionado se não passasse todo o tempo metida no palácio ou na casa de Kiin.

– O que mais se supõe que eu deva fazer?

– Arelon tem uma bela corte, princesa – comentou Eondel. – Acho que já aconteceram dois bailes desde sua chegada, e há outro ocorrendo enquanto falamos.

– Bem, e por que ninguém me convidou? – ela perguntou.

– Porque está de luto – Roial explicou. – Além disso, os convites são feitos apenas para os homens, que levam suas irmãs e esposas.

Sarene franziu o cenho.

– Vocês são tão retrógrados.

– Retrógrados, não, Alteza – Ahan a corrigiu. – Apenas tradicionais. Se quiser, podemos arranjar que algum homem a convide.

– Não pareceria mal? – Sarene perguntou. – Eu, que não sou viúva há nem uma semana, acompanhando algum jovem solteiro a uma festa?

– Ela tem razão – Kiin sublinhou.

– Por que todos vocês não me levam? – Sarene perguntou.

– Nós? – Roial questionou.

– Sim, vocês. – Sarene disse. – Vossas senhorias são velhos o suficiente para que as pessoas não comentem demais. Estarão apenas introduzindo uma jovem amiga às diversões da vida na corte.

– Muitos desses homens são casados, Alteza – Shuden lembrou.

Sarene sorriu.

– Que coincidência. Eu também.

– Não se preocupe com nossa honra, Shuden – Roial falou. – Tornarei as intenções da princesa conhecidas, e enquanto ela não sair com nenhum de nós com muita frequência, ninguém vai comentar.

– Então está decidido – Sarene disse com um sorriso. – Espero ouvir notícias de cada um de vocês, meus senhores. É essencial que eu vá a essas festas: se quero me adaptar a Arelon, preciso conhecer a aristocracia.

Houve consenso geral, e a conversa derivou para outros assuntos, como o eminente eclipse lunar. Enquanto falavam, Sarene percebeu que suas perguntas sobre a misteriosa "Prova" não obtiveram muitas respostas. Teria que encurralar Kiin mais tarde.

Apenas um homem não desfrutava da conversa nem, aparentemente, da comida. Lorde Edan enchera o prato, mas dera apenas umas poucas garfadas. Em vez disso, cutucava a comida com insatisfação, misturando os vários pratos em uma maçaroca que apenas lembrava vagamente as delícias que Kiin preparara.

– Achei que tínhamos decidido não nos encontrar novamente – Edan finalmente deixou escapar, forçando o comentário na conversa como um alce em meio a uma manada de lobos. Os outros pararam e se viraram na direção dele.

– Tínhamos decidido não nos reunir por enquanto, Lorde Edan – Eondel falou. – Nunca pretendemos interromper as reuniões completamente.

– Deveria estar feliz, Edan – Ahan comentou, agitando um garfo com um pedaço de leitão na ponta. – Você, mais do que todos nós, devia estar ansioso para manter esses encontros. Quanto falta para que chegue o próximo período de impostos?

– Acho que é no primeiro dia de Eostek, Lorde Ahan – Eondel disse prestativo. – Ou seja, daqui a três meses.

Ahan sorriu.

– Obrigado, Eondel. É um homem útil para se ter por perto. Sempre sabe coisas adequadas às situações. De qualquer modo, três meses, Edan. Como estão seus cofres? Sabe como os auditores do rei são meticulosos...

Edan se contorceu ainda mais sob a zombaria brutal do conde. Acontece que estava bem consciente de que seu tempo estava se esgotando – mas, ao mesmo tempo, parecia estar tentando esquecer seus problemas na esperança de que desaparecessem. O conflito era visível em seu rosto, e Ahan parecia encontrar

grande prazer em contemplá-lo.

– Cavalheiros – Kiin falou – não viemos aqui para bater boca. Lembrem-se de que todos temos muito a ganhar com a reforma, incluindo estabilidade para nosso país e liberdade para nosso povo.

– O bom barão nos traz uma preocupação válida, no entanto – o duque Roial comentou, recostando-se em sua cadeira. – Apesar da promessa de ajuda da jovem senhora, estamos completamente expostos sem Raoden. O povo amava o príncipe. Mesmo se Iadon tivesse descoberto nossas reuniões, nunca teria tomado uma atitude contra Raoden.

Ahan assentiu.

– Não temos nenhum poder para nos opor ao rei. Estávamos ganhando força antes. Provavelmente não teria demorado até que tivéssemos membros da nobreza suficientes para ir a público. Agora, contudo, não temos nada.

– Ainda tem um sonho, meu senhor – Sarene disse tranquilamente. – Isso não é o mesmo que não ter nada.

– Um sonho? – Ahan respondeu com uma gargalhada. – O sonho era de Raoden, minha senhora. Nós só estávamos juntos para ver aonde nos levava.

– Não posso acreditar nisso, Lorde Ahan – Sarene falou, franzindo o cenho.

– Talvez Vossa Alteza queira nos dizer que sonho é esse? – Shuden pediu, com uma voz inquisitiva, mas compreensiva.

– Vocês são homens inteligentes, caros senhores – Sarene replicou. – Têm cérebro e experiência para saber que um país não pode suportar a pressão exercida por Iadon. Arelon não é um negócio para ser gerido com punhos de aço, é muito mais do que produção menos custos. O sonho, meus senhores, é uma Arelon na qual o povo trabalhe com o rei, em vez de contra ele.

– Uma boa observação, princesa – Roial falou. Seu tom, no entanto, era desdenhoso. Virou-se para os demais, e continuaram conversando, todos ignorando Sarene de modo polido. Haviam permitido que assistisse à reunião, mas era óbvio que não pretendiam deixá-la juntar-se à discussão. Ela se recostou em sua cadeira, aborrecida.

– ... ter um objetivo não é o mesmo do que ter meios de alcançá-lo. – Roial estava dizendo. – Acho que devíamos esperar. Deixar que meu velho amigo se encurrale em um canto antes de intervir para ajudar.

– Mas Iadon destruirá Arelon no processo, Vossa Graça – Lukel objetou. – Quanto mais tempo dermos para ele, mais difícil será a recuperação.

– Não vejo outra opção – Roial falou, erguendo as mãos. – Não podemos continuar agindo contra o rei como fazíamos antes.

Edan se agitou levemente com essa declaração, a testa coberta de suor. Estava finalmente começando a perceber que, perigoso ou não, continuar com as reuniões

era uma opção muito melhor do que esperar que Iadon tirasse seu título.

– Tem razão, Roial – Ahan admitiu de má vontade. – O plano original do príncipe nunca daria certo agora. Não seremos capazes de pressionar o rei, a menos que tenhamos metade da nobreza (e de suas fortunas) ao nosso lado.

– Há outro jeito, meus senhores – Eondel falou, com voz hesitante.

– Qual, Eondel? – o duque perguntou.

– Eu levaria menos de duas semanas para reunir as legiões de seus postos de vigilância nas estradas da nação. O poder econômico não é o único tipo de poder.

– Seus mercenários jamais poderiam enfrentar os exércitos de Arelon – Ahan ridicularizou. – O poder militar de Iadon pode ser pequeno se comparado ao de outros reinos, mas é muito maior do que suas poucas centenas de homens. Especialmente se o rei recorrer à guarda de Elantris.

– Sim, Lorde Ahan, tem razão – Eondel reconheceu. – Mesmo assim, se atacarmos com rapidez, enquanto Iadon ainda ignora nossas intenções, podemos colocar minha legião no palácio e tomar o rei como refém.

– Seus homens teriam que abrir caminho lutando até os aposentos do rei – Shuden lembrou. – O novo governo nasceria do sangue do antigo, assim como o governo de Iadon nasceu da morte de Elantris. Seria o início de um novo ciclo para outra queda, Lorde Eondel. Assim que uma revolução atinge seu objetivo, outra começa a ser planejada. Sangue, morte e golpes levam apenas a mais caos. Deve haver um meio de persuadir Iadon sem provocar a anarquia.

– Há – Sarene falou. Olhos incomodados se viraram na direção dela. Ainda achavam que estava ali apenas para escutar. Deviam ter previsto que não seria assim.

– Concordo – Roial falou, virando-se e ignorando Sarene – e esse meio é esperar.

– Não, meu senhor – Sarene rebateu. – Sinto, mas essa não é a única resposta. Tenho visto o povo de Arelon, e ainda que haja esperança em seus olhos, esse sentimento é cada vez mais débil. Dar tempo a Iadon só criará os camponeses abatidos que ele deseja.

A boca de Roial se contorceu. Provavelmente tinha a intenção de assumir o controle, agora que Raoden se fora. Sarene escondeu um sorriso de satisfação: Roial fora o primeiro a aceitar a presença dela, e portanto teria que permitir que falasse. Negar-se a escutá-la demonstraria que se enganara ao lhe dar apoio.

– Fale, princesa – o velho disse com reservas.

– Meus senhores – Sarene disse com voz sincera – vocês têm tentado encontrar um jeito de acabar com o sistema de governo de Iadon, um sistema que iguala riqueza com habilidade para governar. Afirmam que é difícil de manejar e injusto, que essa tolice é uma tortura para o povo de Arelon.

– Sim – Roial concordou, incisivo. – E?

– Bem, se o sistema de Iadon é tão mau, por que se preocupar em derrubá-lo? Por que não deixar que ele caia sozinho?

– O que quer dizer, Lady Sarene? – Eondel perguntou interessado.

– Voltar a criação de Iadon contra ele, e forçá-lo a reconhecer seus erros. Então quem sabe vocês não podem elaborar um sistema que seja mais estável e satisfatório.

– Interessante, mas impossível – Ahan declarou balançando as muitas papadas. – Talvez Raoden pudesse ter feito isso, mas somos muito poucos.

– Não, vocês são perfeitos – Sarene respondeu, levantando-se de sua cadeira e rodeando a mesa. – O que queremos fazer, meus senhores, é deixar os outros aristocratas com inveja. Isso não dará certo se tivermos muitos ao nosso lado.

– Prossiga – Eondel falou.

– Qual é o maior problema do sistema de Iadon? – Sarene perguntou.

– Encoraja os senhores a tratar o povo com brutalidade – Eondel respondeu. – O rei Iadon ameaça os nobres, tirando os títulos daqueles que não produzem. Então, por sua vez, o senhor fica desesperado, e exige esforço extra de seu povo.

– É um arranjo injusto – Shuden concordou –, baseado na ganância e no medo, em vez de na lealdade.

Sarene continuou a caminhar ao redor da mesa.

– Algum de vocês já olhou os gráficos de produção de Arelon nos últimos dez anos?

– Isso existe? – Ahan perguntou.

Sarene assentiu.

– Temos esses dados em Teod. Ficariam surpresos em descobrir, meus senhores, que o nível de produção de Arelon despencou desde que Iadon assumiu o poder?

– Nem um pouco – Ahan afirmou. – Tivemos uma década de desgraças.

– Reis fazem sua própria desgraça, Lorde Ahan – Sarene disse com um movimento enérgico da mão. – A coisa mais triste do sistema de Iadon não é o que faz com o povo, ou o fato de que destrói a moral do país. Não, o mais deplorável é que faz ambas as coisas sem tornar os nobres mais ricos. Não temos escravos em Teod, meus senhores, e as coisas vão bem. De fato, nem mesmo Fjorden usa um sistema baseado em servos atualmente. Descobriram algo melhor: descobriram que um homem trabalha de modo muito mais produtivo quando trabalha para si mesmo.

Sarene deixou as palavras no ar por um instante. Os senhores estavam pensativos.

– Continue – Roial falou por fim.

– Logo teremos a época do plantio, meus senhores – Sarene começou. – Quero que dividam suas terras entre os camponeses. Deem a cada um deles um pedaço de terreno, e digam que poderão ficar com dez por cento do que quer que a terra produza. Digam-lhes inclusive que poderão comprar as casas e as terras que

ocupam.

– Seria muito difícil fazer isso, princesa – Roial falou.

– Ainda não acabei – Sarene prosseguiu. – Quero que alimentem bem o povo, meus senhores. Deem-lhes roupas e suprimentos.

– Não somos animais, Sarene – Ahan a alertou. – Alguns senhores tratam mal seus camponeses, mas nunca os aceitaríamos em nossa irmandade. As pessoas em nossas terras têm comida e roupas para se abrigar.

– Isso pode ser verdade, meu senhor – Sarene respondeu. – Mas o povo precisa sentir que é amado. Não troquem camponeses com outros nobres nem briguem pela posse deles. Deixem que as pessoas saibam que vocês se importam, e elas lhes darão seus corações e seu suor. A prosperidade não precisa ser limitada a uma pequena porcentagem da população.

Sarene voltou ao seu assento e parou. Os senhores estavam pensando – isso era bom –, mas também estavam assustados.

– Será arriscado – Shuden se aventurou.

– Tão arriscado quanto atacar Iadon com o exército de Lorde Eondel? – Sarene questionou. – Se não der certo, vocês perderão um pouco de dinheiro e algum orgulho. Se o plano do honorável general não funcionar, perderão suas cabeças.

– É um bom argumento – Ahan concordou.

– Um argumento excelente – Eondel falou. Havia alívio em seu olhar: soldado ou não, não queria atacar seus conterrâneos. – Farei isso.

– É fácil para você falar, Eondel – Edan disse, remexendo-se em sua cadeira. – Sempre poderá mandar que suas legiões trabalhem nos campos quando os camponeses ficarem preguiçosos.

– Meus homens estão patrulhando as estradas do país, Lorde Edan – Eondel bufou. – O serviço deles é de valor incalculável.

– E você é bem recompensado por isso – Edan retrucou. – Não tenho outra entrada que não venha das minhas fazendas, ainda que minhas terras *pareçam* grandes, tenho essa maldita fenda que passa bem pelo meio delas. Não tenho espaço para preguiça. Se minhas batatas não forem plantadas, cuidadas e colhidas, perderei meu título.

– Provavelmente você o perderá de qualquer jeito – Ahan disse com um sorriso prestativo.

– Basta, Ahan – Roial ordenou. – Edan tem razão. Como saberemos se os camponeses produzirão mais se lhes dermos tanta liberdade?

Edan assentiu.

– Descobri que os camponeses arelenos são muito preguiçosos e improdutivos. O único meio de conseguir que trabalhem é pela força.

– Não são preguiçosos, meu senhor – Sarene disse. – Estão zangados. Dez anos

não é tanto tempo, e essas pessoas se lembram de como é ser seu próprio mestre. Dê-lhes a promessa de autonomia, e trabalharão duro para alcançá-la. Ficará surpreso em ver que um homem livre pode ser muito mais lucrativo do que um escravo que não pensa em nada mais além da próxima refeição. Afinal de contas, que situação tornaria *você* mais produtivo?

Os nobres refletiram sobre as palavras dela.

– Muito do que diz faz sentido – comentou Shuden.

– Mas, Lady Sarene, as evidências são vagas – Roial disse. – Os tempos eram distintos antes do Reod. Os elantrinos proporcionavam comida, e a terra podia sobreviver sem um campesinato. Não podemos mais nos dar a esse luxo.

– Então me ajude a *encontrar* evidências, meu senhor – Sarene pediu. – Dê-me alguns meses e criaremos nossa própria prova.

– Nós consideraremos suas palavras – Roial cedeu.

– Não, Lorde Roial, precisam tomar uma decisão – Sarene disse. – Acima de tudo, acredito que seja um patriota. Sabe o que é certo e o que não é. Não me diga que nunca se sentiu culpado pelo que tem feito por este país.

Sarene olhou Roial ansiosamente. O idoso duque a impressionara, mas não sabia se ele se envergonhava por Arelon. Dependia de sua impressão de que o coração dele era bom, e de que em sua longa vida vira e entendera o quanto este país decaíra. O colapso de Elantris fora um catalisador, mas a ganância da nobreza fora a real destruidora desta que certa vez fora uma grande nação.

– Todos nós, em um momento ou em outro, ficamos cegos pelas promessas de riqueza de Iadon – Shuden comentou com sua voz suave e sábia. – Farei o que Vossa Alteza pede. – Então o homem de pele escura voltou os olhos para Roial e assentiu. Sua aceitação dera ao duque a oportunidade de concordar sem ficar muito em evidência.

– Muito bem – o idoso duque falou com um suspiro. – Você é um homem sábio, Shuden. Se encontra mérito neste plano, então o seguirei também.

– Acho que não temos alternativa – comentou Edan.

– É melhor do que esperar, Lorde Edan – notou Eondel.

– Verdade. Também concordo.

– Só falta eu – Ahan percebeu repentinamente. – Ah, bem. O que devo fazer?

– Lorde Roial concordou de má vontade, meu senhor – Sarene comentou. – Não me diga que fará o mesmo?

Ahan deu uma gargalhada que o fez estremecer inteiro.

– Que figurinha deliciosa você é! Bem, então, acho que devo aceitar de todo o coração, com a advertência de que sabia o tempo todo que ela estava certa. Agora, Kiin, por favor, não me diga que esqueceu a sobremesa. Ouvi maravilhas sobre suas criações.

– Esquecer a sobremesa – o tio de Sarene respondeu. – Ahan, você me ofende. – Sorriu enquanto se levantava de sua cadeira e ia para a cozinha.

***

– Ela é boa nisso, Kiin, talvez melhor do que eu. – Era a voz do duque Roial. Sarene congelou: havia ido ao toalete depois de se despedir de todos e esperava que já tivessem partido.

– É uma jovem muito especial – Kiin reconheceu. As vozes deles vinham da cozinha. Silenciosamente, Sarene avançou e ficou escutando atrás da porta.

– Ela nitidamente tomou o controle de mim, e ainda não sei onde errei. Você devia ter me avisado.

– E deixá-lo escapar, Roial? – Kiin riu. – Já faz muito tempo que ninguém, incluindo Ahan, levou a melhor sobre você. Faz bem para um homem se dar conta de que pode ser surpreendido de vez em quando.

– Ela quase perdeu o ponto no final, no entanto – Roial comentou. – Não gosto de ser encurralado no canto, Kiin.

– Foi um risco calculado, meu senhor – Sarene falou, abrindo a porta e entrando.

A aparição dela fez com que o duque se detivesse por um instante.

– Quase me ameaçou, Sarene. Não é assim que se ganha um aliado, especialmente um velho caprichoso como eu. – O duque e Kiin estavam compartilhando uma garrafa de vinho fjordênico na mesa da cozinha, e seus modos eram ainda mais relaxados que no jantar. – Alguns dias não teriam feito mal à nossa posição, e eu certamente teria lhe dado meu apoio. Descobri que um compromisso pensado e repensado é muito mais produtivo do que uma adesão irrefletida.

Sarene assentiu, pegou uma taça de um dos armários de Kiin e se serviu de um pouco de vinho antes de se sentar.

– Entendo, Roial – se ele podia deixar as formalidades de lado, ela também podia. – Mas os outros olham para você. Confiam em seu julgamento. Eu precisava de mais do que seu apoio (o qual, diga-se, sei que me daria), precisava de seu apoio *aberto*. Os outros tinham que ver você aceitar o plano antes que concordassem. Não teria tido o mesmo impacto daqui a alguns dias.

– Talvez – Roial concordou. – Uma coisa é certa, Sarene: você nos deu esperança novamente. Raoden era nossa unidade antes; agora você tomará o lugar dele. Kiin ou eu não poderíamos fazê-lo. Kiin recusou a nobreza por tempo demais e, não importa o que digam, o povo quer um líder com um título. E eu..., todos sabem que ajudei Iadon a começar esta monstruosidade que vem matando nosso país lentamente.

– Isso foi há muito tempo, Roial – Kiin falou, dando uma palmada no ombro do velho duque.

– Não – Roial disse, balançando a cabeça. – Como a bela princesa disse, dez anos

não é muito tempo na vida de uma nação. Sou culpado de um grave erro.

– Nós o corrigiremos, Roial – Kiin assegurou. – O plano é bom, talvez melhor até do que o de Raoden.

Roial sorriu.

– Ela teria sido uma ótima esposa, Kiin.

Kiin assentiu.

– Ótima mesmo. E uma rainha ainda melhor. Domi atua de modos que algumas vezes parecem estranhos para nossas mentes mortais.

– Não estou convencida de que foi Domi quem tirou Raoden de nós, tio – Sarene disse enquanto bebia. – Algum de vocês já se perguntou se, talvez, alguém poderia estar por trás da morte do príncipe?

– A resposta para esta pergunta beira a traição, Sarene – Kiin a advertiu.

– Mais do que as outras coisas que falamos esta noite?

– Apenas acusamos o rei de ganância, Sarene – Roial falou. – O assassinato de seu próprio filho é uma coisa completamente diferente.

– Pensem nisso, no entanto. – Sarene fez um gesto tão amplo que quase derramou o vinho. – O príncipe adotava uma posição contrária a tudo o que o pai fazia. Ridicularizava Iadon na corte, planejava pelas costas do rei, e tinha o amor do povo. E, o mais importante, tudo o que dizia sobre Iadon era verdade. É o tipo de pessoa que um monarca pode permitir que ande solto por aí?

– Sim, mas seu próprio filho? – Roial questionou, balançando a cabeça em descrença.

– Não seria a primeira vez que uma coisa dessas aconteceria – Kiin comentou.

– É verdade – Roial concordou. – Mas não sei se o príncipe era um problema tão grande para Iadon quanto imagina. Raoden não era tão rebelde quanto era crítico. Nunca disse que Iadon não devia ser rei, simplesmente afirmava que o governo de Arelon tinha problemas. E tem.

– Nenhum de vocês suspeitou de nada ao saber que o príncipe estava morto? – Sarene perguntou, bebericando pensativa o vinho. – Veio em um momento conveniente. Iadon teve o benefício de uma aliança com Teod, mas sem ter que se preocupar com que Raoden tivesse herdeiros.

Roial olhou para Kiin, que deu de ombros.

– Acho que devemos ao menos considerar a possibilidade, Roial.

O duque assentiu pesarosamente.

– Então, o que fazemos? Vamos tentar encontrar provas de que Iadon executou o filho?

– O conhecimento trará força – Sarene disse simplesmente.

– Concordo – Kiin respondeu. – Você, no entanto, é a única com acesso livre ao palácio.

– Vou xeretar por lá e ver o que descubro.

– É possível que não esteja morto? – Roial perguntou. – Teria sido bem simples encontrar alguém parecido para o caixão. A tosse convulsa é uma doença que desfigura muito.

– É possível – Sarene disse, em dúvida.

– Você não acredita nisso.

Sarene negou com a cabeça.

– Quando um monarca decide destruir um rival, normalmente se assegura de fazer isso de modo permanente. Há muitas histórias sobre herdeiros perdidos que reaparecem depois de vinte anos no deserto para reivindicar seu legítimo trono.

– Mesmo assim, Iadon não é tão brutal quanto imagina – Roial falou. – Era um homem melhor antigamente. Nunca foi o que eu chamaria de um bom homem, mas tampouco era mau. Apenas ganancioso. Algo aconteceu com ele ao longo dos últimos anos, algo que o transformou. Mas acho que ainda resta compaixão suficiente em Iadon para impedi-lo de assassinar o próprio filho.

– Tudo bem – Sarene disse. – Enviarei Ashe para investigar os calabouços reais. Ele é tão meticuloso que saberá o nome de cada rato do lugar antes de ficar satisfeito.

– Seu seon? – Roial percebeu. – Onde ele está?

– Eu o enviei a Elantris.

– Elantris? – Kiin perguntou.

– Aquele gyorn fjordênico está interessado em Elantris por algum motivo. – Sarene explicou. – E tenho como norma nunca ignorar o que um gyorn acha interessante.

– Parece um tanto quanto preocupada com um simples sacerdote, Ene – Kiin comentou.

– Não é um sacerdote, tio – Sarene o corrigiu. – É um gyorn formado.

– Ainda é um único homem. Quanto dano pode fazer?

– Pergunte na República Dula – Sarene disse. – Acho que é o mesmo gyorn que esteve envolvido neste desastre.

– Não há evidência concreta de que Fjorden esteve por trás do colapso – Roial notou.

– Há em Teod, mas ninguém acreditaria. Apenas creia em mim quando digo que este único gyorn pode ser mais perigoso do que Iadon.

O comentário fez uma pausa na conversa. O tempo passou em silêncio, com os três bebendo vinho pensativos até que Lukel entrou, depois de sair para buscar a mãe e os irmãos. Acenou com a cabeça para Sarene e fez uma reverência para o duque antes de se servir de uma taça de vinho.

– Olhe só você – disse para Sarene enquanto se sentava. – Um membro confiante

do clube dos meninos.

– Líder dele, na verdade – Roial observou.

– E sua mãe? – Kiin perguntou.

– A caminho – Lukel respondeu. – Ainda não tinham acabado, sabe como mamãe é. Tudo deve ser feito de modo adequado; nenhuma pressa é permitida.

Kiin assentiu, tomando o último gole de vinho.

– Então você e eu temos que limpar tudo antes que ela volte. Não queremos que veja a bagunça que nossos nobres amigos deixaram na sala de jantar.

Lukel suspirou e deu um olhar para Sarene que sugeria que às vezes desejava viver em uma casa tradicional – com servos, ou ao menos mulheres que fizessem essas coisas. Mas Kiin já estava em movimento, e seu filho não teve outra escolha senão segui-lo.

– Família interessante – Roial comentou, observando-os sair.

– Sim. Um pouco estranha até para os padrões teodenos.

– Kiin viveu muito tempo por conta própria – o duque observou. – Acostumou-se a fazer as coisas sozinho. Ouvi dizer que certa vez contratou uma cozinheira, mas ficou frustrado com os métodos da mulher. Parece que ela se demitiu antes que ele tivesse coragem de despedi-la: disse que não podia trabalhar em um ambiente tão exigente.

Sarene riu.

– Não me soa estranho.

Roial sorriu, mas continuou em um tom de voz mais sério.

– Sarene, somos realmente afortunados. Você bem que pode ser nossa última chance de salvar Arelon.

– Obrigada, Vossa Graça – Sarene disse, ruborizando.

– Esse país não durará muito. Uns poucos meses, talvez, meio ano se tivermos sorte.

Sarene franziu o cenho.

– Mas achei que quisesse esperar. Pelo menos foi o que disse para os outros.

Roial fez um gesto depreciativo.

– Havia me convencido de que pouco se ganharia com a ajuda deles: Edan e Ahan são muito opostos, e Shuden e Eondel são ambos muito inexperientes. Queria apaziguá-los enquanto Kiin e eu decidíamos o que fazer. Temo que nossos planos podiam ter se centrado em métodos mais perigosos. Agora, no entanto, há outra alternativa. Se seu plano funcionar (ainda que não esteja convencido disso), podemos ser capazes de deter o colapso por um pouco mais de tempo. Não tenho certeza: dez anos de governo de Iadon acumularam problemas. Será difícil mudar isso em alguns meses.

– Acho que podemos fazer, Roial – Sarene assegurou.

– Só se assegure de não se precipitar, jovem senhora – Roial pediu, olhando para ela. – Não corra se tem forças apenas para andar, e não perca tempo forçando paredes que não cederão. Mais importante ainda, não empurre quando um tapinha é suficiente. Você me encurralou hoje. Ainda sou um velho arrogante. Se Shuden não tivesse me salvado, honestamente não sei dizer se teria sido humilde o suficiente para reconhecer minha falta diante de todos aqueles homens.

– Sinto muito – Sarene agora ruborizou por outro motivo. Havia algo neste velho e poderoso duque que a fez repentinamente querer seu respeito.

– Só tenha cuidado – Roial falou. – Se esse gyorn é tão perigoso quanto diz, então há forças muito poderosas se movendo em Kae. Não deixe que Arelon fique esmagada entre elas.

Sarene assentiu, e o duque se recostou, tomando o último gole de seu vinho.

No início de sua carreira, Hrathen tivera dificuldade em aceitar outros idiomas. O fjordênico era a língua escolhida pelo próprio Jaddeth – era sagrada, enquanto as outras eram profanas. Como, então, converter aqueles que não falavam fjordênico? Devia falar com eles em seu idioma ou forçar que todos os verdadeiros suplicantes estudassem fjordênico primeiro? Parecia uma tolice exigir que uma nação inteira aprendesse uma nova língua antes de permitir que soubessem do Império de Jaddeth.

Então, quando se viu obrigado a escolher entre o profano e o atraso infinito, Hrathen escolheu o profano. Aprendeu a falar aônico e dula, e sabia até mesmo um pouco de jindonês. Quando ensinava, ensinava as pessoas em seu próprio idioma – ainda que fosse obrigado a admitir que isso ainda o incomodava. E se nunca aprendessem? E se suas ações fizessem com que as pessoas pensassem que não precisavam do fjordênico, já que podiam aprender sobre Jaddeth em sua língua materna?

Esses pensamentos, e muitos outros como esses, passavam pela cabeça de Hrathen enquanto pregava para o povo de Kae. Não era falta de dedicação: simplesmente já pronunciara os mesmos discursos tantas vezes que se tornara hábito. Falava quase inconscientemente, erguendo e abaixando a voz ao ritmo do sermão, executando a antiga arte que era um híbrido de oração e teatro.

Quando os instava, respondiam com aplausos. Quando condenava, olhavam-se entre si, envergonhados. Quando levantava a voz, prestavam atenção, e quando a baixava até um leve sussurro, ficavam ainda mais atentos. Era como se controlasse as próprias ondas do mar, e a emoção percorria a multidão como marés cobertas de espuma.

Terminava com uma admoestação impressionante para que servissem ao reino de Jaddeth, para que jurassem ser odiv ou krondet de um dos sacerdotes em Kae, tornando-se, assim, parte da cadeia que os ligava diretamente ao Senhor Jaddeth. O povo comum servia aos arteths e dorvens, os arteths e dorvens serviam aos gradors, os gradors serviam aos ragnats, os ragnats serviam aos gyorns, os gyorns serviam a Wyrn e Wyrn servia a Jaddeth. Apenas os gragdets – líderes dos monastérios – não estavam diretamente na linha. Era um sistema organizado de maneira soberba. Todos sabiam a quem deviam servir; a maioria não precisava se preocupar com as ordens de Jaddeth, que frequentemente estavam além de sua compreensão. Tudo o que tinham de fazer era seguir seu arteth, servi-lo o melhor possível, e Jaddeth ficaria satisfeito.

Hrathen desceu do palco, satisfeito. Estava pregando em Kae há apenas alguns

dias, mas a capela estava sempre tão cheia que as pessoas tinham que se colocar em fila no fundo quando os assentos ficavam todos ocupados. Somente poucos recém-chegados estavam realmente interessados em se converter; a maioria aparecia porque Hrathen era uma novidade. Mas voltariam. Podiam dizer a si mesmo que estavam só curiosos – que o interesse deles não tinha nenhuma relação com religião – mas *voltariam*.

Assim que o Shu-Dereth ficasse mais popular em Kae, os participantes dessas primeiras reuniões se sentiriam importantes por associação. Alardeariam que haviam descoberto o Shu-Dereth muito antes que seus vizinhos e, como consequência, continuariam participando dos encontros. O orgulho deles, misturado aos convincentes sermões de Hrathen, acabaria com as dúvidas e logo estariam jurando servidão a um dos arteths.

Hrathen teria que nomear em breve um novo arteth principal. Adiara a decisão por um tempo, esperando para ver como os sacerdotes que restavam na capela lidavam com suas tarefas. No entanto, o tempo começava a se esgotar e em pouco tempo os membros locais seriam muitos para que Hrathen os localizasse e os organizasse, sobretudo tendo em conta os planos e pregações que precisava fazer.

As pessoas do fundo começavam a sair da capela. Mas um som súbito as deteve. Hrathen olhou surpreso para o palco. A reunião devia acabar com seu sermão, mas alguém pensava diferente. Dilaf decidira falar.

O areleno baixote gritou suas palavras com energia feroz. Em poucos segundos, a multidão ficou em silêncio e a maioria voltou aos seus assentos. Haviam visto Dilaf seguindo Hrathen, e a maioria provavelmente sabia que era um arteth, mas Dilaf nunca se dirigira a eles antes. Agora, no entanto, era impossível ignorá-lo.

Ele desobedeceu a todas as regras da oratória. Não variou o tom de voz nem olhou o público nos olhos. Não manteve uma postura imponente e ereta para parecer no controle; em vez disso, saltou pelo palco energicamente, gesticulando como louco. Seu rosto estava coberto de suor; seus olhos estavam arregalados e assombrados.

E eles o ouviram.

Eles o ouviram com mais atenção do que a Hrathen. Seguiam os insanos saltos de Dilaf com os olhos, transfigurados por cada um de seus movimentos pouco ortodoxos. O discurso de Dilaf girava em torno de um único tema: o ódio por Elantris. Hrathen podia sentir que o entusiasmo da audiência crescia. A paixão de Dilaf funcionava como um catalisador, como um bolor que se espalhava sem controle ao encontrar um lugar úmido para crescer. Logo todo o público compartilhava a repugnância dele, e gritava com suas denúncias.

Hrathen observou com preocupação e, tinha de admitir, com inveja. Ao contrário de Hrathen, Dilaf não fora treinado nas maiores escolas do leste. Mesmo assim, esse

pequeno sacerdote tinha algo que faltava a Hrathen. Paixão.

Hrathen sempre fora calculista. Era organizado, cuidadoso e atento aos detalhes. Coisas similares no Shu-Dereth – seu método padronizado e ordenado de governar, juntamente com sua filosofia lógica – foram o que o atraiu ao sacerdócio. Nunca duvidara da igreja. Algo tão perfeitamente organizado só podia estar certo.

Apesar dessa lealdade, Hrathen nunca sentira o que Dilaf expressava agora. Não tinha ódios tão intensos que o fizessem chorar, nem amores tão profundos para arriscar tudo em seu nome. Sempre acreditara que era o seguidor perfeito de Jaddeth; que seu Senhor precisava mais de calma do que de ardor desenfreado. Agora, no entanto, duvidava.

Dilaf tinha mais poder sobre a audiência do que Hrathen jamais tivera. O ódio do arteth por Elantris não era lógico – era irracional e feroz – mas eles não se importavam. Hrathen podia passar anos explicando os benefícios do Shu-Dereth e nunca conseguir a reação que expressavam agora. Parte dele zombava, tentando convencer a si mesmo que o poder das palavras de Dilaf não duraria, que a paixão do momento seria perdida no cotidiano da vida – mas outra parte dele, mais verdadeira, estava simplesmente com inveja. O que havia de errado com Hrathen que, em trinta anos de serviço ao reino de Jaddeth, jamais sentira o que Dilaf parecia sentir a cada momento?

Depois de algum tempo, o arteth ficou em silêncio. O salão permaneceu totalmente quieto por um longo momento depois do discurso de Dilaf. Então começaram todos a discutir, excitados, falando enquanto saíam em fila da capela. Dilaf desceu do palco e largou-se em um dos bancos dianteiros.

– Isso foi muito bom – uma voz comentou ao lado de Hrathen. O duque Telrii observara os sermões de uma cabine privada em uma das laterais da capela. – Colocar o baixinho para falar depois de você foi uma manobra maravilhosa, Hrathen. Fiquei preocupado quando vi que as pessoas estavam entediadas. O jovem sacerdote prendeu a atenção de todo mundo.

Hrathen escondeu seu incômodo porque Telrii usou seu nome e não seu título; haveria tempo mais adiante para corrigir essa falta de respeito. Também se absteve de fazer comentários sobre o suposto tédio da audiência durante seu sermão.

– Dilaf é um jovem raro – disse, em vez disso. – Há dois lados em cada discurso, lorde Telrii: o lógico e o apaixonado. Temos que atacar nas duas direções se queremos ser vitoriosos.

Telrii assentiu.

– Então, meu senhor, considerou minha proposta?

Telrii hesitou por um momento, então assentiu novamente.

– É tentador, Hrathen. Muito tentador. Não creio que haja um homem em Arelon que pudesse recusá-la, muito menos eu.

– Ótimo. Farei contato com Fjorden. Podemos começar em uma semana.

Telrii assentiu, a marca de nascimento em seu pescoço parecendo um grande hematoma nas sombras. Então, gesticulando para seus numerosos assistentes, o duque saiu pela porta lateral da capela, desaparecendo no crepúsculo. Hrathen viu a porta se fechar, então foi até Dilaf, que ainda estava largado no banco.

– Isso foi inesperado, arteth – disse. – Deveria ter falado comigo antes.

– Não foi planejado, meu senhor – Dilaf explicou. – De repente senti a necessidade de falar. Só o fiz a seu serviço, meu hroden.

– É claro – Hrathen falou insatisfeito. Telrii tinha razão: a intervenção de Dilaf fora valiosa. Por mais que quisesse repreender o arteth, não podia fazê-lo. Seria negligente em seu serviço a Wyrn se não usasse cada instrumento sob seu poder para converter o povo de Arelon, e Dilaf se provara um instrumento muito útil. Hrathen poderia precisar que o arteth falasse em encontros futuros. Mais uma vez, Dilaf o deixou sem muitas opções.

– Bem, está feito – Hrathen comentou com menosprezo calculado. – E parece que gostaram. Talvez tenha que falar novamente em algum momento. Mas deve lembrar seu lugar, arteth. É meu odiv; não deve agir a menos que eu indique especificamente. Estamos entendidos?

– Perfeitamente, meu senhor Hrathen.

***

Hrathen fechou silenciosamente a porta de seus aposentos pessoais. Dilaf não estava ali; Hrathen nunca lhe permitiria ver o que estava prestes a acontecer. Nisso Hrathen ainda podia se sentir superior ao jovem sacerdote areleno. Dilaf jamais alcançaria os postos mais altos do sacerdócio, por isso jamais faria o que Hrathen estava prestes a fazer – algo conhecido apenas pelos gyorns e por Wyrn.

Hrathen sentou-se tranquilamente em sua cadeira, preparando-se. Só depois de meia hora de meditação sentiu-se suficientemente controlado para agir. Após inspirar profundamente, ficou em pé e se aproximou do grande baú que guardava no canto do quarto. Estava coberto por uma pilha de tapeçarias dobradas, cuidadosamente colocadas para disfarçar. Hrathen retirou as tapeçarias com reverência e remexeu embaixo da camisa para encontrar uma corrente de ouro que levava em volta do pescoço. Na corrente havia uma pequena chave. Usou-a para abrir o baú, revelando o conteúdo: uma caixinha metálica.

A caixa tinha o tamanho aproximado de quatro livros empilhados, e Hrathen reparou no peso quando a tirou do baú com ambas as mãos. Suas laterais haviam sido feitas com o melhor aço, e a frente tinha um pequeno mostrador e várias alavancas delicadas. O mecanismo fora desenhado pelos melhores ferreiros de Svorden. Apenas Hrathen e Wyrn sabiam o método adequado de girar e torcer para

abrir a caixa.

Hrathen girou o mostrador e virou as alavancas seguindo a sequência que memorizara pouco depois de ser nomeado gyorn. A combinação nunca fora escrita. Teria sido uma fonte de extremo incômodo ao Shu-Dereth se alguém de fora do sacerdócio descobrisse o que havia dentro da caixa.

O cadeado fez um clique, e Hrathen abriu a tampa com mão firme. Uma pequena bola brilhante esperava paciente no interior.

– Precisa de mim, meu senhor? – o seon perguntou com voz suave e feminina.

– Silêncio – Hrathen ordenou. – Sabe que não deve falar.

A bola de luz flutuou submissa. Haviam-se passado meses desde que Hrathen abrira a caixa, mas o seon não mostrava sinais de rebeldia. As criaturas – ou o que quer que fossem – pareciam ser fiéis e obedientes.

Os seons haviam sido a maior surpresa de Hrathen ao ser nomeado gyorn. Não que se surpreendesse ao descobrir que as criaturas eram reais – ainda que muitos no leste achassem que eram um mito aônico, Hrathen já naquela época havia aprendido que havia coisas no mundo que não eram compreendidas pelas pessoas normais. As lembranças de seus primeiros anos em Dakhor ainda o faziam tremer de medo.

Não, a surpresa para Hrathen foi descobrir que Wyrn permitia o uso de magias pagãs para ampliar o império de Jaddeth. O próprio Wyrn explicara a necessidade de usar seons, mas Hrathen levara anos para aceitar a ideia. No fim, a lógica se impôs. Assim como era necessário algumas vezes falar idiomas pagãos para pregar o império de Jaddeth, havia casos em que as artes do inimigo se provavam valiosas.

É claro que apenas aqueles com mais autocontrole e santidade podiam usar seons sem serem tentados. Gyorns os usavam para contatar Wyrn quando estavam em países distantes e, mesmo assim, com pouca frequência. A comunicação instantânea através de grandes distâncias era um recurso que valia o preço.

– Traga-me Wyrn – Hrathen ordenou. O seon obedeceu, erguendo-se um pouco, buscando suas habilidades para falar com o seon que o próprio Wyrn tinha escondido e que era observado todo o tempo por um servo mudo cujo sagrado dever era vigiar a criatura.

Hrathen olhou o seon enquanto esperava. O seon flutuava paciente. Sempre *parecia* obediente; de fato, outros gyorns jamais questionavam a lealdade das criaturas. Diziam que era parte da mágica dos seons serem fiéis aos seus amos, mesmo que os amos os detestassem.

Hrathen não tinha tanta certeza. Seons podiam fazer contato com outros de sua espécie, e aparentemente não precisavam dormir nem a metade do que os homens. O que os seons faziam enquanto seus mestres dormiam? Que segredos discutiam? Em um dado momento, a maior parte da nobreza de Duladel, Arelon, Teod, e até mesmo de Jindo, tinha seons. Naqueles dias, quantos segredos haviam sido testemunhados, e

talvez fofocados, por aquelas discretas bolas flutuantes?

Balançou a cabeça. Era bom que aqueles dias tivessem passado. Desvalidos por causa de sua associação com a queda de Elantris, incapazes de continuar se reproduzindo pela perda da magia elantrina, os seons eram cada vez mais raros. Assim que Fjorden conquistasse o Ocidente, Hrathen duvidava que alguém visse seons flutuando livremente de novo.

Seu seon começou a gotejar como água, até tomar a forma do rosto orgulhoso de Wyrn. Seus traços nobres e angulosos observaram Hrathen.

– Estou aqui, filho – a voz de Wyrn chegou através do seon.

– Ó grande senhor e mestre, ungido de Jaddeth e imperador da luz de Seu favor – Hrathen saudou, inclinando a cabeça.

– Fale, meu odiv.

– Tenho uma proposta de um dos senhores de Arelon, magnífico...

—É isso! – Raoden exclamou. – Galladon, venha aqui!

O grande dula abaixou seu livro com as sobrancelhas erguidas, então se levantou com seu característico estilo relaxado e se aproximou de Raoden.

– O que encontrou, sule?

Raoden apontou para o livro sem capa que tinha diante de si. Estava sentado na antiga igreja korathi que se tornara seu centro de operações. Galladon, ainda determinado a manter seu pequeno estúdio coberto de livros em segredo, insistira que levassem os volumes necessários para a capela em vez de deixar mais alguém entrar em seu santuário.

– Sule, não consigo ler isso – Galladon protestou olhando para o livro. – Está todo escrito com aons.

– Foi isso que me fez suspeitar – Raoden falou.

– *Você* consegue ler isso? – Galladon perguntou.

– Não – Raoden respondeu com um sorriso. – Mas tenho isso – estendeu a mão e pegou um volume parecido, também sem capa, as páginas manchadas com o lodo de Elantris. – Um dicionário de aons.

Galladon estudou o primeiro livro com olhar crítico.

– Sule, não reconheço nem um décimo dos aons desta página. Tem ideia de quanto tempo vai levar para traduzir isso?

Raoden deu de ombros.

– É melhor do que buscar pistas em outros livros. Se eu tiver que ler mais uma palavra sobre a paisagem de Fjorden, vou acabar vomitando.

Galladon concordou com um grunhido. Quem quer que tivesse sido o dono dos livros antes do Reod devia ter sido especialista em geografia, pois pelo menos metade dos volumes tratava desse assunto.

– Tem certeza de que é esse que procuramos? – Galladon perguntou.

– Tive um pouco de treinamento na leitura de textos aônicos puros, meu amigo – Raoden comentou, apontando o aon em uma página no início do livro. – Aqui diz AonDor.

Galladon assentiu.

– Tudo bem, sule. Não invejo sua tarefa. A vida teria sido muito mais simples se seu povo não tivesse passado tanto tempo inventando um alfabeto. Kolo?

– Os aons eram um alfabeto – Raoden falou. – Só que era um incrivelmente complexo. Não vai demorar tanto quanto imagina: recordarei o que aprendi depois de um tempo.

– Sule, algumas vezes você é tão otimista que me dá ânsia. Suponho, então, que podemos devolver os outros livros para o lugar de onde tiramos, certo? – Havia certa ansiedade na voz de Galladon. Os livros eram preciosos para ele; Raoden levara uma hora inteira para convencer o dula a deixá-lo arrancar as capas, e se deu conta do quanto o incomodava que os livros ficassem expostos ao lodo e à sujeira de Elantris.

– Não há problema – Raoden falou. Nenhum dos outros livros eram sobre o AonDor e, ainda que alguns fossem diários ou registros que poderiam conter pistas, Raoden suspeitava que nenhum deles seria tão útil quanto aquele que tinha diante de si. Presumindo que conseguisse traduzir com êxito.

Galladon assentiu e começou a reunir os livros; então olhou para cima com apreensão, quando ouviu o barulho de algo raspando vindo do telhado. O grande dula estava convencido de que cedo ou tarde tudo viria abaixo e, inevitavelmente, cairia sobre sua brilhante cabeça escura.

– Não se preocupe tanto, Galladon – Raoden pediu. – Maare e Riil sabem o que estão fazendo.

Galladon franziu o cenho.

– Não, não sabem, sule. Acho que me lembro que nenhum deles tinha ideia do que fazer antes que você os pressionasse a agir.

– Quis dizer que são competentes – Raoden olhou para cima, satisfeito. Em seis dias de trabalho haviam feito boa parte do serviço. Mareshe desenvolvera uma pasta parecida com barro, que misturava lascas de madeira, terra e o onipresente lodo de Elantris. Essa mistura, quando aplicada nas vigas de apoio caídas e em algumas partes menos podres de tecido, proporcionava material para fazer um teto que, se não era excelente, era ao menos adequado.

Raoden sorriu. A dor e a fome estavam sempre ali, mas as coisas iam tão bem que quase podia esquecer a dor de sua meia dúzia de topadas e cortes. Pela janela à sua direita, podia ver o mais novo membro do bando, Loren. O homem trabalhava em uma grande área ao lado da igreja que, provavelmente, havia sido um jardim. Seguindo as ordens de Raoden e equipado com um par novo em folha de luvas de couro, Loren movia pedras e tirava os escombros, revelando a terra suave debaixo.

– De que vai servir isso? – Galladon perguntou, acompanhando o olhar de Raoden.

– Você verá – Raoden respondeu com um sorriso misterioso.

Galladon bufou enquanto pegava uma braçada de livros e deixou a capela. O dula estava certo sobre uma coisa: não podiam contar que iriam jogar novos elantrinos na cidade tão rapidamente quanto Raoden imaginara no princípio. Antes da chegada de Loren, no dia anterior, cinco dias inteiros se passaram antes que houvesse qualquer agito nos portões da cidade. Raoden fora muito sortudo em encontrar Mareshe e os

demais em tão pouco tempo.

– Lorde Espírito? – perguntou uma voz hesitante.

Raoden olhou para a porta da capela, onde um homem desconhecido o esperava. Era magro, de aspecto encolhido e tinha um ar de submissão. Raoden não podia dizer sua idade com precisão; a Shaod tendia a fazer com que todo mundo parecesse muito mais velho do que realmente era. Mas tinha a impressão de que a idade deste homem não era uma ilusão. Se sua cabeça tivesse qualquer cabelo, teria sido branco, e sua pele devia ter se enrugado muito antes que a Shaod o tomasse.

– Sim? – Raoden perguntou com interesse. – O que posso fazer por você?

– Meu senhor... – o homem começou a dizer.

– Diga – Raoden o incentivou.

– Bem, Sua Senhoria, tenho ouvido algumas coisas, e me perguntava se poderia me unir a vocês.

Raoden sorriu, levantando-se e andando até o homem.

– É claro que pode se unir a nós. O que escutou por aí?

– Bem... – O ancião vacilou, nervoso. – Algumas pessoas nas ruas dizem que aqueles que o seguem não têm fome. Dizem que tem um segredo para que a dor se vá. Estou em Elantris há quase um ano, meu senhor, e minhas feridas são quase insuportáveis. Imaginei que poderia dar uma chance para ver se é verdade, ou acabar em uma sarjeta e me juntar aos hoed.

Raoden assentiu, dando-lhe um tapinha no ombro. Ainda podia sentir seu dedo do pé ardendo – estava se acostumando à dor, mas ainda estava ali. Era acompanhada pelo ronco de seu estômago.

– Estou feliz que tenha vindo. Qual é seu nome?

– Kahar, meu senhor.

– Tudo bem, então, Kahar. O que fazia antes que a Shaod o alcançasse?

Os olhos de Kahar se turvaram, como se estivesse retrocedendo muito no tempo.

– Era uma espécie de limpador, meu senhor. Acho que limpava as ruas.

– Perfeito! Estava esperando por alguém com essa habilidade específica. Mareshe, está aí atrás?

– Sim, meu senhor – respondeu o espigado artesão de um dos aposentos do fundo. Colocou a cabeça para fora no momento seguinte.

– Por acaso, um dos dispositivos que você colocou por aí coletou alguma coisa da chuva da noite passada?

– É claro, meu senhor – Mareshe respondeu, indignado.

– Que bom. Mostre a Kahar onde está a água.

– Certamente – Mareshe fez sinal para que Kahar o seguisse.

– O que tenho que fazer com a água, meu senhor? – Kahar perguntou.

– Já é hora de parar de viver na imundície, Kahar – Raoden falou. – Este lodo que

cobre Elantris pode ser limpo; vi um lugar em que isso foi feito. Leve o tempo que quiser e não se machuque, mas limpe este edifício por dentro e por fora. Raspe cada pedaço de lodo e lave cada bocado de sujeira.

– Então me ensinará o segredo? – Kahar perguntou, esperançoso.

– Confie em mim.

Kahar assentiu, seguindo Mareshe para fora do aposento. O sorriso de Raoden desapareceu quando o homem partiu. Estava descobrindo que a parte mais difícil da liderança em Elantris era manter a atitude de otimismo da qual Galladon burlava. Essas pessoas, até mesmo os recém-chegados, estavam perigosamente perto de perder a esperança. Pensavam que estavam condenados, e supunham que nada salvaria suas almas de apodrecerem como a própria Elantris. Raoden tinha que superar anos de condicionamento além das constantes forças da dor e da fome.

Nunca se considerara uma pessoa especialmente alegre. Aqui em Elantris, no entanto, Raoden se pegara reagindo ao desespero com otimismo desafiante. Quanto pior as coisas ficavam, mais determinado ficava em enfrentá-las sem reclamar. Mas a alegria forçada cobrava seu preço. Podia sentir que os outros, incluindo Galladon, confiavam nele. Entre todas as pessoas de Elantris, apenas Raoden não podia mostrar sua dor. A fome corroía seu peito como uma horda de insetos que tentava escapar de suas entranhas, e a dor dos vários ferimentos golpeava sua força de vontade com determinação implacável.

Não tinha certeza de quanto tempo aguentaria. Depois de apenas uma semana e meia em Elantris, já sentia tanta dor que algumas vezes era difícil se concentrar. Quanto tempo passaria até que ficasse totalmente incapacitado? Ou quanto até que ficasse reduzido ao estado sub-humano dos homens de Shaor? Uma pergunta era mais assustadora do que as demais: quando caísse, quantos cairiam com ele?

Mesmo assim, tinha que suportar o peso. Se não aceitasse a responsabilidade, ninguém mais o faria – e essas pessoas se tornariam escravas ou de sua própria agonia ou dos valentões das ruas. Elantris precisava dele. Se devia ser usado, que assim fosse.

– Lorde Espírito! – chamou uma voz frenética.

Raoden olhou para a porta, enquanto um preocupado Saolin entrava correndo no aposento. O mercenário de nariz aquilino tinha fabricado uma lança com um pedaço de madeira meio podre e uma pedra afiada, e patrulhava a área ao redor da capela. O rosto coberto de cicatrizes do elantrino tinha rugas de preocupação.

– O que foi, Saolin? – Raoden perguntou, alarmado. O homem era um guerreiro experiente, e não se inquietava com facilidade.

– Um grupo de homens armados está vindo para cá, meu senhor. Contei doze deles, e levam armas de aço.

– Aço? – Raoden disse. – Em Elantris? Não sabia que existia isso aqui.

– Estão se aproximando rapidamente, meu senhor – Saolin disse. – O que faremos? Estão quase aqui.

– *Estão* aqui – Raoden disse quando um grupo de homens abriu passagem através das portas abertas da capela. Saolin tinha razão: vários levavam armas de aço, ainda que as lâminas estivessem lascadas e enferrujadas. O grupo tinha aspecto sombrio e desagradável, e era liderado por uma figura familiar; ou pelo menos, familiar de longe.

– Karata – Raoden disse. Loren deveria ter sido seu no dia anterior, mas Raoden o roubara. Aparentemente, ela viera fazer uma reclamação. Era só questão de tempo.

Raoden olhou Saolin, que avançava passo a passo, como se estivesse ansioso para experimentar sua lança.

– Fique quieto, Saolin – Raoden ordenou.

Karata era completamente careca, um presente da Shaod, e estava tanto tempo na cidade que sua pele começava a se enrugar. Mesmo assim, tinha um porte orgulhoso e olhos decididos – os olhos de uma pessoa que não cedera à dor e que não o faria tão cedo. Usava roupas de couro rasgado – para Elantris, estava bem vestida.

Karata contemplou a capela, estudando o teto novo e, depois, os membros do bando de Raoden, que haviam se reunido do lado de fora da janela para observar com apreensão. Mareshe e Kahar estavam imóveis no fundo da sala. Finalmente, voltou-se para encarar Raoden.

Houve um silêncio tenso. Depois de um tempo, Karata se virou para um de seus homens.

– Destrua o edifício, expulse todos eles e quebre alguns ossos – virou-se para partir.

– Posso fazê-la entrar no palácio de Iadon – Raoden disse tranquilamente.

Karata parou.

– É isso o que você quer, não é? – Raoden perguntou. – Os Guardas da Cidade de Elantris a capturaram em Kae. Não vão tolerá-la para sempre: queimam elantrinos que escapam muitas vezes. Se realmente quer entrar no palácio, posso levá-la até lá.

– Nunca sairemos da cidade – Karata respondeu, voltando seus olhos céticos na direção dele. – Dobraram a guarda recentemente; algo a ver com aparentar bem para um casamento real. Não consigo sair há um mês.

– Também posso tirá-la da cidade – Raoden prometeu.

Os olhos de Karata se estreitaram, desconfiados. Não se falou em preço. Ambos sabiam que Raoden só podia exigir uma coisa: ser deixado em paz.

– Você está desesperado – ela finalmente concluiu.

– Verdade. Mas também sou um oportunista.

Karata assentiu lentamente.

– Voltarei ao anoitecer. Cumprirá o prometido ou meus homens quebrarão as

pernas de todos aqui e os deixarão apodrecendo em agonia.

– Entendido.

***

– Sule, eu...

– Não acha que é uma boa ideia – Raoden concluiu com um leve sorriso. – Sim, Galladon, eu sei.

– Elantris é uma cidade grande – Galladon comentou. – Há muitos lugares para se esconder, onde nem Karata poderia nos achar. Ela não pode espalhar muito seus homens, ou Shaor e Aanden a atacarão. Kolo?

– Sim, mas e então? – Raoden perguntou, testando a força de uma corda que Mareshe fabricara com alguns trapos. Parecia capaz de aguentar seu peso. – Karata não seria capaz de nos encontrar, nem ninguém mais. As pessoas finalmente estão começando a perceber que estamos aqui. Se formos embora, nunca cresceremos.

Galladon parecia pesaroso.

– Sule, temos que crescer? Tem que começar outro bando? Três chefões não são o suficiente?

Raoden parou, olhando o grande dula com preocupação.

– Galladon, é isso mesmo que acha que estou fazendo?

– Não sei, sule.

– Não tenho desejo de poder, Galladon – Raoden afirmou terminantemente. – Estou preocupado com a vida. Não apenas com sobrevivência, Galladon, *vida*. Essas pessoas estão mortas porque desistiram, não porque seus corações não batem mais. Quero mudar isso.

– Sule, é impossível.

– Assim como levar Karata ao palácio de Iadon – Raoden disse, enrolando a corda no braço. – Vejo você quando voltar.

***

– O que é isso? – Karata perguntou, desconfiada.

– O poço da cidade – Raoden explicou, espiando sobre a beirada de pedra. O poço era fundo, mas podia ouvir a água movendo-se na escuridão lá embaixo.

– Espera sair daqui nadando?

– Não – Raoden disse, amarrando a corda de Mareshe em uma vara de ferro que saia da lateral do poço. – Vamos apenas deixar que a correnteza nos leve. Mais boiar do que nadar.

– Isso é loucura... o rio é subterrâneo. Vamos nos afogar.

– Não podemos nos afogar – Raoden lembrou. – Como meu amigo Galladon gosta de dizer: “Já estamos mortos. Kolo?”

Karata não parecia convencida.

– O rio Aredel corre bem por baixo de Elantris, e então continua até Kae – Raoden explicou. – Rodeia a cidade e passa pelo palácio. Tudo o que temos de fazer é deixar que nos leve. Já tentei segurar o fôlego; fiquei sem respirar meia hora e meus pulmões nem sentiram. Nosso sangue não flui mais, então a única razão pela qual precisamos de ar é para falar.

– Isso pode destruir nós dois – Karata avisou.

Raoden deu de ombros.

– A fome acabaria conosco em alguns meses, de qualquer modo.

Karata sorriu levemente.

– Tudo bem, Espírito. Você primeiro.

– Com prazer – Raoden disse, sem sentir prazer algum com nada daquilo. Mesmo assim, a ideia era sua. Balançando a cabeça tristemente, pulou pela borda do poço e começou a descer. A corda acabou antes que alcançasse a água, então, depois de inspirar profundamente, se soltou.

Caiu em um rio surpreendentemente frio. A correnteza ameaçava arrastá-lo, mas Raoden segurou-se em uma pedra com rapidez e ficou esperando Karata. A voz dela logo soou na escuridão, vinda de cima.

– Espírito?

– Estou aqui. Você está a uns três metros do rio; tem que se jogar o resto do caminho.

– E então?

– Então o rio continua sob a terra, posso senti-lo me sugando correnteza abaixo nesse momento. Esperemos que seja largo por todo o percurso, ou acabaremos como eternos tampões subterrâneos.

– Podia ter mencionado isso antes que eu chegasse até aqui – Karata reclamou, nervosa. Mesmo assim, logo veio o som de algo caindo na água, seguido por um gemido baixo que terminou em um gorgolejo quando algo grande passou por Raoden na correnteza.

Murmurando uma oração ao Misericordioso Domi, Raoden soltou a pedra e deixou o rio levá-lo por sua superfície invisível.

***

Raoden teve de nadar. O truque era se manter no meio do rio, para não se chocar contra as paredes de rocha do túnel. Fez o melhor que pôde para se mover na escuridão, usando os braços estendidos para se posicionar. Felizmente, o tempo polira as rochas a ponto que mais roçavam do que cortavam.

Uma eternidade se passou naquele mundo subterrâneo silencioso. Era como se flutuasse na escuridão, incapaz de falar, completamente sozinho. Talvez a morte fosse assim, a alma vagando em um interminável vazio sem luz.

A correnteza mudou, levando-o para cima. Mexeu os braços para amortecer o choque contra o teto de pedra, mas não encontrou resistência alguma. Um momento mais tarde, sua cabeça irrompeu no ar livre e seu rosto molhado sentiu o vento gelado. Pestanejou inseguro, enquanto o mundo entrava em foco, as luzes das estrelas e uma ocasional lanterna de rua ofereciam apenas uma tênue iluminação. Era o suficiente para que recuperasse o senso de direção – e, talvez, a sanidade.

Boiou letárgico; o rio ficava mais largo depois de chegar à superfície, e a correnteza diminuía consideravelmente. Sentiu uma forma se aproximar dele na água, e tentou falar, mas seus pulmões estavam cheios de água. Só conseguiu desencadear um forte e incontrolável acesso de tosse.

Uma mão tapou sua boca, interrompendo sua tosse com um murmúrio.

– Quieto, idiota! – Karata sussurrou.

Raoden assentiu, lutando para se controlar. Talvez devesse ter se concentrado menos nas metáforas teológicas da viagem e mais em manter a boca fechada.

Karata soltou sua boca, mas continuou segurando seu ombro, mantendo os dois juntos enquanto passavam pela cidade de Kae. As lojas estavam fechadas, pois era noite, mas um guarda ocasional patrulhava as ruas. Os dois continuaram a boiar em silêncio até alcançar o limite norte da cidade, onde o palácio de Iadon se erguia na noite. Então, ainda sem falar, nadaram até a margem ao lado do palácio.

O edifício era escuro e taciturno – uma manifestação da insegurança de Iadon. O pai de Raoden não era medroso com frequência; na verdade, em geral era beligerante quando devia ser apreensivo. Essa característica lhe trouxera riqueza quando era um homem de negócios que comerciava com os fjordênicos, mas lhe garantira fracassos como rei. Em apenas uma coisa Iadon era paranoico: dormir. O rei ficava aterrorizado de pensar que assassinos pudessem se esgueirar até seus aposentos e matá-lo enquanto dormia. Raoden se lembrava bem das reclamações irracionais de seu pai sobre o assunto todas as noites antes de se retirar. As preocupações do reinado só pioraram o temor de Iadon, fazendo-o reforçar sua casa com um batalhão de guardas. Os soldados viviam perto dos aposentos do próprio rei para facilitar uma resposta rápida.

– Muito bem – Karata sussurrou observando insegura como os guardas passavam pelas ameias. – Nos trouxe até aqui. Agora, faça-nos entrar.

Raoden assentiu, tentando esvaziar os pulmões encharcados de modo mais silencioso possível – não sem disfarçar um engulho.

– Tente não tossir tanto – Karata aconselhou. – Vai irritar a garganta e machucar o peito, e passará a eternidade sentindo que está resfriado.

Raoden grunhiu, ficando em pé.

– Precisamos chegar à ala oeste – disse com voz áspera.

Karata assentiu. Caminhou rápido e silenciosamente – muito mais do que Raoden

era capaz –, como uma pessoa acostumada ao perigo. Várias vezes ergueu a mão em sinal de advertência, detendo o avanço deles bem antes que um pelotão de guardas emergisse da escuridão. Sua destreza garantiu que chegassem à ala oeste do palácio de Iadon sem tropeços, apesar da falta de habilidade de Raoden.

– E agora? – perguntou em voz baixa.

Raoden fez uma pausa. Uma questão se interpunha agora. Por que Karata queria acesso ao palácio? Pelo que Raoden ouvira dela, não parecia o tipo que buscava vingança. Era brutal, mas não vingativa. Mas, e se estivesse errado? E se ela quisesse o sangue de Iadon?

– E aí? – Karata perguntou.

Não deixarei que mate meu pai, Raoden resolveu. *Não importa quão mau rei seja, não permitirei isso*.

– Precisa me responder algo antes.

– Agora? – ela perguntou, aborrecida.

Raoden assentiu.

– Preciso saber por que quer entrar no palácio?

Ela franziu o cenho na escuridão.

– Você não está em posição de fazer exigências.

– Nem você em posição de recusá-las – Raoden lembrou. – Tudo o que tenho que fazer é dar o alarme, e ambos seremos presos pelos guardas.

Karata esperou na escuridão, obviamente tentando decidir se ele faria isso ou não.

– Olhe – Raoden disse. – Só me diga uma coisa. Pretende causar dano ao rei?

Karata o olhou nos olhos, e negou com a cabeça.

– Meu negócio não é com ele.

Confio nela ou não? Raoden pensou. *Tenho escolha?*

Afastou com as mãos uns arbustos que cobriam o muro; então apoiou o peso de seu corpo contra uma das pedras. A pedra afundou com um rangido baixo, e um pedaço de solo se abriu diante deles.

Karata ergueu as sobrancelhas.

– Uma passagem secreta? Que bizarro.

– Iadon é paranoico com suas horas de sono – Raoden explicou, rastejando no pequeno espaço entre o chão e o muro. – Mandou construir essa passagem para ter um meio de fuga se alguém atacasse o palácio.

Karata bufou enquanto o seguia pelo buraco.

– Pensei que coisas como essas só existiam nos contos infantis.

– Iadon gosta muito desses contos – Raoden disse.

A passagem ficava mais larga depois de uns poucos metros, e Raoden apalpou a parede até encontrar um lampião, com pederneira e aço. Manteve o anteparo quase fechado, liberando apenas um feixe de luz, mas o suficiente para revelar uma

passagem estreita e cheia de pó.

– Parece que conhece bem o palácio – Karata observou.

Raoden não respondeu, incapaz de pensar em uma resposta que não fosse reveladora demais. Seu pai lhe mostrara a passagem quando ainda era adolescente, e Raoden e seus amigos sentiam uma atração irresistível pelo lugar. Ignorando os avisos de que a passagem era apenas para emergências, Raoden e Lukel ficavam horas brincando lá dentro.

A passagem parecia menor agora, é claro. Havia espaço apenas para que Raoden e Karata se movessem.

– Venha – ele disse, segurando o lampião no alto e caminhando de lado. O trajeto até os aposentos de Iadon era mais curto do que se lembrava; na verdade, a passagem não era grande coisa, apesar do que sua imaginação afirmava. Subia até o segundo andar em um ângulo pronunciado, direto aos aposentos do rei.

– Aqui estamos – Raoden avisou quando chegaram ao final. – Iadon já deve estar na cama agora e, apesar de sua paranoia, tem sono profundo. Talvez uma coisa leve à outra.

Abriu a porta que estava oculta atrás de uma tapeçaria do dormitório real. A imensa cama de Iadon estava escura e tranquila, ainda que a janela aberta proporcionasse luz suficiente para ver que o rei estava realmente deitado.

Raoden ficou tenso, olhando Karata. A mulher, no entanto, cumpriu sua palavra: mal dirigiu um olhar ao rei adormecido enquanto atravessou o quarto e saiu pelo corredor. Raoden suspirou aliviado, seguindo-a de modo menos dissimulado.

O sombrio corredor exterior conectava os aposentos de Iadon com os dos guardas. O caminho da direita levava às casernas dos guardas; o da esquerda, ao posto de vigilância e depois ao restante do palácio. Karata parou para escolher, e então tomou o caminho da direita, até o anexo das casernas, sem que seus pés descalços fizessem ruído algum no chão de pedra.

Raoden a seguiu pelas casernas, novamente nervoso. Ela resolvera não matar o pai dele, mas estava se esgueirando pela parte mais perigosa do palácio. Um único som fora de lugar despertaria dezenas de soldados.

Por sorte, se esgueirar por um caminho de pedra não exigia muita habilidade. Karata abria silenciosamente qualquer porta no caminho deles, deixando-a aberta o suficiente para que Raoden não tivesse que movê-la ao passar.

O corredor escuro se uniu a outro, desta vez flanqueado por portas – as casernas dos suboficiais e dos guardas que tinham permissão para ter um quarto onde podiam criar uma família. Karata escolheu uma porta. Dentro havia um único aposento destinado para a família do guarda casado; a luz das estrelas iluminava uma cama junto a uma parede e um aparador junto à outra.

Raoden vacilou, ansioso, se perguntando se tudo aquilo havia sido para que

Karata pudesse roubar armas de um soldado adormecido. Se era isso, estava louca. É claro, se esgueirar pelo palácio de um rei paranoico não era exatamente um sinal de estabilidade mental.

Enquanto Karata entrava no aposento, Raoden percebeu que ela não ia roubar os apetrechos de um guarda adormecido – ele não estava ali. A cama estava vazia, os lençóis emaranhados, desarrumados. Karata parou ao lado de algo que Raoden não notara inicialmente: um colchão no chão, ocupado por um pequeno vulto que só podia ser uma criança adormecida, alguém cujos traços e sexo se perdiam na escuridão. Karata se ajoelhou ao lado da criança por um instante silencioso.

Quando terminou, indicou a Raoden que saísse do quarto e fechou a porta atrás dela. Raoden ergueu as sobrancelhas e ela assentiu. Estavam prontos para partir.

A fuga foi realizada na ordem inversa da incursão. Raoden foi na frente, deslizando pelas portas ainda abertas, e Karata o seguiu, fechando-as. De modo geral, Raoden se sentia aliviado por ver que a noite se desenrolava com facilidade – pelo menos foi assim até o momento em que atravessou a porta do último corredor, do lado de fora dos aposentos de Iadon.

Um homem estava parado do outro lado da porta, a mão parada no ato de segurar a maçaneta. Olhou para eles com expressão assustada.

Karata passou na frente de Raoden. Passou o braço pelo pescoço do homem, fechando sua boca com um movimento suave, antes de agarrá-lo pelo pulso quando ele tentou pegar a espada que levava no cinto. O homem, no entanto, era maior e mais forte do que a enfraquecida forma elantrina de Karata e conseguiu se libertar bloqueando a perna dela com a sua quando ela tentou derrubá-lo.

– Parem! – Raoden ordenou em voz baixa, levantando a mão com um gesto ameaçador.

Ambos olharam para ele, aborrecidos, mas pararam de se debater quando viram o que estava fazendo.

O dedo de Raoden se movia no ar, e uma linha iluminada aparecia na sequência. Raoden continuou a escrever, curvando a linha e esticando-a até que terminou um único caractere. Aon Sheo, o símbolo para morte.

– Se você se mover – Raoden disse em voz baixa – morrerá.

Os olhos do guarda se arregalaram de terror. O Aon ficou brilhando sobre seu peito, lançando uma luz dura no aposento até então escuro, projetando sombras nas paredes. O caractere brilhou como sempre, então desapareceu. Mas a luz fora suficiente para iluminar o rosto manchado de negro de Raoden.

– Sabe o que somos.

– Misericordioso Domi... – o homem sussurrou.

– Aquele Aon permanecerá pela próxima hora – Raoden mentiu. – Ficará onde o desenhei, invisível, esperando que você se mova. Se o fizer, ele o destruirá.

Entendeu?

O homem não se moveu. O suor escorria em seu rosto aterrorizado.

Raoden estendeu a mão e soltou o cinto do homem, então prendeu a espada ao redor do próprio peito.

– Venha – disse para Karata.

A mulher ainda estava agachada contra a parede na qual o guarda a jogara, observando Raoden com expressão indecifrável.

– Vamos – Raoden repetiu com um pouco mais de urgência.

Karata assentiu, recuperando a compostura. Abriu a porta dos aposentos do rei, e os dois desapareceram por onde haviam vindo.

***

– Ele não me reconheceu – Karata disse para si mesma, a voz divertida, mas ainda um pouco triste.

– Quem? – Raoden perguntou. Os dois estavam agachados na porta de uma loja no centro de Kae, descansando por um momento antes de continuar a jornada de volta a Elantris.

– Aquele guarda. Era meu marido, em outra vida.

– Seu *marido*?

Karata assentiu.

– Vivemos juntos por doze anos, e agora ele se esqueceu de mim.

Raoden fez uma rápida conexão entre os acontecimentos.

– Isso quer dizer que o quarto no qual entramos...

– Aquela era minha filha – Karata disse. – Duvido que alguém tenha lhe contado o que aconteceu comigo. Eu só queria que ela soubesse.

– Você lhe deixou um bilhete?

– Um bilhete e uma recordação – Karata explicou com voz triste, ainda que nenhuma lágrima caísse de seus olhos elantrinos. – Meu colar. Consegui escondê-lo dos sacerdotes há um ano. Queria que ficasse com ela. Sempre tive a intenção de dar para ela. Me levaram embora tão rapidamente, nunca pude dizer adeus.

– Eu sei – Raoden disse, colocando o braço ao redor da mulher, de modo reconfortante. – Eu sei.

– Tiram tudo de nós. Tiram tudo, e nos deixam sem nada. – A voz dela estava carregada de veemência.

– Como deseja Domi.

– Como pode dizer isso? – Bruscamente exigiu saber. – Como pode invocar o nome Dele depois de tudo o que nos fez?

– Não sei – Raoden confessou, sentindo-se impróprio. – Só sei que temos de seguir em frente, como todo mundo. Pelo menos conseguiu vê-la novamente.

– Sim – Karata disse. – Obrigada. Me fez um grande serviço esta noite, meu príncipe.

Raoden se deteve.

– Sim, conheço você. – Karata afirmou. – Vivi no palácio por anos, com meu marido, protegendo seu pai e sua família. O conheço desde a infância, príncipe Raoden.

– Sabia o tempo todo?

– Não o tempo todo – Karata confessou. – Mas o suficiente. Assim que descobri, não consegui decidir se o odiava por ser parente de Iadon, ou se me alegrava pela justiça do que acontecera com você.

– E qual foi sua decisão?

– Não importa – Karata disse, secando por reflexo os olhos já secos. – Cumpriu sua parte no trato de maneira admirável. Meu povo o deixará em paz.

– Isso não é suficiente, Karata – Raoden falou, levantando-se.

– Está exigindo mais além do nosso trato?

– Não exijo nada, Karata. – Raoden disse, oferecendo a mão para ajudá-la a ficar em pé. – Mas sabe quem sou e pode imaginar o que tento fazer.

– Você é como Aanden – Karata falou. – Pensa que pode dominar Elantris como seu pai governa o resto desta terra amaldiçoada.

– As pessoas certamente estão rápidas para me julgar hoje – Raoden disse com um sorriso torto. – Não Karata, não quero "dominar" Elantris. Mas quero ajudá-la. Vejo uma cidade cheia de pessoas sentindo pena de si mesmas, um povo resignado a se ver como o resto do mundo os vê. Elantris não tem que ser a fossa que é.

– Como vai mudar isso? – Karata quis saber. – Enquanto a comida for escassa, as pessoas lutarão e se destruirão para saciar sua fome.

– Então só temos que satisfazê-los – Raoden disse.

Karata bufou.

Raoden procurou no interior do bolso que fizera em suas roupas rasgadas.

– Reconhece isso, Karata? – perguntou, mostrando-lhe uma pequena algibeira de tecido. Estava vazia, mas ele a mantinha como uma recordação de seu propósito.

Os olhos de Karata arderam de desejo.

– Tinha comida.

– De que tipo?

– É uma das algibeiras de grãos, parte do sacrifício que vem com um novo elantrino – Karata respondeu.

– Não só grãos, Karata. – Raoden disse, segurando-a entre os dedos. – *Sementes*. Parte da cerimônia exige que o grão oferecido seja semeável.

– Sementes? – Karata sussurrou.

– Peguei dos recém-chegados – Raoden explicou. – O resto das oferendas não me

interessa, só os grãos. Podemos plantá-los, Karata. Não há muita gente em Elantris; não deve ser difícil alimentá-los. Domi sabe que temos tempo livre suficiente para cuidar de uma horta ou duas.

Os olhos de Karata estavam arregalados de surpresa.

– Ninguém tentou isso antes – disse, perplexa.

– Imaginei. Isso exige planejamento antecipado, e o povo de Elantris está concentrado demais em sua fome imediata para se preocupar com o amanhã. Quero mudar isso.

Karata desviou os olhos da algibeira e olhou o rosto de Raoden.

– Extraordinário – murmurou.

– Vamos – Raoden disse, guardando a bolsinha e escondendo a espada roubada entre seus farrapos. – Estamos quase no portão.

– Como pretende nos colocar lá dentro?

– Apenas observe.

Enquanto andavam, Karata parou ao lado de uma casa às escuras.

– O que foi? – Raoden perguntou.

Karata apontou. Na janela, do lado de dentro do vidro, estava uma fornada de pão.

Repentinamente, Raoden sentiu que sua própria fome apunhalava suas entranhas. Não podia culpar Karata – mesmo enquanto estavam no palácio, ele procurara algo para levar.

– Não podemos correr o risco, Karata.

Ela suspirou.

– Eu sei. Só que estão tão perto.

– Todas as lojas estão fechadas, todas as casas, trancadas – Raoden falou. – Não encontraremos nada.

Karata assentiu e começou a se mover de modo letárgico. Dobraram uma esquina e se aproximaram dos amplos portões de Elantris. Do lado havia uma construção baixa, com luzes nas janelas. Vários guardas descansavam lá dentro, os uniformes marrom e amarelo da Guarda da Cidade de Elantris se destacavam sob as luzes dos lampiões. Raoden se aproximou do edifício e bateu em uma janela com o punho cerrado.

– Perdoem-me – disse, polidamente – mas se importariam de abrir os portões, por favor?

Os guardas, que estavam jogando cartas, saltaram das cadeiras alarmados, gritando e xingando ao reconhecer as feições elantrinas deles.

– Sejam rápidos – Raoden disse levianamente. – Estou ficando cansado.

– O que estão fazendo aí fora? – um dos guardas (um oficial, aparentemente) exigiu saber enquanto seus homens saíam do edifício. Vários deles apontavam as

lanças para o peito de Raoden.

– Tentando voltar para dentro – Raoden respondeu, impaciente.

Um dos guardas ergueu a lança.

– Não faria isso, se fosse você – Raoden avisou. – A menos que queira explicar como conseguiu matar um elantrino do lado de *fora* dos portões. Supõe-se que teriam de nos manter dentro da cidade. Será um belo embaraço se as pessoas descobrirem que escapamos por baixo dos narizes da guarda.

– Como escaparam? – o oficial perguntou.

– Contarei mais tarde – Raoden disse. – Agora, deveriam nos deixar entrar, antes que toda a vizinhança acorde e entre em pânico. Ah, e não se aproxime de mim. Afinal de contas, a Shaod é altamente contagiosa.

Os guardas se afastaram imediatamente. Vigiar Elantris era uma coisa; ser confrontado por um cadáver ambulante era outra. O oficial, sem saber o que fazer, ordenou que os portões fossem abertos.

– Obrigado, meu bom homem – Raoden disse com um sorriso. – Está fazendo um trabalho maravilhoso. Temos que ver se conseguimos uma promoção para você.

Com isso, Raoden deu o braço a Karata e cruzou os portões de Elantris como se os soldados fossem seus criados pessoais, em vez de guardas da prisão.

Karata não pode deixar de rir enquanto os portões se fechavam atrás deles.

– Fez parecer como se *quiséssemos* estar aqui. Como se fosse um privilégio.

– E é isso exatamente o que devíamos sentir. Afinal de contas, se vamos ficar confinados em Elantris, bem que podíamos agir como se fosse o melhor lugar do mundo.

Karata sorriu.

– Gosta de um desafio, meu príncipe. Admiro isso.

– Nobreza é comportamento tanto quanto criação. Se *agirmos* como se viver aqui fosse uma bênção, talvez comecemos a esquecer o quão patéticos acreditamos que somos. Agora, Karata, quero que faça algumas coisas por mim.

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Não diga a ninguém quem sou. Quero a lealdade em Elantris baseada no respeito, não em meu título.

– Tudo bem.

– Segundo, não conte a ninguém sobre a passagem pelo rio.

– Por que não?

– É muito perigoso – Raoden falou. – Conheço meu pai. Se o guardas começarem a encontrar muitos elantrinos na cidade, ele virá e nos destruirá. A única maneira de Elantris progredir é se tornando autossuficiente. Não podemos arriscar ter de nos esgueirar pela cidade para nos mantermos.

Karata ouviu, então assentiu, concordando.

– Tudo bem. – Então fez uma pausa momentânea. – Príncipe Raoden, há algo que quero lhe mostrar.

***

As crianças eram felizes. Ainda que a maioria estivesse dormindo, algumas poucas estavam acordadas e riam e brincavam umas com as outras. Eram todas carecas, é claro, e tinham as marcas da Shaod. Mas não pareciam se importar.

– Então *é aqui* que estão todas – Raoden disse, com interesse.

Karata o levou pela sala, oculta nas profundezas do palácio de Elantris. Antigamente, esta construção alojava os líderes eleitos pelos anciãos elantrinos. Agora era uma sala de recreação para bebês.

Vários homens vigiavam as crianças, olhando Raoden com desconfiança. Karata se virou para ele.

– Quando cheguei a Elantris, vi as crianças amontoadas nas sombras, assustadas com tudo o que lhes passara, e pensei na minha própria Opais. Algo em meu coração se curou quando comecei a ajudá-las. Eu as reuni, dei-lhes um pouco de amor, e elas se ligaram a mim. Cada um dos homens e mulheres que vê aqui deixou uma criança do lado de fora.

Karata fez uma pausa e acariciou afetuosamente a cabeça de um menininho elantrino.

– As crianças nos unem, impedem que cedamos à dor. A comida que pegamos é para eles. De algum modo, podemos suportar a fome um pouco melhor se sabemos que isso se deve, em parte, pelo fato de darmos o que temos às crianças.

– Eu jamais pensaria... – Raoden começou a falar em voz baixa, observando duas menininhas brincando de bater palmas.

– Que pudessem ser felizes? – Karata completou. Fez sinal para que Raoden a seguisse e se afastaram para que as crianças não os ouvissem. – Tampouco compreendemos, meu príncipe. Parece que lidam melhor com a fome do que o resto de nós.

– A mente de uma criança é algo incrivelmente resiliente – Raoden comentou.

– Também parecem capazes de suportar uma certa quantidade de dor – Karata prosseguiu – topadas, hematomas, essas coisas. Mesmo assim, acabam arrebentando, como todos os demais. Em um momento a criança está feliz e brincalhona. Quando cai ou se corta muitas vezes, sua mente desiste. Tenho outro aposento para esses pequenos, repleto com dúzias de crianças que não fazem outra coisa além de gemer o dia todo.

Raoden assentiu. Então, no momento seguinte perguntou:

– Por que está me mostrando isso?

Karata fez uma pausa.

– Porque quero me unir a você. Certa vez servi ao seu pai, apesar do que pensava dele. Agora quero servir ao filho dele *por causa* do que penso dele. Aceita minha lealdade?

– É uma honra, Karata.

Ela assentiu, virando-se para as crianças com um suspiro.

– Não me resta muito, lorde Raoden – sussurrou. – Me preocupa o que acontecerá com minhas crianças quando eu me perder. Esse sonho que você tem, essa ideia louca de uma Elantris onde a comida é cultivada e a dor é ignorada. Quero ver você tentar criar isso. Não acho que possa, mas acho que nos tornará um pouco melhores no processo.

– Obrigado – Raoden disse, percebendo que acabara de aceitar uma responsabilidade monumental. Karata vivera mais de um ano com a carga que ele apenas começava a sentir. Estava cansada; podia ver nos olhos dela. Agora, se o momento chegasse, poderia descansar. Passara o fardo para ele.

– Eu que agradeço – Karata disse, olhando para as crianças.

– Diga-me, Karata – Raoden pediu, depois de pensar por um momento. – Realmente teria quebrado as pernas do meu pessoal?

Karata não respondeu de cara.

– Diga-me, meu príncipe. O que teria feito se eu tivesse tentado matar seu pai esta noite?

– Melhor deixar as duas perguntas sem respostas.

Karata assentiu; seus olhos cansados tinham uma tranquila sabedoria.

***

Raoden sorriu ao reconhecer a figura volumosa que estava em pé do lado de fora da capela, esperando seu retorno. O rosto preocupado de Galladon estava iluminado pela pequena chama de sua lamparina.

– Uma luz para me guiar para casa, meu amigo? – Raoden perguntou da escuridão quando se aproximou.

– Sule! – Galladon gritou. – Por Doloken! Não está morto?

– É claro que estou – Raoden disse com uma gargalhada, batendo no ombro do amigo. – Todos estamos; pelo menos, é o que gosta de me dizer.

Galladon sorriu.

– Onde está a mulher?

– Eu a acompanhei em casa, como qualquer cavalheiro faria – Raoden falou, entrando na capela. Do lado de dentro, Mareshe e os outros estavam despertando.

– Lorde Espírito voltou! – Saolin disse com entusiasmo.

– Aqui, Saolin, um presente – Raoden falou, puxando a espada debaixo de seus farrapos e jogando-a para o soldado.

– O que é isso, meu senhor? – Saolin perguntou.

– Aquela lança é espetacular, considerando o material que você tinha para trabalhar – Raoden explicou. – Mas acho que devia ter algo um pouco mais robusto se pretende participar de uma luta de verdade.

Saolin tirou a lâmina da bainha. A espada, nada especial no exterior, era uma obra de arte maravilhosa dentro dos confins de Elantris.

– Nem uma mancha de ferrugem – Saolin comentou com assombro. – E está gravada com o símbolo da guarda pessoal de Iadon!

– Então o rei está morto? – Mareshe perguntou ansioso.

– Nada disso – Raoden disse evasivo. – Nossa missão era de natureza pessoal, Mareshe, e não envolvia matanças, embora o guarda que era dono desta espada esteja provavelmente furioso.

– Aposto que sim – Galladon bufou. – Então não temos mais que nos preocupar com Karata?

– Não – Raoden respondeu com um sorriso. – Na verdade, o bando dela se juntará a nós.

Houve alguns murmúrios de surpresa pelo anúncio, e Raoden fez uma pausa antes de continuar.

– Amanhã vamos visitar o setor do palácio. Karata tem algo que quero que todos vejam, algo que todos em Elantris deveriam ver.

– O que é, sule? – Galladon perguntou.

– A prova de que a fome pode ser derrotada.

Sarene tinha tanto talento para bordado quanto tinha para pintura. Não que isso a impedisse de tentar – não importava o quanto se esforçasse para se tornar parte daquilo que tradicionalmente era considerado atividade masculina, sentia uma intensa necessidade de demonstrar que podia ser tão feminina e aristocrática quanto qualquer uma. Não era culpa dela se simplesmente não era boa nisso.

Ergueu o bastidor. Supunha-se que retratava um cardeal vermelho no galho, com o bico aberto, cantando. Infelizmente, ela mesmo desenhara o esboço – o que significava que, desde o início, nada daria certo. Isso, somado à sua surpreendente incapacidade de seguir linhas, resultara em algo que mais parecia um tomate amassado do que um pássaro.

– Muito bonito, querida – disse Eshen. Só a incuravelmente esfuziante rainha podia fazer um elogio desses sem sarcasmo.

Sarene suspirou, pousando o bastidor no colo e pegou um pouco de linha marrom da meada.

– Não se preocupe, Sarene – Daora falou. – Domi dá a cada um diferentes níveis de talentos, mas sempre recompensa a diligência. Continue treinando que vai melhorar.

Você diz isso com tanta facilidade, Sarene pensou com uma carranca mental. O bastidor de Daora estava repleto com uma obra de arte detalhada, bordada com perfeição. Tinha bandos inteiros de pássaros, cada um deles minúsculos, embora intrincados, voando e rodopiando entre os galhos de um carvalho escultural. A esposa de Kiin era a personificação das virtudes aristocráticas.

Daora não andava, deslizava, e cada um de seus gestos era suave e gracioso. Sua maquiagem era impressionante – seus lábios vermelhos intensos e os olhos misteriosos –, mas fora aplicada com sutileza magistral. Em resumo, era o tipo de mulher que Sarene normalmente odiaria – se não fosse também a mulher mais gentil e inteligente da corte.

Depois de alguns momentos em silêncio, como de costume Eshen começou a falar. A rainha parecia se assustar com o silêncio, e estava constantemente tagarelando ou incentivando os demais a fazer o mesmo. As outras mulheres do grupo ficavam contentes em deixá-la dominar a conversa – não que alguém tivesse tentado tirar esse lugar de Eshen.

O grupo de bordado da rainha era formado por cerca de dez mulheres. No início, Sarene evitou esses encontros, preferindo focar sua atenção na política da corte. Mas logo percebera que aquelas mulheres eram tão importantes quanto qualquer outro

assunto civil; fofocas e conversas ociosas difundiam notícias que não podiam ser discutidas em um ambiente oficial. Sarene não podia permitir ficar fora da corrente, só não queria revelar sua inaptidão para tomar parte nela.

– Ouvi dizer que lorde Waren, filho do barão da Colônia de Kie, teve uma experiência bastante religiosa – Eshen comentou. – Conheci sua mãe, era uma mulher muito decente. Muito experiente no tricô. No ano que vem, quando os suéteres voltarem à moda, obrigarei Iadon a usar um... Não é certo que um rei pareça não saber nada de moda. O cabelo dele está comprido demais.

Daora puxou um fio de seu bordado.

– Ouvi rumores sobre o jovem Waren. Parece estranho que agora, depois de anos de devoção ao korathi, resolva repentinamente se converter ao Shu-Dereth.

– A religião é a mesma, de qualquer modo – Atara disse sem constrangimento. A esposa do duque Telrii era uma mulher pequena, até mesmo para os padrões arelenos, com cachos castanhos que caíam até os ombros. Suas roupas e joias eram de longe as mais ricas da sala, um complemento à extravagância do esposo, e seus bordados eram sempre conservadores e pouco criativos.

– Não diga isso perto de sacerdotes – avisou Seaden, esposa do conde Ahan. Era a mulher mais gorda da sala, com uma cintura que combinava com a de seu marido. – Eles agem como se sua alma dependesse de chamar Deus de Domi ou de Jaddeth.

– As duas religiões têm várias diferenças notáveis – Sarene disse, tentando esconder seu bordado mutilado dos olhos de suas companheiras.

– Talvez, se você for sacerdote – Atara disse com uma risadinha. – Mas essas coisas dificilmente fazem diferença para *nós*.

– É claro – Sarene concordou. – Afinal das contas, somos apenas mulheres. – Levantou a cabeça discretamente, sorrindo com a reação que sua declaração provocou. Talvez as mulheres de Arelon não fossem tão submissas quanto seus maridos supunham.

O silêncio continuou apenas por alguns momentos, antes que Eshen falasse novamente.

– Sarene, o que as mulheres fazem em Teod para passar o tempo?

Sarene ergueu uma sobrancelha, surpresa; nunca ouvira a rainha fazer uma pergunta tão direta.

– O que quer dizer, Vossa Majestade?

– O que fazem? – Eshen repetiu. – Ouvi coisas, sabe, como em Fjorden, onde dizem que faz tanto frio no inverno que as árvores algumas vezes congelam e explodem. Uma maneira fácil de conseguir lenha, suponho. Me pergunto se os fjordênicos conseguem fazer isso de acordo com sua vontade.

Sarene sorriu.

– Encontramos coisas para fazer, Vossa Majestade. Algumas mulheres gostam de

bordar, embora outras busquem carreiras distintas.

– Como o quê? – perguntou Torena, a filha solteira de lorde Ahan (ainda que Sarene achasse difícil acreditar que uma pessoa de constituição tão delicada pudesse ter nascido de um casal tão enorme quanto Ahan e Seaden). Torena em geral ficava em silêncio durante essas reuniões, seus grandes olhos castanhos observando os procedimentos com uma faísca que insinuava uma inteligência oculta.

– Bem, a corte do rei está aberta a todos, por exemplo – Sarene disse com indiferença. Seu coração cantava, no entanto: esta era a oportunidade que esperara com ansiedade.

– E você ia escutar os casos? – Torena perguntou, sua voz tranquila e aguda cada vez mais interessada.

– Com frequência – Sarene confirmou. – Depois conversava sobre eles com meus amigos.

– Vocês lutam umas com as outras com espadas? – perguntou a corpulenta Seaden, o rosto ansioso.

Sarene fez uma pausa, um pouco surpreendida. Levantou a cabeça e se deparou com quase todas as mulheres da sala encarando-a.

– Por que pergunta isso?

– É o que dizem sobre as mulheres de Teod, querida – Daora respondeu, a única que ainda trabalhava em seu bordado.

– Sim – Seaden confirmou. – Sempre ouvimos isso. Dizem que as mulheres em Teod matam umas às outras para o deleite dos homens.

Sarene ergueu uma sobrancelha.

– Chamamos de esgrima, lady Seaden. Praticamos para nossa própria diversão, não para a de nossos homens. E, definitivamente, *não* matamos umas às outras. Usamos espadas, mas as pontas têm pequenas protuberâncias, e usamos roupas grossas. Nunca soube de alguém que tivesse sofrido algo mais grave do que uma torção de tornozelo.

– Então é verdade? – a pequena Torena suspirou, entusiasmada. – Vocês *usam* espadas.

– Algumas de nós – Sarene falou. – Eu gostava, na verdade. A esgrima era meu esporte favorito.

Os olhos das mulheres brilharam com um nível chocante de sede de sangue – como os olhos de cães de caça que ficaram presos em um quarto pequeno por tempo demais. Sarene esperara insuflar um certo grau de interesse político naquelas mulheres, para encorajá-las a desempenhar um papel ativo na administração do país, mas aparentemente aquela era uma abordagem muito sutil. Elas precisavam de algo mais direto.

– Posso ensiná-las, se quiserem – Sarene ofereceu.

– A lutar? – Atara perguntou, estupefata.

– É claro – Sarene afirmou. – Não é difícil. E, por favor, lady Atara, chamamos de esgrima. Até os homens mais compreensivos ficam um pouco incomodados quando pensam em mulheres "lutando".

– Não poderíamos... – Eshen começou a dizer.

– Por que não? – Sarene perguntou.

– Jogos com espadas são desaprovados pelo rei, querida – Daora explicou. – Provavelmente notou que nenhum dos nobres usa espada.

Sarene franziu o cenho.

– Eu ia perguntar isso.

– Iadon considera muito vulgar – Eshen comentou. – Para ele, lutar é coisa de camponeses. Ele os estudou bastante, é um bom líder, você sabe, e um bom líder tem que saber muito sobre muitas coisas. Veja, ele é capaz de dizer como é o clima em Svorden em qualquer época do ano. Seus navios são os mais robustos e rápidos nos negócios.

– Então nenhum dos homens pode lutar? – Sarene perguntou com assombro.

– Nenhum, exceto lorde Eondel e, talvez, lorde Shuden – Torena disse, e seu rosto assumiu uma expressão sonhadora quando mencionou o nome de Shuden. O jovem nobre de pele escura era o favorito entre as mulheres da corte: seus traços delicados e suas maneiras impecáveis conquistavam até mesmo os corações mais duros.

– Não se esqueça do príncipe Raoden – acrescentou Atara. – Acho que fez com que Eondel lhe ensinasse a lutar só para irritar o pai. Estava sempre fazendo coisas assim.

– Bem, tanto melhor – disse Sarene. – Se nenhum dos homens luta, então o rei Iadon não pode objetar nossas aulas.

– O que quer dizer? – Torena perguntou.

– Bem, o rei diz que é indigno dele – Sarene explicou. – Se isso é verdade, então deve ser perfeito para nós. Afinal, *somos* apenas mulheres.

Sarene deu um sorriso malicioso, uma expressão que se espalhou pela maioria dos rostos na sala.

***

– Ashe, onde coloquei minha espada? – Sarene disse, de joelhos ao lado da cama, apalpando por debaixo.

– Sua espada, minha senhora? – Ashe perguntou.

– Não importa, encontrarei mais tarde. O que descobriu?

Ashe pulsou suavemente, como se perguntando em que confusão a princesa pretendia se meter, antes de responder:

– Temo que não tenho muito a relatar, minha senhora. Elantris é um assunto muito

delicado, e fui capaz de descobrir muito pouco.

– Tudo pode ser útil – Sarene disse, voltando-se para seu guarda-roupa. Tinha um baile para ir essa noite.

– Bem, minha senhora, a maioria do povo de Kae não quer falar sobre a cidade. Os seons de Kae não sabem muito, e os seons loucos dentro de Elantris parecem incapazes de pensar o suficiente para responder às minhas questões. Tentei até mesmo me aproximar dos elantrinos, mas muitos parecem ter medo de mim, e outros só imploravam por comida, como se eu pudesse levar alguma para eles. Depois de um tempo, descobri que as melhores fontes de informações são os soldados que guardam as muralhas da cidade.

– Ouvi falar deles – Sarene disse, olhando suas roupas. – Supõem-se que sejam uma força de elite de Arelon.

– E são muito rápidos em lhe dizer isso, minha senhora – Ashe comentou. – Duvido muito que saibam o que fazer em uma batalha, ainda que muitos tenham me parecido muito proficientes nas cartas e na bebida. Costumam manter os uniformes bem passados, no entanto.

– Típico de guarda cerimonial – Sarene disse, escolhendo entre uma fileira de vestidos pretos, com arrepios só de pensar em usar outra monstruosidade sem enfeites e sem cor. Por mais que respeitasse a memória de Raoden, não podia vestir preto novamente.

Ashe balançou no ar ao ouvir o comentário dela.

– Temo, minha senhora, que o grupo militar de "elite" de Arelon dificilmente faça algo pelo país. Mesmo assim, são os especialistas melhor informados da cidade no que se refere a Elantris.

– E o que disseram?

Ashe deslizou até o armário, observando enquanto ela analisava as opções para aquela noite.

– Não muito. As pessoas em Arelon não falam com seons tão facilmente quanto antes. Houve um tempo, mal me recordo dele, em que a população nos amava. Agora são reservados, quase temerosos.

– Associam vocês com Elantris – Sarene disse, contemplando saudosamente os vestidos que trouxera de Teod.

– Eu sei, minha senhora – Ashe afirmou. – Mas não tivemos nada a ver com a queda da cidade. Não há nada que temer de um seon. Eu espero... Mas, bem, isso é irrelevante. Apesar da reticência deles, consegui alguma informação. Parece que os elantrinos perdem mais do que a aparência humana quando a Shaod os alcança. Os guardas parecem pensar que o indivíduo esquece completamente quem ele ou ela costumava ser, tornando-se mais animal do que humano. Isso certamente parece ser o caso dos seons elantrinos com quem falei.

Sarene estremeceu.

– Mas os elantrinos podem falar. Alguns pediram comida para você.

– Pediram – Ashe confirmou. – As pobres almas nem sequer pareciam animais; a maioria deles gemia ou murmurava. Estou inclinado a pensar que perderam o juízo.

– Então a Shaod é mental, além de física – Sarene especulou.

– Aparentemente, minha senhora. Os guardas também falaram de vários senhores despóticos que governam a cidade. A comida é tão valiosa que os elantrinos atacam qualquer um que a tenha.

Sarene franziu o cenho.

– Como os elantrinos são alimentados?

– Não são, pelo que posso dizer.

– Então como vivem? – Sarene perguntou.

– Não sei, minha senhora. É possível que a cidade exista em estado selvagem, com os poderosos vivendo dos mais fracos.

– Nenhuma sociedade poderia sobreviver assim.

– Não creio que *tenham* uma sociedade, minha senhora – Ashe comentou. – São um grupo de miseráveis, indivíduos amaldiçoados que parecem ter sido esquecidos por seu Deus..., e o resto do país tenta arduamente seguir o exemplo divino.

Sarene assentiu pensativamente. Então, determinada, tirou o vestido preto e vasculhou as roupas do fundo do armário. Apresentou-se para a aprovação de Ashe alguns minutos mais tarde.

– O que acha? – perguntou, dando uma volta. O vestido era feito de um tecido grosso e dourado que tinha um brilho quase metálico. Era adornado com renda negra, e tinha um colarinho alto e aberto, como de homem. O colarinho era feito de um material duro, que combinava com os punhos. As mangas eram amplas, como o corpete do vestido, que continuava em um formato evasê até chegar ao chão, ocultando seus pés. Era o tipo de vestido que fazia uma pessoa se sentir régia. Até mesmo uma princesa precisava de lembretes como esse de vez em quando.

– Não é preto, minha senhora – Ashe apontou.

– Esta parte é – Sarene objetou, mostrando a longa capa que cobria suas costas. A capa era, na verdade, integrada ao vestido, costurada no pescoço e nos ombros tão cuidadosamente que parecia sair da renda.

– Não acho que a capa seja o suficiente para tornar isso um vestido de viúva, minha senhora.

– Terá que ser – Sarene disse, estudando-se no espelho. – Se usar mais um desses vestidos que Eshen me deu, você terá que *me* jogar em Elantris, pois ficarei louca.

– Tem certeza de que essa frente é apropriada?

– O quê? – Sarene perguntou.

– É bastante decotada, minha senhora.

– Já vi muitos piores, inclusive aqui em Arelon.

– Sim, minha senhora, mas eram todas mulheres solteiras.

Sarene sorriu. Ashe era sempre tão sensível – especialmente no que dizia respeito a ela.

– Tenho que usá-lo pelo menos uma vez... nunca tive a oportunidade. Comprei em Duladel, uma semana antes de deixar Teod.

– Se você está dizendo, minha senhora – Ashe cedeu, pulsando levemente. – Há algo mais que queira que eu tente averiguar?

– Você visitou os calabouços?

– Visitei – Ashe disse. – Sinto muito, minha senhora, não encontrei alcovas secretas escondendo príncipes meio mortos de fome. Se Iadon mandou encarcerar seu filho, não foi tolo o suficiente para fazer isso em seu próprio palácio.

– Bem, valia a pena dar uma olhada – Sarene falou com um suspiro. – Não esperava que encontrasse algo. Provavelmente devêssemos procurar o assassino que empunhou a faca.

– É verdade – Ashe concordou. – Talvez pudesse tentar arrancar alguma informação da rainha? Se o príncipe realmente foi morto por um intruso, ela deve saber algo.

– Tentei, mas Eshen é..., bem, não é difícil arrancar informações dela. Fazer com que se atenha ao tópico, no entanto... Honestamente, não entendo como uma mulher como ela acabou casada com Iadon.

– Suspeito, minha senhora – Ashe conjecturou –, que o arranjo foi mais financeiro do que social. Grande parte dos fundos originais do governo de Iadon vieram do pai de Eshen.

– Isso faz sentido – Sarene disse, sorrindo levemente e se perguntando o que Iadon pensava da barganha agora. Conseguiu seu dinheiro, é verdade, mas também terminou passando várias décadas ouvindo o tagarelar de Eshen. Talvez por isso parecesse tão frustrado com as mulheres em geral.

– Independentemente disso – Sarene falou – não acho que a rainha saiba algo sobre Raoden, mas continuarei tentando.

Ashe balançou.

– E o que devo fazer?

Sarene fez uma pausa.

– Bem, estive pensando em tio Kiin ultimamente. Meu pai nunca o menciona. Estava me perguntando..., sabe se Kiin foi oficialmente deserdado?

– Não sei, minha senhora – Ashe respondeu. – Dio deve saber; trabalha muito mais perto de seu pai.

– Veja se consegue averiguar algo. Também podem haver rumores aqui em Arelon sobre o que aconteceu. Kiin é, afinal de contas, uma das pessoas mais

influentes de Kae.

– Sim, minha senhora. Algo mais?

– Sim – Sarene decidiu, enrugando o nariz. – Encontre alguém que leve esses vestidos pretos. Resolvi que não preciso mais deles.

– É claro, minha senhora – Ashe disse, com tom sofredor.

***

Sarene olhou pela janela da carruagem enquanto se aproximava da mansão do duque Telrii. Relatos diziam que Telrii havia sido muito generoso com os convites do baile, e o número de carruagens na estrada esta noite parecia confirmar a informação. As tochas ladeavam o caminho, e os jardins da mansão estavam profusamente iluminados com uma combinação de lamparinas, tochas e estranhas chamas coloridas.

– O duque não poupou gastos – Shuden notou.

– O que são, lorde Shuden? – Sarene perguntou, apontando para uma das chamas brilhantes que queimava no alto de um poste de metal.

– Rochas especiais importadas do sul.

– Rochas que queimam? Como carvão?

– Queimam mais rapidamente que carvão – o jovem senhor jindonês explicou. – São extremamente caras. Deve ter custado uma fortuna para Telrii iluminar esse caminho. – Shuden franziu o cenho. – Parece exagerado mesmo para ele.

– Lukel mencionou que o duque era um tanto extravagante – Sarene disse, lembrando da conversa na sala do trono de Iadon.

Shuden assentiu.

– Mas é de longe muito mais esperto do que pensam. O duque é descuidado com dinheiro, mas em geral há um propósito por trás de sua frivolidade. – Sarene podia ver a mente do jovem barão trabalhando enquanto a carruagem parava, como se tentasse discernir a natureza exata do mencionado "propósito".

A mansão estava prestes a explodir de tanta gente. Mulheres com vestidos brilhantes acompanhavam homens com trajes bem cortados, que eram a moda corrente masculina. Os convidados só superavam levemente o número de criados vestidos de branco que abriam caminho pela multidão, levando comida e bebida ou trocando as lamparinas. Shuden ajudou Sarene a descer da carruagem, e a levou até o salão de baile principal com um passo de quem estava acostumado a navegar entre multidões.

– Não tem ideia de como me alegra que tenha se oferecido a vir comigo – Shuden confidenciou enquanto entravam no salão. Uma grande orquestra tocava ao fundo, e os pares rodopiavam no centro da pista de dança ou conversavam na periferia. A sala estava iluminada com luzes coloridas, as rochas que viram lá fora ardiam

intensamente colocadas em postes ou balaústres. Havia até mesmo diminutas velas envolvendo várias colunas – engenhoca que provavelmente precisava ser substituída a cada meia hora.

– Por que tudo isso, meu senhor? – Sarene perguntou, contemplando a colorida cena. Mesmo vivendo como princesa, nunca vira tanta beleza e opulência. Luz, som e cor misturados de modo embriagante.

Shuden seguiu o olhar dela, sem realmente ouvir sua pergunta.

– Ninguém diria que este país está dançando à beira da destruição – murmurou.

A declaração soou como um solene toque fúnebre. Havia uma razão pela qual Sarene jamais vira tanta suntuosidade – por mais surpreendente que fosse, também era um desperdício incrível. Seu pai era um governante prudente; nunca permitiria tal licenciosidade.

– É sempre assim, não é? – Shuden perguntou. – Os que menos podem se permitir extravagâncias parecem ser os mais determinados a gastar tudo o que lhes resta.

– É um homem sábio, lorde Shuden – Sarene disse.

– Não, apenas um homem que tenta ver a essência das coisas – ele falou, levando-a até uma galeria lateral onde podiam encontrar bebidas.

– O que estava dizendo antes?

– O quê? – Shuden perguntou. – Ah, eu estava explicando como você vai me poupar um pouco de angústia esta noite.

– Por que isso? – Sarene questionou enquanto ele lhe oferecia uma taça de vinho.

Shuden sorriu levemente e tomou um gole de sua bebida.

– Há quem, por uma razão ou outra, me considera bastante... desejável. Muitas não perceberão quem você é, e se manterão afastadas, tentando julgar sua nova competidora. Creio que terei algum tempo para me divertir esta noite.

Sarene ergueu uma sobrancelha.

– Isso é realmente tão ruim?

– Normalmente tenho que espantá-las com um bastão – Shuden respondeu, oferecendo-lhe um braço.

– Parece que não tem nenhuma intenção de se casar, meu senhor – Sarene comentou com um sorriso, aceitando o braço oferecido.

Shuden riu.

– Não, não é nada disso, minha senhora. Posso assegurar que sou bem interessado no conceito, ou, pelo menos, na teoria por trás disso. Contudo, encontrar uma mulher nesta corte, cujos tolos gorjeios não me revirem o estômago, é uma coisa muito diferente. Venha, se estiver certo, poderemos encontrar um lugar mais interessante do que o salão de baile principal.

Shuden a conduziu através das massas de convidados. Apesar de seus comentários anteriores, foi muito atencioso – até mesmo agradável – com as

mulheres que apareciam na multidão para saudá-lo. Shuden conhecia cada uma pelo nome – uma façanha diplomática ou de boa educação.

O respeito de Sarene por Shuden aumentava conforme observava as reações daqueles que o encontravam. Nenhum rosto ficava sombrio quando ele se aproximava, e poucos lhe davam os olhares arrogantes que são tão comuns nas chamadas sociedades elegantes. Shuden era apreciado, ainda que estivesse longe de ser o mais animado dos homens. Ela sentia que a popularidade dele vinha não de sua habilidade de entreter, mas de sua refrescante honestidade. Quando Shuden falava, era sempre polido e atencioso, mas completamente franco. Sua origem exótica lhe dava licença para falar coisas que outros não podiam.

Por fim chegaram a uma pequena sala no alto de um lance de escadas.

– Aqui estamos – Shuden disse, satisfeito, cruzando a porta ao lado dela. Dentro encontraram uma orquestra menor, embora mais hábil, apenas com instrumentos de corda. A decoração daquela sala era mais sutil, mas os criados seguravam pratos de comida que pareciam ainda mais exóticos do que os de baixo. Sarene reconheceu muitos dos rostos da corte, incluindo o mais importante.

– O rei – disse, notando Iadon parado em um canto afastado. Eshen estava ao lado dele em um belo vestido verde.

Shuden assentiu.

– Iadon não perderia uma festa dessa, mesmo que seja oferecida por lorde Telrii.

– Não se dão bem?

– Sim, se dão. Só que estão no mesmo negócio. Iadon dirige uma frota mercantil, seus navios navegam o mar de Fjorden, assim como os de Telrii. Isso os torna rivais.

– Acho estranho que esteja aqui, de todo modo – Sarene disse. – Meu pai nunca vai a esse tipo de coisa.

– É porque ele subiu na vida, lady Sarene. Iadon ainda está apaixonado por seu poder e aproveita cada oportunidade para desfrutar dele. – Shuden olhou ao redor com olhos aguçados. – Olhe esta sala, por exemplo.

– Esta sala?

Shuden assentiu.

– Cada vez que Iadon vem a uma festa, ele escolhe uma sala separada da principal e deixa que as pessoas importantes gravitem ao redor dele. Os nobres estão acostumados. O homem que organiza o baile costuma contratar uma segunda orquestra, e sabe que tem que celebrar uma segunda festa, mais exclusiva, separada da principal. Iadon fez com que soubessem que não quer se relacionar com pessoas que estão muito abaixo dele. Esta reunião é apenas para duques e condes bem situados.

– Mas *você* é um barão – Sarene apontou enquanto os dois entravam na sala.

Shuden sorriu, bebendo seu vinho.

– Sou um caso especial. Minha família obrigou Iadon a nos conceder um título, enquanto a maioria conseguiu o mesmo com riquezas e súplicas. Posso tomar certas liberdades que outro barão não tomaria, pois Iadon e eu sabemos que certa vez fui melhor do que ele. Em geral, passo um tempo curto aqui na sala interior, uma hora no máximo. Do contrário, ponho a paciência do rei à prova. É claro que nada disso tem importância essa noite.

– Por que não?

– Porque estou com você – Shuden disse. – Não se esqueça, lady Sarene. Você está acima de todos nesta sala, exceto do próprio casal real.

Sarene assentiu. Ainda que estivesse acostumada com a ideia de ser importante – era, afinal, a filha de um rei – não se habituara ao costume areleno de alardear o título.

– A presença do rei muda as coisas – disse em voz baixa quando o rei reparou nela. Os olhos dele observaram seu vestido, obviamente percebendo que não era preto, e seu rosto ficou sombrio.

Talvez esse vestido não tenha sido uma boa ideia, Sarene admitiu para si mesma. Mas logo algo mais chamou a sua atenção.

– O que *ele* está fazendo aqui? – sussurrou quando percebeu uma forma brilhante parada como uma cicatriz vermelha entre os convidados.

Shuden seguiu seu olhar.

– O gyorn? Ele tem frequentado os bailes da corte desde que chegou. Apareceu no primeiro sem convite, dando-se ares de tanta importância que ninguém se atreve a não convidá-lo desde esse dia.

Hrathen falava com um pequeno grupo de homens, sua placa peitoral vermelha brilhante e sua capa contrastando com as cores mais claras dos nobres. O gyorn era pelo menos uma cabeça mais alto do que qualquer um no salão, e suas ombreiras tinham um palmo de largura. No conjunto, era difícil não notá-lo.

Shuden sorriu.

– Não importa o que pense sobre o homem, estou impressionado com sua confiança. Ele simplesmente entrou na festa privada do rei naquela primeira noite e começou a falar com um dos duques. Mal saudou o rei. Aparentemente, Hrathen considera que o título de gyorn equivale ao de qualquer um nesta sala.

– Os reis se curvam diante dos gyorns no Leste – Sarene disse. – Praticamente beijam o chão quando Wyrn os visita.

– E tudo isso por um Jindo ancião – Shuden notou, fazendo uma pausa para substituir as taças deles na bandeja de um criado que passava. O vinho era de uma safra muito melhor. – Sempre me interessou ver o que seu povo fez com os ensinamentos de Keseg.

– "Seu povo"? – Sarene disse. – Sou korathi, não me compare com o gyorn.

Shuden levantou uma mão.

– Peço desculpas. Não quis ofender.

Sarene se deteve. Shuden falava aônico como um nativo e vivia em Arelon, então ela presumira que ele era korathi. Equivocara-se. Shuden ainda era jindonês – sua família acreditava no Shu-Keseg, a religião da qual derivavam tanto Korath quanto Dereth.

– Mas – ela disse, pensando em voz alta – Jindo agora é derethi.

O rosto de Shuden ficou levemente sombrio, olhando o gyorn.

– Me pergunto o que o grande mestre pensou quando seus dois alunos, Korath e Dereth, partiram para pregar nas terras do norte. Keseg pregava a unidade. Mas o que queria dizer? Unidade de mente, como acredita meu povo? Unidade no amor, como dizem seus sacerdotes? Ou unidade na obediência, como acreditam os derethi? No fim, sou levado a ponderar como a humanidade conseguiu complicar um conceito tão simples – Fez uma pausa, então sacudiu a cabeça. – De qualquer modo, sim, minha senhora, Jindo é derethi agora. Meu povo permitiu que Wyrn assumisse o poder e que os jindoneses fossem convertidos, porque isso é melhor do que lutar. Muitos questionam essa decisão agora. Os arteths estão ficando cada vez mais exigentes.

Sarene assentiu.

– Concordo. O Shu-Dereth precisa ser detido, é uma perversão da verdade.

Shuden fez uma pausa.

– Não diria isso, Lady Sarene. A alma do Shu-Keseg é a aceitação. Há espaço para todos os ensinamentos. Os derethi acham que o que fazem é certo – Shuden parou, olhando para Hrathen antes de continuar. – Aquele ali, no entanto, é perigoso.

– Por que ele e não os outros?

– Estive em um dos sermões de Hrathen – Shuden disse. – Não prega com o coração, Lady Sarene. Ele prega com a mente. Busca números em suas conversões, sem prestar atenção na fé dos seguidores. Isso é perigoso.

Shuden analisou os companheiros de Hrathen.

– Aquele ali também me incomoda – disse, apontando para um homem cujo cabelo era tão loiro que era quase branco.

– Quem é ele? – Sarene perguntou, interessada.

– Waren, primogênito do barão Diolen – Shuden respondeu. – Não devia estar nesta sala, mas aparentemente está usando sua proximidade com o gyorn como convite. Waren costumava ser um korathi notadamente piedoso, mas afirma ter tido uma visão de Jaddeth ordenando que se convertesse ao Shu-Dereth.

– As senhoras falavam sobre ele mais cedo – Sarene disse, observando Waren. – Não acredita nele?

– Sempre suspeitei que a religiosidade de Waren fosse exibicionismo. É um

oportunista, e sua extrema piedade lhe conferiu fama.

Sarene estudou o homem de cabelos claros preocupada. Era muito jovem, mas se comportava como alguém de sucesso e poder. Sua conversão era um sinal perigoso. Quanto mais pessoas Hrathen reunisse, mais difícil seria detê-lo.

– Eu não devia ter esperado tanto – ela disse.

– Para quê?

– Para vir a esses bailes. Hrathen tem uma semana de vantagem em relação a mim.

– Age como se fosse uma disputa pessoal entre vocês dois – Shuden comentou com um sorriso.

Sarene não levou o comentário na brincadeira.

– Uma disputa pessoal com o destino de nações em jogo.

– Shuden! – chamou uma voz. – Vejo que está sem seu círculo habitual de admiradoras.

– Boa noite, lorde Roial – Shuden respondeu, inclinando levemente a cabeça enquanto o ancião se aproximava. – Sim, graças à minha acompanhante, fui capaz de evitar a maioria delas essa noite.

– Ah, a adorável princesa Sarene – Roial disse, beijando a mão dela. – Aparentemente, sua propensão para o preto diminuiu.

– Nunca foi meu forte, desde o início, meu senhor – ela disse com uma reverência.

– Posso imaginar – Roial comentou com um sorriso. Então, voltou-se para Shuden. – Eu esperava que não percebesse sua boa sorte, Shuden. Assim, poderia ter roubado a princesa e mantido algumas das sanguessugas afastadas de mim mesmo.

Sarene olhou o ancião surpreendida.

Shuden começou a rir.

– Lorde Roial é, talvez, o único solteiro de Arelon cujo afeto é mais cobiçado do que o meu. Não que eu tenha inveja. Sua Senhoria desvia parte das atenções de mim.

– Você? – Sarene perguntou ao espigado ancião. – As mulheres querem casar com *você*? – Então, lembrando-se dos bons modos, acrescentou um tardio "meu senhor", corando até as orelhas com a impropriedade de suas palavras.

Roial gargalhou.

– Não se preocupe em me ofender, jovem Sarene. Nenhum homem na minha idade é grande coisa para se olhar. Minha querida Eoldess morreu há vinte anos, e não tenho filhos. Minha fortuna tem que ir para alguém, e cada garota solteira do reino percebe isso. A sortuda só teria que me aguentar por uns poucos anos, queimar meu cadáver, e então encontrar um jovem amante vigoroso para ajudá-la a gastar o

dinheiro.

– Meu senhor é muito cínico – Shuden notou.

– Meu senhor é muito realista – Roial disse bufando. – Ainda que, admito, a ideia de obrigar uma dessas jovens a pular em minha cama é tentadora. Sei que todas pensam que sou velho demais para fazê-las cumprir suas obrigações como esposa, mas estão enganadas. Se for deixar alguma delas roubar minha fortuna, pelo menos a farei suar por isso.

Shuden corou com o comentário, mas Sarene apenas riu.

– Eu sabia. Você não é nada além de um velho obsceno.

– Preso e confesso – Roial concordou com um sorriso. Então, olhando para Hrathen, prosseguiu. – Como anda nosso amigo blindado?

– Apenas me incomodando com sua presença, meu senhor – Sarene respondeu.

– Cuidado com ele, Sarene – Roial avisou. – Ouvi dizer que a repentina boa fortuna de nosso querido lorde Telrii não é questão de pura sorte.

Os olhos de Shuden mostravam desconfiança.

– O duque Telrii declarou não ter relações com os derethi.

– Abertamente, não – Roial concordou. – Mas minhas fontes dizem que há algo entre esses dois. Uma coisa é certa: raramente houve uma festa como esta em Kae, e o duque a organizou sem nenhum motivo aparente. Alguém pode começar a se perguntar o que Telrii está anunciando e por que quer que saibamos o quão rico é.

– Um pensamento interessante, meu senhor – Sarene disse.

– Sarene? – a voz de Eshen chamou do outro lado da sala. – Querida, poderia vir até aqui?

– Ah, não – Sarene disse, olhando para a rainha que acenava para que se aproximasse. – O que acha que ela quer?

– Estou intrigado em descobrir – Roial disse, com chispas nos olhos.

Sarene respondeu ao gesto da rainha, aproximando-se do casal real e cumprimentando-os com uma reverência educada. Shuden e Roial a seguiram mais discretamente, permanecendo próximos o suficiente para escutar a conversa.

Eshen sorriu quando Sarene chegou perto.

– Querida, estava explicando ao meu esposo a ideia que tivemos esta manhã. Sabe, aquela sobre nos exercitarmos? – Eshen assentiu para o rei, entusiasmada.

– Que disparate é esse, Sarene? – o rei quis saber. – Mulheres jogando com espadas?

– Vossa Majestade não quer que fiquemos gordas, não é? – Sarene perguntou inocentemente.

– Não, é claro que não – o rei disse. – Embora pudessem comer menos.

– Mas gosto tanto de fazer exercícios, Majestade.

Iadon deu um lento suspiro sofredor.

– Certamente há *outro* tipo de exercício que as mulheres podem fazer.

Sarene pestanejou, dando a entender que estava à beira das lágrimas.

– Mas, Vossa Majestade, tenho feito isso desde que era criança. Certamente o rei não pode ter nada contra um tolo passatempo feminino.

O rei parou, observando-a. Talvez Sarene tivesse ido longe demais dessa vez. Assumiu seu melhor ar de estupidez completa e sorriu.

Finalmente, o rei sacudiu a cabeça.

– Ah, faça o que quiser, mulher. Não quero que estrague minha noite.

– O rei é muito sábio – Sarene disse, fazendo uma reverência e se afastando.

– Tinha me esquecido disso – Shuden sussurrou para ela quando se reuniu com ele novamente. – Essa atuação deve ser um fardo.

– É útil de vez em quando – Sarene disse. Estavam a ponto de se retirar quando Sarene notou um mensageiro se aproximando do rei. Colocou a mão no ombro de Shuden, indicando que queria esperar um momento onde pudesse escutar Iadon.

O mensageiro sussurrou algo no ouvido do rei, e os olhos de Iadon se arregalaram de frustração.

– O quê?

O homem se aproximou para sussurrar novamente, mas o rei o afastou.

– Apenas diga, homem. Não posso suportar tantos sussurros.

– Aconteceu nesta semana, Vossa Majestade – o homem explicou.

Sarene se aproximou um pouco mais.

– Que estranho. – Uma voz com um leve sotaque veio na direção deles. Hrathen estava parado a uma pequena distância. Não olhava para eles, mas de algum modo dirigia-se ao rei, como se intencionalmente permitisse que suas palavras fossem ouvidas. – Não sabia que o rei discutia questões importantes onde os de mente fraca podem ouvir. Tais pessoas tendem a ficar tão confusas pelos acontecimentos que é um desserviço permitir que tenham a oportunidade de se inteirar desses assuntos.

A maioria das pessoas ao redor dela sequer pareceu ouvir o comentário do gyorn. O rei, no entanto, ouvira. Iadon olhou para Sarene por um momento, então agarrou o mensageiro pelo braço e saiu rapidamente da sala, deixando uma pasma Eshen para trás. Enquanto Sarene observava o rei partir, os olhos de Hrathen se encontraram com os dela, e ele sorriu levemente antes de se voltar para seus companheiros.

– Pode acreditar nisso? – Sarene disse, furiosa. – Ele fez de propósito!

Shuden assentiu.

– Em geral, minha senhora, nossas fraudes se voltam contra nós.

– O gyorn é bom – Roial falou. – É sempre um golpe de mestre aproveitar o disfarce de alguém a seu favor.

– Várias vezes percebi que, não importam as circunstâncias, é mais útil ser quem se é – Shuden disse. – Quanto mais disfarces você tenta usar, mais confusos eles se

tornam.

Roial assentiu levemente, sorrindo.

– É verdade. Tedioso, talvez, mas verdadeiro.

Sarene apenas ouvia. Havia suposto que era a única manipuladora; não lhe ocorrera a desvantagem que isso podia lhe trazer.

– A fachada é preocupante – admitiu. Então suspirou e se voltou para Shuden. – Mas tenho que mantê-la, pelo menos para o rei. Honestamente, duvido que ele me consideraria de outra maneira, não importa como eu agisse.

– Provavelmente está certa – Shuden disse. – O rei é um tanto quanto míope no que se refere às mulheres.

Iadon voltou alguns momentos depois, o rosto sombrio, o humor obviamente arruinado pela notícia que recebera. O mensageiro escapou com uma expressão de alívio e, quando ele partiu, Sarene viu uma nova figura entrando na sala. O duque Telrii, pomposo como de costume, estava vestido de vermelho vivo e dourado, os dedos reluzindo com anéis. Sarene o observou atentamente, mas o duque não deu sinais de notar a presença do gyorn Hrathen. De fato, parecia empenhado em ignorar o sacerdote, cumprindo em vez disso seus deveres de anfitrião, visitando cada grupo de convidados por vez.

– Está certo, lorde Roial – Sarene disse, por fim.

Roial interrompeu sua conversa com Shuden.

– Sim?

– O duque Telrii – Sarene disse, fazendo um sinal com a cabeça na direção do homem. – Há algo entre ele e o gyorn.

– Telrii é um problema – Roial disse. – Nunca consegui compreender muito bem suas motivações. Algumas vezes, parece que tudo o que quer é mais dinheiro para seus cofres. Em outras...

Roial se calou quando Telrii, como se notasse que estava sendo observado, virou-se na direção do grupo de Sarene. Sorriu e se aproximou, com Atara ao seu lado.

– Lorde Roial – disse com voz suave, quase indiferente. – Bem-vindo. E, Vossa Alteza, creio que não fomos devidamente apresentados.

Roial fez as honras. Sarene fez uma reverência, enquanto Telrii tomava um gole de seu vinho e trocava amabilidades com Roial. Havia um nível surpreendente de frieza nele. Ainda que poucos nobres realmente se interessassem pelos temas que discutiam, a maioria tinha a decência de ao menos fingir interesse. Telrii não fazia essas concessões. Seu tom de voz era impertinente, ainda que não chegasse ao insulto, e seus modos eram desinteressados. Depois da saudação inicial, ignorou Sarene completamente, obviamente satisfeito que ela não tivesse nenhum peso significativo.

Depois de um tempo, o duque se afastou, e Sarene o observou aborrecida. Se

havia algo que a incomodava era ser ignorada. Finalmente suspirou e se voltou para seus companheiros.

– Tudo bem, lorde Shuden, quero me misturar. Hrathen tem uma semana de vantagem, mas que Domi me amaldiçoe se deixá-lo continuar na frente.

***

Era tarde. Shuden queria ter partido há horas, mas Sarene estava decidida a prosseguir, conhecendo centenas de pessoas, fazendo contatos como louca. Fez Shuden apresentá-la a todos que conhecia, e os rostos e nomes logo se tornaram um borrão. Mas a repetição traria familiaridade.

Por fim deixou que Shuden a levasse de volta ao palácio, satisfeita com os eventos do dia. Shuden lhe desejou um exausto boa-noite, afirmando que estava feliz que Ahan fosse o próximo da fila a levá-la a um baile.

– Sua companhia foi deliciosa – explicou-se –, mas não consigo seguir seu ritmo!

Sarene achava difícil seguir *seu próprio* ritmo algumas vezes. Praticamente percorreu o palácio aos tropeções, tão lânguida de cansaço e vinho que mal podia manter os olhos abertos.

Gritos ecoaram pelo corredor.

Sarene franziu o cenho, dobrou uma esquina e encontrou os guardas do rei caminhando desordenadamente, gritando uns com os outros e, quase todos, bastante incomodados.

– O que está acontecendo? – Ela perguntou, já desperta.

– Alguém invadiu o palácio esta noite – um guarda explicou. – Chegaram até os aposentos do rei.

– Alguém está ferido? – Sarene perguntou, subitamente alerta. Iadon e Eshen haviam deixado a festa horas antes de Shuden e dela.

– Não, graças a Domi – o guarda falou. Então, voltou-se para dois soldados. – Levem a princesa para seus aposentos e vigiem a porta – ordenou. – Boa noite, Vossa Alteza. Não se preocupe... já se foram agora.

Sarene suspirou, notando os gritos e a balbúrdia dos guardas, suas armaduras e armas fazendo barulho quando corriam de tempos em tempos pelos corredores. Duvidava ser capaz de ter uma boa noite com tanto alvoroço, não importava o quão cansada estivesse.

À noite, quando tudo se fundia em uma escuridão uniforme, Hrathen quase podia ver a grandeza de Elantris. Recortados contra o céu estrelado, os edifícios caídos projetavam seu manto de desespero e se transformavam em recordações; lembranças de uma cidade forjada com habilidade e cuidado, uma cidade onde cada pedra era uma obra de arte funcional; memórias de torres que se erguiam até o céu – dedos fazendo cócegas nas estrelas – e cúpulas que se espalhavam como colinas veneráveis.

E tudo era uma ilusão. Sob a grandeza havia a podridão, uma chaga imunda agora exposta. Como era fácil olhar além das heresias revestidas de ouro. Como havia sido simples presumir que a força exterior indicava uma retidão interior.

– Sonhe, Elantris – Hrathen sussurrou, virando-se para caminhar até o alto da grande muralha que rodeava a cidade. – Lembre-se do que costumava ser e tente esconder seus pecados sob um manto de escuridão. Amanhã o sol se levantará, e tudo será revelado mais uma vez.

– Meu senhor? Disse alguma coisa?

Hrathen se virou. Mal notara o guarda que passara por ele na muralha, segurando uma tocha fraca quase apagada, com uma pesada lança repousando sobre o ombro.

– Não. Apenas sussurrava para mim mesmo.

O guarda assentiu, continuando sua ronda. Os sentinelas estavam se acostumando com Hrathen, que visitara Elantris quase todas as noites dessa semana, percorrendo as muralhas absorto. Ainda que tivesse um propósito adicional por trás desta visita em particular, na maioria das vezes simplesmente vinha sozinho para pensar. Não tinha certeza do que o atraía na cidade. Parte era curiosidade. Nunca vira Elantris no auge do poder, e não entendia como alguma coisa – mesmo uma cidade tão grande – tivesse resistido repetidas vezes ao poder de Fjorden, primeiro militarmente, depois teologicamente.

Também se sentia responsável pelas pessoas – ou o que quer que fossem – que viviam em Elantris. Estava usando-os, apresentando-os como inimigos para unir seus seguidores. Sentia-se culpado: os elantrinos que vira não eram demônios, mas miseráveis afligidos por uma terrível doença. Mereciam compaixão, não condenação. Mesmo assim, foram convertidos em seus demônios, pois, pelo que sabia, era o jeito mais fácil e menos danoso de unificar Arelon. Se voltasse o povo contra o governo, como fizera em Duladel, haveria mortes. Essa tática também levaria a um derramamento de sangue, mas esperava que fosse menor.

Ah, que encargos devemos aceitar para servir Vosso império, Senhor Jaddeth,

Hrathen pensou consigo mesmo. Não importava que tivesse agido em nome da Igreja, ou que tivesse salvo milhares e milhares de almas. A destruição que Hrathen causara em Duladel pesava em sua alma como uma pedra de moinho. Pessoas que confiaram nele estavam mortas, e uma sociedade inteira desaparecera no caos.

Mas Jaddeth exigia sacrifícios. O que era a consciência de um homem quando comparada com a glória de Seu domínio? O que era um pouco de culpa quando uma nação estava agora unificada sob o olhar cuidadoso de Jaddeth? Hrathen suportaria sempre as cicatrizes do que fizera, mas era melhor que um homem sofresse do que toda uma nação continuasse vivendo na heresia.

Hrathen deu as costas para Elantris, olhando para as luzes cintilantes de Kae. Jaddeth lhe dera outra oportunidade. Desta vez faria as coisas de outro modo. Não haveria revoluções perigosas, nenhum banho de sangue causado por uma classe social se voltando contra outra. Hrathen aplicaria uma cuidadosa pressão até que Iadon se dobrasse e outro homem mais flexível assumisse seu lugar. A nobreza de Arelon se converteria facilmente então. Os únicos que realmente sofreriam, os bodes expiatórios da sua estratégia, seriam os elantrinos.

Era um bom plano. Tinha certeza de que esmagaria esta monarquia arelena sem muito esforço; já estava rachada e enfraquecida. O povo de Arelon estava tão oprimido que poderia instaurar um novo governo rapidamente, antes mesmo que soubessem da queda de Iadon. Sem revolução. Tudo poderia ser limpo.

***

A menos que cometesse um erro. Visitara as colônias e as cidades ao redor de Kae; sabia que as pessoas estavam sob uma pressão além de suas capacidades de suportar. Se lhes desse uma oportunidade, se levantariam e assassinariam toda a classe nobre. A possibilidade o deixava nervoso – em grande parte porque sabia que, se isso acontecesse, ele aproveitaria. O gyorn lógico que havia dentro dele cavalgaria na destruição como se fosse um belo garanhão, usando-a para criar seguidores derethi por todo o país.

Hrathen suspirou, voltando-se e continuando a caminhar. O adarve era mantido limpo pela guarda, mas se avançasse demais, chegaria a um lugar coberto de lodo escuro e oleoso. Não estava certo do que causava aquilo, mas parecia revestir completamente a muralha assim que se afastava da área do portão central.

Antes que chegasse ao lodo, viu um grupo de homens de pé ao longo do adarve. Estavam vestidos com mantos, ainda que a noite não estivesse tão fria para isso. Talvez pensassem que as vestimentas os deixassem mais discretos. Mas, se essa era a intenção, então o duque Telrii deveria ter escolhido outra coisa que não fosse o luxuoso manto cor de lavanda com bordados de prata.

Hrathen balançou a cabeça ao ver tanto materialismo. *Os homens com quem*

temos que trabalhar para alcançar os objetivos de Jaddeth...

O duque Telrii não abaixou o capuz nem fez a reverência adequada quando Hrathen se aproximou – ainda que, é claro, o gyorn não esperasse que fizesse nada disso. O duque, no entanto, acenou para seus guardas, que se afastaram para lhes dar privacidade.

Hrathen parou ao lado do duque, apoiando-se contra o parapeito da muralha e encarando a cidade de Kae. Luzes cintilavam; havia tantas pessoas ricas na cidade que as lamparinas a óleo e os candelabros eram abundantes. Hrathen visitara algumas cidades maiores que ficavam tão escuras quanto Elantris quando a noite caía.

– Não vai me perguntar por que quis me encontrar com você? – Telrii perguntou.

– Você tem dúvidas sobre nosso plano – Hrathen disse simplesmente.

Telrii fez uma pausa, aparentemente surpreso por Hrathen tê-lo entendido tão rápido.

– Sim, bem. Se já sabe isso, então talvez tenha dúvidas também.

– Nem um pouco – Hrathen garantiu. – Seu jeito de agir, o modo furtivo como quis que nos encontrássemos, foi o que o denunciou.

Telrii franziu o cenho. Era um homem acostumando a dominar qualquer conversa. Era por isso que vacilava? Hrathen o ofendera? Não, estudando os olhos do duque, o gyorn pode ver que não. Telrii havia se mostrado ansioso no início para entrar na barganha com Fjorden, e certamente parecia ter gostado de dar a festa esta noite. O que mudara?

Não posso deixar passar essa oportunidade, Hrathen pensou. Se pelo menos tivesse mais tempo. Faltavam menos de oitenta dias para que terminasse seu prazo de três meses. Se tivessem lhe dado um ano, poderia ter trabalhado com mais delicadeza e precisão. Infelizmente, não dispunha desse luxo, e um ataque direto usando Telrii era sua melhor aposta para conseguir uma rápida mudança de liderança.

– Por que não me diz o que o incomoda? – Hrathen perguntou.

– Sim, bem – Telrii disse cuidadosamente. – Só não tenho certeza de querer trabalhar com Fjorden.

Hrathen levantou uma sobrancelha.

– Não tinha essa incerteza antes.

Telrii, por trás de seu capuz, olhou para Hrathen. Na escura luz da lua, parecia que sua marca de nascença era apenas a continuação das sombras, e dava às suas feições um aspecto sinistro – ou seria assim se suas roupas extravagantes não arruinassem o efeito.

Telrii simplesmente franziu o cenho.

– Ouvi algumas coisas interessantes na festa desta noite, gyorn. É verdade que foi

designado para Duladel antes do colapso?

Ah, então é isso, Hrathen pensou.

– Eu estava lá.

– E agora está aqui – Telrii comentou. – Você se pergunta por que um nobre fica desconfortável com essa notícia? Toda a classe republicana, os dirigentes de Duladel, foi assassinada naquela revolução! E minhas fontes afirmam que *você* teve muito a ver com isso.

Talvez o homem não fosse tão tolo quanto Hrathen pensara. A preocupação de Telrii era válida; Hrathen teria que falar com tato. Fez um gesto com a cabeça na direção dos guardas do duque que estavam parados um pouco mais abaixo do adarve.

– Onde conseguiu esses soldados, meu senhor?

Telrii fez uma pausa.

– O que isso tem a ver?

– Seja indulgente comigo – disse Hrathen.

Telrii se virou, olhando para os soldados.

– Eu os recrutei entre a guarda da cidade de Elantris. Contratei-os para serem meus guarda-costas.

Hrathen assentiu.

– E quantos guardas emprega?

– Quinze.

– Como julgaria as habilidades deles?

Telrii deu de ombros.

– Boas o bastante, suponho. Nunca os vi lutar.

– Provavelmente porque *nunca* lutaram – Hrathen afirmou. – Nenhum dos soldados de Arelon nunca entrou em combate.

– Aonde quer chegar, gyorn? – Telrii perguntou.

Hrathen se virou, apontando na direção do posto da Guarda da Cidade de Elantris, iluminado na distância por tochas na base da muralha.

– A guarda tem quantos homens? Quinhentos? Talvez setecentos? Se incluir as forças policiais locais e as guardas pessoais, tais como a sua, teremos, talvez, mil soldados na cidade de Kae. Somando a legião de lorde Eondel, ainda está abaixo dos mil e quinhentos soldados profissionais nas redondezas.

– E? – Telrii perguntou.

Hrathen se voltou.

– Realmente acha que Wyrn precisa de uma revolução para assumir o controle de Arelon?

– Wyrn não tem um exército – Telrii disse. – Fjorden só tem uma força de defesa básica.

– Não falo de Fjorden – Hrathen falou. – Falo de Wyrn, Regente de toda a Criação, líder do Shu-Dereth. Vamos, lorde Telrii. Sejamos francos. Quantos soldados há em Hrovell? Em Jaador? Em Svorden? Nas outras nações do leste? Essas pessoas juraram fidelidade ao derethi. Não acha que se levantariam a uma ordem de Wyrn?

Telrii ficou em silêncio.

Hrathen assentiu quando viu que a compreensão crescia nos olhos do duque. O homem não entendia nem a metade. A verdade era que Wyrn sequer precisava de um exército de estrangeiros para conquistar Arelon. Poucos que não integravam o sumo sacerdócio entendiam a segunda e mais poderosa força que Wyrn tinha sob seu comando: os monastérios. Por séculos, o sacerdócio derethi treinara seus monges para a guerra, assassinatos e outras artes. As defesas de Arelon eram tão fracas que o pessoal de um único monastério provavelmente poderia conquistar o país.

Hrathen estremeceu imaginando os monges treinados no Monastério Dakhor entrando na indefesa Arelon. Olhou para seu braço onde – sob a armadura – tinha as marcas de sua estada ali. Mas eram coisas que não podiam ser explicadas para Telrii.

– Meu senhor – Hrathen disse com franqueza – estou em Arelon porque Wyrn quer dar ao povo a oportunidade de uma conversão pacífica. Se quisesse esmagar o país, ele o faria. Em vez disso, me enviou. Minha única intenção é encontrar um meio de converter as pessoas de Arelon.

Telrii assentiu lentamente.

– O primeiro passo na conversão deste país – Hrathen prosseguiu – é ter certeza de que o governo é favorável à causa derethi. Isso requer uma mudança na liderança, requer colocar um novo rei no trono.

– Tenho sua palavra, então? – Telrii perguntou.

– Você terá o trono – Hrathen disse.

Telrii assentiu – obviamente era isso que estava esperando. As promessas anteriores de Hrathen haviam sido vagas, mas já não podia continuar sem se comprometer. Suas promessas davam a Telrii a prova verbal de que o gyorn tentava derrubar o trono – um risco calculado, mas Hrathen era muito bom nesse tipo de coisa.

– Há quem ficará contra você – Telrii avisou.

– Como quem?

– A mulher, Sarene – Telrii disse. – Sua suposta idiotice é obviamente fingida. Meus informantes dizem que ela tem um interesse insano pelas suas atividades e que perguntou de você na minha festa, esta noite.

A astúcia de Telrii surpreendeu Hrathen. O homem parecia tão pretensioso, tão petulante – e mesmo assim era bastante competente. Isso podia ser uma vantagem ou

uma desvantagem.

– Não se preocupe com a garota – Hrathen falou. – Apenas pegue o dinheiro que providenciamos e espere. Sua oportunidade virá em breve. Ouviu a notícia que o rei recebeu esta noite?

Telrii fez uma pausa, então assentiu.

– As coisas se desenvolvem como prometido – Hrathen disse. – Agora só temos de ser pacientes.

– Muito bem – Telrii concordou. Ainda tinha reservas, mas a lógica de Hrathen juntamente com a promessa aberta do trono obviamente haviam sido suficientes para balançá-lo. O duque assentiu com raro respeito para Hrathen. Então acenou para seus guardas, afastando-se.

– Duque Telrii – Hrathen o chamou. Um pensamento lhe ocorrera.

Telrii parou e se virou.

– Seus soldados ainda têm amigos na Guarda da Cidade de Elantris? – o gyorn perguntou.

Telrii deu de ombros.

– Acho que sim.

– Dobre o pagamento deles – Hrathen disse, em voz baixa para que os guarda-costas de Telrii não ouvissem. – Fale bem da Guarda da Cidade de Elantris para eles, e lhes dê um tempo livre para que passem com seus antigos camaradas. Pode ser benéfico para seu futuro que se saiba na Guarda que você é um homem que recompensa bem aqueles que lhe são leais.

– Você providenciará os fundos necessários para o pagamento extra? – Telrii perguntou cuidadosamente.

Hrathen revirou os olhos.

– Tudo bem.

Telrii assentiu, então voltou a se reunir com seus guardas.

Hrathen deu meia volta, apoiando-se contra a muralha, e contemplou Kae. Teria que esperar um pouco antes de descer a escadaria. Telrii ainda estava preocupado sobre proclamar aliança com derethi, e não queria ser visto abertamente com Hrathen. O homem estava preocupado demais, mas talvez fosse melhor para ele parecer religiosamente conservador neste momento.

Telrii ter mencionado Sarene incomodou Hrathen. Por alguma razão, a atrevida princesa teodena resolvera se opor ao gyorn, ainda que ele não lhe tivesse dado razão alguma para isso. Era irônico, de certo modo; ela não sabia, mas Hrathen era seu maior aliado, não seu pior inimigo. O povo dela seria convertido de um jeito ou de outro. Ou respondiam ao apelo humanitário de Hrathen, ou seriam esmagados pelos exércitos fjordênicos.

O gyorn duvidava ser capaz de convencê-la dessa verdade. Vira a desconfiança

nos olhos dela – ela imediatamente presumiria que tudo o que ele dizia era mentira. Ela o aborrecia com o ódio irracional de quem inconscientemente sabe que sua própria fé é inferior. Os ensinamentos korathi haviam murchado em todas as nações importantes do leste, assim como aconteceria em Arelon e Teod. O Shu-Korath era muito fraco; faltava virilidade. O Shu-Dereth era forte e poderoso. Como duas plantas competindo no mesmo terreno, o Shu-Dereth estrangularia o Shu-Korath.

Hrathen sacudiu a cabeça, esperou um tempo prudente e finalmente voltou para as escadarias que levavam até Kae. Quando chegou, escutou uma batida ecoando de baixo e parou surpreso. Parecia que os portões da cidade acabavam de ser fechados.

– O que foi isso? – Hrathen perguntou, aproximando-se de vários guardas que formavam um círculo de tochas.

Os guardas deram de ombros, embora um tenha apontado para duas formas que atravessavam o pátio escuro embaixo.

– Devem ter capturado alguém tentando fugir.

Hrathen franziu o cenho.

– Isso acontece com frequência?

O guarda negou com a cabeça.

– A maioria tem a mente fraca demais para tentar fugir. De vez em quando um tenta escapulir, mas sempre os pegamos.

– Obrigado – Hrathen disse, deixando os guardas para trás enquanto começava a longa descida até a cidade abaixo. No pé da escadaria, encontrou a guarita principal. O capitão estava do lado de dentro, os olhos sonolentos, como se tivesse acabado de acordar.

– Problemas, capitão? – Hrathen perguntou.

O capitão se virou, surpreso.

– Ah, é você, gyorn. Não, nenhum problema. Só um de meus tenentes que fez algo que não devia.

– Deixou alguns elantrinos voltarem para a cidade? – Hrathen perguntou.

O capitão franziu o cenho, mas assentiu. Hrathen vira o homem várias vezes, e em cada encontro fomentara a cobiça do capitão com algumas moedas. Tinha o homem praticamente em suas mãos.

– Da próxima vez, capitão – Hrathen disse, procurando no cinturão e tirando uma algibeira – posso lhe oferecer uma opção diferente.

Os olhos do capitão brilharam quando Hrathen começou a tirar wyrnes de ouro cunhados com a efígie de Wyrn Wulfden.

– Quero estudar um desses elantrinos de perto, por motivos teológicos – o gyorn explicou, colocando uma pilha de moedas na mesa. – Eu agradeceria se o próximo elantrino capturado fosse entregue na minha capela em vez de devolvido para a cidade.

– Isso provavelmente pode ser arranjado, meu senhor – o capitão disse, tirando as moedas da mesa com mãos ansiosas.

– Ninguém teria que saber, é claro – Hrathen comentou.

– É claro, meu senhor.

Certa vez Raoden tentou libertar Ien. Era um menino, então, de mente simples, mas puro de intenção. Um de seus tutores o ensinara sobre escravidão e, de algum modo, ele meteu na cabeça que os seons eram mantidos presos contra a vontade. Fora até Ien entre lágrimas nesse dia, exigindo que o seon aceitasse sua liberdade.

– Mas *sou* livre, jovem mestre – Ien respondera ao menino que chorava.

– Não, não é! – Raoden argumentara. – Você é um escravo, faz tudo o que as pessoas mandam.

– Faço porque quero, Raoden.

– Por quê? Não quer ser livre?

– Quero servir, jovem mestre – Ien explicou, pulsando de modo tranquilizador. – Minha liberdade é estar aqui, com você.

– Não entendo.

– Você olha as coisas como humano, jovem mestre – Ien disse com sua voz sábia e indulgente. – Vê classes e diferenças; tenta ordenar o mundo de modo que tudo ocupe um lugar acima ou abaixo de você. Para um seon, não há acima ou embaixo, há só aqueles que amamos. E servimos a quem amamos.

– Mas você nem é pago! – foi a resposta indignada de Raoden.

– Sou pago, jovem mestre. Meu pagamento é o orgulho de um pai e o amor de uma mãe. Meu salário vem da satisfação de vê-lo crescer.

Foram necessários vários anos antes que Raoden entendesse aquelas palavras, mas elas permaneceram para sempre em sua mente. Conforme crescia e aprendia, ouvindo os incontáveis sermões korathi sobre o poder unificador do amor, Raoden começava a ver os seons de um jeito novo. Não como servos ou mesmo como amigos, mas como algo muito mais profundo e mais poderoso. Era como se os seons fossem uma expressão do próprio Domi, reflexos do amor de Deus por seu povo. Através de seu trabalho, estavam muito mais perto do paraíso do que seus supostos mestres jamais entenderiam.

– Finalmente está livre, meu amigo – Raoden disse com um sorriso abatido, enquanto via Ien flutuar e balançar. Ainda não fora capaz de captar nem um vislumbre de reconhecimento por parte do seon, embora Ien parecesse ficar nas imediações, sempre perto de Raoden. O que quer que a Shaod tivesse feito com Ien, levara algo mais do que sua voz. Quebrara sua mente.

– Acho que sei o que está errado com ele – Raoden disse para Galladon, que estava sentado na sombra, a uma pequena distância dali. Estavam em um telhado alguns edifícios depois da capela, expulsos de seu lugar habitual de estudo por um

desconsolado Kahar. O velho estivera limpando o lugar freneticamente desde sua chegada, e finalmente chegara o momento do polimento geral. De manhã cedo, de modo contrito, mas insistente, ele mandara todos embora para poder terminar.

Galladon levantou os olhos do livro que lia.

– Com quem? Com o seon?

Raoden assentiu, deitado de bruços na beira do que certa vez fora a mureta de um jardim, ainda observando Ien.

– O aon dele não está completo.

– Ien – Galladon disse pensativo. – Significa cura. Kolo?

– Isso mesmo. Só que o aon dele não está mais completo: há pequenas fissuras nas linhas e manchas de cor mais fraca.

Galladon grunhiu, mas não disse mais nada; não estava tão interessado em aons e seons como Raoden. O príncipe analisou Ien por mais alguns momentos antes de voltar a estudar o livro sobre o AonDor. Não foi muito longe, no entanto, antes que Galladon trouxesse um novo tópico à tona.

– Do que mais sente falta, sule? – o dula perguntou reflexivo.

– Do que mais sinto falta? Do mundo de fora?

– Kolo – Galladon confirmou. – O que traria para Elantris se pudesse?

– Não sei – Raoden confessou. – Nunca pensei nisso. E você?

– Minha casa – Galladon respondeu com um tom de voz saudoso. – Eu mesmo a construí, sule. Derrubei cada árvore, trabalhei em cada tábua, preguei cada prego. Era bonita, nenhuma mansão ou palácio pode competir com o trabalho das próprias mãos de alguém.

Raoden assentiu, imaginando a cabana. O que havia possuído que sentia mais falta? Havia sido o filho de um rei, e portanto tivera muitas coisas. A resposta que encontrou, no entanto, o surpreendeu.

– Cartas – disse. – Traria um maço de cartas.

– Cartas, sule? – Era óbvio que essa não era a resposta que o dula esperava. – De quem?

– De uma garota.

Galladon gargalhou.

– Uma mulher, sule? Nunca imaginei que fosse do tipo romântico.

– Não é porque não choramingo por aí dramaticamente, como um personagem de um romance dula, que não pense nessas coisas.

Galladon levantou as mãos na defensiva.

– Não fique DeluseDoo comigo, sule. Só fiquei surpreso. Quem era essa garota?

– Eu ia me casar com ela – Raoden explicou.

– Deve ter sido uma mulher e tanto.

– Deve ter sido – Raoden concordou. – Gostaria de tê-la conhecido.

– Não chegou a conhecê-la?

Raoden negou com a cabeça.

– Por isso as cartas, meu amigo. Ela vivia em Teod, era a filha do rei, na realidade. Começou a me mandar cartas há um ano. Era uma bela escritora e suas palavras eram ornamentadas com tanta perspicácia que não pude deixar de responder. Continuamos a nos escrever durante quase cinco meses; então ela me pediu em casamento.

– *Ela* pediu *você*? – Galladon perguntou.

– Descaradamente – Raoden disse com um sorriso. – Foi, é claro, motivado politicamente. Sarene queria uma união firme entre Teod e Arelon.

– E você aceitou?

– Era uma boa oportunidade – Raoden explicou. – Desde o Reod, Teod manteve distância de Arelon. Além disso, aquelas cartas eram inebriantes. Esse último ano foi difícil. Meu pai parecia determinado a levar Arelon para a ruína, e não é um homem que encare discordâncias com paciência. Mas, cada vez que parecia que minha carga estava pesada demais, eu recebia uma carta de Sarene. Ela também tinha um seon, e depois que o noivado foi formalizado, começamos a conversar com regularidade. Ela chamava à noite, sua voz vinha de Ien para me cativar. Deixávamos a conexão aberta por horas algumas vezes.

– O que você dizia sobre não choramingar por aí como um personagem de romance? – Galladon disse com um sorriso.

Raoden bufou e voltou ao seu livro.

– Bem, é isso. Se eu pudesse ter algo, queria aquelas cartas. Eu estava realmente entusiasmado com o casamento, mesmo que a união fosse uma reação à invasão derethi em Duladel.

Houve silêncio.

– O que disse, Raoden? – Galladon finalmente perguntou em voz baixa.

– O quê? Sobre as cartas?

– Não. Sobre Duladel.

Raoden fez uma pausa. Galladon afirmara ter entrado em Elantris "há alguns meses", mas os dulas eram conhecidos pelos eufemismos. A república dula caíra há seis meses.

– Imaginei que soubesse – Raoden disse.

– O que, sule? – Galladon quis saber. – Imaginou que eu soubesse *o quê*?

– Sinto muito, Galladon. – Raoden disse, com compaixão, virando-se e sentando-se. – A república dula caiu.

– Não – Galladon murmurou, com os olhos arregalados.

Raoden assentiu.

– Houve uma revolução, como a que ocorreu em Arelon há dez anos, mas ainda

mais violenta. A classe republicana foi completamente destruída, e a monarquia foi instituída.

– Impossível... A república era *forte*... Todos acreditávamos muito nela.

– As coisas mudam, meu amigo – Raoden disse, ficando em pé e se aproximando para colocar a mão no ombro de Galladon.

– Não a república, sule – Galladon disse, com o olhar perdido. – Todos podíamos *eleger* quem governava, sule. Por que se levantar contra isso?

Raoden balançou a cabeça.

– Não sei, não tivemos muita informação. Foi um momento caótico em Duladel, e por isso os sacerdotes fjordênicos foram capazes de tomar o poder.

Galladon levantou a cabeça.

– Isso quer dizer que Arelon está em perigo. Sempre estivemos ali para ajudar a manter os derethi longe das suas fronteiras.

– Sei disso.

– O que aconteceu com Jesker? – o dula perguntou. – Minha religião, o que aconteceu?

Raoden simplesmente balançou a cabeça.

– Você tem que saber alguma coisa!

– O Shu-Dereth é a religião do estado em Duladel agora – Raoden disse em voz baixa. – Sinto muito.

Galladon baixou o olhar.

– Se perdeu, então.

– Ainda há os Mistérios – Raoden disse, sem convicção.

Galladon franziu o cenho, o olhar duro.

– Os Mistérios *não* são o mesmo que Jesker, sule. São uma zombaria com as coisas sagradas. Uma perversão. Apenas os forasteiros, aqueles sem nenhum tipo de compreensão real do Dor, praticam os Mistérios.

Raoden tirou a mão do ombro de lastimoso amigo, sem saber como confortá-lo.

– Achei que soubesse – disse novamente, sentindo-se impotente.

Galladon simplesmente grunhiu, encarando o nada, com olhos tristes.

***

Raoden deixou Galladon no telhado; o grande dula queria ficar sozinho com sua dor. Sem saber o que fazer, Raoden voltou para a capela, distraído por seus pensamentos. Não permaneceu assim por muito tempo.

– Kahar, está lindo! – Raoden exclamou, olhando assombrado ao redor.

O velho levantou a cabeça do canto que limpava. Havia uma expressão de profundo orgulho em seu rosto. A capela estava sem lodo; tudo o que restava era um mármore cinza-claro limpo. A luz do sol entrava pelas janelas ocidentais, refletindo

no chão brilhante e iluminando toda a capela com fulgor quase divino. Baixos-relevos cobriam praticamente todas as superfícies. Com pouco mais de um centímetro de profundidade, as esculturas detalhadas haviam estado ocultas pela sujeira. Raoden passou o dedo por uma das diminutas obras de arte, a expressão dos rostos das pessoas era tão detalhada que parecia viva.

– São surpreendentes – sussurrou.

– Nem sabia que estavam aí, meu senhor – Kahar disse, mancando para se aproximar de Raoden. – Não as vi até que comecei a limpar, e então ficaram perdidas nas sombras até que terminei o chão. O mármore é tão liso que podia ser um espelho, e as janelas são localizadas exatamente para capturar a luz.

– E os relevos cobrem toda a sala?

– Sim, meu senhor. Na verdade, este não é o único edifício que tem esse tipo de coisa. De vez em quando alguém encontra uma parede ou um pedaço de móvel com esses entalhes. Provavelmente eram comuns em Elantris antes do Reod.

Raoden assentiu.

– Era a cidade dos deuses, Kahar.

O velho sorriu. Suas mãos estavam negras com o lodo, e meia dúzia de trapos de limpeza estavam pendurados em seu cinto. Mas estava feliz.

– E agora, meu senhor? – perguntou, ansioso.

Raoden fez uma pausa, pensando rapidamente. Kahar atacara o lodo da capela com a mesma indignação sagrada que um sacerdote usava para destruir o pecado. Pela primeira vez em meses, talvez em anos, Kahar se sentira necessário.

– Nosso povo começou a viver nos edifícios próximos, Kahar – Raoden falou. – De que servirá toda essa limpeza se começarem a trazer lodo cada vez que nos encontrarmos?

Kahar assentiu, pensativo.

– Os paralelepípedos são um problema – murmurou. – É um projeto grande, meu senhor. – Seus olhos, no entanto, não demonstravam temor.

– Sei disso. – Raoden concordou. – Mas é imprescindível. Um povo que vive na sujeira se sentirá como sujeira. Se queremos algum dia melhorar a opinião que temos ao nosso respeito, precisamos estar limpos. Pode fazer isso?

– Sim, meu senhor.

– Bom. Vou designar alguns ajudantes para acelerar o processo.

O grupo de Raoden crescera enormemente nos últimos dias, depois que o povo de Elantris soube que Karata se unira a ele. Muitos dos elantrinos errantes e fantasmagóricos que vagavam sozinhos pelas ruas começaram a se aproximar do grupo de Raoden, buscando companhia como uma última e desesperada tentativa de evitar a loucura.

Kahar se virou para ir, o rosto enrugado contemplando a capela uma última vez,

admirando-a com satisfação.

– Kahar – Raoden chamou.

– Sim, meu senhor?

– Sabe o que é? O segredo, quero dizer?

Kahar sorriu.

– Não sinto fome há dias, meu senhor. É a sensação mais surpreendente do mundo, nem noto mais a dor.

Raoden assentiu, e Kahar se foi. O homem viera em busca de uma solução mágica para seus pesares, mas encontrara uma resposta muito mais simples. A dor perdia o poder quando outras coisas se tornavam mais importantes. Kahar não precisava de uma poção ou de um aon para salvá-lo – só precisava de algo para fazer.

Raoden percorreu o aposento resplandecente, admirando as diferentes esculturas. Parou, no entanto, quando chegou ao final de um baixo-relevo em particular. A pedra estava lisa em uma pequena parte, a superfície branca polida pela cuidadosa mão de Kahar. Estava tão limpa, de fato, que Raoden podia ver seu reflexo.

Ficou chocado. O rosto que o encarava refletido no mármore era desconhecido para ele. Havia se perguntado por que tão poucas pessoas o reconheceram; fora príncipe de Arelon, seu rosto era conhecido em muitas das colônias exteriores. Presumira que os elantrinos simplesmente não esperavam encontrar um príncipe em Elantris, então não pensavam em associar "Espírito" com Raoden. Mas agora que via as mudanças em seu rosto, percebeu que havia outra razão pela qual as pessoas não o reconheciam.

Havia traços em suas feições, pistas de quem fora. As mudanças, no entanto, eram drásticas. Apenas duas semanas se passaram, mas seu cabelo já havia caído. Tinha as manchas comuns dos elantrinos na pele, mas até as partes que há umas semanas eram cor de carne haviam se tornado cinza. A pele estava levemente enrugada, especialmente ao redor dos lábios, e seus olhos começavam a ficar mais fundos.

Antigamente, antes de sua própria transformação, imaginava que os elantrinos eram como cadáveres, com a carne apodrecendo e despedaçando. Não era o caso: os elantrinos conservavam sua carne e quase toda forma, embora a pele enrugasse e escurecesse. Eram mais como carcaças enrugadas do que cadáveres em decomposição. Mas mesmo que a transformação não fosse tão drástica quanto imaginara, ainda era um choque se ver refletido.

– Somos um povo de dar dó, não somos? – Galladon perguntou da porta.

Raoden levantou o olhar, sorrindo encorajadoramente.

– Não é tão ruim quanto poderia ser, meu amigo. Posso me acostumar às mudanças.

Galladon grunhiu e entrou na capela.

– Seu homem da limpeza faz bem o trabalho, sule. Esse lugar parece quase livre

do Reod.

– A coisa mais bonita, meu amigo, é como libertou seu limpador no processo.

Galladon assentiu, juntando-se a Raoden junto à parede, e contemplou o grande grupo de pessoas que limpava os jardins da capela.

– Estão vindo aos montes, não, sule?

– Ouviram dizer que oferecemos algo mais do que viver em um beco. Nem temos mais que vigiar os portões. Karata nos traz todos os que consegue resgatar.

– Como pretende manter todos ocupados? – Galladon perguntou. – O jardim é grande, e já está quase completamente limpo.

– Elantris é uma cidade grande, meu amigo. Encontraremos coisas para mantê-los ocupados.

Galladon observou as pessoas trabalhando, seus olhos ilegíveis. Parecia ter superado a tristeza, por enquanto.

– Falando em trabalho – Raoden começou a falar. – Há uma coisa que preciso que faça.

– Algo para manter *minha* mente longe da dor, sule?

– Pode-se dizer que sim. Mesmo assim, esse projeto é um pouco mais importante do que limpar o lodo – Raoden fez sinal para que Galladon o seguisse, enquanto se dirigia para o fundo da sala e tirava uma pedra solta da parede. Procurou dentro e tirou uma dúzia de pequenas sacolas de grãos. – Como fazendeiro, como julgaria a qualidade dessas sementes?

Galladon pegou um punhado com interesse, passando de uma mão para a outra algumas vezes, testando a cor e a dureza.

– Não são ruins – disse. – Não são as melhores que já vi, mas não são ruins.

– A época do plantio está quase chegando, não é?

– Considerando o calor que tem feito ultimamente, diria que já chegou.

– Bom – Raoden falou. – Este grão não durará muito neste buraco, e não confio em deixá-lo à vista.

Galladon balançou a cabeça.

– Não vai dar certo, sule. A agricultura exige tempo antes de produzir recompensas. Essas pessoas vão arrancar e comer cada brotinho que nascer.

– Não acho – Raoden respondeu, segurando algumas sementes na mão. – A mente deles está mudando, Galladon. Podem ver que não precisam mais viver como animais.

– Não há espaço suficiente para uma plantação decente – Galladon argumentou. – Será um pouco mais do que uma horta.

– Há espaço suficiente para plantar essa pequena quantidade. Ano que vem teremos mais grãos, e então nos preocuparemos com o espaço. Ouvi dizer que os jardins do palácio eram bem grandes. Provavelmente poderemos usá-los.

Galladon balançou a cabeça.

– O problema com essa afirmação, sule, é a parte que fala sobre "o ano que vem". Não haverá um "ano que vem". Kolo? As pessoas em Elantris não duram tanto.

– Elantris mudará – Raoden falou. – Se não, os que vierem depois de nós plantarão na próxima estação.

– Ainda duvido que dará certo.

– Você duvidaria que o sol se levanta se não tivesse prova do contrário a cada dia – Raoden brincou com um sorriso. – Apenas faça uma tentativa.

– Tudo bem, sule – Galladon disse com um suspiro. – Imagino que seus trinta dias ainda não acabaram.

Raoden sorriu, entregando os grãos para o amigo e colocando a mão no ombro do dula.

– Lembre-se: o passado não precisa se tornar nosso futuro.

Galladon assentiu, colocando os grãos novamente no esconderijo.

– Não precisaremos disso por alguns dias. Tenho que descobrir um modo de arar esse jardim.

– Lorde Espírito! – a voz de Saolin chamou debilmente debaixo, onde haviam feito uma guarita improvisada. – Alguém está se aproximando.

Raoden ficou parado, e Galladon rapidamente colocou a pedra no lugar. Logo em seguida um dos homens de Karata irrompeu na sala.

– Meu senhor – o homem disse. – Lady Karata pede sua presença imediatamente.

***

– Você é um idiota, Dashe! – Karata gritou.

Dashe – o homem grande e musculoso que era o segundo-em-comando – simplesmente continuou pegando suas armas.

Raoden e Galladon ficaram parados na porta do palácio, confusos. Pelo menos dez dos homens na entrada – dois terço dos seguidores de Karata – pareciam estar se preparando para uma batalha.

– Pode continuar sonhando com seu novo amigo, Karata – Dashe respondeu entre dentes – mas não vou esperar mais. Sobretudo enquanto aquele homem ameaçar as crianças.

Raoden se aproximou da conversa, parando ao lado de um homem magro e ansioso chamado Horen. Horen era o tipo que evitava os conflitos, e Raoden supôs que estava neutro nesta discussão.

– O que está acontecendo? – Raoden perguntou em voz baixa.

– Um dos batedores de Dashe descobriu que Aanden planeja atacar nosso palácio esta noite – Horen sussurrou, observando com atenção a discussão de seus líderes. – Há meses que Dashe quer atacar Aanden, e essa era a desculpa de que precisava.

– Vai liderar esses homens para algo pior do que a morte, Dashe – Karata advertiu. – Aanden tem muito mais gente do que você.

– Ele não tem armas – Dashe respondeu, embainhando uma espada enferrujada com um ruído metálico. – Tudo o que aquela universidade tinha eram livros, e ele já os comeu.

– Pense no que está fazendo – Karata pediu.

Dashe olhou para ela, seu rosto largo totalmente sincero.

– Eu pensei, Karata. Aanden é louco; não podemos descansar enquanto estiver em nossa fronteira. Se o atacarmos de surpresa, poderemos detê-lo permanentemente. Só então as crianças estarão em segurança.

Com isso, Dashe se virou para seu ameaçador grupo de aprendizes de soldados e fez um sinal com a cabeça. O grupo saiu pela porta com passo decidido.

Karata se voltou para Raoden, seu rosto era uma mistura de frustração e dor pela traição.

– Isso é pior do que suicídio, Espírito.

– Eu sei – Raoden disse. – Somos tão poucos que não podemos nos permitir perder um único homem, nem mesmo os que seguem Aanden. Temos que impedir isso.

– Ele já se foi – Karata falou, apoiando-se na parede. – Conheço Dashe. Nada pode pará-lo agora.

– Me recuso a aceitar isso, Karata.

***

– Sule, se não se importa com minha pergunta, em nome de Doloken, o que está planejando?

Raoden caminhava com Galladon e Karata, mal conseguindo seguir o ritmo dos dois.

– Não tenho ideia – confessou. – Ainda estou trabalhando nesta parte.

– Imaginei isso – Galladon murmurou.

– Karata – Raoden perguntou – que rota Dashe seguirá?

– Há um edifício que chega até a universidade – ela respondeu. – A parede de trás caiu faz tempo, e algumas das pedras abriram buracos na muralha da universidade. Tenho certeza de que Dashe tentará entrar por aí. Ele supõe que Aanden não conhece a brecha.

– Leve-nos até lá – Raoden falou. – Mas vamos por um caminho diferente. Não quero encontrar Dashe.

Karata assentiu, guiando-os por uma rua lateral. O edifício que ela mencionara era uma estrutura baixa, de um andar. Uma das paredes fora construída tão perto da universidade que Raoden não foi capaz de imaginar o que o arquiteto pretendia. O

edifício não suportara bem o peso dos anos; embora ainda tivesse telhado – que se equilibrava de modo precário – toda a estrutura parecia a ponto de despencar.

Aproximaram-se apreensivamente, assomando a cabeça por uma porta. O edifício era aberto do lado de dentro. Detiveram-se perto do centro da estrutura retangular, a parede caída a alguma distância à esquerda deles, outra porta um pouco mais à direita.

Galladon praguejou em voz baixa.

– Não gosto disso.

– Nem eu – Raoden confessou.

– Não, é mais do que isso. Olhe, sule – Galladon apontou para as vigas de sustentação do edifício. Olhando mais de perto, Raoden reconheceu as marcas de cortes recentes na madeira já debilitada. – Esse lugar está prestes a cair.

Raoden assentiu.

– Parece que Aanden está melhor informado do que Dashe imaginava. Talvez Dashe note o perigo e use outra entrada.

Karata negou com a cabeça imediatamente.

– Dashe é um bom homem, mas é simplório. Ele marchará direto para este edifício, sem se preocupar em examiná-lo.

Raoden praguejou e se ajoelhou perto da porta para pensar. Seu tempo se esgotou logo, no entanto, quando ouviu vozes se aproximando. No momento seguinte, Dashe apareceu na porta do fundo, à direita de Raoden.

Raoden, a meio caminho entre Dashe e a parede caída, inspirou profundamente e exclamou:

– Dashe, pare! É uma armadilha! O edifício está preparado para desabar.

Dashe parou, com a metade de seus homens já dentro do edifício. Houve um grito de alarme vindo da universidade ao lado, e um grupo de homens apareceu atrás dos escombros. Um deles, com o familiar rosto bigodudo de Aanden, tinha um machado desgastado nas mãos. Aanden saltou para dentro da sala com um grito de desafio, o machado erguido na direção da coluna de apoio.

– Taan, pare! – Raoden gritou.

Aanden parou com o machado no ar, surpreso pelo som de seu nome verdadeiro. Metade de seu bigode falso estava pendurado, ameaçando cair.

– Não tente argumentar com ele! – Dashe avisou, retirando seus homens da sala. – Ele é louco.

– Não, não acho que seja – Raoden disse, estudando os olhos de Aanden. – Este homem não é insano, está apenas confuso.

Aanden pestanejou algumas vezes, as mãos segurando o machado com mais força. Raoden buscava desesperadamente uma solução, e seus olhos caíram nos restos de uma grande mesa de madeira no centro da sala. Apertando os dentes e murmurando

uma prece silenciosa para Domi, Raoden se levantou e entrou no edifício.

Karata arfou atrás dele, e Galladon praguejou. O teto gemeu ameaçadoramente.

Raoden olhou para Aanden, parado com o machado, disposto a dar o golpe. Os olhos dele seguiram Raoden até o centro da sala.

– Estou certo, não estou? Não está louco. Ouvi você balbuciar de modo insano em sua corte, mas qualquer um pode balbuciar. Um louco não pensaria em transformar pergaminhos em comida, e um louco não tem a previdência de preparar uma armadilha.

– Não sou Taan – Aanden finalmente falou. – Sou Aanden, barão de Elantris!

– Se é o que deseja – Raoden falou, esfregando com os restos de sua manga a superfície da mesa caída. – Ainda que não possa imaginar por que prefere ser Aanden a Taan. Aqui é Elantris, no final das contas.

– Sei disso! – Aanden exclamou. Apesar do que Raoden dissera, o homem não estava completamente estável. O machado poderia cair a qualquer momento.

– Sabe? – Raoden perguntou. – Realmente entende o que significa viver em Elantris, a cidade dos deuses? – Voltou-se para a mesa, ainda esfregando, de costas para Aanden. – Elantris, cidade da beleza, cidade da arte e cidade da escultura. – Deu um passo para trás, revelando o tampo da mesa agora limpo. Estava coberto com entalhes intrincados, exatamente como as paredes da capela.

Os olhos de Aanden se arregalaram, o machado abaixando em sua mão.

– A cidade é o sonho de um escultor, Taan – Raoden falou. – Quantos artistas ouviu do lado de fora reclamando da beleza perdida de Elantris? Esses edifícios são monumentos surpreendentes da arte da escultura. Quero saber quem, diante de tal oportunidade, prefere ser Aanden, o barão, em vez de Taan, o escultor.

O machado caiu no chão. O rosto de Aanden estava estupefato.

– Olhe para a parede ao seu lado, Taan – Raoden disse em voz baixa.

O homem se virou, passando os dedos no baixo-relevo oculto pela sujeira. Puxou a manga e esfregou o braço para tirar o lodo.

– Misericordioso Domi – sussurrava. – É lindo.

– Pense na oportunidade, Taan – Raoden disse. – Só você, entre todos os escultores do mundo, pode ver Elantris. Só você pode vivenciar sua beleza e aprender com seus mestres. É o homem mais sortudo de Opelon.

Uma mão trêmula arrancou o bigode.

– Eu ia derrubar isso... – murmurou. – Eu ia derrubar...

Aanden abaixou a cabeça, caiu no chão e começou a chorar. Raoden soltou a respiração, agradecido – então notou que o perigo não havia passado. Os homens de Aanden estavam armados com pedras e barras de ferro. Dashe e seu grupo entraram na sala novamente, convencidos de que o edifício não iria cair sobre eles por enquanto.

Raoden se interpôs entre os dois grupos.

– Parem! – ordenou, levantando um braço para cada um. Eles se detiveram, mas permaneceram em guarda.

– Que estão fazendo? – Raoden perguntou. – A compreensão de Taan não ensinou nada para vocês?

– Fique fora disso, Espírito – Dashe avisou, brandindo a espada.

– Não! – Raoden exclamou. – Fiz uma pergunta, não aprenderam nada com o que acaba de acontecer?

– Não somos escultores – Dashe falou.

– Não importa – Raoden respondeu. – Não compreendem a oportunidade que têm ao viver em Elantris? Temos uma oportunidade aqui que ninguém do lado de fora jamais terá: somos livres.

– Livres? – desdenhou alguém do grupo de Aanden.

– Sim, livres – Raoden afirmou. – Durante a eternidade o homem vem lutando para encher a boca. A comida é a busca desesperada de uma vida, o primeiro e o último pensamento das mentes carnais. Antes que uma pessoa possa sonhar, ela tem que comer, e antes que possa amar, precisa encher a barriga. Mas somos diferentes. Pelo preço de um pouco de fome, podemos ficar livres dos laços que sujeitam todos os seres vivos desde o início dos tempos.

As armas abaixaram um pouco, embora Raoden não tivesse certeza se estavam considerando suas palavras ou se estavam apenas confusos com elas.

– Por que lutar? – Raoden perguntou. – Por que se preocupar em matar? Do lado de fora lutam por riquezas, riquezas que no fundo usam para comprar comida. Lutam por terras, terras para plantar comida. Comer é a fonte de todas as disputas. Mas, não precisamos disso. Nossos corpos são frios, mal precisamos de roupas para nos aquecer, e seguem adiante mesmo que não comamos. É incrível!

Os grupos ainda se encaravam receosos. O debate filosófico não era páreo para a visão do inimigo.

– Essas armas em suas mãos – Raoden prosseguiu. – Elas pertencem ao mundo exterior. Não têm propósito em Elantris. Títulos e classes sociais, essas são ideias de outro lugar. Me escutem! Há tão poucos de nós que não podemos nos dar ao luxo de perder nenhum de vocês. Isso realmente vale a pena? Uma eternidade de dor em troca de alguns momentos de ódio liberado?

As palavras de Raoden ecoaram na sala silenciosa. Finalmente uma voz quebrou a tensão.

– Eu me juntarei a vocês – Taan disse, levantando-se. Sua voz tremia levemente, mas seu rosto estava resoluto. – Pensei que tinha que ser louco para viver em Elantris, mas era a loucura que me impedia de ver a beleza. Abaixem as armas, homens.

Eles hesitaram em obedecer à ordem.

– Disse para abaixarem as armas – A voz de Taan ficou firme, seu corpo pequeno e barrigudo repentinamente imperioso. – Ainda mando aqui.

– O barão Aanden nos governava – um dos homens falou.

– Aanden era um tolo – Taan disse com um suspiro – assim como todos os que o seguiam. Ouçam este homem. Há mais realeza em seu argumento do que jamais existiu em minha pretensa corte.

– Deixem de lado a raiva – Raoden suplicou. – E deixem-me dar esperanças em troca.

Algo ressoou atrás dele – a espada de Dashe caindo nas pedras.

– Não posso matar hoje – decidiu, virando-se para partir. Seus homens observaram o grupo de Aanden por um momento, então se uniram ao seu líder. A espada ficou abandonada no meio da sala.

Aanden – Taan – sorriu para Raoden.

– Quem quer que seja, obrigado.

– Venha comigo, Taan – Raoden disse. – Há um edifício que deveria ver.

Sarene entrou no salão de baile do palácio com uma grande bolsa preta no ombro. Várias mulheres lá dentro ficaram boquiabertas.

– O que foi? – ela perguntou.

– São suas roupas, querida – Daora finalmente respondeu. – Essas mulheres não estão acostumadas com essas coisas.

– Parecem roupas de homem! – Seaden exclamou, o queixo duplo balançando em indignação.

Sarene olhou surpresa para o macacão cinza que usava, então voltou-se para as mulheres reunidas.

– Bem, não esperavam que fôssemos lutar com vestidos, esperavam? – Mas depois de estudar o rosto das mulheres, se deu conta de que era exatamente o que esperavam.

– Você tem um longo caminho para percorrer, prima – Lukel advertiu em voz baixa, entrando atrás dela e tomando assento no outro lado da sala.

– Lukel? – Sarene perguntou. – O que está fazendo aqui?

– Espero sinceramente que essa seja a experiência mais entretida da semana – ele disse, reclinando-se na cadeira e colocando as mãos atrás da cabeça. – Não perderia isso nem por todo o ouro dos cofres de Wyrn.

– Nem eu – declarou a voz de Kaise. A menina passou por Sarene e abriu caminho entre as cadeiras. Mas Daorn chegou correndo pelo lado e saltou na cadeira que a irmã havia escolhido. Kaise bateu os pés de raiva e, então, percebendo que todas as cadeiras ao longo da parede eram exatamente iguais, escolheu outra.

– Sinto muito – Lukel disse, dando de ombros, embaraçado. – Estou preso a eles.

– Seja bom com seus irmãos, querido – Daora o repreendeu.

– Sim, mãe – Lukel respondeu imediatamente.

Levemente desconcertada pela súbita audiência, Sarene voltou-se para suas futuras alunas. Todas as mulheres do círculo de bordado estavam ali – até a pomposa Daora e a desmiolada rainha Eshen. A roupa e o comportamento de Sarene podiam mortificá-las, mas a ânsia por independência era maior do que a indignação.

Sarene permitiu que a bolsa escorregasse do ombro até chegar às suas mãos. Abriu um lado e retirou uma de suas espadas de treino. A longa e fina lâmina fez um leve ruído metálico quando Sarene a libertou e o grupo de mulheres se afastou.

– Isto é um syre – Sarene explicou, fazendo alguns golpes no ar. – Também é chamada kmeer ou jedaver, dependendo do país em que se está. Essas espadas foram criadas em Jaador como armas leves para batedores, e caíram em desuso

depois de algumas décadas. Mas então foram adotadas pela nobreza jaadoriana, por causa de sua graça e leveza. Duelos são comuns em Jaador, e o estilo rápido e elegante da esgrima com syre requer grande habilidade.

Pontuou suas sentenças com algumas estocadas e fintas – a maior parte movimentos que jamais usaria em uma luta real, mas que, de toda forma, pareciam bons. As mulheres estavam fascinadas.

– Os dulas foram os primeiros a transformar a esgrima em esporte, em vez de um meio para um homem matar o outro que decidia cortejar a mesma mulher – Sarene prosseguiu. – Colocaram essa pequena protuberância na ponta e tiraram o fio da lâmina. O esporte logo se tornou bastante popular entre os republicanos. A neutralidade dos dulas em geral mantinha o país afastado das guerras, e então uma forma de luta que não tinha aplicações marciais os atraía. Junto com a ponta arredondada e a lâmina sem fio, estabeleceram regras que proibiam acertar certas partes do corpo. A esgrima não chegou a Arelon porque os elantrinos eram contra qualquer coisa que lembrasse combate, mas foi muito bem recebida em Teod, com uma mudança notável. Tornou-se um esporte feminino. Os homens teodenos preferem combates mais físicos, como as justas ou as lutas com espadas longas. Para uma mulher, no entanto, o syre é perfeito. A lâmina leve nos permite fazer pleno uso de nossa destreza e – acrescentou, olhando Lukel com um sorriso – nos permite capitalizar nossa inteligência superior.

Dito isso, Sarene tirou uma segunda lâmina e a atirou para a jovem Torena, que estava na frente do grupo. A garota ruiva pegou a espada com expressão confusa.

– Defenda-se – Sarene avisou, levantando a lâmina e adotando pose de ataque.

Torena pegou o syre desajeitadamente, tentando imitar a postura de Sarene. Assim que Sarene atacou, Torena abandonou a posição com um gritinho de surpresa, brandindo o syre com ambas as mãos. Sarene arrebatou facilmente a espada da garota e posicionou a ponta da espada entre os seios da oponente.

– Você está morta – Sarene a informou. – A esgrima não depende de força. Requer habilidade e precisão. Use apenas uma mão: terá mais controle e alcance dessa forma. Gire o corpo um pouco de lado. Isso permite criar uma distância maior e fica mais difícil acertá-la.

Enquanto falava, Sarene tirou da bolsa um maço de varetas finas que mandara fazer. Eram, é claro, substitutos pobres de uma espada de verdade, mas teriam que servir até que o armeiro terminasse os syres de treino. Depois que cada mulher recebeu sua arma, Sarene começou a ensiná-las a atacar.

Foi uma tarefa difícil – muito mais difícil do que Sarene esperava. Considerava-se uma espadachim decente, mas nunca lhe ocorrera que ter o conhecimento era inteiramente diferente do que transmitir o conhecimento para os demais. As mulheres pareciam descobrir modos de segurar suas armas que Sarene teria imaginado serem

fisicamente impossíveis. Atacavam de modo selvagem, se assustavam com as lâminas que iam e vinham e tropeçavam nos vestidos.

Depois de um tempo, Sarene deixou-as praticando estocadas – não confiava em colocar uma lutando contra a outra até que tivessem as máscaras e as roupas adequadas – e se sentou ao lado de Lukel com um suspiro.

– Trabalho exaustivo, prima? – ele perguntou, obviamente apreciando a visão de sua mãe tentando manejar uma espada com um vestido.

– Você não tem ideia – Sarene disse, secando a testa. – Tem certeza de que não quer experimentar?

Lukel levantou as mãos.

– Posso ser extravagante de vez em quando, prima, mas não sou estúpido. O rei Iadon colocaria na lista negra qualquer homem que participasse dessa atividade supostamente degradante. Não estar de bem com o rei não tem problema se você é Eondel, mas não sou mais do que um simples mercador. Não posso me permitir a inimizade real.

– Tenho certeza disso – Sarene disse, observando as mulheres tentando dominar seus movimentos. – Acho que não as ensinei muito bem.

– Melhor do que eu teria feito – Lukel disse, dando de ombros.

– *Eu* teria feito melhor – Kaise informou de sua cadeira. A garotinha estava obviamente ficando entediada com os movimentos repetitivos.

– Ah, sério? – Lukel disse secamente.

– É claro. Ela não as ensinou a contra-atacar, nem a Forma Adequada, e nem mesmo se incomodou em lhes explicar as regras dos torneios.

Sarene levantou uma sobrancelha.

– Você entende de esgrima?

– Li um livro sobre isso – Kaise disse alegremente. Então esticou o braço para dar um tapa na mão de Daorn, que a cutucava com uma vareta que tinha tirado da pilha de Sarene.

– O mais triste é que provavelmente é verdade – Lukel disse com um suspiro. – Só para tentar impressionar você.

– Acho que Kaise é a garotinha mais inteligente que já conheci – Sarene confessou.

Lukel deu de ombros.

– É esperta, mas não deixe que a impressione muito, ainda é só uma criança. Pode ter o conhecimento de uma mulher, mas ainda reage como uma menininha.

– Ainda me parece surpreendente – disse Sarene, vendo as duas crianças brincarem.

– Ah, isso ela é – Lukel concordou. – Kaise só precisa de umas horas para devorar um livro, e sua habilidade para aprender idiomas é incrível. Tenho pena de

Daorn de vez em quando. Ele faz o melhor possível, mas acho que se sente inferior. Kaise pode ser muito dominante, se não notou. Mas, espertos ou não, ainda são crianças, e ainda dá um trabalhão cuidar deles.

Sarene observou as crianças brincando. Kaise, depois de roubar a vareta do irmão, o perseguia pela sala, dando estocadas e fazendo movimentos que imitavam os métodos que Sarene ensinara. Enquanto os observava, seus olhos pousaram na porta. Estava aberta, e duas figuras observavam o treino das mulheres.

As senhoras ficaram em silêncio quando lorde Eondel e lorde Shuden, percebendo que tinham sido notados, entraram na sala. Os dois homens, ainda que de idades muito diferentes, eram sabidamente bons amigos. Ambos eram, de certo modo, forasteiros em Arelon – Shuden, um estrangeiro de pele escura, e Eondel, um ex-soldado cuja simples presença parecia ofender.

Se a presença de Eondel era desagradável para as mulheres, a de Shuden era mais do que bem-vinda. Uma onda de rubor percorreu as esgrimistas quando perceberam que o belo jindonês as observava. Várias das moças mais jovens agarraram os braços das amigas, sussurrando excitadas. O próprio Shuden corou com a atenção.

Eondel, no entanto, ignorou as reações das mulheres. Caminhou entre as pretensas esgrimistas com um ar pensativo. Finalmente, pegou uma vareta, se colocou em posição de esgrima e começou uma série de estocadas e desvios. Depois de experimentar a arma, assentiu para si mesmo, deixou-a de lado e se aproximou de uma das mulheres.

– Segure a madeira assim – instruiu, posicionando-lhe os dedos. – Estava segurando com força demais e perdia flexibilidade. Agora, coloque o polegar na parte superior da empunhadura para mantê-la apontada na direção correta, dê um passo para trás e ataque.

A mulher, Atara, obedeceu – incomodada porque Eondel se atrevera a tocar em seu pulso. Seu ataque foi incrivelmente direto e bem dirigido – um fato que surpreendeu Atara mais do que a qualquer outro.

Eondel se moveu entre o grupo, corrigindo cuidadosamente a postura, o modo de segurar a espada e os movimentos. Deu atenção para uma mulher de cada vez, dando conselhos sobre os diferentes problemas individuais. Depois de alguns poucos minutos de instruções, os ataques das mulheres se tornaram mais focados e acurados do que Sarene jamais pensou ser possível.

Eondel se afastou com expressão satisfeita.

– Espero não tê-la ofendido com minha intromissão, Vossa Alteza.

– Nem um pouco, meu senhor – Sarene assegurou, ainda que sentisse uma pontada de ciúmes. Tinha que ser mulher suficiente para reconhecer uma habilidade superior quando a via, disse a si mesma.

– Você é obviamente talentosa – o homem mais velho disse. – Mas parece ter

pouca experiência em treinar os demais.

Sarene assentiu. Eondel era um comandante militar – provavelmente passara décadas instruindo novatos nas regras básicas da luta.

– Sabe bastante sobre esgrima, meu senhor.

– Isso me interessa – Eondel disse – e visitei Duladel em várias ocasiões. Os dulas se recusam a reconhecer as habilidades de um homem na luta, a menos que ele saiba esgrima, não importa quantas batalhas tenha vencido.

Sarene assentiu, levantando-se e recolhendo seus syres de treino.

– Quer lutar então, meu senhor? – ela perguntou sem cerimônia, testando uma das lâminas na mão.

Eondel pareceu surpreso.

– Eu nunca enfrentei uma mulher antes, Vossa Alteza. Não acho que seja apropriado.

– Bobagem – ela disse, atirando-lhe uma espada. – Defenda-se.

Então, sem dar a ele outra oportunidade de objetar, atacou. Eondel vacilou no início, pego de surpresa pelo ato súbito dela. Mas seu treinamento de guerreiro logo se impôs, e ele começou a se defender dos ataques de Sarene com habilidade surpreendente. Pelo que Eondel dissera, Sarene imaginara que o conhecimento dele em esgrima fosse superficial. Estava enganada.

Eondel se atirou ao ataque com determinação. Sua lâmina cortava o ar com tanta rapidez que era impossível acompanhá-la, e apenas anos de treinamento e estratégia ajudaram Sarene a detê-la. A sala ressoava com os golpes do metal contra metal, e as mulheres pararam para olhar enquanto seus dois instrutores se moviam pelo aposento, envolvidos em intensa batalha.

Sarene não estava acostumada a lutar com alguém tão bom quanto Eondel. Não só era tão alto quanto ela – anulando qualquer vantagem que pudesse ter nesse quesito –, mas tinha os reflexos e o treinamento de um homem que passara a vida toda combatendo. Os dois abriram caminho entre a multidão, usando mulheres, cadeiras e vários outros objetos aleatórios para despistar o ataque do oponente. Suas espadas batiam e chicoteavam, lançando-se adiante e retrocedendo para bloquear.

Eondel era bom demais para ela. Podia contê-lo, mas ficava tão ocupada com a defesa que não tinha tempo para atacar. Com o suor escorrendo em seu rosto, Sarene percebeu que todos na sala a observavam.

Nesse momento, algo mudou em Eondel. Seus ataques diminuíram levemente, e Sarene atacou por instinto. A ponta arredondada de sua lâmina abriu caminho pela defesa dele e alcançou seu pescoço. Eondel sorriu levemente.

– Não tenho outra opção se não me render, minha senhora – o homem disse.

De repente, Sarene se sentiu envergonhada por ter colocado Eondel em uma situação em que obviamente a deixara ganhar para não deixá-la mal diante das outras

mulheres. Eondel fez uma reverência, e Sarene se sentiu uma tola.

Foram para o lado da sala, aceitando as taças oferecidas por Lukel, que os cumprimentou pela performance. Enquanto bebia, Sarene compreendeu algo. Estivera lidando com seu tempo em Arelon como se fosse uma competição, como fazia com a maior parte de suas empreitadas políticas – como um jogo complexo, mas divertido.

Arelon era diferente. Eondel a deixara ganhar porque queria proteger a imagem dela. Para ele, aquilo não era um jogo. Arelon era sua nação, seu povo, e faria qualquer sacrifício para protegê-los.

Dessa vez é diferente, Sarene. Se falhar, não vai perder um acordo comercial ou direitos de uma construção. Perderá vidas. Vidas de pessoas reais. O pensamento era preocupante.

Eondel olhou sua taça e ergueu as sobrancelhas, cético.

– Só água? – perguntou, virando-se para Sarene.

– Água é boa para você, meu senhor.

– Não tenho certeza disso – Eondel disse. – Onde a conseguiu?

– Eu a fervi e depois a verti entre dois baldes para restaurar o sabor – Sarene explicou. – Não ia deixar que as mulheres caíssem umas sobre as outras, bêbadas, enquanto treinavam.

– O vinho areleno não é tão forte, prima – Lukel comentou.

– É forte o suficiente – Sarene respondeu. – Beba, lorde Eondel. Não queremos que fique desidratado.

Eondel obedeceu, ainda que mantivesse a expressão de insatisfação.

Sarene se virou para as alunas, com a intenção de fazê-las voltar ao treino – a atenção delas, no entanto, fora capturada por outra coisa. Lorde Shuden estava no fundo da sala. Seus olhos estavam fechados, enquanto ele se movia lentamente, fazendo uma série de movimentos delicados. Seus músculos tensionados ondulavam, suas mãos giravam em círculos controlados e seu corpo fluía em resposta. Embora seus movimentos fossem lentos e precisos, o suor brilhava em sua pele.

Era como uma dança. Shuden dava passos largos, levantando as pernas no ar, erguendo os dedos dos pés antes de colocá-los no solo. Seus braços se mexiam sem parar, os músculos estirados e tensos, como se estivesse lutando contra uma força invisível. Lentamente, Shuden acelerou. Como se estivesse acumulando tensão, girou mais e mais rápido, seus passos se tornando saltos, os braços girando.

As mulheres observavam em silêncio, os olhos arregalados, mais de uma delas boquiaberta. Os únicos sons vinham do vento produzido pelos movimentos de Shuden e pelos golpes de seus pés.

Ele parou de repente, depois de aterrissar com um último salto e bater com os dois pés em uníssono no chão, as mãos estendidas. Dobrou os braços para dentro

como se fossem duas pesadas portas se fechando. Então inclinou a cabeça e exalou profundamente.

Sarene deixou que o momento perdurasse no ar, antes de murmurar:

– Misericordioso Domi, agora *nunca* conseguirei que se concentrem.

Eondel riu baixo.

– Shuden é um rapaz interessante. Reclama sempre que as mulheres o perseguem, mas não pode resistir a se exibir. Apesar de tudo, ainda é um homem, e ainda é muito jovem.

Sarene assentiu enquanto Shuden completava seu ritual, e se virava tranquilamente enquanto notava o tanto de atenção que atraíra. Abriu caminho rapidamente entre as mulheres, com olhos baixos, juntando-se a Sarene e Eondel.

– Isso foi inesperado – Sarene disse enquanto Shuden aceitava uma taça de água de Lukel.

– Peço desculpas, lady Sarene – ele respondeu entre goles. – A luta de vocês me fez querer me exercitar. Pensei que todos estariam ocupados demais treinando para reparar em mim.

– As mulheres sempre reparam em você, meu amigo – Eondel comentou, balançando a cabeça grisalha. – Da próxima vez que reclamar sobre ser acossado por mulheres, eu lhe lembrarei desse pequeno fiasco.

Shuden abaixou a cabeça, corando novamente.

– O que era esse exercício? – Sarene perguntou, curiosa. – Nunca vi nada parecido.

– Chamamos ChayShan – Shuden explicou. – É um tipo de aquecimento, uma forma de concentrar o corpo e a mente para se preparar para uma batalha.

– É impressionante – Lukel falou.

– Sou apenas um amador – Shuden disse, inclinando modestamente a cabeça. – Preciso de velocidade e concentração. Há homens em Jindo que podem se mover com tanta rapidez que você fica tonto só de olhá-los.

– Muito bem, senhoras – Sarene declarou, voltando-se para as mulheres, a maioria das quais ainda olhava Shuden. – Mais tarde agradeçam a lorde Shuden pela exibição. Agora, vocês têm alguns movimentos para treinar. Não pensem que vou deixá-las partir depois de alguns minutos de trabalho!

Vários gemidos de reclamação se seguiram, enquanto Sarene pegava o syre e começava uma nova sessão de treino.

***

– Estarão todas horrivelmente doloridas amanhã – Sarene disse com um sorriso.

– Diz isso com tanta paixão, minha senhora, que parece gostar da perspectiva – Ashe pulsou levemente enquanto falava.

– Será bom para elas – Sarene comentou. – A maioria dessas mulheres é tão mimada que nunca sentiu nada pior do que a pontada de uma agulha de bordar.

– Sinto ter perdido a aula – Ashe falou. – Há décadas não vejo ChayShan.

– Já viu antes?

– Já vi muitas coisas, minha senhora – Ashe respondeu. – A vida de um seon é muito longa.

Sarene assentiu. Caminhavam por uma rua de Kae, com a enorme muralha de Elantris erguendo-se ao fundo. Dezenas de vendedores de rua ofereciam suas mercadorias ansiosamente enquanto passavam, reconhecendo, pelas roupas, que ela era membro da corte. Kae existia para apoiar a nobreza arelena e satisfazer seus gostos pomposos. Taças de ouro e prata, especiarias exóticas e roupas extravagantes, tudo era exposto para chamar a atenção – embora a maior parte daquelas coisas fizesse seu estômago revirar.

Pelo que sabia, aqueles mercadores eram a única classe média real que sobrara em Arelon. Em Kae, competiam pelo favor do rei Iadon, na esperança de conseguir um título – em geral à custa de seus competidores, de alguns camponeses e de suas dignidades. Arelon estava se transformando rapidamente em uma nação de comerciantes ardentes, até mesmo assustadores. O sucesso não trazia mais apenas riqueza, e o fracasso não era mais apenas pobreza – os lucros determinavam o quão perto alguém estava de ser vendido para uma escravidão virtual.

Sarene acenava para que os mercadores se afastassem, ainda que seus esforços não os desencorajassem. Ficou aliviada quando finalmente dobrou uma esquina e viu a capela korathi. Resistiu ao desejo de sair correndo o resto do caminho, e manteve o passo firme até chegar às portas do edifício amplo e entrar.

Jogou algumas moedas – quase tudo o que restava do dinheiro que trouxera consigo de Teod – na caixa de donativos, e foi procurar o sacerdote. A capela pareceu confortável para Sarene. Ao contrário das capelas derethi, que eram austeras e formais, com escudos, lanças e alguma tapeçaria ocasional nas paredes, as capelas korathi eram mais descontraídas. Alguns acolchoados estavam pendurados nas paredes – provavelmente doações de patronos antigos – e havia flores e plantas sob eles, seus brotos abrindo com o clima primaveril. O teto era baixo e plano, mas as janelas eram grandes e amplas o bastante para evitar que o edifício parecesse opressivo.

– Olá, filha – uma voz veio da lateral da sala. Omin, o sacerdote, estava parado em uma das janelas, contemplando a cidade.

– Olá, padre Omin – ela disse, com uma reverência. – Incomodo?

– É claro que não, filha – Omin falou, acenando para que se aproximasse. – Venha. Como está? Senti sua falta no sermão da noite passada.

– Sinto muito, padre Omin – Sarene lamentou, corando um pouco. – Tive de ir a

um baile.

– Ah. Não se sinta culpada, filha. Os contatos sociais não devem ser subestimados, em especial quando se é novo na cidade.

Sarene sorriu, andando entre os bancos para se juntar ao baixo sacerdote perto da janela. A pequena estatura dele não costumava ser notada; Omin construíra um palco na frente da capela, adequado ao seu tamanho e, enquanto fazia seus sermões, era difícil distinguir sua altura. Parada ao lado do homem, no entanto, Sarene não podia deixar de notar que parecia imensa. Ele era terrivelmente baixo mesmo para um areleno, o alto de sua cabeça mal alcançava o queixo dela.

– Está preocupada com alguma coisa, filha? – Omin perguntou. Era quase totalmente careca, e usava uma túnica larga, presa na cintura por uma faixa branca. Além de seus surpreendentes olhos azuis, a única pincelada de cor em seu corpo era um pingente de jade korathi que usava no pescoço, talhado com a forma do Aon Omi.

Era um bom homem – algo que Sarene não podia dizer sobre todo mundo, nem mesmo sobre os sacerdotes. Havia vários deles em Teod que a enfureciam. Omin, no entanto, era pensativo e paternal – ainda que tivesse o irritante costume de se perder em pensamentos. Algumas vezes ficava tão distraído que minutos se passavam sem que percebesse que alguém estava esperando que falasse algo.

– Não tenho certeza sobre quem pode me ajudar, padre – Sarene falou. – Tenho de fazer a Prova de Viuvez, mas ninguém me explicou o que é isso.

– Ah – Omin disse com um aceno de sua brilhante cabeça sem cabelos. – Isso pode ser confuso para uma recém-chegada.

– Por que ninguém quer me explicar?

– É uma cerimônia semirreligiosa, reminiscência dos tempos antigos, quando os elantrinos governavam – Omin explicou. – Qualquer coisa que envolva a cidade é um tabu em Arelon, especialmente para os fiéis.

– Bem, e como vou saber o que é esperado de mim? – Sarene perguntou exasperada.

– Não fique frustrada, filha – Omin disse, tranquilizador. – É tabu, mas apenas por costume, não por doutrina. Não creio que Domi tenha qualquer objeção que eu sacie sua curiosidade.

– Obrigada, padre – Sarene disse, com um suspiro de alívio.

– Já que seu marido morreu – Omin explicou –, espera-se que mostre seu luto abertamente, ou as pessoas pensarão que não o amava.

– Mas eu não o amava, não realmente. Nem cheguei a conhecê-lo.

– Mesmo assim, seria adequado que você fizesse a Prova. A severidade da Prova de Viuvez é uma expressão do quão importante a esposa considerava sua união, e do quanto respeitava seu marido. Ficar sem isso, mesmo para uma estrangeira, seria um

mau sinal.

– Mas não era um ritual pagão?

– Não na verdade – Omin disse, negando com a cabeça. – Os elantrinos a iniciaram, mas não tinha nada a ver com a religião deles. Era simplesmente um ato de gentileza que se desenvolveu em uma tradição digna e benevolente.

Sarene ergueu as sobrancelhas.

– Sinceramente, estou surpresa em ouvi-lo falar assim dos elantrinos, padre.

Os olhos de Omin cintilaram.

– Só porque os arteths derethi odeiam os elantrinos, não quer dizer que Domi também o faça, filha. Não acredito que fossem deuses, e muitos deles tinham uma opinião exagerada de sua própria majestade, mas eu tinha vários amigos entre eles. A Shaod levou tanto homens bons quanto maus, egoístas e desprendidos. Alguns dos homens mais nobres que conheci viviam naquela cidade. Lamentei muito o que aconteceu com eles.

Sarene fez uma pausa.

– Foi Domi, padre? Ele os amaldiçoou, como dizem?

– Tudo acontece segundo a vontade de Domi, filha – Omin respondeu. – Mas não acho que "maldição" seja a palavra certa. Algumas vezes, Domi acha adequado enviar desastres para o mundo; outras vezes, dá doenças mortais às crianças mais inocentes. Não são maldições piores do que o que aconteceu com Elantris: é só o jeito que o mundo funciona. Todas as coisas devem progredir, e o progresso nem sempre é um avanço constante. Algumas vezes precisamos cair, outras nos erguemos, alguns devem ser feridos enquanto outros têm sorte, pois esse é o único jeito de aprendermos a confiar uns nos outros. Quando um é abençoado, é seu privilégio ajudar aqueles cujas vidas não são tão fáceis. A unidade vem do esforço, filha.

Sarene fez uma pausa.

– Então não acha que os elantrinos, ou o que sobra deles, sejam demônios?

– Svrakiss, como os fjordênicos os chamam? – Omin perguntou divertido. – Não, embora tenha ouvido que é o que o novo gyorn prega. Temo que os sermões dele apenas despertem o ódio.

Sarene tamborilou nas bochechas, pensativa.

– Pode ser o que ele quer.

– O que conseguiria com isso?

– Não sei – Sarene admitiu.

Omin balançou a cabeça novamente.

– Não posso acreditar que qualquer seguidor de Deus, nem mesmo um gyorn, faça uma coisa dessas. – Fez uma expressão absorta enquanto considerava a possibilidade, com o cenho levemente franzido.

– Padre? – Sarene disse. – Padre?

Na segunda chamada, Omin sacudiu a cabeça, como se estivesse sobressaltado em descobrir que ela ainda estava ali.

– Desculpe, filha. Sobre o que falávamos?

– Não terminou de me contar o que é a Prova de Viuvez – ela o recordou. Tangentes eram muito frequentes quando alguém estava conversando com o diminuto sacerdote.

– Ah, sim. A Prova de Viuvez. Dito de modo simples, filha, espera-se que faça algo a favor do país. Quanto mais amar seu marido e mais desolada estiver, mais extravagante será sua Prova. A maioria das mulheres dá comida ou roupa aos camponeses. Quanto mais pessoal for seu envolvimento, melhor impressão causará. A Prova é um modo de servir, um meio de fazer a humildade ser exaltada.

– Mas de onde tirarei o dinheiro para isso? – Sarene ainda não decidira como pedir ao seu novo pai um estipêndio.

– Dinheiro? – Omin perguntou surpreso. – Você é uma das pessoas mais ricas de Arelon. Não sabia disso?

– O quê?

– Você herdou as posses do príncipe Raoden, filha – Omin explicou. – Ele era um homem muito rico, seu pai se assegurou disso. Sob o governo do rei Iadon, não era bom que o príncipe herdeiro fosse menos rico do que um duque. Pelo mesmo motivo, seria uma fonte de extremo embaraço para ele se sua nora não fosse fabulosamente rica. Tudo o que precisa fazer é falar com o tesoureiro real, e estou certo de que ele cuidará de você.

– Obrigada, padre – Sarene disse, dando um abraço afetuoso no homenzinho. – Tenho trabalho a fazer.

– Suas visitas são bem-vindas, filha – Omin falou, olhando para a cidade com um olhar pensativo. – Estou aqui para isso.

Mesmo assim, Sarene se deu conta de que logo depois de fazer o comentário, ele já havia se esquecido da presença dela, viajando mais uma vez pelas longas estradas de sua mente.

***

Ashe esperava do lado de fora, flutuando perto da porta com sua paciência característica.

– Não entendo por que está tão preocupado – Sarene disse para ele. – Omin *gostava* dos elantrinos. Não teria objeções que você entrasse na capela dele.

Ashe pulsou levemente. Não entrava em uma capela korathi desde o dia, há muitos anos, em que Seinalan, o patriarca do Shu-Korath, o expulsou de uma.

– Está tudo bem, minha senhora – Ashe assegurou. – Tenho a sensação de que

não importa o que digam os sacerdotes, ambos ficaremos mais felizes se um permanecer longe da vista do outro.

– Discordo – Sarene disse – mas não quero discutir com você. Ouviu alguma coisa da nossa conversa?

– Seons tem bons ouvidos, minha senhora.

– Ainda que não tenha ouvido algum – ela apontou. – O que acha?

– Parece uma boa maneira de conseguir alguma notoriedade na cidade, minha senhora.

– Pensei exatamente o mesmo.

– Uma outra coisa, minha senhora. Você falaram sobre o gyorn derethi e Elantris. Outra noite, quando eu estava inspecionando a cidade, percebi o gyorn Hrathen caminhando pela muralha de Elantris. Voltei várias vezes depois disso, e o encontrei ali em algumas ocasiões. Ele parece bem amigo do capitão da Guarda da Cidade de Elantris.

– O que está tentando fazer com essa cidade? – Sarene perguntou, frustrada.

– Isso também me intriga, minha senhora.

Sarene franziu o cenho, tentando juntar o que sabia das ações do gyorn em Elantris. Não conseguia estabelecer conexões. Mesmo assim, enquanto pensava, outra coisa lhe ocorreu. Talvez pudesse resolver um de seus outros problemas e a inconveniência do gyorn ao mesmo tempo.

– Talvez eu não precise saber o que ele está fazendo para impedi-lo – ela disse.

– Isso certamente ajudaria, minha senhora.

– Não podemos contar com esse luxo. Mas sabemos de uma coisa: se o gyorn quer que o povo odeie os elantrinos, é meu trabalho garantir que ocorra o contrário.

Ashe fez uma pausa.

– O que está planejando, minha senhora?

– Você verá. – Ela disse com um sorriso. – Mas, primeiro, vamos voltar para meus aposentos. Faz tempo que quero conversar com meu pai.

***

– Ene? Fico feliz que tenha chamado. Estava preocupado com você. – A cabeça brilhante de Eventeo flutuava diante dela.

– Você poderia ter me procurado a qualquer momento, pai – Sarene disse.

– Não queria incomodar, querida. Sei como aprecia sua independência.

– Agora a independência vem depois do dever, pai – Sarene falou. – Nações estão caindo, não temos tempo para nos preocupar sobre os sentimentos um do outro.

– Aceito a reprimenda – seu pai disse com uma gargalhada.

– O que está acontecendo em Teod, pai?

– As coisas não vão bem – Eventeo confessou, a voz inusitadamente sombria. –

São tempos perigosos. Tive que acabar com outro culto do Mistério Jeskeri. Eles sempre parecem surgir quando um eclipse se aproxima.

Sarene estremeceu. Os seguidores do culto do Mistério eram um grupo estranho, e seu pai não gostava de lidar com eles. Havia reserva na voz de Eventeo, no entanto – algo mais o incomodava.

– Há mais, não é mesmo?

– Temo que sim, Ene – o pai admitiu. – Algo pior.

– O quê?

– Conhece Ashgress, o embaixador fjordênico?

– Sim – Sarene disse, franzindo o cenho. – O que ele fez? Denunciou você em público?

– Não, algo pior – O rosto de seu pai parecia preocupado. – Partiu.

– *Partiu*? Deixou o país depois de todo o problema que Fjorden nos deu para voltar a ter representantes em Teod?

– É isso mesmo, Ene – Eventeo confirmou. – Pegou todo seu séquito, fez um último sermão nas docas e nos deixou. Havia um inquietante ar definitivo no evento.

– Isso não é bom – Sarene concordou. Fjorden fora inflexível sobre manter presença em Teod. Se Ashgress partira, fizera isso seguindo uma ordem direta de Wyrn. Parecia que tinham desistido de Teod.

– Estou assustado, Ene. – As palavras a gelaram mais do que qualquer outra coisa. O pai era o homem mais forte que conhecia.

– Não deveria dizer isso.

– Apenas para você, Ene – Eventeo falou. – Quero que entenda o quão séria é a situação.

– Eu sei – Sarene disse. – Entendo. Há um gyorn em Kae.

O pai murmurou algumas imprecações que ela nunca o ouvira dizer antes.

– Acho que posso lidar com ele, pai – Sarene disse rapidamente. – Estamos de olho um no outro.

– Quem é?

– O nome dele é Hrathen.

O pai praguejou novamente, dessa vez com mais veemência.

– Idos Domi, Sarene! Sabe quem é ele? Hrathen foi o gyorn designado para Duladel seis meses antes do colapso.

– Imaginei que fosse ele.

– Quero você fora daí, Sarene – Eventeo falou. – Este homem é perigoso. Sabe quantas pessoas morreram na revolução dula? Foram dezenas de milhares de baixas.

– Sei disso, pai.

– Vou mandar um navio para você. Vamos resistir aqui, onde nenhum gyorn é bem-vindo.

– Não vou partir, pai – Sarene disse, resoluta.

– Sarene, seja lógica. – Eventeo adotou o tom de voz tranquilo e insistente que usava cada vez que queria que ela fizesse alguma coisa. Em geral, conseguia convencê-la: era um dos poucos que sabia como fazê-la mudar de opinião. – Todo mundo sabe que o governo areleno está uma bagunça. Se esse gyorn derrubou Duladel, não terá problemas em fazer o mesmo com Arelon. Não pode esperar detê-lo quando o país todo está contra você.

– Tenho que ficar, pai, apesar da situação.

– Que lealdade deve a eles, Sarene? – Eventeo suplicou. – A um marido que nunca conheceu? A um povo que não é o seu?

– Sou filha do rei deles.

– Você é filha do rei daqui também. Qual é a diferença? Aqui o povo a conhece e a respeita.

– Eles me conhecem, pai, mas respeitar... – Sarene sentou-se, começando a se sentir enjoada. Estranhos sentimentos estavam voltando. Sentimentos que a fizeram desejar deixar sua terra natal, abandonando tudo o que conhecia por uma terra estrangeira.

– Não entendo, Ene. – A voz de seu pai estava magoada.

Sarene suspirou, fechando os olhos.

– Ah, pai, você não entenderia nunca. Para você, sou um encanto, sua bela e inteligente filha. Ninguém se atreveria a dizer o que realmente pensa de mim.

– Do que está falando? – ele exigiu saber, agora falando com a voz de um rei.

– Pai – Sarene começou a explicar. – Tenho vinte e cinco anos e sou brusca, maquinadora e, às vezes, agressiva. Deve ter notado que nenhum homem pediu minha mão.

Seu pai não respondeu por um momento.

– Pensei nisso – ele finalmente admitiu.

– Eu era a filha solteirona do rei, a megera que ninguém queria tocar – Sarene disse, tentando (sem conseguir) afastar a amargura. – Os homens riam de mim pelas costas. Ninguém se atrevia a se aproximar de mim com intenções românticas, pois era bem sabido que quem fizesse isso seria zombado por seus companheiros.

– Eu pensava que você era independente, que considerava que nenhum deles era digno de seu tempo.

Sarene riu amargamente.

– Você me ama, pai. Nenhum pai quer admitir que sua filha não é atraente. A verdade é que nenhum homem quer uma esposa inteligente.

– Isso não é verdade – seu pai objetou imediatamente. – Sua mãe é brilhante.

– Você é uma exceção, pai, e é por isso que não pode ver. Uma mulher forte não tem lugar neste mundo, nem mesmo em Teod, que eu sempre afirmei ser um lugar

muito mais avançado do que o continente. Mas na realidade não é tão diferente, pai. Dizem que dão mais liberdade às mulheres, mas ainda há a impressão de que a liberdade era deles para ser "dada" em primeiro lugar. Em Teod, sou uma filha solteira. Aqui em Arelon, sou uma esposa viúva. Há uma diferença enorme. Por mais que ame Teod, teria que viver com o conhecimento constante de que ninguém me quer. Aqui, pelo menos, posso tentar me convencer de que alguém queria me ter, mesmo que por razões políticas.

– Podemos encontrar outra pessoa.

– Não acho, pai – Sarene disse, balançando a cabeça e sentando-se em sua cadeira. – Agora que Teorn tem filhos, nenhum marido meu acabaria no trono, que é a única razão pela qual alguém em Teod consideraria a hipótese de se casar comigo. Ninguém sob domínio derethi se casaria com uma teodena. Assim, só sobra Arelon, onde meu contrato nupcial me proíbe de casar novamente. Não, não há ninguém para mim agora, pai. O melhor que posso fazer é aproveitar minha situação aqui. Pelo menos posso conseguir um certo respeito em Arelon, sem ter que me preocupar em como meus atos afetariam minhas futuras possibilidades matrimoniais.

– Entendo – seu pai disse. Ela podia sentir a insatisfação na voz dele.

– Pai, preciso lembrá-lo que não deve se preocupar comigo? – Ela perguntou. – Temos problemas muito maiores com os quais lidar.

– Não posso deixar de me preocupar com você, Vara de Leky. É minha única filha.

Sarene balançou a cabeça, determinada a mudar de assunto antes que começasse a chorar. De repente, muito envergonhada por destruir a visão idílica que ele tinha dela, Sarene procurou algo para dizer que desviasse a conversa.

– Tio Kiin está aqui em Kae.

Isso bastou. Ela o ouviu inspirar no outro lado da ligação do seon.

– Não mencione o nome dele, Ene.

– Mas...

– Não.

Sarene suspirou.

– Tudo bem, então. Me fale sobre Fjorden, em vez disso. O que acha que Wyrn está planejando?

– Dessa vez não tenho ideia – Eventeo disse, permitindo que ela mudasse de assunto. – Deve ser algo grande. As fronteiras estão fechadas para os mercadores teodenos de norte a sul, e nossos embaixadores estão começando a desaparecer. Estou quase os chamando de volta.

– E seus espiões?

– Desaparecem quase na mesma velocidade – o pai comentou. – Não sou capaz de contatar ninguém em Velding há um mês, e só Domi sabe o que Wyrn e os gyorns

estão tramando por lá. Enviar espiões a Fjorden hoje em dia é quase o mesmo que mandá-los para a morte.

– Mas você os envia mesmo assim – Sarene disse em voz baixa, compreendendo a fonte de dor na voz do pai.

– Tenho de fazer isso. O que conseguirmos descobrir pode acabar salvando milhares, mas isso não torna mais fácil. Só gostaria de colocar alguém em Dakhor.

– O monastério?

– Sim – Eventeo confirmou. – Sabermos o que os outros monastérios fazem: Rathbore treina assassinos, Fjeldor, espiões, e a maioria dos demais, simples guerreiros. Dakhor, no entanto, me preocupa. Ouvi algumas histórias terríveis sobre aquele monastério e não consigo entender por que alguém, mesmo os derethi, fariam tais coisas.

– Parece que Fjorden se prepara para a guerra?

– Não sei dizer..., não parece, mas quem sabe. Wyrn poderia mandar um exército multinacional na nossa direção a qualquer momento. Um pequeno consolo é que não acho que ele saiba que nós sabemos disso. Infelizmente, esse conhecimento me coloca em uma posição difícil.

– O que quer dizer?

A voz de seu pai era hesitante.

– Se Wyrn declarar guerra santa contra nós, isso significará o fim de Teod. Não podemos lutar contra a força unificada dos países orientais, Ene. Não vou ficar sentado, vendo meu povo ser massacrado.

– Consideraria rendição? – Sarene perguntou, ultrajada.

– O dever de um rei é proteger seu povo. Quando diante da escolha de conversão ou deixar meu povo ser destruído, acho que teria de escolher conversão.

– Seria tão fraco quanto os jindoneses – Sarene falou.

– Os jindoneses são um povo sábio, Sarene – seu pai disse, a voz foi ficando firme. – Fizeram o que precisavam para sobreviver.

– Mas isso significaria se render!

– Significaria fazer o que temos de fazer – seu pai afirmou. – Não farei nada ainda. Enquanto ficarem duas nações, ainda temos esperança. Contudo, se Arelon cair, serei forçado a me render. Não podemos lutar contra o mundo todo, Ene, não mais do que um grão de areia pode lutar contra um oceano inteiro.

– Mas... – a voz de Sarene sumiu. Podia ver o dilema de seu pai. Enfrentar Fjorden no campo de batalha seria um exercício de completa futilidade. Converter-se ou morrer, as duas decisões eram repugnantes, mas a conversão era obviamente a decisão mais lógica. Apesar disso, uma voz interior lhe dizia que valia a pena morrer, se a morte provasse que a verdade era mais poderosa do que a força física.

Tinha de se assegurar de que seu pai nunca tivesse de fazer essa escolha. Se

pudesse deter Hrathen, então poderia deter Wyrn. Durante um tempo, pelo menos.

– Definitivamente, vou ficar, pai – declarou.

– Sei disso, Ene. Será perigoso.

– Entendo. Mas, se Arelon cair, provavelmente vou preferir estar morta a ver o que acontecerá com Teod.

– Tenha cuidado, e fique de olho nesse gyorn. Ah, falando nisso, se descobrir por que Wyrn está afundando os navios de Iadon, me conte.

– O quê? – Sarene perguntou, surpresa.

– Você não sabia?

– Saber o quê?

– O rei Iadon perdeu quase toda sua frota mercante. Os relatos oficiais dizem que os naufrágios são obras de piratas, alguns remanescentes da armada de Dreok Esmagarganta. Apesar disso, minhas fontes relacionam os naufrágios com Fjorden.

– Então era *isso*! – Sarene exclamou.

– O quê?

– Há quatro dias, eu estava em uma festa – Sarene explicou. – Um criado entregou uma mensagem para o rei, e o que quer que fosse o inquietou bastante.

– Foi mais ou menos nesse período – seu pai disse. – Fiquei sabendo há dois dias.

– Por que Wyrn afundaria inofensivos barcos mercantes? – Sarene perguntou. – A menos que... *Idos Domi*! Se o rei perder sua fonte de renda, correrá o risco de perder seu trono!

– É verdade toda essa bobagem de que a posição social está relacionada com o dinheiro?

– Pura verdade – Sarene confirmou. – Iadon tira os títulos de uma família que não consegue manter suas entradas de renda. Se ele perder sua fonte de riqueza, isso destruiria a base de seu governo. Hrathen poderia substituí-lo por alguém..., por um homem mais disposto a aceitar o Shu-Dereth, e que não se incomodasse em iniciar uma revolução.

– Parece factível. Iadon pediu por essa situação ao idealizar bases tão instáveis de governo.

– Provavelmente será Telrii – Sarene falou. – Por isso gastou tanto dinheiro naquele baile. O duque quer mostrar que é financeiramente sólido. Ficaria muito surpresa se não tivesse uma montanha de ouro fjordênico por trás de seus gastos.

– O que vai fazer?

– Detê-lo – Sarene disse. – Ainda que doa. Na realidade, não gosto de Iadon, pai.

– Infelizmente, parece que Hrathen escolheu nossos aliados por nós.

Sarene assentiu.

– Ele me colocou ao lado de Elantris e de Iadon, uma posição não muito invejável.

– Todos fazemos o melhor possível com o que Domi nos dá.

– Parece um sacerdote falando.

– Encontrei motivos para me tornar muito religioso ultimamente.

Sarene pensou por um momento antes de responder, tamborilando nas bochechas enquanto considerava as palavras dele.

– Uma sábia escolha, pai. Se Domi estivesse vindo nos ajudar, teria que ser agora. O fim de Teod significa o fim do Shu-Korath.

– Por um tempo, talvez – seu pai respondeu. – A verdade nunca será derrotada, Sarene. Ainda que as pessoas a esqueçam de vez em quando.

***

Sarene estava na cama, as luzes apagadas. Ashe flutuava do outro lado do aposento, sua luz tão tênue que era apenas um contorno do Aon Ashe contra a parede.

A conversa com o pai terminara há uma hora, mas suas implicações provavelmente afligiriam sua mente por meses. Nunca considerara a rendição como alternativa, mas agora parecia quase inevitável. A perspectiva a preocupava. Sabia que era improvável que Wyrn deixasse seu pai continuar governando, mesmo que se convertesse. Também sabia que Eventeo ofereceria sua vida voluntariamente para poupar seu povo.

Também pensava em sua própria vida, e em suas lembranças confusas de Teod. O reino continha as coisas que ela mais amava – seu pai, seu irmão, sua mãe. As florestas ao redor da cidade portuária de Teoin, a capital, eram outra recordação agradável. Lembrava-se da forma que a neve pousava sobre a paisagem. Uma manhã, despertara e encontrara todo o exterior coberto por uma bela película de gelo; as árvores pareciam joias cintilando na luz do dia de inverno.

Mas Teod também a fazia se lembrar da dor e da solidão. Representava sua exclusão da sociedade e sua humilhação diante dos homens. Desde cedo mostrara que tinha uma inteligência rápida e uma língua ainda mais veloz. Ambas as coisas a mantiveram separada das outras mulheres – não que algumas delas não fossem inteligentes; apenas tinham o juízo de manter isso escondido até que estivessem casadas.

Nem todos os homens queriam uma esposa estúpida – mas tampouco havia montes de homens que se sentiam confortáveis com uma mulher que consideravam superior intelectualmente. Quando Sarene se deu conta do que estava fazendo para si mesma, descobrira que os poucos homens que poderiam tê-la aceitado já estavam casados. Desesperada, tentou descobrir qual a opinião masculina sobre ela na corte, e ficou mortificada ao saber o quanto zombavam dela. Depois disso, só piorou – e ela só ficava mais velha. Em uma terra em que quase todas as mulheres estavam ao menos comprometidas antes dos dezoito anos, ela era uma donzela idosa de vinte e

cinco. Uma velha donzela muito alta, magra e briguenta.

Sua autorrecriminação foi interrompida por um ruído. Não vinha do corredor ou da janela, mas de dentro de seu quarto. Sentou-se sobressaltada, segurando a respiração enquanto se preparava para dar um pulo. Só então percebeu que o ruído não vinha realmente do quarto, mas da parede ao lado. Franziu o cenho, confusa. Não havia quartos do outro lado; estava na extremidade do palácio. Sua janela dava para a cidade.

O ruído não se repetiu e, determinada a dormir um pouco apesar da ansiedade, Sarene disse a si mesma que era apenas a estrutura do edifício.

Dilaf entrou pela porta, com aspecto um pouco distraído. Então viu o elantrino sentado na cadeira diante da mesa de Hrathen.

O choque quase o matou.

Hrathen sorriu, observando como Dilaf segurava a respiração de maneira audível, os olhos arregalados e o rosto quase da mesma cor da armadura do gyorn.

– Hruggath Ja! Dilaf gritou, surpreso, a maldição fjordênica subindo rapidamente aos seus lábios.

Hrathen ergueu as sobrancelhas com a exclamação – não porque se sentisse ofendido, mas porque se surpreendera que Dilaf a pronunciasse tão facilmente. O arteth tinha, de fato, submergido profundamente na cultura derethi.

– Diga oi para Diren, arteth – Hrathen disse, apontando para o elantrino de rosto preto e cinza. – E, por favor, evite usar o nome do Senhor Jaddeth como maldição. É um hábito fjordênico que eu preferiria que você não tivesse adotado.

– Um elantrino!

– Sim – Hrathen confirmou. – Muito bem, arteth. E, não, você não pode colocar fogo nele.

Hrathen se reclinou levemente no assento, sorrindo enquanto Dilaf encarava o elantrino. O gyorn o convocara sabendo bem qual seria o tipo de reação que o arteth teria, e se sentia um pouco menosprezível por isso. Mas não deixou de desfrutar o momento.

Finalmente, Dilaf dirigiu a Hrathen um olhar de ódio – ainda que rapidamente o mascarasse com outro de submissão.

– O que ele está fazendo aqui, meu hroden?

– Achei que seria bom conhecer o rosto do inimigo, arteth – Hrathen disse, levantando-se e andando até o assustado elantrino. Os dois sacerdotes estavam, é claro, conversando em fjordênico. Havia confusão e um medo atroz nos olhos do elantrino.

Hrathen se abaixou ao lado do homem, estudando seu demônio.

– São todos carecas, Dilaf? – perguntou, interessado.

– No princípio, não – o arteth respondeu de mau humor. – Costumam ter cabelos quando os cães korathi os preparam para a cidade. A pele deles é mais clara também.

Hrathen apalpou a bochecha do homem. A pele era dura, com aspecto de couro. O elantrino o observava com olhos assustados.

– Essas manchas negras... são elas que distinguem um elantrino?

– São o primeiro sinal, meu hroden – Dilaf respondeu, submisso. Ou estava se acostumando com o elantrino, ou simplesmente superara seu estado inicial de ódio e passara a uma forma mais paciente e latente de desgosto. – Em geral ocorre durante a noite. Quando o amaldiçoado acorda, ele ou ela tem manchas negras por todo o corpo. Com o tempo, o resto da pele fica marrom acinzentado, como a deste aí.

– Como a pele de um cadáver embalsamado – Hrathen notou. Visitara a universidade em Svorden em certa ocasião, e sabia como eram os cadáveres mantidos para pesquisas.

– Muito parecido – Dilaf concordou em voz baixa. – A pele não é o único sinal, meu hroden. O interior deles apodrece também.

– Como sabe isso?

– O coração deles não bate – Dilaf disse. – E suas mentes não funcionam. Há histórias dos primeiros dias, há dez anos, antes que fossem todos trancados naquela cidade. Em questão de meses ficam comatosos, quase incapazes de se mover, exceto para lamentar sua dor.

– Dor?

– A dor de suas almas ardendo com o fogo do Senhor Jaddeth – Dilaf explicou. – Cresce neles até consumir sua consciência. É a punição deles.

Hrathen assentiu, afastando-se do elantrino.

– Não deveria ter tocado nele, meu hroden – Dilaf comentou.

– Achei que tivesse dito que o Senhor Jaddeth protegia seus fiéis – Hrathen falou. – O que devo temer?

– Você convidou o mal para dentro da capela, meu hroden.

Hrathen bufou.

– Não há nada sagrado neste edifício, Dilaf, como você sabe. Não pode haver solo sagrado em um país que não se aliou ao Shu-Dereth.

– É claro – Dilaf concordou. Por algum motivo, seu olhar se tornava mais ansioso.

A expressão nos olhos de Dilaf deixava Hrathen incomodado. Talvez fosse melhor minimizar o tempo que o arteth passava no mesmo cômodo que o elantrino.

– Eu o chamei porque preciso que faça os preparativos para o sermão desta tarde – Hrathen disse. – Não posso fazê-los: quero passar um tempo interrogando este elantrino.

– Às suas ordens, meu hroden – Dilaf falou, ainda olhando o elantrino.

– Está dispensado, arteth – Hrathen disse com firmeza.

Dilaf resmungou baixo, então deixou o aposento, obedecendo às ordens de Hrathen.

O gyorn se virou para o elantrino. Não parecia "sem mente", como Dilaf afirmara. O capitão da guarda que trouxera o elantrino mencionara o nome da criatura; isso implicava que podia falar.

– Pode me entender, elantrino? – Hrathen perguntou em aônico.

Diren fez uma pausa, então assentiu.

– Interessante – Hrathen disse, pensativo.

– O que quer comigo? – o elantrino perguntou.

– Apenas lhe fazer algumas perguntas – Hrathen disse, voltando para sua mesa e sentando-se. Continuava a estudar a criatura com curiosidade. Nunca em todas as suas várias viagens vira uma doença como essa.

– Você tem comida? – o elantrino perguntou. Havia um leve matiz de loucura em seus olhos quando mencionou a palavra "comida".

– Se responder às minhas perguntas, prometo enviá-lo de volta a Elantris com uma cesta cheia de pães e queijo.

Isso atraiu a atenção da criatura. Assentiu vigorosamente.

Tão faminto, Hrathen pensou com curiosidade. *E o que foi que Dilaf disse? O coração dele não bate? Talvez a doença tenha alguma relação com o metabolismo – faz o coração bater tão rápido que fica difícil de detectar e aumenta o apetite de algum modo.*

– O que você era antes de ser jogado na cidade, Diren? – Hrathen perguntou.

– Um camponês, meu senhor. Trabalhava nos campos da Colônia Aor.

– E desde quando é um elantrino?

– Fui jogado lá no outono – Diren falou. – Sete meses? Oito? Perdi a conta...

Então outra afirmação de Dilaf, a de que os elantrinos ficavam "comatosos" em poucos meses, era incorreta. Hrathen ficou pensativo, tentando decidir que tipo de informação essa criatura poderia ter que lhe fosse útil.

– Como é Elantris? – Hrathen perguntou.

– É terrível, meu senhor – Diren disse, abaixando a cabeça. – Há gangues. Se você vai ao lugar errado, eles o perseguem, o machucam. Ninguém conta aos recém-chegados como são as coisas, então, se não for cuidadoso, vai até o mercado... Isso não é bom. E agora há uma nova gangue, pelo menos é o que dizem os elantrinos que conheço nas ruas. Uma quarta gangue, mais poderosa do que as outras.

Gangues. Isso implicava um nível básico de sociedade, pelo menos. Hrathen franziu o cenho. Se as gangues eram tão duras quanto Diren dava a entender, talvez pudesse usá-las como exemplo de svrakiss para seus seguidores. No entanto, ao falar com o complacente Diren, Hrathen começava a pensar que talvez devesse continuar a fazer suas condenações a distância. Se qualquer porcentagem dos elantrinos fosse tão inofensiva quanto este homem, o povo de Kae certamente ficaria desapontado com seus "demônios".

Conforme o interrogatório continuava, Hrathen percebeu que Diren não sabia de muito mais que pudesse ser útil. O elantrino não podia explicar como era a Shaod: aconteceu enquanto dormia. Afirmava que estava "morto", o que quer que isso

quisesse dizer, e que suas feridas nunca se curavam. Chegou a mostrar um corte na pele para Hrathen. O ferimento não sangrava, no entanto, então Hrathen apenas suspeitou que as partes da pele não haviam se juntado bem enquanto cicatrizavam.

Diren não sabia nada da "magia" elantrina. Dizia ter visto outros fazendo desenhos mágicos no ar, mas ele mesmo não sabia fazê-los. Sabia que tinha fome – muita fome. Reiterou isso várias vezes, além de mencionar em outras duas ocasiões que tinha medo das gangues.

Satisfeito de ter descoberto o que queria averiguar – que Elantris era um lugar brutal, mas desapontadoramente humana em seus métodos de brutalidade –, Hrathen mandou chamar o capitão da guarda que trouxera Diren.

O capitão da guarda entrou obsequiosamente. Usava luvas grossas e cutucou o elantrino com uma vareta comprida para que saísse da cadeira. Aceitou ansioso o saco de moedas de Hrathen e assentiu quando o gyorn o fez prometer que compraria uma cesta de comida para Diren. Enquanto o capitão obrigava o prisioneiro a sair do aposento, Dilaf apareceu na porta. O arteth observou sua presa partir com uma expressão de desapontamento.

– Tudo pronto? – Hrathen perguntou.

– Sim, meu hroden – Dilaf assegurou. – As pessoas começam a chegar para a cerimônia.

– Bom – Hrathen disse, reclinando-se em sua cadeira e enlaçando os dedos pensativamente.

– Alguma coisa o preocupa, meu hroden?

Hrathen negou com a cabeça.

– Estava só planejando o discurso dessa noite. Acredito que é hora de darmos o passo seguinte em nossos planos.

– Passo seguinte, meu hroden?

Hrathen assentiu.

– Acho que estabelecemos com êxito nossa posição contra Elantris. As massas estão sempre dispostas a encontrar demônios ao seu redor, desde que lhes dê a motivação adequada.

– Sim, meu hroden.

– Não se esqueça, arteth – Hrathen disse – há um sentido em nosso ódio.

– Une nossos seguidores, lhes dá um inimigo comum.

– Correto – Hrathen falou, apoiando os braços na mesa. – Há outro propósito, no entanto. Um de igual importância. Agora que demos algo para as pessoas odiarem, precisamos criar uma associação entre Elantris e nossos rivais.

– O Shu-Korath – Dilaf disse, com um sorriso sinistro.

– Correto novamente. Os sacerdotes korathi são os que preparam os novos elantrinos. São a motivação por trás da misericórdia com a qual esse país trata seus

deuses caídos. Se damos a entender que a tolerância korathi converte seus sacerdotes em simpatizantes, a repulsa das pessoas por Elantris se estenderá ao Shu-Korath. Os sacerdotes korathi serão confrontados com duas opções: ou aceitam nossa incriminação, ou ficam ao nosso lado contra Elantris. Se escolherem a primeira opção, o povo ficará contra eles. Se escolherem a última, se colocarão sob nosso controle teológico. Depois disso, alguns poucos embaraços os farão parecer impotentes e irrelevantes.

– É perfeito – Dilaf disse. – Mas acontecerá rápido o suficiente? Resta tão pouco tempo.

Hrathen se sobressaltou e olhou para o arteth ainda sorridente. Como o homem sabia sobre seu prazo? Não podia saber – devia estar fazendo conjecturas.

– Funcionará – Hrathen afirmou. – Com a monarquia instável e a religião vacilando, o povo procurará uma nova fonte de liderança. O Shu-Dereth será como uma rocha entre a areia movediça.

– Uma boa analogia, meu hroden.

Hrathen nunca sabia se Dilaf zombava dele com essas declarações ou não.

– Tenho uma tarefa para você, arteth. Quero que faça a conexão no seu sermão desta noite: coloque as pessoas contra o Shu-Korath.

– Meu hroden não o fará?

– Falarei depois, e meu discurso será lógico. Você, no entanto, é mais passional, e a aversão deles pelo Shu-Korath deve vir primeiro de seus corações.

Dilaf assentiu, inclinando a cabeça para mostrar que cumpriria a ordem. Hrathen fez um gesto com a mão, indicando que a conversa terminara, e o arteth partiu, fechando a porta atrás de si.

***

Dilaf falou com o fervor característico. Ficou parado do lado de fora da capela, em um palco que Hrathen havia autorizado construir assim que a multidão ficou grande demais para caber dentro do edifício. As noites mornas de primavera favoreciam esses encontros, e a luz do anoitecer combinada com as tochas ofereciam a mistura adequada de visibilidade e sombra.

As pessoas contemplavam Dilaf com arrebatamento, ainda que a maior parte do que dizia fosse repetitiva. Hrathen passava horas preparando seus sermões, tomando o cuidado de combinar reiteração, reforço e originalidade para provocar entusiasmo. Dilaf simplesmente falava. Não importava se derramava as mesmas denúncias contra Elantris e os mesmos louvores redundantes ao Império de Jaddeth; as pessoas escutavam do mesmo jeito. Depois de uma semana ouvindo o arteth discursar, Hrathen aprendera a ignorar a própria inveja – até certo ponto, ao menos. Substituíra o sentimento por orgulho.

Enquanto escutava, Hrathen congratulava-se pela efetividade do arteth. Dilaf fez o que Hrathen ordenara, começando com suas divagações normais sobre Elantris e, então, passando ousadamente a uma acusação completa contra o Shu-Korath. A multidão o seguia, permitindo que suas emoções fossem redirecionadas. Era como Hrathen planejara; não havia motivo para ter ciúmes de Dilaf. A fúria do homem era como um rio que o próprio Hrathen desviara na direção da multidão. Dilaf podia ter um talento bruto, mas Hrathen era o mestre por trás daquilo tudo.

Disse a si mesmo que já superara o momento em que Dilaf o surpreendeu. O sermão progredia bem, a fúria de Dilaf era descarregada sobre a multidão, repudiando tudo o que fosse korathi. Mas então a maré mudou, quando Dilaf voltou sua atenção novamente para Elantris. Hrathen não viu nada demais no princípio – Dilaf tinha uma tendência incorrigível de divagar durante seus sermões.

– E, agora, contemplem! – Dilaf repentinamente ordenou. – Contemplem o svrakiss! Olhem em seus olhos e deem forma ao seu ódio! Alimentem o ultraje a Jaddeth que queima dentro de todos vocês!

Hrathen se sentiu gelar. Dilaf gesticulou para o extremo do palco, onde um par de tochas repentinamente começou a queimar. Diren, o elantrino, estava amarrado em um poste, a cabeça baixa. Havia cortes em seu rosto que não estavam ali antes.

– Contemplem o inimigo! – Dilaf gritou. – Olhem! Vejam! Ele não sangra! Nenhum sangue corre em suas veias, e nenhum coração bate em seu peito. O filósofo Grondkest não disse que se pode julgar a igualdade de todos os homens pela unidade comum de sangue? Mas e aqueles que não têm sangue? Do que devemos chamá-los?

– Demônio! – um membro da multidão gritou.

– Diabo!

– Svrakiss! – Dilaf exclamou.

A multidão se enfureceu, cada qual gritando sua própria acusação contra o miserável alvo. O elantrino gritou com paixão selvagem, feroz. Algo mudara naquele homem. Quando Hrathen falara com ele, as respostas do elantrino foram sem entusiasmo, mas lúcidas. Agora não havia nada de sanidade em seus olhos – apenas dor. O som da voz da criatura chegou até Hrathen por cima da fúria da congregação.

– Me destruam! – o elantrino implorava. – Acabem com a dor! *Me destruam!*

A voz tirou Hrathen de seu estupor. Percebeu uma coisa de imediato: não podia permitir que Dilaf assassinasse o elantrino em público. Podia ver a audiência de Dilaf se convertendo em turba, queimando o elantrino em um ímpeto de paixão coletiva. Isso destruiria tudo; Iadon nunca permitiria algo tão violento quanto uma execução pública, mesmo que a vítima fosse um elantrino. Lembrava demais o caos de uma década atrás, um caos que derrubara um governo.

Hrathen estava parado ao lado do palco, entre um grupo de sacerdotes. A

multidão se apertava adiante, e Dilaf estava na frente deles, mãos estendidas enquanto falava.

– Eles devem ser *destruídos*! – Dilaf gritava. – Todos eles! Purificados pelo fogo sagrado!

Hrathen saltou no palco.

– E assim será! – gritou, interrompendo o arteth.

Dilaf parou só por um instante. Virou-se para um lado e fez um gesto com a cabeça para um sacerdote menor que segurava uma tocha acesa. Dilaf provavelmente presumia que não havia nada que Hrathen pudesse fazer para deter a execução – pelo menos nada que não minasse sua própria credibilidade diante da multidão.

Não desta vez, arteth, Hrathen pensou. *Não deixarei que faça o que bem entender*. Não podia contradizer Dilaf, não sem que parecesse que havia uma divisão nas fileiras derethi.

Mas podia torcer o que Dilaf dissera. Essa façanha verbal em particular era uma das especialidades de Hrathen.

– Mas de que serviria? – Hrathen gritou, lutando para se fazer ouvir por cima da multidão que berrava. As pessoas avançavam, antecipando a execução, amaldiçoando o elantrino.

Hrathen trincou os dentes, puxou Dilaf para trás e arrancou a tocha das mãos de um sacerdote que estava por perto. Hrathen ouviu Dilaf silvar de desagrado, mas ignorou o arteth. Se não conseguisse controlar a multidão, eles simplesmente continuariam avançando e atacariam o elantrino por conta própria.

Hrathen levantou a tocha, erguendo-a e abaixando-a repetidamente, fazendo a multidão gritar de prazer, entoando um tipo de cântico rítmico.

E, entre as pulsações do ritmo, havia silêncio.

– Pergunto novamente, povo! – Hrathen gritou quando a multidão se calou, preparando um novo grito.

Todos ficaram quietos.

– De que serviria matar essa criatura? – Hrathen perguntou.

– É um demônio! – um homem gritou da multidão.

– Sim! – Hrathen concordou. – Mas *já* está atormentado. O próprio Jaddeth deu a maldição a este demônio. Ouçam-no suplicar pela morte! É isso o que queremos fazer? Dar à criatura o que ela quer?

Hrathen esperou, tenso. Ainda que alguns membros da multidão gritassem *Sim!* por hábito, outros se detiveram. A confusão tomou conta, e a tensão cedeu um pouco.

– Os svrakiss são nossos inimigos – Hrathen disse, falando com mais controle agora, sua voz firme em vez de apaixonada. Suas palavras acalmaram ainda mais as

pessoas. – Mas não somos nós que devemos puni-los. Esse é o prazer de Jaddeth! Temos outra tarefa. Esta criatura, este demônio, é desta coisa que os sacerdotes korathi querem que tenham pena! Vocês se perguntam por que Arelon é pobre se comparada às nações do leste? Porque sofre da estupidez korathi. *Por isso* vocês não têm as riquezas e bênçãos encontradas em nações como Jindo e Svorden. Os korathi são muito indulgentes. Pode não ser nossa tarefa destruir essas criaturas, mas tampouco é nossa tarefa cuidar delas! Certamente não devíamos ter pena deles nem tolerar que vivam em uma cidade grande e rica como Elantris.

Hrathen apagou a tocha, e fez sinal para que um sacerdote fizesse o mesmo com as luzes que iluminavam o pobre elantrino. Quando essas tochas se apagaram e o elantrino desapareceu de vista, a multidão começou a se acalmar.

– Lembrem-se – Hrathen prosseguiu. – São os korathi quem cuidam dos elantrinos. Mesmo agora, ainda vacilam quando alguém pergunta se os elantrinos são demônios. Os korathi têm medo que a cidade regresse à sua glória, mas sabemos que isso não acontecerá. Sabemos que Jaddeth pronunciou Sua maldição. Não há misericórdia para os condenados! O Shu-Korath é a causa de suas dores. *É* a coisa que apoia e protege Elantris. Nunca se livrarão da maldição elantrina enquanto os sacerdotes korathi continuarem dominando Arelon. Então, digo a vocês, vão! Contem aos seus amigos o que aprenderam, e incentivem-nos a abandonar as heresias korathi!

Houve silêncio. Então as pessoas começaram a gritar em concordância, a insatisfação delas fora transferida com êxito. Hrathen as observou com cuidado, enquanto exclamavam em aprovação, e então começaram a se dispersar. O ódio vingativo da multidão havia quase desaparecido. Hrathen suspirou de alívio – não haveria ataques à meia-noite contra os sacerdotes ou os templos korathi. O discurso de Dilaf fora muito disperso, muito rápido, para causar danos duradouros. O desastre fora evitado.

Hrathen se virou e olhou Dilaf. O arteth deixara o palco depois que Hrathen assumira o controle, e agora observava a multidão desaparecer com raiva petulante.

Ele seria capaz de convertê-los em réplicas fanáticas de si mesmo, Hrathen pensou. Só que a paixão deles queimaria rapidamente depois que o momento passasse. Precisavam de mais. Precisavam de conhecimento, não só de histeria.

– Arteth – Hrathen disse severamente, chamando a atenção de Dilaf. – Precisamos conversar.

O arteth segurou o olhar e então assentiu. O elantrino ainda gritava, pedindo a morte. Hrathen se virou para outro par de arteths, apontando para o elantrino.

– Peguem a criatura e encontrem-me nos jardins.

Hrathen voltou-se para Dilaf, acenando com a cabeça secamente na direção do portão no fundo da capela derethi. Dilaf fez como lhe fora ordenado, seguindo para

os jardins. Hrathen o seguiu, passando no caminho pelo confuso capitão da guarda de Elantris.

– Meu senhor? – o homem chamou. – O jovem sacerdote me alcançou antes que eu voltasse para a cidade. Disse que você queria a criatura de volta. Fiz mal?

– Fez bem – Hrathen disse, incisivo. – Volte para seu posto; nós nos encarregaremos do elantrino.

***

O elantrino pareceu agradecer às chamas, apesar da dor terrível que deviam causar.

Dilaf estava encolhido em um lado, observando com ansiedade, ainda que fora a mão de Hrathen – e não a sua – que deixara cair a tocha no elantrino encharcado de óleo. Hrathen observava a pobre criatura que queimava, seus gritos de dor finalmente silenciados pelo rugir do fogo. O corpo da criatura parecia queimar com facilidade – com facilidade demais – envolto em chamas.

Hrathen sentiu uma pontada de culpa por trair Diren, ainda que essa emoção fosse tolice; o elantrino podia não ser um diabo verdadeiro, mas certamente era uma criatura que Jaddeth amaldiçoara. Hrathen não lhe devia nada.

Mesmo assim, lamentava tê-lo queimado. Infelizmente, os cortes de Dilaf haviam enlouquecido o elantrino, e não podia devolvê-lo para a cidade em seu estado atual. As chamas foram a única opção.

Hrathen observou os olhos do deplorável elantrino até que as chamas o consumiram por completo.

– E o fogo ardente da insatisfação de Jaddeth os purificará – Dilaf sussurrou, citando o *Do-Dereth*.

– O julgamento pertence só a Jaddeth, e é executado por seu único servo, Wyrn – Hrathen citou, usando uma passagem diferente do mesmo livro. – Você não tinha de ter me obrigado a matar essa criatura.

– Era inevitável – Dilaf falou. – Cedo ou tarde, todas as coisas devem se inclinar diante da vontade de Jaddeth, e é desejo dele que Elantris queime. Simplesmente obedeci ao destino.

– Você quase perdeu o controle da multidão com seus delírios – Hrathen replicou. – Um tumulto deve ser planejado e executado cuidadosamente, ou é provável que se volte contra seus criadores tanto quanto contra seus inimigos.

– Eu me deixei levar – Dilaf falou. – Mas matar um elantrino não teria provocado um tumulto.

– Você não sabe. Além disso, e quanto a Iadon?

– Como ele poderia se opor? – Dilaf perguntou. – É sua própria ordem que os elantrinos fugidos possam ser queimados. Ele nunca se colocaria a favor de Elantris.

– Mas pode se colocar contra nós! – Hrathen disse. – Você errou ao trazer esta

criatura ao encontro.

– O povo merece ver o que tem que odiar.

– O povo não está pronto para isso ainda – Hrathen disse bruscamente. – Queremos manter o ódio deles amorfo. Se começam a destruir a cidade, Iadon acabará com nossas pregações.

Os olhos de Dilaf se estreitaram.

– Parece que está tentando evitar o inevitável, meu hroden. Você cultiva esse ódio, está disposto a aceitar a responsabilidade pelas mortes que causará? Ódio e repulsa não podem ficar "amorfos" por muito tempo. Eles encontram uma via de escape.

– Mas a via de escape virá quando *eu* decidir. – Hrathen disse friamente. – Estou ciente da minha responsabilidade, arteth, embora questione seu entendimento sobre isso. Me diz que matar esse elantrino era predestinado por Jaddeth, que estava simplesmente seguindo o destino de Jaddeth ao forçar minha mão. Como vai ser? As mortes causadas em um tumulto seriam obra minha, ou simplesmente a vontade de Deus? Como você pode ser um servo inocente enquanto devo aceitar a responsabilidade total pelas pessoas da cidade?

Dilaf exalou bruscamente. Sabia, no entanto, que fora derrotado. Fez uma reverência fria, virou-se e entrou na capela.

Hrathen observou o arteth partir, furioso por dentro. As ações de Dilaf naquela noite haviam sido tolas e impulsivas. Estava tentando minar a autoridade de Hrathen ou simplesmente agindo segundo suas paixões fanáticas? Se era a segunda opção, o tumulto que quase ocorreu era culpa do próprio Hrathen. Afinal de contas, havia se sentido muito orgulhoso em usar Dilaf como instrumento.

Hrathen sacudiu a cabeça, soltando um suspiro tenso. Derrotara Dilaf naquela noite, mas a tensão crescia entre eles. Não podia permitir discussões abertas. Rumores de discórdia nas fileiras derethi iriam corroer a credibilidade deles.

Tenho de fazer algo com o arteth, Hrathen decidiu com resignação. Dilaf estava se transformando em um problema incômodo.

Tomada sua decisão, Hrathen virou-se para partir. Ao fazer isso, no entanto, seus olhos voltaram a pousar nos restos calcinados do elantrino, e estremeceu. A aceitação voluntária da imolação de Diren trouxe lembranças para a mente de Hrathen – lembranças que há tempos tentava banir. Imagens de dor, sacrifício e morte.

Lembranças de Dakhor.

Virou as costas para os ossos carbonizados, andando na direção da capela. Ainda tinha outra tarefa para completar naquela noite.

***

O seon flutuava livre de sua caixa, respondendo às ordens de Hrathen. Mentalmente, o gyorn se repreendia – era a segunda vez em uma semana que usava a criatura. Depender do seon era algo a ser evitado. Mas Hrathen não podia pensar em outra maneira de atingir seu objetivo. Dilaf estava certo: o tempo era muito escasso. Quatorze dias haviam se passado desde sua chegada a Arelon, e gastara uma semana viajando antes disso. Apenas setenta dias restavam do prazo original e, apesar do tamanho da congregação daquela noite, Hrathen convertera uma diminuta fração de Arelon.

Apenas um fato lhe dava esperança: a nobreza arelena estava concentrada em Kae. Ficar afastado da corte de Iadon era suicídio político; o rei concedia e retirava títulos ao seu bel-prazer, e era necessária visibilidade para assegurar uma posição firme na aristocracia. Wyrn não se importava se Hrathen convertia as massas ou não; desde que a nobreza se curvasse, o país era considerado derethi.

Então Hrathen tinha uma chance, mas ainda tinha muito trabalho a fazer. Uma peça importante disso dependia do homem que estava prestes a chamar. Seu contato não era um gyorn, o que tornava o uso do seon pouco ortodoxo. Mas Wyrn nunca lhe ordenara diretamente que *não* chamasse outras pessoas com seu seon, então Hrathen podia racionalizar o que estava fazendo.

O seon respondeu prontamente, e logo o rosto orelhudo, parecido com um rato, de Forton apareceu em sua luz.

– Quem é? – perguntou, no áspero dialeto fjordênico que se falava no país de Hrovell.

– Sou eu, Forton.

– Meu senhor Hrathen? – Forton perguntou surpreso. – Meu senhor, já faz muito tempo.

– Eu sei, Forton. Acredito que esteja bem.

O homem riu feliz, ainda que o riso rapidamente tenha se convertido em um arquejo. Forton tinha uma tosse crônica – condição causada, Hrathen tinha certeza, pelas várias substâncias que o homem gostava de fumar.

– É claro, meu senhor – Forton disse entre uma tosse e outra. – Quando não estou bem? – Forton era um homem completamente satisfeito com sua vida. Condição que também era causada pelas várias substâncias que gostava de fumar. – O que posso fazer por você?

– Preciso de um de seus elixires, Forton – Hrathen disse.

– É claro, é claro. O que ele deve fazer?

Hrathen sorriu. Forton era um gênio sem igual, e por isso Hrathen suportava suas excentricidades. O homem não só mantinha um seon, mas era seguidor devoto dos Mistérios – uma forma degenerada da religião Jesker, comum nas zonas rurais. Embora Hrovell fosse oficialmente uma nação derethi, a maior parte do país era

primitiva e esparsamente habitada, o que dificultava a supervisão. Muitos dos camponeses assistiam às cerimônias derethi com devoção, e depois participavam com devoção igual das cerimônias dos Mistérios à meia-noite. O próprio Forton era considerado um tipo de místico em sua cidade, ainda que sempre se assegurasse de mostrar sua ortodoxia derethi quando falava com Hrathen.

O gyorn explicou o que queria, e Forton repetiu. Ainda que Forton estivesse drogado com frequência, era muito talentoso misturando poções, venenos e elixires. Hrathen não conhecia nenhum homem em Sycla cujas habilidades se igualassem às de Forton. Uma das misturas excêntricas do homem restaurara a saúde de Hrathen depois de ele ser envenenado por um inimigo político. Disseram que a substância de efeito lento não tinha antídoto.

– Não haverá nenhum problema, meu senhor – Forton prometeu a Hrathen com seu dialeto pesado. Mesmo depois de anos tratando com os hrovênicos, Hrathen tinha dificuldade em entendê-los. Tinha certeza de que a maioria deles nem sabia que havia uma forma pura e correta de sua língua, que era usada em Fjorden.

– Muito bom – Hrathen disse.

– Sim, tudo o que preciso fazer é combinar duas fórmulas que já tenho – Forton disse. – Quanto você quer?

– Pelo menos duas doses. Pagarei o preço de costume.

– Meu pagamento verdadeiro é saber que servi ao Senhor Jaddeth – o homem disse piedosamente.

Hrathen resistiu à vontade de rir. Sabia o quão arraigados os Mistérios eram entre o povo de Hrovell. Era uma forma de adoração repugnante, uma combinação sincrética de uma dúzia de fés diferentes, com algumas aberrações – como sacrifícios rituais e ritos de fertilidade – acrescentadas para torná-la mais atraente. Hrovell, no entanto, era tarefa para outro dia. O povo fazia o que Wyrn ordenava, e eram muito insignificantes politicamente para causar inquietudes em Fjorden. É claro que suas almas estavam em sério perigo; Jaddeth não era conhecido por sua indulgência com os ignorantes.

Outro dia, Hrathen disse a si mesmo. *Outro dia.*

– Quando meu senhor precisará desta poção? – o homem perguntou.

– Esse é o problema, Forton. Preciso dela imediatamente.

– Onde está?

– Em Arelon – Hrathen disse.

– Ah, que bom – Forton falou. – Meu senhor finalmente decidiu converter esses pagãos.

– Sim – Hrathen respondeu com um sorriso leve. – Nós, derethi, temos sido pacientes demais com os arelenos.

– Bem, Sua Senhoria não poderia ter escolhido lugar mais distante – Forton disse.

– Mesmo se eu terminar a poção esta noite e a enviá-la pela manhã, levará pelo menos duas semanas para chegar.

Hrathen se irritou com o atraso, mas não havia outra escolha.

– Então faça isso, Forton. Eu o recompensarei por trabalhar com tão pouca margem de tempo.

– Um verdadeiro seguidor de Jaddeth fará qualquer coisa em benefício de Seu Império, meu senhor.

Bem, pelo menos ele conhece a doutrina derethi, Hrathen pensou, dando de ombros mentalmente.

– Há algo mais, meu senhor? – Forton perguntou, tossindo de leve.

– Não. Comece a trabalhar e me envie as poções o mais rápido possível.

– Sim, meu senhor. Começarei imediatamente. Sinta-se livre para rezar por mim sempre que quiser.

Hrathen franziu o cenho – tinha se esquecido dessa pequena imprecisão. Talvez o domínio de Forton sobre a doutrina derethi não fosse tão grande, apesar de tudo. Forton não sabia que Hrathen tinha um seon; simplesmente presumira que um gyorn podia rezar para Jaddeth e que Deus direcionaria suas palavras através dos seons. Como se o Senhor Jaddeth fosse um funcionário dos correios.

– Boa noite, Forton – Hrathen disse, dissimulando a insatisfação. Forton era um drogado, herege e hipócrita, mas ainda era um recurso de valor incalculável. Há muito Hrathen chegara à conclusão de que se Jaddeth podia permitir que seus gyorns se comunicassem usando seons, então certamente Ele deixaria Hrathen usar homens como Forton.

Afinal, Jaddeth criara todos os homens – incluindo os hereges.

A cidade de Elantris resplandecia. Até as pedras brilhavam, como se cada uma tivesse um fogo interior. As cúpulas destruídas haviam sido restauradas, suas superfícies lisas como casca de ovo floresciam por toda a paisagem. Finas torres apunhalavam o ar como lanças de luz. A muralha já não era mais uma barreira, pois seus portões estavam abertos constantemente – existiam não para proteger, mas para dar coesão. A muralha era parte da cidade de algum modo, um elemento essencial do todo, sem o qual Elantris não estaria completa.

E entre a beleza e a glória, estavam os elantrinos. Seus corpos pareciam brilhar com a mesma luz interior da cidade, sua pele era de um luminoso prateado suave. Não metálico, apenas puro. Seus cabelos eram brancos, mas não o grisalho sem vida e amarelado dos anciãos. Era como o branco ardente do aço esquentado a temperaturas extremas – uma cor livre de impurezas, um branco potente, concentrado.

O porte deles era igualmente surpreendente. Os elantrinos moviam-se pela cidade com ar de completo controle. Os homens eram bonitos e altos – mesmo os mais baixos entre eles – e as mulheres eram inegavelmente belas, incluindo as feias. Não tinham pressa; passeavam em vez de andar, e eram rápidos em saudar aqueles que encontravam. Havia um poder neles, no entanto. Irradiava de seus olhos e sublinhava seus movimentos. Era fácil entender por que esses seres eram adorados como deuses.

Igualmente inconfundíveis eram os aons. Os antigos glifos cobriam a cidade; estavam entalhados nas paredes, pintados nas portas e escritos nos letreiros. A maioria era inerte – simples marcas, em vez de runas com propósitos misteriosos. Outras, no entanto, continham energia. Por toda a cidade, erguiam-se grandes placas de metal entalhadas com o Aon Tia e, de vez em quando, um elantrino se aproximava desse lugar e colocava a mão no centro do caractere. O corpo do elantrino flamejava e então desaparecia em um clarão circular de luz, instantaneamente transportado para outra parte da cidade.

Em meio à glória, estava uma pequena família de Kae. Suas roupas eram finas e elegantes, suas palavras eram educadas, mas suas peles não brilhavam. Havia outras pessoas normais na cidade – não tantas quanto elantrinos, mas, mesmo assim, um bom número. Isso consolava o menino, lhe dava uma referência familiar.

O pai carregava o filho apertado, olhando ao redor com receio. Nem todo mundo adorava os elantrinos; alguns eram desconfiados. A mãe do menino segurava o braço do marido com dedos tensos. Nunca estivera em Elantris, ainda que vivesse em Kae

há mais de uma década. Ao contrário do pai do menino, ela estava mais nervosa do que receosa. Estava preocupada com a ferida do menino, ansiosa como qualquer mãe ficaria com o filho próximo da morte.

De repente, o menino sentiu a dor na perna. Era cegante e intensa, espalhando-se a partir da ferida purulenta e do osso destruído em sua coxa. Caíra de um lugar alto, e sua perna tinha batido com tanta força que o osso estilhaçado atravessara a pele.

O pai contratara os melhores cirurgiões e médicos, mas todos foram incapazes de deter a infecção. O osso fora ajeitado o melhor possível, considerando que havia sido fraturado em pelo menos doze partes. Mesmo sem a infecção, o menino mancaria pelo resto de seus dias. Com a infecção, a amputação parecia o único recurso. Em segredo, os médicos temiam que fosse tarde demais inclusive para essa solução; a ferida estava bem no alto da perna, e a infecção provavelmente se espalhara pelo torso. O pai exigira saber a verdade. Sabia que o filho estava morrendo. E por isso fora a Elantris, apesar de toda uma vida de desconfiança em relação aos deuses da cidade.

Levaram o menino a um edifício abobadado. Ele quase esqueceu a dor quando a porta se abriu sozinha, deslizando para dentro sem um único som. Seu pai parou abruptamente no umbral, como se estivesse reconsiderando suas ações, mas a mãe o puxou com insistência pelo braço. O pai assentiu, abaixando a cabeça e entrando no edifício.

A luz brilhava dos aons que resplandeciam nas paredes. Uma mulher se aproximou, o cabelo longo e abundante, o rosto prateado sorrindo de modo encorajador. Ignorou a desconfiança do pai, e seus olhos pareciam complacentes enquanto tomava o menino dos braços hesitantes do homem. Colocou-o cuidadosamente em uma esteira suave e então levantou a mão no ar sobre ele, apontando para o nada com seu comprido indicador.

A elantrina moveu a mão lentamente, e o ar começou a brilhar. Um rastro de luz seguia seu dedo. Era como uma ruptura no ar, uma linha que irradiava com intensidade profunda. Era como se um rio de luz estivesse tentando abrir caminho por uma pequena fenda. O menino podia sentir o poder, podia sentir que ansiava por se libertar, mas que só podia escapar por aquele pequeno espaço. Mesmo assim era tão brilhante que quase não podia olhar para a luz.

A mulher traçou cuidadosamente, até completar o Aon Ien – mas não era apenas o Aon Ien, era algo mais complexo. O núcleo era o familiar aon da cura, mas havia dúzias de linhas e curvas nos lados. O menino franziu o cenho – seus tutores lhe ensinaram os aons, e parecia estranho que a mulher mudasse esse de forma tão drástica.

A bela elantrina fez uma marca final ao lado de sua complexa construção, e o aon começou a brilhar ainda mais intensamente. O menino sentiu uma queimação em sua

perna, que depois subiu para o torso. Começou a gritar, mas a luz desapareceu repentinamente. O menino abriu os olhos, surpreso; a imagem residual do Aon Ien ainda estava marcada em sua retina. Pestanejou, olhando para baixo. A ferida se fora. Nem uma cicatriz sobrara.

Mas ainda podia sentir a dor. Ela o queimava, o cortava, fazia sua alma tremer. Devia ter desaparecido, mas isso não aconteceu.

– Descanse agora, pequenino – a elantrina disse com voz cálida, fazendo-o se deitar.

Sua mãe chorava de alegria, e até seu pai parecia satisfeito. O menino queria gritar para eles, berrar que algo estava errado. Sua perna não fora curada. A dor ainda estava lá.

Não! Algo está errado! Tentou dizer, mas não conseguiu. Não podia falar...

***

Não! Raoden gritou, sentando-se com um movimento súbito. Pestanejou algumas vezes, desorientado na escuridão. Finalmente, inspirou e colocou a mão na cabeça. A dor permanecia; estava tão forte que invadira seus sonhos. Já tinha dúzias de pequenos ferimentos e hematomas, mesmo estando em Elantris há apenas três semanas. Podia sentir cada um deles distintamente, e juntos formavam um assalto frontal unificado à sanidade.

Raoden gemeu, inclinando-se para frente e agarrando as pernas enquanto lutava contra a dor. Seu corpo não podia mais suar, mas podia senti-lo tremer. Apertou os dentes, rangendo-os contra a onda de agonia. Lenta e trabalhosamente recuperou o controle. Rejeitou a dor, tranquilizando seu corpo torturado até que, finalmente, soltou as pernas e ficou em pé.

Estava piorando. Sabia que não devia estar tão mal ainda; não estava em Elantris nem há um mês. Também sabia que a dor tinha que ser contínua, ou pelo menos era o que todos diziam, mas, para ele, parecia vir em ondas. Estava sempre ali – sempre pronta para golpeá-lo em um momento de fraqueza.

Suspirando, Raoden abriu as portas de seus aposentos. Ainda achava estranho que os elantrinos devessem dormir. Seus corações não batiam mais, não precisavam respirar. Por que precisavam dormir? Os outros, no entanto, não conseguiram lhe responder. Os únicos verdadeiros especialistas haviam morrido dez anos atrás.

Então, Raoden dormia, e com isso vinham os sonhos. Tinha oito anos quando quebrara a perna. Seu pai fora adverso em lhe trazer à cidade; mesmo antes do Reod, Iadon desconfiava de Elantris. A mãe de Raoden, morta há doze anos, insistira.

O menino Raoden não entendia o quão perto chegara da morte. Sentira a dor, no entanto, e a bela paz de sua eliminação. Recordava a beleza da cidade e seus ocupantes. Iadon falara duramente de Elantris quando partiram, e Raoden

contradissera suas palavras com veemência. Era a primeira vez que Raoden se lembrava de tomar uma posição contrária à do pai. Depois daquilo, vieram muitas outras.

Quando Raoden entrou na capela principal, Saolin deixou o posto de guarda ao lado de seus aposentos e o seguiu. Na semana anterior, o soldado reunira um grupo de homens dispostos e formara um pelotão de guarda.

– Sabe que fico lisonjeado com suas atenções, Saolin – Raoden disse. – Mas isso é realmente necessário?

– Um senhor precisa de uma guarda de honra, Lorde Espírito – Saolin explicou. – Não seria adequado que andasse sozinho por aí.

– Não sou um senhor, Saolin – Raoden respondeu. – Sou apenas um líder, não há nobreza em Elantris.

– Entendo, meu senhor – Saolin assentiu, obviamente sem ver o paradoxo em suas palavras. – Contudo, a cidade ainda é um lugar perigoso.

– Como quiser, Saolin – Raoden concordou. – Como vai o plantio?

– Galladon terminou de arar – Saolin contou. – Já está organizando as equipes de plantio.

– Eu não devia ter dormido tanto – Raoden disse, olhando pela janela da capela para ver o quão alto estava o sol. Saiu do edifício, seguido por Saolin, e percorreu um caminho limpo de paralelepípedos até os jardins. Kahar e seu grupo haviam limpado as pedras, e então Dahad, um dos seguidores de Taan, usara suas habilidades para colocá-las novamente no lugar.

O plantio já estava acontecendo. Galladon supervisionava o trabalho com olhar atento, sua língua impaciente rápida em apontar qualquer erro. Apesar disso, havia paz no dula. Alguns homens eram fazendeiros por falta de opção, mas Galladon parecia desfrutar de verdade da atividade.

Raoden se lembrou claramente do primeiro dia, quando havia tentado Galladon com um pedaço de carne seca. A dor de seu amigo estava apenas sob controle, então – Raoden tivera medo do dula várias vezes durante aqueles primeiros dias. Agora, nada daquilo existia. Raoden podia ver nos olhos de Galladon e em sua postura: ele descobrira o "segredo", como dissera Kahar. Galladon havia recuperado o controle. Agora o único que Raoden tinha que temer era a si próprio.

Suas teorias estavam funcionando melhor do que esperava – mas apenas para os demais. Trouxera paz e propósito para as dezenas que o seguiam, mas não podia fazer o mesmo por ele próprio. A dor ainda o queimava. Ameaçava-o cada manhã quando acordava e ficava com ele em cada momento de consciência. Tinha mais motivação do que os outros, e era o mais determinado a ver Elantris triunfar. Preenchia seus dias sem deixar momentos vazios para contemplar seu sofrimento. Nada funcionava. A dor continuava a se acumular.

– Meu senhor, cuidado! – Saolin gritou.

Raoden deu um salto, virando-se enquanto um elantrino de peito nu, grunhindo, atacou de um beco escuro, correndo em sua direção. Raoden mal teve tempo de dar um passo para trás enquanto o selvagem levantava uma barra de ferro enferrujada e a brandia na direção de seu rosto.

O aço nu apareceu do nada, e a espada de Saolin deteve o golpe. O bestial recém-chegado se deteve, reorientando-se para lutar contra um novo inimigo. Movia-se muito devagar. A mão experiente de Saolin lançou um golpe direto no abdômen do homem. Então, sabendo que isso não deteria um elantrino, Saolin acertou-o novamente com força, separando a cabeça do homem de seu corpo. Não houve sangue.

O cadáver estremeceu no chão, e Saolin saudou Raoden com sua espada, dando-lhe um sorriso meio desdentado de satisfação. Então se voltou para enfrentar um grupo de selvagens que vinha na direção deles, vindo de uma rua próxima.

Aturdido, Raoden retrocedeu.

– Saolin, não! Há muitos deles!

Felizmente, os homens de Saolin ouviram o barulho. Em segundos, havia cinco deles – Saolin, Dashe e três outros soldados – repelindo o ataque. Lutaram em uma eficiente linha, bloqueando o caminho do inimigo, trabalhando com a coordenação de soldados treinados.

Os homens de Shaor eram mais numerosos, mas sua ira não era páreo para a eficiência marcial. Atacavam solitariamente, e seu fervor os tornava estúpidos. Em pouco tempo a batalha estava terminada, e os poucos atacantes que sobraram bateram em retirada.

Saolin limpou sua lâmina e se virou para os outros. Saudaram Raoden coordenadamente.

A batalha inteira acontecera mais rápido do que Raoden pode acompanhar.

– Bom trabalho – finalmente conseguiu falar.

Um grunhido veio do lado, onde Galladon estava ajoelhado próximo ao corpo decapitado do primeiro atacante.

– Devem ter ouvido falar que temos grãos aqui – o dula murmurou. – Pobres rulos.

Raoden assentiu solenemente, contemplando os loucos caídos. Quatro deles jaziam no solo, com várias feridas – todas fatais se não fossem elantrinos. Como eram, tudo o que podiam fazer era gemer em tormento. Raoden sentiu uma pontada de familiaridade. Sabia como era aquela dor.

– Isso não pode continuar – disse em voz baixa.

– Não vejo como deter isso, sule – Galladon respondeu ao seu lado. – São homens de Shaor; nem ele tem muito controle sobre eles.

Raoden balançou a cabeça.

– *Não* salvarei o povo de Elantris e os deixarei para que lutem todos os dias de suas vidas. Não vou construir uma sociedade sobre a morte. Os seguidores de Shaor podem ter se esquecido que são homens, mas eu não.

Galladon franziu o cenho.

– Karata e Aanden eram possibilidades, ainda que remotas. Shaor é outra história, sule. Não há um rastro de humanidade nesses homens, não se pode discutir com eles.

– Então terei que lhes devolver a razão – Raoden disse.

– E como pretende fazer isso, sule?

– Descobrirei um jeito.

Raoden se ajoelhou ao lado do louco caído. Um comichão no fundo de sua mente o advertiu que reconhecia aquele homem de uma experiência recente. Raoden não tinha certeza, mas achava que era um dos seguidores de Taan, um dos homens que confrontara durante a tentativa de ataque de Dashe.

Então, é verdade, Raoden pensou com um aperto no estômago. Muitos dos seguidores de Taan haviam se unido a ele, mas não a maioria. Sussurrava-se que muitos deles haviam seguido para o setor do mercado de Elantris, para se unir aos selvagens de Shaor. Não era tão improvável, Raoden supunha – afinal, esses homens estiveram dispostos a seguir o obviamente desequilibrado Aanden. O grupo de Shaor estava apenas a um passo daquilo.

– Lorde Espírito? – Saolin perguntou hesitante. – O que devemos fazer com eles?

Raoden voltou os olhos apiedados para os caídos.

– Não são nenhum perigo para nós, Saolin. Coloque-os com os outros.

***

Pouco depois de seu êxito com o grupo de Aanden, e o aumento subsequente do número de seus seguidores, Raoden fizera algo que queria fazer desde o início. Começou a recolher os caídos de Elantris.

Pegou-os nas ruas e nas sarjetas, procurando em edifícios destruídos e em pé, tentando encontrar cada homem, mulher e criança em Elantris que havia cedido à dor. A cidade era grande, e a capacidade de Raoden era limitada, mesmo assim recolhera centenas de pessoas. Ordenou que as instalassem no segundo edifício que Kahar limpara, uma grande estrutura aberta que originalmente pretendiam usar como um ponto de encontro. Os hoed ainda sofriam, mas pelo menos podiam fazê-lo com um pouco de decência.

E não tinham que sofrer sozinhos. Raoden pedira às pessoas de seu grupo que visitassem os hoed. Habitualmente havia um par de elantrinos caminhando entre eles, falando de maneira tranquilizadora e tentando fazer com que se sentissem mais

confortáveis, considerando as circunstâncias. Não era muito – e ninguém tinha estômago para ficar muito tempo entre os hoed –, mas Raoden se convencera de que isso ajudava. Seguia seu próprio conselho, visitando o Salão dos Caídos ao menos uma vez por dia, e parecia que estavam melhorando. Os hoed ainda gemiam, murmuravam ou ficavam com o olhar perdido, mas os mais barulhentos pareciam mais tranquilos. Se o Salão dos Caídos era, no início, um lugar de terríveis gritos e ecos, agora era um reino de suaves murmúrios e desespero.

Raoden caminhou entre eles solenemente, ajudando a levar um dos selvagens caídos. Havia só quatro homens para colocar ali; ele ordenara que o quinto, aquele que Saolin decapitara, fosse enterrado. Pelo visto, os elantrinos morriam quando eram completamente decapitados – pelo menos seus olhos não se moviam, nem seus lábios tentavam falar se a cabeça estivesse totalmente separada do corpo.

Enquanto andava entre os hoed, Raoden ouvia seus suaves murmúrios.

– Tão bonita, já foi tão bonita...

– Vida, vida, vida, vida, vida...

– Ah, Domi, onde está você? Quando isso acabará? Ah, Domi...

Normalmente tinha de ignorar o que diziam depois de um tempo, para que não o deixassem insano – ou, pior, para que não despertassem a dor em seu próprio corpo. Ien estava ali, flutuando ao redor das cabeças cegas e oscilando entre os corpos caídos. O seon passava bastante tempo no salão. Era estranhamente adequado.

Deixaram o Salão de modo solene, silenciosos e presos aos próprios pensamentos. Raoden só falou quando notou o rasgo na roupa de Saolin.

– Está ferido! – Raoden disse, surpreso.

– Não é nada, meu senhor – Saolin respondeu, indiferente.

– Esse tipo de modéstia fica bem do lado de fora, Saolin, mas não aqui. Deve aceitar minhas desculpas.

– Meu senhor – Saolin falou sério. – Ser um elantrino só me faz sentir *mais* orgulho em ter essa ferida. Eu a recebi protegendo nosso povo.

Raoden lançou um olhar atormentado para o Salão.

– Isso só o deixa um passo mais perto...

– Não, meu senhor, não acho que o faça. Essas pessoas cederam à própria dor porque não conseguiram encontrar um propósito. Sua tortura era sem significado, e quando não se pode encontrar uma razão para viver, a pessoa tende a desistir. Esse ferimento doerá, mas cada punhalada de dor me fará lembrar que a ganhei com honra. Não é uma coisa má, penso.

Raoden olhou com respeito o velho soldado. Do lado de fora, provavelmente estaria perto da aposentadoria. Em Elantris, com a Shaod como igualadora, se parecia a todos os demais. Ali não se podia deduzir a idade pela aparência, mas talvez pela sabedoria.

– Você fala criteriosamente, meu amigo – Raoden falou. – Aceito seu sacrifício com humildade.

A conversa foi interrompida pelo roçar de pés contra os paralelepípedos. Logo depois, Karata apareceu, os pés cobertos de lodo fresco de fora da área da capela. Kahar ficaria furioso: ela se esquecera de limpar os pés e deixava um rastro de lodo nas pedras.

Karata obviamente não se preocupava com a sujeira naquele momento. Deu uma rápida passada de olhos pelo grupo, para se assegurar de que não faltava ninguém.

– Fiquei sabendo do ataque de Shaor. Alguma baixa?

– Cinco. Todas do lado dele – Raoden disse.

– Eu devia estar aqui – ela disse, com uma imprecação. Durante os últimos dias, a determinada mulher estivera supervisionando a realocação de seu pessoal na área da capela; concordava que um grupo central e unificado seria mais efetivo, e a área da capela estava mais limpa. Por mais estranho que parecesse, a ideia de limpar o palácio nunca lhe ocorrera. Para a maioria dos elantrinos, o lodo era aceito como uma parte inerente da vida.

– Você tem coisas importantes para fazer – Raoden disse. – Não podia prever o ataque de Shaor.

Karata não gostou da resposta, mas ficou ao seu lado sem outras reclamações.

– Olhe para ele, sule – Galladon disse, sorrindo levemente. – Nunca pensaria que isso fosse possível.

Raoden olhou para cima, seguindo o olhar do dula. Taan estava ajoelhado ao lado da rua, inspecionando os entalhes em uma parede baixa com espanto infantil. O ex-barão passara toda a semana catalogando cada entalhe, escultura e relevo da área da capela. Já descobrira, segundo suas próprias palavras, "pelo menos uma dúzia de técnicas novas". As mudanças em Taan eram notáveis, assim como sua súbita falta de interesse pela liderança. Karata ainda tinha uma certa influência em seu grupo. Aceitava Raoden como voz definitiva, mas mantinha a maior parte de sua autoridade. Taan, no entanto, não se incomodava em dar ordens: estava ocupado demais com seus estudos.

Seu povo – aqueles que haviam decidido se juntar a Raoden – não parecia se importar com isso. Taan agora estimava que cerca de trinta por cento de sua "corte" passara para o bando de Raoden, chegando em pequenos grupos. Raoden esperava que quase todos os demais tivessem escolhido a solidão; a ideia de setenta por cento do imenso bando de Taan se juntando a Shaor era muito perturbadora. Raoden tinha todo o pessoal de Karata, mas o grupo dela sempre fora o menor – embora o mais eficiente – dos três. O de Shaor sempre fora o maior; mas seus membros não tinham coesão e motivação para atacar outras gangues. Os ocasionais recém-chegados pegos pelo grupo de Shaor saciavam sua sede de sangue.

Não era mais assim. Raoden não aceitava repartir com aqueles loucos, nem permitia que atormentassem inocentes recém-chegados. Karata e Saolin agora resgatavam todos os que eram jogados na cidade, trazendo-os em segurança para o grupo de Raoden. Até agora, a reação dos homens de Shaor não havia sido boa – e Raoden temia que só fosse piorar.

Tenho que fazer algo com relação a eles, pensou. Isso, no entanto, era problema para outro dia. Tinha estudos que precisava realizar naquele momento.

Assim que chegaram à capela, Galladon voltou ao seu plantio. Os homens de Saolin se dispensaram em suas patrulhas e Karata decidiu – apesar de seus protestos mais cedo – que devia voltar ao palácio. Logo sobraram apenas Raoden e Saolin.

Depois da batalha e de dormir até tão tarde, mais da metade da luz do dia já fora perdida, e Raoden atacou os estudos com determinação. Enquanto Galladon plantava e Karata evacuava o palácio, o dever que Raoden impusera a si mesmo era o de decifrar o máximo possível do AonDor. Estava cada vez mais convencido de que a antiga mágica dos caracteres continha o segredo da queda de Elantris.

Aproximou-se de uma das janelas da capela e pegou o grosso volume do AonDor que estava em uma mesa do lado de dentro. Até agora, o livro não fora tão útil quanto esperava. Não era um manual de instruções, mas uma série de estudos de casos explicando eventos estranhos ou interessantes relacionados ao AonDor. Infelizmente, era muito avançado. A maior parte do livro dava exemplos do que *não* devia acontecer, e então Raoden precisava raciocinar ao contrário para decifrar a lógica do AonDor.

Fora capaz de deduzir muito pouco até agora. Estava se tornando óbvio que os aons eram apenas pontos de partida – as figuras mais básicas que alguém podia desenhar para produzir um efeito. Assim como o aon curador de seu sonho, o AonDor avançado consistia em desenhar um aon base no centro e então continuar desenhando outras figuras – algumas vezes apenas pontos e linhas – ao redor. Os pontos e linhas eram estipulações que estreitavam ou ampliavam o foco de poder. Desenhando com cuidado, por exemplo, um curandeiro podia especificar que membro devia ser curado, o que exatamente devia ser feito e como uma infecção devia ser limpa.

Quanto mais Raoden lia, menos via os aons como símbolos místicos. Pareciam mais como cômputos matemáticos. Ainda que a maioria dos elantrinos pudesse desenhar aons – só era preciso uma mão firme e um conhecimento elementar de como escrever os caracteres –, os mestres do AonDor eram aqueles que podiam delinear com rapidez e acurácia dezenas de pequenas modificações ao redor do aon central. Infelizmente, o livro presumia que o leitor tinha um conhecimento exaustivo do AonDor, e passava por cima da maioria dos princípios básicos. As poucas ilustrações disponíveis eram tão incrivelmente complexas que Raoden sequer podia

dizer que caractere era o aon base sem consultar o texto.

– Se ao menos explicasse o que significa "canalizar o dôr"! – Raoden exclamou, relendo um parágrafo particularmente chato que ficava usando essa frase.

– Dôr, sule? – Galladon perguntou, abandonando seu plantio. – Isso parece um termo dula.

Raoden se levantou. O caractere usado no livro para representar "dôr" era incomum – não era um aon, na realidade, mas simplesmente uma representação fonética. Como se a palavra tivesse sido transliterada de um idioma distinto.

– Galladon, você está certo! – Raoden disse. – Isso não é aônico.

– É claro que não, não pode ser um aon, tem apenas uma vogal.

– É um jeito simples de expressar, meu amigo.

– Mas é verdade. Kolo?

– Sim, suponho que sim – Raoden falou. – Isso não importa agora, o que importa é "dôr". Sabe o que significa?

– Bem, se é a mesma palavra, então se refere a algo de Jesker.

– O que os Mistérios têm a ver com isso? – Raoden perguntou, desconfiado.

– Doloken, sule! – Galladon praguejou. – Já lhe disse que os Mistérios e Jesker não são a mesma coisa! O que Opelon chama de "Mistérios Jeskeri" não tem mais relação com a religião de Duladel do que o Shu-Keseg.

– Entendido – Raoden disse, erguendo as mãos. – Agora, me fale sobre dôr.

– É difícil explicar, sule – Galladon disse, apoiando-se em uma enxada improvisada que fizera com um pau e algumas pedras. – Dôr é o poder invisível, está em tudo, mas não pode ser tocado. Não afeta nada, mas controla tudo. Por que os rios fluem?

– Porque a água é puxada para baixo, como tudo mais. O gelo derrete nas montanhas e tem que ir para algum lugar.

– Correto – Galladon disse. – Agora, uma pergunta diferente. O que faz com que a água *queira* fluir?

– Não sabia que precisava querer.

– Precisa, e o dôr é sua motivação – Galladon disse. – Jesker ensina que apenas os humanos têm a habilidade, ou a maldição, de serem alheios ao dôr. Sabia que se separar um pássaro de seus pais e o criar em sua casa, ele ainda aprenderá a voar?

Raoden deu de ombros.

– Como ele aprende, sule? Quem o ensina a voar?

– O dôr? – Raoden perguntou hesitante.

– Correto.

Raoden sorriu; a explicação parecia religiosamente misteriosa demais para ser útil. Então pensou em seu sonho, nas lembranças do que lhe ocorrera há muito tempo. Quando a curandeira elantrina desenhara o aon, era como se uma ruptura

aparecesse no ar atrás de seu dedo. Raoden ainda podia sentir o poder caótico ardendo atrás daquela fissura, a força maciça tentando abrir caminho pelo aon para alcançá-lo. Tentava subjugá-lo, quebrá-lo até que ele se tornasse parte daquilo. No entanto, o aon cuidadosamente construído pela curandeira havia canalizado o poder em uma forma utilizável, e isso curara a perna de Raoden em vez de destruí-la.

Aquela força, o que quer que fosse, era real. Estava atrás dos aons que ele desenhava, por mais fracos que fossem.

– Deve ser isso, Galladon, é por isso que ainda estamos vivos!

– O que está falando, sule? – Galladon, disse, interrompendo seu trabalho com tolerância.

– É por isso que estamos vivos, ainda que nossos corpos não funcionem mais! – Raoden disse, excitado. – Não vê? Não comemos, e mesmo assim temos energia para continuar nos movendo. Deve haver alguma ligação entre os elantrinos e o dôr. Ele alimenta nossos corpos, proporcionando a energia que precisamos para sobreviver.

– Então por que não nos dá o suficiente para que nossos corações se movam e nossa pele não fique cinza? – Galladon perguntou, sem se convencer.

– Porque é apenas o suficiente – Raoden explicou. – AonDor não funciona mais. O poder que antes impulsionava essa cidade foi reduzido a um tênue sopro. A coisa importante é que *não desapareceu*. Ainda podemos desenhar aons, ainda que sejam fracos e não façam nada, e nossas mentes continuam a viver, mesmo que nossos corpos tenham desistido. Temos apenas de encontrar um meio de restabelecer seu pleno poder.

– Ah, só isso? – Galladon perguntou. – Quer dizer que temos de consertar o que está quebrado?

– Acho que sim – Raoden disse. – O importante é entender que há uma ligação entre nós e o dôr, Galladon. Não só isso, mas que deve haver algum tipo de elo entre esta terra e o dôr.

Galladon franziu o cenho.

– Por que diz isso?

– Porque o AonDor se desenvolveu em Arelon e em nenhum outro lugar – Raoden explicou. – O texto diz que quanto mais alguém se afastava de Elantris, mais fracos os poderes do AonDor ficavam. Além disso, só pessoas de Arelon são tomadas pela Shaod. Pode alcançar pessoas de Teod, mas só se estiverem vivendo um tempo em Arelon. Ah, e também toma um ou outro dula ocasionalmente.

– Não tinha notado.

– Há alguma ligação entre esta terra, o povo areleno e o dôr, Galladon – Raoden assegurou. – Nunca ouvi falar de um fjordênico tomado pela Shaod, não importa quanto tempo viva em Arelon. Dulas são um povo mestiço, metade jindonês, metade

aônico. Onde era sua fazenda em Duladel?

Galladon franziu o cenho.

– No norte, sule.

– Na parte que faz fronteira com Arelon – Raoden disse, triunfante. – Tem algo a ver com a terra e com nossa linhagem aônica.

Galladon deu de ombros.

– Parece que faz sentido, sule, mas sou apenas um simples fazendeiro. O que sei dessas coisas?

Raoden bufou, sem se incomodar em responder ao comentário.

– Mas por quê? Qual a conexão? Talvez os fjordênicos estejam certos, talvez Arelon seja amaldiçoado.

– Hipótese remota, sule – Galladon disse, voltando ao trabalho. – Não vejo muito benefício empírico nisso, no entanto.

– De acordo. Bem, vou parar de teorizar assim que me disser onde um *simples fazendeiro* aprendeu a palavra "empírico".

Galladon não respondeu, mas Raoden achou tê-lo ouvido rir entredentes.

–Deixe-me ver se entendi, querida princesa – Ahan disse, levantando um dedo gordo. – Quer que *ajudemos* Iadon? Como devo ser tonto… Achei que não gostássemos desse tipo.

– Não gostamos – Sarene concordou. – Ajudar o rei financeiramente não tem nada a ver com nossos sentimentos pessoais.

– Temo ser obrigado a concordar com Ahan, princesa – Roial disse, estendendo as mãos. – Por que essa mudança súbita? De que serviria ajudar o rei agora?

Sarene apertou os dentes, contrariada. Então captou um brilho nos olhos do velho duque. Ele sabia. O duque tinha uma rede de espiões tão extensa quanto a maioria dos reis – havia descoberto o que Hrathen tentava fazer. Fizera a pergunta não para provocá-la, mas para lhe dar uma oportunidade de se explicar. Sarene soltou a respiração lentamente, grata pela ação do duque.

– Alguém está afundando os navios do rei – Sarene contou. – O senso comum confirma o que os espiões do meu pai dizem. A frota de Dreok Esmagarganta não podia estar afundando os navios: a maior parte dos navios de Dreok foi destruída há quinze anos quando ele tentou tomar o trono de Teod, e qualquer remanescente desapareceu há tempos. Wyrn deve estar por trás desses naufrágios.

– Muito bem, aceitamos isso – Ahan disse.

– Fjorden também está dando apoio financeiro ao duque Telrii – Sarene prosseguiu.

– Não tem provas disso, Vossa Alteza – Eondel apontou.

– Não, não tenho – Sarene admitiu, caminhando entre as cadeiras dos homens, o chão suave com a nova grama da primavera. Haviam decidido realizar este encontro nos jardins da capela korathi de Kae, e por isso não havia mesa para ela circundar. Sarene conseguira ficar sentada durante a primeira parte do encontro, mas depois de um tempo se levantou. Achava mais fácil se dirigir aos demais quando estava em pé – um costume nervoso, sabia, mas também sabia que sua altura lhe dava um ar de autoridade.

– Faço, no entanto, uma conjectura lógica – Sarene disse. Eondel responderia bem a qualquer coisa seguida pela palavra "lógica". – Todos estivemos na festa de Telrii há uma semana. Deve ter gasto mais dinheiro nesse baile do que a maioria dos homens ganha em um ano.

– Nem sempre a extravagância é sinal de riqueza – Shuden comentou. – Vi homens tão pobres quanto um camponês proporcionarem espetáculos deslumbrantes para manter a ilusão de segurança em face ao colapso. – As palavras de Shuden

eram verdadeiras: um homem daquele mesmo grupo, o barão Edan, estava fazendo exatamente o que acabara de descrever.

Sarene franziu o cenho.

– Estive averiguando por aí e tive bastante tempo livre na semana passada, já que nenhum de vocês conseguiu organizar essa reunião, apesar da urgência. – Nenhum dos nobres a olhou nos olhos depois desse comentário. Ela finalmente os reunira. Mas, infelizmente, Kiin e Lukel não conseguiram comparecer por causa de um compromisso previamente agendado. – De qualquer modo, os rumores dizem que as contas de Telrii aumentaram drasticamente nas últimas duas semanas, e suas exportações para Fjorden produzem lucros fantásticos, sejam especiarias finas ou estrume de vaca.

– Ainda permanece o fato de que o duque não se alinhou ao Shu-Dereth – Eondel apontou. – Continua assistindo piedosamente às cerimônias korathi.

Sarene cruzou os braços e tamborilou nas bochechas, pensativa.

– Se Telrii se aliasse abertamente a Fjorden, seus ganhos seriam suspeitos. Hrathen é astuto demais para ser transparente. É muito mais inteligente que Fjorden permaneça separado do duque, permitindo que Telrii pareça piedosamente conservador. Apesar dos recentes avanços de Hrathen, seria muito mais fácil para um korathi tradicional usurpar o trono do que para um derethi.

– Ele tomará o trono e *então* anunciará seu pacto com Wyrn – Roial concordou.

– Por isso temos de garantir que Iadon comece a ganhar dinheiro de novo muito rapidamente – Sarene falou. – A nação está ficando esgotada. É muito provável que Telrii ganhe mais neste próximo período contábil do que Iadon, mesmo incluindo os impostos. Duvido que o rei abdique. Contudo, se Telrii for dar um golpe de estado, os outros nobres podem apoiá-lo.

– O que acha disso, Edan? – Ahan perguntou para o ansioso barão com uma gargalhada. – Você pode não ser o único a perder o título em alguns meses, o velho Iadon pode se juntar a você.

– Por favor, conde Ahan – Sarene pediu. – É nosso dever garantir que isso não aconteça.

– O que quer que façamos? – Edan perguntou, nervoso. – Que mandemos presentes para o rei? Não tenho dinheiro sobrando.

– Nenhum de nós tem, Edan – Ahan respondeu, as mãos descansando sobre a volumosa barriga. – Se estivesse "sobrando" não seria valioso agora, não é?

– Sabe o que ele quer dizer, Ahan – Roial o repreendeu. – E duvido que presentes sejam o que a princesa tem em mente.

– Na verdade, estou aberta a sugestões, cavalheiros – Sarene disse, estendendo as mãos. – Sou política, não comerciante. Sou amadora confessa em ganhar dinheiro.

– Presentes não serviriam – Shuden disse, as mãos entrelaçadas diante do queixo,

em um gesto reflexivo. – O rei é um homem orgulhoso que ganhou sua fortuna com suor, trabalho e maquinações. Nunca aceitaria doações, nem mesmo para salvar seu trono. Além disso, mercadores são notoriamente desconfiados com presentes.

– Poderíamos ir até ele com a verdade – Sarene sugeriu. – Talvez aceite nossa ajuda.

– Ele não acreditaria em nós – Roial disse, sacudindo a cabeça envelhecida. – O rei é um homem muito prosaico, Sarene, mais até do que nosso querido lorde Eondel. Generais têm de pensar de modo abstrato para se antecipar aos oponentes, mas Iadon..., duvido seriamente que tenha tido um pensamento abstrato em sua vida. O rei aceita as coisas como elas aparentam ser, especialmente se são como ele crê que devem ser.

– E é por isso que lady Sarene enganou Sua Majestade com sua aparente falta de cérebro – Shuden concordou. – Ele esperava que ela fosse tola e, quando ela pareceu se encaixar em suas expectativas, a descartou. Ainda que sua atuação fosse terrivelmente exagerada.

Sarene decidiu não responder a essa observação.

– Os piratas são algo que Iadon entende – Roial falou. – Fazem sentido no mundo do comércio naval. De certo modo, cada mercador se considera um pirata. Mas governos são outra coisa. Aos olhos do rei, não faria sentido que um reino afundasse navios cheios de mercadorias valiosas. O rei nunca atacaria mercadores, não importa o quão tensa fosse a guerra. E, pelo que ele sabe, Arelon e Fjorden são bons amigos. Iadon foi o primeiro a permitir sacerdotes derethi em Kae, e deu ao gyorn Hrathen toda a liberdade de um visitante nobre. Duvido seriamente que possamos convencê-lo de que Wyrn está tentando depô-lo.

– Poderíamos tentar envolver Fjorden – Eondel sugeriu. – Deixar claro que os naufrágios são obra de Wyrn.

– Isso levaria muito tempo, Eondel – Ahan disse, balançando as papadas. – Além disso, Iadon não tem muitos navios restantes. Duvido que arrisque-os naquelas mesmas águas novamente.

Sarene assentiu.

– Também seria muito difícil para nós estabelecer uma conexão com Wyrn. Ele provavelmente está usando navios svordish para a tarefa. Fjorden não tem uma marinha muito grande.

– Dreok Esmagarganta era svordish? – Eondel perguntou, franzindo o cenho.

– Ouvi dizer que era fjordênico – Ahan respondeu.

– Não – Roial falou. – Acho que era aônico, não era?

– Dá no mesmo – Sarene disse, impaciente, tentando não perder o rumo da reunião enquanto caminhava pelo piso argiloso do jardim. – Lorde Ahan disse que Iadon não arriscaria seus navios naquelas águas novamente, mas obviamente precisa enviá-los

para algum lugar.

Ahan assentiu.

– Ele não pode se dar ao luxo de parar agora. A primavera é uma das melhores estações de compras. As pessoas estão fartas de passar o inverno com cores enfadonhas e parentes mais enfadonhos ainda. Assim que a neve derrete, estão prontas para gastar um pouco. Esta é a época em que as caras sedas coloridas estão no auge, e esse é um dos melhores produtos de Iadon. Esses naufrágios são um desastre. Iadon não só perdeu os navios, como perdeu o lucro que teria com todas essas sedas, sem mencionar o restante da carga. Muitos mercadores quase vão à falência nessa época do ano para estocar bens que sabem que em algum momento poderão vender.

– O rei ficou ganancioso – Shuden comentou. – Comprou mais e mais navios, e os encheu com tanta seda quanto foi capaz.

– Somos todos gananciosos, Shuden – Ahan disse. – Não esqueça que sua família acumulou fortuna organizando a rota de especiarias de Jindo. Vocês nem exportam nada: apenas constroem as estradas e cobram dos mercadores para usá-las.

– Deixe-me refazer a frase, lorde Ahan – Shuden falou. – O rei permite que sua cobiça o torne tolo. Desastres são algo que todo mercador deve prever. Nunca envie o que não pode se dar ao luxo de perder.

– Bem colocado – Ahan concordou.

– De qualquer modo – Sarene comentou –, se o rei ficou apenas com um par de barcos, então eles precisam conseguir um lucro considerável.

– "Considerável" não é a palavra certa, querida – Ahan falou. – Tente "extraordinário". Será necessário um milagre para que Iadon se recupere desta pequena catástrofe. Especialmente antes que Telrii o humilhe de maneira irreparável.

– E se ele fizesse um acordo com Teod? – Sarene perguntou. – Um contrato extremamente lucrativo pelas sedas?

– Talvez – Ahan disse, dando de ombros. – É uma jogada inteligente.

– Mas impossível – o duque Roial falou.

– Por quê? – Sarene quis saber. – Teod pode pagar.

– Porque – o duque explicou – Iadon nunca aceitaria tal contrato. É um mercador muito experiente para fazer um acordo que pareça fabuloso demais para ser verdadeiro.

– Concordo – Shuden assentiu. – O rei não se oporia a ter um lucro terrível à custa de Teod; só se pensasse que os estava enganando.

Os outros assentiram à colocação de Shuden. Ainda que fosse o mais jovem do grupo, o jindonês estava rapidamente provando ser tão astuto quanto Roial – talvez até mais. Essa capacidade, mesclada à merecida reputação de honestidade, lhe garantia um respeito que ia além de sua idade. Era um homem poderoso, de fato,

aquele que podia misturar integridade e sabedoria.

– Temos de pensar um pouco mais sobre isso – Roial falou. – Mas não por muito tempo. Temos de resolver esse problema antes do dia da contabilidade, ou teremos de lidar com Telrii em vez de Iadon. Por pior que meu velho amigo seja, acho que teríamos menos sorte com Telrii. Especialmente se Fjorden estiver na retaguarda.

– Todos estão fazendo o que pedi com seus plantios? – Sarene perguntou enquanto os nobres se preparavam para ir embora.

– Não foi fácil – Ahan admitiu. – Todos os meus capatazes e nobres menores se opuseram à ideia.

– Mas você fez.

– Fiz – Ahan confirmou.

– Assim como eu – Roial falou.

– Não tive escolha – Edan murmurou.

Shuden e Eondel assentiram em silêncio.

– Começamos a semear na semana passada – Eondel disse. – Quanto tempo será necessário para que vejamos os resultados?

– Espero, para seu bem, que nos próximos três meses, meu senhor – Sarene respondeu.

– Isso costuma ser suficiente para ter uma estimativa de como será a colheita – Shuden falou.

– Ainda não vejo que diferença faz se o povo crê que é livre ou não – Ahan comentou. – As mesmas sementes são plantadas, e então a mesma colheita deveria ser obtida.

– Ficará surpreso, meu senhor – Sarene prometeu.

– Podemos ir agora? – Edan perguntou, mordaz. Ainda se irritava com a ideia de que Sarene conduzisse as reuniões.

– Mais uma pergunta, meus senhores. Estive pensando sobre minha Prova de Viuvez e gostaria de escutar a opinião de vocês.

Os homens se agitaram incômodos com a colocação, olhando uns para os outros apreensivos.

– Ah, me poupem – Sarene reclamou, franzindo o cenho de insatisfação. – Vocês são homens crescidos. Superem o medo infantil de Elantris.

– É um assunto muito delicado em Arelon, Sarene – Shuden colocou.

– Bem, parece que Hrathen não está preocupado com isso – ela falou. – Vocês todos sabem o que ele começou a fazer.

– Está traçando um paralelo entre o Shu-Korath e Elantris – Roial assentiu. – Está tentando voltar as pessoas contra os sacerdotes korathi.

– E terá êxito se não o detivermos – Sarene disse. – E isso exige que vocês superem seus melindres e parem de fingir que Elantris não existe. A cidade é parte

importante dos planos do gyorn.

Os homens se olharam de modo significativo no denso jardim korathi. Achavam que ela prestava atenção exagerada ao gyorn; viam o governo de Iadon como um problema sério, mas a religião não lhes parecia uma ameaça tangível. Não entendiam que em Fjorden, ao menos, religião e guerra eram quase a mesma coisa.

– Vão ter que confiar em mim, meus senhores – Sarene disse. – Os estratagemas de Hrathen são importantes. Dizem que o rei vê as coisas de maneira concreta. Bem, este Hrathen é o oposto. Vê tudo por seu potencial, e seu objetivo é converter Arelon em outro protetorado fjordênico. Se ele vai usar Elantris contra nós, precisamos responder.

– É só fazer com que aquele sacerdote korathi baixinho concorde com ele – Ahan sugeriu. – Coloque-os do mesmo lado, e ninguém pode usar a cidade contra ninguém mais.

– Omin não fará isso, meu senhor – Sarene disse, negando com a cabeça. – Ele não tem nada contra os elantrinos e nunca consentiria em rotulá-los como diabos.

– Ele não poderia...? – Ahan começou a dizer.

– Misericordioso Domi, Ahan – Roial interrompeu. – Nunca vai aos sermões dele? O homem nunca faria isso.

– Eu vou – Ahan disse, indignado. – Só achei que talvez ele desejasse servir ao reino. Poderíamos compensá-lo.

– Não, meu senhor – Sarene insistiu. – Omin é um homem da Igreja, um homem bom e sincero, além disso. Para ele, a verdade não é tema de debate, nem está à venda. Temo que não tenhamos escolha. Temos que nos aliar a Elantris.

Vários rostos, incluindo os de Eondel e Edan, empalideceram ao ouvir as palavras dela.

– Isso pode não ser uma proposição fácil de se levar, Sarene – Roial avisou. – Pode nos achar infantis, mas esses quatro estão entre os homens mais inteligentes e de mente mais aberta de Arelon. Se parece que Elantris nos deixa nervosos, verá que o resto de Arelon fica ainda mais.

– Temos que mudar esse sentimento, meu senhor – Sarene disse. – E minha Prova de Viuvez é nossa oportunidade. Vou levar comida para os elantrinos.

Dessa vez conseguiu suscitar uma reação até mesmo em Shuden e em Roial.

– Ouvi bem, querida? – Ahan perguntou com voz trêmula. – Vai entrar em Elantris?

– Sim – Sarene disse.

– Preciso de algo para beber – Ahan decidiu, destapando seu frasco de vinho.

– O rei nunca permitirá isso – Edan falou. – Ele não deixa nem que a Guarda da Cidade de Elantris entre lá.

– Ele está certo – Shuden concordou. – Você nunca atravessará aqueles portões,

Vossa Alteza.

– Deixem que eu cuido do rei – Sarene disse.

– Seu subterfúgio não funcionará dessa vez, Sarene – Roial avisou. – Nenhuma estupidez, por maior que seja, convencerá o rei a deixá-la entrar na cidade.

– Pensarei em algo – Sarene disse, tentando demonstrar mais segurança do que sentia. – Não se preocupe com isso, meu senhor. Só quero a palavra de vocês que me ajudarão.

– Ajudar você? – Ahan perguntou, hesitante.

– Ajudar-me a distribuir comida em Elantris – Sarene explicou.

Os olhos de Ahan se esbugalharam.

– Ajudar você? – ele repetiu. – Lá dentro?

– Meu objetivo é desmistificar a cidade – Sarene contou. – Para fazer isso, preciso convencer a nobreza a entrar e ver por si mesma que não há nada de aterrador nos elantrinos.

– Lamento soar desagradável – Eondel começou –, mas, lady Sarene, e se houver? E se tudo o que dizem sobre Elantris for verdade?

Sarene fez uma pausa.

– Não creio que sejam perigosos, lorde Eondel. Observei a cidade e seus habitantes. Não há nada de assustador em Elantris. Bem, nada além da forma como aquela gente é tratada. Não acredito nas histórias de monstros ou de canibalismo elantrino. Vejo apenas um grupo de homens e mulheres que tem sido maltratado e mal julgado.

Eondel não parecia convencido, os outros tampouco.

– Olhem, eu vou primeiro e comprovarei – Sarene propôs. – Quero que os senhores se juntem a mim depois de alguns dias.

– Por que nós? – Edan perguntou com um grunhido.

– Porque preciso começar por algum lugar – Sarene explicou. – Se vocês, senhores, encararem a cidade, os outros se sentirão tolos em se recusar. Aristocratas têm mentalidade de grupo; se eu puder criar um impulso, então provavelmente conseguirei que a maior parte me acompanhe pelo menos uma vez. Então todos verão que não há nada de horrível em Elantris, que seus habitantes são apenas pobres miseráveis que querem comer. Podemos derrotar Hrathen com a simples verdade. É difícil demonizar um homem depois que se vê lágrimas em seus olhos enquanto ele agradece por alimentá-lo.

– Tudo isso é sem sentido de qualquer maneira – Edan comentou, retorcendo as mãos ao pensar em entrar em Elantris. – O rei nunca permitirá que ela entre.

– E se permitir? – Sarene perguntou rapidamente. – Então irá, Edan?

O barão pestanejou, surpreso, percebendo que havia caído em uma armadilha. Ela esperava que se manifestasse, mas ele teimosamente se recusou a responder à

pergunta.

– Eu irei – Shuden declarou.

Sarene sorriu para o jindonês. Era a segunda vez que ele era o primeiro a lhe oferecer seu apoio.

– Se Shuden vai fazer isso, então duvido que o resto de nós terá a humildade de dizer não – Roial falou. – Consiga a permissão, Sarene, e discutiremos isso depois.

***

– Talvez eu tenha sido um pouco otimista demais – Sarene admitiu, parada do lado de fora do escritório de Iadon. Um par de guardas, a pouca distância, observava-a com desconfiança.

– Sabe o que vai fazer, minha senhora? – Ashe perguntou. O seon passara a reunião flutuando do lado de fora da capela, onde podia ouvir o que era dito e se assegurar que ninguém mais o fazia.

Sarene negou com a cabeça. Mostrara bravata ao confrontar Ahan e os outros, mas agora percebia quão equivocado era o sentimento. Não tinha ideia do que fazer para que Iadon a deixasse entrar em Elantris – muito menos como fazê-lo aceitar a ajuda deles.

– Falou com meu pai? – ela perguntou.

– Falei, minha senhora – Ashe respondeu. – Ele disse que daria toda ajuda financeira de que necessitasse.

– Muito bem – Sarene disse. – Vamos.

Respirou fundo e caminhou até os soldados.

– Quero falar com meu pai – anunciou.

Os guardas trocaram olhares.

– Hummm, nos disseram que não...

– Isso não se aplica à família, soldado – Sarene insistiu. – Se a rainha viesse falar com seu marido, vocês a mandariam embora?

Os guardas franziram o cenho, confusos; Eshen provavelmente não visitava Iadon. Sarene notara que a esfuziante rainha tendia a manter distância do rei. Nem as mulheres estúpidas gostam que as descrevam dessa maneira.

– Apenas abra a porta, soldado – Sarene disse. – Se o rei não quiser falar comigo, ele vai me expulsar, e da próxima vez saberão que não devem me deixar entrar.

Os guardas hesitaram, e Sarene simplesmente passou por eles e abriu a porta ela mesma. Os guardas, obviamente desacostumados com mulheres decididas – especialmente na família real –, simplesmente a deixaram entrar.

Iadon levantou os olhos de sua mesa, com um par de óculos, que ela nunca o vira usar, equilibrado na ponta do nariz. Tirou-o rapidamente e se levantou, batendo as mãos contra a mesa em contrariedade, bagunçando várias pilhas de faturas ao fazer

isso.

– Não está feliz em me incomodar em público, então tem que me seguir em meu escritório também? – ele exigiu saber. – Se eu soubesse a garota tola e espigada que você é, jamais teria assinado aquele tratado. Vá embora, mulher, e deixe-me trabalhar.

– Vou lhe dizer uma coisa, pai – Sarene disse com franqueza. – Fingirei ser um ser humano inteligente, capaz de uma conversa semilúcida, e você fingirá o mesmo.

Iadon arregalou os olhos com o comentário, e seu rosto ficou vermelho.

– Rag Domi! – ele praguejou, usando uma maldição tão baixa que Sarene ouvira apenas duas vezes. – Você me enganou, mulher. Poderia ordenar que a decapitassem por me fazer parecer um idiota.

– Comece a decapitar seus filhos, pai, e as pessoas começarão a fazer perguntas. – Ela observou a reação dele cuidadosamente, esperando conseguir algo sobre o desaparecimento de Raoden, mas ficou desapontada. Iadon descartou o comentário com atenção passageira.

– Devia enviá-la de volta a Eventeo agora mesmo – ele disse.

– Bem, ficaria feliz em partir – ela mentiu. – Mas perceba que, se eu partir, você perde seu tratado comercial com Teod. Isso poderia ser um problema, considerando a sorte que teve vendendo suas sedas para Fjorden ultimamente.

Iadon rangeu os dentes com o comentário.

– Cuidado, minha senhora – Ashe sussurrou. – Não o perturbe demais. Os homens costumam colocar o orgulho antes da razão.

Sarene assentiu.

– Posso lhe oferecer uma saída, pai. Vim oferecer um acordo.

– Que motivo tenho para aceitar qualquer oferta sua, mulher? – ele replicou. – Já está aqui há quase um mês, e agora descubro que vem me enganando todo esse tempo.

– Confiará em mim, pai, porque perdeu setenta e cinco por cento de sua frota para os piratas. Em poucos meses poderá perder o trono, a menos que me escute.

Iadon traiu sua surpresa.

– Como sabe essas coisas?

– Todo mundo sabe, pai – Sarene disse, despreocupada. – Comenta-se na corte. Esperam que caia no próximo período fiscal.

– Eu sabia! – Iadon disse, os olhos arregalados de raiva. Começou a praguejar e a amaldiçoar os cortesãos, acusando-os de querer expulsá-lo do trono.

Sarene pestanejou, surpresa. Fizera o comentário de passagem, para desequilibrar Iadon, mas não esperava uma reação tão forte. *Ele é paranoico!* percebeu. *Por que ninguém notou isso antes?* No entanto, a velocidade com que Iadon se recuperou lhe deu a pista – era paranoico, mas mantinha isso bem escondido. A forma como ela

sacudia suas emoções devia ter enfraquecido o controle dele.

– Propõe um acordo? – o rei exigiu saber.

– Proponho – Sarene disse. – A seda tem muita demanda em Teod nesta época, pai. Alguém poderia ter um bom lucro vendendo para o rei. E, considerando certas relações familiares, você poderia falar com Eventeo para que lhe desse direitos mercantis exclusivos no país.

Iadon ficou desconfiado, sua ira foi esfriando conforme percebia um bom negócio. Contudo, o mercador nele imediatamente começou a farejar problemas. Sarene apertou os dentes, frustrada: era o que os outros lhe haviam dito. Iadon nunca aceitaria sua oferta; cheirava muito a enganação.

– Uma proposta interessante – ele admitiu. – Mas temo que eu...

– É claro que eu exigiria algo em troca – Sarene o interrompeu, pensando rapidamente. – Chame isso de tarifa por arranjar o acordo entre você e Eventeo.

Iadon fez uma pausa.

– De que tipo de tarifa estamos falando? – ele perguntou, cauteloso. Uma troca era diferente de um presente: podia ser pesada, medida e, até certo grau, podia-se confiar nela.

– Quero entrar em Elantris – Sarene declarou.

– *O quê?*

– Tenho que fazer a Prova de Viuvez – Sarene disse. – Então, vou levar comida para os elantrinos.

– Que possível motivação você poderia ter para fazer isso, mulher?

– Razões religiosas, pai – Sarene explicou. – O Shu-Korath nos ensina a ajudar os mais humildes, e eu o desafio a encontrar alguém mais humilde que os elantrinos.

– Está fora de questão – Iadon falou. – Entrar em Elantris é proibido por lei.

– Uma lei que você fez, pai – Sarene apontou. – E, portanto, pode fazer exceções. Pense com cuidado. Sua fortuna e seu trono podem depender de sua resposta.

Iadon rangeu os dentes de forma audível enquanto considerava o trato.

– Quer entrar em Elantris com comida? Durante quanto tempo?

– Até que esteja convencida de ter cumprido meu dever como esposa do príncipe Raoden.

– Iria sozinha?

– Levaria qualquer um que estivesse disposto a me acompanhar.

Iadon fez uma careta.

– Terá problemas em encontrar alguém que cumpra esse requisito.

– Problema meu, não seu.

– Primeiro esse diabo fjordênico começa a arrebanhar meu povo, e agora você quer fazer o mesmo – o rei murmurou.

– Não, pai – Sarene o corrigiu. – Quero exatamente o contrário: o caos só

beneficiaria Wyrn. Acredite no que quiser, mas minha única preocupação é ver a estabilidade em Arelon.

Iadon continuou a pensar por um momento.

– Não mais do que dez por vez, além dos guardas – ele disse finalmente. – Não quero peregrinações em massa dentro de Elantris. Você entrará uma hora antes do meio-dia e sairá uma hora depois do meio-dia. Sem exceções.

– Feito – Sarene concordou. – Pode usar meu seon para chamar o rei Eventeo para combinar os detalhes do acordo.

***

– Devo admitir, minha senhora, que foi muito esperta – Ashe balançava ao lado dela no corredor, a caminho de seus aposentos.

Sarene ficara na sala enquanto Iadon falava com Eventeo, mediando enquanto os dois formalizavam o acordo. A voz de seu pai continha uma sincera medida de "espero que saiba o que está fazendo, Ene". Eventeo era um rei bom e amável, mas era um comerciante absolutamente horrível; mantinha uma equipe de contadores para lidar com as finanças reais. Assim que Iadon percebeu a inabilidade de seu pai, atacou com entusiasmo de predador, e apenas a presença de Sarene impedira que Iadon sugasse todas as receitas fiscais de Teod em um arrebato de fervor comercial. Mesmo assim, Iadon conseguiu convencê-los a comprar sua seda por quatro vezes o preço que valia. O rei estava tão radiante quando Sarene saiu que quase parecia ter esquecido a encenação dela.

– Esperta? – Sarene perguntou inocentemente, em resposta ao comentário de Ashe. – Eu?

O seon flutuou, rindo em voz baixa.

– Há alguém que não possa manipular, minha senhora?

– Meu pai – Sarene disse. – Sabe que ele me vence três em cada cinco vezes.

– Ele diz o mesmo sobre você, minha senhora – Ashe observou.

Sarene sorriu e abriu a porta de seu quarto, disposta a se preparar para ir para a cama.

– Na verdade não foi tão difícil, Ashe. Tínhamos de perceber que nossos problemas eram a solução um do outro. Um tinha uma oferta sem quem a aceitasse, o outro um pedido sem subterfúgios.

Ashe fez sons de descontentamento enquanto flutuava pelo quarto, estalando uma língua que não tinha, ofendido pela bagunça.

– O que foi? – Sarene perguntou, desamarrando a fita preta amarrada na parte superior de seu braço, o único sinal que restava de seu luto.

– O quarto não foi arrumado novamente, minha senhora – Ashe explicou.

– Bem, não se pode dizer que o deixei bagunçado – Sarene disse, ofendida.

– Não, Vossa Alteza é uma mulher muito ordenada – Ashe reconheceu. – Mesmo assim, as criadas do palácio estão relaxando em seus deveres. Uma princesa merece a consideração adequada. Se permitir que negligenciem seu trabalho, não demorará até que deixem de respeitá-la.

– Acho que está exagerando, Ashe – Sarene disse, balançando a cabeça; tirou o vestido e se preparou para deitar. – Supõe-se que eu seja a desconfiada, lembra?

– Isso é um assunto de criados, não de senhores, minha senhora – Ashe disse. – Você é uma mulher brilhante e uma excelente política, mas trai a fraqueza comum de sua classe: ignora a opinião dos criados.

– Ashe! – Sarene objetou. – Sempre tratei os criados de meu pai com respeito e gentileza.

– Talvez eu devesse me expressar de outro modo, minha senhora – Ashe falou. – Sim, você não tem preconceitos cruéis. Contudo, não presta atenção no que os criados pensam de você, não da mesma maneira que está sempre atenta ao que a aristocracia pensa.

Sarene passou a camisola pela cabeça, recusando-se a mostrar qualquer sinal de petulância.

– Sempre tentei ser justa.

– Sim, minha senhora, mas é filha da nobreza, criada para ignorar aqueles que trabalham ao seu redor. Só sugiro que se lembre que, se as criadas a desrespeitarem, isso pode ser tão prejudicial quanto se os senhores fizessem o mesmo.

– Tudo bem – Sarene disse com um suspiro. – Entendi. Chame Meala para mim; perguntarei se sabe o que aconteceu.

– Sim, minha senhora.

Ashe flutuou em direção à janela. Mas antes que ele partisse, Sarene fez um último comentário.

– Ashe? – perguntou. – O povo amava Raoden, não amava?

– É o que dizem todos os relatos, minha senhora. Era conhecido por prestar atenção muito pessoal a suas opiniões e necessidades.

– Era um príncipe melhor do que sou como princesa, não era? – ela perguntou, a voz falhando.

– Eu não diria isso, minha senhora – Ashe disse. – Você é uma mulher de muito bom coração, e sempre trata suas criadas bem. Não se compare a Raoden. É importante lembrar que você não estava se preparando para governar um país, e sua popularidade nunca foi um assunto importante. O príncipe Raoden era o herdeiro do trono, e era vital que entendesse os sentimentos de seus súditos.

– Dizem que ele dava esperança ao povo – Sarene falou, pensativa. – Que os camponeses suportavam os encargos exorbitantes de Iadon porque sabiam que em algum momento Raoden chegaria ao trono. O país teria colapsado há anos se o

príncipe não estivesse entre eles, encorajando-os e confortando seus espíritos.

– E agora ele se foi – Ashe disse em voz baixa.

– Sim, ele se foi – Sarene concordou, a voz imparcial. – Temos que nos apressar, Ashe. Continuo achando que não estou fazendo nada de bom, que o país caminha para o desastre, independentemente do que eu faça. É como se eu estivesse ao pé de uma encosta, observando um enorme pedregulho caindo na minha direção, e estivesse atirando pedregulhos para tentar desviá-lo.

– Seja forte, minha senhora – Ashe disse com sua voz profunda e séria. – Seu Deus não vai ficar sentado observando Arelon e Teod serem esmagados pelo calcanhar de Wyrn.

– Espero que o príncipe esteja olhando também – Sarene falou. – Ele estaria orgulhoso de mim, Ashe?

– Muito orgulhoso, minha senhora.

– Só quero que me aceitem – ela explicou, percebendo o quão boba devia parecer. Passara quase três décadas amando um país sem sentir que esse amor fosse correspondido. Teod a respeitava, mas estava cansada de respeito. Queria algo diferente de Arelon.

– Eles a aceitarão, Sarene – Ashe prometeu. – Dê-lhes tempo. Eles a aceitarão.

– Obrigada, Ashe – Sarene disse, com um suave suspiro. – Obrigada por suportar as lamentações de uma menina boba.

– Podemos ser fortes diante de reis e sacerdotes, minha senhora – Ashe respondeu –, mas viver é ter preocupações e incertezas. Mantenha-as guardadas, e elas a destruirão, deixando para trás uma pessoa tão calejada que as emoções não enraizarão em seu coração.

Com isso, o seon atravessou a janela, em busca da criada Meala.

***

Quando Meala chegou, Sarene havia se recomposto. Não houve lágrimas, apenas algum tempo de reflexão. Algumas vezes era demais para ela, e sua insegurança simplesmente brotava. Ashe e seu pai sempre estiveram por perto para apoiá-la nessas ocasiões.

– Ah, céus – Meala disse, observando o estado do quarto. Era magra e bastante jovem: definitivamente não era o que Sarene esperava quando se mudou para o palácio. Meala parecia mais uma das contadoras de seu pai do que a chefa das criadas.

– Sinto muito, minha senhora – Meala se desculpou, oferecendo um sorriso sem graça para Sarene. – Nem me lembrei disso. Perdemos outra garota esta tarde, e não me ocorreu que seu quarto estivesse na lista de afazeres dela.

– "Perdemos", Meala? – Sarene perguntou, preocupada.

– Uma fuga, minha senhora – Meala explicou. – Elas não deveriam sair: somos contratadas como o restante dos camponeses. Por algum motivo, no entanto, temos problemas em manter as criadas no palácio. Domi sabe por quê..., nenhum criado no país é tratado melhor do que os daqui.

– Quantas você perdeu? – Sarene perguntou com curiosidade.

– Ela foi a quarta este ano – Meala disse. – Enviarei alguém imediatamente.

– Não, não se incomode esta noite. Apenas se assegure de que não aconteça novamente.

– É claro, minha senhora – Meala respondeu, com uma reverência.

– Obrigada.

***

– Aí está outra vez! – Sarene exclamou, pulando para fora da cama.

Ashe se iluminou imediatamente, flutuando inseguro junto à parede.

– Minha senhora?

– Silêncio – Sarene ordenou, pressionando o ouvido contra a parede de pedra ao lado de sua janela, ouvindo o som de algo raspando. – O que acha que é?

– Acho que o que quer que minha senhora tenha jantado, não lhe caiu bem – Ashe respondeu incisivo.

– Definitivamente havia um ruído ali – Sarene disse, ignorando o escárnio. Embora Ashe sempre estivesse desperto pela manhã quando ela acordava, não gostava de ser perturbado depois de adormecer.

Ela estendeu a mão até a mesa de cabeceira e pegou um pedaço de pergaminho. Fez uma marca com um pedacinho de carvão, sem se incomodar em fazê-lo com tinta e pena.

– Olhe – declarou, levantando o papel para que Ashe visse. – Os sons sempre acontecem nos mesmos dias da semana: MaeDal e OpeDal.

Ashe se aproximou flutuando e olhou para o papel, seu aon brilhante era a única iluminação do quarto além da luz das estrelas.

– Você escutou o barulho duas vezes em MaeDal e duas em OpeDal, quatro vezes no total – disse, cético. – Isso dificilmente leva à conclusão de que "sempre acontecem nos mesmos dias", minha senhora.

– Ah, você acha que estou ouvindo coisas de todo modo – Sarene reclamou, deixando o pergaminho sobre a mesa. – Eu pensava que seons tinham um excelente sentido da audição.

– Não quando estamos dormindo, minha senhora – Ashe disse, deixando implícito que era exatamente o que fazia naquele momento.

– Deve haver uma passagem ali – Sarene concluiu, batendo na parede de pedra sem resultado.

– Se você está dizendo, minha senhora.

– Sim – ela disse, levantando-se e estudando a janela. – Veja como a pedra ao redor desta janela é grossa, Ashe. – Inclinou-se contra a parede e colocou o braço para fora. As pontas de seu dedo mal alcançavam o lado de fora do batente. – Essa parede precisa realmente ser tão larga?

– Oferece muita proteção, minha senhora.

– Também oferece espaço para uma passagem.

– Uma muito pequena – Ashe respondeu.

– É verdade – Sarene refletiu, ajoelhando-se para ver a borda inferior da janela. – Ela se inclina para cima. A passagem foi construída em ângulo ascendente, passando entre a parte inferior das janelas deste andar e o primeiro andar.

– Mas a única coisa que há nessa direção é...

– Os aposentos do rei – Sarene terminou. – Para onde mais uma passagem levaria?

– Está sugerindo que o rei faz excursões secretas duas vezes por semana no meio da noite, minha senhora?

– Exatamente às onze horas – Sarene disse, olhando o grande relógio do avô no canto do quarto. – É sempre na mesma hora.

– Que motivo poderia ter para fazer uma coisa dessas?

– Não sei – Sarene disse, tamborilando na bochecha.

– Ah, céus – Ashe murmurou. – Minha senhora está planejando algo, não está?

– Sempre – Sarene disse docemente, voltando para a cama. – Apague sua luz. Um de nós quer dormir.

Hrathen sentou-se em sua cadeira, usando uma túnica vermelha derethi em vez da armadura, como fazia com frequência quando estava em seus aposentos.

A batida na porta veio como esperado.

– Entre – ele disse.

O arteth Thered entrou. Um homem de boa cepa fjordênica, Thered era alto e forte, tinha cabelos escuros e feições quadradas. Ainda conservava a musculatura desenvolvida em seus dias de treinamento no monastério.

– Vossa Graça – o homem disse, curvando e ajoelhando-se com o respeito apropriado.

– Arteth – Hrathen disse, entrelaçando os dedos. – Durante meu tempo aqui, tenho observado os sacerdotes locais. Fiquei bem impressionado com seus serviços ao reino de Jaddeth e decidi lhe oferecer a posição de arteth principal desta capela.

Thered olhou para cima, surpreso.

– Vossa Graça?

– Achei que tivesse de esperar para nomear um novo arteth principal até que um novo grupo de sacerdotes chegasse de Fjorden – Hrathen explicou. – Mas, como disse, você me impressionou. Decidi lhe oferecer esse posto.

E, é claro, acrescentou mentalmente, *não tenho tempo para esperar. Preciso que alguém administre a capela imediatamente para que eu possa me concentrar em outras tarefas*.

– Meu senhor... – o arteth disse, obviamente constrangido. – Não posso aceitar esse posto.

Hrathen congelou.

– *O quê?*

Nenhum sacerdote derethi recusaria uma posição de tamanho poder.

– Sinto muito, meu senhor – o homem repetiu, olhando para baixo.

– Que motivo tem para tomar essa decisão, arteth? – Hrathen exigiu saber. – Não posso lhe dar nenhum, Vossa Graça. Eu só... Não seria certo que eu aceitasse esse posto. Posso me retirar?

Hrathen fez um movimento com mão, perturbado. A ambição era um atributo fjordênico essencial; como um homem como Thered perdera seu orgulho tão rapidamente? Fjon enfraquecera os sacerdotes de Kae de maneira tão profunda?

Ou... havia algo mais por trás da recusa do homem? Uma incômoda voz interior sussurrava para Hrathen que o banido Fjon não era o culpado. Dilaf... Dilaf tinha algo a ver com a negativa de Thered.

O pensamento era provavelmente só paranoia, mas estimulou Hrathen a prosseguir até o próximo assunto do dia. Tinha de lidar com Dilaf; apesar de sua façanha com o elantrino, o arteth estava ficando cada vez mais influente entre os outros sacerdotes. Hrathen abriu uma gaveta da mesa e retirou um pequeno envelope. Cometera um erro com Dilaf. Ainda que fosse possível canalizar um ardor fanático, neste momento Hrathen não tinha tempo nem energia para fazer isso. O futuro de todo um reino dependia da habilidade do gyorn em se concentrar, e não tinha percebido o tanto de atenção que Dilaf requeria.

Isso não podia continuar. O mundo de Hrathen era controlado e previsível; sua religião, um exercício lógico. Dilaf era como uma panela de água fervendo despejada sobre o gelo de Hrathen. No fim, ambos acabariam enfraquecidos e dissipados, como rajadas de vapor ao vento. E, depois que se fossem, Arelon morreria.

Hrathen colocou sua armadura e deixou seu quarto, entrando na capela. Vários suplicantes estavam ajoelhados, rezando em silêncio, e sacerdotes moviam-se entre eles, ocupados. O teto abobadado da capela e a arquitetura vivaz eram familiares – era onde deveria se sentir mais confortável. Com muita frequência, no entanto, Hrathen pegava-se fugindo para as muralhas de Elantris. Ainda que dissesse a si mesmo que ia para lá simplesmente porque a altura lhe proporcionava um bom ponto para observar Kae, sabia que a razão era outra. Ia, em parte, porque sabia que Elantris era um lugar em que Dilaf nunca iria voluntariamente.

O quarto de Dilaf era uma alcova pequena, muito parecida com a que o próprio Hrathen ocupara quando era arteth, há muitos anos. Dilaf levantou a cabeça, sentado em sua mesa, quando Hrathen empurrou a porta simples de madeira do aposento.

– Meu hroden? – o arteth disse, ficando em pé, surpreso. Hrathen raramente visitava seu quarto.

– Tenho uma tarefa importante para você, arteth – Hrathen falou. – Uma que não posso confiar a mais ninguém.

– É claro, meu hroden – Dilaf disse, submisso, abaixando a cabeça. Seus olhos, no entanto, se estreitaram de desconfiança. – Sirvo com devoção, sabendo que sou parte da cadeia que leva ao próprio Senhor Jaddeth.

– Sim – Hrathen disse, com desdém. – Arteth, preciso que entregue uma carta.

– Uma carta? – Dilaf levantou a cabeça, confuso.

– Sim – Hrathen confirmou, peremptório. – É vital que Wyrn saiba de nosso progresso aqui. Escrevi um relatório para ele, mas as questões discutidas são muito delicadas. Se isso se perdesse, causaria um dano irrecuperável. Escolhi você, meu odiv, para entregá-lo pessoalmente.

– Isso levaria semanas, meu hroden!

– Eu sei. Terei de ficar sem seus serviços por um tempo, mas me consola saber

que está envolvido em uma missão vital.

Dilaf abaixou os olhos, as mãos pousando suavemente no tampo da mesa.

– Farei o que meu hroden ordena.

Hrathen fez uma pausa, franzindo levemente o cenho. Dilaf não podia escapar: o relacionamento hroden-odiv era um laço irrevogável. Quando o mestre ordenava, obedecia-se. Mesmo assim, Hrathen esperara mais de Dilaf. Um estratagema de algum tipo. Uma tentativa de escapulir da missão.

Dilaf aceitou a carta com aparente subserviência. *Talvez fosse isso o que quisesse o tempo todo*, Hrathen pensou. *Um meio para chegar a Fjorden*. Sua posição como odiv de um gyorn lhe daria poder e respeito no leste. Talvez o único propósito de Dilaf em enfrentar Hrathen fosse ir embora de Arelon.

Hrathen deu meia-volta e regressou para o salão de sermões vazio. O episódio fora mais indolor do que esperara. Conteve um suspiro de alívio, caminhando com um pouco mais de confiança enquanto voltava aos seus aposentos.

Uma voz soou atrás dele. A voz de Dilaf. Falava baixo – ainda que com projeção suficiente para ser ouvido.

– Envie mensageiros – o arteth ordenou para um dos dorvens. – Partiremos para Fjorden pela manhã.

Hrathen quase continuou caminhando. Pouco lhe importava o que Dilaf planejava ou o que fizesse, desde que partisse. No entanto, o gyorn passara tempo demais em posições de liderança – tempo demais dedicado à política – para deixar passar uma declaração dessas. Especialmente de Dilaf.

Hrathen deu meia-volta.

– Partiremos? Minha ordem foi só para você, arteth.

– Sim, meu senhor – Dilaf falou. – Mas certamente não espera que deixe meus odivs para trás.

– Odivs? – Hrathen perguntou. Como membro oficial do sacerdócio derethi, Dilaf podia ter odivs juramentados tanto quanto Hrathen, continuando a cadeia que ligava todos os homens a Jaddeth. Hrathen, no entanto, jamais pensara que o homem pudesse ter seus próprios odivs. Quando encontrou tempo para isso?

– Quem, Dilaf? – Hrathen perguntou bruscamente. – Quem você tornou odiv?

– Muitas pessoas, meu hroden – Dilaf respondeu, evasivo.

– Nomes, arteth.

E ele começou a nomeá-los. A maioria dos sacerdotes tinha um ou dois odivs, muitos gyorns tinham quase dez. Dilaf tinha mais de trinta. Hrathen ficou aturdido enquanto ele enumerava. Aturdido e furioso. De algum modo, Dilaf tornara seus odivs os apoiadores mais úteis de Hrathen – incluindo Waren e vários outros aristocratas.

Dilaf terminou sua lista, voltando os olhos traiçoeiramente para o chão.

– Uma lista interessante – Hrathen disse lentamente. – E quem pretende levar com você, arteth?

– Bem, todos eles, meu senhor – Dilaf respondeu, inocente. – Se esta carta é tão importante quanto meu senhor dá a entender, então devo dar-lhe proteção adequada.

Hrathen fechou os olhos. Se Dilaf levasse todos aqueles que mencionara, deixaria o gyorn sem seguidores – assumindo, é claro, que o acompanhariam. A convocação de um odiv tinha muito peso; a maior parte dos crentes derethi normais, até mesmo muitos sacerdotes, juravam a posição menos restritiva de krondet. Um krondet ouvia o conselho de seu hroden, mas não estava ligado moralmente para fazer tudo o que lhe era dito.

Estava dentro dos poderes de Dilaf fazer com que seus odivs o acompanhassem a Fjorden. Hrathen não tinha controle sobre o que o arteth fazia com seus seguidores juramentados; seria uma falta protocolar grave ordenar a Dilaf que os deixasse para trás. Mas se Dilaf tentasse levá-los, seria indubitavelmente um desastre. Esses homens eram novos no Shu-Dereth; não sabiam quanto poder haviam dado a Dilaf. Se o arteth tentasse arrastá-los para Fjorden, era improvável que o seguissem.

E, se isso acontecesse, Hrathen seria obrigado a excomungar cada um deles. O Shu-Dereth ficaria arruinado em Arelon.

Dilaf continuou seus preparativos como se não tivesse notado a batalha interna de Hrathen. Não que fosse um grande conflito – o gyorn sabia o que fazer. Dilaf era instável. Era possível que estivesse blefando, mas também era igualmente provável que destruísse os esforços de Hrathen por puro rancor.

Hrathen apertou os dentes até que sua mandíbula doeu. Tinha impedido a tentativa de Dilaf de queimar o elantrino, mas o arteth obviamente percebera qual seria o próximo movimento do gyorn. Não, Dilaf não queria ir para Fjorden. Podia ser instável, mas também estava muito melhor preparado do que Hrathen supunha.

– Espere – Hrathen ordenou quando o mensageiro de Dilaf se virou para partir. Se o homem deixasse a capela, tudo estaria arruinado. – Arteth, mudei de ideia.

– Meu hroden? – Dilaf perguntou, colocando a cabeça para fora de seus aposentos.

– Você não irá para Fjorden, Dilaf.

– Mas, meu senhor...

– Não, não posso ficar sem você. – A mentira fez o estômago de Hrathen se contrair com força. – Encontre outra pessoa para entregar a mensagem.

Dito isso, Hrathen deu meia-volta e caminhou na direção de seus aposentos.

– Sou, como sempre, o humilde servo de meu hroden – Dilaf sussurrou, a acústica do salão levando as palavras diretamente para os ouvidos de Hrathen.

***

Hrathen fugiu novamente.

Precisava pensar, clarear a mente. Passara várias horas remoendo em seu escritório, zangado tanto com Dilaf quanto consigo mesmo. Finalmente, sem poder aguentar mais, evadiu para as ruas escuras de Kae.

Como de costume, encaminhou-se para a muralha de Elantris. Buscava a altura, como se erguendo-se sobre as habitações humanas pudesse ter uma perspectiva melhor da vida.

– Umas moedas, senhor? – implorou uma voz.

Hrathen se deteve, surpreso; estava tão distraído que não notara o mendigo esfarrapado aos seus pés. O homem era velho e, provavelmente, não enxergava bem, porque estreitava os olhos tentando ver o gyorn na escuridão. Hrathen franziu o cenho, percebendo pela primeira vez que nunca vira um mendigo em Kae.

Um jovem, vestido com roupas não muito melhores do que as do velho, dobrou a esquina mancando. O rapaz se deteve e empalideceu.

– Para ele não, seu velho tolo! – Sussurrou. Então, para Hrathen, disse rapidamente. – Sinto muito, meu senhor. Meu pai perde o juízo algumas vezes e pensa que é um mendigo. Por favor, nos perdoe. – E fez menção de agarrar o velho pelo braço.

Hrathen ergueu a mão de modo autoritário, e o jovem se deteve, ainda mais pálido do que antes. Hrathen se ajoelhou diante do ancião que sorria com expressão senil.

– Diga-me, velho – o gyorn perguntou. – Por que vejo tão poucos mendigos na cidade?

– O rei proíbe a mendicância na cidade, bom senhor – o homem resmungou. – É um sinal de falta de prosperidade nos ter nas ruas. Se nos encontra, nos manda de volta para as fazendas.

– Você fala demais – o jovem avisou, seu rosto assustado indicando que estava prestes a abandonar o velho e sair correndo.

O mendigo mais velho não tinha terminado.

– Sim, bom senhor, não devemos deixar que nos capturem. Nos escondemos fora da cidade.

– Fora da cidade? – Hrathen pressionou.

– Kae não é a única cidade daqui, sabe? Havia quatro delas, todas ao redor de Elantris, mas as outras secaram. Não havia comida suficiente para tanta gente em uma área tão pequena, disseram. Nos escondemos nas ruínas.

– Há muitos de vocês? – Hrathen perguntou.

– Não, não muitos. Apenas os que tiveram coragem para fugir das fazendas. – Os olhos do velho ganharam o ar sonhador. – Nem sempre fui mendigo, bom senhor. Eu costumava trabalhar em Elantris. Era carpinteiro, um dos melhores. Mas não servia muito para fazendeiro. O rei se equivocou, bom senhor... me mandou para o campo,

mas eu era velho demais para trabalhar lá, então fugi. Vim para cá. Os mercadores da cidade nos dão dinheiro algumas vezes. Mas só podemos mendigar depois que a noite vem, e nunca para a alta nobreza. Não, senhor, eles contariam ao rei.

O ancião apertou os olhos, encarando Hrathen – como se percebesse pela primeira vez por que o rapaz estava tão apreensivo.

– Não se parece muito com um mercador, senhor – disse, hesitante.

– Não sou – Hrathen respondeu, deixando cair uma bolsa de moedas nas mãos do homem. – Isso é para você. – Então deixou cair uma segunda bolsa ao lado da primeira. – Isso é para os outros. Boa noite, velho.

– Obrigado, bom senhor! – o homem exclamou.

– Agradeça a Jaddeth – Hrathen falou.

– Quem é Jaddeth, bom senhor?

Hrathen abaixou a cabeça.

– Logo saberá, velho. De um jeito ou de outro, saberá.

***

A brisa soprava em rajadas fortes no alto da muralha de Elantris e agitava a capa de Hrathen com força. Era um frio vento oceânico, trazendo o cheiro da água salgada e da vida marinha. Hrathen ficou parado entre duas tochas acesas, apoiado contra o parapeito baixo e olhando para Kae.

A cidade não era muito grande, não quando comparada com a imensa massa de Elantris, mas podia ter sido melhor fortificada. O gyorn sentia sua antiga insatisfação regressando. Odiava estar em um lugar que não podia proteger a si mesmo. Talvez isso fosse parte da tensão que aquela missão lhe causava.

As luzes cintilavam por toda Kae, a maior parte delas candeeiros, incluindo a fileira que corria ao longo da muralha baixa que demarcava a fronteira da cidade. A muralha traçava um círculo perfeito – tão perfeito, de fato, que Hrathen teria achado incrível se estivesse em qualquer outra cidade. Aqui, era apenas outro remanescente da glória caída de Elantris. Kae se esparramara para além da muralha interna, mas a antiga fronteira permanecia – um anel de chamas que corria ao redor do centro da cidade.

– Era muito mais bonita antigamente – uma voz disse atrás dele.

Hrathen se virou, surpreso. Ouvira passos se aproximando, mas simplesmente presumira que era um dos guardas fazendo sua ronda. Em vez disso, encontrou um areleno baixinho e careca, com uma túnica cinza simples. Omin, líder da religião korathi em Kae.

Omin se aproximou da borda, parando ao lado de Hrathen e contemplando a cidade.

– É claro que isso era quando os elantrinos ainda governavam. A queda da cidade

foi provavelmente boa para nossas almas. Mesmo assim, não posso deixar de recordar daqueles dias com admiração. Sabia que ninguém em toda Arelon ficava sem comida? Os elantrinos podiam transformar pedras em grãos e terra em carne. Quando lembro disso, fico me perguntando... Demônios poderiam fazer tanto bem a este mundo? Iriam querer fazer isso?

Hrathen não respondeu. Simplesmente ficou parado, apoiado no parapeito com os braços cruzados, o vento agitando seu cabelo. Omin ficou em silêncio.

– Como me encontrou? – Hrathen finalmente perguntou.

– É bem sabido que passa as noites aqui – o sacerdote baixinho explicou. Mal podia apoiar os braços no parapeito. Hrathen considerava Dilaf baixo, mas este homem fazia o arteth parecer um gigante. – Seus apoiadores dizem que vem aqui planejar como derrotar os vis elantrinos – Omin prosseguiu –, e seus oponentes dizem que vem aqui porque se sente culpado por condenar um povo que já foi amaldiçoado.

Hrathen se virou, olhando nos olhos do homenzinho.

– E o que você diz?

– Não digo nada – Omin falou. – Não me interessa por que sobe essas escadas, Hrathen. O que me perguntou, no entanto, é por que prega o ódio contra os elantrinos quando você mesmo simplesmente tem pena deles.

Hrathen não respondeu de imediato, tamborilando com o dedo enluvado contra o parapeito de pedra.

– Não é tão difícil depois que você se acostuma – disse finalmente. – Um homem pode se obrigar a odiar o que desejar, especialmente se estiver convencido de que isso é para um bem maior.

– A opressão de poucos traz a salvação de muitos? – Omin perguntou, um leve sorriso no rosto, como se achasse o conceito ridículo.

– É melhor não zombar, areleno – Hrathen avisou. – Você tem poucas opções, e nós dois sabemos que a menos dolorosa será fazer o que eu faço.

– Professar o ódio quando não sinto nenhum? Nunca farei isso, Hrathen.

– Então você se tornará irrelevante – Hrathen comentou simplesmente.

– É assim que vai ser, então?

– O Shu-Korath é dócil e sem pretensões, sacerdote – Hrathen disse. – O Shu-Dereth é vibrante e dinâmico. Vai varrê-los para longe como uma inundação passando por uma poça de água parada.

Omin sorriu novamente.

– Age como se a verdade fosse algo que dependesse da persistência, Hrathen.

– Não estou falando de verdade ou falsidade; me refiro simplesmente à inevitabilidade física. Vocês não podem resistir contra Fjorden... e onde Fjorden governa, o Shu-Dereth ensina.

– Não se pode separar a verdade das ações, Hrathen – Omin falou balançando a cabeça careca. – Fisicamente inevitável ou não, a verdade se ergue sobre todas as coisas. Independe de quem tem o melhor exército, de quem pode fazer os sermões mais compridos, ou mesmo de quem tem mais sacerdotes. Pode ser empurrada para o fundo, mas sempre voltará à superfície. A verdade é a única coisa que não se pode intimidar.

– E se o Shu-Dereth é a verdade? – Hrathen exigiu saber.

– Então prevalecerá – Omin afirmou. – Mas não vim aqui discutir com você.

– Não? – Hrathen falou, erguendo as sobrancelhas.

– Não – Omin respondeu. – Vim fazer uma pergunta.

– Então pergunte, sacerdote, e deixe-me com meus pensamentos.

– Quero saber o que aconteceu – Omin começou, especulativo. – O que aconteceu, Hrathen? O que aconteceu com sua fé?

– Minha fé? – Hrathen perguntou, surpreso.

– Sim – Omin falou, suas palavras suaves, quase sinuosas. – Você deve ter acreditado em algum momento, ou não teria prosseguido no sacerdócio tempo o suficiente para se tornar gyorn. Mas perdeu a fé em algum ponto. Ouvi seus sermões. Escuto lógica e completo entendimento... sem mencionar determinação. Só não escuto nenhuma fé, e me pergunto o que aconteceu.

Hrathen inspirou lentamente, sibilando e tomando profundamente o ar entre os dentes.

– Vá – ordenou por fim, sem se incomodar em olhar para o sacerdote.

Omin não respondeu, e Hrathen se virou. O areleno já partira, descendo da muralha tranquilamente, como se já tivesse esquecido que Hrathen estava ali.

O gyorn ficou parado na muralha por muito tempo naquela noite.

Raoden avançou um passo após o outro, espreitando devagar ao chegar na esquina. Deveria estar suando – de fato, continuava secando a testa, ainda que o movimento não fizesse nada além de espalhar o negro lodo elantrino por seu rosto. Seus joelhos tremeram levemente quando se encolheu contra a decrépita cerca de madeira, perscrutando ansiosamente o cruzamento, atento ao perigo.

– Sule, atrás de você!

Raoden se virou surpreso com o aviso de Galladon, escorregou nos paralelepípedos cheios de lodo e caiu no chão. A queda o salvou. Enquanto tentava se levantar, Raoden sentiu algo cortando o ar sobre ele. O louco que o atacava uivou de frustração quando errou e acertou a cerca, espalhando pedaços de madeira podre no ar.

Raoden tropeçou tentando ficar em pé. O louco era mais rápido. Careca e quase nu, o homem uivou enquanto abria caminho pelo resto da cerca, rosnando e destroçando a madeira como um cão raivoso.

A tábua de Galladon acertou o homem bem no rosto. Então, enquanto o oponente estava aturdido, o dula agarrou um paralelepípedo e esmagou-o contra o lado da cabeça do homem. O louco caiu e não se levantou.

Galladon se endireitou.

– Estão ficando mais fortes de algum modo, sule – disse, largando o paralelepípedo no chão. – Parecem quase alheios à dor. Kolo?

Raoden assentiu, acalmando os nervos.

– Não capturam um recém-chegado há semanas. Estão ficando desesperados, afundando mais e mais na brutalidade. Ouvi falar de guerreiros que ficam tão enraivecidos durante o combate que ignoram até mesmo ferimentos mortais.

Raoden fez uma pausa, enquanto Galladon cutucava o corpo do atacante com uma vareta, para ter certeza de que não estava fingindo.

– Talvez tenham descoberto o segredo definitivo para acalmar a dor – Raoden disse em voz baixa.

– Tudo o que têm de fazer é renunciar à sua humanidade – Galladon disse, balançando a cabeça enquanto continuava a caminhar pelo que fora o mercado de Elantris. Passaram por pilhas de metal enferrujado e cerâmicas quebradas entalhadas com aons. Antigamente esses pedaços produziam efeitos maravilhosos, sua poderosa magia tinha valor incalculável. Agora, eram pouco mais do que obstáculos que Raoden tinha que evitar para que não se estilhaçassem sob seus pés.

– Devíamos ter trazido Saolin – Galladon disse em voz baixa.

Raoden negou com a cabeça.

– Saolin é um soldado incrível e um bom homem, mas não é discreto. Até eu posso ouvi-lo se aproximar. Além disso, ele teria insistido em trazer um grupo de guardas. Se recusa a acreditar que posso proteger a mim mesmo.

Galladon olhou para o louco caído e depois para Raoden, com um sorriso sardônico.

– Como queira, sule.

Raoden sorriu de leve.

– Tudo bem – admitiu. – Ele poderia ter sido útil. Mesmo assim, seus homens insistiriam em me paparicar. Honestamente, achava ter deixado esse tipo de coisa para trás, no palácio de meu pai.

– Os homens protegem as coisas que julgam importantes – Galladon disse, dando de ombros. – Se é contra isso, não devia ter se tornado tão insubstituível. Kolo?

– De acordo – Raoden disse com um suspiro. – Vamos.

Ficaram em silêncio enquanto continuavam sua incursão. Galladon protestara por horas quando Raoden explicou seu plano de se infiltrar e confrontar Shaor. O dula chamara a ideia de imprudente, sem sentido, perigosa e simplesmente estúpida. Mesmo assim, não estivera disposto a permitir que Raoden fosse sozinho.

Raoden sabia que o plano era provavelmente imprudente, sem sentido e todas as outras coisas que Galladon dissera. Os homens de Shaor os fariam em pedaços sem pensar duas vezes – provavelmente sem pensar nenhuma vez, considerando seu estado mental. Contudo, durante as últimas semanas, eles haviam tentado capturar o jardim mais três vezes. Os guardas de Saolin estavam colecionando mais e mais ferimentos, enquanto os homens de Shaor pareciam ficar mais ferozes e selvagens.

Raoden balançou a cabeça. Ainda que sua tropa estivesse crescendo, a maioria de seus seguidores era fisicamente fraca. Os homens de Shaor, no entanto, eram assustadoramente fortes – e cada um deles era um guerreiro. Sua ira lhes dava força, e os seguidores de Raoden não poderiam resistir por muito mais tempo.

Raoden tinha que encontrar Shaor. Se pudesse falar com o homem, tinha certeza de que conseguiria chegar a um acordo. Dizia-se que Shaor nunca participava das incursões. Todos se referiam ao grupo como "homens de Shaor", mas ninguém se lembrava de ter visto o próprio Shaor. Era bem possível que fosse apenas outro maníaco, indistinguível do resto. Também era possível que tivesse se unido aos hoed há tempos, e que o grupo continuasse sem liderança.

Mesmo assim, algo lhe dizia que Shaor estava vivo. Ou, talvez, Raoden simplesmente quisesse acreditar nisso. Precisava de um adversário que pudesse encarar; os loucos eram muito dispersos para serem eficientemente derrotados, e superavam em muito o total de soldados de Raoden. A menos que Shaor existisse, a menos que Shaor pudesse ser influenciado e a menos que Shaor controlasse seus

homens, o grupo de Raoden teria sérios problemas.

– Estamos perto agora – Galladon sussurrou quando se aproximaram de uma última rua. Havia movimento de um lado, e esperaram apreensivos até que pareceu passar.

– O banco – Galladon disse, acenando com a cabeça para uma grande estrutura do outro lado da rua. Era grande e quadrada, suas paredes mais escuras do que o lodo normal. – Os elantrinos mantinham o lugar para que os mercadores locais guardassem suas riquezas. Um banco dentro de Elantris era visto como mais seguro do que um em Kae.

Raoden assentiu. Alguns mercadores, como seu pai, não confiavam nos elantrinos. A insistência deles em estocar suas fortunas fora da cidade se provara sábia com o tempo.

– Acha que Shaor está ali? – perguntou.

Galladon deu de ombros.

– Se eu fosse escolher uma base, seria aqui. Grande, defensível, imponente. Perfeita para um senhor da guerra.

Raoden assentiu.

– Vamos, então.

O banco estava definitivamente ocupado. O lodo ao redor da porta da frente estava espalhado pela passagem frequente de pés, e podiam ouvir vozes vindas da parte posterior da estrutura. Galladon olhou para Raoden, inquisitivo, e Raoden assentiu. Entraram.

O interior estava tão sujo quanto o exterior – fétido e rançoso até mesmo para a caída Elantris. A porta abobadada – um grande círculo marcado com um grosso Aon Edo – estava aberta, e vozes vinham de dentro. Raoden inspirou profundamente, pronto para confrontar o último dos líderes das gangues.

– Tragam-me comida! – gemeu uma voz aguda.

Raoden se deteve. Esticou o pescoço para o lado, espiando pela abóbada, e logo retrocedeu, surpreso. No fundo da câmara, sentada em cima do que pareciam barras de ouro, estava uma jovem garota com um vestido rosa antigo e limpo. Tinha longos cabelos loiros aônicos, mas sua pele era negra e cinza como a de qualquer outro elantrino. Oito homens cobertos de farrapos se ajoelhavam diante dela, os braços estendidos em um gesto de adoração.

– Tragam-me comida – a garota repetiu com voz imperiosa.

– Bem, que me decapitem e que nos vejamos novamente em Doloken – Galladon praguejou atrás de Raoden. – O que é isso?

– Shaor – Raoden disse, assombrado. Então seus olhos se focaram novamente, e ele percebeu que a garota o encarava.

– Matem-nos! – Shaor gritou.

– Idos Domi! – Raoden exclamou, dando meia-volta e correndo pela porta.

***

– Se você já não estivesse morto, sule, eu o mataria – Galladon disse.

Raoden assentiu, apoiando-se esgotado contra uma parede. Estava ficando cada vez mais fraco. Galladon avisara que isso aconteceria – os músculos de um elantrino se atrofiavam mais ao final do primeiro mês. Exercícios não podiam impedir. Ainda que a mente funcionasse e a carne não se deteriorasse, o corpo estava convencido de que estava morto.

Os velhos truques eram os que mais davam certo – depois de um tempo despistaram os homens de Shaor escalando uma parede caída e se escondendo em um telhado. Os loucos podiam agir como cães de caça, mas certamente não tinham adquirido o faro de um cachorro. Passaram pelo esconderijo de Raoden e Galladon meia dúzia de vezes, e nunca pensaram em olhar para cima. Os homens eram impetuosos, mas não eram muito inteligentes.

– Shaor é uma garotinha – Raoden disse, ainda chocado.

Galladon deu de ombros.

– Tampouco entendo, sule.

– Ah, eu entendo, só não consigo acreditar nisso. Não os viu se ajoelhando diante dela? Aquela garota, Shaor, é o Deus deles, um ídolo vivo. Retrocederam até um modo de vida mais primitivo e adotaram uma religião primitiva também.

– Tome cuidado, sule – Galladon avisou – muitas pessoas chamam Jesker de religião "primitiva".

– Tudo bem – Raoden disse, gesticulando para que se movessem novamente. – Talvez eu devesse dizer "simplista". Encontraram algo extraordinário, uma criança de longos cabelos loiros, e decidiram que era digna de adoração. Colocaram-na em um altar, e ela lhes faz exigências. A garota quer comida, e eles a conseguem para ela. Então, supostamente, ela os abençoa.

– E aquele cabelo?

– É uma peruca – Raoden disse. – Eu a reconheci. Era filha de um dos duques mais ricos de Arelon. Nunca teve cabelo, então seu pai mandou fazer uma peruca para ela. Acho que os sacerdotes não pensaram em tirar antes de jogá-la aqui dentro.

– Quando foi tomada pela Shaod?

– Há mais de dois anos – Raoden contou. – Seu pai, o duque Telrii, tentou manter o assunto em segredo. Sempre afirmou que ela morreu de dionia, mas havia muitos rumores.

– Aparentemente, todos verdadeiros.

– Aparentemente – Raoden disse, confirmando com a cabeça. – Só a encontrei algumas vezes. Não consigo nem me lembrar de seu nome. Era baseado no Aon Soi,

Soine ou algo assim..., só me lembro de que era a criança mais malcriada e insuportável que já conheci.

– Provavelmente seja uma deusa perfeita, então – Galladon disse, com uma careta sarcástica.

– Bem, você estava certo sobre uma coisa – Raoden comentou. – Conversar com Shaor não vai funcionar. Ela era irracional do lado de fora; provavelmente está dez vezes pior agora. Tudo o que sabe é que tem muita fome, e que esses homens lhe trazem comida.

– Boa tarde, meu senhor – disse um sentinela quando dobraram uma esquina e se aproximaram da área segura de Elantris, ou Nova Elantris, como as pessoas começavam a chamá-la. O sentinela, um jovem corpulento chamado Dion, ficou em posição de sentido quando Raoden se aproximou, segurando a lança improvisada com firmeza. – O capitão Saolin estava muito preocupado com seu desaparecimento.

Raoden assentiu.

– Me desculparei com ele, Dion.

Raoden e Galladon tiraram os sapatos e os colocaram junto à parede, perto de vários outros pares sujos, então calçaram os limpos que haviam deixado ali antes. Também havia um balde de água que usaram para lavar o máximo de lodo que conseguiram. A roupa deles continuava suja, mas não havia o que fazer; tecidos eram muito escassos, apesar da várias buscas que Raoden organizara.

Era surpreendente o tanto de coisas que haviam encontrado. Era verdade que a maioria estava enferrujada ou podre, mas Elantris era enorme. Com um pouco de organização – e alguma motivação – haviam descoberto um grande número de itens úteis, desde ponta de lanças até móveis que podiam sustentar peso.

Com a ajuda de Saolin, Raoden escolhera uma zona parcialmente defensável da cidade para ser Nova Elantris. Apenas onze ruas desembocavam nessa área, e havia até mesmo uma pequena muralha – cujo propósito original era um mistério – que cobria quase a metade do perímetro. Raoden colocara sentinelas na entrada de cada rua para vigiar a aproximação de saqueadores.

O sistema impedia que fossem pegos de surpresa. Felizmente, os homens de Shaor tendiam a atacar em pequenos grupos. Enquanto os guardas de Raoden fossem avisados a tempo, podiam se reunir e derrotar qualquer grupo. Mas, se algum dia Shaor organizasse um ataque maior, em várias frentes, o resultado seria desastroso. O grupo de mulheres, crianças e debilitados de Raoden não podia enfrentar aquelas criaturas ferozes. Saolin começara a ensinar técnicas simples de combate para os que fossem capazes de aprender, mas podia usar apenas os métodos de treinamento mais elementares e seguros, ou as feridas produzidas enquanto aprendiam seriam mais perigosas do que os ataques de Shaor.

As pessoas, no entanto, não esperavam que a luta chegasse tão longe. Raoden

sabia o que diziam a respeito dele. Tinham certeza de que "lorde Espírito" encontraria algum meio de trazer Shaor para o lado deles, assim como fizera com Aanden e Karata.

Raoden começou a se sentir mal enquanto seguia para a capela. As dores acumuladas de várias dezenas de hematomas e cortes de repente o atingiram com pressão sufocante. Era como se seu corpo estivesse rodeado de fogo ardente – sua carne, ossos e alma consumidos pelo calor.

– Falhei com eles – disse em voz baixa.

Galladon negou com a cabeça.

– Nem sempre conseguimos o que queremos na primeira tentativa. Kolo? Você encontrará um jeito... eu nunca imaginaria que chegaria tão longe.

Fui sortudo. Um louco sortudo, Raoden pensou enquanto a dor o golpeava.

– Sule? – Galladon perguntou, olhando Raoden com súbita preocupação. – Está tudo bem?

Preciso ser forte. Eles precisam que eu seja forte. Com um gemido interno de desafio, Raoden atravessou a névoa de agonia e conseguiu dar um sorriso fraco.

– Estou bem.

– Nunca vi você desse jeito, sule.

Raoden balançou a cabeça, apoiando-se contra a parede de pedra de um edifício próximo.

– Ficarei bem, estava só me perguntando o que vamos fazer com Shaor. Não podemos argumentar com ela, e não podemos derrotar seus homens pela força...

– Você pensará em algo – Galladon assegurou, seu pessimismo habitual superado por um óbvio desejo de encorajar seu amigo.

Ou morreremos todos, Raoden pensou, as mãos tensas enquanto agarrava a esquina da parede. *Desta vez, de verdade.*

Com um suspiro, Raoden se afastou da parede, a pedra se soltou sob seus dedos. Ele se virou e olhou surpreso. Kahar limpara a parede recentemente, e seu mármore branco brilhava ao sol – exceto onde os dedos de Raoden a desgastara.

– Mais forte do que pensava? – Galladon perguntou, dando uma risadinha.

Raoden ergueu as sobrancelhas, passando a mão na pedra quebrada. Ela se soltou.

– Esta pedra está tão mole quanto pedra pomes!

– Elantris – Galladon disse. – As coisas apodrecem rapidamente aqui.

– Sim. Mas mármore?

– Tudo. As pessoas também.

Raoden bateu no pedaço de pedra quebrado com outra rocha; pequenos cascalhos caíram em cascata até o chão com o impacto.

– Está tudo conectado de alguma maneira, Galladon. O dôr está ligado a Elantris, assim como está ligado a Arelon.

– Mas por que o dôr faria isso, sule? – Galladon perguntou, balançando a cabeça. – Por que destruir a cidade?

– Talvez não seja o dôr – Raoden falou. – Talvez seja a súbita *ausência* do dôr. A mágica, o dôr, era parte desta cidade. Cada pedra resplandecia com luz própria. Quando esse poder foi retirado, a cidade ficou oca. Como uma concha descartada de um pequeno crustáceo que ficou grande demais para sua pele. As pedras estão vazias.

– Como uma pedra pode ficar vazia? – Galladon perguntou, cético.

Raoden arrancou outro pedaço de mármore, esmagando-o entre os dedos.

– Assim, meu amigo. A rocha passou tanto tempo infundida pelo dôr que ficou irreparavelmente enfraquecida pelo Reod. Esta cidade é, na verdade, um cadáver, seu espírito fugiu.

A discussão foi interrompida pela aproximação de um exausto Mareshe.

– Meu senhor Espírito! – disse, com urgência.

– O que foi? – Raoden perguntou apreensivo. – Outro ataque?

Mareshe negou com a cabeça, os olhos confusos.

– Não. Algo diferente, meu senhor. Não sabemos o que fazer. Estamos sendo invadidos.

– Por quem?

Mareshe deu um meio sorriso e encolheu os ombros.

– Achamos que é uma princesa.

***

Raoden estava agachado no telhado, com Galladon ao seu lado. O edifício fora transformado em uma área de observação para vigiar os portões e os recém-chegados. Daquele lugar podia ver o que estava acontecendo no pátio.

Uma multidão se reunia no topo das muralhas da cidade de Elantris. Os portões estavam abertos. Esse fato já era surpreendente o bastante; em geral, depois que os recém-chegados eram jogados para dentro, os portões eram imediatamente fechados, como se os guardas tivessem medo de deixá-los abertos nem que fosse por um momento.

No entanto, diante dos portões escancarados havia algo que causava ainda mais perplexidade. Uma grande carroça puxada por cavalos no meio do pátio, com um grupo de homens bem vestidos amontoados ao redor. Apenas uma pessoa parecia não ter medo do que havia diante de si – uma mulher alta com longos cabelos loiros. Usava um vestido marrom liso, com um lenço negro amarrado ao redor do braço direito, e estava parada com o braço erguido no pescoço de um dos cavalos, tranquilizando o nervoso animal. Seu rosto afilado tinha um par de olhos inteligentes, e ela observava o pátio sujo e coberto de lodo com expressão calculadora.

Raoden soltou a respiração.

– Eu só a havia visto através do seon – murmurou. – Não tinha percebido que era tão bonita.

– Você a reconhece, sule? – Galladon perguntou, surpreso

– Eu... acho que sou casado com ela. Só pode ser Sarene, a filha do rei Eventeo de Teod.

– O que ela está fazendo aqui? – Galladon perguntou.

– Mais importante ainda – Raoden disse – o que está fazendo aqui com uma dúzia dos nobres mais influentes de Arelon? O homem mais velho ao fundo é o duque Roial, alguns dizem que é o segundo mais poderoso do reino.

Galladon assentiu.

– E suponho que o jovem jindonês seja Shuden, o barão da Colônia Kaa?

Raoden sorriu.

– Pensei que fosse um simples fazendeiro.

– A rota das caravanas de Shuden passa diretamente pelo centro de Duladel, sule. Não há um dula vivo que não saiba seu nome.

– Ah – Raoden disse. – Os condes Ahan e Eondel estão ali também. O que, em nome de Domi, esta mulher está planejando?

Como se respondesse à pergunta de Raoden, a princesa Sarene terminou de contemplar Elantris. Virou-se e caminhou até a parte de trás da carroça, abrindo caminho entre os apreensivos nobres com um aceno de mão intolerante. Então tirou a lona que cobria a carroça e revelou seu conteúdo.

A carroça estava cheia de comida.

– Idos Domi! – Raoden praguejou. – Galladon, estamos com problemas.

Galladon olhou para ele com o cenho franzido. Havia fome em seus olhos.

– Por Doloken, que bobagem está falando, sule? Aquilo é comida, e minha intuição me diz que ela vai nos dar. O que pode ter de errado nisso?

– Ela deve estar fazendo sua Prova de Viuvez – Raoden falou. – Apenas uma estrangeira pensaria em entrar em Elantris.

– Sule – Galladon disse, insistente – me diga o que está pensando.

– É um mal momento, Galladon – Raoden explicou. – Nosso povo está só começando a ter uma sensação de independência; começam a se concentrar no futuro e esquecer a dor. Se alguém lhes der comida agora, vão se esquecer de todo o resto. Por algum tempo estarão alimentados, mas a Prova de Viuvez dura apenas algumas semanas. Depois disso, voltarão à dor, à fome e à autopiedade. Minha princesa poderia destruir tudo o que estamos trabalhando.

– Você tem razão – Galladon percebeu. – Quase tinha me esquecido de quão faminto estou até ver aquela comida.

Raoden gemeu.

– O que foi?

– O que vai acontecer quando Shaor souber disso? Os homens dela atacarão essa carroça como uma matilha de lobos. É impossível saber o dano que causaria se um deles matasse um conde ou um barão. Meu pai só tolera Elantris porque não tem que pensar nela. Se um elantrino matar um de seus nobres, no entanto, ele bem que poderia decidir exterminar todos nós.

As pessoas começavam a aparecer nas ruelas que circundavam o pátio. Nenhum parecia ser homem de Shaor; eram as formas cansadas e miseráveis daqueles elantrinos que ainda viviam por conta própria, vagando pela cidade como sombras. Mais e mais deles haviam se juntado a Raoden – mas agora, com comida grátis disponível, ele nunca conseguiria o restante. Continuariam sem pensamento ou propósito, perdidos em sua dor e danação.

– Ah, minha bela princesa – Raoden sussurrou. – Provavelmente suas intenções são boas, mas dar comida para essa gente é a pior coisa que poderia fazer.

***

Mareshe esperava no pé da escada.

– Vocês a viram? – perguntou, ansioso.

– Vimos – Raoden confirmou.

– O que ela quer?

Antes que Raoden pudesse responder, uma voz firme e feminina chamou do pátio.

– Quero falar com os tiranos desta cidade, aqueles que se chamam Aanden, Karata e Shaor. Apresentem-se diante de mim.

– Onde? – Raoden perguntou surpreso.

– Incrivelmente bem informada, não é? – Mareshe notou.

– Um pouco ultrapassada, no entanto – Galladon acrescentou.

Raoden apertou os dentes, pensando rapidamente.

– Mareshe, envie um mensageiro para Karata. Diga para ela nos encontrar na Universidade.

– Sim, meu senhor – o homem disse, acenando para um mensageiro.

– Ah – Raoden disse – e que Saolin traga metade de seus soldados e nos encontre aqui. Ele precisa ficar de olho nos homens de Shaor.

– Posso eu mesmo ir chamá-lo, se meu senhor quiser. – Mareshe se ofereceu, sempre atento a qualquer oportunidade de impressionar.

– Não – Raoden falou. – Você vai fingir que é Aanden.

Eondel e Shuden insistiram em acompanhá-la. Eondel mantinha uma mão na espada – costumava levar a arma consigo, independente do que o decoro areleno dizia sobre isso – e observava tanto o guia quanto o séquito de guardas da cidade de Elantris com a mesma desconfiança. Por seu lado, os guardas faziam um bom trabalho tentando parecer tranquilos, como se entrar em Elantris fosse algo que acontecesse todos os dias. Mas Sarene podia sentir a ansiedade deles.

Todo mundo objetara no início. Era impensável que ela se deixasse atrair até as entranhas de Elantris para se encontrar com os déspotas locais. Sarene, no entanto, estava determinada a mostrar que a cidade era inofensiva. Não podia reclamar de percorrer um breve trajeto pelo interior da cidade se queria persuadir os outros nobres a entrarem pelos portões.

– Estamos quase lá – o guia disse. Era um homem alto, quase da mesma altura de Sarene descalça. A parte cinza de sua pele era um pouco mais clara do que a dos outros elantrinos que vira, mas ela não sabia se isso significava que ele tinha pele mais clara antes ou se simplesmente era elantrino há menos tempo que os demais. Tinha um rosto oval que deveria ter sido bonito antes que a Shaod o destruísse. Não era um criado; caminhava com passos orgulhosos demais. Sarene imaginava que, ainda que atuasse como um simples mensageiro, era um dos homens de confiança de um dos chefes das gangues de Elantris.

– Qual é seu nome? – ela perguntou, com o cuidado de manter o tom de voz neutro. Ele pertencia a um dos três grupos que, segundo as fontes de Ashe, governavam a cidade como senhores da guerra e escravizavam aqueles que eram jogados lá dentro.

O homem não respondeu imediatamente.

– Me chamam Espírito – disse depois de um tempo.

Um nome adequado, Sarene pensou, *para este homem que é quase um fantasma do que deve ter sido*.

Aproximaram-se de um grande edifício que, segundo o homem chamado Espírito, costumava ser a universidade de Elantris. Sarene observou o lugar com olho crítico. Estava coberto com o mesmo lodo estranho, marrom-esverdeado, que se espalhava pelo resto da cidade, e ainda que a estrutura devesse ter sido grandiosa em algum momento, agora era apenas outra ruína. Sarene hesitou quando seu guia entrou no edifício. Pelos cálculos dela, o andar superior corria o sério risco de cair.

Olhou para Eondel. O homem mais velho parecia apreensivo, coçando o queixo, pensativo. Então deu de ombros e assentiu para ela. *Já que chegamos tão longe...*,

parecia dizer.

Então, tentando não pensar no teto prestes a despencar, Sarene conduziu amigos e soldados para dentro da estrutura. Felizmente, não tiveram que ir muito longe. Um grupo de elantrinos esperava no fundo da primeira sala, seus rostos de pele escura visíveis sob a luz tênue. Dois deles estavam sobre o que parecia ser os escombros de uma mesa caída, erguendo as cabeças alguns centímetros acima dos demais.

– Aanden? – Sarene perguntou.

– E Karata – respondeu a segunda forma, aparentemente uma mulher, ainda que sua cabeça calva e rosto enrugado fossem quase indistinguíveis dos do homem. – O que querem de nós?

– Eu pensava que eram inimigos – Sarene disse, desconfiada.

– Recentemente percebemos os benefícios de uma aliança – Aanden falou. Era um homem baixo, com olhos cautelosos, seu rosto pequeno e encolhido como o de um roedor. Sua pomposa atitude de superioridade era o que Sarene esperava.

– E o homem conhecido como Shaor? – Sarene perguntou.

Karata sorriu.

– Um dos já mencionados benefícios.

– Morto?

Aanden assentiu.

– Governamos Elantris agora, princesa. O que quer?

Sarene não respondeu imediatamente. Estivera planejando jogar os três líderes das gangues uns contra os outros. Teria que se apresentar de modo distinto para um inimigo unificado.

– Quero subornar vocês – disse claramente.

A mulher levantou a sobrancelha com interesse, mas o homenzinho bufou.

– Que necessidade temos de seus subornos, mulher?

Sarene jogara esse jogo muitas vezes; Aanden usava a fachada desinteressada de quem não está acostumado à política séria. Conhecera homens como ele dezenas de vezes enquanto servia no corpo diplomático de seu pai – e estava muito cansada deles.

– Olhem – Sarene disse – sejamos francos. Vocês claramente não são bons nisso, então estender as negociações seria uma perda de tempo. Quero trazer comida para o povo de Elantris, e vocês vão resistir porque acham que isso enfraquecerá seu poder sobre eles. Agora mesmo estão provavelmente tentando imaginar como controlar quem se beneficiará com minhas oferendas e quem não.

O homem se contorceu, desconfortável, e Sarene sorriu.

– É por isso que vou subornar vocês. O que querem para que o povo venha e receba comida grátis?

Aanden vacilou, claramente inseguro de como proceder. A mulher, no entanto,

falou com firmeza.

– Tem um escriba para anotar nossas demandas?

– Tenho – Sarene disse, gesticulando para Shuden pegar papel e caneta-tinteiro.

A lista era extensa – até mais comprida do que Sarene esperava – e incluía muitos itens estranhos. Supusera que pediriam armas, talvez até ouro. As exigências de Karata, no entanto, começaram com tecido, depois diversos tipos de grãos, algumas lâminas de metal, quantidades de madeira, palha e, por fim, óleo. A mensagem era clara: governar Elantris não dependia de força ou riqueza, mas de controlar as necessidades básicas.

Sarene concordou com as exigências secamente. Se tivesse negociado apenas com Aanden, poderia barganhar por menos, mas essa Karata era uma mulher direta e implacável – o tipo que não tinha muita paciência para regatear.

– Isso é tudo? – Sarene perguntou enquanto Shuden anotava o último pedido.

– Isso servirá para os primeiros dias – Karata disse.

Sarene estreitou os olhos.

– Muito bem. Mas tenho uma regra que devem seguir. Não podem proibir ninguém de se aproximar do pátio. Governem como déspotas se desejarem, mas pelo menos deixem as pessoas sofrerem de barriga cheia.

– Tem minha palavra – Karata disse. – Não impedirei ninguém.

Sarene assentiu, indicando que a reunião estava terminada. Karata chamou um guia para que os levasse de volta aos portões – não era Espírito, dessa vez. Ele ficou e se aproximou dos tiranos da cidade enquanto Sarene deixava o edifício.

***

– Foi bom o bastante, meu senhor? – Mareshe perguntou, ansioso.

– Mareshe, foi perfeito – Raoden respondeu, observando satisfeito a princesa se retirar.

Mareshe sorriu modesto.

– Bem, meu senhor, fiz o melhor possível. Não tenho muita experiência em atuar, mas acho que interpretei um líder decidido e intimidador.

Raoden olhou Karata nos olhos. A rude mulher fazia de tudo para não rir. O pomposo artesão estivera perfeito – nem decidido, nem intimidador. As pessoas de fora de Elantris viam a cidade como um reino sem lei, governado por duros déspotas ladrões. Juntos, Mareshe e Karata haviam representado exatamente o que a princesa e seus acompanhantes esperavam ver.

– Ela suspeitou de alguma coisa, sule – Galladon observou, saindo das sombras na lateral da sala.

– Sim, mas não sabe do quê – Raoden disse. – Deixe-a suspeitar que “Aanden” e Karata estão brincando com ela; isso não fará mal.

Galladon balançou a cabeça levemente, sua careca brilhou sob a luz tênue.

– Qual o sentido disso? Por que não levá-la até a capela e deixá-la ver o que realmente somos?

– Eu gostaria, Galladon – Raoden afirmou. – Mas não podemos nos permitir revelar nosso segredo. O povo de Arelon tolera Elantris porque os elantrinos inspiram piedade. Se descobrirem que estamos estabelecendo uma sociedade civilizada, seus medos virão à tona. Uma massa de miseráveis gemendo é uma coisa, uma legião de monstruosidades imortais é outra.

Karata assentiu, sem dizer nada. Galladon, o eterno cético, simplesmente balançou a cabeça – como se estivesse inseguro sobre o que pensar.

– Bem, com certeza ela é determinada. Kolo? – ele finalmente perguntou, se referindo a Sarene.

– Realmente determinada – Raoden concordou. Então, divertido, prosseguiu: – E não acho que gosta muito de mim.

– Ela acha que você é o lacaio de um tirano – Karata lembrou. – Se supõe que deveria gostar de você?

– É verdade – Raoden disse. – Contudo, acho que devemos acrescentar uma cláusula em nosso acordo que diga que posso assistir a todas as distribuições dela. Quero ficar de olho em nossa caridosa princesa, ela não me parece o tipo que faz alguma coisa sem vários motivos, e me pergunto o que a levou a fazer sua Prova aqui em Elantris.

***

– Isso foi bem – Eondel falou, observando o guia deles voltar para Elantris.

– Você escapou com facilidade – Shuden concordou. – As coisas que pediram podem ser obtidas sem muitos gastos.

Sarene assentiu levemente, passando os dedos pela lateral de madeira da carroça.

– Odeio lidar com pessoas como essas.

– Talvez os julgue muito severamente – Shuden disse. – Parecem menos com tiranos e mais com pessoas tentando conseguir o melhor de uma vida muito difícil.

Sarene negou com a cabeça.

– Devia ouvir algumas das histórias que Ashe me contou, Shuden. Os guardas dizem que, quando novos elantrinos são jogados na cidade, as gangues caem sobre eles como tubarões. Os poucos recursos que entram vão para os líderes das gangues, e eles mantém o resto do povo em um estado próximo da inanição.

Shuden ergueu uma sobrancelha, olhando para os guardas da cidade de Elantris, a fonte de informação de Sarene. O grupo se apoiava preguiçosamente em suas lanças, observando com desinteresse enquanto os nobres começavam a descarregar a carroça.

– Tudo bem – Sarene admitiu, subindo na carroça e entregando para Shuden uma caixa de hortaliças. – Talvez não sejam a fonte mais digna de confiança, mas temos a prova diante de nós – Gesticulou com o braço na direção das formas decrépitas que se agrupavam nas ruas laterais. – Olhe para seus olhos vazios e passos apreensivos. São pessoas que vivem amedrontadas, Shuden. Já vi isso antes, em Fjorden, Hrovell e meia dúzia de outros lugares. Sei como um povo oprimido se parece.

– Tudo bem – Shuden admitiu, aceitando a caixa que Sarene lhe entregava – mas os "líderes" não parecem muito melhores para mim. Talvez não sejam opressores, mas igualmente oprimidos.

– Talvez – Sarene disse.

– Minha senhora – Eondel protestou quando Sarene ergueu outra caixa e a deu para Shuden – gostaria que descesse daí e nos deixasse fazer isso. Não é adequado.

– Ficarei bem, Eondel – Sarene disse, entregando-lhe uma caixa. – Há um motivo pelo qual não trouxe nenhum criado, quero que todos nós participemos. Isso o inclui, meu senhor – Sarene acrescentou, acenando para Ahan, que encontrara um lugar perto dos portões para descansar na sombra.

Ahan suspirou, se levantou e saiu bamboleando para a luz do sol. O dia estava notavelmente quente para o início da primavera, e o sol ardia sobre as cabeças deles – se bem que nem mesmo aquele calor conseguia secar o viscoso lodo onipresente de Elantris.

– Espero que aprecie meu sacrifício, Sarene – o gordo Ahan exclamou. – Este lodo vai arruinar completamente minha capa.

– É bem feito – Sarene disse, entregando-lhe uma caixa de batatas cozidas. – Eu lhe disse para usar algo que não fosse caro.

– Não *tenho* nada que não seja caro, minha querida – Ahan disse, aceitando a caixa com um olhar carrancudo.

– Vai me dizer que realmente gastou dinheiro por aquela túnica que usou no casamento de Neoden? – Roial perguntou com uma gargalhada. – Nem sabia que aquele tom de laranja existia, Ahan.

O conde fez uma careta, arrastando sua caixa para a frente da carroça. Sarene não entregou nenhuma caixa para Roial, nem ele se aproximou para pegá-las. Há alguns dias fora muito comentado na corte o fato de que o duque estava mancando. Rumores afirmavam que caíra uma manhã, ao descer da cama. A atitude vivaz de Roial algumas vezes tornava difícil lembrar que ele era, de fato, um homem muito velho.

Sarene começou a pegar ritmo, entregando as caixas conforme as mãos apareciam para pegá-las – e, por isso, não percebeu de cara que uma nova figura se juntara às demais. Quando faltavam apenas algumas caixas, levantou a cabeça e viu o homem

que aceitava a carga. Quase deixou-a cair, surpresa por reconhecer seu rosto.

– Você! – disse com espanto.

O elantrino conhecido como Espírito sorriu, pegando a caixa de seus dedos aturdidos.

– Estava me perguntando quanto tempo levaria até que percebesse que eu estava aqui.

– Há quanto tempo...

– Ah, cerca de dez minutos – ele respondeu. – Cheguei logo depois que começou a descarregar.

Espírito levou a caixa embora, empilhando-a com as outras. Sarene ficou parada em cima da carroça, em muda estupefação – devia ter confundido suas mãos escuras com as mãos marrons de Shuden.

Alguém limpou a garganta diante dela, e Sarene percebeu sobressaltada que Eondel estava esperando uma caixa. Apressou-se em agir.

– Por que *ele* está aqui? – quis saber, enquanto colocava uma caixa nos braços de Eondel.

– Ele afirma que seu mestre ordenou que observasse a distribuição. Aparentemente, Aanden confia em você tanto quanto confia nele.

Sarene entregou as duas últimas caixas e saltou para fora da carroça. Atingiu os paralelepípedos no ângulo errado, no entanto, e escorregou no lodo. Caiu de costas, agitando os braços e gritando.

Felizmente, um par de mãos a segurou e a colocou em pé.

– Tome cuidado – Espírito avisou. – Caminhar por Elantris exige um pouco de costume.

Sarene se livrou das mãos que a seguravam.

– Obrigada – murmurou, com voz muito pouco principesca.

Espírito ergueu uma sobrancelha, então se juntou aos senhores arelenos. Sarene suspirou, esfregando o cotovelo, por onde Espírito a segurara. Algo no toque dele parecia estranhamente terno. Sacudiu a cabeça para expulsar tais imaginações. Coisas mais importantes exigiam sua atenção. Os elantrinos não estavam se aproximando.

Havia mais deles agora, talvez cinquenta, agrupados hesitantes e assustados como pássaros nas sombras. Alguns eram claramente crianças, mas a maioria tinha a mesma idade indefinida; a enrugada pele elantrina fazia com que todos parecessem tão velhos quanto Roial. Ninguém chegou perto da comida.

– Por que não vêm? – Sarene perguntou, confusa.

– Estão assustados – Espírito falou. – E descrentes. Esse tanto de comida deve parecer uma ilusão, uma peça diabólica que as mentes deles já lhes pregaram centenas de vezes – Falava em voz baixa, até mesmo compassiva. Suas palavras não

eram as de um senhor da guerra despótico.

Espírito pegou um nabo de uma das caixas. Segurou-o ligeiramente, encarando como se ele mesmo estivesse incerto de sua realidade. Havia voracidade em seus olhos – a fome de um homem que não vê uma boa refeição há semanas. De repente, Sarene percebeu que este homem estava tão faminto quanto o restante deles, apesar de sua posição privilegiada. E havia pacientemente ajudado a descarregar dezenas de caixas cheias de comida.

Espírito finalmente ergueu o nabo e deu uma mordida. O vegetal foi triturado em sua boca, e Sarene podia imaginar o gosto: cru e amargo. Mesmo assim, refletia nos olhos dele como se fosse um banquete.

O fato de Espírito aceitar o alimento pareceu servir de aprovação para os demais, pois uma massa de pessoas começou a avançar. Os guardas da cidade de Elantris finalmente se animaram, e rapidamente rodearam Sarene e os demais, suas longas lanças apontavam ameaçadoramente.

– Deixem um espaço, aqui, antes das caixas – Sarene ordenou.

Os Guardas se dividiram, permitindo que os elantrinos se aproximassem em grupos pequenos. Sarene e os lordes ficaram parados atrás das caixas, distribuindo comida para os exaustos suplicantes. Até Ahan parou de reclamar e começou a trabalhar, repartindo a comida em solene silêncio. Sarene o viu dar uma bolsa para o que devia ser uma garotinha, embora sua cabeça fosse careca e seus lábios, enrugados. A garota sorriu com inocência incongruente, então saiu em disparada. Ahan parou por um momento antes de continuar sua tarefa.

Está funcionando, Sarene pensou, aliviada. Se aquilo podia tocar Ahan, seria capaz de fazer o mesmo com o resto do país.

Enquanto trabalhava, Sarene notou o homem chamado Espírito parado atrás da multidão. Ele coçava o queixo pensativamente, enquanto a observava. Parecia preocupado. Mas por quê? O que tinha para se preocupar? Foi então, ao olhar nos olhos dele, que Sarene soube a verdade. Aquele homem não era nenhum lacaio. Era o líder e, por algum motivo, sentia a necessidade de esconder esse fato dela.

Então Sarene fez o que sempre fazia quando percebia que alguém estava ocultando coisas dela. Tentou descobrir o que havia ali.

***

– Há algo nele, Ashe – Sarene disse, parada do lado de fora do palácio e observando a carroça de comida vazia ser levada. Era difícil acreditar que, apesar de todo o trabalho daquela tarde, haviam distribuído apenas três refeições. Tudo teria desaparecido até o meio-dia do dia seguinte – se é que já não sumira.

– Quem, minha senhora? – Ashe perguntou. Ele observara a distribuição de comida do alto da muralha, perto de onde Iadon ficara. Queria acompanhá-la, é

claro, mas ela o proibira. O seon era sua principal fonte de informação sobre Elantris e seus líderes, e não queria tornar óbvia a conexão entre eles.

– O guia – Sarene explicou, dando meia-volta e caminhando pela ampla entrada coberta de tapeçarias do palácio real. Iadon gostava demais de tapeçarias para o gosto dela.

– O homem chamado Espírito?

Sarene assentiu.

– Fingiu ser seguidor das ordens de outros, mas não era nenhum criado. Aanden não parava de olhar para ele durante as negociações, como se procurasse confirmação. É possível que tenhamos os nomes dos líderes errados?

– É possível, minha senhora – Ashe admitiu. – Contudo, os elantrinos com quem falei pareciam muito seguros. Karata, Aanden e Shaor eram os nomes que ouvi pelo menos uma dúzia de vezes. Ninguém mencionou um homem chamado Espírito.

– Falou com essa gente recentemente?

– Na verdade, concentrei meus esforços nos guardas – Ashe disse, flutuando para o lado quando um mensageiro passou correndo por ele. As pessoas tinham a tendência de ignorar os seons com um nível de indiferença que teria sido ofensivo para qualquer ajudante humano. Ashe aceitava sem reclamar, sem sequer interromper seu diálogo.

– Os elantrinos estavam hesitantes em dar qualquer coisa além de nomes, minha senhora. Os guardas, no entanto, eram muito livres com suas opiniões. Têm muito pouco o que fazer o dia todo além de observar a cidade. Juntei as observações deles aos nomes que reuni, e produzi o que lhe contei.

Sarene parou um momento, apoiando-se contra uma coluna de mármore.

– Ele está escondendo alguma coisa.

– Ah, céus – Ashe murmurou. – Minha senhora, não acha que pode estar exagerando? Decidiu enfrentar o gyorn, libertar as mulheres da corte da opressão masculina, salvar a economia de Arelon e alimentar Elantris. Talvez devesse deixar o subterfúgio desse homem inexplorado.

– Tem razão – Sarene concordou. – Estou muito ocupada para lidar com Espírito. Por isso *você* vai descobrir o que ele pretende.

Ashe suspirou.

– Volte para a cidade – Sarene disse. – Não terá que ir muito para dentro. Muitos elantrinos ficam perto dos portões. Pergunte sobre Espírito e veja se consegue descobrir algo sobre o tratado entre Karata e Aanden.

– Sim, minha senhora.

– Me pergunto se teremos julgado Elantris mal.

– Não sei, minha senhora – Ashe disse. – É um lugar muito bárbaro. Testemunhei várias atrocidades eu mesmo, e vi os resultados de muitas outras. Todos na cidade

têm feridas de algum tipo e pelos sons de seus gemidos, posso imaginar que as lesões sejam graves. As lutas devem ser comuns.

Sarene assentiu, distraída. Mas não podia deixar de pensar em Espírito e no quão surpreendentemente pouco bárbaro era. Havia tranquilizado os lordes, conversado com eles afavelmente, como se não estivesse amaldiçoado, nem eles o tivessem expulsado. No fim da tarde, Sarene descobrira que quase gostava dele, ainda que se preocupasse que estivesse brincando com ela.

Então se mostrara indiferente, até mesmo fria, com Espírito – lembrando a si mesma que muitos assassinos e tiranos podiam parecer bem amigáveis se assim quisessem. O coração dela, no entanto, lhe dizia que o homem era autêntico. Estava escondendo coisas, como todos os homens faziam, mas queria verdadeiramente ajudar Elantris. Por alguma razão, pareceu particularmente preocupado com a opinião de Sarene sobre ele.

E, enquanto percorria o caminho até seus aposentos, Sarene teve que se esforçar para se convencer de que não importava o que *ele* pensava sobre *ela*.

Hrathen sentia calor dentro de sua armadura vermelho-sangue, exposto como estava ao sol ardente. Consolava-o saber o quão impressionante devia parecer, parado no topo da muralha com sua vestimenta brilhando sob a luz. É claro, ninguém olhava para ele – todos observavam a alta princesa teodena distribuindo comida.

A decisão dela de entrar em Elantris surpreendera a cidade, e a subsequente outorga de permissão real causara o mesmo efeito. As muralhas de Elantris ficaram lotadas desde cedo, nobres e mercadores abarrotando o caminho aberto na parte mais alta. Vieram como se fossem assistir a uma luta de tubarões svordish, inclinando-se sobre a muralha para conseguir uma vista melhor do que muitos pensavam que seria um desastre eletrizante. Era pensamento comum que os selvagens de Elantris fariam a princesa em pedaços minutos depois de sua entrada e depois a devorariam.

Hrathen observou resignado como os monstros de Elantris seguiam placidamente, sem intenção de devorar nem um único guarda – muito menos a princesa. Seus demônios se negavam a atuar, e ele podia ver a decepção nos rostos da multidão. O gesto da princesa fora magistral, castrando os diabos de Hrathen com um golpe da brutal foice conhecida como verdade. Agora que os aristocratas pessoais de Sarene haviam provado sua coragem entrando em Elantris, o orgulho forçaria os outros a fazer o mesmo. O ódio contra Elantris evaporaria, pois as pessoas não podiam temer o que lhes dava pena.

Assim que se tornou óbvio que a princesa não seria devorada naquele dia, as pessoas perderam o interesse, voltando-se para as grandes escadarias da cidade em um fluxo constante e insatisfeito. Hrathen se juntou a eles, descendo os degraus e depois voltando para o centro de Kae e para a capela derethi. Enquanto caminhava uma carruagem passou ao seu lado. Hrathen reconheceu o aon na lateral: Aon Rii.

A carruagem parou e a porta se abriu. Hrathen fez uma pausa momentânea, então subiu no veículo, sentando-se no lado oposto ao do duque Telrii.

Obviamente o duque não estava satisfeito.

– Eu o adverti sobre aquela mulher. Agora o povo nunca odiará Elantris, e se não odiarem Elantris, tampouco vão odiar o Shu-Korath.

Hrathen fez um gesto com a mão.

– Os esforços da garota são irrelevantes.

– Não vejo como, nesse caso.

– Por quanto tempo ela pode continuar fazendo isso? – Hrathen perguntou. – Algumas semanas, um mês, no máximo? Neste momento, suas excursões são uma

novidade, mas isso vai sair de moda logo. Duvido que muitos nobres estejam dispostos a acompanhá-la no futuro, mesmo que ela tente prosseguir com essas entregas de alimentos.

– O dano está feito – Telrii disse, insistente.

– Dificilmente – Hrathen assegurou. – Lorde Telrii, mal se passaram algumas semanas desde que cheguei a Arelon. Sim, a mulher nos causou um contratempo, mas isso se provará uma inconveniência menor. Você sabe, tanto quanto eu, que a nobreza é inconstante. Quanto tempo acha que levará até esquecerem suas visitas a Elantris?

Telrii não pareceu convencido.

– Além disso – Hrathen prosseguiu, tentando outra tática – meu trabalho com Elantris era apenas uma pequena parte do nosso plano. A instabilidade do trono de Iadon, a vergonha que sofrerá no próximo período fiscal, é nisso que devemos nos concentrar.

– O rei recentemente fez alguns contratos novos com Teod – Telrii disse.

– Não serão suficientes para recompor suas perdas – Hrathen disse com desdém. – As finanças dele estão arruinadas. A nobreza nunca apoiará um rei que insiste que devem manter seus níveis de riqueza, mas que não aplica os mesmos padrões para si mesmo. Logo poderemos começar a espalhar rumores sobre a redução dos ganhos do rei. Grande parte dos membros da alta nobreza também são mercadores. Eles têm meios de descobrir como seus competidores estão se saindo. Descobrirão o quanto Iadon está mal e começarão a reclamar.

– Reclamações não me colocarão no trono – Telrii comentou.

– Você ficaria surpreso – Hrathen disse. – Além disso, ao mesmo tempo começaremos a insinuar que, se o trono fosse seu, você traria para Arelon um lucrativo tratado comercial com o leste. Posso proporcionar os documentos necessários. Haverá dinheiro suficiente para todos e isso é algo que Iadon não é capaz de proporcionar. Seu povo sabe que este país está à beira da ruína financeira. Fjorden pode tirar Arelon desta situação.

Telrii assentiu lentamente.

Sim, Telrii, Hrathen pensou, com um suspiro interno, *isso é algo que consegue compreender, não é? Se não podemos converter a nobreza, sempre podemos comprá-la.*

A tática não era tão segura quanto Hrathen fazia crer, mas a explicação convenceria Telrii enquanto o gyorn concebia outros planos. Uma vez que se soubesse que o rei estava na bancarrota e que Telrii era rico, outras pressões sobre o governo tornariam fácil – ainda que abrupta – a transferência de poder.

A princesa atacara o esquema errado. O trono de Iadon desmoronaria enquanto ela alimentava os elantrinos, julgando-se muito inteligente por frustrar a conspiração de

Hrathen.

– Estou avisando, Hrathen – Telrii disse repentinamente – não pense que sou um títere derethi. Continuo seguindo seus planos porque foi capaz de me dar a riqueza que me prometeu. Mas não ficarei sentado, para que me empurre na direção que quiser.

– Jamais sonharia com isso, Vossa Senhoria – Hrathen disse tranquilamente.

Telrii assentiu e ordenou que o cocheiro parasse. Não haviam percorrido nem metade do caminho até a capela derethi.

– Minha mansão está naquela direção – Telrii comentou, indiferente, apontando para uma rua lateral. – Pode andar o resto do caminho até sua capela.

Hrathen apertou a mandíbula. Algum dia este homem teria que aprender o devido respeito pelos oficiais derethi. Mas por enquanto Hrathen simplesmente desceu da carruagem.

Considerando a companhia, preferia caminhar de todo modo.

***

– Nunca vi esse tipo de reação em Arelon – um sacerdote observou.

– Concordo – seu companheiro disse. – Sirvo ao império em Kae há uma década, e nunca tivemos mais do que poucas conversões por ano.

Hrathen passou pelos sacerdotes ao entrar na capela derethi. Eram sacerdotes menores, de pouca importância: reparou neles só por causa de Dilaf.

– Passou muito tempo – Dilaf concordou. – Embora me lembre de uma época, logo depois que o pirata Dreok Esmagarganta atacou Teod, em que houve uma onda de conversões em Arelon.

Hrathen franziu o cenho. Algo no comentário de Dilaf o incomodava. Obrigou-se a continuar caminhando, mas virou-se para olhar o arteth. Dreok Esmagarganta atacara Teod há quinze anos. Era possível que Dilaf se lembrasse de uma coisa dessas de sua infância, mas como saberia as taxas de conversão em Arelon?

O arteth devia ser mais velho do que Hrathen presumira. Muito mais velho. Os olhos de Hrathen se abriram mais enquanto estudava mentalmente o rosto de Dilaf. Imaginara que Dilaf não tinha mais do que vinte e cinco anos, mas podia agora detectar sinais de idade no rosto do arteth. Apenas indícios, no entanto – era provavelmente um daqueles raros indivíduos que pareciam muito mais jovens do que na verdade eram. O "jovem" sacerdote areleno fingia falta de experiência, mas seus planos e estratagemas revelavam um alto grau de maturidade. Dilaf era muito mais experiente do que permitia às pessoas supor.

Mas o que isso significava? Hrathen balançou a cabeça, abrindo a porta e entrando em seus aposentos. O poder de Dilaf sobre a capela crescia enquanto Hrathen lutava para encontrar um novo e disposto arteth principal. Três outros

homens haviam recusado o posto. Isso era mais do que apenas suspeito – Hrathen tinha certeza que Dilaf tinha algo a ver com o assunto.

É mais velho do que você imaginara, Hrathen pensou. *Também tem influência sobre os sacerdotes de Kae há muito tempo*.

Dilaf afirmara que muitos dos primeiros seguidores derethi de Kae tinham vindo de sua capela pessoal ao sul de Arelon. Quanto tempo se passara desde que chegara a Kae? Fjon era o arteth principal quando Dilaf chegou, mas a liderança de Fjon na cidade durara muito tempo.

Dilaf provavelmente estava na cidade há anos. Provavelmente se relacionava com os outros sacerdotes durante todo aquele tempo – aprendera como influenciá-los, ganhando autoridade sobre eles. E, dado o ardor de Dilaf pelo Shu-Dereth, certamente escolhera os arteths mais conservadores e eficientes de Kae como seus associados.

E aqueles eram exatamente os homens que Hrathen deixara que ficassem na cidade quando chegou. Havia mandado embora os menos devotos, e aqueles deviam ser os que se sentiam insultados ou perturbados pelo extremo ardor de Dilaf. Sem querer, Hrathen tinha virado os números da capela a favor de Dilaf.

Hrathen se sentou em sua mesa, preocupado com essa nova revelação. Não era de estranhar que estivesse tendo problemas para encontrar um novo arteth principal. Aqueles que permaneceram conheciam bem Dilaf; provavelmente ou estavam como medo de assumir uma posição acima da dele ou haviam sido subornados por ele para ficarem de lado.

Ele não pode ter esse tipo de influência sobre todos, Hrathen pensou convencido. *Tenho que continuar procurando. Em algum momento um dos sacerdotes aceitará o posto.*

Mesmo assim, ainda se preocupava com a surpreendente efetividade de Dilaf. O arteth tinha duas vantagens sobre o gyorn. Primeiro, Dilaf ainda tinha poder sobre muitos dos convertidos mais fervorosos de Hrathen por causa dos deveres de odiv. Segundo, a liderança não oficial do arteth na capela estava ficando mais e mais forte. Sem um arteth principal, e com Hrathen passando muito tempo fazendo sermões e se encontrando com a nobreza, Dilaf lentamente se apoderara dos trabalhos cotidianos da igreja derethi em Arelon.

E, além de tudo isso, havia um problema ainda mais perturbador – algo que Hrathen não queria enfrentar, algo ainda mais destrutivo do que a Prova de Sarene ou as manobras de Dilaf. Hrathen podia encarar forças externas como essas e sair vitorioso.

Sua indecisão interior, no entanto, era algo completamente diferente.

Procurou um livreto em sua mesa. Lembrava-se de tê-lo desempacotado e guardado na gaveta, como fizera em outras incontáveis mudanças. Não o olhava há

anos, mas tinha muitas poucas posses, então nunca se sentira sobrecarregado o bastante para se desfazer dele.

Depois de um tempo, o localizou. Folheou as páginas envelhecidas, selecionando aquela que procurava.

Encontrei um propósito, leu. *Antes, eu vivia, mas não sabia por quê. Tenho direção agora. E ela glorifica tudo o que faço. Sirvo ao Império do Senhor Jaddeth, e meu serviço é ligado diretamente a ele. Sou importante.*

Sacerdotes na fé derethi eram treinados para registrar experiências espirituais, mas Hrathen nunca fora aplicado nessa área em particular. Seus registros pessoais continham apenas algumas poucas entradas – incluindo essa, que escrevera semanas depois de sua decisão de se unir ao sacerdócio, muitos anos atrás. Um pouco antes de ingressar no monastério Dakhor.

O que aconteceu com sua fé, Hrathen?

A pergunta de Omin atormentava os pensamentos de Hrathen. Escutava o sacerdote korathi sussurrando em sua mente, querendo saber o que acontecera com a crença de Hrathen, exigindo saber o propósito de suas pregações. Teria Hrathen se tornado cínico, cumprindo com seus deveres apenas por que eram familiares? Sua pregação teria se tornado um desafio lógico, e não uma busca espiritual?

Sabia, em parte, que sim. Gostava de planejar, de confrontar e de pensar em como converter uma nação inteira de hereges. Mesmo com Dilaf distraindo-o, Hrathen achava o desafio de Arelon revigorante.

Mas o que acontecera com o menino Hrathen? O que acontecera com a fé, com aquela paixão quase impensável que sentira uma vez? Mal podia se lembrar dela. Aquela parte de sua vida passara rapidamente, sua fé deixava de ser uma chama ardente para se transformar em calor confortável.

Por que Hrathen queria ter sucesso em Arelon? Pela notoriedade? O homem que convertesse Arelon seria lembrado por muito tempo nos anais da igreja derethi. Era desejo de obedecer? Tinha, afinal de contas, uma ordem direta de Wyrn. Era por que pensava seriamente que a conversão ajudaria as pessoas? Decidira ter êxito em Arelon sem uma matança como a que instigara em Duladel. Mas, novamente, era por que realmente queria salvar vidas? Ou era porque sabia que uma conquista tranquila era mais difícil e, portanto, um desafio maior?

Seu coração estava obscuro como uma sala cheia de fumaça.

Dilaf estava lentamente conquistando o controle. Isso em si não era tão assustador quanto a própria sensação de presságio de Hrathen. E se Dilaf estivesse certo em tentar destituir o gyorn? E se Arelon ficasse melhor sob o controle de Dilaf? Dilaf não se preocuparia com as mortes causadas por uma revolução sanguinária; ele saberia que as pessoas, cedo ou tarde, estariam melhor com o Shu-Dereth, mesmo que a conversão inicial exigisse um massacre.

Dilaf tinha fé. Dilaf acreditava no que estava fazendo. O que Hrathen tinha? Não tinha mais certeza.

—Acho que talvez ela precise desta comida tanto quanto nós – Raoden comentou, olhando a franzina Torena com olhar cético. A filha de Ahan prendera o cabelo ruivo sob um lenço protetor, e usava um vestido simples azul: algo que provavelmente emprestara de uma de suas camareiras, considerando o típico guarda-roupa extravagante da nobreza arelena.

– Seja gentil com ela – Sarene ordenou, entregando a Raoden uma caixa da carroça. – É a única mulher corajosa o bastante para vir, ainda que só tenha concordado porque pedi para Shuden convidá-la. Se assustar aquela garota, nenhuma das outras jamais virá.

– Sim, Vossa Alteza – Raoden disse, inclinando levemente a cabeça. Parecia que o esforço de uma semana distribuindo comida juntos suavizara o ódio que ela sentia por ele, mas ainda era fria. Respondia aos comentários dele, até conversavam, mas não se permitia ser sua amiga.

A semana fora enervante para Raoden de um modo surreal. Passara sua estadia em Elantris se acostumando ao estranho e ao novo. Esta semana, no entanto, fora forçado a se reencontrar com o familiar. Era pior, em certo sentido. Podia aceitar Elantris como uma fonte de dor. Mas era completamente diferente ver seus amigos do mesmo modo.

Neste momento, Shuden estava parado perto da garota Torena, sua mão no cotovelo dela, como se a encorajasse a se aproximar da fila dos que pegavam comida. Shuden fora um dos melhores amigos de Raoden; o solene jindonês e ele haviam passado horas discutindo seus pontos de vista sobre os problemas cívicos de Arelon. Agora Shuden mal o notava. Fora o mesmo com Eondel, Kiin, Roial, e até mesmo com Lukel. Haviam sido companheiros do belo príncipe Raoden, mas não da criatura amaldiçoada conhecida como Espírito.

Mesmo assim, Raoden achava difícil se sentir amargurado. Não podia culpá-los por não reconhecê-lo; ele mesmo mal se reconhecia agora, com a pele enrugada e o corpo espigado. Até sua voz estava diferente. De certo modo, seu próprio subterfúgio machucava mais do que a ignorância de seus amigos. Não podia dizer a eles quem era, pois a notícia de sua sobrevivência poderia destruir Arelon. Raoden sabia muito bem que sua própria popularidade excedia à de seu pai – alguns o seguiriam sendo ele elantrino ou não. A guerra civil não seria boa para ninguém, e no final Raoden provavelmente acabaria decapitado.

Não, definitivamente tinha de permanecer escondido. O conhecimento de seu destino só produziria dor e confusão em seus amigos. No entanto, ocultar sua

identidade exigia vigilância. Seu rosto e sua voz haviam mudado, mas seus maneirismos, não. Fazia questão de se manter afastado de todos aqueles que o conheciam bem, tentando ser alegre e amistoso, mas não aberto.

Era por esse motivo que acabava gravitando ao redor de Sarene. Ela não o conhecera antes, e não precisava atuar perto dela. De certo modo, era um tipo de teste. Estava curioso para ver como teriam se dado como marido e mulher, sem que suas diferentes necessidades políticas entrassem no meio.

Seus sentimentos iniciais pareciam ter sido corretos. Gostava dela. O que as cartas indicavam, Sarene confirmava. Não era como as mulheres com as quais estava acostumado na corte arelena. Era forte e determinada. Nunca abaixava o olhar quando um homem se dirigia a ela, não importava o quão nobre fosse. Dava ordens com facilidade e naturalidade, e nunca fingia fraqueza para atrair a atenção masculina.

Mesmo assim, os senhores a seguiam. Eondel, Shuden e até mesmo o duque Roial confiavam no julgamento dela e respondiam às suas ordens como se ela fosse o rei. Não havia nem uma ponta de amargura nos olhos deles, no entanto. Ela dava ordens com amabilidade e eles respondiam naturalmente. Raoden só podia sorrir admirado. Levara anos para conquistar a confiança desses homens. Sarene o fizera em questão de semanas.

Era impressionante em todos os atributos – inteligente, bonita e forte. Agora, se pudesse apenas convencê-la a não odiá-lo...

Raoden suspirou e voltou ao trabalho. Com exceção de Shuden, todos os nobres daquele dia eram novos no processo. A maioria era de nobres menores sem importância, mas havia um par de incorporações de respeito. O duque Telrii, por exemplo, estava parado em um dos lados, observando o processo de descarga com olhos preguiçosos. Não participava, mas trouxera um criado para ocupar seu lugar. Obviamente Telrii preferia evitar qualquer tipo de esforço.

Raoden balançou a cabeça. Nunca ligara muito para o duque. Aproximara-se certa vez do homem, esperando que Telrii pudesse ser persuadido a se unir à oposição que Raoden fazia ao rei. Telrii simplesmente bocejara e perguntara quanto Raoden estava disposto a pagar por seu apoio, então gargalhara quando o príncipe virou as costas e foi embora. Raoden nunca fora capaz de dizer se Telrii fizera a pergunta por verdadeira cobiça ou se simplesmente sabia como o príncipe reagiria à exigência.

Raoden se virou para os outros nobres. Como sempre, os recém-chegados formavam um pequeno grupo apreensivo ao redor da carroça que haviam descarregado. Agora era a vez de Raoden. Aproximou-se com um sorriso, apresentando-se e apertando as mãos – em geral contra a vontade dos que cumprimentava. Mesmo assim, a tensão começava a ceder depois de alguns minutos de convivência. Eles podiam ver que havia ao menos um elantrino que não ia

devorá-los, e nenhum dos outros distribuidores de comida fora tomado pela Shaod, então podiam descartar os temores de se infectarem.

As pessoas relaxaram, participando dos afáveis comentários de Raoden. Aclimatar os nobres era a tarefa que tomara para si. Ficara óbvio no segundo dia que Sarene não tinha nem de perto o tanto de influência com a maioria dos aristocratas como tinha com Shuden e os outros do antigo círculo de Raoden. Se Raoden não interferisse, aquele segundo grupo provavelmente ainda estaria de braços cruzados ao redor da carroça. Sarene não agradecera aos esforços dele, mas assentira em leve apreço. Depois, ficara implícito que Raoden ajudaria com cada nova batelada de nobres, como fizera com aquela segunda.

Era estranho para ele participar do evento que estava destruindo tudo que lutara para construir em Elantris. No entanto, além de provocar um enorme incidente, pouco podia fazer para deter Sarene. Além disso, Mareshe e Karata estavam recebendo artigos vitais por sua "cooperação". Raoden teria muito o que reconstruir depois que a Prova de Sarene acabasse, mas os contratempos teriam valido a pena. Supondo, é claro, que sobrevivesse tempo suficiente.

Aquele pensamento casual trouxe uma súbita consciência de suas dores. Estavam sempre com ele, queimando sua carne e corroendo sua determinação. Já não as contava, ainda que cada uma tivesse sua própria sensação – um nome sem forma, um sentimento de agonia individual. Pelo que podia dizer, sua dor estava acelerando muito mais rapidamente do que a de qualquer outro elantrino. Um arranhão em seu braço parecia um corte que ia do ombro aos dedos, e a topada que dera no dedo do pé ardia com um fogo que chegava até o joelho. Era como se estivesse em Elantris há um ano, e não um único mês.

Ou talvez sua dor não fosse mais forte. Talvez ele fosse apenas mais fraco que os demais. De qualquer modo, não seria capaz de suportar muito tempo. Logo chegaria o dia, em um mês ou dois, que não despertaria de sua dor, e teriam que levá-lo ao Salão dos Caídos. Lá poderia finalmente se dedicar por inteiro à sua feroz agonia.

Afastou esses pensamentos, obrigando-se a começar a repartir os alimentos. Tentou deixar que o trabalho o distraísse, e isso ajudou um pouco. Mesmo assim, a dor ainda espreitava dentro dele, como um animal escondido nas sombras, seus olhos vermelhos observando com intensa fome.

Cada elantrino recebia uma sacola pequena cheia de vários itens prontos para comer. As porções daquele dia eram como as de qualquer outro – ainda que, surpreendentemente, Sarene tivesse encontrado alguns melões-amargos jindoneses. As frutas vermelhas, do tamanho de um punho, brilhavam na caixa ao lado de Raoden, desafiando o fato de que supostamente não estavam na época. Ele colocava uma fruta em cada sacola, juntamente com milho cozido, vários vegetais e um pequeno pedaço de pão. Os elantrinos aceitavam as ofertas agradecidos, mas

ansiosos. A maioria saía correndo para longe da carroça assim que recebia sua refeição, para comer sozinha. Ainda não acreditavam que ninguém ia tomar aquilo deles.

Enquanto Raoden trabalhava, um rosto familiar apareceu diante dele. Galladon usava seus trapos elantrinos, assim como uma capa esfarrapada que fizeram com o que haviam encontrado pela cidade. O dula estendeu sua sacola e Raoden cuidadosamente a trocou por uma com cinco vezes a porção normal; estava tão cheia que era difícil erguê-la com uma debilitada mão elantrina. Galladon recebeu a sacola com o braço estendido, a lateral de sua capa escondendo de olhos casuais. Então se foi, desaparecendo entre a multidão.

Saolin, Mareshe e Karata também vieram, e cada um deles recebeu uma sacola como a de Galladon. Estocariam os itens que pudessem e dariam o restante aos hoed. Alguns dos caídos eram capazes de reconhecer comida, e Raoden esperava que comer regularmente os ajudasse a recuperar a consciência.

Até agora, não estava funcionando.

***

Os portões retumbaram ao fechar, o som fazendo Raoden se lembrar de seu primeiro dia em Elantris. Sua dor, então, era apenas emocional, e comparativamente fraca. Se realmente tivesse compreendido para onde ia, provavelmente teria se encolhido no chão e se juntado aos hoed ali naquele momento.

Virou-se, dando as costas para os portões. Mareshe e Galladon estavam parados no centro do pátio, examinando várias caixas que Sarene deixara para trás, em cumprimento às mais recentes exigências de Karata.

– Por favor, digam-me que descobriram um jeito de transportar isso – Raoden disse, juntando-se a seus amigos. Das últimas vezes, carregaram as caixas até Nova Elantris, uma a uma, seus enfraquecidos músculos elantrinos se ressentindo pelo esforço.

– É claro que descobri – Mareshe disse com cara de desdém. – Pelo menos *deveria* funcionar.

O homenzinho tirou uma fina lâmina de metal de trás de uma pilha de escombros. Os quatro lados se curvavam levemente, e havia três cordas presas na frente.

– Um trenó? – Galladon perguntou.

– Coberto com gordura no fundo – Mareshe explicou. – Não pude encontrar nenhuma roda em Elantris que não estivesse enferrujada ou podre, mas isso deve funcionar, o limo dessas ruas garantirá a lubrificação para mantê-lo em movimento.

Galladon grunhiu, obviamente segurando algum comentário sarcástico. Por mais improvisado que fosse o trenó de Mareshe, não podia ser pior do que andar de um lado para o outro, entre os portões e a capela, uma dúzia de vezes.

De fato, o trenó funcionou muito bem. Depois de um tempo, a gordura saiu e as ruas ficaram estreitas demais para evitar os lugares com paralelepípedos virados – e, é claro, arrastá-lo pelas ruas limpas de lodo de Nova Elantris foi ainda mais difícil. No geral, no entanto, até Galladon teve de admitir que o trenó economizara bastante tempo.

– Finalmente fez algo útil – o dula grunhiu depois que pararam na frente da capela.

Mareshe bufou, indiferente, mas Raoden podia ver a satisfação em seus olhos. Galladon se negava teimosamente a reconhecer a criatividade do homenzinho; o dula justificava-se dizendo que não queria inflar ainda mais o ego de Mareshe, algo que Raoden considerava quase impossível.

– Vamos ver o que a princesa resolveu nos mandar desta vez – Raoden disse, levantando a tampa da primeira caixa.

– Cuidado com serpentes – Galladon avisou.

Raoden riu, deixando a tampa cair no chão. A caixa continha várias peças de tecido – todas de um repugnante laranja vivo.

Galladon franziu o cenho.

– Sule, esta é a cor mais horrenda que já vi em minha vida.

– Concordo – Raoden disse com um sorriso.

– Não parece muito desapontado.

– Ah, estou completamente revoltado – Raoden falou. – Mas gosto de ver as formas que ela encontra de nos ofender.

Galladon grunhiu e se aproximou da segunda caixa, enquanto Raoden segurava uma ponta do tecido, estudando com olhar especulativo. Galladon estava certo; era uma cor particularmente espalhafatosa. A troca de exigências e bens entre Sarene e os "líderes das gangues" se tornara uma espécie de jogo: Mareshe e Karata passavam horas decidindo como expressar suas demandas, mas Sarene sempre encontrava um jeito de virar os pedidos contra eles.

– Ah, você vai adorar isso – Galladon disse, espiando dentro da segunda caixa e balançando a cabeça.

– O quê?

– É o nosso aço – o dula explicou. Da última vez, haviam pedido vinte placas de aço, e Sarene prontamente entregara vinte placas de metal tão finas que quase flutuavam quando alguém as deixava cair. Dessa vez, haviam pedido o aço por peso.

Galladon enfiou a mão na caixa e tirou um punhado de pregos. Pregos retorcidos.

– Deve haver milhares aqui dentro.

Raoden gargalhou.

– Bem, tenho certeza de que encontraremos algo para fazer com eles. – Felizmente, Eonic, o ferreiro, era um dos poucos elantrinos que havia permanecido

fiel a Raoden.

Galladon jogou os pregos de volta na caixa, dando de ombros, cético. O restante dos suprimentos não era tão mal. A comida estava rançosa, mas Karata estipulara que tinha que ser comestível. O óleo exalava um cheiro pungente quando era queimado – Raoden não tinha ideia sobre onde a princesa encontrara esse item em particular – e as facas estavam afiadas, mas não tinham cabos.

– Pelo menos ela não descobriu por que exigimos caixas de madeira – Raoden disse, inspecionando os receptáculos. As tábuas eram boas e fortes. Poderiam desmontar as caixas e usar a madeira para vários propósitos.

– Eu não ficaria surpreso se ela as deixasse sem lixar para que os espetássemos nas farpas – Galladon disse, remexendo em uma pilha de cordas, procurando pela extremidade para começar a desenroscá-la. – Se aquela mulher era seu destino, sule, então Domi o abençoou enviando você para este lugar.

– Ela não é tão má – Raoden disse, endireitando o corpo enquanto Mareshe começava a catalogar as aquisições.

– Acho isso estranho, meu senhor – Mareshe disse. – Por que chega a tais extremos para nos provocar? Não teme estragar nosso acordo?

– Acho que suspeita do pouco poder que na realidade temos, Mareshe – Raoden respondeu, balançando a cabeça. – Ela cumpre nossas exigências porque não quer voltar atrás em sua promessa, mas não sente necessidade em nos manter felizes. Sabe que não podemos impedir as pessoas de aceitar sua comida.

Mareshe assentiu, voltando-se à sua lista.

– Vamos, Galladon – Raoden disse, pegando uma das sacolas de comida para os hoed. – Vamos procurar Karata.

***

Nova Elantris parecia vazia agora. Certa vez, bem antes da chegada de Sarene, conseguira reunir mais de cem pessoas. Agora mal restavam vinte, sem contar as crianças e os hoed. A maioria dos que ficaram eram recém-chegados a Elantris, pessoas como Saolin e Mareshe, que Raoden havia "resgatado". Não conheciam outra vida além de Nova Elantris, e hesitavam em deixar isso para trás. Os outros – aqueles que foram a Nova Elantris por vontade própria – sentiam apenas uma fraca lealdade pela causa de Raoden. Partiram assim que Sarene ofereceu algo "melhor"; a maioria se espalhava pelas ruas ao redor dos portões, esperando a entrega seguinte.

– É triste. Kolo? – Galladon olhou para as casas agora limpas, mas vazias.

– Sim – Raoden disse. – Teve potencial, ainda que só por uma semana.

– Vamos conseguir novamente, sule – Galladon assegurou.

– Trabalhamos tanto para ajudá-los a se tornarem humanos novamente, e agora abandonaram tudo o que aprenderam. Esperam com as bocas abertas. Me pergunto

se Sarene percebe que sua sacola com três refeições dura apenas alguns minutos. A princesa está tentando acabar com a fome, mas as pessoas devoram a comida tão rapidamente que acabam passando mal por algumas horas, e depois passam fome o resto do dia. Um corpo elantrino não funciona da mesma forma que o das pessoas normais.

– Foi você quem disse, sule – Galladon falou. – A fome é psicológica. Nossos corpos não precisam de comida; o dôr nos sustenta.

Raoden assentiu.

– Bem, pelo menos isso não os faz explodir.

Ficara preocupado que comer tanto fizesse com que o estômago dos elantrinos arrebentasse. Felizmente, uma vez que a barriga de um elantrino estava cheia, o sistema digestivo começava a trabalhar. Como os músculos, ainda respondia a estímulos.

Continuaram a andar, e passaram por Kahar, que esfregava complacentemente uma parede com uma escova que haviam conseguido para ele na última entrega. Seu rosto era pacífico e sereno; mal parecia notar que seus assistentes haviam partido. Mesmo assim, olhou para Raoden e Galladon com olhos críticos.

– Por que meu senhor não se trocou? – perguntou severamente.

Raoden olhou para seus trapos elantrinos.

– Não tive tempo ainda, Kahar.

– Depois de todo o trabalho que a senhora Maare teve para lhe costurar um traje adequado, meu senhor? – Kahar perguntou criticamente.

– Está certo – Raoden disse, sorrindo. – Viu Karata?

– Está no Salão dos Caídos, meu senhor, com os hoed.

***

Segundo as indicações do velho limpador, Raoden e Galladon se trocaram antes de continuar procurando Karata. Raoden se alegrou imediatamente por terem feito isso. Quase se esquecera de como era colocar uma roupa fresca e limpa – cujo tecido não cheirava à sujeira e abandono, e que não estava coberto por uma camada de lodo marrom. É claro que as cores deixavam muito a desejar – Sarene fora um tanto astuta com suas escolhas.

Raoden contemplou a si mesmo em um pedaço de aço polido. Sua camisa era amarela com listras azuis, sua calça de um vermelho vivo e seu casaco de um verde exagerado. No conjunto, parecia um tipo indefinido de pássaro tropical. Seu único consolo era que, por mais bobo que parecesse, Galladon estava muito pior.

O grande dula de pele escura olhava para sua roupa rosa e verde-claro com expressão resignada.

– Não seja tão azedo, Galladon – Raoden disse com uma gargalhada. – Não se

supõe que os dulas gostam de roupas extravagantes?

– Isso é a aristocracia, os cidadãos e republicanos. Sou um fazendeiro; rosa não é exatamente o que considero uma cor atraente. Kolo? – Então olhou para Raoden estreitando os olhos. – Se fizer um único comentário sobre minha semelhança com uma fruta karathi, tirarei esta túnica e o enforcarei com ela.

Raoden gargalhou.

– Algum dia encontrarei o erudito que me contou que todos os dulas eram de temperamento tranquilo, e o obrigarei a passar uma semana em um quarto com você, meu amigo.

Galladon grunhiu, sem se incomodar em responder.

– Vamos – Raoden falou, saindo pela porta de trás da capela. Encontraram Karata sentada do lado de fora do Salão dos Caídos, com linha e agulha nas mãos. Saolin estava sentado diante dela, a manga arregaçada, expondo um comprido e profundo corte que percorria todo seu braço. Não havia sangue escorrendo, mas a carne estava escura e viscosa. Karata costurava com eficácia, juntando as partes.

– Saolin! – Raoden exclamou. – O que aconteceu?

O soldado abaixou a cabeça constrangido. Não tinha expressão de sofrimento, embora o corte fosse tão profundo que um homem normal teria desmaiado há tempos pela dor e pela perda de sangue.

– Escorreguei, meu senhor, e um deles me pegou.

Raoden olhou para o ferimento com insatisfação. Os soldados de Saolin não haviam reduzido tanto quanto o resto de Nova Elantris; eram um grupo sério, não tão disposto a abandonar a responsabilidade recém-conseguida. Contudo, o número deles nunca fora muito grande, e mal tinham homens suficientes para patrulhar as ruas que levavam do território de Shaor até o pátio. A cada dia, enquanto o resto dos elantrinos se empanturrava com as oferendas de Sarene, Saolin e seus homens lutavam amargamente para impedir que as bestas de Shaor invadissem o pátio. Algumas vezes, uivos podiam ser ouvidos a distância.

– Sinto muito, Saolin – Raoden falou, enquanto Karata dava os pontos.

– Não importa, meu senhor – o soldado respondeu com bravura. Mas aquela ferida não era como as anteriores. Era no braço com o qual manejava a espada.

– Meu senhor... – ele começou a dizer, sem querer encarar Raoden nos olhos.

– O que foi?

– Perdemos outro homem hoje. Mal pudemos trazê-lo de volta. Agora, sem mim..., bem, teremos tempos difíceis, meu senhor. Meus rapazes são bons lutadores, e estão bem equipados, mas não seremos capazes de detê-los por muito tempo.

Raoden assentiu.

– Pensarei em algo. – O homem acenou com a cabeça, esperançoso, e Raoden, sentindo-se culpado, prosseguiu – Saolin, como conseguiu um corte desses? Nunca

vi os homens de Shaor empunharem nada que não fossem paus e pedras.

– Eles mudaram, meu senhor – Saolin falou. – Alguns têm espadas agora, e cada vez que um dos meus homens cai, eles lhes tiram as armas.

Raoden ergueu a sobrancelha, surpreso.

– Verdade?

– Sim, meu senhor. Isso é importante?

– Muito. Significa que os homens de Shaor não são tão bestiais como querem que acreditemos. Há espaço suficiente na mente deles para se adaptarem. Parte de sua selvageria, ao menos, é fingida.

– Por Doloken que é fingimento – Galladon disse, bufando.

– Bem, talvez não seja fingimento – Raoden concordou. – Eles se comportam assim por que é mais fácil do que lidar com a dor. Contudo, se pudermos lhes dar outra opção, pode ser que aceitem.

– Podíamos deixar que fossem até o pátio, meu senhor – Saolin sugeriu, hesitante, grunhindo levemente enquanto Karata terminava seus pontos. A mulher era perita: conhecera seu marido enquanto servia como enfermeira para um pequeno grupo mercenário.

– Não – Raoden respondeu. – Mesmo se não matarem alguns nobres, os Guardas da Cidade de Elantris os matarão.

– Não é isso o que queremos, sule? – Galladon perguntou, com um brilho malévolo nos olhos.

– Definitivamente, não – Raoden falou. – Acho que a princesa Sarene tem um propósito secundário por trás dessa Prova. Traz diferentes nobres com ela a cada dia, como se quisesse acostumá-los com Elantris.

– Que bem isso pode fazer? – Karata perguntou, falando pela primeira vez enquanto deixava de lado seus utensílios de costura.

– Não sei – Raoden admitiu. – Mas é importante para ela. Se os homens de Shaor atacarem a nobreza, isso destruiria o que quer que a princesa está tentando conseguir. Tentei avisá-la de que nem todos os elantrinos são tão dóceis quanto os que ela tem visto, mas não acho que acredite em mim. Temos que manter os homens de Shaor afastados até que a princesa termine.

– E quando será isso? – Galladon perguntou.

– Só Domi sabe – Raoden respondeu, balançando a cabeça. – Ela não me diria, fica desconfiada toda vez que tento tirar alguma informação dela.

– Bem, sule – Galladon disse, olhando o braço ferido de Saolin – é melhor encontrar um jeito de detê-la logo. Ou isso, ou prepare-a para lidar com várias dezenas de maníacos famintos. Kolo?

Raoden assentiu.

***

Um ponto no centro, uma linha correndo poucos centímetros acima dele e outra pelo lado direito – Aon Aon, o ponto de partida de qualquer outro aon. Raoden continuava a desenhar, seus dedos movendo-se delicada e rapidamente, deixando traços luminosos para trás. Completou o quadrado ao redor do ponto central, então desenhou dois círculos maiores ao redor dele. Aon Tia, o símbolo para viagem.

Raoden não parou ali tampouco. Desenhou duas linhas compridas que partiam dos cantos do quadrado – uma proscrição para que o aon afetasse apenas ele – então quatro aons menores do lado de baixo para delinear a distância exata para onde devia ser enviado. Uma série de linhas cruzando o topo instruíam o aon a esperar para fazer efeito até que ele batesse no centro, indicando que estava pronto.

Fez cada linha ou ponto com precisão; comprimento e tamanho eram muito importantes para os cálculos. Ainda era um aon relativamente simples, nada como os incrivelmente complexos aons de cura que o livro descrevia. Mesmo assim, Raoden estava orgulhoso de sua habilidade cada vez maior. Demorara dias para aperfeiçoar a série de quatro aons que instruíam Tia para que o transportasse exatamente a dez corpos de distância.

Observou o padrão brilhante com um sorriso de satisfação até que ele piscou e desapareceu, completamente ineficaz.

– Está ficando melhor, sule – Galladon disse, apoiado no parapeito e espiando para dentro da capela.

Raoden negou com a cabeça.

– Tenho um longo caminho a percorrer, Galladon.

O dula deu de ombros. Galladon parara de tentar convencer Raoden de que praticar AonDor era inútil. Não importava o que mais acontecesse, Raoden sempre passava algumas horas do dia desenhando seus aons. Eles o confortavam – sentia menos a dor quando desenhava aons, e sentia mais paz durante essas poucas curtas horas do que sentira em muito tempo.

– Como vão as plantações? – Raoden perguntou.

Galladon deu meia-volta, olhando para o jardim. Os talos dos cereais ainda eram pequenos, pouco mais do que brotos. Raoden podia vê-los começando a crescer. A última semana vira o desaparecimento da maioria dos ajudantes de Galladon, e agora restava apenas o dula para trabalhar na pequena fazenda. Todos os dias ele fazia várias viagens até o poço para trazer água para suas plantas, mas não podia carregar muito, porque o balde que Sarene lhes dera tinha um vazamento.

– Viverão – Galladon disse. – Lembre-se de falar para Karata pedir algum fertilizante da próxima vez.

Raoden negou com a cabeça.

– Não podemos fazer isso, meu amigo. O rei não deve descobrir que estamos cultivando nossa própria comida.

Galladon fez cara feia.

– Bem, suponho que poderia pedir um pouco de esterco em vez disso.

– Muito óbvio.

– Bem, peça por um pouco de peixe, então – ele falou. – Diga que está com um desejo súbito de comer truta.

Raoden suspirou, assentindo. Devia ter pensado um pouco melhor antes de colocar o jardim atrás de sua própria casa; o cheiro de peixe podre não era algo pelo qual se entusiasmava.

– Aprendeu aquele aon no livro? – Galladon perguntou, apoiado comodamente na janela. – O que ele faz?

– Aon Tia? – Raoden perguntou. – É um aon de transporte. Antes do Reod, esse aon podia mover uma pessoa de Elantris para o outro lado do mundo. O livro o menciona porque era um dos aons mais perigosos.

– Perigoso?

– É preciso ser muito exato sobre a distância que ele deve enviá-lo. Se diz para transportá-lo precisamente trinta passos, ele fará isso, não importa o que haja a trinta passos de distância. Você poderia facilmente se materializar no meio de uma parede de pedra.

– Então está aprendendo muito com esse livro?

Raoden deu de ombros.

– Algumas coisas. Pistas, em sua maioria. – Folheou o livro até uma página que havia marcado. – Como neste caso. Uns dez anos antes do Reod, um homem trouxe sua esposa para Elantris para receber tratamento para sua paralisia. No entanto, o curandeiro elantrino desenhou o Aon Ien levemente errado e, em vez de desaparecer, o caractere brilhou e banhou a pobre mulher com uma luz avermelhada. Ela ficou com manchas negras na pele e seu cabelo caiu em pouco tempo. Soa familiar?

Galladon levantou uma sobrancelha, interessado.

– Ela morreu pouco depois – Raoden disse. – Atirou-se de um edifício, gritando que a dor era muita.

Galladon franziu o cenho.

– O que o curandeiro fez errado?

– Não foi tanto um erro, mas sim uma omissão – Raoden explicou. – Deixou de fora uma das três linhas básicas. Um erro tolo, mas não devia ter um efeito tão drástico – Raoden fez uma pausa, estudando a página pensativamente. – É quase como...

– Como o quê, sule?

– Bem, o aon não estava completo, certo?

– Kolo.

– Então, talvez a cura tenha começado, mas não pôde terminar porque suas

instruções não estavam completas – Raoden falou. – E se o erro ainda criasse um aon viável, um que acessasse o dôr, mas não pudesse terminar o que começou?

– O que quer dizer, sule?

Raoden arregalou os olhos.

– Que não estamos mortos, meu amigo.

– Não temos pulsações cardíacas. Não respiramos. Não sangramos. Não podia concordar mais com você.

– Não, é sério – Raoden exclamou, entusiasmado. – Não vê? Nossos corpos estão presos em algum tipo de meia transformação. O processo começou, mas algo o bloqueou, igual a cura daquela mulher. O dôr ainda está dentro de nós, esperando a direção e a energia para terminar o que começou.

– Não sei se consigo acompanhar seu raciocínio, sule – Galladon disse, hesitante.

Raoden não estava escutando.

– Por isso nossos corpos nunca se curam. É como se estivessem presos no mesmo momento do tempo. Congelados, como um peixe em um bloco de gelo. A dor não vai embora porque nossos corpos acham que o tempo não está passando. Estão presos, esperando o fim da transformação. Nossos cabelos caem e nada novo nasce para substituir. Nossas peles ficam negras nos pontos em que a Shaod começou e parou ao ficar sem força.

– Isso parece um chute, sule – Galladon disse.

– E é – Raoden concordou. – Mas tenho certeza de que é verdade. Algo *está* bloqueando o dôr, posso sentir através de meus aons. A energia tenta passar, mas há algo no caminho, como se os padrões dos aons tivessem mudado.

Raoden olhou para seu amigo.

– Não estamos mortos, Galladon, e não estamos amaldiçoados. Estamos inacabados.

– Formidável, sule – Galladon falou. – Agora só tem que descobrir por quê.

Raoden assentiu. Entendiam um pouco mais, mas o verdadeiro mistério – a razão por trás da queda de Elantris – ainda permanecia sem solução.

– Mas – o dula prosseguiu, se virando para voltar a cuidar de suas plantas – me alegro que o livro seja útil.

Raoden inclinou a cabeça de lado enquanto Galladon se afastava.

– Espere um minuto, Galladon.

O dula se virou com olhar inquisidor.

– Você não se importa realmente com meus estudos, não é? – Raoden perguntou – Só queria saber se o livro era útil.

– Por que eu me importaria com isso? – Galladon zombou.

– Não sei – Raoden disse. – Mas sempre foi muito protetor com seu estúdio. Não o mostrou para ninguém, e você mesmo não vai até lá. O que é tão sagrado naquele

lugar e em seus livros?

– Nada – o dula disse, dando de ombros. – Só não quero vê-los destruídos.

– Como encontrou aquele lugar? – Raoden perguntou, aproximando-se da janela e inclinando-se contra o peitoril. – Diz que está em Elantris há poucos meses, mas parece conhecer cada rua e beco. Levou-me direto ao banco de Shaor, e o mercado não é exatamente o tipo de lugar que você teria explorado ao acaso.

O dula foi ficando incomodado enquanto Raoden falava. Finalmente murmurou:

– Um homem não pode guardar nada para si, Raoden? Você tem que arrancar tudo de mim?

Raoden se inclinou para trás, surpreso pela súbita intensidade de seu amigo.

– Sinto muito – titubeou, percebendo o quão acusatórias suas palavras deviam ter soado. Galladon não lhe dera nada além de apoio desde sua chegada. Envergonhado, deu meia-volta para deixar o dula sozinho.

– Meu pai era elantrino – Galladon disse em voz baixa.

Raoden se deteve. De soslaio, podia ver seu amigo. O grande dula estava sentado no solo recém-regado e encarava um pequeno talo que tinha diante de si.

– Vivi com ele até que tive idade para ir embora – Galladon disse. – Sempre pensei que era errado para um dula viver em Arelon, longe de seu povo e de sua família. Acho que é por isso que o dôr decidiu me dar a mesma maldição. Sempre diziam que Elantris era a mais abençoada das cidades, mas meu pai nunca foi feliz aqui. Acho que mesmo no paraíso há aqueles que não se encaixam. Ele se tornou um erudito. O estúdio que lhe mostrei era dele. No entanto, Duladel nunca deixou sua mente, ele estudava produção agrícola e métodos de cultivo, ainda que ambos fossem inúteis em Elantris. Por que plantar quando se pode transformar lixo em comida?

Galladon suspirou, pegando um pedaço de terra entre os dedos. Esfregou-o por um momento, deixando que caísse de volta ao solo.

– Ele desejou ter estudado cura quando encontrou minha mãe morrendo ao lado dele na cama, uma manhã. Algumas doenças atacam tão rapidamente que nem Elantris pode detê-las. Meu pai se tornou o único elantrino deprimido que conheci. Foi quando finalmente entendi que eles não eram deuses, pois um deus jamais sentiria tamanha agonia. Ele não podia voltar para casa, os elantrinos de antigamente eram tão exilados quanto somos hoje, não importava o quão bonita a cidade fosse. As pessoas não queriam viver com algo tão superior a elas mesmas, não podiam conviver com um sinal visível de sua própria inferioridade. Ele ficou feliz quando voltei para Duladel. Me disse para ser um fazendeiro. Eu o deixei como um pobre e solitário deus em uma cidade divina, desejando unicamente a liberdade de ser novamente um homem simples. Morreu um ano depois que parti. Sabia que elantrinos podiam morrer de coisas simples, como um ataque do coração? Viviam

muito mais do que as pessoas normais, mas mesmo assim podiam morrer. Especialmente se quisessem. Meu pai conhecia os sinais de um ataque do coração; podia ter ido a um curandeiro, mas preferiu ficar em seu estúdio e desaparecer. Igual a esses aons que você passa tanto tempo desenhando.

– Então você odeia Elantris? – Raoden perguntou, saindo cuidadosamente pela janela aberta para se aproximar de seu amigo. Sentou-se também, olhando Galladon do outro lado da pequena planta.

– Odiar? – Galladon perguntou. – Não, não odeio..., não é assim que os dulas fazem. É claro que crescer em Elantris, com um pai amargurado me tornou um dula medíocre. Você percebeu isso, não aceito as coisas tão despreocupadamente como meu povo faz. Vejo defeito em tudo. Como o lodo de Elantris. Meu povo me evitava por causa do meu jeito de ser, e fiquei quase feliz quando a Shaod me alcançou. Eu não me encaixava em Duladel, não importava o quanto gostasse da fazenda. Mereço esta cidade e ela me merece. Kolo?

Raoden não tinha muita certeza de como responder.

– Suponho que um comentário otimista não teria muita serventia neste momento.

Galladon sorriu levemente.

– Definitivamente não. Vocês, otimistas, não conseguem entender que uma pessoa deprimida não quer que tentem alegrá-la. Isso nos deixa enfermos.

– Então deixe-me dizer uma verdade, meu amigo – Raoden falou. – Gosto de você. Não sei se você se encaixa aqui; duvido que algum de nós o faça. Mas valorizo sua ajuda. Se Nova Elantris tiver êxito, será porque você esteve ali para me ajudar a não me jogar de um prédio.

Galladon inspirou profundamente. Seu rosto não mostrava alegria, mas sua gratidão era evidente. Assentiu levemente, levantou-se e ofereceu uma mão para ajudar Raoden a se levantar.

***

Raoden se virou, irrequieto. Não tinha cama, apenas um conjunto de cobertores na sala de trás da capela. Mas não era o incômodo que o mantinha acordado. Havia outro problema – uma preocupação no fundo de sua mente. Estava perdendo algo importante. Estivera perto de descobrir o que era mais cedo, e seu subconsciente o atormentava, exigindo que estabelecesse a conexão.

Mas o que era? Que pista mal registrada o assombrava? Depois de sua conversa com Galladon, Raoden voltara a praticar seus aons. Então saíra para dar uma olhada na cidade. Tudo estava tranquilo – os homens de Shaor haviam parado de atacar Nova Elantris, concentrados com o potencial mais promissor apresentado pelas visitas de Sarene.

Devia ser algo relacionado com suas discussões com Galladon, decidiu. Algo a

ver com os aons, ou talvez com o pai de Galladon. Como teria sido ser um elantrino antigamente? Um homem realmente poderia ficar deprimido dentro dessas muralhas surpreendentes? Quem, capaz de prodígios maravilhosos, estaria disposto a trocar tudo por uma vida simples de fazendeiro? Devia ter sido bonito naquela época, tão bonito...

– Misericordioso Domi! – Raoden gritou, erguendo-se de repente.

Segundos mais tarde, Saolin e Mareshe – que faziam suas camas no salão principal da capela – irromperam pela porta. Galladon e Karata vieram logo atrás. Encontraram Raoden sentado, estupefato.

– Sule? – Galladon perguntou cuidadosamente.

Raoden se levantou e saiu de seus aposentos. Um séquito perplexo o seguiu. Raoden mal se deteve para acender uma lamparina, e o pungente odor do óleo de Sarene nem o incomodou. Caminhou noite adentro, dirigindo-se diretamente para o Salão dos Caídos.

O homem estava ali, ainda murmurando para si mesmo como faziam muitos hoed mesmo à noite. Era pequeno e enrugado, sua pele dobrava em tantos lugares que parecia ter mil anos de idade. Sua voz sussurrava um mantra.

– Bonita – sua voz arranhava. – Antigamente tão bonita...

A pista não viera durante sua conversa com Galladon. Viera durante sua breve visita para entregar comida aos hoed. Raoden ouvira o homem murmurando aquilo uma dúzia de vezes, e nunca fizera a conexão.

Raoden colocou uma mão em cada ombro do homem.

– O que era tão bonita?

– Bonita... – o homem murmurou.

– Velho – Raoden suplicou. – Se ainda há um alma neste seu corpo, mesmo o menor pedaço de pensamento racional, por favor, me diga. Do que está falando?

– Antigamente tão bonita... – o homem prosseguiu, com o olhar perdido.

Raoden levantou uma mão e começou a desenhar diante do rosto do homem. Mal completara o Aon Rao quando o homem estendeu a mão, ofegando ao colocar a palma no centro do caractere.

– Éramos tão bonitos antigamente – o homem sussurrou. – Meu cabelo tão brilhante, minha pele cheia de luz. Aons fluíam de meus dedos. Eram tão bonitos...

Raoden ouviu várias exclamações de surpresa murmuradas atrás dele.

– Quer dizer – Karata disse, se aproximando – todo este tempo...?

– Dez anos – Raoden disse, ainda sustentando o frágil corpo do velho. – Este homem era elantrino antes do Reod.

– Impossível – Mareshe disse. – Foi há muito tempo.

– Para onde mais teriam ido? – Raoden perguntou. – Sabemos que alguns dos elantrinos sobreviveram à queda da cidade e do governo. Ficaram trancados em

Elantris. Alguns podem ter sido queimados, outros podem ter escapado, mas o resto tinha que estar aqui ainda. Teriam se tornado hoed, perdendo a razão e a força depois de alguns anos esquecidos nas ruas.

– Dez anos – Galladon murmurou. – Dez anos de sofrimento.

Raoden olhou nos olhos do velho. Estavam cheios de rugas, e pareciam confusos, como se tivessem recebido um grande golpe. Os segredos do AonDor se escondiam em algum lugar na mente do homem.

A pressão sobre o braço de Raoden aumentou quase imperceptivelmente, todo o corpo do homem estremeceu pelo esforço. Duas palavras brotaram sussurrantes em seus lábios, enquanto seus olhos cheios de agonia se focavam no rosto de Raoden.

– Leva. Fora.

– Onde? – Raoden perguntou, confuso. – Fora da cidade?

– Lago.

– Não sei o que quer dizer, velho – Raoden sussurrou.

Os olhos do homem se moveram levemente, indo até a porta.

– Karata, pegue esta luz – Raoden ordenou, segurando o velho. – Galladon, venha conosco. Mareshe e Saolin, fiquem aqui. Não quero que acordem e descubram que partimos.

– Mas... – Saolin começou, e suas palavras morreram. Reconhecia uma ordem direta.

Era uma noite clara, a lua cheia no céu, e a lamparina quase não era necessária. Raoden carregou o velho elantrino cuidadosamente. Era óbvio que o homem quase já não tinha forças para erguer o braço e apontar, então Raoden tinha que parar em cada cruzamento, buscando algum sinal nos olhos do velho que indicasse para onde deviam virar.

Era um processo lento, e já era quase manhã quando chegaram a um edifício caído no extremo de Elantris. A estrutura se parecia a qualquer outra, embora o telhado estivesse intacto.

– Alguma ideia do que era isso? – Raoden perguntou.

Galladon pensou por um momento, cavando em sua memória.

– Na verdade, acho que tenho, sule. Era um tipo de centro de reuniões para os elantrinos. Meu pai vinha aqui de vez em quando, ainda que eu nunca tivesse permissão de acompanhá-lo.

Karata olhou para Galladon, surpresa pela explicação, mas guardou as perguntas para outra hora. Raoden carregou o velho elantrino para o edifício. Estava vazio e inclassificável. Raoden estudou o rosto do homem. Ele olhava para o chão.

Galladon se ajoelhou e remexeu nos escombros enquanto examinava o piso.

– Há um aon aqui.

– Qual?

– Rao, acho.

Raoden franziu o cenho. O significado de Aon Rao era simples: queria dizer "espírito" ou "energia espiritual". No entanto, o livro do AonDor o mencionava poucas vezes e nunca explicava o efeito mágico que o aon devia produzir.

– Empurre-o – Raoden sugeriu.

– Estou tentando, sule – Galladon falou com um grunhido. – Não acho que esteja fazendo nenhum...

O dula parou de falar quando uma parte do chão começou a se afastar. Gritou e pulou para trás enquanto um grande bloco de pedra afundava com um ruído de algo sendo triturado. Karata limpou a garganta, apontando para um aon que empurrara na parede. Aon Tae – o antigo símbolo que significava "abrir".

– Há alguns degraus aqui, sule – Galladon disse, colocando a cabeça pelo buraco. Começou a descer e Karata o seguiu com a lamparina. Depois de descer o velho hoed, Raoden se juntou a eles.

– Mecanismo inteligente – Galladon comentou, estudando a série de engrenagens que abaixavam o imenso bloco de pedra. – Mareshe ficaria louco com isso. Kolo?

– Estou mais interessado nessas paredes – Raoden falou, contemplando os belos murais. A sala era retangular, com apenas dois metros de altura, mas brilhantemente decorada com pinturas e uma fileira dupla de colunas esculpidas. – Levante a lamparina aqui.

Figuras de cabelos brancos e pele prateada cobriam as paredes, suas formas bidimensionais dedicadas a várias atividades. Alguns se ajoelhavam diante de enormes aons; outros andavam em fila, com as cabeças baixas. Havia um ar de formalidade nas figuras.

– Este lugar é sagrado – Raoden disse. – Uma espécie de santuário.

– Religião entre os elantrinos? – Karata perguntou.

– Eles deviam ter alguma – Raoden respondeu. – Talvez não estivessem tão convencidos de sua própria divindade como o resto de Arelon. – Lançou um olhar interrogador para Galladon.

– Meu pai nunca falou em religião – o dula disse. – Mas este povo mantinha seus segredos, até mesmo de seus familiares.

– Bem ali – Karata disse, apontando para o outro lado da sala retangular, onde a parede tinha um único mural. Representava uma grande forma oval azul espelhada. Um elantrino estava parado diante da forma, as mãos estendidas e os olhos fechados. Parecia voar na direção do disco azul. O restante da parede era negra, embora houvesse uma grande esfera branca ao lado da forma ovalada.

– Lago – a voz do velho elantrino era baixa, mas insistente.

– Está pintado de lado – Karata percebeu. – Veja, ele está caindo em um lago.

Raoden assentiu. O elantrino do desenho não estava voando, estava caindo. A

forma oval era a superfície de um lago, e as linhas ao seu lado representavam a margem.

– É como se a água fosse considerada um portal de algum tipo – Galladon disse, a cabeça inclinada de lado.

– E ele quer que o joguemos nela – Raoden percebeu. – Galladon, alguma vez viu um funeral elantrino?

– Nunca – o dula falou, negando com a cabeça.

– Vamos – Raoden disse, observando os olhos do velho. Eles indicavam insistentemente uma passagem lateral.

Atrás da porta havia uma sala ainda mais surpreendente do que a primeira. Karata ergueu a lamparina com mão trêmula.

– Livros – Raoden sussurrou, entusiasmado. A luz deles iluminava fileiras e mais fileiras de estantes, que se estendiam pela escuridão. Os três vagaram pelo imenso salão, com uma incrível sensação de antiguidade. A poeira cobria as estantes, e seus passos deixavam rastros.

– Percebeu algo estranho nesse lugar, sule? – Galladon perguntou suavemente.

– Não tem lodo – Karata observou.

– Não tem lodo – Galladon concordou.

– Vocês estão certos – Raoden disse surpreso. Acostumara-se tanto às ruas limpas de Nova Elantris que quase se esquecera o tanto de trabalho que fora necessário para deixá-las daquele jeito.

– Não encontrei um único lugar nesta cidade que não estivesse coberto com esse lodo, sule – Galladon disse. – Até mesmo o estúdio do meu pai estava revestido com ele antes que eu o limpasse.

– Há algo mais – Raoden disse, olhando para a parede de pedra da sala. – Olhem ali em cima.

– Uma lamparina – Galladon disse, surpreso.

– Estão alinhadas nas paredes.

– Mas por que não usar aons? – o dula perguntou. – Faziam isso em todos os lugares.

– Não sei – Raoden disse. – Me perguntei o mesmo sobre a entrada. Se podiam fazer os aons transportarem-nos instantaneamente pela cidade, certamente poderiam fazer um que abaixasse uma pedra.

– Tem razão – Galladon disse.

– AonDor deve ser proibido aqui por algum motivo – Karata deduziu enquanto chegavam ao fundo da biblioteca.

– Nenhum aon, nenhum lodo. Coincidência? – Galladon perguntou.

– Talvez – Raoden disse, encarando os olhos do velho. Ele apontava insistentemente para uma pequena porta na parede. Estava entalhada com uma cena

parecida com a do mural da primeira sala.

Galladon abriu a porta, revelando uma passagem aparentemente interminável escavada na rocha.

– Por Doloken, onde isso vai dar?

– Do lado de fora – Raoden disse. – O homem nos pediu que o tirássemos de Elantris.

Karata entrou na passagem, correndo os dedos pelas paredes de rocha lisa. Raoden e Galladon a seguiram. O caminho logo se tornou íngreme, e eram forçados a fazer pausas frequentes para descansar seus fracos corpos elantrinos. Revezaram-se para carregar o velho quando o aclive se transformou em degraus. Levaram mais de uma hora para chegar ao final – uma porta de madeira simples, sem entalhes e sem enfeites.

Galladon a abriu, e saiu para a fraca luz do amanhecer.

– Estamos na montanha – exclamou, surpreso.

Raoden saiu ao lado de seu amigo, andando até uma pequena plataforma escavada na lateral da montanha. O declive depois da plataforma era pronunciado, mas Raoden podia ver os sinais do zigue-zague que levava para baixo. Ao pé do declive estava a cidade de Kae e, além dela, erguia-se o enorme monólito que era Elantris.

Nunca percebera o quão imensa era Elantris. Fazia Kae parecer uma vila. Rodeando Elantris estavam os restos fantasmagóricos das outras três Cidades Exteriores – povoados que, como Kae, haviam se desenvolvido à sombra da grande cidade. Estavam todas abandonadas agora. Sem a mágica de Elantris, não havia como Arelon suportar uma concentração tão grande de pessoas. Os habitantes das cidades haviam sido removidos à força, tornando-se operários e agricultores de Iadon.

– Sule, acho que nosso amigo está ficando impaciente.

Raoden olhou para o elantrino. Os olhos do homem se moviam de um lado para o outro insistentemente, assinalando um largo caminho que subia a partir da plataforma.

– Mais subida – Raoden disse com um suspiro.

– Não muita – Karata disse do alto do caminho. – Termina bem aqui.

Raoden assentiu e percorreu a curta distância, reunindo-se com Karata no cume um pouco acima da plataforma.

– Lago – o homem sussurrou, com exausta satisfação.

Raoden franziu o cenho. O "lago" tinha apenas três metros de profundidade – era mais uma piscina. Suas águas eram azuis cristalinas, e Raoden não via enseadas ou desembocaduras.

– E agora? – Galladon perguntou.

– Vamos colocá-lo aí – Raoden supôs, ajoelhando-se para abaixar o elantrino até a

piscina. O homem flutuou por um momento nas águas de profundo tom safira, então soltou um suspiro de felicidade. O som encheu Raoden de anseio, de um desejo de se libertar das dores tanto físicas quanto mentais. O rosto do velho elantrino parecia se suavizar, seus olhos ganharam vida novamente.

Aqueles olhos encararam os de Raoden por um momento, a gratidão brilhou dentro deles. Então o homem se dissolveu.

– Doloken! – Galladon praguejou enquanto o velho elantrino derretia como açúcar em uma xícara de chá adolis. Em menos de um segundo o homem se fora, sem deixar rastro de carne, ossos ou sangue.

– Eu teria cuidado se fosse você, meu príncipe – Karata sugeriu.

Raoden olhou para baixo, percebendo o quanto estava perto da margem da piscina. A dor gritava: seu corpo estremecia, como se soubesse que o alívio estava próximo. Tudo o que precisava fazer era cair...

Raoden se levantou, tropeçando levemente enquanto se afastava da piscina que o chamava. Não estava pronto. Não estaria pronto até que a dor o governasse – enquanto tivesse vontade, continuaria lutando.

Colocou uma mão no ombro de Galladon.

– Quando eu for um hoed, traga-me aqui. Não me faça viver na dor.

– Ainda é jovem para Elantris, sule – Galladon o repreendeu. – Durará anos.

A dor ardia dentro de Raoden, fazendo seus joelhos tremerem.

– Apenas me prometa isso, meu amigo. Jure que me trará aqui.

– Eu juro, Raoden – Galladon disse solenemente, com um olhar preocupado.

Raoden assentiu.

– Vamos. Temos um longo caminho de volta à cidade.

Os portões se fecharam com um golpe enquanto a carroça de Sarene iniciou o regresso a Kae.

– Tem certeza de que é ele quem está no comando? – ela perguntou.

Ashe balançou levemente.

– Você estava certa, minha senhora, minhas informações sobre as gangues estavam desatualizadas. Chamam este recém-chegado de lorde Espírito. Sua ascensão é um acontecimento recente, a maioria não havia ouvido falar dele há um mês, ainda que um homem afirme que lorde Espírito e Shaor são a mesma pessoa. Os relatos concordam que ele derrotou tanto Karata quanto Aanden. Aparentemente, o segundo confronto envolveu uma enorme batalha de algum tipo.

– Então as pessoas com quem estou me reunindo são impostores – Sarene disse, tamborilando a bochecha enquanto viajavam na parte de trás da carroça. Dificilmente aquele seria um transporte adequado para uma princesa, mas nenhum dos nobres daquele dia lhe oferecera carona em suas carruagens. Pretendia pedir a Shuden, mas ele desaparecera: a jovem Torena fora mais rápida do que Sarene.

– Aparentemente são, minha senhora. Está irritada? – Ashe fez a pergunta com cuidado. Havia deixado claro que ainda achava que a preocupação dela com Espírito era uma distração desnecessária.

– Não, na verdade, não. Deve-se esperar certos subterfúgios em qualquer relacionamento político. – Ou pelo menos era o que ela dizia. Necessidade política ou não, queria que Espírito fosse honesto com ela. Estava começando a acreditar nele, e isso a preocupava.

Por alguma razão, ele resolvera confiar nela. Perto dos outros era vivo e alegre, mas nenhum homem podia ser apenas otimista. Quando falava só com Sarene, era mais honesto. Ela podia ver dor nos olhos dele, lamentos inexplicáveis e preocupações. Este homem, senhor da guerra ou não, se importava com Elantris.

Como todos os elantrinos, ele era mais um cadáver do que um homem: sua pele descorada e seca, seu crânio sem cabelos e o rosto sem sobrancelha. Mas a repulsa dela diminuía a cada dia, e estava se acostumando com a cidade. Não chegara ao ponto de ver beleza nos elantrinos, mas pelo menos não ficava fisicamente doente com a presença deles.

Mesmo assim, obrigava-se a permanecer indiferente às tentativas de Espírito de estabelecer amizade. Passara tempo demais na política para se permitir estar emocionalmente aberta a um oponente. E ele era definitivamente um oponente – não importava o quanto fosse afável. Estava jogando com ela, apresentando-lhe falsos

líderes de gangues para distraí-la, enquanto ele mesmo supervisionava as distribuições. Ela não podia ter certeza de que ele estivesse cumprindo o acordo. Pelo que sabia, os únicos que tinham permissão para receber comida eram os seguidores de Espírito. Talvez ele parecesse tão otimista porque ela estava inadvertidamente ajudando-o a reinar supremo sobre a cidade.

A roda da carroça acertou um buraco especialmente grande, e Sarene bateu contra o piso de madeira. Um par de caixas vazias saltou da pilha e quase caiu sobre ela.

– Da próxima vez que encontrarmos Shuden – ela murmurou, mal-humorada, esfregando o traseiro – lembre-me de lhe dar um chute.

– Sim, minha senhora – Ashe disse, complacente.

***

Não teve que esperar muito. Infelizmente, tampouco teve a chance de lhe dar um chute. Provavelmente poderia ter empalado Shuden se quisesse, mas isso não a tornaria muito popular entre as mulheres da corte. Aquele era um dos dias que as mulheres haviam escolhido para praticar esgrima, e Shuden assistia à aula, como de costume – ainda que raramente participasse. Por sorte, também se absteve de praticar ChayShan. As mulheres já o incomodavam o suficiente sem aquilo.

– Estão realmente melhores – Eondel aprovou, observando as mulheres praticando.

Cada uma tinha uma espada de aço de treino, assim como um tipo de uniforme: um macacão muito parecido com o que Sarene usava, mas com um pequeno pedaço de tecido curto preso ao redor da cintura, imitando uma saia. O tecido era fino e inútil, mas fazia as mulheres se sentirem confortáveis, então Sarene não disse nada – não importava o quão bobo lhe parecesse.

– Parece surpreso, Eondel – Sarene disse. – Estava tão pouco confiante na minha habilidade de ensinar?

O imponente guerreiro se empertigou.

– Não, Vossa Alteza, nunca...

– Ela está provocando você, meu senhor – Lukel disse, batendo na cabeça de Sarene com um papel enrolado ao se aproximar. – Não devia deixá-la vir com essas coisas. Isso só a encoraja.

– O que é isso? – Sarene disse, arrancando o papel das mãos de Lukel.

– As rendas totais do nosso querido rei – Lukel explicou enquanto tirava um brilhante melão-amargo vermelho de seu bolso e dava uma mordida. Ainda não revelara como conseguira um carregamento da fruta um mês antes do início da estação, fato que deixara o resto da comunidade mercantil enfurecida de inveja.

Sarene estudou os números.

– Ele vai conseguir?

– Raspando – Lukel disse com um sorriso. – Mas seus ganhos em Teod, juntamente com as entradas provenientes dos impostos, devem ser respeitáveis o suficiente para salvá-lo da vergonha. Parabéns, prima, você salvou a monarquia.

Sarene enrolou o papel novamente.

– Bem, uma coisa a menos para nos preocuparmos.

– Duas – Lukel corrigiu, um pouco de suco rosado escorrendo por seu queixo. – Nosso querido amigo Edan fugiu do país.

– O quê? – Sarene perguntou.

– É verdade, minha senhora – Eondel falou. – Soube das notícias esta manhã. As terras do barão Edan fazem fronteira com o Abismo, ao sul de Arelon, e as chuvas recentes causaram alguns deslizamentos de terra envolvendo seus campos. Edan decidiu cortar as perdas e foi visto pela última vez dirigindo-se para Duladel.

– Onde logo descobrirá que a nova monarquia é um tanto indiferente aos títulos arelenos – Lukel acrescentou. – Acho que Edan será um ótimo fazendeiro, não acha?

– Limpe a boca – Sarene disse com um olhar reprovador. – Não é gentil fazer piada com a desgraça dos outros.

– A desgraça vem segundo os desejos de Domi – Lukel disse.

– Você nunca gostou de Edan – Sarene disse.

– Era covarde, arrogante e teria nos traído se fosse homem para isso. O que havia ali para se gostar? – Lukel continuou comendo sua fruta com um sorriso de autossatisfação.

– Bem, alguém certamente está orgulhoso de si mesmo esta tarde – Sarene comentou.

– Ele sempre fica assim depois de fazer um bom negócio, Vossa Alteza – Eondel contou. – Ficará insuportável por mais uma semana pelo menos.

– Ah, espere só até o Mercado Areleno – Lukel disse. – Farei uma matança. De qualquer maneira, Iadon está ocupado procurando alguém rico o suficiente para comprar o baronato de Edan, então não precisa se preocupar que ele vá incomodá-la por algum tempo.

– Gostaria de poder dizer o mesmo de você – Sarene respondeu, voltando a atenção para suas alunas que ainda treinavam. Eondel estava certo: estavam melhorando. Mesmo as mais velhas pareciam cheias de energia. Sarene ergueu a mão, chamando a atenção delas, e os exercícios pararam.

– Estão indo muito bem – Sarene disse quando o salão silenciou. – Estou impressionada. Algumas de vocês já estão melhores do que muitas mulheres que conheci em Teod.

Houve um clima generalizado de satisfação entre as mulheres enquanto escutavam os elogios de Sarene.

– Contudo, há uma coisa que me incomoda – Sarene disse, começando a andar. –

Pensei que pretendiam demonstrar força, que queriam provar que são boas para algo mais do que bordar uma ou outra capa de almofada. Mas, até agora, só uma de vocês mostrou de verdade que quer que as coisas mudem em Arelon. Torena, conte para elas o que você fez hoje.

A garota magrela deu um gritinho quando Sarene disse seu nome, então olhou timidamente para suas companheiras.

– Fui até Elantris com você?

– Exatamente – Sarene falou. – Convidei todas as mulheres desta sala várias vezes, mas apenas Torena teve a coragem de me acompanhar até Elantris.

Sarene parou de andar para olhar as desconfortáveis mulheres. Nenhuma delas a encarava – nem mesmo Torena, que parecia se sentir culpada por associação.

– Amanhã, irei a Elantris novamente e, desta vez, nenhum homem me acompanhará, além dos guardas. Se realmente querem mostrar para esta cidade que são tão fortes quanto seus maridos, vocês me acompanharão.

Sarene ficou quieta, olhando as mulheres. As cabeças se levantaram hesitantes, e os olhos se concentraram nela. Elas iriam. Estavam mortas de medo, mas iriam. Sarene sorriu.

O sorriso, no entanto, era apenas meio genuíno. Parada diante delas, como um general diante de suas tropas, ela percebeu algo. Estava acontecendo novamente.

Era como em Teod. Podia ver respeito nos olhos delas; até a própria rainha procurava Sarene em busca de conselhos agora. Mesmo assim, por mais que a respeitassem, nunca a aceitariam. Quando Sarene entrava em uma sala, elas faziam silêncio. Quando partia, as conversas eram retomadas. Era como se pensassem que ela estava acima de suas simples discussões. Ao servir de modelo para aquilo que queriam se tornar, Sarene se distanciara delas.

Sarene deu meia-volta, deixando que as mulheres continuassem a treinar. Os homens eram iguais. Shuden e Eondel a respeitavam – até mesmo a consideravam uma amiga –, mas nunca pensariam nela sentimentalmente. Apesar de seu desagrado declarado pelos jogos corteses do matrimônio, Shuden reagia favoravelmente aos avanços de Torena – mas nunca olhara para Sarene. Eondel era muito mais velho do que ela, mas Sarene podia sentir os sentimentos dele. Respeito, admiração e disposição para servi-la. Era como se nem percebesse que ela era uma mulher.

Sarene sabia que estava casada agora, e que não devia pensar nessas coisas, mas era difícil se considerar casada. Não houvera cerimônia, e não conhecera marido algum. Almejava alguma coisa – um sinal de que ao menos um homem a achasse atraente, ainda que ela nunca fosse responder a um avanço desse tipo. O assunto era irrelevante; os homens de Arelon a temiam tanto quanto a respeitavam.

Crescera sem outro afeto que não o de sua família, e aparentemente continuaria assim. Pelo menos tinha Kiin e sua família. Mesmo assim, se viera para Arelon em

busca de aceitação, havia falhado. Teria que se contentar com respeito.

Uma voz áspera e profunda soou atrás dela, e Sarene se virou para encontrar Kiin, que se juntara a Lukel e Eondel.

– Tio? – perguntou. – O que está fazendo aqui?

– Fui para casa e encontrei tudo vazio – Kiin disse. – Só há uma pessoa que ousaria roubar a família inteira de um homem.

– Ela não nos roubou, pai – Lukel brincou. – Só ficamos sabendo que você ia fazer sopa de algas hraggish de novo.

Kiin olhou seu jovial filho por um momento, coçando o queixo onde antigamente tinha barba.

– Ele fez uma boa venda, então?

– Muito lucrativa – Eondel confirmou.

– Que Domi nos proteja – Kiin resmungou, acomodando seu corpo robusto em uma cadeira próxima. Sarene sentou-se ao seu lado.

– Soube dos ganhos do rei, Ene? – Kiin perguntou.

– Sim, tio.

Kiin assentiu.

– Nunca pensei que chegaria o dia em que me animaria com o sucesso de Iadon. Seu plano para salvá-lo deu certo e, pelo que ouvi, Eondel e os demais esperam obter colheitas exemplares.

– Então por que parece tão preocupado? – Sarene perguntou.

– Estou ficando velho, Ene, e velhos tendem a se preocupar. Ultimamente estou preocupado com suas excursões para Elantris. Seu pai nunca me perdoaria se lhe acontecesse algo ali.

– Não que ele pretenda perdoá-lo de alguma maneira – Sarene disse, espontânea.

Kiin grunhiu.

– É verdade. – Então fez uma pausa, olhando desconfiado para ela. – O que sabe sobre isso?

– Nada – Sarene admitiu. – Mas espero que corrija minha ignorância.

Kiin negou com a cabeça.

– É melhor deixar algumas coisas sem corrigir. Seu pai e eu éramos muito mais tolos quando jovens. Eventeo pode ser um grande rei, mas é um irmão patético. É claro que tampouco ganharei um prêmio por meu afeto fraternal.

– Mas o que aconteceu?

– Tivemos uma discórdia.

– Que tipo de discórdia?

Kiin deu aquela sua gargalhada retumbante e áspera.

– Não, Ene, não sou tão fácil de manipular como essas suas cotovias. Fique se perguntando sobre isso. E não faça beicinho.

– Nunca faço beicinho – Sarene disse, lutando para que sua voz não soasse infantil. Quando se tornou claro que seu tio não lhe daria nenhuma outra informação, Sarene finalmente mudou de assunto. – Tio Kiin, há alguma passagem secreta no palácio de Iadon?

– Me surpreenderia tanto quanto as Três Virgens se não tivesse – ele respondeu. – Iadon é o homem mais paranoico que já conheci. Deve haver pelo menos uma dúzia de rotas de fuga naquela fortaleza que ele chama de lar.

Sarene resistiu ao desejo de observar que a casa de Kiin era uma fortaleza tanto quanto a do rei. A conversa deles fez uma pausa e Kiin se virou para perguntar a Eondel sobre o acordo dos melões-amargos de Lukel. Depois de um tempo, Sarene se levantou, pegou seu syre e se aproximou da pista de treino. Colocou-se em posição e começou a fazer os exercícios sozinha.

Sua lâmina açoitava e cortava o ar, os movimentos já muito praticados agora rotineiros, e sua mente logo começou a divagar. Ashe tinha razão? Estava permitindo que Elantris e seu enigmático governante a distraíssem? Não podia perder de vista suas tarefas mais importantes – Hrathen estava planejando algo, e Telrii não podia ser tão indiferente quanto aparentava. Tinha muitas coisas que precisava vigiar, e tinha experiência política suficiente para perceber como era fácil que alguém extrapolasse.

Mesmo assim, estava cada vez mais interessada em Espírito. Era raro encontrar alguém que fosse politicamente habilidoso o bastante para chamar a sua atenção, mas em Arelon encontrara duas pessoas. De certo modo, Espírito era ainda mais fascinante que o gyorn. Enquanto Hrathen e ela eram muito francos sobre sua inimizade, Espírito de algum modo a manipulava e a enganava enquanto agia como se fosse um velho amigo. O mais alarmante era que ela quase não se importava.

Em vez de ficar indignado quando ela cumpria suas exigências com artigos inúteis, ele parecia impressionado. Até a cumprimentara por sua parcimônia, observando que o tecido que enviara devia ter sido comprado com desconto, considerando a cor. Em tudo permanecia amistoso, indiferente ao sarcasmo dela.

E ela se sentia respondendo. Ali, no meio daquela cidade amaldiçoada, finalmente havia uma pessoa disposta a aceitá-la. Desejava poder rir dos comentários inteligentes dele, concordar com suas observações, partilhar suas preocupações. Quanto mais confrontante ela tentava ser, menos ameaçado ele se mostrava. Parecia aceitar seu desafio.

– Sarene, querida? – a voz tranquila de Daora interrompeu seus pensamentos. Sarene fez um último movimento com a espada e se endireitou, atordoada. O suor escorria pelo rosto, chegando até seu colarinho. Não havia percebido quão vigoroso seu treino se tornara.

Ela relaxou, apoiando a ponta do syre no chão. O cabelo de Daora estava preso

em um coque, e seu uniforme não tinha uma mancha de suor. Como sempre, a mulher fazia tudo com graça – até mesmo exercícios físicos.

– Quer falar sobre isso, querida? – Daora perguntou, em um tom persuasivo. Estavam em um dos lados da sala, a batida dos pés e o choque das lâminas ocultavam sua conversa de ouvidos curiosos.

– Sobre o quê? – Sarene perguntou, confusa.

– Já vi este olhar antes, querida – Daora a confortou. – Ele não é para você. Mas, é claro, você já percebeu isso, não é?

Sarene ficou pálida. Como ela podia saber? A mulher lia pensamentos? Então Sarene seguiu o olhar de sua tia. Daora observava Shuden e Torena, que riam juntos enquanto a jovem ensinava ao jindonês alguns movimentos básicos.

– Sei que deve ser difícil, Sarene – Daora prosseguiu – estar presa em um casamento sem nenhuma possibilidade de afeto, sem nunca ter conhecido seu marido, ou sentido o consolo de seu amor. Talvez, em alguns anos, quando seu lugar em Arelon estiver mais seguro, você poderá se permitir uma relação clandestina. Mas é muito cedo para isso agora.

Os olhos de Daora se suavizaram quando viu Shuden derrubar desajeitadamente a espada. O normalmente reservado jindonês ria de modo incontrolável de seu erro.

– Além disso, filha – Daora falou – este é para outra.

– Você acha...? – Sarene começou.

Daora colocou uma mão no braço de Sarene, apertando-o levemente e sorrindo.

– Tenho visto seu olhar nestes últimos dias, e também vejo a frustração. As duas emoções andam juntas com mais frequência do que esperam os corações jovens.

Sarene negou com a cabeça e deu uma risadinha.

– Eu lhe asseguro, tia – disse, com afeição, mas firmeza. – Não tenho interesse em lorde Shuden.

– É claro, querida – Daora disse, dando uma palmadinha em seu braço antes de se afastar.

Sarene balançou a cabeça e foi beber algo. O que eram esses "sinais" que Daora dizia ter visto nela? A mulher era muito observadora; o que a fizera se equivocar tão gravemente neste caso? Sarene gostava de Shuden, é claro, mas não de modo romântico. Ele era muito tranquilo e, como Eondel, um pouco rígido demais para o gosto dela. Sarene estava bem ciente de que precisava de um homem que soubesse quando lhe dar espaço, mas que não permitisse que ela o manipulasse ao seu bel-prazer.

Dando de ombros, Sarene afastou as conclusões equivocadas de Daora de sua mente e se sentou para pensar sobre como estragaria a última e mais detalhada lista de exigências de Espírito.

Hrathen encarou o papel por um longo, longo tempo. Eram os dados financeiros do rei Iadon, calculados pelos espiões derethi.

De algum modo, Iadon se recuperara da perda dos navios e das cargas. Telrii não seria rei.

Hrathen estava sentado em sua mesa, ainda vestido com a armadura que usava ao entrar e encontrar o relatório. O papel estava imóvel em seus dedos rígidos. Talvez, se não estivesse diante de outras preocupações, as notícias não o teriam surpreendido tanto – já tivera que lidar com muitos contratempos em sua vida. Debaixo do papel, no entanto, estava a relação dos arteths locais. Oferecera a cada um deles a posição de arteth principal, e todos haviam recusado. Só sobrava um único homem para assumir o posto.

A recuperação de Iadon era apenas um tijolo caído no muro desmoronando que era a sensação de controle de Hrathen. Dilaf governava a capela: sequer informava ao gyorn sobre metade das reuniões e dos sermões que organizava. Havia uma certa vingança no jeito que Dilaf estava arrancando o controle de Hrathen. Talvez o arteth ainda estivesse zangado com o incidente com o prisioneiro elantrino, ou talvez Dilaf estivesse apenas transferindo para Hrathen a raiva e a frustração pela humanização dos elantrinos, comandada por Sarene.

Independentemente do que fosse, Dilaf estava lentamente tomando o poder. Era sutil, mas parecia inevitável. O astuto arteth dizia que itens menores de organização "não mereciam a atenção do meu senhor hroden" – uma afirmação que era, até certo ponto, bem fundada. Gyorns raramente tinham muita participação nas práticas cotidianas da capela, e Hrathen não podia fazer tudo pessoalmente. Dilaf interferia para cobrir os espaços vazios. Mesmo se Hrathen não cedesse na direção do movimento mais óbvio – tornar Dilaf arteth principal – o resultado seria o mesmo.

Hrathen estava perdendo o controle sobre Arelon. Os nobres procuravam Dilaf agora, em vez dele, e embora o conjunto de membros derethi estivesse crescendo, isso não acontecia na velocidade suficiente. Sarene de algum modo tinha estragado o plano de colocar Telrii no trono – e, depois de visitar a cidade, o povo de Kae nunca olharia os elantrinos como demônios. Hrathen estava criando um precedente ruim para suas atividades em Arelon.

Acima de tudo isso estava a fé vacilante do gyorn. Não era o momento oportuno para colocar suas crenças em dúvida. Hrathen sabia disso. No entanto, saber – em oposição a sentir – era a raiz de seu problema. Agora que a semente da incerteza havia conseguido chegar ao seu coração, não podia arrancá-la tão facilmente.

Era demais. De repente, parecia que o quarto estava caindo sobre ele. As paredes e o teto se encolhiam mais e mais, como se fossem esmagá-lo sob seu peso. Hrathen cambaleou, tentando escapar, e caiu no chão de mármore. Nada funcionava, nada poderia ajudá-lo.

Gemeu, sentindo dor enquanto a armadura cravava em sua pele em ângulos estranhos. Ficou de joelhos e começou a rezar.

Como sacerdote do Shu-Dereth, Hrathen passava muitas horas rezando a cada semana. Mas aquelas orações eram diferentes – eram mais uma forma de meditação do que de comunicação, um meio de organizar seus pensamentos. Desta vez ele suplicava.

Pela primeira vez em anos, pegou-se implorando por ajuda. Hrathen se dirigiu a esse Deus a quem servia por tanto tempo que quase O esquecera. O Deus que havia deixado de lado em um aguaceiro de lógica e compreensão, um Deus que se tornara impotente em sua vida, embora buscasse ampliar Sua influência.

Pela primeira vez, Hrathen se sentiu incapaz de agir por conta própria. Pela primeira vez, admitia que precisava de ajuda.

Não soube quanto tempo ficou ajoelhado, rezando fervorosamente em busca de ajuda, compaixão e misericórdia. Em algum momento, foi arrancado de seu transe por uma batida na porta.

– Entre – disse, distraído.

– Peço desculpas por incomodar meu senhor – disse um sacerdote menor, abrindo a porta. – Mas isso acaba de chegar.

O sacerdote deixou um pequeno engradado no quarto e fechou a porta.

Hrathen se levantou, com passos incertos. Estava escuro lá fora, embora tivesse começado suas orações antes do meio-dia. Passara realmente tanto tempo suplicando? Um pouco aturdido, Hrathen pegou a caixa e a colocou sobre sua mesa, forçando a tampa para cima com uma adaga. Dentro, embalado com feno, havia um suporte com quatro frascos.

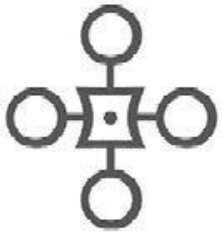
Meu senhor Hrathen, dizia o bilhete que acompanhava. *Aqui está o veneno que me pediu. Todos os efeitos são exatamente como especificou. O líquido deve ser ingerido, e a vítima não manifestará nenhum sintoma pelas primeiras oito horas.*

Em todas as coisas, rezo a Nosso Senhor Jaddeth.

Forton, boticário e súdito leal de Wyrn.

Hrathen pegou um frasco, observando seu conteúdo escuro com assombro. Quase se esquecera da chamada tarde da noite para Forton. Recordava vagamente de ter a intenção de administrar o veneno para Dilaf. Esse plano não funcionaria mais. Precisava de algo mais espetacular.

Hrathen agitou o veneno em seu frasco por um instante, então tirou a tampa e bebeu de um só gole.



PARTE II
O CHAMADO DE ELANTRIS

O mais difícil era decidir por onde começar a ler. As estantes se estendiam até perder de vista, a informação contida nelas ia até o infinito. Raoden tinha certeza de que as pistas de que precisava estavam contidas em algum lugar dentro do vasto mar de páginas, mas encontrá-las parecia uma tarefa verdadeiramente assustadora.

Foi Karata quem fez a descoberta. Localizou uma estante baixa perto do lado oposto ao da entrada. Cerca de trinta volumes se amontoavam nas prateleiras, esperando, empoeirados. Continham um sistema de organização com números que faziam referência às várias colunas e fileiras da biblioteca. Com isso, Raoden localizou facilmente os livros sobre o AonDor. Selecionou o volume menos complicado que pôde encontrar e começou a trabalhar.

Raoden restringiu o conhecimento da existência da biblioteca a si mesmo, a Galladon e a Karata. Não só temia uma repetição do cozimento dos livros de Aanden, mas sentia que havia algo de sagrado naquele edifício. Não era um lugar para ser invadido por visitantes, dedos equivocados que desorganizariam os livros e destruiriam a calma.

Também mantiveram a piscina em segredo, dando a Mareshe e a Saolin explicações simplificadas. A ânsia do próprio Raoden o advertia do perigo que a piscina era. Havia uma parte dele que queria buscar aquele abraço mortal, o descanso da destruição. Se as pessoas soubessem que havia uma forma tão fácil e indolor de escapar do sofrimento, muitos a aceitariam sem vacilar. A cidade ficaria despovoada em questão de meses.

Deixá-los fazer aquilo era uma opção, é claro. Que direito ele tinha de negar a paz aos outros? Mesmo assim, Raoden achava que era muito cedo para desistir de Elantris. Nas semanas antes de Sarene começar a distribuir alimentos, ele vira que a cidade podia esquecer suas dores e sua fome. Os elantrinos podiam ir além de suas necessidades – havia uma válvula de escape para eles fora a destruição.

Mas não para ele. A dor aumentava a cada dia. Extraía forças do dôr, levando-o para mais perto da submissão a cada ataque. Felizmente, tinha os livros para se distrair. Estudava-os com fascinação hipnótica, finalmente descobrindo as explicações simples que buscava há tanto tempo.

Leu sobre como funcionavam em conjunto as complexas equações aônicas. Desenhar uma linha ligeiramente mais comprida em proporção ao resto do aon podia causar efeitos drásticos. Duas equações aônicas podiam começar da mesma maneira, mas – como duas pedras que rolavam montanha abaixo por caminhos ligeiramente distintos – acabavam fazendo coisas completamente diferentes. Tudo

pela mudança no comprimento de poucas linhas.

Começou a entender a teoria do AonDor. O dôr era como Galladon descrevera: um poderoso reservatório além dos sentidos normais. Seu único desejo era escapar. Os livros explicavam que o dôr existia em um lugar que era cheio de pressão, e então a energia abria caminho por qualquer saída viável, passando de uma área de alta concentração para outra de baixa concentração.

Contudo, por causa da natureza do dôr, podia entrar no mundo físico somente através de portais de tamanho e formas adequadas. Os elantrinos podiam criar fendas com seus desenhos, providenciando um meio para que o dôr escapasse, e esses desenhos determinavam que forma a energia teria quando aparecesse. Mas se uma única linha tivesse a proporção errada, o dôr seria incapaz de entrar – como um quadrado tentando forçar passagem por um buraco redondo. Alguns teóricos descreviam o processo usando palavras pouco familiares como "frequência" e "comprimento de pulso". Raoden estava só começando a entender quanto talento científico estava contido naquelas páginas mofadas da biblioteca.

Apesar de todos os seus estudos, era decepcionantemente incapaz de descobrir o que fizera o AonDor parar de funcionar. Podia apenas deduzir que o dôr havia mudado de algum modo. Talvez agora, em vez de um quadrado, o dôr fosse um triângulo – e não importava quantos aons quadrados Raoden desenhasse a energia não podia fluir. O que provocara a súbita mudança do dôr ainda lhe escapava.

– Como aquilo chegou até aqui? – Galladon perguntou, interrompendo os pensamentos de Raoden. O dula apontou na direção do seon Ien, que flutuava em cima de uma estante, sua luz projetava sombras nos livros.

– Não sei – Raoden disse, observando Ien girar algumas vezes.

– Tenho que admitir, sule. Seu seon é arrepiante.

Raoden deu de ombros.

– Todos os seons loucos são desse jeito.

– Sim, mas os outros, em geral, ficam longe das pessoas – Galladon olhou Ien, estremecendo levemente. O seon, como sempre, não prestava atenção aparente no dula, embora parecesse gostar de ficar perto de Raoden.

– Bem, como seja – Galladon falou. – Saolin está perguntando por você.

Raoden assentiu, fechando o livro e levantando-se da pequena mesa – uma das muitas que haviam no fundo da biblioteca. Reuniu-se a Galladon na porta. O dula deu uma última olhada incômoda para Ien antes de fechar a porta e deixar o seon na escuridão.

***

– Não sei, Saolin – Raoden disse, hesitando.

– Meu senhor, temos poucas opções – o soldado respondeu. – Meus homens têm

muitos ferimentos. Seria inútil enfrentar Shaor hoje, os selvagens gargalhariam e nos tirariam do caminho.

Raoden assentiu com um suspiro. O soldado estava certo: não podiam continuar mantendo os homens de Shaor afastados de Sarene. Embora Saolin estivesse perito em lutar com a mão esquerda, não havia guerreiros suficientes para proteger o pátio. Além disso, parecia que os homens de Shaor estavam ficando mais e mais perigosos e ferozes. Obviamente, podiam sentir que havia comida no pátio, e a incapacidade de chegar até ela os empurrara até um nível mais profundo de insanidade.

Raoden tentara deixar comida para eles, mas a distração funcionou apenas por um tempo. Eles devoravam tudo e logo saíam correndo, ainda mais furiosos do que antes. Eram guiados por um único e obsessivo objetivo: chegar até a carroça de comida no pátio.

Se ao menos tivéssemos mais soldados!, Raoden pensou, frustrado. Perdera muito do seu pessoal com as doações de Sarene, enquanto os números de Shaor aparentemente continuavam os mesmos. Raoden e Galladon haviam se oferecido para se unir aos lutadores de Saolin, mas o experiente capitão não queria nem ouvir falar nisso.

– Líderes não lutam – o homem de nariz quebrado dissera simplesmente. – Vocês são muito valiosos.

Raoden sabia que o homem estava certo. Raoden e Galladon não eram soldados. Não fariam muito mais do que desorganizar a tropa cuidadosamente treinada de Saolin. Poucas opções lhes restavam, e parecia que o plano de Saolin era o melhor entre várias escolhas ruins.

– Tudo bem – Raoden disse. – Faça isso.

– Muito bem, meu senhor – Saolin disse, inclinando levemente a cabeça. – Iniciarei os preparativos, só temos alguns minutos antes que a princesa chegue.

Raoden liberou Saolin com um aceno. O plano do soldado era uma última tentativa desesperada de armadilha. Os homens de Shaor costumavam fazer o mesmo caminho todos os dias antes de se dividirem para tentar chegar ao pátio, e Saolin planejava fazer uma emboscada quando se aproximassem. Era arriscado, mas era provavelmente a única chance deles. Os soldados não podiam continuar a lutar como antes.

– Suponho que devemos ir, então – Raoden disse.

Galladon assentiu. Enquanto se viravam para seguir na direção do pátio, Raoden não pôde deixar de se sentir desconfortável com a decisão que tomara. Se Saolin perdesse, então os selvagens invadiriam. Se Saolin vencesse, significaria a morte ou a incapacitação de dezenas de elantrinos – homens de ambos os lados, que Raoden deveria ter sido capaz de proteger.

De qualquer modo, sou um fracasso, Raoden pensou.

***

Sarene podia dizer que algo estava errado, mas não tinha certeza do quê. Espírito estava nervoso, suas amistosas brincadeiras, reprimidas. Não era com ela – era alguma outra coisa. Talvez fosse o peso da liderança.

Quis perguntar para ele o que era. Realizou a já familiar rotina para descarregar os alimentos. A preocupação de Espírito a deixava nervosa. Cada vez que ele se aproximava para aceitar um item da carroça, ela olhava em seus olhos e via sua tensão. Não conseguia se obrigar a perguntar sobre o problema. Passara tempo demais fingindo frieza, tempo demais ignorando as tentativas dele de estabelecer amizade. Assim como em Teod, havia se trancado em um papel. E, assim como antes, se amaldiçoou, sem saber como escapar da indiferença autoimposta.

Felizmente, Espírito não compartilhava das mesmas inibições. Quando os nobres se reuniram para começar a repartir as doações, Espírito puxou Sarene de lado, afastando-se um pouco do grupo principal.

Ela o encarou com curiosidade.

– O que foi?

Espírito olhou para o grupo de nobres – entre eles algumas mulheres – que esperava que os elantrinos se aproximassem para receber sua comida. Finalmente voltou-se para Sarene.

– Você se lembra que eu disse que nem todos os elantrinos são tão dóceis quanto os que estão aqui?

– Sim – Sarene disse lentamente. *Qual é o truque, Espírito? Que jogo está jogando?* Ele parecia tão honesto, tão diligente. Mesmo assim, Sarene não podia deixar de se preocupar que estivesse apenas jogando com ela.

– Bem, é que... – Espírito falou. – Apenas esteja preparada. Mantenha seus guardas por perto.

Sarene franziu o cenho. Sentia uma nova emoção nos olhos dele – algo que não vira antes. Culpa.

Enquanto Espírito voltava para a fila da comida, deixando suas palavras agourentas na mente dela, uma parte de Sarene estava repentinamente grata por ter permanecido afastada. Ele estava escondendo algo dela – algo grande. Seu sentido político a avisava para ter cautela.

O que quer que ele estivesse esperando, no entanto, não aconteceu. Quando começaram a repartir a comida, Espírito havia relaxado de algum modo, e falava animadamente. Sarene começou a pensar que havia feito tempestade em copo d'água.

Então os gritos começaram.

***

Raoden praguejou, derrubando a sacola de comida quando escutou o uivo. Estava perto – perto demais. No momento seguinte viu a silhueta de Saolin aparecer na boca de uma ruela. O soldado brandia a espada de maneira selvagem para quatro oponentes. Um dos loucos esmagou uma clava contra as pernas de Saolin, e o soldado caiu.

Os homens de Shaor estavam sobre eles.

Saíam de todos os becos – quase duas dezenas de loucos uivantes. Os guardas da cidade de Elantris reagiram surpresos, arrancados de seu agradável ócio perto dos portões, mas foram muito lentos. Os homens de Shaor saltaram na direção do grupo de aristocratas e elantrinos, as bocas abertas de modo selvagem.

Então Eondel apareceu. Por uma sorte do acaso, resolvera acompanhar Sarene naquela visita e, como sempre, levava sua espada – desafiando as convenções em favor da segurança. Dessa vez, sua precaução foi justificada.

Os homens de Shaor não esperavam resistência e cambalearam diante da lâmina agitada do general. Apesar de sua idade, Eondel lutava com incrível destreza, decapitando dois selvagens em um segundo. A arma de Eondel, impulsionada por seus músculos saudáveis, cortava com facilidade a carne elantrina. Seu ataque deteve os selvagens tempo suficiente para que os Guardas entrassem na batalha, formando uma linha ao seu lado.

Finalmente percebendo que estavam em perigo, os nobres começaram a gritar. Felizmente, estavam a poucos passos dos portões, e fugiram do caos com facilidade. Logo restavam apenas Raoden e Sarene, olhando um para o outro através da batalha.

Um dos seguidores de Shaor caiu aos pés deles, derrubando uma caixa de mingau de cereais. A barriga da criatura estava aberta da cintura ao pescoço e seus braços se agitavam desajeitadamente, misturando a pasta branca do mingau com o lodo dos paralelepípedos. Seus lábios tremiam enquanto olhava para cima.

– Comida. Só queríamos um pouco de comida. Comida... – o louco falou, iniciando o mantra dos hoed.

Sarene olhou para a criatura e deu um passo para trás. Quando olhou novamente para Raoden, seus olhos brilhavam com a fria raiva da traição.

– Você não deu comida para eles, não é? – ela exigiu saber.

Raoden assentiu, sem qualquer desculpa.

– Não.

– Tirano! – ela sibilou. – Déspota sem coração!

Raoden se virou para olhar os desesperados homens de Shaor. De certo modo, ela estava certa.

– Sim. Eu sou.

Sarene deu outro passo para trás, mas tropeçou em alguma coisa. Raoden tentou segurá-la, mas se deteve ao perceber o que a fizera tropeçar. Era uma sacola de

comida, uma das sacolas lotadas que Raoden preparara para os hoed. Sarene olhou para baixo também, e entendeu.

– Quase comecei a confiar em você – Sarene disse amargamente. Então saiu correndo para os portões enquanto os soldados recuavam. Os homens de Shaor não os seguiram. Em vez disso, caíram sobre as doações que os nobres haviam abandonado.

Raoden se afastou da comida. Os homens de Shaor nem pareceram reparar nele enquanto atacavam os suprimentos espalhados, enchendo a boca com as mãos sujas. Raoden os observou com olhos cansados. Estava acabado. Os nobres não voltariam a entrar em Elantris. Pelo menos nenhum deles fora morto.

Então se lembrou de Saolin e cruzou o pátio correndo para se ajoelhar ao lado do amigo. O velho soldado encarava o céu sem ver, a cabeça indo de um lado para o outro enquanto murmurava.

– Falhei, meu senhor. Falhei com meu senhor Espírito. Falhei, falhei, falhei...

Raoden gemeu, inclinando a cabeça, desesperado. *O que fiz?*, se perguntou, embalando inutilmente o mais novo hoed.

Raoden ficou ali, perdido em seu pesar até muito depois que os homens de Shaor pegaram o resto da comida e fugiram. Depois de um tempo, um som incongruente o tirou de sua tristeza.

Os portões de Elantris estavam se abrindo novamente.

—Minha senhora, está ferida? – a voz profunda de Ashe estava repleta de preocupação.

Sarene tentou secar os olhos, mas as lágrimas continuavam caindo.

– Não – disse entre soluços baixos. – Estou bem.

Obviamente pouco convencido, o seon flutuou ao redor dela em busca de algum sinal de ferimento. Casas e lojas passavam rapidamente pela janela da carruagem enquanto o veículo regressava para o palácio. Eondel, o dono do veículo, havia ficado para trás, nos portões.

– Minha senhora – Ashe disse, com sinceridade. – O que há de errado?

– Eu estava certa, Ashe – ela disse, tentando rir de sua estupidez através das lágrimas. – Devia estar feliz; eu estava certa sobre ele o tempo todo.

– Espírito?

Sarene assentiu, então repousou a cabeça no encosto do assento, encarando o teto da carruagem.

– Ele estava tirando a comida das pessoas. Devia tê-los visto, Ashe, a fome os deixou loucos. Os guerreiros de Espírito os mantinham afastados do pátio, mas finalmente devem ter ficado famintos o suficiente para contra-atacar. Não consigo imaginar como conseguiram, não tinham armaduras nem espadas, apenas fome. Ele nem tentou negar. Só ficou parado ali, observando seu estratagema ruir, com uma sacola de comida aos seus pés.

Sarene levou as mãos ao rosto, apoiando a cabeça, frustrada.

– Por que sou tão *estúpida*?

Ashe pulsou de preocupação.

– Eu sabia o que ele estava fazendo. Por que me incomoda saber que estava certa? – Sarene inspirou profundamente, mas o ar ficou preso em sua garganta. Ashe tinha razão: ela se permitira ficar ligada demais a Espírito e Elantris. Tornara-se emocionalmente muito envolvida para fazer caso de suas desconfianças.

O resultado era um desastre. A nobreza respondera à dor e à miséria elantrina. Os preconceitos há muito existentes haviam se enfraquecido, e os ensinamentos korathi de moderação provaram sua influência. Agora, no entanto, os nobres só se lembrariam que haviam sido atacados. Sarene só podia agradecer a Domi que ninguém estivesse ferido.

Os pensamentos de Sarene foram interrompidos pelos sons de armaduras retinindo do lado de fora de sua janela. Recuperando a compostura o melhor que podia, Sarene colocou a cabeça para fora da carruagem para ver o que causava a balbúrdia.

Uma fila dupla de homens com cota de malha e couro passou por ela, a farda negra e vermelha. Era a guarda pessoal de Iadon, e estava se dirigindo para Elantris.

Sarene sentiu um calafrio quando viu o rosto sombrio dos guerreiros.

– Idos Domi – sussurrou. Havia dureza nos olhos daqueles homens: estavam dispostos a matar. A exterminar.

***

No início, o cocheiro resistiu às ordens de Sarene para que conduzisse mais rápido, mas poucos homens podiam resistir a uma princesa teodena decidida. Chegaram ao palácio um pouco depois, e Sarene saltou da carruagem sem esperar que o cocheiro abaixasse os degraus.

Sua reputação entre o pessoal do palácio estava crescendo, e a maioria sabia que devia sair do caminho quando ela percorria os corredores. Os guardas do escritório de Iadon também estavam ficando acostumados com ela, e simplesmente suspiraram resignados enquanto abriam as portas.

O rosto do rei mudou visivelmente quando ela entrou.

– O que quer que seja, vai esperar. Temos uma crise...

Ela bateu com as palmas da mão na mesa de Iadon, balançando a madeira e derrubando o tinteiro.

– O que, pelo bendito nome de Domi, você acha que está fazendo?

Iadon enrubesceu de frustração e fúria, e ficou em pé.

– Houve um ataque aos membros da minha corte! É meu dever dar uma resposta.

– Não venha me falar de deveres, Iadon – Sarene replicou. – Há dez anos você procura uma desculpa para destruir Elantris, apenas as superstições das pessoas o impediram.

– E aonde você quer chegar? – ele perguntou friamente.

– Não vou ser eu quem lhe dará essa desculpa! – ela afirmou. – Retire seus homens.

Iadon bufou.

– Você mais do que ninguém deveria apreciar a rapidez da minha resposta, princesa. Sua honra é que foi desprezada com este ataque.

– Sou perfeitamente capaz de proteger minha honra, *Iadon*. Aquelas tropas atuam em total oposição a tudo o que consegui nessas últimas semanas.

– Era um projeto estúpido de qualquer forma – Iadon declarou, jogando um maço de papéis na mesa. A folha de cima se agitou com o movimento, e Sarene pode ler as ordens escritas. As palavras "extermínio" e "de Elantris" se destacavam, austeras e agourentas.

– Volte aos seus aposentos, Sarene – o rei disse. – Isso estará acabado em questão de horas.

Pela primeira vez, Sarene percebeu a aparência que devia ter, o rosto vermelho e manchado pelas lágrimas, seu simples vestido monocromático manchado com suor e lodo de Elantris, e seu cabelo despenteado preso em uma trança solta.

O momento de insegurança passou quando encarou novamente o rei e viu a satisfação nos olhos dele. Ele massacraria todo o povo indefeso e faminto de Elantris. Ele mataria Espírito. Tudo por causa dela.

– Ouça-me, Iadon – Sarene disse, a voz aguda e fria. Sustentou o olhar do rei, aproveitando-se de seu quase um metro e oitenta de altura para intimidar o homem mais baixo. – *Vai* retirar seus soldados de Elantris. *Vai* deixar aquelas pessoas em paz. Do contrário, começarei a contar para as pessoas o que sei sobre você.

Iadon bufou.

– Me desafia, Iadon? – ela perguntou. – Acho que vai mudar de opinião quando todos souberem a verdade. Sabe que já pensam que é um tolo. Fingem obedecê-lo, mas você sabe..., sabe naquela parte sussurrante de seu coração que zombam de você com a obediência deles. Acha que não ouviram falar dos seus barcos perdidos? Acha que não estavam rindo entre eles de como o rei logo seria tão pobre como um barão? Ah, eles sabiam. Como vai encará-los, Iadon, quando souberem como você *realmente* sobreviveu? Quando eu mostrar para eles que resgatei seus ganhos, que lhe dei os contatos em Teod, que *eu* salvei sua coroa.

Enquanto falava, pontuava cada frase batendo com a ponta do indicador no peito dele. Gotas de suor apareceram na testa do rei conforme ele começava a ceder sob o olhar implacável dela.

– Você é um tolo, Iadon – ela sibilou. – Eu sei, seus nobres sabem e o mundo sabe. Você tomou uma grande nação e a esmagou em suas mãos gananciosas. Escravizou o povo e manchou a honra de Arelon. E, além de tudo isso, seu país fica cada vez mais pobre. Até você, o rei, é tão pobre que só um presente de Teod permitiu que mantivesse a coroa.

Iadon se esquivou, enervado. Parecia se encolher, sua arrogância foi cedendo diante da fúria dela.

– Como vai ser, Iadon? – ela sussurrou. – Como vai se sentir quando toda a corte souber que está em dívida com uma mulher? Uma garota tonta, além do mais? Você será desmascarado. Todos saberão quem você é. Nada mais do que um inútil inseguro, trivial e incapaz.

Iadon se estatelou em sua cadeira. Sarene lhe estendeu uma pena.

– Retire a ordem – exigiu.

Os dedos do rei tremiam enquanto rabiscava uma contraordem no pé da página e colocou seu selo pessoal.

Sarene agarrou o papel e saiu do aposento.

– Ashe, pare aqueles soldados! Diga para eles que novas ordens estão a caminho.

– Sim, minha senhora – o seon respondeu, disparando pelo corredor até uma janela, mais rápido do que um cavalo a galope.

– Você! – Sarene ordenou, batendo com a folha de papel enrolada na placa de peito de um guarda. – Leve isso para Elantris.

Inseguro, o homem aceitou o papel.

– Corra! – Sarene ordenou.

Ele correu.

Sarene cruzou os braços, observando o homem disparar corredor abaixo. Depois se virou para olhar o segundo guarda. Ele começou a se contorcer, nervoso, sob seu olhar.

– Humm, vou me assegurar de que ele chegue lá – o homem balbuciou e saiu correndo atrás de seu companheiro.

Sarene ficou parada por um momento, então se voltou para o escritório do rei, puxando as portas para fechá-las. Ficou olhando para Iadon, despencado em sua cadeira, os cotovelos sobre a mesa e a cabeça entre as mãos. O rei soluçava em silêncio.

***

Quando Sarene chegou em Elantris, as novas ordens já haviam sido entregues há um bom tempo. A guarda de Iadon estava parada, incerta do que fazer, diante dos portões. Ela os mandou ir para casa, mas o capitão se negou, afirmando que recebera ordens de não atacar, mas que não tivera ordem alguma para retornar. Algum tempo depois, chegou um mensageiro que trazia ordens para voltar. O capitão dirigiu um olhar irritado a Sarene e mandou seus homens retornarem ao palácio.

Sarene permaneceu um pouco mais, fazendo a extenuante subida até o topo da muralha para contemplar o pátio. Sua carroça de comida estava abandonada no centro da praça, de cabeça para baixo e com caixas quebradas ao redor. Havia corpos também – membros caídos do grupo que atacara, cadáveres apodrecendo no lodo.

Sarene se deteve, os músculos enrijeceram. Um dos cadáveres ainda se movia. Ela se inclinou sobre a balaustrada de pedra, contemplando o corpo. A distância era grande, mas ainda podia distinguir as linhas das pernas do homem – a quatro metros de distância de seu peito. Algum golpe poderoso o cortara pela cintura. Não havia como sobreviver a uma ferida daquelas. Mesmo assim, insanamente, seus braços se moviam no ar de maneira desesperadamente aleatória.

– Misericordioso Domi – Sarene sussurrou, levando a mão ao peito, os dedos procurando o pequeno pingente korathi. Perscrutou o pátio incrédula. Alguns dos outros corpos também se moviam, apesar de suas horríveis feridas.

Dizem que os elantrinos estão mortos, ela percebeu. *Que são defuntos cujas*

mentes se recusam a descansar. Pela primeira vez Sarene percebeu como os elantrinos sobreviviam sem comida. *Não precisavam comer*.

Mas por que o faziam?

Sarene balançou a cabeça, tentando esvaziar sua mente tanto da confusão quanto dos cadáveres que se debatiam lá embaixo. Ao fazer isso, seus olhos pousaram em outra figura. Estava ajoelhada na sombra da muralha de Elantris, a postura denotando um incrível pesar. Sarene percebeu que avançava na direção da forma, passando a mão pela balaustrada de pedra. Parou quando ficou sobre ele.

De algum modo, sabia que a figura pertencia a Espírito. Estava segurando um corpo nos braços, balançando para frente e para trás, a cabeça baixa. A mensagem era clara: até um tirano pode amar aqueles que o seguem.

Salvei você, Sarene pensou. *O rei o teria destruído, mas salvei sua vida. Não foi por você, Espírito. Foi por todas essas pobres pessoas que você governa.*

Espírito não notou a presença dela.

Sarene tentava continuar furiosa com Espírito. Mas, olhando para baixo e sentindo a agonia dele, não podia mentir – nem mesmo para si mesma. Estava zangada por ter seus planos perturbados. Lamentava não ser mais capaz de alimentar os esforçados elantrinos. Estava infeliz com a forma que os aristocratas veriam Elantris.

Mas estava ainda mais triste por não poder vê-lo novamente. Tirano ou não, parecia um bom homem. Talvez..., talvez apenas um tirano pudesse liderar em um lugar como Elantris. Talvez ele fosse o melhor que as pessoas tinham.

De qualquer forma, ela provavelmente nunca mais voltaria a vê-lo. Nunca mais olharia naqueles olhos que, apesar da forma definhada do corpo, pareciam tão vibrantes e vivos. Havia uma complexidade neles que ela nunca seria capaz de desenredar.

Estava acabado.

***

Buscou refúgio no único lugar em Kae onde se sentia segura. Kiin a deixou entrar, e a segurou quando ela se jogou em seus braços. Era um final perfeitamente humilhante para um dia muito emotivo. Mesmo assim, o abraço valeu a pena. Ainda era criança quando percebera que seu tio era muito bom em abraços, braços amplos e peito enorme suficientes para envolver até uma garota alta e desengonçada.

Sarene finalmente o soltou, secando os olhos, desapontada consigo mesma por chorar de novo. Kiin simplesmente colocou uma mão enorme no ombro dela e a levou até a sala de jantar, onde o resto da família, incluindo Adien, estava sentado ao redor da mesa.

Lukel falava animadamente, mas se interrompeu ao ver Sarene.

– Fale o nome do leão – disse, citando um provérbio jindonês – e ele virá se

banquetear.

Os olhos assustados e levemente desfocados de Adien encontraram o rosto dela.

– Seiscentos e setenta e dois passos daqui até Elantris – ele sussurrou.

Houve um momento de silêncio. Então Kaise saltou de sua cadeira.

– Sarene! Eles realmente tentaram comer você?

– Não, Kaise – Sarene respondeu, sentando-se. – Só queriam nossa comida.

– Kaise, deixe sua prima em paz – Daora ordenou com firmeza. – Ela teve um dia cheio.

– E eu perdi isso – Kaise disse, emburrada, estatelando-se em seu assento. Então virou os olhos zangados para seu irmão. – Por que *você* teve que ficar doente?

– Não foi minha culpa – Daorn protestou, ainda um pouco fraco. Não parecia muito desapontado por ter perdido a batalha.

– Quietos, meninos – Daora repetiu.

– Está tudo bem – Sarene disse. – Posso falar sobre isso.

– Bem, então – Lukel falou – é verdade?

– Sim – Sarene disse. – Alguns elantrinos nos atacaram, mas ninguém se machucou; pelo menos, ninguém do nosso lado.

– Não – Lukel disse. – Não isso..., eu me referia ao rei. É verdade que o submeteu aos gritos?

Sarene se sentiu enjoada.

– Isso vazou?

Lukel riu.

– Dizem que sua voz chegava até o salão principal. Iadon ainda não deixou seu escritório.

– Posso ter me deixado levar um pouco – Sarene admitiu.

– Você fez a coisa certa, querida – Daora lhe assegurou. – Iadon está muito acostumado a ver a corte se assustar até quando espirra. Provavelmente não soube o que fazer quando alguém o enfrentou de verdade.

– Não foi tão difícil – Sarene disse, balançando a cabeça. – Debaixo de toda aquela arrogância, ele é muito inseguro.

– A maioria dos homens é, querida – Daora disse.

Lukel gargalhou.

– Prima, o que fazíamos sem você? A vida era tão entediante antes que decidisse vir até aqui e bagunçar tudo para nós.

– Preferia ter bagunçado um pouco menos – Sarene murmurou. – Iadon não vai reagir bem quando se recuperar.

– Se sair da linha, você pode gritar com ele de novo – Lukel sugeriu.

– Não – Kiin disse, sua voz áspera solene. – Ela está certa. Os monarcas não podem permitir que os repreendam em público. Pode ser que nos esperem tempos

muito mais difíceis depois que tudo isso passar.

– Ou isso, ou ele pode simplesmente abdicar em favor de Sarene – Lukel disse com uma risada.

– Bem como seu pai temia – a voz profunda de Ashe observou enquanto flutuava pela janela. – Ele sempre se preocupou que Arelon não fosse capaz de lidar com você, minha senhora.

Sarene sorriu debilmente.

– Eles voltaram?

– Voltaram – o seon disse. Ela o enviara atrás dos guardas de Iadon, caso decidissem ignorar suas ordens. – O capitão foi imediatamente ver o rei. Partiu quando Sua Majestade se recusou a abrir as portas.

– Não ficaria bem que um soldado visse o rei berrando como uma criança – Lukel disse.

– Mesmo assim – o seon prosseguiu – eu...

Foi interrompido por uma batida insistente na porta. Kiin desapareceu e voltou com um ansioso lorde Shuden.

– Minha senhora – ele disse, inclinando levemente a cabeça diante de Sarene. Depois se virou para Lukel. – Acabo de ouvir uma notícia muito interessante.

– É tudo verdade – Lukel disse. – Perguntamos para Sarene.

Shuden negou com a cabeça.

– Não é sobre isso.

Sarene ergueu a cabeça, preocupada.

– O que *mais* poderia acontecer hoje?

Os olhos de Shuden brilharam.

– Nunca vão adivinhar quem a Shaod alcançou esta noite.

Hrathen não tentou esconder sua transformação. Saiu solenemente de seus aposentos, expondo sua condenação para toda a capela. Dilaf estava no meio dos serviços matinais. Valia a pena a perda de cabelo e a cor de pele só para ver o baixo sacerdote areleno cambalear para trás, horrorizado com a surpresa.

Os sacerdotes korathi vieram buscar Hrathen pouco depois. Deram-lhe uma túnica branca comprida, para esconder sua desfiguração, e o levaram da capela agora vazia. Hrathen sorriu para si mesmo quando viu o confuso Dilaf observá-lo de sua alcova, seus olhos pela primeira vez odiaram o gyorn abertamente.

Os sacerdotes korathi o levaram até a capela, tiraram sua roupa e lavaram seu corpo agora coberto de manchas negras com água do rio Aredel. Então o envolveram em uma túnica branca feita com tiras grossas de tecido. Depois de lavá-lo e vesti-lo, os sacerdotes se retiraram e permitiram que Omin se aproximasse. O pequeno e calvo líder dos korathi de Arelon abençoou Hrathen em silêncio, traçando o símbolo do Aon Omi sobre seu peito. Os olhos do homem areleno traíam apenas uma sugestão de satisfação.

Depois disso, levaram Hrathen pelas ruas da cidade, entoando cânticos. No entanto, encontraram um grande esquadrão de soldados com as cores de Iadon bloqueando o caminho. Os soldados estavam em guarda, com armas nas mãos, falando em voz baixa. Hrathen os observou surpreso: reconhecia homens se preparando para a batalha. Omin discutiu com o capitão da Guarda da Cidade de Elantris por um tempo, enquanto os outros sacerdotes levavam o gyorn para um edifício baixo ao lado da guarita – um centro de detenção, entalhado com o Aon Omi.

Hrathen viu pela pequena janela do aposento quando dois apressados guardas chegaram correndo e entregaram um papel enrolado para um dos soldados de Iadon. O capitão leu, franzindo o cenho, então se virou para discutir com o mensageiro. Depois disso, Omin voltou, explicando que teriam que esperar.

E esperaram – por quase duas horas.

Hrathen ouvira dizer que os sacerdotes só atiravam as pessoas para dentro de Elantris durante um certo período do dia, mas, aparentemente, tratava-se de uma margem de tempo e não de um horário específico. Finalmente os sacerdotes colocaram uma pequena cesta de comida nos braços de Hrathen, ofereceram uma oração final ao seu lamentável deus e o empurraram para o outro lado dos portões.

Ele ficou parado dentro da cidade, a cabeça careca, a pele com grandes manchas negras. Um elantrino. A cidade, vista de dentro, era a mesma do que vista do alto da

muralha: imunda, podre, ímpia. Não tinha nada para oferecer para ele. Deu meia-volta, jogando de lado a exígua cesta de comida, e ficou de joelhos.

– Ah, Jaddeth, Senhor de toda Criação – começou a falar, com voz forte e firme. – Escute agora o pedido de um servo do seu império. Limpe esta mancha do meu sangue. Devolva-me a vida. Imploro com todo o poder de minha posição como sagrado gyorn.

Não houve resposta. Então, ele repetiu a oração. E mais uma vez, e outra, e outra...

Saolin não abriu os olhos quando afundou na piscina, mas parou de murmurar. Flutuou um momento, então inspirou profundamente e estendeu as mãos para o céu. Depois disso, afundou no líquido azul.

Raoden observou o processo solenemente. Haviam esperado durante três dias que, contra todos os prognósticos, o experiente soldado recuperasse a razão. Não recuperou. Levaram-no à piscina em parte porque sua ferida era muito terrível, e em parte porque Raoden sabia que nunca poderia entrar no Salão dos Caídos com Saolin lá dentro. O mantra "Eu falhei com meu senhor Espírito" teria sido demais para ele.

– Vamos, sule – Galladon falou. – Ele se foi.

– Sim, ele se foi. – Raoden concordou. *E é minha culpa.* Pela primeira vez, os fardos e agonias de seu corpo pareciam insignificantes se comparados com os de sua alma.

***

Eles voltaram para Raoden. Primeiro em gotas, depois em uma inundação. Foram necessários dias para que percebessem e se convencessem de que Sarene não voltaria. Não haveria mais doações – nada mais de comer, esperar e comer novamente. Então voltaram, como se repentinamente despertassem do estupor, lembrando que certa vez – há não muito tempo – tinham tido um propósito em suas vidas.

Raoden os recolocou em seus antigos trabalhos – limpar, plantar e construir. Com ferramentas e materiais adequados, o trabalho se tornou menos um exercício intencional para passar o tempo e mais um meio produtivo de reconstruir Nova Elantris. Os telhados improvisados foram substituídos por criações mais duráveis e funcionais. As sementes adicionais permitiram um segundo plantio, maior e mais ambicioso do que o primeiro. A pequena muralha ao redor de Nova Elantris foi reforçada e expandida – embora, até aquele momento, os homens de Shaor permanecessem quietos. Raoden sabia, no entanto, que a comida que haviam recolhido da carroça de Sarene não duraria muito. Os selvagens logo retornariam.

A quantidade de gente que veio até ele depois de Sarene era muito maior do que aqueles que o seguiam antes. Raoden foi obrigado a reconhecer que, apesar do revés temporário, as excursões de Sarene até Elantris haviam sido benéficas no final. Ela provara para as pessoas que não importava o quanto a fome doesse, simplesmente encher a barriga não era suficiente. A felicidade era mais do que a ausência de desconforto.

Então, quando voltaram para ele, não trabalhavam mais por comida. Trabalhavam

porque temiam o que se tornariam se não o fizessem.

***

– Ele não devia estar aqui, Galladon – Raoden disse, observando o sacerdote fjordênico do alto de seu posto de observação no telhado.

– Tem certeza de que é um gyorn? – Galladon perguntou.

– Ele diz isso na oração que faz. Além disso, definitivamente é fjordênico. Tem uma constituição grande demais para ser aônico.

– Fjordênicos não são tomados pela Shaod – Galladon disse, teimoso. – Apenas pessoas de Arelon, Teod e, ocasionalmente, Duladel.

– Eu sei – Raoden disse, sentando-se frustrado. – Talvez seja só uma questão de porcentagens. Não há muitos fjordênicos em Arelon..., talvez seja por isso que nunca são tomados.

Galladon negou com a cabeça.

– Então por que os jindoneses nunca são tomados? Há muitos deles vivendo nas rotas das especiarias.

– Não sei – Raoden admitiu.

– Ouça-o rezar, sule – Galladon disse, zombeteiro. – Como se o resto de nós já não tivesse tentado.

– Me pergunto quanto tempo esperará.

– Já se passaram três dias – Galladon disse. – Ele deve estar começando a ficar com fome. Kolo?

Raoden assentiu. Mesmo depois de três dias de preces quase contínuas, a voz do gyorn estava firme. Considerando todo o resto, Raoden tinha que respeitar a determinação do homem.

– Bem, quando ele finalmente perceber que não vai a lugar algum, vamos convidá-lo a se juntar a nós – Raoden disse.

– Problemas, sule – Galladon advertiu. Raoden seguiu o gesto do dula e percebeu algumas formas agachadas na sombra, à esquerda do gyorn.

Raoden praguejou, observando os homens de Shaor saindo do beco. Aparentemente, a comida deles acabara mais rápido do que Raoden imaginara. Provavelmente haviam voltado ao pátio em busca de restos, mas encontraram algo mais promissor: a cesta de comida ainda cheia aos pés do gyorn.

– Vamos – Raoden chamou, virando-se para descer do telhado. Antigamente os homens de Shaor teriam ido diretamente para a comida. Mas os acontecimentos recentes haviam mudado os selvagens. Começaram a atacar indiscriminadamente. Como se percebessem que quanto menos bocas se opusessem a eles, mais provável seria que conseguissem comida.

– Que Doloken me queime por ajudar um gyorn – Galladon murmurou, seguindo o

amigo. Infelizmente, ele e Raoden se moveram devagar demais. Chegaram muito tarde... para salvar os homens de Shaor.

Raoden dava a volta no edifício quando o primeiro selvagem saltou sobre as costas do gyorn. O fjordênico ficou em pé com um salto, girando com velocidade quase inumana e pegando o homem de Shaor pela cabeça. Ouviu-se um estalo quando o gyorn quebrou o pescoço do oponente, então atirou-o contra os portões de madeira. Os outros dois atacaram ao mesmo tempo. Um foi recebido por um poderoso chute rodado que o jogou para o outro lado do pátio como um monte de trapos. O outro recebeu três socos sucessivos no rosto, então um chute na barriga. O uivo de raiva do louco se transformou em um gemido quando o gyorn deu outro chute no lado de sua cabeça.

Raoden parou de supetão, boquiaberto.

Galladon bufou.

– Devíamos ter percebido. Sacerdotes derethi podem tomar conta de si mesmos. Kolo?

Raoden assentiu devagar, observando o sacerdote ficar novamente de joelhos e retomar suas orações. Raoden ouvira dizer que os sacerdotes derethi eram formados nos infames monastérios de Fjorden, onde eram submetidos a vigoroso treinamento físico. Mas nunca imaginara que um gyorn de meia idade mantivesse suas habilidades.

Os dois selvagens que ainda podiam se mexer foram embora rastejando, enquanto o outro ficou onde o gyorn o arremessara, choramingando lamentavelmente com o pescoço quebrado.

– É um desperdício – Raoden sussurrou. – Podíamos aproveitar este homem em Nova Elantris.

– Não vejo o que podemos fazer a este respeito – Galladon disse, balançando a cabeça.

Raoden se levantou, dando meia-volta para a área do mercado de Elantris.

– Eu vejo – disse com determinação.

***

Penetraram no território de Shaor tão rápida e diretamente que quase chegaram ao banco antes de serem notados. Raoden não respondeu quando os homens de Shaor começaram a uivar – continuou a andar, resoluto e concentrado em seu objetivo. Galladon, Karata e Dashe – o antigo imediato de Karata era um dos poucos lutadores experientes no acampamento de Raoden – o acompanhavam. Cada um levava nervosamente uma sacola de tamanho médio nos braços.

Os homens de Shaor os seguiam, cortando sua rota de fuga. Depois das perdas que haviam tido nas últimas semanas, os homens do grupo de Shaor podiam ser

apenas umas duas dúzias, mas esses poucos pareciam se multiplicar e se deslocar nas sombras.

Galladon lançou um olhar apreensivo para o amigo. Raoden podia dizer o que ele estava pensando. *Por Doloken, é melhor que saiba o que está fazendo, sule...*

Raoden apertou os dentes com força. Tinha uma única esperança – sua crença na natureza racional da alma humana.

Shaor estava do mesmo jeito que antes. Embora seus homens devessem lhe entregar alguns de seus despojos, ninguém diria isso pelos seus gritos.

– Tragam-me comida! – ela gemia, a voz audível muito antes que entrassem no banco. – Quero comida!

Raoden conduziu seu pequeno grupo pelo banco. Os seguidores restantes de Shaor os seguiram, aproximando-se lentamente, esperando pela ordem inevitável de sua deusa para que matassem os intrusos.

Raoden agiu antes. Assentiu para os demais, e todos deixaram cair suas sacolas. As sementes se espalharam pelo solo irregular do banco, misturando-se com o lodo e caindo em rachaduras e fendas. Uivos soaram atrás deles, e Raoden chamou seu pessoal de lado, enquanto os seguidores de Shaor se lançavam sobre as sementes.

– Matem-nos! – Shaor gritou tardiamente, mas seus homens já estavam ocupados demais enchendo as bocas.

Raoden e os outros partiram tão incólumes quanto haviam chegado.

***

O primeiro se aproximou de Nova Elantris apenas algumas horas mais tarde. Raoden estava parado ao lado da grande fogueira que haviam acendido no topo de um dos edifícios mais altos. Manter a chama exigia muito de seus preciosos pedaços de madeira, e Galladon fora contra no início. Raoden ignorou as objeções. Os homens de Shaor precisavam ver a chama para fazer a conexão – o salto que os levaria de volta à capacidade de sentir.

O primeiro selvagem saiu da escuridão da noite. Movia-se furtivamente, com atitude nervosa e bestial. Embalava um saco rasgado com uns punhados de semente dentro.

Raoden fez sinal para que seus guerreiros se afastassem.

– O que quer? – perguntou ao louco.

O homem o encarou com ar estúpido.

– Sei que me entende – Raoden disse. – Não deve estar aqui há muito tempo, seis meses, no máximo. Isso não é suficiente para esquecer a linguagem, mesmo se você se convencer do contrário.

O homem ergueu o saco, as mãos brilhando com lodo.

– O quê? – Raoden insistiu.

– Cozinhar – O homem finalmente falou.

As sementes que haviam jogado estavam endurecidas pelo inverno, para serem plantadas na primavera. Ainda que certamente tenham tentado, os homens de Shaor não foram capazes de mastigar ou engolir aquilo sem sentir muita dor.

E, então, Raoden esperava que, de algum modo, no fundo daquelas mentes abandonadas, aqueles homens se lembrassem de que já haviam sido humanos. Esperava que recordassem a civilização e a habilidade de cozinhar. Esperava que confrontassem sua humanidade.

– Não cozinharei para você – Raoden disse. – Mas deixarei que você mesmo o faça.

—Então voltou a usar preto, minha querida? – o duque Roial perguntou enquanto a ajudava a subir na carruagem.

Sarene olhou para seu vestido. Não era um dos que Eshen lhe mandara, mas algo que pedira para Shuden trazer em uma de suas caravanas vindas de Duladel. Menos armado do que a maioria dos modelos da moda de Arelon, acompanhava de perto suas formas. O veludo suave era bordado com minúsculos padrões prateados e, em vez de uma capa, tinha um manto curto que cobria seus ombros e a parte superior de seus braços.

– Na verdade é azul, Vossa Graça – ela disse. – Nunca uso preto.

– Ah – o ancião usava um traje branco com um casaco marrom escuro. O conjunto combinava bem com seus cabelos brancos cuidadosamente penteados.

O cocheiro fechou a porta e ocupou seu posto. Logo depois, estavam a caminho do baile.

Sarene encarou as ruas escuras de Kae, seu estado de ânimo era tolerante, mas infeliz. Não podia, é claro, recusar-se a ir ao baile – Roial concordara em oferecê-lo por sugestão dela. No entanto, fizera esse pedido há uma semana, antes dos acontecimentos em Elantris. Os últimos três dias haviam sido devotados à reflexão; passara-os tentando ordenar seus sentimentos e refazer seus planos. Não queria se incomodar com uma noite de frivolidades, mesmo que houvesse um objetivo por trás disso.

– Parece inquieta, Vossa Alteza – Roial comentou.

– Ainda não me recuperei bem do que aconteceu no outro dia, Vossa Graça – ela respondeu, reclinando-se em seu assento.

– O dia foi realmente avassalador – ele concordou. Então, inclinando a cabeça para fora da janela da carruagem, olhou o céu. – É uma bela noite para nossos propósitos.

Sarene assentiu, distraída. Já não lhe importava se o eclipse estaria visível ou não. Desde sua conversa com Iadon, toda a corte começara a ignorá-la. Em vez de se enfurecer, como Kiin previra, Iadon simplesmente a evitava. Cada vez que Sarene entrava em uma sala, cabeças se viravam e os olhos se abaixavam. Era como se ela fosse um monstro – um svrakiss vingativo, enviado para atormentá-los.

Os criados não se comportavam melhor. Se antes eram subservientes, agora se encolhiam. Seu jantar atrasava, e ainda que a cozinheira insistisse que era porque uma das criadas havia fugido de repente, Sarene tinha certeza de que era simplesmente porque ninguém queria enfrentar a fúria da temida princesa. Toda

aquela situação estava levando Sarene ao limite. *Por que, pelo abençoado nome de Domi*, ela se perguntava, *todo mundo neste país se sente tão ameaçado por uma mulher assertiva?*

É claro que, dessa vez, tinha de admitir que, mulher ou não, o que fizera com o rei tinha ido longe demais. Sarene estava apenas pagando o preço por ter perdido a estribeira.

– Muito bem, Sarene – Roial declarou – já basta.

Sarene se sobressaltou e olhou para o rosto severo do velho duque.

– Desculpe-me, Vossa Graça?

– Eu disse que já basta. Segundo todos os relatos, você passou os últimos três dias se lastimando em seus aposentos. Não importa o quão emocionalmente perturbador foi o ataque em Elantris, você precisa superar. E rápido. Estamos quase na minha mansão.

– Desculpe-me? – ela repetiu, surpresa.

– Sarene – Roial prosseguiu, suavizando a voz. – Não pedimos por sua liderança. Você abriu caminho e assumiu o controle. Agora que fez isso, não pode simplesmente nos abandonar por causa de sentimentos feridos. Quando se aceita a autoridade, deve-se estar disposto a aceitá-la sempre, mesmo quando não se está muito interessado nela.

Repentinamente envergonhada pela sabedoria do duque, Sarene abaixou os olhos.

– Sinto muito.

– Ah, princesa – Roial disse – passamos a contar muito com você nessas semanas. Você penetrou em nossos corações e fez o que ninguém, nem mesmo eu, conseguira fazer: nos uniu. Shuden e Eondel a veneram, Lukel e Kiin se mantém ao seu lado como duas pedras imóveis, eu mal consigo desenredar seus estratagemas, e até mesmo Ahan a descreve como a jovem mais encantadora que já conheceu. Não nos deixe agora: precisamos de você.

Corando levemente, Sarene balançou a cabeça enquanto a carruagem entrava no caminho de acesso à mansão de Roial.

– Mas o que restou, Vossa Graça? Sem nenhuma astúcia da minha parte, o gyorn derethi foi neutralizado, e parece que Iadon está aplacado. Eu diria que o momento de perigo passou.

Roial ergueu uma grossa sobrancelha branca.

– Talvez. Mas Iadon é mais esperto do que costumamos pensar. O rei tem alguns defeitos esmagadores, mas foi capaz de tomar o controle há dez anos, e manteve os aristocratas um no pescoço do outro durante todo esse tempo. Quanto a esse gyorn...

Roial olhou pela janela da carruagem, na direção de um veículo que parava ao lado do deles. Dentro havia um homenzinho vestido completamente de vermelho; Sarene reconheceu o jovem sacerdote aônico que servia como ajudante de Hrathen.

Roial franziu o cenho.

– Acho que trocamos Hrathen por um inimigo igualmente perigoso.

– Ele? – Sarene perguntou, surpresa. Vira o jovem com Hrathen, é claro. Até reparou em seu aparente fervor. Contudo, ele dificilmente seria tão perigoso quanto o gyorn calculista, não?

– Estive observando-o – o duque disse. – Seu nome é Dilaf. É areleno, o que significa que provavelmente foi criado como korathi. Percebi que aqueles que se afastam de sua fé, em geral, sentem mais ódio contra ela do que qualquer outro.

– Talvez tenha razão, Vossa Graça – Sarene admitiu. – Temos que mudar nossos planos. Não podemos lidar com este aí da mesma maneira que faríamos com Hrathen.

Roial sorriu, com um leve brilho nos olhos.

– Esta é a garota da qual me lembro. Venha; não ficaria bem chegar atrasado em minha própria festa.

Roial decidira organizar a festa de observação do eclipse nos jardins atrás de sua casa – uma decisão necessária pela relativa modéstia de seu lar. Considerando que era o terceiro homem mais rico de Arelon, o duque era bastante frugal.

– Só sou duque há dez anos, Sarene – Roial explicara na primeira vez que ela visitara sua casa. – Mas tenho sido um homem de negócios toda a minha vida. Não se ganha dinheiro sendo esbanjador. A casa me serve, temo que me perderia em algo maior.

Os jardins que circundavam a casa, no entanto, eram extensos – um luxo que Roial admitia ser um pouco extravagante. O duque era um amante da jardinagem, e passava mais tempo do lado de fora, vagando por seus jardins, do que dentro de casa.

Felizmente, o clima decidira acompanhar os planos do duque, providenciando uma brisa morna do sul e um céu completamente sem nuvens. As estrelas salpicavam o firmamento como manchas de tinta em uma tela negra, e Sarene percebeu que seus olhos traçavam as constelações dos principais aons. Rao brilhava diretamente sobre sua cabeça, um grande quadrado com quatro círculos nos lados e um ponto no centro. Seu próprio aon, Ene, era apenas visível no horizonte. Uma lua cheia erguia-se pesadamente em direção ao zênite. Em apenas algumas horas, iria desaparecer por completo – ou, pelo menos, era o que os astrônomos afirmavam.

– Então – Roial disse, andando ao lado dela, de braços dados – vai me dizer para que é tudo isso?

– Tudo isso o quê?

– O baile – Roial falou. – Não pode me dizer que me pediu para organizá-lo por capricho. Foi muito específica sobre a data e o local. O que está planejando?

Sarene sorriu, reacendendo os esquemas para esta noite. Quase se esquecera da

festa, mas quanto mais considerava o assunto, mais se entusiasmava. Antes que a noite acabasse, ela esperava encontrar uma resposta para um problema que a incomodava desde sua chegada a Arelon.

– Digamos que eu queria ver o eclipse acompanhada – disse, com um sorriso astuto.

– Ah, Sarene, sempre tão dramática. Perdeu uma oportunidade na vida, querida: devia ter sido atriz.

– Na verdade, pensei nisso uma vez – Sarene disse, recordando. – É claro, eu tinha onze anos naquela época. Uma trupe de cômicos foi a Teoin. Depois de vê-los, informei meus pais que decidira que não ia ser princesa, mas uma atriz.

Roial gargalhou.

– Gostaria de ter visto o rosto de Eventeo quando sua filha predileta lhe disse que queria se tornar uma artista mambembe.

– Conhece meu pai?

– Sério, querida – Roial disse, indignado. – Não fui velho e senil toda minha vida. Houve um tempo em que viajei, e todo bom mercador tinha alguns contatos em Teod. Estive em duas audiências com seu pai, e nas duas vezes ele zombou do meu guarda-roupa.

Sarene riu.

– Ele é implacável com mercadores visitantes.

Os jardins de Roial estavam ao redor de um grande pátio de grama coberto por um pavilhão de baile. Caminhos delimitados por sebes levavam do pavilhão até canteiros de flores, lagos com pontes e esculturas. Tochas alinhadas no pavilhão proporcionavam iluminação total. Naturalmente, seriam apagadas antes do eclipse. No entanto, se as coisas saíssem como Sarene planejara, ela não estaria ali para ver.

– O rei! – Sarene exclamou. – Está aqui?

– É claro – Roial disse, apontando na direção de um jardim cheio de esculturas coberto ao lado do pavilhão. Sarene mal pôde distinguir a silhueta de Iadon, com Eshen ao seu lado.

Sarene relaxou. Iadon era o objetivo central das atividades daquela noite. Naturalmente o orgulho do rei não o deixaria perder um baile oferecido por um de seus duques. Se havia ido à festa de Telrii, certamente iria também na de Roial.

– O que o rei teria a ver com os planos da pequena Sarene? – Roial murmurou para si mesmo. – Talvez tenha enviado alguém para examinar os aposentos reais enquanto ele está fora. Seu seon, talvez?

No entanto, neste momento Ashe apareceu flutuando um pouco distante dali. Sarene lançou um olhar astuto para Roial.

– Tudo bem, talvez não fosse o seon – Roial disse. – Isso seria muito óbvio, de qualquer modo.

– Minha senhora – Ashe disse, balançando em saudação enquanto se aproximava.

– O que descobriu? – Sarene perguntou.

– A cozinheira realmente perdeu uma criada esta tarde, minha senhora. Dizem que ela fugiu com o irmão, que foi recentemente transferido para uma das mansões provinciais do rei. O homem, no entanto, jura que não sabe dela.

Sarene franziu o cenho. Talvez tenha sido muito apressada em julgar a cozinheira e suas ajudantes.

– Tudo bem. Bom trabalho.

– O que está acontecendo? – Roial perguntou, desconfiado.

– Nada – Sarene disse, dessa vez totalmente honesta.

Roial, no entanto, assentiu com ar de entendido.

O problema de ser inteligente, Sarene pensou com um suspiro*, é que todo mundo imagina que você está sempre planejando alguma coisa*.

– Ashe, quero que fique de olho no rei – Sarene disse, ciente do curioso sorriso de Roial. – Ele provavelmente vai passar a maior parte do tempo em sua área exclusiva da festa. Se resolver sair de lá, me conte imediatamente.

– Sim, minha senhora – Ashe disse, flutuando até um local discreto ao lado de uma das tochas, onde a luz da chama mascarava seu próprio brilho.

Roial assentiu novamente. Estava obviamente muito entretido tentando decifrar os planos de Sarene.

– Então, gostaria de se unir à reunião privada do rei? – Sarene perguntou, tentando desviar a atenção do duque.

Roial negou com a cabeça.

– Não. Por mais que eu goste de ver Iadon se contorcer na sua presença, nunca aprovei a maneira como ele se mantém reservado. Sou o anfitrião, graças a você, e um anfitrião deve se misturar com os convidados. Além disso, ficar perto de Iadon esta noite seria intolerável. Ele está procurando alguém para substituir o barão Edan, e todos os nobres menores presentes na festa tentarão conseguir o título.

– Como quiser – Sarene disse, permitindo que Roial a conduzisse pelo pavilhão aberto, onde um grupo de músicos tocava e alguns casais dançavam, embora a maioria conversasse fora da pista.

Roial gargalhou, e Sarene acompanhou seu olhar. Shuden e Torena rodopiavam perto do centro da pista de dança, completamente cativados um pelo outro.

– Do que está rindo? – Sarene perguntou, observando a garota de cabelos vermelhos e o jovem jindonês.

– Um dos grandes prazeres da minha velhice é ver jovens se provarem hipócritas – Raoden disse com um sorriso maldoso. – Depois de todos aqueles anos jurando que nunca se deixaria ser pego, depois de bailes sem fim reclamando como as mulheres o bajulavam, seu coração e sua mente se converteram em mingau como os de

qualquer outro homem.

– Você é um velho malvado, Vossa Graça.

– E é assim que deve ser – Roial informou. – Jovens malvados são triviais, e velhos amáveis são chatos. Aqui, deixe-me conseguir algo para bebermos.

O duque se afastou e Sarene ficou observando o jovem casal dançar. O olhar de Shuden era tão irritantemente sonhador que ela teve que dar meia-volta. Talvez as palavras de Daora tivessem sido mais acuradas do que Sarene estava disposta a admitir. Sarene estava com ciúmes, mas não porque tivesse imaginado qualquer possibilidade romântica com Shuden. Desde sua chegada em Arelon, Shuden havia sido um de seus mais fervorosos apoiadores. Era difícil vê-lo dar atenção para outra mulher, mesmo que com propósito completamente diferente.

Havia outra razão também – uma razão mais profunda e mais honesta. Estava com ciúmes do olhar de Shuden. Tinha inveja da oportunidade dele de cortejar, de se apaixonar e de se deixar envolver na estonteante alegria do romance.

Havia ideais com os quais Sarene sonhara desde o início da adolescência. Conforme foi ficando mais velha, percebeu que essas coisas nunca seriam para ela. Rebelou-se, no início, amaldiçoando sua personalidade ofensiva. Sabia que intimidava os homens da corte e, então, por um curto período, obrigara-se a adotar um temperamento mais subserviente e dócil. Seu noivado e um quase casamento com um jovem conde chamado Graeo foi o resultado.

Ainda se lembrava do homem – era mais um garoto – com piedade. Apenas Graeo estivera disposto a aproveitar a oportunidade de uma nova Sarene de temperamento comedido – arriscando-se à zombaria de seus pares. A união não fora por amor, mas ela gostava de Graeo apesar de seu caráter fraco. Havia uma espécie de hesitação infantil nele; uma compulsão exagerada para fazer o que era certo, para ter sucesso em um mundo onde a maioria das pessoas compreendia as coisas muito melhor do que ele.

No final, ela rompeu o noivado – não porque soubesse que viver com o maçante Graeo a teria deixado louca, mas porque percebeu que estava sendo injusta. Havia se aproveitado da ingenuidade de Graeo, sabendo muito bem que o rapaz viveria com alguém que estaria muito além da capacidade dele. Era melhor suportar a gozação por ter sido rejeitado no último momento do que viver o resto da vida com uma mulher que o sufocaria.

A decisão selara seu destino como solteirona. Rumores se espalharam de que ela dera esperanças para Graeo apenas para fazê-lo de tolo, e o jovem envergonhado deixou a corte, vivendo os três anos seguintes sem sair de suas terras, como um ermitão. Depois daquilo, nenhum homem ousou cortejar a filha do rei.

Ela deixou Teod nessa época, totalmente dedicada ao corpo diplomático de seu pai. Servira como enviada em todas as principais cidades de Opelon, de Fjorden até

a capital svordish de Seraven. A perspectiva de ir a Arelon a intrigava, é claro, mas seu pai se manteve inflexível sobre a proibição. Mal permitia que seus espiões fossem à cidade, jamais aceitaria que sua filha fizesse o mesmo.

Mesmo assim, Sarene pensou com um suspiro, no final havia conseguido. Valera a pena, decidiu; seu noivado com Raoden fora uma boa ideia, não importava o quão horrível tivesse se tornado. Por um tempo, enquanto trocavam cartas, ela se permitira ter esperanças novamente. A promessa acabou destruída, mas ainda tinha a memória daquela esperança. Era mais do que esperara obter.

– Parece que sua melhor amiga acabou de morrer – Roial observou, voltando para lhe entregar uma taça de vinho jaadoriano.

– Não, apenas meu marido – Sarene disse com um suspiro.

– Ah – Roial disse, assentindo compreensivo. – Talvez devêssemos ir a algum outro lugar..., um lugar que não tenha uma visão tão clara do arrebatamento do nosso jovem barão.

– Uma sugestão maravilhosa, Vossa Graça – Sarene concordou.

Percorreram o perímetro exterior do pavilhão. Roial saudava os que o felicitavam pela bela festa, Sarene acompanhava o ancião, ficando cada vez mais confusa com os olhares sombrios que ocasionalmente recebia das nobres que cruzavam com eles. Foram necessários alguns minutos para que percebesse a razão por trás da hostilidade: esquecera-se completamente do status de Roial como melhor partido de Arelon. Muitas daquelas mulheres haviam vindo esta noite esperando que o duque estivesse desacompanhado. Provavelmente planejaram por muito tempo como acossar o velho, tentando chamar a sua atenção. Sarene estragara qualquer chance.

Roial gargalhou, estudando o rosto dela.

– Você entendeu, não entendeu?

– É por isso que nunca dá festas, não é?

O duque assentiu.

– Já é difícil lidar com elas nos bailes de outro homem. É quase impossível ser um bom anfitrião com essas raposas beliscando minha pele.

– Cuidado, Vossa Graça – Sarene disse. – Shuden reclamou exatamente da mesma coisa na primeira vez que me levou a um baile, e veja onde *ele* acabou.

– Shuden fez errado – Roial comentou. – Ele saiu correndo. E todo mundo sabe que, não importa o quão rápido você corra, sempre há alguém mais rápido. Eu, ao contrário, não corro. Diverte-me muito brincar com as mentes ansiosas delas.

A resposta reprovadora de Sarene foi interrompida pela aproximação de um casal familiar. Lukel estava como sempre na moda, com um casaco azul bordado com fios de ouro e calça marrom, enquanto Jalla, sua esposa de cabelos escuros, usava um simples vestido cor de lavanda – jindonês, pelo decote alto.

– Agora, esse é um casal desencontrado, se é que já vi um – Lukel disse com um

sorriso aberto enquanto saudava o duque com uma reverência.

– O quê? – Roial perguntou. – Um velho duque rabugento e sua adorável jovem acompanhante?

– Estava me referindo mais à diferença de altura, Vossa Graça – Lukel disse com uma gargalhada.

Roial olhou para cima com uma sobrancelha erguida: Sarene era quase uma cabeça mais alta do que ele.

– Na minha idade, você se contenta com o que tem.

– Acho que isso é certo em qualquer idade, Vossa Graça – Lukel disse, olhando para sua bonita esposa de olhos negros. – Temos que aceitar o que as mulheres resolvem nos conceder, e nos sentir afortunados pelo oferecimento.

Sarene se sentiu enjoada: primeiro Shuden, agora Lukel. Decididamente, não estava com humor para lidar com casais felizes naquela noite.

Sentindo a disposição dela, o duque se despediu de Lukel, argumentando a necessidade de conferir a comida nos outros cantos do jardim. Lukel e Jalla voltaram para a pista de dança, enquanto Roial levava Sarene para fora do pavilhão, até ficarem sob o céu escuro, fracamente iluminado pelas tochas.

– Precisa superar isso, Sarene – o duque disse. – Não pode fugir cada vez que encontrar alguém com uma relação estável.

Sarene decidiu não dizer que o amor da juventude raramente era estável.

– Não fico sempre assim, Vossa Graça. Só tive uma semana difícil. Me dê alguns dias mais, e voltarei à minha personalidade normal, com o coração de pedra.

Sentindo a amargura dela, Roial sabiamente não respondeu a essa observação. Em vez disso, olhou para o lado, seguindo o som de uma risada familiar.

Aparentemente, o duque Telrii decidira não participar da festa privada do rei. Ao contrário, na verdade. Conversava com um grande grupo de nobres em um pequeno pátio do outro lado do pavilhão em relação à reunião privada de Iadon. Era quase como se estivesse fazendo sua própria festa exclusiva.

– Não é um bom sinal – Roial disse em voz baixa, expressando os pensamentos de Sarene.

– Concordo – ela disse. Contou rapidamente os aduladores de Telrii, tentando distinguir a posição deles, então olhou novamente para a parte da festa dominada por Iadon. Os números eram quase iguais, mas Iadon parecia comandar a nobreza mais importante, por enquanto.

– Esse é outro efeito imprevisto do seu enfrentamento com o rei – Roial comentou. – Quanto mais instável Iadon se torna, mais tentadoras as outras opções parecem.

Sarene franziu o cenho enquanto Telrii ria novamente, sua voz melodiosa e despreocupada. Não parecia em nada com um homem cujo apoiador mais importante

– o gyorn Hrathen – acabara de cair.

– O que ele está planejando? – Sarene perguntou. – Como poderia tomar o trono agora?

Roial apenas balançou a cabeça. Depois de um instante de reflexão, ele olhou para cima e se dirigiu para o nada.

– Sim?

Sarene se virou quando Ashe se aproximou. Então, surpresa, percebeu que *não* era Ashe. Era outro seon.

– Os jardineiros informam que um de seus convidados caiu no lago, meu senhor – o seon disse, flutuando quase no chão enquanto se aproximava. Sua voz era fria e sem emoção.

– Quem? – Roial perguntou com uma gargalhada.

– Lorde Redeem, Vossa Graça – o seon explicou. – Parece que o vinho foi demais para ele.

Sarene estreitou os olhos, procurando no fundo da bola de luz e tentando decifrar o aon brilhante. Achou que era Opa.

Roial suspirou.

– Provavelmente ele assustou os peixes do lago. Obrigado, Opa. Assegure-se de que Redeem receba algumas toalhas e uma carona para casa, se necessário. Na próxima festa, talvez não misture lagos com álcool.

O seon flutuou formalmente mais uma vez, então se afastou para cumprir as ordens de seu mestre.

– Nunca me disse que tinha um seon, meu senhor – Sarene disse.

– Muitos nobres têm, princesa – Roial disse – mas já não está na moda levá-los conosco para todos os lados. Seons lembram Elantris.

– Então ele só fica aqui na sua casa?

Roial assentiu.

– Opa supervisiona os jardineiros da mansão. Acho que é adequado, afinal de contas, o nome dele significa “flor”.

Sarene tamborilou na bochecha, se perguntando sobre a rígida formalidade da voz de Opa. Os seons que conhecia em Teod eram muito mais calorosos com seus mestres, independentemente de sua personalidade. Talvez porque aqui, na suposta terra em que foram criados, os seons fossem vistos com desconfiança e desgosto.

– Venha – Roial disse, pegando-a pelo braço. – Estava falando sério quando disse que queria conferir as mesas de comida.

Sarene permitiu que ele a guiasse.

– Roial, sua ameixa seca – uma voz tempestuosa chamou quando se aproximaram das mesas. – Estou surpreso. Você realmente sabe dar uma festa! Estava com medo que tentasse enfiar todos nós nesta caixa que chama de casa.

– Ahan – Roial disse –, devia ter imaginado que o encontraria perto da comida.

O grande conde vestia uma túnica amarela e segurava um prato de canapés e mariscos. O prato de sua esposa, no entanto, tinha apenas algumas fatias de fruta. Durante as semanas que Seaden participara das aulas de esgrima de Sarene, perdera um peso considerável.

– É claro! A melhor parte da festa! – o conde disse com uma gargalhada. Então, cumprimentando Sarene com a cabeça, prosseguiu – Vossa Alteza, eu a avisaria para que não deixasse que esse velho patife a corrompesse, mas tenho medo que faça o mesmo com ele.

– Eu? – Sarene respondeu, fingindo indignação. – Que perigo eu poderia ser?

Ahan bufou.

– Pergunte ao rei – disse, enfiando um canapé na boca. – Na verdade, pode perguntar para mim, veja o que está fazendo com minha pobre esposa. Ela se nega a comer!

– Estou apreciando minha fruta, Ahan – Seaden disse. – Acho que deveria experimentar.

– Talvez coma um prato depois que acabar aqui – Ahan bufou. – Vê o que está fazendo, Sarene? Nunca teria concordado com essa "esgrima" se soubesse que ia arruinar a forma da minha esposa.

– Arruinar? – Sarene perguntou, surpresa.

– Sou do sul de Arelon, princesa – Ahan disse, servindo-se de mais mariscos. – Para nós, redondo é bonito. Nem todo mundo quer que sua mulher pareça um garoto morto de fome. – Então, talvez percebendo que podia ter falado demais, Ahan fez uma pausa. – Sem querer ofender, é claro.

Sarene franziu o cenho. Ahan era realmente um homem adorável, mas frequentemente falava – e agia – sem pensar. Incerta de como responder de maneira adequada, Sarene hesitou.

O maravilhoso duque Roial veio ao seu resgate.

– Bem, Ahan, temos que ir, tenho vários convidados para cumprimentar. Ah, aproveitando, você bem que podia falar para sua caravana se apressar.

Ahan levantou os olhos do prato enquanto Roial começava a se afastar com Sarene.

– Caravana? – perguntou, de repente, muito sério. – Que caravana?

– Bem, a que está transportando melões-amargos de Duladel até Svorden, é claro – o duque disse sem constrangimento. – Eu mesmo enviei uma carga faz uma semana. Devia chegar amanhã de manhã. Temo, meu amigo, que sua caravana chegará em um mercado saturado. Sem mencionar o fato de que seus melões estarão ligeiramente passados.

Ahan praguejou, o prato esquecido na mão, o marisco caído no chão sem que se

desse conta.

– Como, em nome de Domi, conseguiu isso?

– Ah, você não sabia? – Roial perguntou. – Eu era sócio do jovem Lukel em sua aventura. Fiquei com toda a fruta verde do carregamento dele na semana passada, devem estar no ponto quando chegarem a Svorden.

Ahan sacudiu a cabeça, rindo em voz baixa.

– Me pegou de novo, Roial. Mas tenha cuidado: um dia desses finalmente serei melhor do que você, e ficará tão surpreso que não poderá se olhar por uma semana!

– Espero por isso – Roial disse enquanto deixavam as mesas de comida para trás.

Sarene riu, enquanto ouvia Seaden repreender seu marido.

– Você é realmente um homem de negócios tão bom quanto dizem, não é?

Roial estendeu as mãos, humildemente. Então disse:

– Sim, sou muito bom.

Sarene riu.

– No entanto – Roial prosseguiu – esse seu jovem primo me deixa no chinelo. Não tenho nem ideia como conseguiu manter aquele carregamento de melões-amargos em segredo; supõem-se que meus agentes em Duladel devessem me informar sobre essas coisas. Só participei do acordo porque Lukel veio até mim em busca de capital.

– Então foi bom que ele não tivesse ido ver Ahan, em vez de você.

– Uma coisa boa, realmente – Roial reconheceu. – Eu nunca ouviria o fim disso se Lukel tivesse feito negócio com ele. Ahan tenta me superar há duas décadas..., um dia desses ele vai perceber que só ajo de modo brilhante para irritá-lo, e então a vida não vai ter nem metade da graça.

Continuaram caminhando, falando com os convidados e desfrutando dos excelentes jardins de Roial. Os canteiros de flores recém-nascidas estavam inteligentemente iluminadas por tochas, lamparinas e até velas. O mais impressionante eram as árvores híbridas, cujas ramas – cobertas de botões rosa e brancos – eram iluminadas por lamparinas colocadas atrás dos troncos. Sarene estava se divertindo tanto que quase perdeu a noção do tempo. Apenas a súbita aparição de Ashe a lembrou do verdadeiro propósito da noite.

– Minha senhora! – Ashe exclamou. – O rei está deixando a festa!

– Tem certeza? – ela perguntou, a atenção arrancada das flores híbridas.

– Sim, minha senhora – Ashe confirmou. – Ele partiu furtivamente, afirmando que precisava ir ao lavabo, mas chamou a carruagem em vez disso.

– Perdoe-me, Vossa Graça – Sarene disse bruscamente para Roial. – Preciso ir embora.

– Sarene? – Roial perguntou, surpreso, enquanto a princesa caminhava na direção da casa. Então, com mais veemência, voltou a chamá-la. – Sarene! Não pode ir!

– Peço desculpas, Vossa Graça, mas é importante.

Ele tentou segui-la, mas as pernas dela eram mais longas. Além disso, o duque era anfitrião da festa. Não podia simplesmente desaparecer no meio do evento.

Sarene rodeou a casa de Roial a tempo de ver o rei subindo em sua carruagem. Praguejou – por que não previra um meio de transporte para si própria? Olhou ao redor freneticamente, buscando um veículo para requisitar. Achou um provável candidato enquanto a carruagem do rei partia, os cascos dos cavalos ressoavam contra os paralelepípedos.

– Minha senhora! – Ashe avisou – O rei não está nesta carruagem.

Sarene se deteve.

– O quê?

– Ele escapuliu pela porta do outro lado e desapareceu na escuridão. A carruagem é um ardil.

Sarene não se incomodou em questionar o seon – os sentidos dele eram muito mais acurados do que os de um humano.

– Vamos – ela disse, encaminhando-se para a direção adequada. – Não estou vestida para espionar; você terá que observá-lo para mim e me dizer para onde ele vai.

– Sim, minha senhora – Ashe disse, reduzindo sua luz para um nível quase imperceptível e voando atrás do rei. Sarene o seguiu em um ritmo mais lento.

Continuaram assim, Ashe permanecendo perto do rei e Sarene seguindo-o a uma distância prudente. Cobriram o terreno que circundava a mansão de Roial rapidamente, então se dirigiram para a cidade de Kae. Iadon movia-se apenas pelos becos, e Sarene percebeu pela primeira vez que podia ter se colocado em perigo. Mulheres não viajavam sozinhas depois que escurecia – nem mesmo em Kae, que era uma das cidades mais seguras de Opelon. Pensou em voltar meia dúzia de vezes, e uma vez quase saiu correndo em pânico quando um bêbado apareceu na escuridão perto dela. Mesmo assim, seguiu em frente. Era sua única chance de descobrir o que Iadon pretendia, e sua curiosidade era mais forte que seu medo. Por enquanto, ao menos.

Ashe, sentindo o perigo, aconselhou que ela o deixasse seguir o rei sozinho, mas ela prosseguiu, determinada. O seon, acostumado com Sarene, não argumentou mais. Voava para frente e para trás, entre ela e o rei, fazendo o possível para vigiar Sarene ao mesmo tempo em que seguia Iadon.

Depois de um tempo, o seon desacelerou, voltando para Sarene, flutuando apreensivo.

– Ele acaba de entrar no esgoto, minha senhora.

– No esgoto? – Sarene perguntou incrédula.

– Sim, minha senhora. E não está sozinho. Encontrou-se com dois homens

encapuçados depois de deixar a festa, e se juntaram a mais meia dúzia na boca do esgoto.

– E você não os seguiu? – ela perguntou, desapontada. – Nunca seremos capazes de encontrá-los.

– É um azar, minha senhora.

Sarene rangeu os dentes, frustrada.

– Devem ter deixado pegadas na lama – decidiu, seguindo em frente. – Você deve ser capaz de segui-los.

Ashe hesitou.

– Minha senhora, devo insistir que retorne para a festa do duque.

– Sem chance, Ashe.

– Tenho o solene dever de protegê-la, minha senhora – Ashe lembrou. – Não posso permitir que vague pelo lixo em plena noite. Me enganei em deixá-la vir até aqui. É minha responsabilidade impedir isso antes que vá mais longe.

– E como fará isso? – Sarene perguntou impaciente.

– Posso chamar seu pai.

– Meu pai vive em Teod, Ashe – Sarene observou. – O que ele vai fazer?

– Posso buscar lorde Eondel ou um dos outros.

– E deixar-me perdida no esgoto por conta própria?

– Você nunca faria algo tão tolo, minha senhora – Ashe declarou. Então se deteve, flutuando inseguro, seu aon brilhava tão tênue que era translúcido. – Tudo bem – finalmente admitiu. – Você é louca a esse ponto.

Sarene sorriu.

– Vamos. Quanto mais frescas as pegadas, mais fácil será segui-las.

O seon a conduziu emburrado rua abaixo, até terminar em um arco sujo, coberto de musgo. Sarene avançou com determinação, sem se importar com o que os dejetos fariam com seu vestido.

A luz da lua durou até a primeira curva. Sarene parou por um momento na escuridão sufocante, fria e úmida, percebendo que nem ela jamais teria sido tão tola para entrar em um labirinto sem guia. Felizmente, seu blefe convencera Ashe – embora não tinha certeza se se sentia ofendida pelo grau de estupidez arrogante do qual o seon a achava capaz.

Ashe aumentou levemente sua luz. O esgoto era um tubo oco, um remanescente dos dias em que a magia de Elantris proporcionava água corrente para todas as casas de Kae. Agora esses tubos eram usados como receptáculo de lixo e excremento. Eram inundados por um desvio periódico do Arendel – algo que obviamente não era feito há um bom tempo, pelo lodo molhado no fundo do corredor que chegava até os tornozelos de Sarene. Nem queria pensar do que aquele lodo devia ser composto, mas o fedor penetrante era uma pista inequívoca.

Todos os túneis pareciam iguais para Sarene. Uma coisa a tranquilizava: o senso de direção do seon. Era impossível se perder na companhia de Ashe. As criaturas sempre sabiam onde estavam e podiam apontar a exata direção de qualquer lugar em que já tivessem estado.

Ashe ia na frente, flutuando perto da superfície do lodo.

– Minha senhora, pode me dizer como sabia que o rei escapuliria da festa de Roial?

– Certamente é capaz de deduzir, Ashe – ela o repreendeu.

– Posso assegurar, minha senhora, já tentei.

– Bem, em que dia da semana estamos?

– MaeDal? – o seon respondeu, fazendo-a dobrar uma esquina.

– Certo. E o que acontece toda semana, em MaeDal?

Ashe não respondeu imediatamente.

– Seu pai joga ShunDa com lorde Eondel? – perguntou, a voz carregada de uma frustração não característica. As atividades da noite e, em especial, a beligerância dela estavam acabando até com a formidável paciência de Ashe.

– Não – Sarene respondeu. – Toda semana, em MaeDal, às onze horas, ouço ruídos na passagem que atravessa minha parede, aquela que vai até os aposentos do rei.

O seon emitiu um leve "ah" de compreensão.

– Ouço barulhos na passagem em outras noites também – ele prosseguiu. – Mas MaeDal é o único dia que nunca falha.

– Então fez com que Roial desse a festa esta noite, esperando que o rei mantivesse sua agenda – o seon falou.

– Exato – Sarene disse, tentando não escorregar no lodo. – E tive que me assegurar de que fosse uma festa tardia, para que as pessoas ficassem pelo menos até meia-noite, e o eclipse foi a desculpa perfeita. O rei tinha que ir à festa; seu orgulho não o deixaria faltar. Contudo, o compromisso semanal deve ser importante, para se arriscar a sair mais cedo para ir até lá.

– Minha senhora, não gosto disso – Ashe comentou. – O que o rei pode estar fazendo de bom no esgoto à meia-noite?

– É exatamente o que pretendo descobrir – Sarene disse, afastando uma teia de aranha. Um pensamento a empurrava pelo lodo e pela escuridão, uma possibilidade que mal estava disposta a reconhecer. Talvez o príncipe Raoden vivesse. Talvez Iadon não o tivesse confinado nos calabouços, mas no esgoto. Sarene poderia não ser uma viúva no final das contas.

Ouviram um ruído adiante.

– Desligue sua luz, Ashe – ela disse. – Acho que ouvi vozes.

O seon obedeceu, ficando quase invisível. Havia uma encruzilhada bem na frente

deles, e luzes de tochas brilhavam do túnel mais à direita. Sarene se aproximou da esquina lentamente, com intenção de espiar do outro lado. Infelizmente, não notou que o chão se inclinava levemente para baixo e seus pés escorregaram. Agitou os braços em desespero, conseguindo se estabilizar com dificuldade enquanto deslizava alguns palmos e parava no final da descida.

O movimento a colocou bem no centro da encruzilhada. Sarene ergueu os olhos devagar.

O rei Iadon a encarou de volta, tão desconcertado quanto ela.

– Misericordioso Domi – Sarene murmurou. O rei estava parado diante de um altar, segurando uma faca manchada de vermelho no alto. Estava completamente nu, exceto pelo sangue que manchava seu peito. Os restos de uma jovem eviscerada jaziam presos no altar, seu torso aberto do pescoço até a virilha.

A faca caiu da mão de Iadon, batendo no lodo do chão com um ruído apagado. Só então Sarene percebeu uma dúzia de formas atrás dele, com túnicas negras e runas dulas costuradas nelas. Cada um levava uma adaga longa. Vários se aproximaram da princesa com passos rápidos.

Sarene vacilou entre a necessidade de seu corpo de vomitar e a insistência de sua mente de gritar.

O grito venceu.

Ela retrocedeu, tropeçou, escorregou e se espatifou no lodo. As figuras correram na direção dela, os olhos encapuçados decididos. Sarene chutou e se debateu no lodo, ainda gritando enquanto tentava ficar em pé. Quase não percebeu o som de passos à sua direita.

Então Eondel estava ali.

A espada do idoso general brilhou na luz tênue, cortando fora o braço que pegava o tornozelo de Sarene. Outras figuras se moviam pelo corredor também, homens com a farda da legião de Eondel. Também havia um homem em uma túnica vermelha – Dilaf, o sacerdote derethi. Ele não se juntou à batalha, mas ficou parado com uma expressão fascinada no rosto.

Aturdida, Sarene tentou se levantar novamente, mas acabou escorregando no esgoto mais uma vez. Uma mão agarrou seu braço, ajudando-a a se erguer. O rosto enrugado de Roial sorria aliviado enquanto colocava Sarene em pé.

– Talvez da próxima vez me diga o que está planejando, princesa – ele sugeriu.

***

– *Você* contou para ele – Sarene percebeu, dando um olhar acusador para Ashe.

– É claro que contei, minha senhora – o seon respondeu, pulsando levemente para pontuar a observação. Ela estava sentada no escritório de Roial, com Ashe e Lukel. Sarene vestia uma túnica que o duque pegara emprestado de uma de suas criadas.

Era muito curto, é claro, mas era melhor do que o vestido de veludo coberto de esgoto.

– Quando? – Sarene quis saber, reclinando-se no sofá aveludado de Roial e se enrolando em uma manta. O duque ordenara um banho para ela, e seu cabelo ainda estava molhado, gelado pelo ar noturno.

– Ele chamou Opa assim que você saiu de casa – Roial explicou, andando pela sala, carregando três xícaras fumegantes. Ofereceu uma para ela e outra para Lukel, antes de se sentar.

– Tão rápido? – Sarene perguntou, surpresa.

– Sabia que você não desistiria, não importava o que eu dissesse – Ashe disse.

– Você me conhece bem demais – ela murmurou, tomando um gole de sua bebida. Era garha fjordênica, o que era bom: não podia se permitir cair no sono ainda.

– Admitirei essa falha sem discutir, minha senhora – Ashe falou.

– Então por que tentou me deter antes de me guiar pelo esgoto? – ela perguntou.

– Estava ganhando tempo, minha senhora – Ashe explicou. – O duque insistiu em ir ele mesmo, e seu grupo se movia devagar.

– Posso ser lento, mas não ia perder o que quer que estivesse planejando, Sarene – Roial afirmou. – Dizem que a idade traz sabedoria, mas só me trouxe um caso tortuoso de curiosidade.

– E os soldados de Eondel? – Sarene perguntou.

– Já estavam na festa – Lukel disse. Ele insistira em saber o que estava acontecendo assim que viu Sarene entrar na casa de Roial coberta de lodo. – Vi alguns deles misturados entre os convidados.

– Convidei os oficiais de Eondel – Roial explicou. – Ou, pelo menos, a meia dúzia deles que estava na cidade.

– Muito bem – Sarene falou. – Então, depois que fui embora, Ashe chamou seu seon e lhe disse que eu estava perseguindo o rei.

– "A garota tola está tentando se matar" foram suas palavras exatas, eu acho – Roial disse com uma risada.

– Ashe!

– Peço desculpas, minha senhora – o seon disse, pulsando envergonhado. – Eu estava bastante nervoso.

– De qualquer forma – Sarene prosseguiu – Ashe chamou Roial e ele reuniu Eondel e seus homens que estavam na festa. Todos vocês me seguiram até o esgoto, até onde seu seon os guiou.

– Até Eondel ouvi-la gritar – Roial completou. – Tem muita sorte em contar com a lealdade deste homem, Sarene.

– Sei disso – Sarene admitiu. – É a segunda fez nesta semana que a espada dele se prova útil. Da próxima vez que eu encontrar Iadon, me lembre de chutá-lo por

convencer a nobreza que o treinamento militar é algo indigno dela.

Roial começou a rir.

– Pode ser que precise entrar na fila para dar este chute, princesa. Duvido que os sacerdotes da cidade, derethi ou korathi, deixarão que o rei se safe por participar dos Mistérios Jeskeri.

– E por sacrificar aquela pobre mulher – Ashe disse em voz baixa.

O tom da conversa se apagou quando lembraram o que estavam discutindo. Sarene estremeceu com a imagem do altar coberto de sangue e sua ocupante. *Ashe está certo*, pensou, sombria. *Não é momento de brincadeiras*.

– Era isso o que era, então? – Lukel perguntou.

Sarene assentiu.

– Algumas vezes, os Mistérios envolvem sacrifícios. Iadon deve ter desejado muito alguma coisa.

– Nosso amigo derethi afirmou ter algum conhecimento sobre o tema – Roial disse. – Parece pensar que o rei estava pedindo que os espíritos Jesker destruíssem alguém para ele.

– Eu? – Sarene perguntou, sentindo frio apesar da manta.

Roial assentiu.

– O arteth Dilaf disse que as instruções estavam escritas no altar com sangue da mulher.

Sarene estremeceu.

– Bem, pelo menos agora sabemos o que aconteceu com as criadas e cozinheiras que desapareceram do palácio.

Roial assentiu.

– Acho que ele está envolvido com os Mistérios há muito tempo..., talvez desde o Reod. Obviamente era o líder daquele grupo em particular.

– E os outros? – Sarene perguntou.

– Nobres menores – Roial explicou. – Iadon não envolveria alguém que pudesse desafiá-lo.

– Espere um momento – Sarene disse, franzindo o cenho. – De onde saiu aquele sacerdote derethi?

Roial olhou para sua xícara desconfortavelmente.

– Isso foi minha culpa. Ele me viu reunindo os homens de Eondel, eu estava apressado..., e nos seguiu. Não tivemos tempo de lidar com ele.

Sarene tomou um gole de sua bebida com petulância. Os acontecimentos da noite definitivamente não saíram como ela planejara.

De repente, Ahan apareceu na porta.

– Esfarrapado Domi, Sarene! – declarou. – Primeiro você se opõe ao rei, depois o resgata e agora o destrona. Poderia, por favor, se decidir?

Sarene aproximou os joelhos do peito e apoiou a cabeça entre eles com um gemido.

– Não há como manter em segredo, então?

– Não – Roial falou. – O sacerdote derethi se encarregou disso, já contou para metade da cidade.

– É quase certo que Telrii vai tomar o poder agora – Ahan disse, balançando a cabeça.

– Onde está Eondel? – Sarene perguntou, com a voz abafada pela manta.

– Colocando o rei no cárcere – Ahan disse.

– E Shuden?

– Encarregando-se de que as mulheres o levem para casa em segurança, presumo – Lukel respondeu.

– Tudo bem – Sarene disse, levantando a cabeça e tirando o cabelo dos olhos. – Temos que agir sem eles. Cavalheiros, sinto que acabo de destruir nosso breve momento de paz. Temos alguns planos difíceis para fazer e, sobretudo, temos de planejar o controle de danos.

Algo mudou. Hrathen pestanejou, espantando os últimos restos de seu aturdimento. Não tinha certeza de quanto tempo se passara – estava escuro agora, aterradoramente negro, exceto por algumas poucas tochas solitárias sobre a muralha de Elantris. Não havia luz da lua.

Caía no torpor com cada vez mais frequência ultimamente, sua mente estava embotada enquanto se ajoelhava na mesma postura penitente. Três dias eram um longo período para passar em oração.

Tinha sede. Fome também. Esperava por isso; já havia jejuado antes. Contudo, desta vez parecia diferente. Sua fome parecia mais urgente, como se seu corpo estivesse tentando avisá-lo de alguma coisa. Elantris tinha muito a ver com seu desconforto, sabia disso. Havia um desespero na cidade, uma sensação de ansiedade em cada pedra torpe e rachada.

De repente, a luz apareceu no céu. Hrathen olhou para cima com respeito, pestanejando com olhos cansados. A lua apareceu lentamente na escuridão. Primeiro na forma de uma foice de prata, crescendo enquanto Hrathen a observava. Não sabia que haveria um eclipse lunar esta noite – parara de prestar atenção a essas coisas desde que deixara Duladel. Aquela religião pagã agora extinta dava importância especial aos movimentos celestes, e com frequência os Mistérios praticavam seus rituais em noites como aquela.

De cócoras no pátio de Elantris, Hrathen finalmente entendeu o que havia feito os Jeskers respeitarem a natureza com espanto religioso. Havia algo de belo na deusa pálida dos céus, um certo misticismo em seu eclipse. Era como se a lua realmente desaparecesse por um tempo – viajando para outro lugar, em vez de simplesmente cair na sombra do planeta, como os cientistas svordish agora afirmavam. Hrathen quase podia sentir sua mágica.

Quase. Entendia como, talvez, uma cultura primitiva pudesse adorar a lua –, mas não podia tomar parte dessa adoração. Mesmo assim, se perguntou: era essa reverência que tinha que sentir por seu Deus? Sua própria fé falhava por que não respeitava Jaddeth com a mesma mistura de medo curioso e espanto com que o povo de Jesker respeitava a lua?

Jamais sentiria essas emoções; não era capaz de veneração irracional. Ele entendia. Ainda que invejasse os homens que podiam jorrar orações para um deus sem entender seus ensinamentos, Hrathen não podia separar fato e religião. Jaddeth concedia atributos a um homem conforme Ele julgava adequado, e Hrathen recebera um intelecto lógico. Nunca teria se contentado com uma devoção simplória.

Não era o que Hrathen havia esperado, mas era uma resposta, e encontrou consolo e força nela. Não era um fanático; nunca seria um homem de extrema paixão. No fim, seguia a crença derethi porque fazia sentido. Isso tinha que ser o bastante.

Hrathen passou a língua pelos lábios ressecados. Não sabia quanto tempo passaria até que deixasse Elantris; seu exílio ainda podia durar dias. Não queria mostrar sinais de dependência física, mas sabia que precisava de algum nutriente. Estendeu a mão e pegou sua cesta de sacrifício. Cobertas de lodo, as oferendas estavam ficando velhas e mofadas. Hrathen as comeu mesmo assim, incapaz de se conter depois que tomou a decisão de se alimentar. Devorou tudo – vegetais flácidos, pão embolorado, carne, e até um pouco dos grãos já amolecidos pelo longo banho no lodo de Elantris. No fim, tomou todo o frasco de vinho em um gole prolongado.

Jogou a cesta de lado. Pelo menos agora não tinha que se preocupar com catadores vindo roubar suas oferendas, embora não tivesse visto mais deles desde o ataque mais cedo. Estava grato a Jaddeth pelo intervalo. Estava ficando tão fraco e desidratado que podia não ser capaz de repelir outro avanço.

A lua estava quase completamente visível agora. Hrathen a contemplou com resolução renovada. Podia carecer de paixão, mas tinha determinação de sobra. Passando a língua nos lábios agora molhados, Hrathen voltou às suas orações. Continuaria como sempre, fazendo o melhor para servir ao império do Senhor Jaddeth.

Não havia mais nada que Deus pudesse esperar dele.

Raoden se enganara com os homens de Shaor. Alguns poucos foram até ele naquela noite para cozinhar sua comida, a luz da consciência brilhava debilmente em seus olhos. O resto – a maioria dos seguidores de Shaor – não fez isso.

Foram até ele por outro motivo.

Raoden observava vários deles colocando um grande bloco de pedra em um dos trenós de Mareshe. Haviam perdido a razão – sua capacidade de pensar estava de algum modo atrofiada por sua prolongada imersão na loucura bestial. Ainda que vários tivessem se recuperado – pelo menos em parte –, o resto parecia estar além de qualquer ajuda. Nunca fizeram a conexão entre o fogo e o fato de cozinhar; ficaram simplesmente parados, uivando junto aos grãos, irritados e confusos com sua incapacidade de devorá-los.

Não, esses homens não haviam caído em sua armadilha. Mas vieram mesmo assim – pois Raoden havia destronado seu deus.

Entrara no território de Shaor e escapara ileso. Tinha poder sobre a comida; podia torná-la não comestível para uns, mas suculenta para outros. Seus soldados haviam derrotado repetidamente a gangue de Shaor. Para as mentes simples e degeneradas desses homens, só havia uma coisa a fazer quando se encontravam diante de um deus mais poderoso que o seu: converter-se.

Foram até lá na manhã seguinte à tentativa de Raoden de restaurar o entendimento deles. O príncipe percorria o perímetro da baixa muralha defensiva de Nova Elantris e os viu caminhando por uma das principais ruas da cidade. Ele provocara aquela situação, e pensou que finalmente haviam decidido lançar um ataque coordenado.

Mas os homens de Shaor não estavam ali para lutar. Estavam ali para lhe entregar um presente: a cabeça de seu antigo deus. Ou, pelo menos, o cabelo dela. O líder dos loucos jogou a peruca dourada aos pés de Raoden, os fios manchados com o estagnado e escuro sangue elantrino.

Apesar da busca, seu pessoal nunca encontrou o corpo de Shaor.

Então, com o velo de sua deusa caída jogado no lodo diante deles, os loucos se prostraram, suplicantes. A partir daí, faziam exatamente o que Raoden lhes dizia. Em troca, ele os recompensava com bocados de comida, como alguém faz com seu animal de estimação.

Sentia-se incomodado em usar homens como animais. Fizera outras tentativas para restabelecer a mente racional deles, mas depois de uns dois dias soube que era uma esperança vã. Aqueles homens haviam rendido seu intelecto e, independentemente se a culpa era da psicologia ou do dôr, nunca o recuperariam.

Eram incrivelmente bem comportados – dóceis inclusive. A dor não parecia afetá-los, e realizavam qualquer trabalho, por mais servil ou duro que fosse. Se Raoden lhe dissesse para empurrar um edifício até que caísse, voltaria dias mais tarde para encontrá-los ainda apoiados contra a mesma parede, as palmas das mãos pressionadas contra a pedra teimosa. Mesmo assim, apesar de sua aparente obediência, Raoden não confiava neles. Haviam assassinado Shaor; também mataram seu mestre anterior. Estavam calmos só porque seu deus atual assim exigia.

– Kayana – Galladon declarou, juntando-se a ele.

– Não sobrou muito deles, não é? – Karata concordou.

Kayana era o nome de Galladon para eles. Significava "insano".

– Pobres almas – Raoden sussurrou.

Galladon assentiu.

– Nos chamou, sule?

– Sim, chamei. Venham comigo.

***

O aumento de mão de obra com a chegada dos kayanas deu a Mareshe e seus trabalhadores os meios de reconstruir alguns móveis de pedra e, deste modo, poupar seus já escassos recursos de madeira. A nova mesa de Raoden dentro da capela era a mesma que usara para fazer Taan se lembrar de seus dias de escultor. Uma grande rachadura – reparada com argamassa – corria pelo meio, mas fora isso estava incrivelmente intacta, os entalhes gastos, mas ainda visíveis.

A mesa continha vários livros. A recente restauração de Nova Elantris exigira a liderança de Raoden, tornando difícil para ele escapar para a biblioteca oculta, então havia trazido vários exemplares. As pessoas estavam acostumadas a vê-lo com livros, e nem pensaram em questionar – embora aqueles volumes ainda tivessem as capas de couro.

Estudava o AonDor com urgência crescente. A dor aumentara. Algumas vezes o acertava com tanta ferocidade que Raoden sucumbia, lutando contra a agonia. Ainda era administrável, mas a duras penas, e estava ficando pior. Fazia um mês e meio desde que chegara a Elantris, e duvidava que pudesse ver outro mês chegar e partir.

– Não entendo por que insiste em partilhar cada detalhe do AonDor conosco, sule – Galladon disse, suspirando enquanto Raoden se aproximava com um volume aberto. – Mal entendo metade das coisas que diz.

– Galladon, *deve* se forçar a lembrar dessas coisas – Raoden disse. – Não importa o que diga, sabe que tem inteligência para isso.

– Talvez – Galladon admitiu. – Mas isso não quer dizer que goste. AonDor é seu passatempo, não o meu.

– Ouça, meu amigo – Raoden disse. – Sei que o AonDor tem o segredo da nossa

maldição. Com tempo, com estudo, podemos descobrir as pistas de que precisamos. Mas – ele prosseguiu, levantando um dedo – se algo acontecer comigo, então alguém tem que continuar meu trabalho.

Galladon bufou.

– Você está tão próximo de se transformar em um hoed quanto eu de me tornar fjordênico.

Escondo bem.

– Isso não importa – Raoden disse. – É tolice não ter um reserva. Vou escrever essas coisas, mas quero que vocês dois escutem o que tenho a dizer.

Galladon suspirou.

– Tudo bem, sule, o que descobriu? Outra modificação para aumentar o alcance de um aon?

Raoden sorriu.

– Não, dessa vez é muito mais interessante. Sei por que Elantris está coberta de lodo.

Karata e Galladon se interessaram.

– De verdade? – Karata perguntou, olhando para o livro aberto. – Está explicado aí?

– Não, é uma combinação de várias coisas – Raoden falou. – O elemento-chave, no entanto, está aqui. – Apontou para uma ilustração.

– Aon Ashe? – Galladon perguntou.

– Correto – Raoden confirmou. – Você sabe que a pele elantrina era tão prateada que algumas pessoas afirmavam que ela brilhava.

– E brilhava – Galladon confirmou. – Não resplandecia, mas quando meu pai entrava em um quarto escuro, era possível ver seu contorno.

– Bem, o dôr estava por trás disso – Raoden explicou. – Cada corpo elantrino estava conectado constantemente com o dôr. A mesma ligação existia entre a própria Elantris e o dôr, ainda que os eruditos não saibam o porquê. O dôr estava infundido na cidade toda, fazendo pedras e madeiras brilharem como se uma chama silenciosa ardesse dentro delas.

– Devia ser difícil dormir – Karata comentou.

– Você podia se cobrir – Raoden falou. – Mas o efeito da cidade iluminada era tão espetacular que muitos elantrinos apenas aceitavam como natural, aprendendo até mesmo a dormir com o brilho.

– Fascinante – Galladon disse, indiferente. – Então, o que isso tem a ver com o lodo?

– Há fungos e mofos que vivem na luz, Galladon – Raoden explicou. – A iluminação do dôr era diferente da luz comum, no entanto, e atraia um tipo diferente de fungo. Aparentemente, uma fina película transparente crescia sobre a maior parte

das coisas. Os elantrinos não se incomodavam em limpar isso: era praticamente imperceptível e, na verdade, aumentava o resplendor. O mofo era resistente, e não fazia muita bagunça. Até que morreu.

– A luz desapareceu... – Karata disse.

– E o fungo apodreceu – Raoden assentiu. – Como o mofo antigamente cobria a cidade toda, agora o lodo faz o mesmo.

– Então, aonde quer chegar? – Galladon perguntou, com um bocejo.

– É outro fio da teia – Raoden explicou –, outra pista sobre o que aconteceu quando o Reod atacou. Temos que trabalhar de frente para trás, meu amigo. Só estamos começando a aprender os resultados do evento que aconteceu há dez anos. Talvez depois de entendermos tudo o que o Reod fez, possamos começar a adivinhar o que o causou.

– A explicação do lodo faz sentido, meu príncipe – Karata falou. – Sempre soube que havia algo de anormal nessa sujeira. Já fiquei parada na chuva, observando jorros de água acertando paredes de pedra sem limpar nem uma mancha.

– O lodo é oleoso – Raoden disse – e repele a água. Ouviu Kahar falar como é difícil limpá-lo?

Karata assentiu, folheando o volume.

– Esses livros contém muita informação.

– De fato – Raoden concordou. – Ainda que os eruditos que os escreveram possam ser frustrantemente pouco claros. Ainda falta muito estudo para encontrar respostas para questões específicas.

– Como quais? – Karata perguntou.

Raoden franziu o cenho.

– Bem, para começar, não encontrei nenhum livro que mencione como fazer seons.

– Nenhum? – Karata perguntou surpresa.

Raoden negou com a cabeça.

– Sempre imaginei que os seons fossem criados pelo AonDor, mas, se é isso, os livros não explicam como. Vários deles falam sobre a passagem de seons famosos de uma pessoa para outra, mas isso é tudo.

– Passagem? – Karata perguntou, franzindo o cenho.

– Dar o seon para outra pessoa – Raoden explicou. – Se você tem um, pode dá-lo para alguém ou pode dizer a eles a quem devem servir se você morrer.

– Então, uma pessoa comum pode ter um seon? – ela perguntou. – Pensei que apenas os nobres podiam.

Raoden negou com a cabeça.

– Tudo depende do dono anterior.

– Ainda que não seja provável que um nobre passe seu seon para um camponês qualquer – Galladon disse. – Seons, como riquezas, tendem a permanecer na família.

Kolo?

Karata franziu o cenho.

– Então o que acontece se o dono morre e não disse para o seon para quem deve passar?

Raoden fez uma pausa, então deu de ombros, olhando para Galladon.

– Não olhe para mim, sule – Galladon disse. – Nunca tive um seon.

– Não sei – Raoden admitiu. – Imagino que ele escolha seu próximo mestre por conta própria.

– E se ele não quiser? – Karata perguntou.

– Não acho que tenham escolha – Raoden disse. – Há algo entre os seons e seus mestres. Estão ligados, de algum modo. Seons ficam loucos quando seus mestres são tomados pela Shaod, por exemplo. Acho que foram criados para servir, é parte da magia deles.

Karata assentiu.

– Meu senhor Espírito! – chamou uma voz que se aproximava.

Raoden ergueu uma sobrancelha, fechando o volume.

– Meu senhor – Dashe disse, entrando correndo pela porta. O alto elantrino parecia mais confuso do que preocupado.

– O que foi, Dashe? – Raoden perguntou.

– É o gyorn, meu senhor – Dashe disse, com expressão excitada. – Está curado.

—Um mês e meio e já destronou um rei. Nunca deixe que digam que não trabalha rápido, Ene.

As palavras de seu pai eram joviais, ainda que seu rosto brilhante indicasse preocupação. Ele sabia, assim como ela, que o caos na esteira de um governo derrubado podia ser perigoso tanto para camponeses quanto para nobres.

– Bem, não posso dizer que tinha a *intenção* de fazer isso – Sarene protestou. – Misericordioso Domi, tentei salvar o tolo. Ele não devia ter se envolvido com os Mistérios.

O pai dela riu.

– Nunca devia tê-la mandado para aí. Você já era má o bastante quando a deixávamos visitar nossos inimigos.

– Você não me "mandou" para cá, pai – Sarene disse. – Foi ideia minha.

– Estou feliz em saber que minha opinião conta tanto aos olhos da minha filha – Eventeo falou.

Sarene sentiu que abrandava.

– Sinto muito, pai – disse com um suspiro. – Estou no limite desde..., você não sabe quão *horrível* foi.

– Ah, eu sei, infelizmente. Como, em nome de Domi, uma monstruosidade como os Mistérios surgiu de uma religião tão inocente como o Jesker?

– Do mesmo modo que o Shu-Dereth e o Shu-Korath vieram ambos dos ensinamentos de um único jindonês – Sarene respondeu, balançando a cabeça.

Eventeo suspirou.

– Então, Iadon está morto?

– Já sabe disso? – Sarene perguntou surpresa.

– Enviei alguns novos espiões para Arelon recentemente, Ene – o pai dela contou. – Não vou deixar minha filha sozinha em um país à beira da destruição sem ao menos manter um olho nela.

– Quem? – Sarene perguntou, curiosa.

– Você não precisa saber – seu pai disse.

– Eles devem ter um seon – Sarene ponderou. – Ou você não saberia sobre Iadon. Ele só se enforcou noite passada.

– Não vou lhe dizer, Ene – Eventeo disse, com um tom de voz divertido. – Se souber quem é, inevitavelmente vai querer se apropriar dele para seus próprios propósitos.

– Muito bem – Sarene disse. – Mas quando tudo isso acabar, será melhor me dizer

quem era.

– Você não o conhece.

– Muito bem – Sarene disse, fingindo indiferença.

O pai dela riu.

– Então, conte-me sobre Iadon. Como, em nome de Domi, ele conseguiu uma corda?

– Lorde Eondel deve tê-la arranjado – Sarene supôs, apoiando os cotovelos na mesa. – O conde pensa como um guerreiro, e essa era uma solução muito eficiente. Não temos que forçar uma abdicação, e o suicídio devolveu alguma dignidade para a monarquia.

– Estamos sedentos de sangue hoje, não, Ene?

Sarene estremeceu.

– Você não viu, pai. O rei não só matou aquela garota, ele gostou de fazer isso.

– Ah – Eventeo disse. – Minhas fontes dizem que o duque Telrii provavelmente tomará o trono.

– Não se pudermos evitar – Sarene garantiu. – Telrii é ainda pior do que Iadon. Mesmo se não fosse um simpatizante derethi, seria um rei terrível.

– Ene, uma guerra civil não ajudará ninguém.

– Não chegará a tanto, pai – Sarene prometeu. – Você não entende o quão pouco militarista é este povo. Viveram por séculos sob proteção elantrina. Acham que a presença de alguns guardas com excesso de peso na muralha da cidade é suficiente para dissuadir os invasores. Suas únicas tropas verdadeiras pertencem à legião de lorde Eondel, que ordenou que se reunissem em Kae. Podemos conseguir coroar Roial antes que alguém se ache mais esperto.

– Estão unidos com ele, então?

– É o único rico o suficiente para desafiar Telrii – Sarene explicou. – Não tenho tempo suficiente para destruir o estúpido sistema de títulos por dinheiro de Iadon. É com isso que as pessoas estão acostumadas, e então temos que usá-lo por enquanto.

Uma batida na porta foi seguida por uma criada segurando uma bandeja com o almoço. Sarene voltara a viver no palácio depois de passar apenas uma noite na mansão de Roial, apesar da preocupação dos aliados dela. O palácio era um símbolo, e ela esperava que isso lhe emprestasse autoridade. A criada colocou a bandeja na mesa e se retirou.

– Era o almoço? – Seu pai parecia ter um sexto sentido em relação à comida.

– Sim – Sarene disse, cortando uma fatia de pão de milho.

– Está bom?

Sarene sorriu.

– Não devia perguntar, pai. Só vai se perturbar.

Eventeo suspirou.

– Eu sei. Sua mãe tem uma nova fascinação: sopa de algas hraggish.

– É bom? – Sarene perguntou. Sua mãe era filha de um diplomata teodeno, e passara quase toda sua adolescência em Jindo. Como resultado, havia adquirido algumas estranhas preferências culinárias, e as impunha a todo o palácio e seu pessoal.

– É horrível.

– Que pena – Sarene disse. – Agora, onde coloquei aquela manteiga?

Eventeo gemeu.

– Pai – Sarene o repreendeu. – Sabe que precisa perder peso.

Ainda que o rei não fosse tão volumoso – nem de músculos nem de gordura –, assim como seu irmão Kiin, era mais corpulento que atarracado.

– Não sei o motivo – Eventeo comentou. – Sabia que em Duladel eles consideram os gordos atraentes? Não se incomodam com as noções jindonesas de saúde, e são perfeitamente felizes. Além disso, onde está a prova de que a manteiga engorda?

– Sabe o que os jindoneses dizem, pai – Sarene falou. – Se queima, não é saudável.

Eventeo suspirou.

– Não tomo uma taça de vinho há dez anos.

– Eu sei, pai. Costumava morar com você, lembra?

– Sim, mas sua mãe não fazia você ficar longe do álcool.

– Não estou acima do peso – Sarene lembrou. – Álcool queima.

– Assim como a sopa de algas hraggish – Eventeo replicou, sua voz soava levemente irritada. – Pelo menos, quando seca. Eu testei.

Sarene começou a rir.

– Duvido que mamãe tenha respondido bem a esse seu pequeno experimento.

– Ela só me deu um daqueles olhares, sabe como ela é.

– Sim – Sarene disse, lembrando das feições de sua mãe. Sarene passara tempo demais em missões diplomáticas nos últimos anos para ter saudades de casa agora, mas seria bom voltar a Teod. Especialmente considerando a série aparentemente sem fim de surpresas e desastres que tomou conta das últimas semanas.

– Bem, Ene, tenho que atender a corte – seu pai disse por fim. – Estou feliz que de vez em quando se lembre de chamar seu pobre e velho pai, especialmente para que ele saiba que derrubou um governo inteiro. Ah, mais uma coisa. Assim que soubemos do suicídio de Iadon, Seinalan pegou um dos meus barcos mais velozes e levantou velas em direção a Arelon. Deve estar aí em alguns dias.

– Seinalan? – Sarene perguntou com surpresa. – O que o patriarca tem a ver com tudo isso?

– Não sei. Ele não quis me dizer. Mas realmente tenho que ir, Ene. Amo você.

– Também amo você, pai.

***

– Nunca vi o patriarca – Roial confessou em seu assento na sala de jantar de Kiin. – Se parece ao padre Omin?

– Não – Sarene respondeu categórica. – Seinalan é um egoísta com orgulho suficiente para fazer um gyorn derethi parecer humilde.

– Princesa – Eondel disse, indignado. – Está falando sobre o pai de nossa igreja!

– Não quer dizer que tenha que gostar dele – Sarene comentou.

O rosto de Eondel empalideceu enquanto procurava instintivamente o pingente de Aon Omi que levava no pescoço.

Sarene fez uma careta.

– Não precisa afastar o mal, Eondel. Não vou rejeitar Domi só porque Ele colocou um tolo a cargo de sua igreja; os tolos precisam de uma chance para servir também.

Eondel olhou para sua mão; então a abaixou, envergonhado. Roial, no entanto, ria em voz baixa para si mesmo.

– O que foi? – Sarene exigiu saber.

– Estava só pensando em algo, Sarene – o ancião disse com um sorriso. – Não creio que já conheci alguém, homem ou mulher, com opiniões tão fortes quanto você.

– Então viveu uma vida protegida, meu duque – Sarene informou. – E onde está Lukel?

A mesa de Kiin não era tão confortável quanto o escritório de Roial, mas por alguma razão todos se sentiam praticamente em casa naquela sala de jantar. Enquanto a maioria das pessoas acrescentava toques pessoais ao escritório ou sala de estar, a paixão de Kiin era sua comida, e ali era o lugar onde partilhava seu talento. A decoração da sala – lembranças das viagens de Kiin, que iam desde vegetais secos a um grande machado ornamental – era familiar de um modo reconfortante. Não havia discussões sobre isso; todos vinham naturalmente a essa sala quando se reuniam.

Tiveram que esperar mais alguns momentos antes que Lukel finalmente decidisse voltar. Depois de um tempo, ouviram a porta abrir e fechar, e o rosto amistoso de seu primo apareceu na porta. Ahan e Kiin o acompanhavam.

– E então? – Sarene perguntou.

– Telrii definitivamente tenta tomar o trono – Lukel informou.

– Não com minha legião apoiando Roial – Eondel falou.

– Infelizmente, meu querido general – Ahan disse, acomodando seu corpanzil em uma cadeira –, sua legião não está aqui. Mal tem uma dúzia de homens à sua disposição.

– É mais do que Telrii tem – Sarene assinalou.

– Não mais – Ahan respondeu. – A Guarda da Cidade de Elantris deixou seus postos para acampar do lado de fora da mansão de Telrii.

Eondel bufou.

– A Guarda não é mais do que um clube para segundos filhos que fingem que são importantes.

– É verdade – Ahan admitiu. – Mas *há* mais de seiscentas pessoas neste clube. Na proporção de cinquenta para um, até *eu* lutaria contra sua legião. Temo que o equilíbrio de poder virou a favor de Telrii.

– Isso não é bom – Roial concordou. – A riqueza superior de Telrii era um grande problema antes, mas agora...

– Tem que ter um jeito – Lukel disse.

– Não vejo nenhum – Roial confessou.

Os homens franziram o cenho, imersos em seus pensamentos. Estavam ponderando esse mesmo problema há dois dias. Mesmo se tivessem tido vantagem militar, os outros aristocratas hesitariam em apoiar Roial, que era menos rico.

Enquanto Sarene observava os lordes um por um, seus olhos pousaram em Shuden. Parecia mais hesitante do que preocupado.

– O que foi? – ela perguntou em voz baixa.

– Acho que há um jeito – ele respondeu timidamente.

– Fale, homem – Ahan disse.

– Bem, Sarene ainda é muito rica – Shuden explicou. – Raoden lhe deixou pelo menos quinhentos mil deos.

– Já discutimos isso, Shuden – Lukel disse. – Ela tem muito dinheiro, mas ainda tem menos do que Roial.

– É verdade – Shuden concordou. – Mas *juntos* eles teriam muito mais do que Telrii.

A sala ficou em silêncio.

– Seu contrato nupcial *é* tecnicamente nulo, minha senhora – Ashe disse de trás. – Foi dissolvido assim que Iadon se matou e, com isso, eliminou sua linhagem do trono. No momento em que alguém mais se tornar rei, seja Telrii ou Roial, o acordo terminará, e você deixará de ser princesa de Arelon.

Shuden assentiu.

– Se unir sua fortuna à de lorde Roial, não só terão dinheiro para se opor a Telrii, mas isso também legitimará a reivindicação de Roial. Não pense que a linhagem não importa em Arelon. Os nobres preferirão oferecer sua lealdade a um dos parentes de Iadon.

Roial a olhou com os olhos de um avô bondoso.

– Devo admitir que o jovem Shuden tem um argumento convincente. O casamento seria estritamente político, Sarene.

Sarene respirou fundo. As coisas iam rápido demais.

– Entendo, meu senhor. Faremos o que deve ser feito.

E então, pela segunda vez em apenas dois meses, Sarene estava prometida em casamento.

***

– Temo que isso não tenha sido muito romântico – Roial se desculpou. A reunião tinha acabado, e o duque discretamente se oferecera para acompanhar Sarene de volta ao palácio. Os outros, incluindo Ashe, perceberam que os dois precisavam falar a sós.

– Está tudo bem, meu senhor – Sarene disse, com um leve sorriso. – É como se supõe que os casamentos políticos sejam: secos, artificiais, mas extremamente úteis.

– Você é muito pragmática.

– Tenho que ser, meu senhor.

Roial franziu o cenho.

– Temos que voltar aos "meu senhor", Sarene? Achava que já tínhamos superado isso.

– Sinto muito, Roial – Sarene disse. – É difícil separar meu lado pessoal do político.

Roial assentiu.

– Eu falava sério, Sarene. Isso será estritamente uma união de conveniência: não se sinta obrigada em nenhum outro aspecto.

Sarene ficou em silêncio por um momento, ouvindo o casco dos cavalos diante deles.

– Precisamos ter herdeiros.

Roial riu em voz baixa.

– Não, Sarene. Obrigado, mas não. Ainda que fosse fisicamente possível, não poderia fazer algo assim. Sou um velho, e não posso sobreviver mais do que alguns anos. Desta vez, seu contrato nupcial não a proibirá de se casar novamente depois que eu morrer. Quando eu me for, você finalmente poderá escolher um homem de sua preferência, até então teremos substituído o estúpido sistema de Iadon por algo mais estável, e seus filhos com seu terceiro marido herdarão o trono.

Terceiro marido. Roial falava como se já estivesse morto, e ela fosse duas vezes viúva.

– Bem – ela disse – se as coisas *acontecerem* como você sugere, pelo menos não terei problema em atrair um marido. O trono será um prêmio tentador, mesmo que eu esteja ligada a ele.

O rosto de Roial endureceu.

– Isso é algo que venho querendo discutir com você, Sarene.

– O quê?

– É dura demais consigo mesma. Já ouvi como fala, assume que ninguém a queira.

– Não me querem – Sarene disse, seca. – Acredite em mim.

Roial negou com a cabeça.

– Você é excelente julgando o caráter das pessoas, Sarene..., exceto o seu. Com frequência as opiniões que temos sobre nós mesmos são as menos acertadas. Pode se ver como uma velha solteirona, filha, mas *é* jovem e *é* bonita. Só porque teve má sorte no passado não quer dizer que tenha que renunciar ao seu futuro.

Olhou nos olhos dela. Apesar das aparências, era um homem sábio e compreensivo.

– Você *encontrará* alguém que a ame, Sarene – Roial prometeu. – Você é o prêmio, um prêmio ainda maior do que o trono que estará ligado a você.

Sarene corou, baixando o olhar. Mesmo assim as palavras dele eram encorajadoras. Talvez tivesse uma esperança. Provavelmente estaria com trinta e poucos anos, mas pelo menos teria mais uma oportunidade de encontrar o homem certo.

– De qualquer modo – Roial prosseguiu. – Nosso casamento precisa acontecer logo se queremos derrotar Telrii.

– O que sugere?

– O dia do funeral de Iadon – Roial falou. – Tecnicamente, o reinado de Iadon não termina até seu enterro.

Quatro dias. Seria um noivado curto na verdade.

– Só me preocupa a necessidade de colocar você nisso tudo – Roial comentou. – Não deve ser fácil pensar em se casar com um velho empoeirado.

Sarene colocou sua mão sobre a do duque, sorrindo com a doçura no tom de voz dele.

– Levando tudo em consideração, meu senhor, acho que sou bastante sortuda. Há poucos homens neste mundo com quem me sentiria honrada em ser obrigada a casar.

Roial deu um sorriso enrugado, os olhos brilhando.

– É uma pena que Ahan já seja casado, não é?

Sarene tirou a mão da dele e deu um tapinha em seu ombro.

– Já tive surpresas emocionais suficientes para uma semana, Roial. Eu gentilmente agradeceria se, além de tudo, não fizesse meu estômago embrulhar.

O duque riu com vontade. Quando seu divertimento passou, no entanto, outro som o substituiu – gritos. Sarene ficou tensa, mas os gritos não eram de raiva ou dor. Pareciam alegres e entusiasmados. Confusa, olhou para fora da carruagem e viu uma multidão surgindo em um cruzamento.

– O que, em nome de Domi, é isso? – Roial perguntou.

A carruagem deles se aproximou, o que permitiu que Sarene distinguisse uma figura alta no meio da multidão.

Sarene ficou estarrecida.

– Mas..., mas isso é impossível!

– O que? – Roial perguntou, apertando os olhos.

– É Hrathen – Sarene disse com olhos arregalados. – Saiu de Elantris!

Então percebeu algo mais. O rosto do gyorn não estava manchado. Tinha cor de carne.

– Misericordioso Domi..., ele está curado!

Quando o amanhecer assinalou o quinto dia de seu exílio, Hrathen soube que cometera um erro. Morreria em Elantris. Cinco dias era tempo demais sem beber, e sabia que não havia água na cidade dos condenados.

Não se arrependia de suas ações – havia se comportado do jeito mais lógico. Fora uma lógica desesperada, mas, mesmo assim, racional. Se tivesse continuado em Kae, teria ficado cada dia mais impotente. Não, era muito melhor morrer de desidratação.

Ficou mais delirante na medida em que o quinto dia passava. De vez em quando, via Dilaf rindo dele; em outras, a princesa teodena fazia o mesmo. Uma vez pensou ter visto o próprio Jaddeth, Seu rosto queimando, vermelho com o calor de Seu desapontamento divino, enquanto olhava para Hrathen. Os delírios logo mudaram, no entanto. Não via mais rostos, não se sentia mais humilhado e desprezado. Em seu lugar, foi confrontado com algo muito mais horrível.

Lembranças de Dakhor.

Novamente, os escuros e ocos cubículos do monastério o rodearam. Gritos ecoavam pelos corredores de pedra negra, gritos de agonia bestial, mesclados com cânticos solenes. Cânticos que tinham um estranho poder. O garoto Hrathen se ajoelhava obedientemente, esperando, encolhido em um cubículo que não era maior do que um armário, o suor escorria por seus olhos aterrorizados, sabendo que em algum momento viriam atrás dele.

O monastério Rathbore treinava assassinos, o monastério Fjeldor treinava espiões. Dakhor..., o monastério Dakhor treinava demônios.

***

Seu delírio parou no começo da tarde, libertando-o por um tempo – como um gato que permite que a presa corra livre uma última vez antes de dar uma patada mortal. Hrathen ergueu o corpo enfraquecido das pedras duras, suas roupas grudavam na superfície viscosa. Não se lembrava de ter ficado em posição fetal. Com um suspiro, passou uma mão pela cabeça careca manchada de lodo – uma tentativa sem sentido mas inconsciente para tirar a sujeira. Seus dedos rasparam em algo áspero e hirsuto. Cabelo.

Hrathen se endireitou, a surpresa lhe concedeu alguma força momentânea. Estendeu o braço com os dedos trêmulos, procurando o pequeno jarro que continha o vinho de sua oferenda. Esfregou o vidro o melhor que pôde com a manga suja, então espiou seu reflexo espectral. Estava distorcido e borrado, mas era o suficiente. As manchas haviam desaparecido. Sua pele, ainda que coberta de sujeira, era tão fresca e imaculada como há cinco dias.

O efeito da poção de Forton finalmente passara.

Começara a pensar que isso nunca aconteceria, que Forton havia esquecido de tornar os efeitos temporários. Era surpreendente o bastante que o hrovênico pudesse preparar uma poção que fizesse o corpo de alguém imitar as aflições de um elantrino. Mas Hrathen julgara mal o boticário: fizera o que lhe fora pedido, ainda que os efeitos tivessem durado um pouco mais do que o esperado.

É claro que se não saísse de Elantris rapidamente, Hrathen ainda podia morrer. Ficou em pé, reunindo as forças que lhe restavam e reforçando-as com uma injeção de adrenalina.

– Vejam! – gritou para a guarita acima. – Testemunhem o poder e a glória do Senhor Jaddeth! Estou curado!

Não houve resposta. Talvez estivessem longe demais para que sua voz os alcançasse. Então, olhando pelas muralhas, observou algo. Não havia nenhum guarda. Nenhuma patrulha ou ronda de vigilância, nenhuma ponta de lança marcando a presença deles. Estavam ali no dia anterior, ou fora no dia antes disso? Os últimos três dias haviam se transformado em um borrão em sua mente – uma extensa fila de orações, alucinações e um ocasional cochilo de exaustão.

Para onde os guardas foram? Consideravam seu solene dever vigiar Elantris, como se algo ameaçador pudesse vir da cidade apodrecida. A Guarda da Cidade de Elantris tinha uma função inútil, mas aquela função lhes dava notoriedade. Os guardas jamais renunciariam aos seus postos.

Só que isso acontecera. Hrathen começou a gritar novamente, sentindo que as forças deixavam seu corpo. Se a Guarda não estava ali para abrir os portões para ele, então estava condenado. A ironia brincou com sua mente – o único elantrino a se curar morreria por causa de um grupo de guardas incompetentes e negligentes.

Os portões repentinamente se abriram. Outra alucinação? Mas então uma cabeça assomou pelo vão: o avarento capitão que Hrathen havia subornado.

– Meu senhor...? – o guarda perguntou hesitante. Então, olhando Hrathen da cabeça aos pés com olhos arregalados, inspirou bruscamente. – Gracioso Domi! É verdade, está curado!

– O Senhor Jaddeth ouviu minhas súplicas, capitão – Hrathen anunciou com a força que conseguiu reunir. – A mancha de Elantris foi removida do meu corpo.

A cabeça do capitão desapareceu por um momento. Então, lentamente, o portão se abriu por completo, revelando um grupo de guardas cautelosos.

– Venha, meu senhor.

Hrathen ficou em pé – nem havia notado que caíra de joelhos – e caminhou com as pernas trêmulas até os portões. Virou-se, apoiando a mão na madeira – um lado imundo e manchado de lodo, outro lado brilhante e limpo – e contemplou Elantris. Algumas formas encolhidas o observavam do alto de um edifício.

– Desfrutem sua condenação, meus amigos – Hrathen sussurrou, e fez sinal para que os guardas fechassem o portão.

– Eu não devia fazer isso, sabe? – o capitão falou. – Quando um homem é jogado em Elantris...

– Jaddeth recompensa aqueles que O obedecem, capitão – Hrathen disse. – Em geral das mãos de Seus servos.

Os olhos do capitão brilharam, e Hrathen se sentiu repentinamente grato por ter começado a subornar o homem.

– Onde está o resto de seus homens, capitão?

– Protegendo o novo rei – o capitão disse, orgulhoso.

– Novo rei? – Hrathen perguntou.

– Você perdeu muita coisa, meu senhor. Lorde Telrii governa Arelon agora, ou, pelo menos, assim que o funeral de Iadon acabar.

Fraco como estava, Hrathen mal conseguiu permanecer em pé com a surpresa. *Iadon morto? Telrii assumindo o controle?* Como cinco dias podiam ter trazido mudanças tão drásticas?

– Venha – Hrathen disse com firmeza. – Você vai me explicar no caminho para a capela.

***

A multidão se reuniu ao redor dele enquanto caminhava; o capitão não tinha carruagem, e Hrathen não queria esperar por uma. Por enquanto, a satisfação de um plano cumprido era suficiente para mantê-lo em movimento.

A multidão também ajudava. Conforme as notícias se espalhavam, as pessoas – criados, mercadores e nobres – vinham para ver o elantrino recuperado. Todos abriam caminho para ele, olhando-o com expressões que oscilavam do aturdimento à adoração, alguns estendiam as mãos para tocar seu manto elantrino, assombrados.

Foi um trajeto tumultuado, mas sem incidentes – exceto pelo momento em que olhou para uma rua lateral e reconheceu a cabeça da princesa teodena espiando da janela de uma carruagem. Naquele instante, Hrathen experimentou uma sensação de realização que rivalizava com a do dia em que se tornara um gyorn completo. Sua cura não era apenas inesperada, era incomensurável. Não havia como Sarene ter contado com isso. Pela primeira vez, Hrathen tinha vantagem total e completa.

Quando chegou à capela, Hrathen se virou para a massa de pessoas e ergueu as mãos. Suas roupas ainda estavam manchadas, mas ele se aprumou para fazer da imundície uma insígnia de orgulho. A sujeira assinalava seu sofrimento, provando que viajara pelo poço da danação e voltara com a alma intacta.

– Povo de Arelon! – gritou. – Saibam neste dia quem é o Mestre! Deixem seus corações e almas serem guiados pela religião que pode oferecer provas de apoio

divino. O Senhor Jaddeth é o único Deus em Sycla. Se precisam de provas disso, olhem para minhas mãos que estão limpas da podridão, meu rosto que está puro e imaculado e minha cabeça onde o cabelo cresce. Nosso Senhor Jaddeth me colocou à prova e, como confiei Nele, Ele me abençoou. Fui curado!

Abaixou as mãos e a multidão rugiu em aprovação. Muitos provavelmente haviam duvidado depois da aparente queda de Hrathen, mas regressariam com dedicação renovada. Aqueles que ele convertesse agora seriam mais fortes do que qualquer outro.

Hrathen entrou na capela, e o povo permaneceu do lado de fora. Caminhou com cansaço cada vez maior, a energia do momento finalmente cedeu aos cinco dias de esgotamento. Caiu de joelhos diante do altar, inclinando a cabeça em oração sincera.

Não o incomodava que o milagre fosse um efeito da poção de Forton – Hrathen descobrira que a maior parte dos supostos milagres eram ou naturais ou resultado da intervenção humana. Jaddeth estava por trás deles, assim como estava por trás de todas as coisas, usando fenômenos naturais para aumentar a fé do homem.

Hrathen elevou suas orações a Deus por lhe dar a capacidade de pensar neste plano, os meios para executá-lo e o clima para conseguir que tivesse êxito. A chegada do capitão certamente fora resultado do desejo divino. Que o homem tivesse deixado o acampamento de Telrii bem quando Hrathen precisava dele, e que ouvisse os gritos do gyorn pela grossa madeira, era simplesmente demais para ser coincidência. Jaddeth podia não ter "amaldiçoado" Hrathen com a Shaod, mas certamente estava por trás do sucesso do plano.

Esgotado, Hrathen terminou suas orações e se levantou. Ao fazer isso, ouviu porta da capela se abrir. Quando se virou, Dilaf estava parado atrás dele. Hrathen suspirou. Esse era um confronto que teria preferido evitar até ter descansado um pouco.

Dilaf, no entanto, caiu de joelhos diante dele.

– Meu hroden – sussurrou.

Hrathen pestanejou, surpreso.

– Sim, arteth?

– Duvidei de você, meu hroden – Dilaf confessou. – Pensei que o Senhor Jaddeth o amaldiçoara por incompetência. Agora vejo que sua fé é muito maior do que eu imaginava. Sei por que foi escolhido para ostentar o cargo de gyorn.

– Suas desculpas estão aceitas, arteth – Hrathen falou, tentando afastar a fadiga da voz. – Todos os homens questionam em momentos de prova, os dias seguintes ao meu exílio devem ter sido muito difíceis para você e os outros sacerdotes.

– Devíamos ter tido mais fé.

– Aprenda com esses acontecimentos, então, arteth, e da próxima vez não se permita duvidar. Pode ir.

Dilaf se dispôs a partir. Enquanto o homem se levantava, Hrathen observou seus olhos. Havia respeito ali, mas não tanta penitência quanto o arteth tentava mostrar. Parecia mais confuso do que qualquer outra coisa; estava surpreso e inquieto, mas não estava satisfeito. A batalha ainda não acabara.

Cansado demais para se preocupar com Dilaf naquele momento, Hrathen cambaleou até seus aposentos e abriu a porta. Suas posses estavam amontoadas no canto, como se estivessem esperando para serem jogadas no lixo. Repentinamente apreensivo, Hrathen correu até lá. Encontrou o cofre do seon embaixo de uma pilha de roupas; a fechadura estava quebrada. Abriu a tampa com dedos ansiosos e tirou a caixa de aço de dentro. A frente da caixa estava coberta com arranhões e golpes.

Rapidamente, Hrathen abriu a caixa. Várias das palancas estavam retorcidas e o disco, emperrado, então se sentiu extremamente aliviado quando ouviu o clique de abertura. Levantou a tampa com mãos ansiosas. O seon flutuava do lado de dentro, imperturbável. Os três frascos restantes de poção estavam ao lado dele; dois haviam se quebrado, derramando seus conteúdos no fundo da caixa.

– Alguém abriu esta caixa desde a última vez que falei por você? – Hrathen perguntou.

– Não, meu senhor – o seon respondeu com voz melancólica.

– Bom – Hrathen disse, fechando a caixa. Depois disso, bebeu uma quantidade cuidadosa de vinho de um jarro que pegou do meio de seus pertences, então caiu na cama e adormeceu.

***

Havia escurecido quando despertou. Seu corpo ainda estava cansado, mas obrigou-se a levantar. Uma parte vital de seus planos não podia esperar. Convocou um sacerdote em particular, que chegou pouco tempo depois. O sacerdote, Dothgen, era um homem de forte constituição fjordênica e músculos que podiam ser notados até mesmo através de sua túnica derethi vermelha.

– Sim, meu senhor? – Dothgen perguntou.

– Você foi treinado no monastério Rathbore, não foi, arteth? – Hrathen perguntou.

– Fui, meu senhor – o homem respondeu com uma voz profunda.

– Bom – Hrathen disse, pegando o último frasco de poção. – Preciso de suas habilidades especiais.

– Para quem é, meu senhor? – o sacerdote perguntou. Como todos os graduados em Rathbore, Dothgen era um assassino treinado. Recebera treinamento muito mais especializado do que Hrathen no monastério Ghajan, para onde fora depois que Dakhor se provara demais para ele. No entanto, apenas um gyorn ou um ragnat podia usar os sacerdotes formados em Rathbore sem a permissão de Wyrn.

Hrathen sorriu.

Raoden foi atingido enquanto estudava. Nem se ouviu arfar de agonia, nem sentiu quando caiu de seu assento em uma crise de espasmos. Tudo o que sentiu foi a dor – um tormento agudo que despencou sobre ele de modo súbito e vingativo. Era como um milhão de pequenos insetos, cada um deles picando seu corpo – por dentro e por fora – para comê-lo vivo. Logo sentiu como se não tivesse corpo – a dor *era* seu corpo. Era o único sentido, o único impulso, e seus gritos eram o único produto.

Então ele *sentiu*. Era como uma enorme superfície escorregadia, sem rachadura ou esconderijo, no fundo de sua mente. Pressionava exigindo, introduzindo a dor em cada nervo de seu corpo, como um operário colocando uma estaca no solo. Era enorme. Fazia homens, montanhas e mundos parecerem insignificantes. Não era mal, ou mesmo sensível. Não se enfurecia ou se agitava. Era imóvel, congelado por sua própria *pressão* intensa. Queria se mover – ir para algum lugar, encontrar algum modo de libertar a tensão. Mas não havia saída.

A visão de Raoden se aclarou lentamente, conforme a força se retraía. Ficou deitado no chão frio de mármore da capela, encarando o pé da mesa. Dois rostos borrados pairavam sobre ele.

– Sule? – uma voz urgente chamou, muito distante. – Doloken! Raoden, pode me ouvir?

Sua visão se aguçou. As feições normalmente severas de Karata mostravam preocupação, enquanto Galladon estava lívido.

– Estou bem – Raoden murmurou, envergonhado. Eles perceberiam o quão fraco ele estava, que não podia suportar a dor da estadia de um mês em Elantris.

Os dois o ajudaram a sentar. Ele permaneceu no chão por um momento, antes de indicar que queria ir para a cadeira. Seu corpo inteiro estava dolorido, como se tivesse tentado erguer uma dúzia de pesos diferentes ao mesmo tempo. Gemeu enquanto deslizava para o desconfortável assento de pedra.

– Sule, o que aconteceu? – Galladon perguntou, sentando-se hesitante em outra cadeira.

– Foi a dor – Raoden disse, apoiando a cabeça nas mãos e descansando os cotovelos na mesa. – Foi demais para mim por um momento. Estou bem, agora; ela se foi.

Galladon franziu o cenho.

– Do que está falando, sule?

– Da dor – Raoden disse, exasperado. – A dor dos meus cortes e hematomas, a perdição de viver aqui em Elantris.

– Sule, a dor não vem em ondas – Galladon disse. – Sempre permanece a mesma.

– Vem em ondas para mim – Raoden disse, cansado.

Galladon negou com a cabeça.

– Não pode ser. Kolo? Quando se cede à dor, você se quebra e sua mente se vai. Sempre foi assim. Além disso, não há como você ter acumulado cortes e hematomas suficientes para se tornar um hoed ainda.

– Você disse isso antes, Galladon, mas é como acontece comigo. Vem tudo de repente, como se tentasse me destruir, então se vai. Talvez eu seja só pior em lidar com isso do que qualquer outro.

– Meu príncipe – Karata disse, hesitante – você está brilhando.

Raoden levantou os olhos para ela, surpreso.

– O quê?

– É verdade, sule – Galladon disse. – Depois que caiu, você começou a brilhar. Como um Aon. Quase como se...

Raoden ficou ligeiramente boquiaberto de surpresa.

– ... como se o dôr estivesse tentando vir *através* de mim. – A força estava procurando uma abertura, uma saída. Tinha tentado usá-lo como um aon. – Por que eu?

– Algumas pessoas estão mais próximas do dôr do que outras, sule – Galladon disse. – Em Elantris, algumas pessoas podiam criar aons muito mais poderosos do que outras, e algumas pareciam ter mais intimidade com o poder.

– Além disso, meu príncipe – Karata disse – não é você quem conhece melhor os aons? Vemos você praticando-os todos os dias.

Raoden assentiu lentamente, quase esquecido de sua agonia.

– Durante o Reod, disseram que os elantrinos mais poderosos foram os primeiros a cair. Não lutaram quando a turba os queimou.

– Como se estivessem sobrecarregados com alguma coisa. Kolo? – Galladon perguntou.

Um súbito e irônico alívio suavizou a mente de Raoden. Por mais que a dor fosse grande, sua insegurança o preocupava mais. Mesmo assim, não estava livre.

– Os ataques estão ficando piores. Se continuarem, vão me pegar em algum momento. Se isso acontecer...

Galladon assentiu solenemente.

– Você se juntará aos hoed.

– O dôr me destruirá – Raoden falou. – Vai destroçar minha alma em uma tentativa vã de se libertar. Não é algo vivo; é apenas uma força, e o fato de que não sou uma passagem viável não o impedirá de tentar. Quando se apoderar de mim, lembrem-se da promessa que fizeram.

Galladon e Karata assentiram. Eles o levariam até a piscina nas montanhas. Saber

que cuidariam dele se caísse era o suficiente para fazê-lo seguir em frente – e o suficiente para fazê-lo desejar, apenas um pouco, que o dia de seu fracasso não estivesse distante.

– Mas isso não tem que acontecer, sule – Galladon disse. – Quero dizer, aquele gyorn se curou. Talvez algo esteja acontecendo; talvez algo tenha mudado.

Raoden fez uma pausa.

– Se é verdade que ele se curou.

– O que quer dizer? – Karata perguntou.

– Houve muito barulho quando o tiraram da cidade – Raoden comentou. – Se eu fosse Wyrn, não iria querer um derethi elantrino por aí, trazendo vergonha para minha religião. Mandaria um enviado resgatá-lo, dizendo a todos que estava curado, e o esconderia novamente em Fjorden.

– Nunca demos uma boa olhada no homem depois que se "curou" – Karata reconheceu.

Galladon parecia um pouco cabisbaixo com o rumo da conversa. Ele, como os outros em Elantris, ganhara uma certa esperança com a cura de Hrathen. Raoden não havia dito nada para não desencorajar o otimismo das pessoas, mas por dentro era mais reservado. Desde a partida do gyorn, ninguém mais se curara.

Era um sinal de esperança, mas, de algum modo, Raoden duvidava que significaria muita mudança para o povo elantrino. Precisavam trabalhar e melhorar suas próprias vidas, não esperar por algum milagre externo.

Voltou aos seus estudos.

Sarene observava o gyorn com um olhar insatisfeito. Hrathen não fazia mais seus sermões na capela derethi; havia gente demais. Em vez disso, organizava reuniões na fronteira da cidade, onde podia ficar sobre a muralha de um metro e meio de altura, os seus seguidores se postavam aos seus pés para escutá-lo. O gyorn pregava com mais vibração e entusiasmo do que antes. Agora, era um santo. Sofrera a Shaod, e se provara superior à maldição.

Ele era – Sarene tinha que admitir – um oponente formidável. Vestido em sua armadura vermelha, ficava parado como uma estátua de metal ensanguentada acima da multidão.

– Deve ter sido algum tipo de truque – ela observou.

– É claro que foi, prima – Lukel concordou, parado ao seu lado. – Se pensássemos de outra maneira, devíamos nos juntar ao Shu-Dereth também. Pessoalmente, fico horrível de vermelho.

– Seu rosto é muito rosado, Lukel – Sarene disse, sem cerimônia.

– Se foi um truque, Sarene – Shuden comentou – então não sei como explicar.

Os três estavam parados um pouco afastados da reunião. Haviam ido ver com seus próprios olhos a quantidade surpreendente de gente que os encontros de Hrathen atraía, até mesmo no dia do funeral do rei.

– Pode ter sido maquiagem – Sarene supôs.

– Como sobreviveria ao ritual da lavagem? – Shuden questionou.

– Talvez os sacerdotes estivessem com ele – Lukel disse.

– Já tentou subornar um sacerdote korathi, Lukel? – Shuden observou.

Lukel olhou ao redor, desconfortável.

– Prefiro não responder a essa questão, se não se importa.

– Até parece que acredita no milagre dele, Shuden – Sarene comentou.

– Não descarto a ideia – Shuden confirmou. – Por que Deus não poderia abençoar um de seus devotos? O exclusivismo religioso é um acréscimo korathi e derethi ao Shu-Keseg.

Sarene suspirou, fazendo sinal com a cabeça para que seus amigos a seguissem, enquanto abria caminho pela multidão, indo em direção à carruagem que os esperava. Truque ou não, Hrathen incomodava com seu poder forte sobre a multidão. Se conseguisse colocar um simpatizante no trono, estaria tudo acabado. Arelon se tornaria uma nação derethi, e apenas Teod permaneceria – ainda que provavelmente não por muito tempo.

Seus companheiros sem dúvida tinham preocupações semelhantes; os rostos de

Lukel e Shuden estavam perturbados, os olhares pensativos. Entraram na carruagem em silêncio absorto, mas finalmente Lukel se voltou para ela, suas feições aquilinas aparentavam perturbadas.

– O que quer dizer com isso de que meu rosto é muito rosado? – perguntou, em tom de mágoa.

***

O mastro da embarcação tinha o escudo real de Teod – um Aon Teo dourado sobre um fundo azul. Longo e estreito, não havia veículo mais veloz na água do que um barco teodeno.

Sarene achou que era seu dever dar uma recepção melhor ao patriarca do que aquela que recebera ao chegar naquelas mesmas docas. Não gostava do homem, mas isso não era motivo para incivilidade, então levara Shuden, Lukel, Eondel e vários soldados do conde como uma guarda de honra.

O elegante navio entrou na doca com suavidade, os marinheiros estendendo a prancha assim que a embarcação foi amarrada. Uma figura com túnica azul passou pelos marujos e desembarcou com passo firme. Mais de doze ajudantes e sacerdotes menores o seguiam; o patriarca gostava de ser bem atendido. Enquanto Seinalan se aproximava, Sarene vestiu uma máscara de controlada cortesia.

O patriarca era um homem alto com feições delicadas. Seu cabelo dourado era longo, como o de uma mulher, e se confundia com o enorme manto dourado que esvoaçava atrás dele. A túnica azul era bordada com tanto fio de ouro que algumas vezes era difícil ver o material embaixo. Sorria com o rosto benevolente e tolerante de alguém que quer demonstrar ser paciente com os inferiores.

– Vossa Alteza! – Seinalan disse enquanto se aproximava. – Faz muito tempo desde que meus velhos olhos contemplaram suas doces feições.

Sarene deu seu melhor sorriso, fazendo uma reverência diante do patriarca e seus "velhos" olhos. Seinalan não tinha mais do que quarenta anos, embora tentasse se mostrar mais idoso e sábio do que realmente era.

– Vossa Santidade – ela respondeu. – Toda Arelon é abençoada com sua presença.

Ele assentiu, como se dissesse que entendia o quão afortunados todos eles eram. Virou-se para Shuden e os outros. – Quem são seus acompanhantes?

– Meu primo Lukel, barão Shuden e conde Eondel de Arelon, Vossa Santidade – Cada homem fez uma reverência quando ela fez as apresentações.

– Apenas barões e condes? – Seinalan perguntou desapontado.

– O duque Roial envia saudações, Vossa Graça – Sarene falou. – Está ocupado com os preparativos do enterro do rei Iadon.

– Ah – Seinalan disse, seu cabelo magnífico, sem um fio grisalho, ondulando ao

vento. Sarene desejara muitas vezes ter cachos com a metade da beleza dos do patriarca. – Imagino que não cheguei tarde demais para o funeral?

– Não, Vossa Santidade – Sarene afirmou. – Vai acontecer esta tarde.

– Bom – Seinalan disse. – Vamos, pode me mostrar meus aposentos agora.

***

– Isso foi decepcionante – Lukel confessou assim que voltaram para a carruagem. O patriarca recebera seu próprio veículo, cortesia de Roial, e o presente havia diminuído sua insatisfação pela ausência do duque.

– Ele não é exatamente o que você esperava, não é? – Sarene perguntou.

– Não foi isso que Lukel quis dizer, Sarene – Shuden disse.

Sarene olhou para Lukel.

– O que *quis* dizer?

– Estava esperando por algo mais divertido – Lukel comentou, os cachos roçaram em suas bochechas quando deu de ombros.

– Estava esperando este encontro desde que ouviu você descrever o patriarca, Vossa Alteza – Eondel explicou com olhar insatisfeito. – Supunha que vocês dois discutiriam mais.

Sarene suspirou, dando a Lukel um olhar frio.

– Só porque não gosto do homem não quer dizer que vou fazer uma cena, primo. Lembre-se, eu era uma das principais diplomatas de meu pai.

Lukel assentiu, resignado.

– Vou admitir, Sarene – Shuden disse. – Sua análise da personalidade do patriarca parece acurada. Fico me perguntando como um homem desses pode ser escolhido para posição tão importante.

– Por engano – Sarene disse, incisiva. – Seinalan conquistou o posto há quinze anos, quando mal tinha a sua idade. Foi logo depois que Wulfden se tornou Wyrn, e os líderes do Shu-Korath se sentiram ameaçados pelo vigor dele. Por alguma razão, colocaram na cabeça que precisavam eleger um patriarca que fosse tão jovem quanto Wulfden, se não mais jovem. Seinalan foi o resultado.

Shuden levantou uma sobrancelha.

– Concordo completamente – Sarene falou. – Mas, temos que lhe dar um pouco de crédito. Dizem que Wulfden é um dos homens mais belos a tomar o trono de Fjorden, e os líderes korathi queriam alguém que fosse igualmente impressionante.

Lukel bufou.

– Belo e enfeitado são duas coisas completamente diferentes, prima. Metade das mulheres que olham para este homem vão se apaixonar, a outra metade só vai sentir inveja.

Durante a conversa, lorde Eondel foi ficando cada vez mais pálido. Finalmente

encontrou voz para expressar sua indignação.

– Lembrem-se, senhores e senhora, ele é o sagrado veículo escolhido por Domi.

– E não poderia ter escolhido veículo mais adorável – Lukel brincou, ganhando de Sarene uma cotovelada nas costelas.

– Tentaremos fazer comentários mais respeitosos, Eondel – ela se desculpou. – A aparência do patriarca não é importante, de qualquer forma. Estou mais interessada no motivo de sua vinda.

– O funeral de um rei não é razão suficiente? – Shuden perguntou.

– Talvez – Sarene disse, pouco convencida, enquanto a carruagem parava diante da capela korathi. – Venham. Vamos acomodar Sua Santidade o mais rápido possível. O funeral é em menos de duas horas e, depois disso, parece que vou me casar.

***

Sem nenhum herdeiro óbvio, e com Eshen completamente desequilibrada pela desgraça de seu marido e sua morte subsequente, o duque Roial tomou para si a responsabilidade dos preparativos do funeral.

– Assassino pagão ou não, Iadon já foi meu amigo – o duque explicara. – Trouxe estabilidade para este país em um momento de necessidade. Só por isso, merece ao menos um enterro decente.

Omin pedira que não usassem a capela korathi para a cerimônia, então Roial decidiu usar a sala do trono. A escolha deixara Sarene um pouco desconfortável – a sala do trono era o mesmo lugar em que celebrariam seu casamento. Contudo, Roial achava simbólico que a mesma sala servisse tanto para a despedida do velho rei quanto para a ascensão do novo.

A decoração era de bom gosto e pouco chamativa. Como sempre frugal, Roial planejara arranjos e cores que serviriam tanto para o funeral quanto para o casamento. Os pilares da sala foram envolvidos com fita branca, e havia vários arranjos de flores – rosas brancas ou aberteens.

Sarene entrou na sala, olhando para o lado com um sorriso. Perto do fundo, junto a um dos pilares, estava o lugar em que colocara seu cavalete pela primeira vez. Parecia ter sido há muito tempo, embora pouco mais de um mês tivesse se passado. Esquecidos com vergonha foram os dias em que ela havia sido considerada uma garota de cabeça oca – a nobreza agora a encarava com algo semelhante ao temor. Aqui estava a mulher que manipulara o rei, o fizera de tolo e finalmente o derrubara de seu trono. Nunca a amariam como tinham amado Raoden, mas ela aceitaria a admiração deles como um substituto de segunda categoria.

Ao lado, Sarene viu o duque Telrii. O homem calvo e excessivamente vestido parecia insatisfeito, em vez de simplesmente indiferente. Roial anunciara seu

casamento com Sarene apenas algumas horas antes, dando ao pomposo Telrii pouco tempo para pensar em uma resposta. Sarene encontrou os olhos de Telrii e percebeu frustração na atitude do homem. Esperara algo dele, algum tipo de tentativa de impedir seu casamento – mas ele não fizera nenhum movimento. O que o segurava?

A chegada de Roial trouxe ordem ao grupo, e a multidão ficou em silêncio. O duque andou até a frente da sala, onde o caixão do rei estava lacrado, e começou a falar.

Foi breve. Roial falou como Iadon havia forjado um país a partir das cinzas de Elantris e de como dera a todos eles os seus títulos. Advertiu sobre o perigo de cometer o mesmo erro do rei, aconselhando os presentes a não se esquecerem de Domi em suas riquezas e conforto. Terminou o discurso dizendo que se abstivessem de falar mal dos mortos, lembrando que Domi veria a alma de Iadon, e que aquilo já não era assunto deles.

Com isso, indicou a vários soldados de Eondel que carregassem o ataúde. Contudo, outra figura avançou antes que pudessem dar mais do que alguns passos.

– Tenho algo a acrescentar – Seinalan anunciou.

Roial se deteve, surpreso. Seinalan sorriu, mostrando os dentes perfeitos para o salão. Já trocara de roupa e usava uma túnica parecida com a primeira, exceto que esta tinha uma larga faixa dourada correndo pelas costas e peito, em vez do bordado.

– É claro, Vossa Santidade – Roial falou.

– O que ele pretende? – Shuden sussurrou.

Sarene simplesmente balançou a cabeça enquanto Seinalan se colocava atrás do caixão. Cumprimentou a multidão com um sorriso de autossuficiência, tirando melodramaticamente um pergaminho da manga de sua túnica.

– Há dez anos, logo após sua ascensão ao trono, o rei Iadon veio até mim e fez esta declaração – Seinalan disse. – Podem ver o selo dele aqui, assim como o meu. Ele ordenou que eu apresentasse isso para Arelon em seu funeral, ou quinze anos depois da data da criação do documento, o que acontecesse primeiro.

Roial cruzou a sala até ficar ao lado de Sarene e Shuden. Seus olhos mostravam curiosidade e preocupação. Na frente da sala, Seinalan rompeu o selo do pergaminho e o desenrolou.

– *Meus senhores e senhoras de Arelon* – o patriarca leu, segurando o papel diante de si como se fosse uma notável relíquia. – *Que a vontade de seu primeiro rei, Iadon de Kae, seja conhecida. Juro solenemente diante de Domi, de meus antepassados e de todos os outros deuses que possam estar observando, que esta proclamação é legítima. Se eu morrer ou por alguma outra razão for incapaz de continuar sendo rei desta nação, que seja entendido que fiz este decreto em plena posse de minhas faculdades mentais, e que ele está de acordo com nossas leis.*

Ordeno que todos os títulos da nobreza permaneçam como estão, para serem

passados de geração em geração, de pai para filho, como normalmente é feito em outras nações. Que a riqueza não seja mais a medida da nobreza de um homem. Aqueles que mantiveram sua posição por tanto tempo já se mostraram valorosos. O documento anexo é uma lista de leis de herança para os habitantes de Teod. Que este documento se torne lei em nosso país.

Seinalan abaixou o papel diante de um salão aturdido. Não se escutava nada, exceto um suave exalar ao lado de Sarene. Finalmente as pessoas começaram a falar de modo excitado e abafado.

– Então era isso que ele planejava todo esse tempo – Roial falou em voz baixa. – Sabia quão instável era seu sistema. *Pretendia* que fosse assim. Deixou que um se lançasse à garganta do outro para ver quais seriam fortes ou traiçoeiros o bastante para sobreviver.

– Um bom plano, ainda que pouco escrupuloso – Shuden comentou. – Talvez tenhamos subestimado a habilidade de Iadon.

Seinalan ainda estava parado na frente do salão, olhando os nobres com olhar de conhecimento.

– Por que ele? – Shuden perguntou.

– Porque ele é absoluto – Sarene disse. – Nem mesmo Hrathen ousaria questionar a palavra do patriarca. Não ainda, pelo menos. Se Seinalan diz que a ordem foi escrita há dez anos, então todos em Arelon precisam concordar com ele.

Shuden assentiu.

– Isso muda nossos planos?

– Em absoluto – Roial falou, olhando na direção de Telrii, cuja expressão se tornara mais sombria do que antes. – Isso fortalece nossa reivindicação. Minha união com a casa de Iadon será ainda mais digna.

– Telrii ainda me incomoda – Sarene disse enquanto o patriarca acrescentava algumas trivialidades sobre a sabedoria de se adotar o sistema de herança. – A reivindicação dele está definitivamente enfraquecida com isso, mas ele aceitará tal coisa?

– Terá que aceitar – Roial disse com um sorriso. – Nenhum dos nobres se atreveria a segui-lo agora. A proclamação de Iadon garante o que todos desejavam: títulos estáveis. A nobreza não vai se arriscar a coroar um homem que não tem nenhum direito de sangue para aspirar ao trono. A legalidade da declaração de Iadon não importa; todos vão agir como se fosse doutrina da Igreja.

Os soldados de Eondel finalmente tiveram permissão para seguir em frente e pegar o caixão. Como não havia precedentes sobre como devia ser o funeral adequado para um rei areleno, Roial se guiara pela cultura mais parecida com a deles: a de Teod. Os teodenos celebravam grandes cerimônias, e muitas vezes enterravam seus reis mais importantes com um carregamento inteiro de riquezas, se

não com o próprio navio. Ainda que aquilo fosse obviamente inadequado para Iadon, Roial adaptara outras ideias. Uma procissão funerária teodena era um exercício longo e extenuante, que muitas vezes exigia que os participantes caminhassem uma hora ou mais para chegar ao local preparado. Roial incluíra esta tradição, mas com uma pequena modificação.

Uma fila de carruagens esperava do lado de fora do palácio. Para Sarene, usar veículos parecia desrespeitoso, mas Shuden apresentara um bom argumento.

– Roial planeja reclamar a coroa ainda esta tarde – o jindonês explicara. – Não pode correr o risco de ofender os luxuosos senhores e senhoras de Arelon exigindo deles uma marcha forçada até a saída da cidade.

Além disso, Sarene acrescentara para si mesma, *por que se preocupar com desrespeito? Afinal de contas, é só Iadon.*

Com as carruagens, levaram apenas quinze minutos para chegar ao lugar do enterro. De início, parecia que um grande buraco fora escavado, mas uma inspeção cuidadosa demonstrava se tratar de uma depressão natural da terra, que havia sido mais aprofundada. Novamente, a frugalidade de Roial estava por trás da escolha.

Com pouca cerimônia, Roial ordenou que o caixão fosse baixado no buraco. Um grande grupo de trabalhadores começou a cobri-lo de terra.

Sarene estava surpresa pela quantidade de nobres que observavam. O tempo estava mais frio ultimamente, trazendo um vento gelado das montanhas. Havia uma garoa no ar e nuvens obscurecendo o sol. Esperava que a maior parte da nobreza partisse depois que as primeiras pás de terra fossem jogadas.

Mas eles ficaram, observando o trabalho em silêncio. Sarene, vestida mais uma vez de preto, se enrolou em seu xale para se proteger do frio. Havia algo nos olhos daqueles nobres. Iadon fora o primeiro rei de Arelon, e seu governo – por mais curto que tivesse sido – era o começo de uma tradição. As pessoas lembrariam o nome de Iadon durante séculos, e as crianças seriam ensinadas sobre como ele alcançara o poder em uma terra cujos deuses estavam mortos.

Era de se estranhar que tivesse se voltado para os Mistérios? Com tudo o que vira – a glória da Elantris pré-Reod, depois a morte de uma época considerada eterna –, era de se estranhar que tivesse procurado controlar o caos que parecia reinar na terra dos deuses? Sarene achou que entendia Iadon um pouco melhor, ali no frio e na umidade, observando a terra lentamente cobrir seu caixão.

Apenas quando a última pá de terra foi jogada, a última parte do monte ajeitada, que a nobreza arelena começou a partir. Seguiram em uma procissão silenciosa, e Sarene mal se deu conta. Ficou parada um pouco mais, olhando para a tumba do rei sob uma rara bruma da tarde. Iadon se fora; era o momento para uma nova liderança em Arelon.

Uma mão pousou levemente em seu ombro, e ela se virou para olhar nos olhos

reconfortantes de Roial.

– Devíamos nos preparar, Sarene.

Ela assentiu e permitiu que ele a conduzisse até a carruagem.

***

Sarene se ajoelhou diante do altar na familiar capela korathi de teto baixo. Estava sozinha; era costume que a noiva tivesse uma última comunhão privada com Domi antes de fazer seus votos matrimoniais.

Estava vestida de branco da cabeça aos pés. Usava o vestido que trouxera para seu primeiro casamento – um casto vestido de decote alto que seu pai escolhera. Usava luvas de seda branca que chegavam até os ombros. Seu rosto estava coberto por um grosso véu – que, segundo a tradição, não podia ser levantado até que entrasse na sala em que seu noivo a aguardava.

Não tinha certeza para que rezar. Sarene se considerava religiosa, ainda que não fosse nem de perto tão devota quanto Eondel. Mesmo assim, sua luta por Teod era na verdade uma luta pela religião korathi. Acreditava em Domi e O admirava com reverência. Era fiel às doutrinas que os sacerdotes lhe ensinaram – ainda que, talvez, fosse um pouco cabeça dura.

Agora parecia que Domi finalmente ouvira suas preces. Ele lhe dera um marido, embora não fosse o que esperava. *Talvez*, pensou consigo mesma, *eu devesse ter sido um pouco mais específica*.

Não havia amargura no pensamento, contudo. Soubera a maior parte de sua vida que estava destinada a um casamento político, não de amor. Roial realmente era um dos homens mais decentes que já conhecera – mesmo que fosse velho o suficiente para ser seu pai, ou até mesmo seu avô. Mesmo assim, já ouvira falar de matrimônios de estado muito mais desequilibrados; vários reis jindoneses eram conhecidos por tomar esposas com doze anos de idade.

Então, sua oração foi de agradecimento. Reconhecia uma bênção quando via uma: com Roial como seu marido, seria rainha de Arelon. E, se Domi decidisse tirar Roial dela em alguns anos, sabia que a promessa do duque era verdadeira. Ela teria outra oportunidade.

Por favor, acrescentou ao final de sua oração simples, *só nos faça felizes*.

Suas damas de companhia a esperavam do lado de fora, a maior parte delas filhas da nobreza. Kaise estava ali, parecendo muito solene em seu pequeno vestido branco, assim como Torena. Seguraram a longa cauda do vestido de Sarene no curto trajeto até a carruagem, e depois novamente quando a princesa desceu e entrou no palácio.

As portas da sala do trono estavam abertas, e Roial esperava, vestido de branco, na frente do salão. Sua intenção era se sentar no trono assim que a cerimônia

acabasse. Se o duque não fizesse sua reivindicação de maneira convincente e inquestionável, então Telrii ainda poderia tentar tomar o controle.

O diminuto padre Omin estava ao lado do trono, segurando o grande livro do *Do-Korath* nas mãos. Havia um ar sonhador em seu rosto; o pequeno sacerdote obviamente gostava de celebrar casamentos. Seinalan estava ao lado dele, incomodado que Sarene não lhe tivesse pedido que conduzisse a cerimônia. Ela realmente não se importava. Quando vivia em Teod, sempre tomara como certo que o patriarca a casaria. Agora que tinha a oportunidade de usar um sacerdote do qual gostava, não ia deixar de aproveitar.

Entrou no salão, e todos os olhos se voltaram para ela. Havia quase tanta gente no casamento quanto no funeral – se não mais. O funeral de Iadon fora um evento político importante, mas o casamento de Roial era ainda mais vital. A nobreza veria como fundamental que começassem o reinado de Roial com o nível adequado de lisonja servil.

Até o gyorn Hrathen estava ali. Era estranho, Sarene pensou, que o rosto dele parecesse tão calmo. O casamento com Roial seria um obstáculo importante em seus planos de conversão. Mas por enquanto Sarene afastou o sacerdote fjordênico de seus pensamentos. Esperara este dia por um muito tempo, e mesmo que não fosse como ela queria, tiraria o melhor dele.

Finalmente acontecia. Depois de toda a espera, depois de dois fracassos, estava realmente se casando. Com esse pensamento, ao mesmo tempo assustador e vingativo, ergueu o véu.

Os gritos começaram imediatamente.

Confusa, mortificada e surpresa, Sarene tentou tirar o véu, pensando que talvez tivesse algo errado com ele. Quando tirou, seu cabelo veio junto. Sarene encarou as longas tranças, estupefata. Suas mãos começaram a tremer. Olhou para cima. Roial estava aturdido, Seinalan indignado, e até mesmo Omin agarrava seu pingente korathi em comoção.

Sarene se virava, freneticamente, até que seus olhos encontraram um dos amplos espelhos localizados em cada lado da sala do trono. O rosto que a olhava de volta não era o seu. Era uma coisa repulsiva coberta de manchas negras, que se destacavam ainda mais contra seu vestido branco. Apenas alguns punhados de cabelo ainda se penduravam em seu crânio mórbido.

Inexplicável e misteriosamente, a Shaod a alcançara.

Hrathen observou vários sacerdotes korathi levarem a aturdida princesa da sala em silêncio.

– Assim são os julgamentos do Sagrado Jaddeth – anunciou.

O duque Roial estava sentado na ponta do estrado do trono, a cabeça entre as mãos. O jovem barão jindonês parecia querer seguir os sacerdotes e exigir a libertação de Sarene e o marcial conde Eondel chorava abertamente. Hrathen estava surpreso em perceber que não se alegrava com o lamento deles. A queda da princesa Sarene era necessária, mas os amigos dela não eram sua preocupação – ou, ao menos, não deviam ser. Por que se incomodava que ninguém tivesse derramado lágrimas por sua própria queda diante da Shaod?

Hrathen havia começado a pensar que o veneno faria efeito tarde demais e que o inesperado casamento entre Sarene e Roial continuaria em frente. É claro que a queda de Sarene provavelmente teria sido desastrosa mesmo após o casamento – a menos que Roial pretendesse tomar o trono ainda esta noite. Era uma possibilidade incômoda. Por sorte, Hrathen jamais teria a oportunidade de vê-la se tornar realidade.

Roial não seria coroado agora. Não só lhe faltava o direito legal, mas sua fortuna ainda era inferior à de Telrii. Hrathen conferira o contrato nupcial – desta vez a morte *não* era o mesmo que um matrimônio.

Hrathen abriu caminho pela multidão aturdida até a saída. Tinha que trabalhar com rapidez: o efeito da poção de Sarene passaria em cinco dias. O duque Telrii olhou-o nos olhos quando o gyorn passou por ele, assentindo com um sorriso respeitoso. O homem recebera a mensagem de Hrathen e não se opusera ao casamento. Agora sua fé seria recompensada.

A conquista de Arelon estava quase completa.

–Devia ter um meio de subir ali – Raoden disse, cobrindo os olhos com a mão enquanto observava a muralha de Elantris. Nas últimas horas, o sol aparecera, dissolvendo as brumas da manhã. Mesmo assim, não trouxera muito calor.

Galladon franziu o cenho.

– Não vejo como, sule. Essas muralhas são bem altas.

– Você se esquece, meu amigo – Raoden comentou –, essas muralhas não foram feitas para manter as pessoas dentro, nem mesmo para manter os inimigos fora. Os antigos elantrinos construíram escadas e plataformas de observação do lado de fora da muralha, deviam haver outras aqui também.

Galladon grunhiu. Desde que os guardas haviam desaparecido misteriosamente das muralhas, Raoden procurava uma maneira de subir. As muralhas pertenciam a Elantris, não ao mundo exterior. Do alto delas, talvez pudessem descobrir o que estava acontecendo em Kae.

A desatenção dos guardas o preocupava. O desaparecimento era uma sorte, de certo modo; reduzia a possibilidade de que alguém reparasse em Nova Elantris. Contudo, Raoden só podia pensar em poucas razões para que os soldados deixassem os postos nas muralhas, e a mais provável era também a mais preocupante. O leste teria invadido finalmente?

Raoden sabia que uma invasão era muito possível. Wyrn era oportunista demais para deixar que uma joia como a Arelon pós-Reod ficasse sem ser incomodada para sempre. Em algum momento Fjorden atacaria. E, se Arelon caísse diante da guerra santa de Wyrn, então Elantris seria destruída. Os sacerdotes derethi se encarregariam disso.

Raoden não partilhou seus temores com os outros elantrinos, mas agiu por conta deles. Se pudesse colocar seus homens nas muralhas, então teriam um aviso antecipado da chegada de um exército. Talvez, com essa vantagem, Raoden tivesse tempo de esconder seu povo. Uma das três cidades abandonadas próximas a Elantris seria provavelmente sua maior esperança. Ele os levaria até lá se tivesse uma chance.

Isso presumindo que estaria em condições de ajudar. O dôr viera com força contra ele duas vezes nos últimos quatro dias. Por sorte, ainda que a dor fosse mais forte, sua determinação também era. Agora, pelo menos, ele compreendia.

– Ali – Galladon disse, apontando para um afloramento.

Raoden assentiu. Havia uma possibilidade de que a coluna de pedra tivesse uma escada.

– Vamos.

Estavam distantes de Nova Elantris, posicionada no centro da cidade, para que ficasse escondida dos olhos que espiavam do alto da muralha. Aqui, na velha Elantris, o lodo ainda cobria tudo. Raoden sorriu: a sujeira e a fuligem estavam se tornando repulsivos para ele novamente. Por um tempo quase se esquecera do quanto eram desagradáveis.

Não foram muito longe. Logo depois que Galladon apontou para a escada, um mensageiro de Nova Elantris apareceu em uma rua lateral. O homem se aproximou com passos rápidos, acenando para Raoden.

– Meu senhor Espírito – o homem o chamou.

– Sim, Tenrao? – Raoden perguntou, se virando.

– Um recém-chegado foi jogado na cidade, meu senhor.

Raoden assentiu. Preferia saudar cada recém-chegado pessoalmente.

– Vamos? – perguntou para Galladon.

– As muralhas podem esperar – o dula concordou.

***

O recém-chegado era uma mulher. Estava sentada de costas para os portões, os joelhos encolhidos contra o peito, a cabeça enterrada na túnica sacrificial.

– Está mal-humorada, meu senhor – disse Dashe, que ficara de vigia desde que atiraram a recém-chegada. – Gritou para os portões por quase dez minutos, depois que a jogaram aqui. Depois atirou a cesta de oferendas contra a muralha e ficou do jeito que está agora.

Raoden assentiu. A maioria dos recém-chegados parecia aturdida demais para fazer outra coisa além de perambular. Esta mulher era forte.

Raoden fez um gesto para que os outros permanecessem atrás; não queria deixá-la ainda mais nervosa aparecendo com uma multidão. Avançou até ficar bem na frente dela, então se abaixou para olhá-la nos olhos.

– Oi – disse de modo afável. – Estou disposto a acreditar que teve um dia horrível.

A mulher levantou a cabeça. Quando viu seu rosto, Raoden quase caiu para trás com a surpresa. A pele dela estava manchada e seu cabelo caíra, mas tinha o mesmo rosto fino e os mesmos olhos redondos e astutos. Princesa Sarene. Sua esposa.

– Não sabe a metade, Espírito – disse, com um pequeno sorriso irônico chegando aos seus lábios.

– Aposto que entendo mais do que imagina – Raoden respondeu. – Estou aqui para tornar as coisas um pouco menos difíceis.

– O quê? – Sarene perguntou, a voz repentinamente se tornando amarga. – Veio roubar as oferendas que os sacerdotes me deram?

– Bem, se realmente quiser que eu faça isso – Raoden falou. – Embora não acho que precisemos. Alguém foi gentil o bastante para nos entregar vários fardos de comida há algumas semanas.

Sarene o encarou com hostilidade. Não se esquecera da traição dele.

– Venha comigo – ele insistiu, estendendo-lhe a mão.

– Não confio mais em você, Espírito.

– Alguma vez confiou?

Sarene fez uma pausa, então negou com a cabeça.

– Eu queria, mas sabia que não devia.

– Então nunca me deu uma chance de verdade, não é? – estendeu a mão um pouco mais perto dela. – Venha comigo.

Ela o observou por um momento, estudando seus olhos. Por fim, colocou sua bela mão de dedos longos sobre a dele pela primeira vez, permitindo que a ajudasse a ficar em pé.

A mudança súbita não foi nada menos do que espantosa. Era como se Sarene tivesse passado da escuridão para a luz do sol, irrompido de águas salobras para o ar tépido. A sujeira e a fuligem de Elantris terminavam em uma linha nítida, além da qual os paralelepípedos eram brancos e puros. Em qualquer outro lugar, a simples limpeza das ruas teria sido perceptível, mas não extraordinária. Ali, com a podridão de Elantris atrás de si, era como se Sarene tivesse entrado no Paraíso de Domi.

Parou diante do portão de pedra, contemplando a cidade-dentro-da-cidade, os olhos arregalados e sem acreditar no que via. As pessoas conversavam e trabalhavam lá dentro, cada uma com a pele amaldiçoada de um elantrino, mas também com um agradável sorriso. Ninguém usava os trapos que ela presumira ser a única roupa disponível em Elantris; suas vestimentas eram saias ou calças, e camisas. Os tecidos eram surpreendentemente coloridos. Com assombro, Sarene percebeu que aquelas eram as cores que *ela* escolhera. O que vira como ofensivo, no entanto, as pessoas usavam com alegria – os amarelos vivos, os verdes e os vermelhos resplandecentes ressaltavam sua animação.

Essas não eram as pessoas que havia visto há algumas semanas, patéticas e suplicando comida. Pareciam pertencer a alguma vila pastoral folclórica – pessoas que expressavam uma jovialidade e um bom humor que Sarene julgava impossíveis no mundo real. Mesmo assim, viviam no único lugar que todos sabiam que era mais horrível do que o mundo real.

– O que...?

Espírito deu um sorriso largo, ainda segurando a mão dela enquanto a conduzia pelo portão para dentro da vila.

– Bem-vinda a Nova Elantris, Sarene. Tudo o que presumiu não é mais válido.

– Posso perceber.

Uma atarracada mulher elantrina se aproximou. Seu vestido era uma mistura de verdes vibrantes e amarelos. Olhou Sarene criticamente.

– Duvido que tenhamos algo do tamanho dela, lorde Espírito.

Espírito riu, observando a altura de Sarene.

– Faça o que puder, Maare – disse, caminhando na direção de um edifício de teto baixo ao lado do portão. A porta estava aberta, e Sarene pode ver filas de roupas penduradas em cabides de madeira. Envergonhada, ficou repentinamente consciente de sua própria roupa. Já havia manchado a vestimenta branca com lodo e fuligem.

– Venha, querida – Maare disse, levando-a para um segundo edifício. – Vamos ver o que podemos fazer.

A maternal mulher acabou encontrando um vestido que servia em Sarene razoavelmente bem – ou, pelo menos, uma saia azul que mostrava suas pernas só até as panturrilhas, juntamente com uma blusa em tom vermelho vivo. Havia até mesmo roupa íntima, ainda que também fosse feita com tecidos coloridos. Sarene não reclamou – qualquer coisa era melhor do que sua túnica imunda.

Depois de colocar a roupa, Sarene se olhou no espelho de corpo inteiro que havia no aposento. Metade de sua pele ainda tinha cor de carne, mas isso só tornava as manchas escuras ainda mais impressionantes. Imaginava que sua pele escureceria com o tempo, até se tornar cinza como a dos outros elantrinos.

– Espere – perguntou, hesitante – de onde veio este espelho?

– Não é um espelho, querida – Maare informou enquanto revirava meias e sapatos. – É uma peça plana de pedra. Parte de uma mesa, acho, com finas placas de aço colocadas ao redor.

Olhando mais de perto, Sarene pode ver as marcas onde as folhas de aço se sobrepunham umas às outras. Considerando do que era feito, aquele era um espelho notável. A pedra devia ter sido extremamente lisa.

– Mas onde... – Sarene se interrompeu. Sabia exatamente onde haviam conseguido folhas de aço tão finas. Sarene as mandara, pensando novamente em zombar de Espírito, que pedira várias folhas de metal como parte de seu suborno.

Maare desapareceu por um momento, então voltou com meias e sapatos para Sarene. Ambos eram de cores diferentes tanto da saia quanto da camisa.

– Aqui estão – a mulher falou. – Tive que ir lá e furtar dos homens.

Sarene sentiu que ruborizava enquanto aceitava os itens.

– Não se preocupe, querida – Maare disse com uma risada. – Faz sentido que tenha pés grandes. Domi sabe que precisa de mais na parte de baixo para sustentar toda essa altura! Ah, e aqui uma última coisa.

A mulher estendeu um lenço de tecido laranja.

– Para a cabeça – Maare explicou, apontando para um tecido similar enrolado em sua própria cabeça. – Ajuda a esquecer o cabelo.

Sarene assentiu agradecida, aceitando o lenço e tentando enrolá-lo no crânio. Espírito esperava por ela do lado de fora, vestindo uma calça vermelha e uma camisa amarela. Sorriu quando ela se aproximou.

– Me sinto um arco-íris insano – Sarene confessou, contemplando a mistura de cores.

Espírito riu, estendeu a mão e a levou mais para dentro da cidade. Inconscientemente, ela se pegou julgando a altura dele. *É alto o suficiente para mim*, pensou quase sem constrangimento, *ainda que por pouco*. Então, percebendo o que estava fazendo, revirou os olhos. O mundo despencava ao seu redor, e tudo o que podia fazer era medir a altura do homem que andava ao seu lado.

– ... acostumada com a ideia de que todos parecemos pássaros-seca na primavera – ele estava falando. – As cores não incomodam tanto depois que se usa por um tempo. Na verdade, depois da monotonia embotada da velha Elantris, acho que são bastante refrescantes.

Enquanto caminhavam, Espírito explicava Nova Elantris para ela. Não era muito grande, talvez cinquenta edifícios no total, mas sua natureza compacta a fazia parecer mais unificada. Ainda que não devesse ter muita gente na cidade – quinhentas ou seiscentas pessoas no máximo – sempre parecia haver movimento ao redor dela. Homens trabalhavam nas paredes ou telhados, mulheres costuravam ou limpavam – até mesmo crianças corriam pelas ruas. Nunca ocorrera a Sarene que a Shaod alcançasse crianças assim como adultos.

Todo mundo cumprimentava Espírito quando ele passava, dando-lhe sorrisos de boas-vindas. Havia aceitação verdadeira nas vozes deles, mostrando um nível de respeito e amor que Sarene raramente vira um líder receber; mesmo seu pai, que era geralmente bem visto, tinha seus detratores. É claro que era muito mais fácil com uma população pequena, mas ela ainda estava impressionada.

Em um determinado momento, passaram por um homem de idade indecifrável – era difícil julgar a idade dos rostos de Elantris –, sentado em um bloco de pedra. Era baixo e barrigudo, e não os cumprimentou. Sua falta de atenção, no entanto, não era sinal de incivilidade – estava apenas concentrado no pequeno objeto em suas mãos. Várias crianças estavam ao redor do homem, observando-o trabalhar com olhos ansiosos. Quando Sarene e Espírito passaram, o homem deu o objeto para uma das crianças; era um belo cavalo entalhado em pedra. A garota aplaudiu entusiasmada, aceitando o presente com dedos felizes. As crianças saíram correndo enquanto o escultor se abaixava para selecionar outra pedra do chão. Começou a raspar com uma ferramenta curta: quando Sarene espiou seus dedos de perto, percebeu o que era.

– Um dos meus pregos! – ela disse. – Ele está usando um dos pregos tortos que mandei para você.

– É? – Espírito perguntou. – Ah, sim. Tenho que reconhecer, Sarene, que ficamos um bom tempo imaginando o que podíamos fazer com aquela caixa em particular. Seria necessário muito combustível para derreter todos eles, mesmo presumindo que tivéssemos as ferramentas para fundir. Aqueles pregos foram uma das suas adaptações mais astutas.

Sarene corou. Aquelas pessoas lutavam para sobreviver em uma cidade privada de recursos, e ela havia sido mesquinha o bastante para lhes enviar pregos retorcidos.

– Sinto muito. Tinha medo que fizesse armas com aquele aço.

– Estava certa em ser cautelosa – Espírito disse. – No final das contas, eu traí

você.

– Estou certa de que teve um bom motivo – ela disse rapidamente.

– Eu tinha – ele assentiu. – Mas não importou muito naquele momento, não é? Estava certa sobre mim. Eu era... sou... um tirano. Mantive parte da população longe da comida, rompi nosso acordo e causei a morte de vários bons homens.

Sarene negou com a cabeça, a voz firme.

– Você *não* é um tirano. Esta comunidade prova isso: o povo ama você, e não pode haver um tirano onde há amor.

Ele quase sorriu, mas seus olhos não estavam convencidos. Então a olhou com uma expressão indecifrável.

– Bem, suponho que sua Prova não foi uma completa perda de tempo. Consegui algo muito importante naquelas semanas.

– Os suprimentos? – Sarene perguntou.

– Isso também.

Sarene fez uma pausa, mantendo o olhar dele. Então virou-se para observar o escultor.

– Quem é ele?

– Ele se chama Taan – Espírito disse. – Embora você deva conhecê-lo pelo nome de Aanden.

– O líder de gangue? – Sarene perguntou surpresa.

Espírito assentiu.

– Taan era um dos melhores escultores de Arelon antes que a Shaod o alcançasse. Depois de vir para Elantris, ele perdeu o rumo por um tempo. Acabou por se recuperar.

Deixaram o escultor com seu trabalho. Espírito mostrou para ela as últimas zonas da cidade. Passaram por um grande edifício que ele identificou como "o Salão dos Caídos", e a tristeza na voz dele a impediu de perguntar a respeito, embora tenha visto vários seons dementes por causa da Shaod ao redor do telhado.

Sarene sentiu uma súbita pontada de dor. *Ashe deve estar assim agora*, pensou, lembrando dos seons loucos que encontrara algumas vezes flutuando ao redor de Elantris. Apesar do que vira, continuara esperando a noite inteira que Ashe fosse até ela. Os sacerdotes korathi a haviam trancado em um tipo de cela de contenção – aparentemente, novos elantrinos eram atirados na cidade apenas uma vez ao dia –, e ela esperara perto da janela, desejando que o seon aparecesse.

Havia esperado em vão. Com a confusão do casamento, nem se lembrava da última vez que o vira. Sem querer entrar na capela, ele seguira na frente para esperar por ela na sala do trono. Quando chegou, ela o vira flutuando dentro do salão? Ouvira sua voz, chamando-a entre os outros aturdidos membros da festa de casamento? Ou simplesmente deixava que a esperança turvasse suas lembranças?

Sarene sacudiu a cabeça, suspirando enquanto deixava Espírito afastá-la do Salão dos Caídos. Continuava olhando por cima do ombro, esperando ver Ashe ali. Onde sempre estivera antes.

Pelo menos, não está morto, pensou, tentando afastar o lamento. *Provavelmente está em alguma parte da cidade. Posso encontrá-lo, talvez ajudá-lo de algum modo.*

Continuaram a caminhar, e Sarene intencionalmente se deixou distrair pelo cenário – não podia suportar pensar mais em Ashe. Espírito a levou por várias áreas abertas que – olhando de perto – Sarene viu que deviam ser plantações. Pequenos brotos apareciam em ordenadas filas de terra amontoada, e vários homens andavam entre ele, procurando ervas daninhas. Havia um cheiro diferente no ar.

Sarene se deteve.

– Peixe?

– Fertilizante – Espírito disse com uma risada. – Foi a única vez que conseguimos enganar você. Pedimos trutas sabendo muito bem que nos mandaria o primeiro barril de peixe podre que encontrasse.

– Parece que levou a melhor mais vezes do que eu – Sarene disse, lembrando com vergonha do tempo que passara tentando tergiversar as exigências deles. Parecia que, por mais que torcesse o que lhe era pedido, os novos elantrinos encontravam uso para todos os seus presentes inúteis.

– Não temos muita escolha, princesa. Tudo da Elantris pré-Reod está podre ou deteriorado; até as pedras começam a desmoronar. Não importa o quão defeituoso tenha pensado que eram as entregas, ainda eram de longe muito mais úteis do que qualquer coisa deixada na cidade.

– Eu estava enganada – Sarene disse melancolicamente.

– Não comece com isso de novo – Espírito disse. – Se começar a sentir pena de si mesma, eu a trancarei em uma sala com Galladon por uma hora, para que aprenda o que é pessimismo *de verdade*.

– Galladon?

– O grandalhão que conheceu rapidamente nos portões – Espírito explicou.

– O dula? – Sarene perguntou surpresa, lembrando do grande elantrino de rosto largo e pesado sotaque de Duladel.

– Esse mesmo.

– Um dula pessimista? – ela repetiu. – Nunca ouvi falar nisso.

Espírito riu novamente, levando-a para um grande e solene edifício. Sarene ficou boquiaberta diante de tanta beleza. Estava cercado por delicados arcos espiralados, e o chão era de mármore branco. Os relevos nas paredes eram ainda mais intrincados do que aqueles do templo korathi em Teoras.

– É uma capela – ela disse, passando os dedos pelos trabalhados padrões do

mármore.

– Sim, é. Como sabia?

– Essas cenas são tiradas diretamente do *Do-Korath* – Sarene respondeu, olhando para cima com assombro. – Alguém não prestou muita atenção nas aulas de religião.

Espírito tossiu.

– Bem...

– Nem tente me convencer de que não teve aulas de religião – ela disse, voltando-se para os entalhes. – Obviamente você é um nobre. Deve ter ido à igreja para manter as aparências, ainda que não fosse devoto.

– Minha senhora é muito astuta. Sou, é claro, um humilde servo de Domi, mas admito que minha mente vagava algumas vezes durante os sermões.

– Então, quem você era? – Sarene perguntou como quem não queria nada, mas finalmente fazendo a pergunta que a incomodava desde a primeira vez que vira Espírito, semanas antes.

Ele pensou um momento.

– O segundo filho do lorde da Colônia Ien. Uma casa menor ao sul de Arelon.

Podia ser verdade. Sarene não se incomodara em memorizar os nomes dos nobres menores; já havia sido difícil o bastante decorar os duques, condes e barões. Também podia ser mentira. Espírito parecia ser, pelo menos, um estadista razoável, e saberia como contar uma mentira convincente. O que quer que tivesse sido, certamente aprendera algumas habilidades excelentes de liderança – atributos que ela acreditava estarem em falta na maior parte da aristocracia arelena.

– Quanto...? – começou a dizer, virando-se da parede. Então parou, o ar preso na garganta.

Espírito estava brilhando.

Uma luz espectral crescia no interior dele; ela podia ver a silhueta de seus ossos diante de algum poder assombroso que ardia em seu peito. A boca de Espírito estava aberta em um grito mudo; então caiu, estremecendo enquanto a luz queimava.

Sarene correu para o lado dele, então se deteve, incerta do que fazer. Rangendo os dentes, segurou-o impendindo que os espasmos fizessem sua cabeça bater repetidamente contra o frio chão de mármore. E sentiu algo.

Seu braço se arrepiou e um calafrio gelado desceu por seu corpo. Algo grande, algo impossivelmente imenso, se apertava contra ela. O próprio ar parecia se afastar do corpo de Espírito. Não podia ver mais os ossos dele; havia luz demais. Era como se ele estivesse se dissolvendo em pura alvura; teria pensado que ele se fora, se não sentisse o peso dele em seus braços. Por fim ele parou de se debater, e seu corpo amoleceu.

Então gritou.

Uma única nota, fria e uniforme, escapou de sua boca em um brado de desafio. A

luz desapareceu quase imediatamente, e Sarene ficou com o coração acelerado no peito, os braços banhados de suor, a respiração profunda e rápida.

Os olhos de Espírito se abriram uns segundos mais tarde. Conforme a compreensão voltava lentamente, sorriu debilmente e descansou a cabeça no braço dela.

– Quando abri os olhos, pensei que desta vez estava morto de verdade.

– O que aconteceu? – ela perguntou, ansiosa. – Devo buscar ajuda?

– Não, está se tornando uma ocorrência normal.

– Normal? – Sarene perguntou lentamente. – Para todos nós?

Espírito riu debilmente.

– Não, só para mim. Sou o único que o dôr está tentando destruir.

– O dôr? – ela perguntou. – O que Jesker tem a ver com isso?

Ele sorriu.

– Então a bela princesa é uma erudita em temas religiosos também?

– A bela princesa sabe várias coisas – Sarene disse com desdém. – Quero saber por que um "humilde servo de Domi" acha que o supraespírito Jesker está tentando destruí-lo.

Espírito tentou se sentar, e ela o ajudou.

– Tem a ver com o AonDor – ele explicou, com voz cansada.

– AonDor? Isso é uma lenda pagã. – Não havia muita convicção nas palavras dela. Não depois do que acabara de ver.

Espírito ergueu uma sobrancelha.

– Então, está tudo bem que estejamos amaldiçoados com corpos que não morrem, mas não é possível que nossa antiga mágica funcione? Eu não a vi com um seon?

– Isso é diferente... – Sarene respondeu com um fio de voz, lembrando-se novamente de Ashe.

Espírito, no entanto, chamou a sua atenção novamente. Ergueu a mão e começou a desenhar. Linhas apareceram no ar, seguindo os movimentos de seu dedo.

Os ensinamentos korathi dos últimos dez anos haviam feito o possível para minimizar a magia de Elantris, apesar dos seons. Seons eram familiares, quase como espíritos benevolentes enviados por Domi para proteção e conforto. Sarene fora ensinada, e acreditara, que a magia de Elantris era quase toda uma enganação.

Agora, no entanto, tinha que encarar uma possibilidade. Talvez as histórias fossem verdadeiras.

– Me ensine – sussurrou. – Quero aprender.

***

Foi só bem mais tarde, depois que a noite caiu, que Sarene finalmente se permitiu chorar. Espírito passara a maior parte do dia explicando tudo o que sabia sobre o

AonDor. Aparentemente, fizera uma pesquisa extensa sobre o assunto. Sarene ouvira com prazer, tanto pela companhia quanto pela distração que proporcionava. Quando se deram conta, o anoitecer entrava pelas janelas da capela, e Espírito a levou até seu alojamento.

Agora ela estava encolhida, tremendo de frio. As duas outras mulheres do quarto dormiam profundamente, sem se incomodar em usar uma manta, apesar do ar frio. Os outros elantrinos não pareciam notar a variação de temperatura tanto quanto Sarene. Espírito afirmava que seus corpos estavam em um tipo de suspensão, que haviam parado de funcionar enquanto esperavam que o dôr terminasse de transformá-los. Mesmo assim, parecia desagradavelmente frio para Sarene.

A sombria atmosfera não fazia muito por seu estado de espírito. Enquanto se encolhia contra a parede de pedra dura, lembrava-se dos olhares. Aqueles horríveis olhares. A maioria dos elantrinos fora alcançado pela Shaod à noite, e havia sido descoberta discretamente. Sarene, no entanto, fora exibida diante de toda a aristocracia. E em seu próprio casamento, nada menos do que isso.

Era um constrangimento humilhante. Seu único consolo era que provavelmente jamais veria nenhum deles de novo. Era um consolo pequeno, pois pela mesma razão provavelmente jamais veria seu pai, sua mãe ou seu irmão. Kiin e a família dele estavam perdidos para ela. Então, a saudade de casa que nunca a atingira antes, agora atacava com a repressão de toda uma vida.

Associado a isso estava a consciência de seu fracasso. Espírito pedira notícias do lado de fora, mas o assunto se mostrara doloroso demais para ela. Sabia que Telrii provavelmente era rei agora, e isso significava que Hrathen poderia converter facilmente o resto de Arelon.

As lágrimas vieram em silêncio. Chorava pelo casamento, por Arelon, pela loucura de Ashe e pela vergonha que o querido Roial devia ter passado. Pensar em seu pai era o pior de tudo. A ideia de nunca sentir novamente o amor de suas gentis ironias – nunca mais sentir seu apoio incondicional e avassalador – enchia seu coração com uma avassaladora sensação de pavor.

– Minha senhora? – sussurrou uma voz profunda e hesitante. – É você?

Aturdida, levantou a cabeça entre lágrimas. Estaria ouvindo coisas? Tinha que ser. Não podia ter ouvido...

– Lady Sarene?

Era a voz de Ashe.

Então ela o viu, flutuando perto da janela, seu aon tão tênue que era quase invisível.

– Ashe? – perguntou com assombro hesitante.

– Ah, abençoado Domi! – o seon exclamou, aproximando-se rapidamente.

– Ashe! – ela disse, secando os olhos com mão trêmula, aturdida pela surpresa. –

Nunca use em vão o nome do Senhor!

– Se Ele me trouxe até você, então tem Seu primeiro seon convertido – Ashe falou, pulsando excitado.

Mal conseguiu se segurar para não levantar e tentar abraçar a bola de luz.

– Ashe, você está falando! Não devia ser capaz de falar, devia estar...

– Louco – Ashe disse. – Sim, minha senhora, eu sei. Mesmo assim, não me sinto diferente de antes.

– Um milagre – Sarene falou.

– Uma maravilha, se não outra coisa – o seon respondeu. – Talvez eu *devesse* tentar me converter ao Shu-Korath.

Sarene riu.

– Seinalan jamais permitiria isso. É claro, a desaprovação dele nunca nos deteve antes, não é?

– Nenhuma vez, minha senhora.

Sarene se apoiou contra a parede, contente por simplesmente desfrutar da familiaridade da voz do seon.

– Não imagina como estou aliviado em encontrá-la. Estou procurando a senhora há dois dias. Comecei a temer que algo horrível lhe tivesse ocorrido.

– Ocorreu, Ashe – Sarene disse com um sorriso.

– Quis dizer algo mais horrível, minha senhora – o seon afirmou. – Já vi o tipo de atrocidades que podem acontecer neste lugar.

– Isso mudou, Ashe – Sarene disse. – Ainda não entendo como ele conseguiu, mas Espírito trouxe ordem a Elantris.

– O que quer que ele tenha feito, manteve-a a salvo. Eu o bendigo por isso.

De repente, algo ocorreu a Sarene. Se Ashe vivia, então ela ainda tinha uma ligação com o mundo exterior. Não estava completamente separada de Kiin e os demais.

– Sabe como estão os outros?

– Não, minha senhora. Depois que o casamento foi interrompido, passei uma hora exigindo que o patriarca a libertasse. Não acho que tenha ficado desapontado com sua queda. Depois disso, percebi que a havia perdido. Fui até os portões de Elantris, mas aparentemente cheguei tarde demais para vê-la ser jogada na cidade. Mas quando perguntei aos guardas para onde você tinha ido, se recusaram a me dizer qualquer coisa. Disseram que era tabu falar daqueles que tinham se tornado elantrinos, e quando disse para eles que era seu seon, ficaram muito desconfortáveis e pararam de falar comigo. Tive que me aventurar dentro da cidade sem informação, e passei a procurar por você.

Sarene sorriu, imaginando o solene seon – essencialmente uma criação pagã – discutindo com o líder da religião korathi.

– Você não chegou tarde demais para me ver ser jogada na cidade, Ashe. Chegou muito *cedo*. Aparentemente, eles só jogam as pessoas aqui antes de um certo horário do dia, e o casamento aconteceu muito tarde. Passei a noite na capela, e me trouxeram para Elantris esta tarde.

– Ah – o seon disse, balançando compreensivo.

– No futuro, você provavelmente poderá me encontrar aqui, na parte limpa da cidade.

– É um lugar interessante – Ashe disse. – Não tinha visto antes, está bem oculto do exterior. Por que esta área é diferente das demais?

– Você verá – ela disse. – Volte amanhã.

– Voltar, minha senhora? – Ashe perguntou, indignado. – Não pretendo deixá-la.

– Só por um tempo, meu amigo – Sarene disse. – Preciso de notícias de Kae, e você precisa dizer aos outros que estou bem.

– Sim, minha senhora.

Sarene parou por um momento. Espírito fizera um grande esforço para se assegurar que ninguém do mundo exterior soubesse de Nova Elantris; ela não podia trair seu segredo tão bruscamente, ainda que confiasse nas pessoas para quem Ashe contaria.

– Diga para eles que me encontrou, mas não conte nada do que viu aqui.

– Sim, minha senhora – Ashe respondeu, confuso. – Só um momento, minha senhora. Seu pai deseja falar com você.

O seon começou a pulsar, então sua luz se fundiu, escorreu e se recompôs na forma do rosto oval de Eventeo.

– Ene? – Eventeo perguntou com preocupação frenética.

– Estou aqui, pai.

– Ah, graças a Domi! – ele disse. – Sarene, está ilesa?

– Estou bem, pai – ela assegurou, sentindo que suas forças retornavam. De repente soube que podia fazer qualquer coisa ou ir a qualquer lugar enquanto tivesse a promessa da voz de Eventeo.

– Maldito seja esse Seinalan! Nem sequer tentou libertá-la. Se eu não fosse tão devoto, o decapitaria sem pensar duas vezes.

– Devemos ser justos, pai – Sarene ponderou. – Se a filha de um camponês pode ser jogada em Elantris, a filha de um rei não pode ser exceção.

– Se meus relatos estão certos, ninguém devia ser jogado nesse poço.

– Não é tão ruim quanto pensa, pai – Sarene disse. – Não posso explicar, mas as coisas estão mais esperançosas do que eu previa.

– Esperançosas ou não, vou tirar você daí.

– Pai, não! – Sarene exclamou. – Se trouxer soldados a Arelon, não só deixará Teod sem defesas, mas ofenderá nossos únicos aliados!

– Não serão nossos aliados por muito tempo, se as predições do meu espião estiverem certas – Eventeo disse. – O duque Telrii vai esperar alguns dias para consolidar seu poder, mas todo mundo sabe que ele logo tomará o trono..., e tem muito boas relações com esse gyorn Hrathen. Você tentou, Ene, mas Arelon está perdida. Vou buscá-la. Na verdade nem preciso de muitos homens, e então volto para me preparar para uma invasão. Não importa quantos homens Wyrn convoque, ele nunca derrotará nossa armada. Teod tem os melhores navios do mar.

– Pai, você pode ter desistido de Arelon, mas eu não.

– Sarene – Eventeo a advertiu –, não comece de novo. Você não é mais arelena do que eu...

– Falo sério, pai – Sarene disse com firmeza. – Não deixarei Arelon.

– Idos Domi, Sarene, isto é uma loucura! Sou seu pai e seu rei. Vou trazê-la de volta, quer queira, quer não.

Sarene se acalmou; a força nunca funcionaria com Eventeo.

– Pai – recomeçou, deixando que o amor e o respeito soassem em sua voz. – Você me ensinou a ser ousada. Me transformou em algo mais forte do que o ordinário. Algumas vezes, eu o amaldiçoei, mas na maior parte das vezes bendisse suas palavras de ânimo. Você me deu liberdade para me tornar eu mesma. Vai me negar isso agora, me tirando o direito de escolha? A cabeça branca de seu pai flutuou em silêncio no quarto escuro.

– Suas lições não estarão completas até que ceda, pai – Sarene disse em voz baixa. – Se realmente acredita nos ideais que me transmitiu, então vai me permitir tomar esta decisão.

Finalmente, ele falou.

– Você os ama tanto assim, Ene?

– Eles se tornaram meu povo, pai.

– Se passaram menos de dois meses.

– O amor independe de tempo, pai. Preciso ficar em Arelon. Se cair, cairei com ela, mas não acho que isso acontecerá. Deve haver um modo de deter Telrii.

– Mas você está presa nessa cidade, Ene – seu pai disse. – O que pode fazer daí?

– Ashe pode atuar como mensageiro. Já não posso liderá-los, mas talvez consiga ajudar. Mesmo se não conseguir, preciso ficar.

– Entendo – seu pai disse por fim, suspirando profundamente. – Sua vida é sua, Sarene. Sempre acreditei nisso, mesmo que me esqueça de vez em quando.

– Você me ama, pai. Protegemos o que amamos.

– E eu protejo – Eventeo assegurou. – Nunca se esqueça disso, minha filha.

Sarene sorriu.

– Nunca esqueci.

– Ashe – Eventeo ordenou, chamando a consciência do seon para a conversa.

– Sim, meu rei – disse a voz de Ashe, seu profundo tom de voz soava atento e reverente.

– Você a vigiará e a protegerá. Se ela se ferir, me chame.

– Como sempre fiz e sempre farei, meu rei – Ashe respondeu.

– Sarene, vou deixar a armada em padrão defensivo. Que seus amigos saibam que qualquer barco que se aproximar de águas teodenas será afundado sem questionamentos. O mundo inteiro se virou contra nós, e não posso arriscar a segurança do meu povo.

– Eu os avisarei, pai – Sarene prometeu.

– Boa noite, então, Ene, e que Domi a abençoe.

Hrathen estava de volta ao controle. Como um herói dos antigos épicos svordish, descera ao submundo – física, mental e espiritualmente – e retornara mais forte. O domínio de Dilaf estava acabado. Apenas agora Hrathen podia ver que as correntes que Dilaf usara para prendê-lo haviam sido forjadas pela inveja e insegurança do próprio gyorn. Sentira-se ameaçado pela paixão de Dilaf, pois sentira que sua própria fé era inferior. Agora, no entanto, sua resolução era firme – como no dia em que chegara em Arelon. Ele *seria* o salvador deste povo.

Dilaf retrocedeu infeliz. O arteth prometera de má vontade não fazer reuniões nem dar sermões sem a permissão expressa de Hrathen. E, em troca de ter sido nomeado oficialmente arteth principal da capela, Dilaf também concordara em libertar vários odivs de seus votos, passando-os ao posto menos comprometido de krondet. A maior mudança, no entanto, não fora nas ações do arteth, mas na confiança de Hrathen. Enquanto o gyorn soubesse que sua fé era tão forte quanto a de Dilaf, o arteth não seria capaz de manipulá-lo.

Mas Dilaf não cederia em sua busca pela destruição de Elantris.

– São ímpios! – o arteth insistiu enquanto caminhavam na direção da capela. O sermão daquela noite tivera enorme êxito; Hrathen podia afirmar que mais de três quartos da nobreza arelena local eram membros derethi ou simpatizantes. Telrii seria coroado ainda nessa semana e, assim que seu governo se estabilizasse um pouco, o novo rei anunciaria sua conversão ao Shu-Dereth. Arelon era de Hrathen, e ainda faltava um mês para o fim do prazo dado por Wyrn.

– Os elantrinos serviram ao seu propósito, arteth – Hrathen explicou para Dilaf enquanto caminhavam. Estava frio naquela noite, embora não o suficiente para condensar a respiração de alguém.

– Por que me proíbe de pregar contra eles, meu senhor? – A voz de Dilaf era amarga. Agora que Hrathen o proibira de falar sobre Elantris, os discursos do arteth pareciam emasculados.

– Pregar contra Elantris já não tem sentido – Hrathen disse, enfrentando a fúria de Dilaf com lógica. – Não se esqueça que nosso ódio tem um propósito. Agora que já provei o poder supremo de Jaddeth sobre Elantris, mostramos de maneira efetiva que nosso Deus é verdadeiro, enquanto Domi é falso. O povo entende isso inconscientemente.

– Mas os elantrinos ainda são ímpios.

– São vis, são blasfemos e, definitivamente, são ímpios. Mas, neste momento, também são sem importância. Precisamos nos concentrar na religião derethi em si,

mostrando ao povo como se ligar a Jaddeth jurando fidelidade para você ou para um dos outros arteths. Eles sentem nosso poder, e é nosso dever mostrar como podem fazer parte disso.

– E Elantris fica livre? – Dilaf quis saber.

– Não, é claro que não – Hrathen disse. – Haverá tempo suficiente para lidar com ela depois que esta nação e seu monarca estiverem firmes na mão de Jaddeth.

Hrathen sorriu para si mesmo, afastando-se do carrancudo Dilaf.

Acabou, percebeu. *Eu realmente consegui – converti o povo sem uma revolução sangrenta.* Contudo, não havia terminado. Arelon era sua, mas ainda restava uma nação.

Hrathen tinha planos para Teod.

A porta estava fechada por dentro, mas a madeira era parte da Elantris original – sujeita à mesma putrefação que infestava o resto da cidade. Galladon dissera que soltara das dobradiças com um toque. Uma escada escura escondia-se no lado de dentro, dez anos de poeira cobrindo seus degraus. Um único conjunto de pegadas marcava o pó – pegadas que só podiam ter sido feitas por um pé tão grande quanto o de Galladon.

– E vai até o topo? – Raoden perguntou, passando pela porta destruída.

– Kolo – Galladon confirmou. – É toda escavada na pedra, com apenas uma ou outra fenda com luz. Um passo errado o fará despencar por uma série de degraus tão longa e dolorosa quanto uma das histórias da minha hama.

Raoden assentiu e começou a subida, com o dula logo atrás. Antes do Reod, a escada devia ser iluminada por magia elantrina – mas, agora, a escuridão era quebrada apenas por um filete de luz ocasional, vindo de fendas dispersas. A escada subia em círculos pela parte externa da estrutura, e as curvas inferiores eram vagamente visíveis quando alguém se inclinava no centro. Existira um corrimão no passado, mas desmoronara há muito tempo.

Tinham que parar com frequência para descansar, seus corpos elantrinos eram incapazes de suportar as exigências do exercício vigoroso. Mas depois de um tempo chegaram ao topo. A porta de madeira ali era mais nova; a Guarda provavelmente a substituíra depois que a original apodrecera. Não havia maçaneta – não era um porta de verdade, mas uma barricada.

– Isso foi o mais longe que consegui ir, sule – Galladon disse. – Subi até o alto da escada de Doloken, apenas para descobrir que precisava de um machado para prosseguir.

– É por esse motivo que trouxemos isso – Raoden disse, puxando o mesmo machado com o qual Taan quase derrubara um edifício sobre ele. Os dois começaram a trabalhar, revezando-se para golpear a madeira.

Mesmo com a ferramenta, derrubar a porta foi uma tarefa difícil. Raoden cansou depois de alguns poucos golpes, e cada um deles mal parecia atingir a madeira. No final conseguiram soltar uma tábua e – estimulados pela vitória – abriram um buraco grande o suficiente para que pudessem passar.

A vista valeu o esforço. Raoden subira no topo da muralha de Elantris dezenas de vezes, mas nunca a visão de Kae lhe parecera tão doce. A cidade estava tranquila; aparentemente seus medos de invasão eram prematuros. Sorrindo, Raoden desfrutou a sensação de missão cumprida. Sentia como se tivesse escalado uma montanha, não

uma simples escadaria. As muralhas de Elantris estavam novamente nas mãos daqueles que a criaram.

– Conseguimos – Raoden disse, descansando contra o parapeito.

– Demoramos bastante – Galladon observou, colocando-se ao lado do amigo.

– Apenas algumas horas – Raoden disse, despreocupado, a agonia do trabalho fora esquecida pela alegria da vitória.

– Não estava falando de cortar a madeira. Estou tentando trazê-lo aqui há três dias.

– Estive ocupado.

Galladon bufou, murmurando algo entredentes.

– O que foi?

– Eu disse: "Um ferrin de duas cabeças jamais deixaria seu ninho".

Raoden sorriu; conhecia o provérbio jindonês. Os ferrins eram pássaros falantes, e podiam ser ouvidos com frequência gritando uns para os outros nos pântanos jindoneses. O ditado fazia referência a uma pessoa que encontrara um novo passatempo. Ou um novo romance.

– Ah, vamos – Raoden disse, olhando Galladon. – Não estou tão mal.

– Sule, a única vez nos últimos três dias em que vi vocês separados foi quando um dos dois foi ao toalete. Ela estaria aqui agora se eu não o tivesse agarrado enquanto ninguém estava olhando.

– Bem – Raoden disse, na defensiva – ela *é* minha esposa.

– E pretende informá-la sobre esse fato?

– Talvez – Raoden disse, despreocupado. – Não quero que ela sinta qualquer obrigação.

– Não, é claro que não.

– Galladon, meu amigo – Raoden disse, completamente sereno com os comentários do dula – seu povo ficaria mortificado em saber o quão pouco romântico você é.

Duladel era uma fonte conhecida de romances melodramáticos e amores proibidos.

Galladon bufou em resposta, mostrando o que pensava da habitual inclinação romântica dula. Virou-se e contemplou a cidade de Kae.

– Bem, sule, estamos aqui. O que faremos agora?

– Não sei – Raoden confessou. – Foi você quem me obrigou a subir.

– Sim, mas foi *sua* ideia buscar uma escada em primeiro lugar.

Raoden assentiu, lembrando da breve conversa que tiveram três dias antes. *Já passou tanto tempo assim?*, perguntou-se. Mal notara. Talvez estivesse passando tempo demais com Sarene. Mas não se sentia nem um pouco culpado.

– Ali – Galladon falou, apertando os olhos e apontando para a cidade.

– O quê? – Raoden disse, seguindo o gesto do dula.

– Vejo uma bandeira – Galladon respondeu. – Nossos guardas perdidos.

Raoden apenas distinguiu uma sugestão de vermelho a distância – um estandarte.

– Tem certeza?

– Positivo – Galladon assegurou.

Raoden apertou os olhos, reconhecendo o edifício sobre o qual o estandarte tremulava ao vento.

– Aquela é a mansão do duque Telrii. O que a Guarda da Cidade de Elantris pode estar fazendo ali?

– Talvez esteja preso – Galladon sugeriu.

– Não – Raoden disse. – A Guarda não é uma força policial.

– Por que deixaria as muralhas, então? – Galladon perguntou.

Raoden balançou a cabeça.

– Não tenho certeza. Mas algo está muito errado.

***

Raoden e Galladon desceram as escadas, imersos em seus pensamentos.

Havia um jeito de descobrir o que estava acontecendo. Sarene era a única elantrina jogada na cidade desde o desaparecimento da Guarda. Apenas ela poderia explicar o atual clima político da cidade.

Sarene, no entanto, ainda resistia em falar sobre o mundo exterior. Algo nos últimos dias antes de seu exílio devia ter sido extremamente doloroso. Sentindo sua dor, Raoden evitara bisbilhotar; não queria correr o risco de perdê-la. A verdade era que realmente gostava de estar com Sarene. A ironia dela o fazia sorrir, sua inteligência o intrigava e sua personalidade o encorajava. Depois de dez anos lidando com mulheres cujo único pensamento era o quão bonitas pareciam em seus vestidos – um estado de estupidez forçada, liderado por sua própria madrasta fraca de vontade –, Raoden estava preparado para uma mulher que não se acovardava ao primeiro sinal de conflito. Uma mulher tal como se lembrava de sua mãe, antes de morrer.

Contudo, aquela mesma personalidade obstinada era o que o impedia de saber sobre o mundo exterior. Nenhuma persuasão sutil, ou mesmo manipulação direta, tiraria um único fato indesejado da boca de Sarene. Ele não podia se permitir ser delicado por mais tempo, no entanto. As estranhas ações da Guarda eram preocupantes – qualquer mudança de poder poderia ser extremamente perigosa para Elantris.

Chegaram ao pé da escada e se dirigiram para o centro da cidade. A caminhada era relativamente longa, mas passou com rapidez, enquanto Raoden refletia sobre o que haviam visto. Apesar da queda de Elantris, Arelon passara os últimos dez anos

em relativa paz – pelo menos no âmbito nacional. Com um aliado ao sul, a armada de Teod patrulhando o oceano ao norte e as montanhas a leste, mesmo uma enfraquecida Arelon enfrentara poucos perigos externos. Internamente, Iadon mantivera mão forte sobre o poderio militar, encorajando os nobres em direção às disputas políticas, em vez de aventuras militaristas.

Raoden sabia que a paz não duraria muito tempo, mesmo que seu pai se recusasse a ver este fato. A decisão do príncipe de se casar com Sarene fora grandemente influenciada pela oportunidade de conseguir um tratado formal com Teod – dando a Arelon pelo menos acesso parcial à armada teodena. Os arelenos não estavam acostumados à batalha; séculos de proteção elantrina os criaram para o pacifismo. O atual Wyrn seria um tolo se não atacasse logo. Tudo o que precisava era de uma oportunidade.

Lutas internas proporcionariam essa oportunidade. Se a Guarda havia decidido trair o rei, o conflito civil poderia atirar Arelon no caos novamente, e os fjordênicos eram famosos por se aproveitar de acontecimentos como esses. Raoden tinha que descobrir o que estava acontecendo além das muralhas.

Depois de um tempo, ele e Galladon chegaram ao seu destino. Não em Nova Elantris, mas no edifício quadrado e pouco chamativo que conduzia ao lugar sagrado. Galladon não dissera uma palavra quando descobriu que Raoden havia levado Sarene à biblioteca; o dula, na verdade, olhara como se esperasse que isso acontecesse.

Momentos mais tarde, Raoden e Galladon entraram na biblioteca subterrânea. Apenas algumas lamparinas estavam acesas nas paredes – um esforço para economizar combustível –, mas Raoden distinguiu claramente a silhueta de Sarene sentada em um dos cubículos do fundo, inclinada sobre um livro, do mesmo jeito que a deixara.

Conforme se aproximavam, o rosto dela se tornava mais nítido, e Raoden não pôde deixar de admirar sua beleza. A pele manchada de negro de um elantrino era prosaica para ele agora; mal a notava. Na verdade, o corpo de Sarene parecia se adaptar incrivelmente bem à Shaod. Em geral, mais sinais de degeneração eram visíveis depois de alguns dias – rugas e vincos apareciam na pele, a cor de carne do resto do corpo se tornava cinza claro. Sarene não mostrava nada daquilo – sua pele era tão lisa e resplandecente quanto no dia de sua chegada a Elantris.

Ela afirmava que suas feridas não continuavam doendo como deveriam – embora Raoden tivesse certeza de que isso era só porque ela não vivera fora de Nova Elantris. Muitos dos recém-chegados mais recentes nunca haviam experimentado o pior da dor elantrina, o trabalho e a atmosfera positiva evitavam que se concentrassem em suas feridas. A fome não a atingira tampouco – mas, novamente, tinha a sorte de ter chegado em uma época em que todos tinham a oportunidade de

comer pelo menos uma vez por dia. Os suprimentos deles não durariam mais do que um mês, mas não havia razão para estocar. A fome não era mortal para Elantris, apenas desconfortável.

O mais bonito eram seus olhos – o modo como ela estudava tudo com interesse. Sarene não olhava apenas, examinava. Quando falava, havia pensamento por trás de suas palavras. Aquela inteligência era o que Raoden achava mais atraente na princesa teodena.

Ela levantou o olhar quando se aproximaram, se via um sorriso excitado em seu rosto.

– Espírito! *Nunca* vai adivinhar o que encontrei.

– Está certa – Raoden confessou com um sorriso, incerto sobre como abordar o assunto da informação sobre o exterior. – Portanto, pode me dizer.

Sarene ergueu o livro, mostrando a lombada que dizia *Enciclopédia e mitos políticos de Seor*. Embora Raoden tivesse mostrado a biblioteca para Sarene em uma tentativa de fazê-la se interessar pelo AonDor, ela deixara seu estudo de lado assim que percebeu que havia toda uma estante de livros sobre teoria política. Parte do motivo para sua mudança de interesse provavelmente tinha a ver com seu aborrecimento com o AonDor. Ela não conseguia desenhar aons no ar; sequer conseguia que as linhas aparecessem atrás de seus dedos. Raoden ficara perplexo no início, mas Galladon explicou que isso não era incomum. Mesmo antes do Reod, alguns elantrinos levavam anos para aprender o AonDor; se alguém começasse uma primeira linha com a inclinação inadequada, nada aparecia. O êxito imediato de Raoden era um tanto quanto extraordinário.

Sarene, no entanto, não via assim. Era do tipo que se incomodava quando demorava mais do que os outros para aprender alguma coisa. Afirmava que estava desenhando os aons perfeitamente – e, na verdade, Raoden não conseguia ver nenhum defeito nas formas que ela fazia. Mesmo assim, os caracteres se recusavam a aparecer – e nenhuma indignação principesca podia convencê-los a se comportarem.

Então Sarene voltara seu interesse para as obras políticas – ainda que Raoden imaginasse que acabaria nelas de qualquer modo. Era interessada no AonDor, mas fascinada pela política. Cada vez que Raoden ia à biblioteca para praticar aons ou estudar, Sarene pegava um volume de algum antigo historiador ou gênio diplomático e começava a ler em um canto.

– ... é incrível. Nunca tinha lido nada que rebatesse tão solidamente a retórica e a manipulação fjordênica.

Raoden balançou a cabeça, percebendo que simplesmente a estivera encarando, desfrutando de suas feições, em vez de prestar atenção em suas palavras. Ela estava dizendo algo sobre o livro – sobre como expunha as mentiras políticas fjordênicas.

– Todo governo mente em algum momento, Sarene – ele disse quando ela fez uma pausa.

– É verdade – ela disse, folheando o livro. – Mas não com tamanha magnitude..., pelos últimos trezentos anos, desde que Fjorden adotou a religião derethi, os Wyrns vêm alterando descaradamente as histórias e a literatura de seu próprio país, para que pareça que o império *sempre* foi uma manifestação do propósito divino. Olhe isto – ela levantou o livro novamente, desta vez mostrando uma página de versos.

– O que é isso?

– *Wyrn, o Rei*..., o poema completo, com três mil versos.

– Já li isso – Raoden comentou. Dizia-se que *Wyrn* era o mais antigo registro de literatura; mais velho, inclusive, do que o *Do-Kando*, o livro sagrado do qual procediam o Shu-Keseg e, depois, o Shu-Dereth e o Shu-Korath.

– Você pode ter lido *uma* versão de *Wyrn, o Rei* – Sarene disse, negando com a cabeça. – Mas não esta. As versões modernas do poema fazem referência a Jaddeth de um modo quase derethi. A versão neste livro mostra que os sacerdotes reescreveram a literatura a partir do original, para que parecesse que Wyrn era derethi, mesmo que tenha vivido muito antes da fundação do Shu-Dereth. Aqui no original, Jaddeth, ou pelo menos o deus com o mesmo nome daquele que o Shu-Dereth adotou, era um deus relativamente pouco importante, que cuidava das rochas, sob a terra. Depois que Fjorden se tornou um estado religioso, o maior rei de sua história não podia parecer pagão. Então os sacerdotes foram lá e reescreveram todos os poemas. Não sei onde este tal de Seor conseguiu uma versão original do *Wyrn*, mas, se fosse publicada, seria uma grande fonte de embaraço para Fjorden. – seus olhos brilharam maliciosamente.

Raoden suspirou, se aproximou e se agachou perto da mesa de Sarene, olhando-a nos olhos. Em outro momento, nada o agradaria mais do que se sentar e escutá-la. Infelizmente, tinha coisas mais urgentes em mente.

– Tudo bem – ela disse, apertando os olhos enquanto soltava o livro. – O que foi? Sou tão entediante assim?

– Nem um pouco – Raoden disse. – É só o momento errado. Veja bem... Galladon e eu acabamos de subir no alto da muralha da cidade.

O rosto dela ficou perplexo.

– E?

– Encontramos a Guarda da Cidade de Elantris cercando a mansão do duque Telrii – Raoden disse. – Esperávamos que pudesse nos dizer por quê. Sei que está hesitante em falar sobre o mundo exterior, mas estou preocupado. Preciso saber o que está acontecendo.

Sarene apoiou um braço na mesa, a mão erguida, batendo na bochecha com o indicador, como fazia com frequência quando estava pensando.

– Tudo bem – disse finalmente, com um suspiro. – Acho que não estou sendo justa. Não queria preocupar vocês com os acontecimentos lá de fora.

– Alguns dos outros elantrinos podem parecer desinteressados, Sarene – Raoden disse –, mas é só porque sabem que não podemos mudar o que está acontecendo em Kae. Eu prefiro saber as coisas do mundo exterior, no entanto. Mesmo que esteja um pouco hesitante em nos falar sobre elas.

Sarene assentiu.

– Tudo bem, posso falar sobre isso agora. Acho que a parte importante começa quando destronei o rei Iadon, que foi, é claro, o motivo pelo qual ele se enforcou.

Raoden sentou-se com um baque, arregalando os olhos.

Enquanto falava, Sarene se preocupava com o que Espírito lhe dissera. Sem ela, os outros não tinham direito legítimo ao trono. Até Roial estava de mãos atadas; eles poderiam apenas testemunhar indefesos enquanto Telrii solidificava seu controle sobre a nobreza. Esperava receber notícias sobre a coroação de Telrii no final do dia.

Levou alguns instantes para que se desse conta da expressão de absoluta incredulidade que seu comentário causara em Espírito. Ele caíra sentado em uma das cadeiras da sala, com os olhos arregalados. Sarene se repreendeu por sua falta de tato; era, no final das contas, sobre o rei de Espírito que estava falando. Tanta coisa acontecera na corte nos últimos dias que perdera a sensibilidade.

– Sinto muito – Sarene falou. – Isso foi um pouco brusco, não é?

– Iadon está morto? – Espírito perguntou em voz baixa.

Sarene assentiu.

– Acontece que ele estava envolvido com os Mistérios Jeskeri. Quando isso veio à tona, ele se enforcou em vez de encarar a vergonha. – Não explicou seu papel nos acontecimentos; não precisava complicar mais as coisas.

– Jeskeri? – Espírito repetiu, então seu rosto ficou sombrio e rangeu os dentes. – Sempre achei que fosse um tolo, mas... Até onde chegou... seu envolvimento?

– Estava sacrificando cozinheiras e criadas – Sarene disse, sentindo-se enjoada. Havia um motivo pelo qual tinha evitado falar sobre essas coisas.

Espírito aparentemente percebeu sua palidez.

– Sinto muito.

– Está tudo bem – Sarene disse. No entanto, sabia que não importava o que mais acontecesse, não importava aonde fosse em sua vida, a visão sombria do sacrifício de Iadon sempre se esconderia em sua mente.

– Telrii é rei, então? – Espírito perguntou.

– Em breve – Sarene respondeu. – Pode ser que já esteja coroado.

Espírito balançou a cabeça.

– E o duque Roial? É mais rico e mais respeitado. Tinha que ter ocupado o trono.

– Já não é o mais rico – Sarene explicou. – Fjorden está complementando os ganhos de Telrii. É um simpatizante derethi, e temo que isso venha aumentando sua posição social.

Espírito franziu o cenho.

– Ser simpatizante derethi torna alguém popular? Perdi muitas coisas, não é?

– Quanto tempo está aqui?

– Um ano – Espírito respondeu sem cerimônias. Aquilo combinava com o que alguns dos outros novos elantrinos haviam contado para ela. Ninguém tinha certeza de quanto tempo Espírito estava na cidade, mas todos imaginavam que pelo menos um ano. Ele tomara o controle das gangues rivais nas últimas semanas, mas não era o tipo de coisa que uma pessoa conseguisse sem muito planejamento e trabalho.

– Acho que isso responde como Telrii conseguiu o apoio da Guarda – Espírito murmurou. – Sempre foi muito ansioso em apoiar o mais popular no momento.

Sarene assentiu.

– Foram transferidos para a mansão do duque um pouco antes de me jogarem aqui.

– Muito bem – Espírito falou. – Você deve começar do princípio; preciso do máximo de informação que consiga me dar.

Então ela explicou. Começou com a queda da república dula e a crescente ameaça fjordênica. Contou sobre seu noivado com o príncipe Raoden, e as incursões derethi em Arelon. Conforme falava, se deu conta de que Espírito compreendia o clima político de Arelon com mais clareza do que ela julgava ser possível. Ele rapidamente captou as implicações da declaração póstuma de Iadon. Sabia muito sobre Fjorden, embora não tivesse conhecimento exato do quão perigosos seus sacerdotes podiam ser; estava mais preocupado com os soldados controlados por Wyrn.

O mais impressionante era seu entendimento sobre os vários lordes e nobres de Arelon. Sarene não precisava lhe explicar as personalidades e temperamentos deles; Espírito já os conhecia. De fato, parecia compreendê-los melhor do que a própria Sarene. Quando ela o questionou sobre esse fato, simplesmente explicou que em Arelon era vital conhecer cada nobre com título de barão ou superior. Muitas vezes o único meio de um nobre menor melhorar de posição era fazendo acordos e contratos com os aristocratas mais ricos, pois eles controlavam os mercados.

Uma única coisa além da morte do rei o surpreendeu.

– Você ia se *casar* com Roial? – ele perguntou, incrédulo.

Sarene sorriu.

– Tampouco posso acreditar..., o plano foi concebido muito rapidamente.

– Roial? – Espírito perguntou novamente. – O velho malandro! Deve ter gostado imensamente de sugerir *essa* ideia.

– Acho o duque um cavalheiro inquestionável – Sarene disse.

Espírito a olhou com uma expressão que significava “Eu achava que você era melhor julgando as pessoas”.

– Além disso – ela prosseguiu – ele não sugeriu. Foi Shuden.

– Shuden? – Espírito perguntou. Então, depois de pensar um momento, assentiu. – Sim, parece o tipo de conexão que ele faria, embora não consiga vê-lo mencionar a

palavra “casamento”. Só o conceito de matrimônio o assusta.

– Não mais – Sarene afirmou. – Ele e a filha de Ahan estão ficando muito íntimos.

– Shuden e Torena? – Espírito perguntou, ainda mais desconcertado. Então encarou Sarene, estreitando os olhos. – Espere um momento... Como você ia se casar com Roial? Achei que já era casada.

– Com um morto – Sarene bufou.

– Mas seu contrato nupcial dizia que nunca poderia se casar novamente.

– Como sabe disso? – Sarene perguntou, desconfiada.

– Você me disse há alguns minutos.

– Não, não disse.

– Claro que disse. Não disse, Galladon?

O grande dula, que estava folheando o livro de política de Sarene, nem se deu ao trabalho de olhar para eles.

– Não olhe para mim, sule. Não vou me meter nisso.

– De qualquer modo – Espírito falou, dando as costas para o amigo. – Como ia se casar com Roial?

– Por que não? – Sarene perguntou. – Nunca conheci este tal de Raoden. Todos dizem que era um ótimo príncipe, mas o que devo a ele? Meu contrato com Arelon se dissolveu quando Iadon morreu; a única razão pela qual fiz o acordo, antes de mais nada, foi para conseguir um elo entre Arelon e minha terra natal. Por que deveria honrar um contrato com um morto quando poderia firmar um mais promissor com o futuro rei de Arelon?

– Então você concordou em se casar com o príncipe por política. – O tom de voz dele pareceu magoado por algum motivo, como se o relacionamento dela com o príncipe herdeiro de Arelon refletisse diretamente em sua aristocracia.

– É claro – Sarene confirmou. – Sou uma criatura política, Espírito. Fiz o melhor para Teod, e pela mesma razão ia me casar com Roial.

Ele assentiu, ainda parecendo um pouco melancólico.

– Então, eu estava na sala do trono, pronta para me casar com o duque – Sarene prosseguiu, ignorando o melindre de Espírito. Que direito ele tinha de questionar os motivos dela? – E foi exatamente quando a Shaod me alcançou.

– Bem aí? – Espírito perguntou. – Aconteceu no seu casamento?

Sarene assentiu, repentinamente se sentindo muito insegura. Parecia que cada vez que estava prestes a encontrar alguém que ia aceitá-la, algo desastroso a afastava novamente.

Galladon fez uma careta.

– Bem, agora sabemos por que ela não queria falar sobre o assunto. Kolo?

A mão de Espírito encontrou o ombro de Sarene.

– Sinto muito.

– Já passou – Sarene disse, balançando a cabeça. – Precisamos nos preocupar com a coroação de Telrii. Com Fjorden apoiando-o...

– Podemos nos preocupar com Telrii, mas duvido que haja algo que possamos fazer. Se pelo menos tivéssemos um contato com o mundo exterior!

Repentinamente envergonhada, os olhos de Sarene se dirigiram ao lugar onde Ashe se escondia na escuridão, o aon quase invisível.

– Pode haver um meio – ela admitiu.

Espírito olhou para cima quando Sarene fez um sinal para Ashe. O seon começou a brilhar, a luz do aon se expandiu até criar uma bola luminescente ao redor dele. Enquanto Ashe flutuava sobre a mesa, Sarene deu um olhar envergonhado para Espírito.

– Um seon? – ele disse, admirado.

– Não está bravo comigo por tê-lo escondido? – Sarene perguntou.

Espírito riu.

– Com toda a honestidade, Sarene, esperava que tivesse alguns segredos, mesmo que fosse apenas pelo motivo de tê-los.

Sarene corou levemente com o astuto comentário.

– Ashe, vá até Kiin e os demais. Quero saber o momento em que Telrii se proclama rei.

– Sim, minha senhora – Ashe disse, partindo.

Raoden ficou em silêncio. Não fez nenhum comentário sobre a inexplicável falta de loucura da Shaod do seon. Mas é claro que Espírito não podia saber que Ashe era o seon de Sarene.

Esperaram em silêncio, e Sarene não interrompeu os pensamentos de Espírito. Dera-lhe uma massa esmagadora de informações, e podia ver a mente dele processando-as por detrás de seus olhos.

Ele também escondia coisas dela. Não que ela desconfiasse dele. Quaisquer que fossem seus segredos, Espírito provavelmente achava que tinha uma boa razão para mantê-los. Ela estava tempo demais envolvida com política para considerar segredos uma ofensa pessoal.

Isso não significava, é claro, que não iria tentar averiguar o que conseguisse. Até agora, Ashe não fora capaz de descobrir nada sobre um segundo filho do governante da Colônia Ien, mas o seon estava muito restrito em seus movimentos. Ela permitira que ele se revelasse apenas para Kiin e os outros; Sarene não sabia por que Ashe havia sobrevivido enquanto os outros seons não, mas não queria perder nenhuma vantagem potencial que a existência dele podia lhe dar.

Aparentemente percebendo que não iriam a lugar algum tão cedo, o dula Galladon deu a volta em uma das cadeiras e se sentou. Então fechou os olhos e adormeceu. Ele podia ser estranhamente pessimista, mas ainda era um dula. Dizia-se que seu

povo era tão tranquilo que podia dormir em qualquer posição e em qualquer momento.

Sarene olhou o grandalhão. Galladon não parecia gostar dela. Mas era tão determinadamente mal-humorado que ela não podia afirmar. Ele parecia um poço de sabedoria algumas vezes, mas em outras áreas era completamente ignorante – e totalmente despreocupado com isso. Parecia levar tudo na esportiva, mas ao mesmo reclamava de tudo.

Quando Ashe retornou, Sarene tinha voltado a sua atenção para o livro sobre mitos políticos. O seon teve que fazer um som como se pigarreasse para que ela percebesse que estava ali. Espírito levantou a cabeça também, embora o dula continuasse roncando até que seu amigo lhe deu uma cotovelada no estômago. Então três pares de olhos se voltaram para Ashe.

– Bem? – Sarene perguntou.

– Está feito, minha senhora – o seon a informou. – Telrii é rei.

Hrathen estava parado sob a luz da lua no alto da muralha da cidade de Elantris, estudando o buraco com curiosidade. Uma das barreiras que bloqueavam as escadas estava quebrada, as tábuas soltas. O buraco era surpreendentemente similar ao que poderia ter sido feito por roedores – roedores elantrinos, tentando escapar de seu ninho. Essa era uma das áreas da muralha mantida limpa pela Guarda, e algumas pegadas de lodo na escada eram a prova de que aqueles de baixo haviam subido a muralha várias vezes.

Hrathen se afastou da escada. Era provavelmente o único que sabia sobre o buraco; Elantris era agora vigiada por apenas dois ou três guardas, e eles raramente – ou nunca – patrulhavam as ameias. Por enquanto não contaria aos guardas sobre o buraco. Não se importava que os elantrinos escapassem da cidade. Não seriam capazes de ir a nenhum lugar; sua aparência os delatava. Além disso, não queria incomodar as pessoas com preocupações sobre Elantris; queria que permanecessem concentradas em seu novo rei, e nas alianças que este anunciaria em breve.

Continuou andando, com Elantris à direita, Kae à esquerda. Uma pequena concentração de luzes brilhava na escuridão da noite – o palácio real, agora lar de Telrii. A nobreza arelena, ansiosa por demonstrar sua devoção ao novo rei, comparecia em massa à cerimônia de coroação – cada homem competia para provar sua lealdade. O pomposo ex-duque estava obviamente gostando de tanta atenção.

Hrathen continuou sua caminhada pela noite tranquila, seus passos ressoavam contra as pedras. A coroação de Telrii ocorrera como esperado. O ex-duque, agora rei, era um homem fácil de entender, e homens que podiam ser entendidos podiam ser manipulados. Que se divertisse por enquanto. Na manhã seguinte, chegaria a hora de pagar suas dívidas.

Telrii sem dúvida exigiria mais dinheiro de Hrathen antes de se unir ao Shu-Dereth. Telrii se acharia esperto, supondo que a coroa lhe daria mais influência sobre Fjorden. Hrathen, é claro, fingiria indignação pelas exigências financeiras, compreendendo todo o tempo o que Telrii não era capaz de entender. Poder não era riqueza, mas controle – o dinheiro era sem valor diante de um homem que se negava a ser comprado. O rei nunca entenderia que os wyrnes que exigia não lhe trariam poder, mas em vez disso o colocariam sob o poder de outro. Enquanto se empanturrava de moedas, Arelon escaparia por entre seus dedos.

Hrathen balançou a cabeça, sentindo-se levemente culpado. Usava Telrii porque o rei em si se tornara uma ferramenta maravilhosa. Contudo, não havia conversão no coração de Telrii – nenhuma aceitação verdadeira de Jaddeth ou de Seu Império. As

promessas de Telrii seriam tão vazias quanto o poder de seu trono. E, ainda assim, Hrathen o usaria. Era lógico, e como Hrathen viera a entender, a força de sua fé estava na lógica. Telrii podia não acreditar, mas seus filhos – educados na fé derethi – acreditariam. A conversão falsa de um homem produziria a salvação de um reino.

Enquanto caminhava, Hrathen sentia os olhos constantemente atraídos pelas ruas escuras de Elantris. Tentava focar seus pensamentos em Telrii e na iminente conquista de Arelon, mas outro assunto assaltava sua mente.

A contragosto, Hrathen admitia para si mesmo que havia querido caminhar pela muralha de Elantris naquela noite por mais de uma razão. Estava preocupado com a princesa. A emoção o incomodava, é claro, mas não negava o que sentia. Sarene havia sido uma maravilhosa oponente, e ele sabia o quão perigosa Elantris podia ser. Estava consciente disso quando deu a ordem de envenená-la, determinando que o risco valia a pena. Depois de três dias, no entanto, sua resolução começava a vacilar. Necessitava que ela vivesse por mais de um motivo.

Então, Hrathen observava as ruas desejando vê-la lá embaixo e consolar sua consciência dizendo a si mesmo que ela estava ilesa. É claro que não viu nada do tipo; de fato, não parecia ter nenhum elantrino nos arredores esta noite. Hrathen não sabia se haviam simplesmente ido para outras partes da cidade, ou se o lugar se tornara tão violento que haviam destruído uns aos outros. Pelo bem da princesa, esperava que a segunda opção não fosse a certa.

– Você é o gyorn Hrathen – uma súbita voz falou.

Hrathen se virou, procurando o homem que se aproximara sem ser visto ou ouvido. Um seon pairava diante dele, brilhando vibrantemente na escuridão. Hrathen apertou os olhos, lendo o aon em seu centro. Dio.

– Sou – Hrathen disse, cauteloso.

– Venho da parte de meu mestre, rei Eventeo de Teod – o seon disse, com voz melodiosa. – Ele deseja falar com você.

Hrathen sorriu. Havia se perguntado quanto tempo levaria até que Eventeo tentasse contatá-lo.

– Estou ansioso para ouvir o que Sua Majestade tem a dizer.

O seon pulsou enquanto sua luz se condensava, esboçando o rosto de um homem com cara redonda e papada.

– Vossa Majestade – Hrathen disse com um aceno leve de cabeça. – Como posso servi-lo?

– Não há necessidade de cortesias inúteis, gyorn – Eventeo falou terminantemente. – Sabe o que quero.

– Sua filha.

O rei assentiu.

– Sei que, de algum modo, você tem poder sobre essa doença. O que seria

necessário para que curasse Sarene?

– Não tenho nenhum poder eu mesmo – Hrathen disse, com humildade. – Foi meu Senhor Jaddeth quem realizou a cura.

O rei fez uma pausa.

– Então, o que seria necessário para que seu Jaddeth curasse minha filha?

– O Senhor poderia ser persuadido se Lhe desse algum tipo de encorajamento – Hrathen falou. – Os infiéis não recebem milagres, Vossa Majestade.

O rei Eventeo abaixou lentamente a cabeça – ele obviamente sabia o que Hrathen exigia. Devia amar muito sua filha.

– Será como diz, sacerdote – Eventeo prometeu. – Se minha filha sair em segurança desta cidade, eu me converterei ao Shu-Dereth. Sabia que isso aconteceria de qualquer maneira.

Hrathen sorriu abertamente.

– Verei se posso encorajar o Senhor Jaddeth a devolver a princesa, Vossa Majestade.

Eventeo assentiu. Seu rosto era o de um homem derrotado. O seon encerrou contato e saiu flutuando sem outra palavra.

Hrathen sorriu, a peça final de seu plano se encaixando. Eventeo tomara uma decisão sábia. Dessa maneira, pelo menos, conseguia exigir algo em troca de sua conversão – mesmo que fosse algo que teria recebido de qualquer maneira.

O gyorn contemplou Elantris, mais ansioso do que nunca de que Sarene voltasse para ele ilesa. Começava a parecer que nos próximos meses seria capaz de entregar a Wyrn não uma nação pagã, mas duas.

Houve ocasiões em que Raoden desejou a morte de seu pai. O príncipe vira o sofrimento do povo, e sabia que o rei era o culpado. Iadon provara ser falso em seu êxito e implacável em sua determinação de esmagar os outros. Ficara satisfeito em ver os nobres brigarem enquanto seu reino desmoronava. Arelon ficaria melhor sem o rei Iadon.

Mesmo assim, quando as notícias da morte de seu pai chegaram, Raoden descobriu que suas emoções eram traiçoeiras. Seu coração queria esquecer o Iadon dos últimos cinco anos, e se lembrar do Iadon de sua infância. Seu pai fora o mercador de mais sucesso em toda Arelon – respeitado por seus conterrâneos e amado por seu filho. Parecia um homem honrado e forte. Parte de Raoden sempre seria este menino que via o pai como o maior de todos os heróis.

Duas coisas o ajudaram a esquecer a dor da perda – Sarene e os aons. Quando não estava com um, estava com os outros. Nova Elantris já funcionava por conta própria; as pessoas encontravam seus próprios projetos para se manterem ocupadas, e raramente havia disputas que exigiam sua atenção. Então, ele ia para a biblioteca com frequência, desenhando aons enquanto Sarene estudava.

– Surpreendentemente, há pouca informação sobre a Fjorden moderna – Sarene disse, espiando as folhas de um livro tão grande que quase precisara da ajuda de Raoden para carregá-lo.

– Talvez ainda não tenha encontrado o livro certo – Raoden disse enquanto traçava o Aon Ehe. Ela estava sentada na mesa de sempre, com uma pilha de livros na cadeira ao lado, e ele em pé, de costas para a parede, praticando uma nova série de modificadores de aons.

– Talvez – Sarene respondeu, pouco convencida. – Tudo aqui parece ser sobre o Antigo Império; apenas aquele livro de reconstrução histórica menciona a Fjorden dos últimos cem anos. Eu imaginava que os elantrinos tivessem estudado outras religiões com atenção, ainda que fosse só para saber o que enfrentavam.

– Pelo que vejo, os elantrinos não se importavam na realidade com competição – Raoden disse. Enquanto falava, seu dedo deslizou levemente, rompendo a linha. O aon permaneceu no ar por um momento e depois desvaneceu, seu erro invalidou toda a construção. Suspirou antes de prosseguir sua explanação. – Os elantrinos imaginavam que eram tão obviamente superiores a tudo mais que não precisavam se preocupar com outras religiões. A maioria deles nem se importava se eles eram venerados ou não.

Sarene ponderou o comentário, então olhou novamente para o livro, afastando o

prato vazio da sua cota de comida da tarde. Raoden não lhe dissera que aumentava a porção dela – assim como fazia com cada recém-chegado durante a primeira semana. Aprendera com a experiência que reduções graduais de comida ajudavam a mente a se acostumar com a fome.

Começou a desenhar novamente, mas depois de um momento, a porta da biblioteca se abriu.

– Ele ainda está lá em cima? – Raoden perguntou quando Galladon entrou.

– Kolo – o dula respondeu. – Ainda berrando para seu deus.

– Você quer dizer "rezando".

Galladon deu de ombros, e se aproximou para se sentar perto de Sarene.

– Se supõe que um deus seja capaz de ouvi-lo não importa o quão baixo alguém fale.

Sarene ergueu os olhos do livro.

– Estão falando sobre o gyorn?

Raoden assentiu.

– Está no alto da muralha, em cima dos portões, desde esta manhã. Aparentemente, está pedindo que seu deus nos cure.

Sarene se sobressaltou.

– Que nos *cure*?

– Algo assim – Raoden confirmou. – Não podemos ouvi-lo muito bem.

– Curar Elantris? Isso é uma mudança. – Seus olhos ficaram desconfiados.

Raoden deu de ombros, continuando a desenhar. Galladon selecionou um livro sobre agricultura e começou procurar algo nele. Fazia uns dias que tentava idealizar um método de irrigação que funcionasse em suas circunstâncias particulares.

Alguns momentos mais tarde, quando estava quase completando o aon e seus modificadores, Raoden percebeu que Sarene havia abaixado seu livro e o observava com interesse. O escrutínio o fez errar novamente, e o aon desapareceu antes que percebesse o que tinha feito. Ela continuou olhando para ele quando levantou a mão para recomeçar o Aon Ehe.

– O que foi? – ele perguntou por fim. Seus dedos desenharam instintivamente os três primeiros traços: a linha superior, a linha lateral e o ponto no centro que eram o início de todo aon.

– Você está desenhando o mesmo aon há mais de uma hora – ela observou.

– Quero fazê-lo corretamente.

– Mas você fez pelo menos uma dúzia de vezes seguida.

Raoden deu de ombros.

– Me ajuda a pensar.

– Em quê? – ela perguntou, curiosa, aparentemente cansada do Antigo Império por algum tempo.

– Ultimamente, sobre o próprio AonDor. Entendo a maior parte da teoria, agora, mas ainda não estou nem perto de descobrir o que bloqueou o dôr. Sinto que os aons mudaram, que os velhos padrões estão levemente errados, mas não consigo nem começar a imaginar o que teria acontecido.

– Talvez haja algo errado com a terra – Sarene disse despreocupada, inclinando a cadeira para trás de modo que suas pernas se levantaram do chão.

– O que quer dizer?

– Bem – Sarene especulou – você diz que os aons e a terra estão ligados. Embora até eu pudesse ter dito isso para você.

– Ah? – Raoden perguntou, sorrindo enquanto desenhava. – Sua formação como princesa incluía algumas lições secretas de magia elantrina?

– Não – Sarene respondeu, jogando a cabeça dramaticamente. – Mas incluía formação em aons. "Para começar cada aon, faça um desenho de Arelon". Aprendi quando era pequena.

Raoden se deteve, mantendo a mão parada no meio do desenho.

– Diga novamente.

– Como? – Sarene perguntou. – Ah, era só um artifício bobo que meu professor usava para me fazer prestar atenção. Vê? Cada aon começa do mesmo jeito, com uma linha no alto, representando a costa, uma linha lateral que parece as montanhas Atad e um ponto no meio que é o lago Alonoe.

Galladon se levantou, aproximando-se para olhar o aon ainda brilhante de Raoden.

– Ela está certa, sule. *Parece* com Arelon. Seus livros não falam nada sobre isso?

– Não – Raoden disse assombrado. – Bem, afirmam que há uma conexão entre os aons e Arelon, mas nunca mencionaram que os caracteres na verdade *representem* a terra. Talvez o conceito seja elementar demais.

Galladon pegou seu livro, desdobrando algo na parte de trás – o mapa de Arelon.

– Continue desenhando, sule. Caso contrário, esse aon vai desaparecer.

Raoden obedeceu, obrigando seu dedo a se colocar em movimento. Galladon ergueu o mapa e Sarene foi para o lado do dula. Contemplaram o brilhante aon através do fino papel.

– Doloken! – Galladon exclamou. – Sule, as proporções são exatamente as mesmas. Até se inclinam do mesmo modo.

Raoden terminou o aon com um último traço. Juntou-se aos outros dois, observando o mapa, e depois encarou Sarene.

– Mas o que está errado, então? As montanhas ainda estão lá, assim como a costa e o lago.

Sarene deu de ombros.

– Não olhe para mim. Você é o especialista. Não consigo nem fazer a primeira linha direito.

Raoden se voltou para o aon. Alguns segundos depois o caractere piscou levemente e desapareceu, seu potencial foi bloqueado por algum motivo inexplicável. Se a hipótese de Sarene era correta, então os aons eram ainda mais intimamente ligados a Arelon do que havia imaginado. O que quer que tenha detido o AonDor, deveria ter afetado a terra também.

Ele se virou, a fim de elogiar Sarene pela dica. Contudo, as palavras ficaram presas em sua garganta. Algo estava errado. As manchas escuras da pele da princesa estavam da cor errada: eram uma mistura de azuis e púrpuras, como hematomas. E pareciam desaparecer diante dos olhos dele.

– Misericordioso Domi! – Raoden exclamou. – Galladon, olhe para ela!

O dula se virou, alarmado, e seu rosto mudou de preocupado para espantado.

– O que foi? – a princesa quis saber, olhando nervosa para eles.

– O que fez, sule? – Galladon perguntou.

– Nada! – Raoden insistiu, olhando para o lugar em que o aon estivera. – Alguma outra coisa deve tê-la curado.

Então ligou os pontos. Sarene nunca fora capaz de desenhar aons. Reclamava de sentir frio, e ainda insistia que seus ferimentos não doíam. Raoden esticou o braço e sentiu o rosto de Sarene. Sua carne estava morna – morna demais, até mesmo para uma nova elantrina cujo corpo ainda não esfriara completamente. Tirou o lenço da cabeça dela com dedos trêmulos, e sentiu o cabelo loiro quase invisível em seu crânio.

– Idos Domi – sussurrou. Então a segurou pela mão e a tirou da biblioteca.

***

– Espírito, não entendo – ela protestou quando entraram no pátio diante dos portões de Elantris.

– Você nunca foi elantrina, Sarene – ele disse. – Era um truque, o mesmo que o gyorn usou para parecer um elantrino. De algum modo, Hrathen fez com que parecesse que você tinha sido alcançada pela Shaod, quando isso não acontecera.

– Mas... – ela objetou.

– Pense, Sarene! – Raoden disse, virando-a para que o encarasse. O gyorn rezava na muralha acima deles, sua alta voz soava distorcida pela distância. – Seu casamento com Roial teria colocado um oponente do Shu-Dereth no trono. Hrathen tinha que deter o matrimônio..., e fez do modo mais embaraçoso que pode imaginar. Você não pertence a este lugar.

Ele a empurrou pelo braço novamente, tentando levá-la até os portões. Ela resistiu, puxando o corpo com força equivalente.

– Não vou embora.

Raoden se virou, surpreso.

– Mas você tem que ir... aqui é *Elantris*, Sarene. Ninguém *quer* estar aqui.

– Não me importo – ela insistiu, a voz desafiante e firme. – Vou ficar.

– Arelon precisa de você.

– Arelon ficará melhor sem mim. Se eu não tivesse interferido, Iadon ainda estaria vivo, e Telrii não estaria no trono.

Raoden ficou em silêncio. Queria que ela ficasse – ansiava que ficasse. Mas faria o que tivesse que fazer para tirá-la de Elantris. A cidade era a morte.

Os portões estavam se abrindo; o gyorn reconhecera sua presa.

Sarene encarou Raoden com os olhos arregalados, a mão estendida na direção dele. As manchas estavam quase desaparecidas agora. Estava linda.

– Acha que podemos nos dar ao luxo de alimentá-la, princesa? – Raoden disse, tentando falar com dureza. – Acha que desperdiçaremos comida com uma mulher que não é uma de nós?

– Isso não vai funcionar, Espírito – Sarene replicou. – Posso ver a verdade em seus olhos.

– Então acredite nesta verdade – Raoden disse. – Mesmo com racionamento severo, Nova Elantris tem comida suficiente só para mais algumas semanas. Estamos cultivando, mas serão necessários meses até que possamos colher. Durante esse tempo, passaremos fome. Todos nós, homens, mulheres e crianças. Vamos morrer de fome, a menos que alguém de fora nos traga mais suprimentos.

Ela hesitou, então se pôs nos braços dele, apertando-o contra seu peito.

– Maldito seja – sussurrou. – Que Domi o amaldiçoe.

– Arelon precisa de você, Sarene – ele sussurrou de volta. – Se o que diz está certo, e há um simpatizante fjordênico no trono, não resta muito tempo para Elantris. Sabe o que os sacerdotes derethi farão conosco se tiverem chance. As coisas foram muito mal em Arelon, Sarene, e você é a única em quem confio para consertá-las.

Ela olhou nos olhos dele.

– Vou voltar.

Homens vestidos de amarelo e marrom os rodearam, separando-os. Empurraram Raoden para o lado, e ele escorregou no lodo dos paralelepípedos enquanto levavam Sarene. Raoden foi deixado deitado de costas, sentindo a sujeira embaixo de seu corpo, enquanto contemplava um homem vestido em uma armadura vermelho sangue. O gyorn ficou parado em silêncio por um momento, então se virou e seguiu Sarene para a cidade. Os portões se fecharam atrás dele.

As portas se fecharam com estrondo. Desta vez não trancaram Sarene em Elantris, mas fora dela. As emoções atingiam sua alma como uma matilha de lobos furiosos, cada uma delas exigindo sua atenção. Cinco dias antes, pensara que sua vida estava arruinada. Pedira, rezara e implorara a Domi que a curasse. Agora, pegava-se desejando regressar à sua danação, desde que Espírito estivesse ali.

Domi, no entanto, tomara a decisão por ela. Espírito estava certo: não podia viver na cidade, assim como ele não podia viver fora dela. Seus mundos, as exigências de seus corpos, eram muito diferentes.

Uma mão pousou em seu ombro. Saindo de seu torpor, Sarene se virou. Não havia muitos homens altos o suficiente para que ela tivesse que dobrar o pescoço para ver seu rosto. Hrathen.

– Jaddeth a conservou, princesa – disse com uma voz levemente carregada de sotaque.

Sarene afastou o braço dele.

– Não sei como fez isso, sacerdote, mas de uma coisa tenho certeza. Não devo nada ao seu deus.

– Seu pai pensa diferente, princesa – Hrathen disse, com expressão dura.

– Para um homem cuja religião afirma que espalha a verdade, sacerdote, suas mentiras são surpreendentemente vulgares.

Hrathen sorriu levemente.

– Mentiras? Por que não vai e conversa com ele? De certo modo, poderíamos dizer que *você* nos deu Teod. Converta o rei, e frequentemente o reino também se converte.

– Impossível! – Sarene disse, ficando insegura. Gyorns eram em geral muito hábeis para dizer mentiras diretas.

– Você luta com sabedoria e inteligência, princesa – Hrathen disse, dando um passo devagar para frente e estendendo sua mão enluvada. – Mas a verdadeira sabedoria sabe quando é inútil continuar lutando. Tenho Teod, e Arelon logo será minha também. Não seja como a cotovia-de-pedra, sempre tentando abrir um buraco na areia da praia e sempre sabendo que seu trabalho será destruído pela maré. Abrace o Shu-Dereth e deixe que seus esforços se tornem mais do que vaidade.

– Morrerei antes disso!

– Já morreu – o gyorn assinalou. – E *eu* a trouxe de volta. – Deu outro passo adiante, e Sarene retrocedeu, levando as mãos ao peito.

O aço açoitou a luz do sol e, repentinamente, a ponta da espada de Eondel estava

no pescoço de Hrathen. Sarene sentiu que era envolvida por braços enormes e poderosos, uma voz áspera gritava de alegria perto dela.

– Abençoado seja o nome de Domi! – Kiin louvou, levantando-a do chão com seu abraço.

– Abençoado seja o nome de *Jaddeth* – Hrathen disse, a ponta da espada ainda pressionava sua pele. – Domi a deixou para que apodrecesse.

– Não diga mais nada, sacerdote – Eondel disse, ameaçando-o com a espada.

Hrathen bufou. Então, movendo-se mais rapidamente do que os olhos de Sarene eram capazes de acompanhar, o gyorn se inclinou para trás e afastou a cabeça do alcance da espada. Chutou ao mesmo tempo, golpeando a mão de Eondel com o pé e jogando a arma longe.

Hrathen rodopiou, a capa carmesim esvoaçante, e a mão vermelho-sangue pegou a espada no ar. O aço refletiu a luz do sol, enquanto Hrathen brandia a arma. Quebrou sua ponta nos paralelepípedos, segurando-a como um rei faria com seu cetro. Então, deixou-a cair, e a empunhadura foi parar novamente na mão aturdida de Eondel. O sacerdote deu um passo, deixando o confuso general para trás.

– O tempo se move como uma montanha, Sarene – Hrathen sussurrou, tão perto que a placa peitoral de sua armadura quase roçou no braço protetor de Kiin. – Vem tão lentamente que a maioria nem percebe sua passagem. Mesmo assim, esmagará todos aqueles que não saírem da frente.

Dito isso, deu meia-volta, a capa esvoaçava contra Eondel e Kiin enquanto partia.

Kiin observou Hrathen ir embora com os olhos cheios de ódio. Finalmente se virou para Eondel.

– Vamos, general. Vamos levar Sarene para casa, para descansar.

– Não há tempo para descansar, tio – Sarene disse. – Preciso que reúna nossos aliados. Devemos nos reunir assim que possível.

Kiin ergueu uma sobrancelha.

– Haverá tempo suficiente para isso mais tarde, Ene. Você não tem condições...

– Tive ótimas férias, tio – ela declarou –, mas há trabalho a ser feito. Talvez, quando estiver terminado, eu seja capaz de escapar de volta para Elantris. Por enquanto, temos que nos preocupar em impedir que Telrii entregue nosso país para Wyrn. Envie mensageiros para Roial e Ahan. Quero encontrá-los o mais rápido possível.

Seu tio parecia totalmente estupefato.

– Bem, ela *parece* estar bem – Eondel observou, sorrindo.

***

As cozinheiras da casa de seu pai haviam aprendido uma coisa: quando Sarene queria comer, ela podia comer.

– É melhor ir mais rápido, prima – Lukel disse, quando ela terminou o quarto prato. – Quase parecia que você tinha tempo para saborear este aí.

Sarene o ignorou, fazendo sinal a Kiin para que lhe trouxesse o próximo acepipe. Haviam lhe dito que, se alguém passasse fome por tempo suficiente, o estômago encolhia, reduzindo a quantidade de comida que a pessoa podia comer. Quem inventara essa teoria teria arrancado os cabelos em desespero se tivesse visto Sarene.

Estava sentada na mesa, de frente para Lukel e Roial. O velho ancião acabara de chegar e, quando viu Sarene, ela acreditou por um instante que ele fosse cair de costas pela surpresa. Em vez disso, murmurou uma oração a Domi, sentando-se sem dizer uma palavra na cadeira de frente para ela.

– Posso dizer honestamente que nunca vi uma mulher comer tanto – o duque Roial disse apreciativamente. Ainda havia uma pitada de incredulidade em seus olhos enquanto a encarava.

– Ela é uma giganta teodena – Lukel falou. – Acho que não é justo fazer comparações entre Sarene e as mulheres normais.

– Se não estivesse tão ocupada comendo, eu daria uma resposta para isso – Sarene falou, agitando o garfo para eles. Não percebera o quão faminta estava, até entrar na cozinha de Kiin, onde os aromas de banquetes passados flutuavam no ar como uma agradável bruma. Só agora apreciava como era útil ter um *chef* internacional como tio.

Kiin entrou com um tacho repleto de carne malpassada e vegetais no molho vermelho.

– É RaiDomo Mai jindonês. O nome significa "carne com pele feroz". Você tem sorte que eu tinha os ingredientes apropriados, a pimenta RaiDel jindonesa teve uma colheita péssima na estação passada e... – Ficou em silêncio enquanto Sarene começava a se servir da carne. – Você não se importa, não é? – perguntou com um suspiro. – Poderia ter cozinhado em água de lavar prato e daria no mesmo para você.

– Eu entendo, tio – Sarene falou. – Você sofre por sua arte.

Kiin se sentou e contemplou os pratos vazios espalhados pela mesa.

– Bem, você certamente herdou o apetite da família.

– Ela é uma menina grande – Lukel falou. – Precisa de muito combustível para manter este corpo em movimento.

Sarene o olhou entre uma mordida e outra.

– Ela não vai parar? – Kiin perguntou. – Estou ficando sem suprimentos.

– Na verdade – Sarene disse –, acho que isso basta. Não sabem o que é estar lá dentro, cavalheiros. Eu realmente me diverti, mas não havia muito o que comer.

– Estou surpreso que tivesse alguma coisa – Lukel comentou. – Os elantrinos gostam de comer.

– Mas, na verdade, eles não precisam – Kiin falou –, então podem se dar ao luxo de estocar.

Sarene continuou comendo, sem olhar seu tio ou seu primo. Sua mente, no entanto, se deteve. Como sabiam tanto sobre Elantris?

– Quaisquer que fossem as condições, princesa – Roial disse –, agradecemos Domi por seu milagroso regresso.

– Não é tão milagroso quanto parece, Roial – Sarene falou. – Alguém contou quantos dias Hrathen ficou em Elantris?

– Quatro ou cinco – Lukel respondeu, depois de pensar um momento.

– Estou disposta a apostar que foram cinco dias. Exatamente o mesmo tempo que se passou entre o momento em que me jogaram ali dentro e o que fui "curada".

Roial assentiu.

– O gyorn tem algo a ver com isso. Já falou com seu pai?

Sarene sentiu o estômago embrulhar.

– Não. Vou..., vou fazer isso em breve.

Houve uma batida na porta, e alguns momentos depois, Eondel e Shuden entraram. O jovem jindonês havia saído para cavalgar com Torena.

Quando entrou, o rosto do jovem barão se iluminou com um amplo sorriso pouco típico dele.

– Tínhamos que saber que voltaria, Sarene. Se alguém pode ser mandado para o inferno e voltar intocado, este alguém é você.

– Não exatamente intocada – Sarene falou, erguendo a mão para sentir seu crânio sem cabelos. – Encontrou alguma coisa?

– Aqui, minha senhora – Eondel disse, estendendo uma peruca curta loira. – Foi o melhor que consegui encontrar. As outras eram tão grossas que juraria que eram feitas de crina de cavalo.

Sarene observou a peruca com olho crítico – mal cobriria seus ombros. Mas era melhor do que ficar careca. Em sua estimativa, seus cabelos eram a maior perda de seu exílio. Seriam necessários anos para crescerem até um comprimento decente.

– Pena que ninguém pegou meu cabelo – ela disse, deixando a peruca de lado até ter tempo para colocá-la adequadamente.

– Não esperávamos exatamente seu retorno, prima – Lukel observou, espetando os últimos pedaços de carne do tacho. – Provavelmente ainda estava preso ao seu véu quando o queimamos.

– Queimaram?

– Um costume areleno, Ene – Kiin explicou. – Quando alguém é atirado em Elantris, seus pertences são queimados.

– Tudo? – Sarene perguntou com um fio de voz.

– Temo que sim – Kiin respondeu, embaraçado.

Sarene fechou os olhos, suspirando.

– Não importa – disse, olhando para eles. – Onde está Ahan?

– No palácio de Telrii – Roial contou.

Sarene franziu o cenho.

– O que ele está fazendo lá?

Kiin deu de ombros.

– Imaginamos que devíamos mandar alguém, ao menos, para tentar uma abertura com o novo rei. Vamos ter que trabalhar com ele, então devíamos ver que tipo de cooperação podemos esperar.

Sarene olhou seus companheiros. Apesar da óbvia alegria em vê-la, ela sentia algo em suas expressões. Derrota. Haviam trabalhado tanto para manter Telrii longe do trono, e haviam falhado. Interiormente, Sarene reconhecia que sentia em parte a mesma emoção. Sentia-se enjoada. Não conseguia decidir o que queria; tudo estava tão confuso. Felizmente, seu senso de dever lhe proporcionava uma direção. Espírito estava certo: Arelon estava em sério perigo. Não queria nem pensar nas coisas que Hrathen dissera sobre seu pai – só sabia que, não importava o que mais acontecesse, tinha que proteger Arelon. Para o bem de Elantris.

– Falam como se não tivesse nada que pudéssemos fazer sobre a reivindicação do trono de Telrii – Sarene disse para a sala em silêncio.

– O que podemos fazer? – Lukel perguntou. – Telrii foi coroado, e a nobreza o apoia.

– Assim como Wyrn – Sarene recordou. – Mandar Ahan é uma boa ideia, mas duvido que vão encontrar alguma leniência no reino de Telrii, para nós ou para o resto de Arelon. Meus senhores, Raoden devia ter sido rei, e eu sou esposa dele. Sinto-me responsável por seu povo. As pessoas sofreram com Iadon. Se Telrii entregar este reino a Wyrn, então Arelon se transformará em outra província fjordênica.

– O que quer dizer, Sarene? – Shuden perguntou.

– Que temos que agir contra Telrii, fazer qualquer coisa que estiver ao nosso alcance.

A mesa ficou em silêncio. Finalmente Roial falou.

– Isso é diferente do que estávamos fazendo antes, Sarene. Todos nós nos opúnhamos a Iadon, mas não planejávamos removê-lo. Se agirmos contra Telrii, então seremos traidores da Coroa.

– Traidores da Coroa, mas não do povo – Sarene argumentou. – Em Teod, respeitamos o rei porque ele nos protege. É uma barganha, um acordo formal. Iadon não fez nada para proteger Arelon. Não formou nenhum exército para manter Fjorden afastado, não criou nenhum sistema legal para garantir que seus súditos fossem tratados com justiça e não fez nada para cuidar do bem-estar espiritual desta nação.

Meu instinto me avisa que Telrii será ainda pior.

Roial suspirou.

– Não sei, Sarene. Iadon derrubou os elantrinos para tomar o poder, e agora você sugere que façamos a mesma coisa. Quanto esse país pode suportar antes de se fazer em pedaços?

– Quantas manipulações de Hrathen acha que o país pode aguentar? – Sarene perguntou diretamente.

Os lordes reunidos olharam uns para os outros.

– Deixe-nos dormir com isso, Sarene – Shuden solicitou. – Você fala de questões difíceis, que não devem ser tratadas sem meditação cuidadosa.

– De acordo – Sarene cedeu. Também precisava descansar esta noite. Pela primeira vez em quase uma semana não ia passar frio enquanto dormia.

Os lordes assentiram, levantando-se para tomarem seus caminhos. Roial permaneceu por um momento.

– Parece que não há motivo para continuar com nosso compromisso, não é, Sarene?

– Não creio, meu senhor. Se tomarmos o trono agora, será pela força, não por manipulações políticas.

O ancião assentiu melancolicamente.

– Ah, era bom demais para ser verdade de qualquer modo, minha querida. Boa noite, então.

– Boa noite – Sarene disse, sorrindo carinhosamente enquanto o velho duque partia. Três noivados e nenhum casamento. Estava acumulando um triste recorde. Com um suspiro, observou Roial fechar a porta e então se voltou para Kiin, que limpava meticulosamente os restos da sua refeição.

– Tio – ela disse –, Telrii se mudou para o palácio e minhas coisas foram queimadas. Estou repentinamente sem alojamento. Posso aceitar a oferta feita dois meses atrás e me mudar para cá?

Kiin riu.

– Minha esposa ficaria seriamente aborrecida se não fizesse isso, Ene. Ela passou a última hora preparando seu quarto.

***

Sarene se sentou em sua nova cama, vestindo uma das camisolas de sua tia. Suas pernas estavam firmemente apertadas contra o peito, e a cabeça baixa pendia pesarosa.

Ashe zumbiu por um momento, e o rosto de Eventeo desapareceu enquanto o seon retornava à sua forma normal. Ficou em silêncio por um longo tempo antes de dizer:

– Sinto muito, minha senhora.

Sarene assentiu, sua cabeça careca roçando contra os joelhos. Hrathen não mentira – nem exagerara. Seu pai se convertera ao Shu-Dereth.

A cerimônia ainda não ocorrera; não havia sacerdotes derethi em Teod. No entanto, estava claro que assim que terminasse com Arelon, Hrathen pretendia viajar para a terra natal de Sarene e receber pessoalmente o juramento formal de seu pai. O juramento colocaria Eventeo na base da hierarquia derethi, obrigando-o a se submeter aos caprichos do mais simples sacerdote.

Nem as discussões nem as explicações mudaram a decisão de seu pai. Eventeo era um homem honesto. Jurara a Hrathen que se Sarene regressasse em segurança, ele se converteria. Não importava que as trapaças do gyorn estivesse por trás tanto de sua maldição quanto de sua recuperação: o rei cumpriria sua promessa.

Para onde Eventeo fosse, Teod o seguiria. Levaria tempo, é claro: os teodenos não eram ovelhas. Contudo, conforme os arteths invadissem sua terra natal, o povo lhes daria ouvidos, quando antes só lhes mostraria o punho – tudo porque sabia que seu rei era derethi. Teod estaria mudada para sempre.

E Eventeo fizera isso por ela. É claro, ele afirmava que também sabia que isso era o melhor para seu país. Não importava o quão boa fosse a frota de Teod, a inferioridade numérica garantia que uma campanha fjordênica determinada acabaria por derrotar a Armada. Eventeo afirmava que não faria uma guerra sem esperança.

Mesmo assim, este era o mesmo homem que ensinara a Sarene o princípio de que sempre vale a pena lutar para proteger. Eventeo jurara que essa verdade era imutável, e que nenhuma batalha – nem mesmo uma sem esperança – era em vão quando se defendia o que era certo. Mas, aparentemente, seu amor era mais forte do que a verdade. Ela estava lisonjeada, mas a emoção a deixava enjoada. Teod cairia por causa dela, tornando-se apenas outro estado fjordênico, seu rei seria pouco mais do que um criado de Wyrn.

Eventeo dera a entender que ela devia liderar Arelon para fazer o que ele fizera, embora Sarene tivesse notado em sua voz que ele ficara orgulhoso quando ela se negou a fazer isso. Protegeria Arelon e Elantris. Lutaria pela sobrevivência de sua religião, porque Arelon – a pobre e enferma Arelon – era agora o santuário final do Shu-Korath. Se antes Arelon havia sido uma nação povoada por deuses, agora serviria como refúgio final do próprio Domi.

Hrathen estava sentado na sala de espera do palácio, aguardando com insatisfação crescente. Ao redor dele, os sinais da mudança de governo já eram evidentes. Parecia incrível que um homem pudesse possuir tantas tapeçarias, tapetes e brocados. A sala de espera do palácio estava tão recoberta por tecidos felpudos que Hrathen se vira obrigado a afastar uma verdadeira pilha de almofadas de seu caminho antes de encontrar um banco de pedras para se sentar.

Estava sentado perto da lareira de pedra, as mandíbulas apertadas enquanto olhava a nobreza reunida. Como era de se imaginar, Telrii se tornara repentinamente um homem muito ocupado. Cada nobre, proprietário de terras e mercador ambicioso da cidade queria apresentar seus "respeitos" ao novo rei. Dezenas aguardavam na sala de espera, muitos sem hora marcada. Escondiam sua impaciência a duras penas, mas ninguém era corajoso o bastante para expressar seu aborrecimento com o tratamento recebido.

A inconveniência deles não era importante. O fator intolerável era a inclusão de Hrathen no grupo. O punhado de supostos nobres era um grupo alcoviteiro e indolente. Hrathen, no entanto, era amparado pelo poder do reino de Wyrn e do Império de Jaddeth – o mesmo poder que dera a Telrii a riqueza que ele precisava para reivindicar o trono.

E, mesmo assim, Hrathen era forçado a esperar. Era enlouquecedor, era descortês e era inacreditável. Mas Hrathen não tinha outra escolha que não suportar. Ainda que fosse amparado pelo poder de Wyrn, não tinha tropas, não podia forçar a mão de Telrii. Não podia denunciar o homem abertamente – apesar de sua frustração, o instinto político de Hrathen era muito aguçado para deixá-lo fazer algo assim. Trabalhara duro para conseguir um potencial simpatizante no trono; apenas um tolo deixaria o próprio orgulho arruinar tal oportunidade. Hrathen poderia esperar, tolerar o desrespeito por um tempo, para obter o prêmio em algum momento.

Um ajudante entrou na sala, vestido em finas sedas – a exagerada libré dos arautos pessoais de Telrii. Os ocupantes da sala se ergueram e alisaram a roupa.

– Gyorn Hrathen – o ajudante anunciou.

Os nobres não esconderam a decepção, e Hrathen se levantou e passou por eles com desdém. Já era hora.

Telrii o esperava. Hrathen parou ao passar pela porta, observando a câmara com desgosto. A sala era antigamente o escritório de Iadon e, naquela época, era decorada com a eficiência de um homem de negócios. Tudo estava em seu lugar e em ordem: os móveis eram confortáveis sem serem luxuosos.

Telrii mudara tudo. Ajudantes ficavam parados nos lados da sala, ao lado de carrinhos com comidas exóticas compradas no Mercado Areleno.

Telrii estava reclinado em uma pilha maciça de almofadas e sedas, um sorriso de felicidade em seu rosto marcado no nascimento. Tapetes cobriam o chão, e tapeçarias recobriam completamente as paredes.

O homem com quem sou obrigado a trabalhar... Hrathen pensou com um suspiro interno. Iadon, pelo menos, teria ido direto ao ponto.

– Ah, Hrathen – Telrii disse com um sorriso. – Bem-vindo.

– Vossa Majestade – Hrathen o saudou, escondendo seu desgosto. – Esperava que pudéssemos falar em particular.

Telrii suspirou.

– Muito bem – disse, acenando com a mão, mandando os ajudantes embora. Eles partiram, fechando as portas exteriores.

– Agora – Telrii disse –, por que veio? Está interessado nas tarifas de suas mercadorias para o Mercado Areleno?

Hrathen franziu o cenho.

– Tenho assuntos mais importantes para tratar, Vossa Majestade. Assim como você. Vim para cobrar as promessas da nossa aliança.

– Promessas, Hrathen? – Telrii disse preguiçosamente. – Não fiz promessa alguma.

E o jogo começou.

– Você vai se juntar à religião derethi – Hrathen falou. – Esse era o acordo.

– Não fiz tal acordo, Hrathen – Telrii afirmou. – Você me ofereceu fundos; eu os aceitei. Tem minha gratidão pelo apoio, assim como eu disse que teria.

– Não vou discutir com você, mercador – Hrathen respondeu, perguntando-se quanto dinheiro Telrii exigiria para "recordar" o acordo deles. – Não sou nenhum bajulador para ser seduzido. Se não fizer o que Jaddeth espera, então encontrarei outra pessoa. Não se esqueça do que aconteceu com seu predecessor.

Telrii fez uma careta.

– Não queira o mérito de algo que não teve nada a ver com você, sacerdote. A queda de Iadon foi, se bem me recordo, causada pela princesa teodena. Você estava em Elantris na ocasião. Agora, se Fjorden deseja um derethi no trono de Arelon, isso pode ser arranjado. É claro que há um preço.

Finalmente, Hrathen pensou. Apertou as mandíbulas, fingindo fúria, e esperou um momento. Então suspirou.

– Muito bem. Quanto...

– No entanto – Telrii o interrompeu –, não é um preço que você possa pagar.

Hrathen ficou mudo.

– Como assim?

– É – Telrii confirmou. – Meu preço deve ser pago por alguém com um pouco mais de autoridade do que você. Veja bem, descobri que os sacerdotes derethi não podem nomear ninguém para a própria posição na hierarquia da Igreja.

Hrathen sentiu um calafrio crescer dentro de si enquanto ligava as peças da declaração de Telrii.

– Não pode estar falando sério – sussurrou.

– Sei mais do que imagina, Hrathen – Telrii prosseguiu. – Acha que sou um tolo, um ignorante dos costumes do leste? Reis se inclinam para gyorns. Que poder terei se deixar que me transforme em pouco mais que um escravo derethi? Não, isso não serve para mim. Não penso em me inclinar cada vez que um sacerdote vier me visitar. Vou me converter à sua religião, mas só o farei com a promessa de uma posição eclesiástica similar à minha posição civil. Não apenas rei Telrii, mas *gyorn* Telrii.

Hrathen balançou a cabeça, assombrado. Com que facilidade este homem afirmava que não era "ignorante" dos costumes do leste, quando até mesmo crianças fjordênicas sabiam doutrina suficiente para rirem de uma sugestão tão ridícula.

– Meu senhor Telrii – disse, divertido –, não tem nem ideia...

– Já disse, Hrathen – Telrii o interrompeu. – Não há nada que possa fazer por mim. Tenho procurado lidar com um poder superior.

A apreensão de Hrathen retornou.

– O que está dizendo?

– Wyrn – Telrii disse com um sorriso largo. – Enviei um mensageiro para ele há vários dias, informando-o de minhas exigências. Você já não é necessário, Hrathen. Pode se retirar.

Hrathen ficou parado, estupefato. O homem enviara uma carta para o próprio Wyrn. Telrii fizera *exigências* para o Regente de Toda a Criação?

– Você é um homem muito, muito estúpido... – Hrathen sussurrou, finalmente percebendo a gravidade de seus problemas. Quando Wyrn recebesse aquela mensagem...

– Vá! – Telrii repetiu, apontando para a porta.

Levemente aturdido, Hrathen fez o que lhe era ordenado.

No princípio, Raoden ficou longe da biblioteca, porque o fazia lembrar de Sarene. Depois, sentiu-se atraído pelo local – porque o fazia se lembrar dela.

Em vez de pensar em sua perda, Raoden se concentrou na conexão que ela fizera. Estudou aon após aon, notando outras características da paisagem em suas formas. Aon Eno, o caractere para água, incluía uma linha serpenteante que combinava com os meandros do rio Aredel. O caractere para madeira – Aon Dii – incluía vários círculos que representavam os bosques do sul.

Os aons eram mapas da terra, cada um deles uma versão ligeiramente diferente da mesma imagem geral. Cada um tinha as três linhas básicas – a linha da costa, a linha da montanha e o ponto do lago Alonoe. Muitos tinham também uma linha embaixo que representava o rio Kalomo, que separava Arelon de Duladel.

No entanto, algumas das características o deixavam completamente perplexo. Por que Aon Mea, o caractere da reflexão, tinha um X que cruzava em algum lugar no meio do Condado Eon? Por que o Aon Rii estava marcado com dezenas de pontos aparentemente aleatórios? As respostas deviam estar em um dos livros da biblioteca, mas até agora Raoden não encontrara nenhuma explicação.

O dôr o atacava pelo menos duas vezes ao dia agora. Cada batalha parecia a última, e cada vez ele se sentia um pouco mais fraco quando a luta terminava – como se sua energia fosse um poço finito, que era drenado um pouco mais a cada confronto. A questão não era se cairia ou não, mas se descobriria o segredo antes que isso acontecesse.

***

Raoden socou o mapa, frustrado. Cinco dias haviam se passado desde a partida de Sarene, e ainda não fora capaz de encontrar a resposta. Estava começando a achar que continuaria durante a eternidade, agonizantemente perto do segredo do AonDor e, ainda assim, incapaz de descobri-lo.

O grande mapa, agora pendurado na parede perto de sua mesa, tremulava enquanto Raoden passava as mãos por ele, estudando suas linhas. As bordas estavam gastas pelo tempo, e a tinta começava a desvanecer. O mapa vivera durante a glória e o colapso de Elantris; como desejava que o objeto pudesse falar, sussurrar os mistérios que conhecia.

Balançou a cabeça, sentando-se na cadeira de Sarene, seu pé derrubou uma das pilhas de livros dela. Com um suspiro, reclinou-se em seu assento e começou a desenhar – buscando conforto nos aons.

Há pouco tempo passara a praticar uma técnica nova e mais avançada de AonDor.

Os textos explicavam que os aons eram mais poderosos quando desenhados com atenção não apenas para o comprimento e a inclinação da linha, mas também para a largura da linha. Ainda que funcionassem se as linhas tivessem todas a mesma largura, a variação nos devidos lugares acrescentava controle e força extras.

Então, Raoden praticava como os textos instruíam, usando seu mindinho para desenhar linhas mais finas e seu polegar para construir as mais largas. Também podia usar ferramentas – como uma vareta ou uma pena – para desenhar as linhas. Os dedos eram a convenção, mas a forma importava mais do que os utensílios. Afinal de contas, os elantrinos haviam usado o AonDor para escavar símbolos permanentes na rocha e na pedra – e até os construíram com arames, pedaços de madeira e vários outros materiais. Aparentemente, era difícil criar caracteres do AonDor a partir de materiais físicos, mas os aons ainda tinham o mesmo efeito, independentemente se eram desenhados no ar ou fundidos em aço.

Sua prática era em vão. Não importava o quão eficiente seus aons eram; nenhum deles funcionava. Raoden usava a unha para desenhar linhas tão delicadas que eram quase invisíveis; desenhava outras com três dedos juntos – exatamente como os textos instruíam. E era tudo inútil. Toda sua memorização, todo seu trabalho. Por que ainda se incomodava?

Passos soaram no corredor. O novo avanço tecnológico de Mareshe eram os sapatos com grossas solas de couro esticado com pregos. Raoden observou através de seu aon translúcido enquanto a porta se abria e Galladon entrava.

– O seon dela acaba de passar, sule.

– Ainda está aqui?

Galladon negou com a cabeça.

– Partiu quase imediatamente. Queria que eu dissesse para você que ela finalmente convenceu os lordes a se rebelarem contra o rei Telrii.

Sarene havia enviado o seon diariamente com relatos de suas atividades – um serviço que era uma bênção só até certo ponto. Raoden sabia que devia escutar o que estava acontecendo no exterior, mas ansiava pela relativa ignorância livre de preocupações de antes. Até então, tinha que se preocupar só com Elantris; agora tinha que se afligir por todo o reino – um fato que precisava conciliar com o doloroso conhecimento de que não podia fazer nada para ajudar.

– Ashe disse quando será o próximo envio de suprimentos?

– Esta noite.

– Bom – Raoden comentou. – Ele disse se ela vai vir?

– As mesmas condições de antes, sule – Galladon disse, negando com a cabeça.

Raoden assentiu, mantendo a melancolia longe de seu rosto. Não sabia que meios Sarene estava usando para entregar os suprimentos, mas, por alguma razão, Raoden e os outros não podiam recolher as caixas até depois que as entregas fossem feitas.

– Deixe de choramingar, sule – Galladon disse, com um grunhido. – Não cai bem em você, é preciso um delicado senso de pessimismo para lamentar com um certo ar de respeitabilidade.

Raoden não pôde deixar de sorrir.

– Sinto muito. É que parece que não importa quanta força aplicamos em nossos problemas, eles continuam resistindo.

– Ainda não progrediu com o AonDor?

– Não – Raoden confessou. – Cotejei mapas antigos com novos, procurando mudanças na costa ou na cordilheira, mas nada parece ter mudado. Tentei desenhar as linhas básicas com inclinações ligeiramente diferentes, mas foi infrutífero. As linhas não aparecem até que eu as coloque exatamente com a mesma inclinação..., a mesma inclinação de sempre. Até o lago está no mesmo lugar, invariável. Não vejo o que está diferente.

– Talvez nenhuma das linhas básicas tenha mudado, sule – Galladon sugeriu. – Talvez alguma coisa precise ser acrescentada.

– Pensei nisso..., mas o quê? Não conheço nenhum novo rio ou lago, e certamente não há nenhuma montanha nova em Arelon. – Raoden terminou seu aon, Aon Ehe, com um golpe insatisfeito do polegar. Olhou para o centro do aon, o núcleo que representava Arelon e suas características. Nada havia mudado.

Exceto uma coisa. *Quando o Reod ocorreu, a terra rachou*.

– O Abismo! – Raoden exclamou.

– O Abismo? – Galladon perguntou, cético. – Foi causado pelo Reod, sule, não o contrário.

– Mas e se não foi assim? – Raoden disse, entusiasmado. – E se o terremoto veio exatamente *antes* do Reod? Causou a rachadura no sul e, de repente, todos os aons ficaram inválidos, todos precisavam de uma linha extra para funcionar. Todo o AonDor e, portanto Elantris, teria caído imediatamente.

Raoden se concentrou no aon que flutuava diante dele. Com mão vacilante, passou o dedo pelo caractere brilhante no local aproximado em que se encontrava o Abismo. Nada aconteceu – nenhuma linha apareceu. O aon piscou e desapareceu.

– Acho que só é isso, sule – Galladon disse.

– Não – Raoden falou, começando o aon novamente. Seus dedos se agitavam e giravam. Sua mão se movia com uma velocidade que ele nem sabia ser capaz, recriando o aon em questão de segundos. Parou no fim, a mão estática embaixo das três linhas básicas. Quase podia sentir...

Apunhalou o aon e seu dedo atravessou o ar. Uma pequena linha cruzou o aon por trás.

Então foi atingido. O dôr atacou com uma onda ribombante de poder, e desta vez não acertou nenhuma parede. Explodiu através de Raoden como um rio. Ele arfou,

envolto em seu poder por um instante. A força se irrompeu livre como um animal que estivera preso em um espaço reduzido por tempo demais. Parecia quase alegre.

Então se foi, e Raoden cambaleou, caindo de joelhos.

– Sule? – Galladon perguntou preocupado.

Raoden balançou a cabeça, incapaz de explicar. Seu dedo do pé ainda ardia, continuava sendo um elantrino, mas o dôr fora libertado. Havia consertado alguma coisa. O dôr não viria mais contra ele.

Então ouviu um som – como um fogo crepitando. Seu aon, o que estava desenhado diante de si, brilhava com força. Raoden gritou, gesticulando para Galladon se abaixar enquanto o aon se dobrava sobre si mesmo, suas linhas se distorcendo e se retorcendo até formarem um disco. Um pequeno ponto de luz vermelha apareceu no centro do disco, então expandiu, o som de algo queimando crescendo até um clamor. O aon se tornou um vórtice retorcido de fogo; Raoden podia sentir o calor enquanto retrocedia.

O aon explodiu, cuspindo uma coluna horizontal de fogo no ar bem acima da cabeça de Galladon. A coluna se chocou contra uma estante de livros, destroçando toda a estrutura com uma enorme explosão. Livros e páginas em chamas foram atirados no ar, chocando-se contra as paredes e outras estantes.

A coluna de fogo desapareceu, o calor sumiu de repente e a pele de Raoden sentiu frio em contraste. Alguns pedaços ardentes de papel caíram no chão. Tudo o que sobrara da estante era uma pilha fumegante de carvão.

– O que foi aquilo? – Galladon perguntou.

– Acho que acabo de destruir a seção de biologia – Raoden respondeu assombrado.

***

– Da próxima vez, sule, recomendo que *não* teste suas teorias com Aon Ehe. Kolo? – Galladon fez uma pilha de livros quase totalmente queimados. Haviam passado a última hora limpando a biblioteca, assegurando-se de que apagariam qualquer fogo latente.

– De acordo – Raoden disse, feliz demais para se colocar na defensiva. – Aconteceu de ser o que eu estava praticando, não teria sido tão dramático se não tivesse colocado tantos modificadores nele.

Galladon contemplou a biblioteca. Uma cicatriz escura ainda marcava o lugar da estante incinerada, e várias pilhas de livros semichamuscados estavam espalhadas pela sala.

– Devemos experimentar outro? – Raoden perguntou.

Galladon fez uma careta.

– Desde que não tenha fogo envolvido.

Raoden assentiu, levantando a mão para começar Aon Ashe. Terminou o formato de caixa dupla do caractere e acrescentou a linha do Abismo. Deu um passo para trás, esperando ansiosamente.

O aon começou a brilhar. A luz começou na ponta da linha da costa, então ardeu através de todo o aon, como chamas lambendo uma piscina de óleo. As linhas ficaram vermelhas no início, depois, como metal na forja, tornaram-se um branco brilhante. A cor estabilizou, banhando a área com uma suave luminescência.

– Funciona, sule – Galladon sussurrou. – Por Doloken! Você realmente conseguiu!

Raoden assentiu excitado. Aproximou-se do aon de modo hesitante, colocando a mão contra ele. Não havia calor – exatamente como os livros explicavam. Uma coisa estava errada, no entanto.

– Não está tão brilhante quanto deveria – notou.

– Como pode ter certeza? – Galladon perguntou. – Este é o primeiro que vê funcionar.

Raoden balançou a cabeça.

– Li o suficiente para saber. Um Aon Ashe grande como esse devia ser poderoso o suficiente para iluminar toda a biblioteca. Este mal brilha como uma lamparina.

Estendeu a mão, batendo no centro do aon. O brilho desapareceu imediatamente, as linhas do aon desapareceram uma por vez, com se algum dedo invisível as apagasse. Então Raoden desenhou outro Aon Ashe, desta vez incluindo todos os modificadores para aumentar a potência que conhecia. Quando este aon finalmente estabilizou, parecia levemente mais brilhante do que o primeiro, mas nem de perto tão poderoso quando devia ser.

– Algo ainda está errado – Raoden assegurou. – Aquele aon devia ser brilhante demais para ser olhado.

– Acha que a linha do Abismo está errada? – Galladon perguntou.

– Não, obviamente era uma parte importante do problema. O AonDor funciona agora, mas deficiente em seu poder. Deve haver algo mais..., outra linha, talvez, que precisamos acrescentar.

Galladon olhou de relance para seus braços. Mesmo contra a pele marrom escura do dula, era fácil perceber as doentias manchas elantrinas.

– Tente um aon de cura, sule.

Raoden assentiu, traçando Aon Ien no ar. Acrescentou uma modificação definindo o corpo de Galladon como alvo, assim como todas as três marcas para aumentar o poder. Terminou com a pequena linha do Abismo. O aon brilhou brevemente e desapareceu.

– Sente alguma coisa? – Raoden perguntou.

O dula negou com a cabeça. Então, levantando o braço, inspecionou um corte no cotovelo – um ferimento causado outro dia quando escorregou nas plantações.

Estava igual.

– A dor ainda está aqui – Galladon disse, desapontado. – E meu coração não bate.

– Esse aon não se comportou adequadamente. Desapareceu como antes, quando não sabíamos nada sobre a linha do Abismo. O dôr não conseguiu encontrar o alvo para seu poder.

– Então de que serve, sule? – a voz de Galladon estava amarga com a frustração. – Ainda vamos apodrecer nesta cidade.

Raoden colocou uma mão consoladora no ombro do dula.

– Não é inútil, Galladon. Temos o poder dos elantrinos, alguma coisa pode não funcionar, mas pode ser porque não praticamos o suficiente. Pense! Este é o poder que deu a Elantris sua beleza, o poder para alimentar toda Arelon. Não perca a esperança quando estamos tão perto.

Galladon olhou para ele, e então sorriu amarelo.

– Ninguém consegue desistir quando você está por perto, sule. Você se recusa inteiramente a deixar um homem se desesperar.

***

Conforme experimentavam mais aons, ficava mais aparente que algo ainda estava bloqueando o dôr. Fizeram flutuar um punhado de papéis, mas não um livro inteiro. Fizeram uma das paredes ficar azul e depois devolveram sua cor original, e Raoden conseguiu converter uma pequena pilha de carvão em umas poucas sementes. Os resultados eram encorajadores, mas muitos aons falhavam completamente.

Qualquer aon, por exemplo, que fosse dirigido para um deles se apagava sem nenhum efeito. A roupa deles era um alvo válido, mas sua carne, não; Raoden quebrou a ponta da unha de seu polegar e tentou fazê-la flutuar, mas não teve sucesso algum. A única teoria que Raoden tinha era a que expressara antes.

– Nossos corpos estão congelados na metade da transformação, Galladon – explicou, observando uma folha de papel flutuar e arder em chamas na frente dele. Aons ligados pareciam funcionar. – A Shaod não terminou conosco, o que quer que esteja impedindo que os aons alcancem seu potencial completo, também está impedindo que nos tornemos autênticos elantrinos. Até que nossa transformação não esteja completa, parece que os aons não podem nos afetar.

– Ainda não entendo aquela primeira explosão, sule – Galladon comentou, praticando um Aon Ashe. O dula conhecia apenas alguns poucos aons, e seus dedos grossos tinham dificuldade para desenhá-los com precisão. Enquanto falava, cometeu um leve erro e o caractere se desvaneceu. Franziu o cenho e continuou sua pergunta. – Parecia tão poderoso. Por que nada mais se comportou tão bem?

– Não tenho certeza – Raoden falou. Alguns momentos antes, havia desenhado novamente o Aon Ehe, ainda que de modo hesitante, com as mesmas modificações,

criando a runa complexa que teoricamente formaria outra coluna de fogo. Em vez disso, o aon mal crepitara com calor suficiente para esquentar uma xícara de chá. Suspeitava que a primeira explosão tinha algo a ver com a onda do dôr através dele... uma expressão de uma liberdade longamente aguardada.

– Talvez houvesse alguma espécie de acúmulo do dôr – Raoden sugeriu. – Como uma bolsa de gás presa em uma caverna. O primeiro aon que desenhei drenou essa reserva.

Galladon deu de ombros. Havia tanta coisa que não entendiam. Raoden sentou-se por um momento, os olhos pousaram em um dos livros, uma ideia lhe ocorreu.

Correu até a pilha de volumes sobre o AonDor, selecionando um grande exemplar que não continha outra coisa que não páginas e páginas de diagramas de aons. Galladon, que havia deixado uma frase pela metade, o seguiu com expressão amuada, espiando por sobre seu ombro enquanto Raoden procurava uma página.

O aon era extenso e complexo. Raoden teve que dar vários passos para o lado enquanto o desenhava, as modificações e estipulações indo bem além do aon central. Seu braço doía quando terminou, e a construção pairava no ar como uma muralha de linhas brilhantes. Então começou a resplandecer, e o conjunto de inscrições se retorceu, girando e se enroscando ao redor de Raoden. Galladon gritou, surpreso pela luz súbita e brilhante.

Em alguns segundos, a luz desapareceu. Raoden podia dizer pelo olhar sobressaltado de Galladon que tivera êxito.

– Sule... você conseguiu! Está curado!

– Temo que não – Raoden negou com a cabeça. – É apenas uma ilusão. Olhe. – Levantou as mãos, que ainda estavam cinzas e manchadas de negro. Seu rosto, no entanto, estava diferente. Deu alguns passos e contemplou seu reflexo em uma placa polida no fundo de uma estante.

A imagem retorcida lhe mostrava um desconhecido – estava livre das manchas, verdade, mas não se parecia em nada com seu rosto antes que fosse alcançado pela Shaod.

– Uma ilusão? – Galladon perguntou.

Raoden assentiu.

– É baseada no Aon Shao, mas tem tantas coisas misturadas que o aon base é quase irrelevante.

– Mas não deveria funcionar com você – Galladon disse. – Achei que tínhamos dito que os aons não surtiam efeito sobre os elantrinos.

– Não surte – Raoden falou, virando-se. – Atua sobre minha camisa. A ilusão é como uma peça de roupa. Apenas cobre minha pele; não muda nada.

– Então para que serve?

Raoden sorriu.

– Vai nos tirar de Elantris, meu amigo.

—Por que demorou tanto?

– Não consegui encontrar Espírito, minha senhora – Ashe explicou, flutuando pela janela da carruagem dela. – Então, tive que entregar a mensagem para Mestre Galladon. Depois disso, fui ver o rei Telrii.

Sarene tamborilou na bochecha, incomodada.

– Como ele está?

– Galladon ou o rei, minha senhora?

– O rei.

– Sua Majestade está muito ocupada relaxando em seu palácio, enquanto metade da nobreza de Arelon espera do lado de fora – o seon disse, em tom desaprovador. – Acho que sua principal queixa neste momento é que não restam mulheres jovens suficientes entre os funcionários do palácio.

– Trocamos um idiota por outro – Sarene reclamou, balançando a cabeça. – Como aquele homem conseguiu riqueza suficiente para se tornar um duque?

– Ele não conseguiu, minha senhora – Ashe explicou. – Seu irmão fez a maior parte do trabalho. Telrii herdou tudo com a morte do homem.

Sarene suspirou, inclinando-se para trás quando a carruagem deu um solavanco.

– Hrathen está lá?

– Com frequência, minha senhora – Ashe comentou. – Aparentemente, visita o rei todo dia.

– O que estão esperando? – Sarene perguntou, frustrada. – Por que Telrii não se converte?

– Ninguém tem certeza, minha senhora.

Sarene franziu o cenho. O jogo incessante a deixava atônita. Era bem sabido que Telrii havia participado de reuniões derethi, e não havia motivo para que continuasse fingindo um conservadorismo korathi.

– Nenhuma nova notícia sobre aquela proclamação que o gyorn supostamente havia rascunhado? – ela perguntou, nervosa.

– Não, minha senhora – veio a abençoada resposta. Rumores afirmavam que Hrathen tinha elaborado um projeto de lei que forçaria todo areleno a se converter para o Shu-Dereth, sob pena de cárcere. Ainda que os mercadores tentassem aparentar normalidade, mantendo o Mercado Areleno de primavera, toda a cidade estava no limite, com uma sensação de ansiedade tensa.

Sarene podia imaginar facilmente o futuro. Logo Wyrn enviaria uma frota de sacerdotes para Arelon, seguida de perto por seus monges guerreiros. Telrii,

inicialmente um simpatizante, depois um convertido, em algum momento acabaria se tornando um mero peão. Em poucos anos, Arelon já não seria um país de seguidores derethi, mas uma extensão de Fjorden.

Uma vez que a lei de Hrathen fosse aprovada, o sacerdote não perderia tempo em prender Sarene e os demais. Eles seriam trancafiados ou, mais provável, executados. Depois disso, não haveria oposição a Fjorden. Todo o mundo civilizado pertenceria a Wyrn, a realização final do sonho do Antigo Império.

Apesar de tudo isso, seus aliados debatiam e conversavam. Nenhum deles acreditava que Telrii assinasse um documento forçando a conversão; tais atrocidades não aconteciam no mundo deles. Arelon era um reino pacífico; mesmo os então chamados tumultos de uma década antes não haviam sido destrutivos – exceto para quem era elantrino. Seus amigos queriam agir cuidadosamente. A cautela era compreensível, louvável até, mas o sentido de oportunidade deles era terrível. Era uma coisa boa que Sarene tivesse a oportunidade de praticar esgrima naquele dia. Precisava libertar um pouco de agressividade.

Como resposta aos seus pensamentos, a carruagem parou na frente da mansão de Roial. Depois que Telrii se mudara para o palácio, as mulheres haviam realocado suas práticas de esgrima para os jardins do velho duque. O clima ultimamente estava morno e agradável, como se a primavera tivesse decidido ficar desta vez, e o duque Roial as acolhera alegremente.

Sarene se surpreendeu quando as mulheres insistiram em continuar as práticas de esgrima. Mas as senhoras haviam demonstrado determinação. Os treinos continuavam a cada dois dias, como acontecia há mais de um mês. Aparentemente, Sarene não era a única que precisava de uma oportunidade para dar vazão à sua frustração com uma espada.

Ela desceu da carruagem, vestida com o habitual macacão branco e usando a nova peruca. Enquanto rodeava o edifício, pôde distinguir os sons dos syres batendo. Na sombra e com chão de madeira, o pavilhão do jardim de Roial era o lugar perfeito para praticar. A maior parte das mulheres já chegara, e cumprimentou Sarene com sorrisos e cortesias. Nenhuma delas se acostumara ao seu súbito regresso de Elantris; agora a olhavam com respeito ainda maior, e mais medo do que antes. Sarene respondeu às saudações com afeto amável. Gostava dessas mulheres, ainda que jamais fosse como elas.

Vê-las, no entanto, a fazia se lembrar da estranha perda que ainda sentia por ter deixado Elantris para trás. Não era só Espírito; Elantris era o único lugar em que se lembrava ter sentido aceitação incondicional. Não era uma princesa, mas algo muito melhor – um membro de uma comunidade onde cada indivíduo era vital. Sentira calor naqueles elantrinos de pele manchada, uma disposição em aceitá-la em suas vidas e em doar parte de si mesmos.

Ali, no centro da cidade mais amaldiçoada do mundo, Espírito construíra uma sociedade que exemplificava os ensinamentos korathi. A igreja ensinava as bênçãos da unidade; era irônico que o único povo que praticasse esses ideais era aquele que havia sido condenado.

Sarene sacudiu a cabeça, impulsionando a espada para frente, a fim de iniciar seu aquecimento. Passara toda sua vida adulta em uma busca constante de aceitação e amor. Quando por fim encontrara ambos, tinha que deixá-los para trás.

Não tinha certeza de quanto tempo praticou – submergiu em seus exercícios com facilidade depois que seu aquecimento acabou. Seus pensamentos giravam em torno de Elantris, Domi, seus sentimentos e as indecifráveis ironias da vida. Suava copiosamente quando percebeu que as outras mulheres haviam parado de lutar.

Sarene ergueu a cabeça, surpresa. Todas estavam reunidas em um dos lados do pavilhão, conversando e olhando para algo que Sarene não conseguia ver. Curiosa, abriu caminho até que sua altura superior lhe deu uma boa visão do objeto da atenção de todas. Um homem.

Estava vestido em finas sedas azuis e verdes, com um chapéu de penas na cabeça. Tinha a cremosa pele marrom da aristocracia dula – não tão escura quanto a de Shuden, mas tampouco tão clara quanto a de Sarene. Suas feições eram redondas e felizes, e tinha um ar despreocupado e banal. Dula, sem dúvida. O criado de pele escura ao seu lado era maciço e volumoso, como a maior parte dos dulas de baixo nascimento. Sarene nunca vira nenhum dos dois antes.

– O que está acontecendo aqui? – ela quis saber.

– O nome dele é Kaloo, minha senhora – Ashe explicou, flutuando junto dela. – Chegou há alguns instantes. Aparentemente, é um dos poucos republicanos dulas que escapou do massacre no ano passado. Esteve escondido no sul de Arelon até pouco tempo atrás, quando ouviu dizer que o rei Iadon estava procurando por um homem para ficar com as posses do barão Edan.

Sarene franziu o cenho. Havia algo no homem que a incomodava. As mulheres de repente explodiram em risadas com um dos comentários dele, dando risinhos como se o dula fosse um antigo e conhecido membro da corte. Quando as risadas pararam, o dula havia reparado em Sarene.

– Ah – Kaloo disse, fazendo uma rebuscada reverência. – Esta deve ser a princesa Sarene. Dizem que é a mulher mais bela de todo Opelon.

– Não devia acreditar em tudo o que as pessoas dizem, meu senhor – Sarene respondeu lentamente.

– Não – ele concordou, olhando-a nos olhos. – Apenas as que são verdade.

Contra sua vontade, Sarene começou a corar. *Não* gostava de homens que podiam fazer aquilo com ela.

– Temo que nos pegou com a guarda baixa, meu senhor – Sarene disse,

estreitando os olhos. – Estivemos nos exercitando com bastante vigor, e não estamos em posição de recebê-lo como é apropriado a uma senhora.

– Peço desculpas pela minha chegada repentina, Vossa Alteza – Kaloo falou. Apesar de suas palavras educadas, parecia despreocupado por ter interrompido uma reunião obviamente particular. – Depois de chegar a esta gloriosa cidade, fui primeiro prestar meus respeitos no palácio, mas me disseram que teria que esperar pelo menos uma semana para ver o rei. Coloquei meu nome na lista, então pedi ao meu cocheiro que me levasse para conhecer sua formosa cidade. Havia ouvido falar do ilustre duque Roial, e decidi lhe fazer uma visita. Como fiquei surpreso em encontrar todas essa beldades em seus jardins!

Sarene bufou, mas sua réplica foi interrompida pela chegada do duque Roial. Pelo que parecia, o ancião havia finalmente percebido que sua propriedade fora invadida por um dula errante. Quando o duque se aproximou, Kaloo fez outra de suas reverências tolas, agitando seu largo chapéu na frente dele. Então começou a enaltecer o duque, dizendo a Roial como estava honrado em conhecer um homem tão venerável.

– Não gosto dele – Sarene declarou em voz baixa para Ashe.

– É claro que não, minha senhora – Ashe respondeu. – Você nunca se deu muito bem com os aristocratas dulas.

– É mais do que isso – Sarene insistiu. – Alguma coisa nele parece falsa. Não tem sotaque.

– A maior parte dos cidadãos republicanos fala aônico com bastante fluência, especialmente se vivem perto da fronteira. Conheci vários dulas sem um pingo de sotaque.

Sarene apenas franziu o cenho. Enquanto observava o homem, se deu conta do que era. Kaloo era *muito* estereotipado. Representava tudo o que se dizia de um aristocrata dula: era arrogantemente estúpido, exageradamente vestido, com modos extravagantes, e completamente indiferente em relação a qualquer assunto. Esse Kaloo era como um clichê que não devia existir, uma representação viva do nobre dula idealizado.

Kaloo terminou suas apresentações e passou a contar novamente a dramática história de sua chegada. Roial o escutou com um sorriso; o duque fizera muitos negócios com dulas, e aparentemente sabia que a melhor maneira de lidar com eles era sorrir e assentir de vez em quando.

Uma das mulheres deu uma taça a Kaloo. Ele agradeceu sorrindo e tomou o vinho em um único gole, sem interromper sua narrativa enquanto voltava a agitar as mãos enquanto falava. Os dulas não falavam apenas com a boca, mas usavam o corpo inteiro como parte da experiência narrativa. As sedas e as penas se agitavam enquanto Kaloo descrevia sua surpresa em descobrir que o rei Iadon estava morto e

que havia um novo rei no trono.

– Talvez meu senhor goste de se juntar a nós – Sarene disse, interrompendo Kaloo (que era, em geral, a única maneira de entrar em uma conversa com um dula).

Kaloo pestanejou, surpreso.

– Me juntar a vocês? – perguntou, hesitante, sua torrente de palavras fora interrompida por um breve momento. Sarene podia sentir uma ruptura no personagem, enquanto ele se reorientava. Estava cada vez mais segura de que aquele homem não era quem afirmava ser. Felizmente, acabara de lhe ocorrer uma maneira de testá-lo.

– É claro, meu senhor – Sarene disse. – Dizem que os cidadãos dulas são os melhores esgrimistas que existem, melhores até do que os jaadorianos. Estou certa de que as senhoras presentes ficariam muito intrigadas em ver um verdadeiro mestre em ação.

– Fico muito agradecido pela oferta, Vossa Graciosa Alteza – Kaloo começou a falar – mas não estou vestido...

– Será um ataque rápido, meu senhor – Sarene disse, pegando sua bolsa e tirando seus dois melhores syres, os que tinham as pontas afiadas, em vez das protuberâncias. Agitou um deles no ar enquanto sorria para o dula.

– Tudo bem – o dula disse, jogando o chapéu de lado. – Um assalto, então.

Sarene parou, tentando julgar se estava blefando. Na verdade, não tinha intenção de lutar com ele; do contrário, não teria escolhido lâminas perigosas. Pensou por um instante e, então, com um dar de ombros casual, jogou-lhe uma das armas. Se ele estava blefando, então ela pretendia descobrir de uma maneira muito embaraçosa – e potencialmente dolorosa.

Kaloo tirou sua brilhante jaqueta turquesa, revelando a camisa verde pregueada embaixo. Então, supreendentemente, ficou em guarda, a mão levantada para trás, a ponta do syre erguida em ofensiva.

– Tudo bem – Sarene disse e atacou.

Kaloo deu um salto para trás com a investida, girando ao redor de um aturdido duque Roial, enquanto se esquivava dos golpes de Sarene. Houve vários gritinhos das mulheres quando Sarene abriu caminho entre elas, agitando sua lâmina para um ofensivo dula. Então ela saiu à luz do sol, saltando da pista de madeira e aterrissando descalça na grama suave.

Surpresas como estavam pelo ímpeto da batalha, as mulheres se asseguraram de não perder nenhum golpe. Sarene podia vê-las seguindo enquanto ela e Kaloo avançavam pelo pátio central dos jardins de Roial.

O dula era surpreendentemente bom, mas não era um mestre. Passava muito tempo detendo os ataques dela, incapaz de fazer outra coisa que não se defender. Se era realmente um membro da aristocracia dula, então era um de seus piores

esgrimistas. Sarene encontrara poucos cidadãos piores do que ela, mas três de cada quatro podiam derrotá-la.

Kaloo abandonou seu ar de apatia, concentrando-se unicamente em impedir que o syre de Sarene o fizesse em pedaços. Percorreram todo o pátio com ele sempre retrocedendo alguns passos a cada nova investida. Pareceu surpreso ao pisar no ladrilho, em vez de na grama, quando chegaram à fonte central dos jardins de Roial.

Sarene avançou com mais vigor quando Kaloo tropeçou no piso de ladrilho. Forçou-o a retroceder até que a coxa dele se chocou contra a beirada da fonte. Ele não tinha para onde ir – ou foi isso que ela pensou. Observou surpresa que o dula saltava na água. Com um chute, jogou água nela e pulou para fora da fonte bem à sua direita.

O syre de Sarene perfurou a água enquanto Kaloo passava ao seu lado. Sentiu que a ponta da lâmina acertou algo macio, e o nobre deixou escapar um gemido baixo de dor, quase imperceptível. Sarene girou, erguendo a lâmina para golpear novamente, mas Kaloo se punha de joelhos e seu syre estava fincado no solo suave. Estendeu uma flor amarelo-vivo para Sarene.

– Ah, minha senhora – disse em tom dramático. – Descobriu meu segredo..., nunca fui capaz de encarar uma mulher bonita em combate. Meu coração derrete, meus joelhos tremem e minha espada se recusa a golpear.

Inclinou a cabeça, oferecendo a flor. As mulheres atrás dela deram suspiros sonhadores.

Sarene baixou a espada, insegura. De onde ele tirara aquela flor? Com um sorriso, aceitou o presente. Ambos sabiam que sua escusa não era nada mais do que um método subserviente de escapar da vergonha – mas Sarene teve que respeitar sua astúcia. Não só evitara parecer um tolo, mas ao mesmo tempo impressionara as mulheres com seu galanteio.

Sarene observou o homem com atenção, buscando uma ferida. Tinha certeza de que a lâmina havia roçado seu rosto quando ele saltara da fonte, mas não havia nenhum sinal. Insegura, olhou para a ponta de seu syre. Não havia sangue. Devia ter errado, no final das contas.

As mulheres aplaudiram o espetáculo e levaram o dândi de volta ao pavilhão. Enquanto se afastava, Kaloo olhou para trás e sorriu para ela – não o sorriso tolo e afetado de antes, mas um sorriso mais inteligente e mais astuto. Um sorriso que ela achou incrivelmente familiar por algum motivo. Ele fez outra de suas ridículas reverências e permitiu que o levassem.

As tendas do mercado eram uma brilhante explosão de cor no centro da cidade. Hrathen caminhava entre elas, percebendo as mercadorias não vendidas e as ruas vazias com insatisfação. Muitos dos mercadores vinham do leste, e haviam gasto muito dinheiro para entregar seus carregamentos em Arelon para o mercado da primavera. Se não vendessem seus produtos, as perdas poderiam ser um golpe financeiro do qual jamais se recuperariam.

A maioria dos mercadores, vestida com as escuras cores fjordênicas, inclinava a cabeça respeitosamente ao vê-lo passar. Hrathen estivera fora tanto tempo – primeiro em Duladel, depois em Arelon – que quase se esquecera de como era ser tratado com a devida consideração. Mesmo enquanto faziam suas reverências, Hrathen podia ver algo nos olhos desses mercadores. Nervosismo. Haviam planejado o que levariam para este mercado há meses, produtos e passagens compradas muito antes da morte do rei Iadon. Mesmo com a agitação, não tinham outra escolha se não tentar vender o que pudessem.

A capa de Hrathen esvoaçava enquanto ele percorria o mercado, a armadura tilintava confortavelmente a cada passo. Mostrava uma confiança que não sentia, tentando dar aos mercadores um pouco de segurança. As coisas não iam nada bem. Seu apressado chamado via seon para Wyrn fora tarde demais; a mensagem de Telrii já chegara. Felizmente, Wyrn só havia demonstrado uma leve irritação pela presunção de Telrii.

O tempo era curto. Wyrn sugerira que tinha pouca paciência com os tolos, e que jamais – é claro – concederia a um estrangeiro o título de gyorn. Mesmo assim, os encontros seguintes de Hrathen com Telrii não haviam sido bons. Embora o rei parecesse um pouco mais razoável do que no dia em que mandara Hrathen embora, Telrii ainda resistia a todas as sugestões de compensação monetária. Sua inércia em se converter dava sinais pouco claros para o resto de Arelon.

O mercado vazio era uma manifestação do estado de confusão da nobreza arelena. De repente, ninguém tinha certeza se era melhor ser simpatizante derethi ou não – então as pessoas simplesmente se escondiam. Os bailes e festas haviam diminuído e os homens hesitavam em visitar os mercados, preferindo esperar para ver o que seu monarca faria. Tudo dependia da decisão de Telrii.

Vai acontecer, Hrathen , o gyorn dissera para si mesmo. *Você ainda tem um mês de prazo. Tem tempo para persuadir, adular e ameaçar. Telrii acabará entendendo a estupidez de seu pedido, e se converterá.*

A despeito de suas autoafirmações, Hrathen se sentia na beira de um abismo.

Jogava um perigoso jogo de equilíbrio. A nobreza arelena não era realmente sua, não ainda. A maioria deles ainda estava mais preocupada com as aparências do que com a substância. Se entregasse Arelon para Wyrn, entregaria uma fornada de corações meio convertidos, na melhor das hipóteses. Esperava que fosse suficiente.

Hrathen se deteve quando sentiu uma vibração de movimento perto de uma tenda ao seu lado. A tenda era uma grande estrutura azul, com bordados extravagantes e grandes pavilhões parecidos com asas dos lados. A brisa trazia indícios de especiarias e fumaça; um mercador de incenso.

Hrathen franziu o cenho. Tinha certeza de ter visto o característico vermelho sangue de uma túnica derethi quando alguém entrou na tenda. Supunha-se que os arteths estavam em meditação solitária naquele momento, e não ociosos fazendo compras. Determinado a descobrir que sacerdote tinha desobedecido a suas ordens, Hrathen entrou na tenda.

Estava escuro lá dentro, as grossas paredes de lonas bloqueavam toda a luz do sol. Uma lamparina queimava na outra extremidade, mas a grande estrutura tinha tantas pilhas de caixas, tonéis e cestas que Hrathen só podia ver sombras. Ficou parado por um momento, seus olhos se acostumavam ao ambiente. Não parecia haver ninguém dentro da tenda, nem mesmo um mercador.

Deu um passou adiante, movendo-se entre ondas de aromas ao mesmo tempo pungentes e sedutores. Essências, sabonetes e óleos perfumavam o ar, e a mistura dos vários odores deixavam a mente confusa. Quase no fundo da tenda, Hrathen encontrou uma lamparina solitária colocada ao lado de uma caixa de cinzas, restos de incensos queimados. O gyorn tirou sua luva e esfregou o suave pó entre os dedos.

– As cinzas são como os destroços de seu poder, não são, Hrathen? – uma voz perguntou.

Hrathen se virou, sobressaltado pelo som. Uma figura obscurecida estava parada atrás dele, uma forma familiar que usava uma túnica derethi.

– O que está fazendo aqui? – Hrathen perguntou, dando as costas para Dilaf e limpando a mão antes de vestir novamente a luva.

Dilaf não respondeu. Ficou parado na escuridão, seu rosto invisível, enervante em sua pose.

– Dilaf? – Hrathen repetiu, se virando. – Fiz uma pergunta.

– Você falhou aqui, Hrathen – Dilaf sussurrou. – Esse idiota do Telrii está brincando com você. Com você, um gyorn do Shu-Dereth. Homens não fazem exigências ao império fjordênico, Hrathen. Não deveriam fazer.

Hrathen sentiu que ruborizava.

– O que sabe sobre essas coisas? – replicou. – Deixe-me em paz, arteth.

Dilaf não se moveu.

– Você chegou perto, admito, mas sua tolice lhe custou a vitória.

– Bah! – Hrathen exclamou, passando pelo homenzinho na escuridão, caminhando para a saída. – Minha batalha ainda está longe de terminar, ainda tenho tempo.

– Tem? – Dilaf perguntou. Pelo canto dos olhos, Hrathen viu Dilaf se aproximar das cinzas, correndo os dedos nelas. – Tudo escapou por entre seus dedos, não foi, Hrathen? Minha vitória é mais doce diante do seu fracasso.

Hrathen se deteve, então riu, voltando a encarar Dilaf.

– Vitória? Que vitória você conquistou? O que...?

Dilaf sorriu. Sob a luz fraca da lamparina, o rosto encoberto pelas sombras, ele sorriu. A expressão, cheia da paixão, da ambição e do fanatismo que Hrathen percebera naquele primeiro dia, há muito tempo, era tão perturbadora que a pergunta de Hrathen morreu em seus lábios. Na luz tremulante, o arteth não parecia um homem, mas um svrakiss enviado para atormentá-lo.

Dilaf soltou o punhado de cinzas, então passou por Hrathen, abrindo a porta de lona da tenda e saindo para a luz.

– Dilaf? – Hrathen perguntou com uma voz baixa demais para que o arteth pudesse ouvi-la. – Que vitória?

—Ai – Raoden reclamou enquanto Galladon enfiava uma agulha em sua bochecha.

– Pare de choramingar – o dula mandou, puxando o fio.

– Karata é muito melhor nisso – Raoden comentou. Estava sentado diante de um espelho em seus aposentos na mansão de Roial, a cabeça inclinada de lado, observando Galladon costurar a ferida causada pela espada.

– Então espere até voltarmos para Elantris – o dula disse rabugento, pontuando a frase com outra agulhada.

– Não – Raoden disse com um suspiro. – Já esperei tempo demais, posso sentir que se enruga um pouco cada vez que sorrio. Por que ela não me acertou no braço?

– Porque somos elantrinos, sule – Galladon explicou. – Se coisas ruins podem acontecer conosco, elas acontecem. Teve sorte de escapar só com isso. Na verdade, teve sorte de ter sido capaz de lutar com esse seu corpo.

– Não foi fácil – Raoden confessou, mantendo a cabeça imóvel enquanto o dula trabalhava. – É por isso que encerrei tão rapidamente.

– Bem, você luta muito melhor do que eu esperava.

– Eondel me ensinou – Raoden disse. – Na época em que eu tentava encontrar maneiras de provar que as leis do meu pai eram estúpidas. Eondel escolheu esgrima porque pensou que seria mais útil para mim, como político. Nunca imaginei que acabaria usando para evitar que minha esposa me fizesse em pedaços.

Galladon bufou divertido, enquanto enfiava a agulha em Raoden mais uma vez, e o príncipe rangeu os dentes de dor. As portas estavam fechadas com chave e as cortinas cerradas, pois Raoden teve que tirar sua máscara ilusória para que Galladon o costurasse. O duque fora gentil o suficiente para hospedá-los – Roial aparentava ser o único dos antigos amigos de Raoden que parecia intrigado, em vez de aborrecido, com a personalidade de Kaloo.

– Muito bem, sule – Galladon disse, dando o último ponto.

Raoden assentiu, olhando-se no espelho. Tinha quase começado a pensar que o belo rosto dula lhe pertencia. Isso era perigoso. Tinha que se lembrar que ainda era um elantrino, com todas as fraquezas e dores de sua espécie, apesar da personalidade despreocupada que adotara.

Galladon ainda usava sua máscara. As ilusões dos aons funcionariam enquanto Raoden não as eliminasse. Fossem desenhados no ar ou na lama, os aons só podiam ser destruídos por outro elantrino. Os livros diziam que um aon inscrito na terra continuaria a funcionar até mesmo se sua forma fosse alterada ou apagada.

As ilusões estavam ligadas às suas roupas íntimas, permitindo que trocassem de

roupa todos os dias sem precisar redesenhar o aon. A ilusão de Galladon era a de um largo rosto dula, indefinível, uma imagem que Raoden encontrara no final de um livro. O rosto de Raoden havia sido muito mais difícil de escolher.

– Como está minha personalidade? – Raoden perguntou, pegando o livro do AonDor para recriar sua ilusão. – Estou convincente?

Galladon deu de ombros, sentando-se na cama de Raoden.

– *Eu* não acreditaria que você era um dula, mas eles parecem acreditar. Mas não acho que pudesse fazer escolha melhor. Kolo?

Raoden assentiu enquanto desenhava. A nobreza arelena era muito conhecida, e Sarene teria descoberto imediatamente qualquer tentativa de se fazer passar por alguém vindo de Teod. Se quisesse falar aônico, só restava Duladel. Ficara óbvio, depois de suas fracassadas tentativas de imitar o sotaque de Galladon, que nunca faria um membro convincente das classes mais baixas de Duladel; até sua pronúncia de uma palavra simples como "kolo" fizera Galladon rolar de tanto rir. Felizmente, havia um bom número de cidadãos menos conhecidos de Duladel – homens que haviam sido prefeitos de cidades pequenas ou membros de conselhos sem importância – que falava um aônico impecável. Raoden conhecera muitos desses indivíduos, e imitar a personalidade deles só pedia um senso de extravagância e uma atitude indiferente.

Conseguir roupa havia sido um pouco difícil – exigindo que Raoden, com outra ilusão, fosse comprá-las no mercado areleno. Desde sua chegada oficial, no entanto, fora capaz de conseguir algumas roupas melhores. Achava que estava interpretando um dula razoavelmente bom, ainda que nem todos estivessem convencidos.

– Acho que Sarene está desconfiada – Raoden disse, terminando o aon e observando-o girar ao redor dele para moldar seu rosto.

– É um pouco mais cética do que a maioria.

– É verdade – Raoden concordou. Pretendia lhe dizer quem era assim que possível, mas ela resistia a qualquer tentativa de "Kaloo" de encontrá-la sozinha; havia inclusive recusado a carta que lhe enviara, devolvendo-a sem abrir.

Felizmente, as coisas iam melhor com o resto da nobreza. Desde que saíra de Elantris há dois dias, confiando Nova Elantris aos cuidados de Karata, Raoden conseguira se infiltrar na alta sociedade arelena com uma facilidade que surpreendia até ele mesmo. Os nobres estavam ocupados demais preocupando-se com o governo de Telrii para questionar o passado de Kaloo. De fato, haviam se apegado a ele com vigor impressionante. Aparentemente, a sensação de despreocupada tolice que ele levava às reuniões dava aos nobres a oportunidade de rir e esquecer o caos das últimas semanas. Então ele logo se tornara um convidado essencial em qualquer evento.

É claro que o teste verdadeiro seria se introduzir nas reuniões secretas de Roial e

Sarene. Se pretendia fazer algum bem para Arelon, precisava ser admitido neste grupo especial. Eram os únicos que estavam trabalhando para decidir o destino do país. Galladon estava cético sobre as chances de Raoden – é claro que Galladon estava cético sobre aquilo tudo. Raoden sorria para si mesmo; fora ele quem havia iniciado aquelas reuniões. Parecia irônico que agora precisasse se esforçar para conseguir ser admitido.

Com o rosto de Kaloo novamente mascarando o seu, Raoden colocou suas luvas verdes – artigos que mantinham a ilusão que faziam seus braços parecerem não elantrinos – e deu uma volta diante de Galladon.

– E o magnífico Kaloo retorna.

– Por favor, sule, não em privado. Já estive perto o bastante de estrangular você em público.

Raoden gargalhou.

– Ah, que vida. Amado por todas as mulheres, invejado por todos os homens.

Galladon bufou.

– Amado por todas as mulheres menos uma, você quer dizer.

– Bem, ela me *convidou* a lutar quando eu quiser – Raoden disse, sorrindo enquanto se aproximava para abrir as cortinas.

– Mesmo que seja só para ter outra chance de empalar você – Galladon comentou. – Devia ficar feliz que ela só o acertou no rosto, onde a ilusão cobriu o ferimento. Se tivesse apunhalado sua roupa, teria sido difícil explicar por que seu corte não sangrava. Kolo?

Raoden abriu a porta da sacada, andando para contemplar os jardins de Roial. Suspirou quando Galladon se juntou a ele.

– Me diga uma coisa. Por que todas as vezes que me encontro com ela, Sarene está determinada a me odiar?

– Deve ser amor – Galladon respondeu.

Raoden sorriu amargamente.

– Bem, pelo menos desta vez ela odeia Kaloo, em vez de mim de verdade. Imagino que posso perdoá-la por isso..., quase cheguei ao ponto de odiá-lo também.

Uma batida veio da porta, chamando a atenção deles. Galladon olhou para Raoden, que assentiu. Suas roupas e rostos estavam completos. Galladon, fazendo o papel de criado, destrancou a porta. Roial estava do lado de fora.

– Meu senhor – Raoden disse, aproximando-se com braços abertos e um amplo sorriso. – Espero que seu dia tenha sido tão bom quanto o meu!

– Foi, cidadão Kaloo – Roial disse. – Posso entrar?

– Certamente, certamente – Raoden falou. – Esta é sua casa, afinal de contas. Estamos tão indizivelmente em dívida por sua amabilidade que sei que nunca serei capaz de devolver o favor.

– Bobagem, cidadão – Roial comentou. – Ainda que, falando em pagamentos, lhe agradará saber que fiz um bom negócio com aqueles suportes de lamparinas que me deu. Depositei seu crédito em uma conta em meu banco, deverá ser suficiente para que viva confortavelmente por vários anos ao menos.

– Excelente! – Raoden exclamou. – Devemos procurar imediatamente outro lugar para residir.

– Não, não – o velho duque falou, levantando as mãos. – Fique aqui o quanto quiser. Tenho tão poucos visitantes na minha idade que até esta pequena casa parece grande demais.

– Então ficaremos o quanto nos suportar! – Raoden declarou com a característica falta de decoro dula. Dizia-se que no momento em que se convidava um dula para ficar, nunca se livrava dele ou de sua família.

– Diga-me, cidadão – Roial disse, andando até a sacada. – Onde encontrou uma dúzia de suportes de lâmpadas feitos de ouro maciço?

– Heranças de família – Raoden explicou. – Eu os resgatei das paredes enquanto as pessoas queimavam nossa mansão.

– Deve ter sido horrível – Roial disse, inclinando-se contra o parapeito da sacada.

– Pior do que horrível – Raoden confirmou, sombrio. Então sorriu. – Mas esses tempos ficaram para trás agora, meu senhor. Tenho um novo país e novos amigos! Vocês serão minha família agora.

Roial assentiu ausente, então olhou Galladon com cautela.

– Vejo que algo ocupa sua mente, lorde Roial – Raoden comentou. – Não tema dizer o que é... O bom Dendo está comigo desde que nasci: é digno da confiança de qualquer homem.

Roial assentiu de novo, virando-se para contemplar suas posses.

– Não me refiro aos maus tempos de sua terra natal indiscriminadamente, cidadão. Diz que já acabaram, mas temo que para nós o terror está apenas começando.

– Ah, fala dos problemas com o trono – Raoden disse, estalando a língua.

– Sim, cidadão – Roial confirmou. – Telrii não é um líder forte. Temo que Arelon logo tenha o mesmo destino que Duladel. Temos lobos fjordênicos nos mordiscando, farejando sangue, mas nossa nobreza finge que são apenas cães de caça mimados.

– Ah, tempos difíceis – Raoden falou. – Aonde posso ir para encontrar um pouco de paz?

– Algumas vezes temos que fazer nossa própria paz, cidadão.

– O que quer dizer? – Raoden perguntou, tentando não parecer animado.

– Cidadão, espero que não se ofenda quando digo que os outros o veem como bastante frívolo.

Raoden deu uma gargalhada.

– Espero que me vejam assim, meu senhor. Odiaria estar bancando o tolo por

nada.

Roial sorriu.

– Senti uma inteligência em você que não é completamente mascarada por seu jeito almofadinha, cidadão. Conte-me, como conseguiu escapar de Duladel?

– Temo que este segredo deva permanecer sem ser dito, meu senhor – Raoden respondeu. – Há quem sofreria muito se sua participação em minha fuga se tornasse conhecida.

Roial assentiu.

– Entendo. A parte importante é que você sobreviveu, enquanto seus compatriotas não. Sabe quantos refugiados atravessaram a fronteira quando a república caiu?

– Temo que não, meu senhor – Raoden respondeu. – Estava um pouco ocupado na época.

– Nenhum – Roial disse. – Nem uma única pessoa que eu saiba, excluindo você. Ouvi dizer que os republicanos estavam aturdidos demais até mesmo para pensar em fugir.

– Meu povo é lento para agir, meu senhor – Raoden falou erguendo as mãos. – Neste caso, nossa forma negligente determinou nossa queda. A revolução nos atropelou enquanto ainda discutíamos o jantar.

– Mas você escapou.

– Eu escapei – Raoden concordou.

– Já passou pelo que talvez tenhamos que sofrer, e isso torna seus conselhos muito valiosos, independentemente do que os outros pensem.

– Há uma maneira de escapar do destino de Duladel, meu senhor – Raoden disse, cauteloso. – Ainda que seja perigoso. Envolve uma mudança de liderança.

Roial estreitou os olhos, mostrando que sabia do que o outro falava, e assentiu. Algo passou entre eles – um entendimento da oferta do duque e a disposição de Raoden.

– Você fala de coisas perigosas – Roial advertiu.

– Já passei por muitas, meu senhor. Não seria avesso a um pouco mais de perigo se isso me proporcionasse meios de viver o resto de minha vida em paz.

– Não posso garantir que isso aconteça – Roial avisou.

– E não posso garantir que essa sacada não caia repentinamente, enviando-nos para nossa perdição. Tudo o que podemos fazer é contar com a sorte e com nossa inteligência para nos proteger.

Roial assentiu.

– Conhece a casa do mercador Kiin?

– Sim.

– Encontre-me lá esta noite, ao pôr-do-sol.

Raoden assentiu, e o duque pediu licença. Enquanto a porta se fechava, Raoden

piscou para Galladon.

– E você achou que eu não conseguiria.

– Nunca duvidarei de você novamente – Galladon disse, seco.

– O segredo era Roial, meu amigo – Raoden falou, fechando a porta da sacada, enquanto voltava para o quarto. – Ele vê através da maioria das fachadas..., mas, ao contrário de Sarene, sua primeira pergunta não é "por que este homem está me enganando", mas "como posso usar o que sei"? Eu dei as dicas, ele respondeu.

Galladon assentiu.

– Bem, está dentro. Agora, o que fará?

– Vou encontrar um modo de colocar Roial no trono, no lugar de Telrii – Raoden disse, pegando um trapo e um frasco de maquiagem marrom. Colocou um pouco da maquiagem no trapo e guardou o tecido no bolso.

Galladon levantou uma sobrancelha.

– E isso? – perguntou, fazendo um aceno para o trapo.

– Algo que espero não ter que usar.

–O que *ele* está fazendo aqui? – Sarene exigiu saber, parada na porta da cozinha de Kiin. O idiota do Kaloo estava sentado ali, vestido com uma mistura de vermelho vibrante e laranja. Conversava animadamente com Kiin e Roial, e aparentemente não notara a chegada dela.

Lukel fechou a porta atrás de Sarene, então olhou na direção do dula com desgosto aparente. Seu primo era conhecido como um dos mais espirituosos e pitorescos homens em Kae. A reputação de Kaloo, no entanto, rapidamente eclipsara até mesmo Lukel, deixando para o jovem mercador um amargo segundo lugar.

– Roial o convidou por algum motivo – Lukel murmurou.

– Roial ficou louco? – Sarene perguntou, talvez mais alto do que deveria. – E se o maldito dula é um espião?

– Um espião de quem? – Kaloo perguntou alegremente. – Não acho que seu pomposo rei tenha a sagacidade política para contratar espiões. E deixe-me assegurar, não importa o quanto eu a exaspere, princesa, incomodo os fjordênicos ainda mais. Aquele gyorn preferiria me apunhalar no peito antes de me pagar em troca de informação.

Sarene corou envergonhada, fato que só fez Kaloo dar outra gargalhada.

– Creio, Sarene, que achará as opiniões do cidadão Kaloo muito úteis – Roial assegurou. – Este homem vê as coisas de um modo diferente dos arelenos, e também tem uma opinião fresca sobre os acontecimentos de Kae. Acho que me lembro que você mesma usou um argumento similar quando se juntou a nós pela primeira vez. Não descarte o valor de Kaloo só porque ele parece ser um pouco mais excêntrico do que você acha adequado.

Sarene franziu o cenho, mas aceitou a reprimenda. As observações do duque tinham peso; seria útil ter uma nova perspectiva. Por alguma razão, Roial parecia confiar em Kaloo. Ela podia sentir um respeito mútuo entre eles. A contragosto, admitiu que talvez o duque tivesse visto algo em Kaloo que ela não notara. O dula, afinal das contas, estava hospedado com Roial há vários dias.

Ahan estava atrasado, como de costume. Shuden e Eondel falavam em voz baixa na outra ponta da mesa, sua tranquila conversa formava um forte contraste com a vibrante narrativa de Kaloo. Kiin providenciara aperitivos – biscoitos cobertos com algum tipo de creme branco. Apesar da insistência de Sarene de que ele não preparasse o jantar, Kiin obviamente fora incapaz de permitir que tanta gente se reunisse sem ter algo para comer. Sarene sorriu; duvidava que outros conspiradores desfrutassem de refeições dignas de um gourmet.

Alguns momentos mais tarde, Ahan chegou, sem se incomodar em bater. Largou-se em seu assento de sempre e começou a atacar os biscoitos.

– Estamos todos aqui, então – Sarene disse, falando em voz alta para interromper Kaloo. Todas as cabeças se voltaram para ela enquanto ficava em pé. – Acredito que todos devem ter refletido sobre nossa situação. Alguém quer começar?

– Eu quero – Ahan falou. – Talvez Telrii possa ser persuadido a não se converter ao Shu-Dereth.

Sarene suspirou.

– Achei que já tínhamos discutido isso, Ahan. Telrii não está pensando se vai ou não se converter; está esperando para ver quanto dinheiro consegue tirar de Wyrn.

– Se ao menos tivéssemos mais tropas – Roial disse, balançando a cabeça. – Com um exército adequado, poderíamos intimidar Telrii. Sarene, quais as chances de conseguirmos ajuda de Teod?

– Não muitas – Sarene falou, sentando-se. – Lembrem-se que meu pai se comprometeu com o Shu-Dereth. Além disso, Teod tem uma marinha maravilhosa, mas poucas tropas de infantaria. Nosso país tem uma população pequena, sobrevivemos afundando nossos inimigos antes que desembarquem.

– Ouvi dizer que há guerreiros da resistência em Duladel – Shuden sugeriu. – Atacam caravanas ocasionalmente.

Todos os olhos de viraram para Kaloo, que levantou as palmas das mãos.

– Acreditem, meus amigos, vocês não querem a ajuda deles. Os homens de quem falam são em geral antigos republicanos, como eu mesmo. Podem duelar uns contra os outros com bastante eficácia, mas um syre não é muito bom contra um soldado treinado, especialmente se tem cinco amigos ao lado dele. A resistência só sobrevive porque os fjordênicos são preguiçosos demais para persegui-los pelos pântanos.

Shuden franziu o cenho.

– Achei que estavam escondidos nas cavernas das estepes dula.

– Há vários grupos deles – Kaloo disse tranquilamente, ainda que Sarene detectasse uma insinuação de incerteza em seus olhos. *Quem é você?*, ela pensou, enquanto a conversa prosseguia.

– Acho que devemos avisar o povo – Lukel sugeriu. – Telrii indicou que pretende manter o sistema de colônias. Se encorajarmos os camponeses a se unir à nossa causa, eles podem estar dispostos a se levantar contra ele.

– Pode funcionar – Eondel comentou. – O plano de lady Sarene de compartilhar as colheitas com meus camponeses lhes deu um gosto de liberdade, e nos últimos meses ficaram mais autoconfiantes. Mas isso levaria muito tempo: não se treina um homem para a luta do dia para a noite.

– Concordo – Roial falou. – Telrii será derethi muito antes que terminemos, e a proposta de lei de Hrathen será promulgada.

– Podíamos fingir ser derethi por um tempo – Lukel disse. – Só enquanto estamos planejando a queda do rei.

Sarene negou com a cabeça.

– Se dermos ao Shu-Dereth esse tipo de oportunidade em Arelon, nunca nos livraremos dele.

– É só uma religião, Sarene – Ahan lembrou. – Acho que devemos nos concentrar em problemas reais.

– Não acha que o Shu-Dereth é um "problema real", Ahan? – Sarene perguntou. – Por que não tenta explicar isso para Jindo e Duladel?

– Ela está certa – Roial concordou. – Fjorden usa o Shu-Dereth como um veículo de dominação. Se aqueles sacerdotes converterem Arelon, então Wyrn governará, não importa quem coloquemos naquele trono.

– Então organizar um exército de camponeses está descartado? – Shuden perguntou, voltando ao tópico da conversa.

– Exige muito tempo – Roial falou.

– Além disso – Kaloo observou – não acho que queiram atirar este país em uma guerra. Já vi o que uma revolução sangrenta pode fazer com uma nação, quebra o espírito do povo e coloca um contra o outro. Os homens da Guarda da Cidade de Elantris podem ser tolos, mas ainda são seus compatriotas. O sangue deles estaria em suas mãos.

Sarene levantou a cabeça ao ouvir o comentário, feito sem nenhum sinal da habitual extravagancia de Kaloo. Algo nele a deixava cada vez mais desconfiada.

– Então o que fazer? – Lukel perguntou exasperado. – Não podemos lutar contra Telrii nem esperar que ele se converta? O que faremos?

– Podemos matá-lo – Eondel disse em voz baixa.

– Bem? – Sarene perguntou. Não esperava que essa sugestão aparecesse tão cedo na reunião.

– Tem seus méritos – Kiin concordou, mostrando uma frieza que Sarene jamais vira nele. – Assassinar Telrii resolveria um monte de problemas.

O aposento ficou em silêncio. Sarene sentia um gosto amargo na boca, enquanto estudava os homens. Eles sabiam o que ela sabia. Tinha decidido muito antes que a reunião começasse que este era o único jeito.

– Ah, a morte de um homem para salvar uma nação – Kaloo sussurrou.

– Parece a única alternativa – Kiin disse balançando a cabeça.

– Talvez – o dula concordou. – Embora me pergunte se não estamos subestimando o povo de Arelon.

– Já discutimos isso – Lukel recordou. – Não temos tempo suficiente para levantar os camponeses.

– Não só os camponeses, jovem Lukel – Kaloo falou – mas a nobreza. Não

sentiram uma hesitação em relação a Telrii? Não viram o desconforto nos olhos deles? Um rei sem apoio não é um rei em absoluto.

– E a Guarda? – Kiin assinalou.

– Me pergunto se não podíamos trazê-la para o nosso lado – Kaloo falou. – Certamente poderiam ser persuadidos a ver que o que estão fazendo não é certo.

"Vocês" tinha se convertido em "nós". Sarene franziu o cenho; faltava pouco para descobrir. Havia algo familiar nas palavras dele.

– É uma sugestão interessante – Roial falou.

– A Guarda e a nobreza apoiam Telrii porque não veem outra alternativa – Kaloo explicou. – Lorde Roial estava envergonhado com o casamento fracassado, e lady Sarene havia sido jogada em Elantris. Agora, no entanto, a vergonha se foi. Talvez se pudermos mostrar à Guarda o resultado final de suas decisões, ocupação de Fjorden e uma potencial escravidão do nosso povo..., eles perceberão que apoiaram o homem errado. Dê às pessoas uma escolha honesta, e acredito que elas escolherão sabiamente.

Era isso. Sarene conhecia aquela fé de algum lugar – aquela crença pura na bondade básica de todo homem. E, quando percebeu repentinamente onde vira aquele sentimento antes, não pode deixar de se levantar de um salto e gritar de surpresa.

***

Raoden apertou os dentes, reconhecendo imediatamente seu erro. Deixara Kaloo de lado muito rápido, mostrando muito de sua verdadeira personalidade. Os outros não notaram a mudança, mas Sarene – a querida e desconfiada Sarene – não fora tão descuidada. Ele olhou nos olhos desconcertados e arregalados dela, e soube que ela sabia. De algum modo, apesar do pouco tempo que passaram juntos, ela o reconheceu enquanto seus melhores amigos não foram capazes.

O-oh, ele pensou consigo mesmo.

***

– Sarene? – Roial perguntou. – Princesa, você está bem?

Sarene olhou timidamente ao redor, parada em pé na frente de sua cadeira. Mas logo esqueceu sua vergonha, quando seus olhos pousaram no furtivo Kaloo.

– Não, meu senhor, acho que não – ela falou. – Acho que precisamos de uma pausa.

– Não estamos com tanto tempo... – Lukel disse. Sarene o silenciou com os olhos, e ninguém mais se atreveu a enfrentar a fúria dela.

– Uma pausa, então – Roial disse lentamente.

– Bom – Kiin disse, levantando-se. – Tenho algumas empanadas de carne hraggish esfriando ali atrás. Vou buscá-las.

Sarene estava tão agitada que nem pensou em repreender seu tio por preparar uma refeição quando lhe dissera expressamente para não fazer isso. Lançou um olhar significativo para Kaloo e deixou a mesa, aparentemente para ir ao toalete. Esperou no escritório de Kiin por um momento antes que o miserável impostor finalmente dobrasse a esquina.

Sarene agarrou a camisa dele e o atirou contra a parede, enquanto pressionava o rosto contra o dele.

– *Espírito?* – exigiu saber. – O que, em nome do gracioso Domi, está fazendo aqui?

Espírito olhou para o lado, apreensivo.

– Não tão alto, Sarene! Como acha que esses homens reagirão se descobrirem que estão sentados com um elantrino?

– Mas..., como? – ela perguntou, sua fúria se converteu em entusiasmo enquanto percebia quem ele realmente era. Estendeu a mão para tocar o nariz dele, que era grande demais para ser seu nariz verdadeiro. Ficou surpresa quando seus dedos passaram pela ponta como se não estivesse ali.

– Estava certa sobre os aons, Sarene – Espírito disse rapidamente. – São mapas de Arelon, tudo o que tive que fazer foi acrescentar uma linha, e todo o sistema começou a funcionar novamente.

– Uma linha?

– O Abismo – Espírito explicou. – *Ele* causou o Reod. Foi uma mudança suficiente na paisagem para que sua presença precisasse ser refletida nos aons.

– Funciona! – Sarene falou. Então soltou a camisa dele e lhe deu um forte soco nas costelas. – Esteve mentindo para mim!

– Ai – Espírito reclamou. – Por favor, sem me socar, meu corpo não sara, lembra?

Sarene arfou.

– Isso não...?

– Mudou quando arrumamos o AonDor? – Espírito perguntou. – Não. Ainda sou um elantrino embaixo desta ilusão. Há mais alguma coisa errada com o AonDor.

Sarene resistiu à vontade de socá-lo novamente.

– Por que mentiu para mim?

Espírito sorriu.

– Ah, vai tentar me dizer que não foi mais divertido desse jeito?

– Bem...

Ele riu.

– Só você consideraria isso uma desculpa válida, minha princesa. Na verdade, não tive chance de lhe contar. Cada vez que tentava me aproximar de você nesses últimos dias, você escapulia..., e ignorou a carta que lhe mandei. Não podia simplesmente pular na sua frente e arrancar minha fantasia. Então vim esta noite na

casa de Kiin na esperança de vê-la.

– Verdade? – Sarene perguntou com um sorriso.

– Pergunte a Galladon – Raoden falou. – Está na casa de Roial agora mesmo, comendo todos os doces jaadorianos do duque. Sabia que ele tem uma fraqueza por doces?

– O duque ou Galladon?

– Ambos. Olhe, eles vão começar a se perguntar por que demoramos tanto.

– Deixe-os – Sarene disse. – Todas as outras mulheres ficam orbitando tanto ao redor de Kaloo, que já é hora que eu entre na fila.

Espírito começou a rir, mas captou a expressão perigosa nos olhos dela e parou.

– Era realmente o único jeito, Sarene. Eu não tinha muita escolha, tinha que representar o papel.

– Acho que atuou um pouco bem demais – ela disse. Então sorriu, incapaz de permanecer zangada.

Ele obviamente captou que os olhos dela se suavizavam, pois relaxou.

– Tem que admitir que houve momentos divertidos. Não sabia que era tão boa na esgrima.

Sarene sorriu astuta.

– Meus talentos são abundantes, Espírito. E, aparentemente, os seus também, não tinha ideia de que *você* era um ator tão bom. Eu odiei você.

– É bom se sentir apreciado – Espírito falou, deixando que seus braços a rodeassem.

Repentinamente ela ficou ciente da proximidade dele. O corpo de Espírito estava na temperatura ambiente, e a frieza anormal incomodava. Mesmo assim, em vez de se afastar, ela apoiou a cabeça em seu ombro.

– Então, por que veio? Devia estar em Nova Elantris, preparando seu povo. Por que se arriscar vindo a Kae?

– Para encontrar você – ele disse.

Ela sorriu. Aquela era a resposta certa.

– E – ele prosseguiu – para evitar que vocês matem uns aos outros. Este país está certamente uma confusão, não é?

Sarene suspirou.

– E é parcialmente minha culpa.

Espírito a segurou pelo pescoço e virou sua cabeça para olhá-las nos olhos. O rosto era diferente, mas aqueles olhos eram os mesmos. Profundos e azuis. Como o confundira com outra pessoa?

– Você *não* tem permissão para se censurar, Sarene – ele disse. – Já tenho o suficiente disso com Galladon. Fez um trabalho maravilhoso aqui, melhor do que eu teria imaginado. Imaginei que esses homens deixariam de se reunir depois que parti.

Sarene fez uma pausa, sacudindo-se do transe de estar perdida naqueles olhos.

– O que acabou de dizer? Depois que partiu...?

Vozes chamaram do outro aposento, e Espírito piscou para ela, seus olhos cintilando.

– Precisamos voltar agora. Mas... vamos dizer que há algo mais que preciso contar para você depois que a reunião acabar e pudermos falar em particular.

Ela assentiu, meio aturdida. Espírito estava em Kae, e o AonDor funcionava. Voltou para a sala de jantar e se sentou à mesa. Espírito voltou alguns momentos mais tarde. Ainda assim, uma cadeira estava fazia.

– Onde está Ahan? – Sarene perguntou.

Kiin franziu o cenho.

– Partiu – declarou com amargura.

Lukel gargalhou, sorrindo depois para Sarene.

– O conde afirma que algo que comeu não lhe caiu bem. Ele foi embora.

– É impossível – Kiin grunhiu. – Não havia nada naqueles biscoitos que poderia ter atacado seu estômago.

– Estou segura de que não foram os biscoitos, tio – Sarene disse com um sorriso. – Deve ter sido algo que ele comeu antes.

Lukel gargalhou em concordância.

– Domi sabe, aquele homem come tanto que é incrível que não termine doente todas as noites unicamente pela lei da probabilidade.

– Bem, devíamos continuar sem ele – Roial falou. – Não sabemos quanto tempo ficará indisposto.

– De acordo – Sarene disse, preparando-se para começar novamente.

Roial, no entanto, se adiantou. Levantou-se devagar, seu velho corpo parecia surpreendentemente fraco. O duque suspirou, balançando a cabeça.

– Se todos me permitem, tenho algo a dizer.

Os nobres assentiram, sentindo a solenidade do duque.

– Não mentirei para vocês: não cheguei a considerar se devíamos ou não empreender ações contra Telrii. Ele e eu passamos os últimos dez anos como inimigos comerciais. É um homem escandaloso e libertino, será um rei pior, até mesmo, do que Iadon. Sua complacência em sequer considerar o estúpido projeto de lei de Hrathen era a prova final de que eu precisava. Não, minha razão para pedir mais tempo antes que nos encontrássemos não era para me perguntar se devíamos depor Telrii. A razão pela qual pedi mais tempo para vocês foi para esperar que alguns associados meus chegassem.

– Associados? – Sarene perguntou.

– Assassinos – Roial falou. – Homens que contratei em Fjorden. Nem todas as pessoas daquele país são perfeitamente fieis ao seu Deus, algumas são juradas ao

ouro, em vez disso.

– Onde estão? – Sarene perguntou.

– Em uma taverna, não muito distante – Roial contou.

– Mas – Sarene disse, confusa – ainda na semana passada você nos alertava contra deixar que um banho de sangue guiasse nossa revolução.

Roial abaixou a cabeça.

– A culpa estava falando, querida Sarene, pois eu já tinha mandado buscar esses homens. Contudo, mudei de ideia. Este jovem de Duladel...

Roial foi interrompido pelo som de passos na entrada: Ahan retornara. *Estranho*, Sarene pensou consigo mesma enquanto se virava*, não ouvi a porta da frente se fechar*.

Quando se virou, não encontrou Ahan parado na porta. Em vez disso, deu de cara com um grupo de soldados armados com um homem bem vestido na frente. O rei Telrii.

Sarene se levantou de um salto, mas seu grito de surpresa ficou perdido entre outras exclamações similares. Telrii deu um passo para o lado, permitindo que uma dúzia de homens da Guarda da Cidade de Elantris enchesse a sala. Eram seguidos pelo corpulento conde Ahan.

– Ahan! – Roial disse. – O que você fez?

– Finalmente peguei você, velho – o conde disse alegremente, as papadas balançando. – Disse que faria isso. Zombe sobre o que minhas caravanas para Svorden estão fazendo *agora*, seu velho maldito. Veremos como as suas se sairão enquanto passa os próximos anos na prisão.

Roial balançou a cabeça branca com tristeza.

– Seu tolo..., não percebeu quando isso deixou de ser um jogo? Não estamos mais brincando com frutas e sedas.

– Proteste, se quiser – Ahan disse, agitando o dedo em triunfo. – Mas tem que admitir que peguei você! Estive esperando por isso há meses, nunca pude fazer que Iadon acreditasse em mim. Acredita que ele achava que você era incapaz de traí-lo? Dizia que a antiga amizade de vocês era muito forte.

Roial suspirou e olhou para Telrii, que sorria abertamente, desfrutando da situação.

– Ah, Ahan – Roial falou. – Você sempre gostou de agir sem pensar.

Sarene estava estupefata. Não podia se mover, nem sequer falar. Traidores deviam ser homens com olhos escuros e temperamento amargo. Não conseguia associar essa imagem com Ahan. Era arrogante e impetuoso, mas *gostava* dele. Como alguém que ela apreciava podia fazer algo tão horrível?

Telrii estalou os dedos, e um soldado se adiantou e cravou a espada na barriga do duque Roial. Roial arfou, então despencou com um gemido.

– Assim são os julgamentos do seu rei – Telrii falou.

Ahan gritou, os olhos arregalados em seu rosto gordo.

– Não! Você disse que seria a prisão! – Passou correndo por Telrii, balbuciando enquanto se ajoelhava ao lado de Roial.

– Disse? – Telrii perguntou. Então apontou para dois de seus soldados. – Vocês dois, reúnam alguns homens e encontrem esses assassinos, depois... – Coçou o queixo, pensativamente. – ... joguem todos das muralhas de Elantris.

Os dois homens fizeram uma saudação e saíram do aposento.

– Os demais – Telrii prosseguiu – matem esses traidores. Comecem com a querida princesa. Que todos saibam que esta é a punição para todos aqueles que tentarem usurpar o trono.

– Não! – Shuden e Eondel gritaram em uníssono.

Os soldados começaram a se mover, e Sarene encontrou-se atrás de um muro de proteção formado por Shuden, Eondel e Lukel. Apenas Eondel estava armado, no entanto, e iam enfrentar cerca de dez homens.

– Interessante que tenha mencionado usurpadores, duque Telrii – uma voz disse do outro lado da mesa. – Eu tinha a impressão de que o trono pertencia à família de Iadon.

Sarene seguiu o som. Seus olhos encontraram Espírito – ou, pelo menos, alguém usando as roupas de Espírito. Tinha a clara pele aônica, cabelo castanho claro e penetrantes olhos azuis. Os olhos de Espírito. Mas seu rosto não mostrava nenhum dos sinais das manchas de Elantris. Jogou um trapo sobre a mesa, e ela pode ver manchas marrons em um lado do tecido – como se quisesse que acreditassem que simplesmente removera a maquiagem para revelar um rosto completamente diferente embaixo.

Telrii arfou, e retrocedeu até se chocar contra a parede.

– Príncipe Raoden! – exclamou. – Não! Você morreu. Me disseram que estava morto!

Raoden. Sarene estava aturdida. Encarou Espírito, perguntando-se quem ele era, e se alguma vez realmente o conhecera.

Espírito olhou para os soldados.

– Vão se atrever realmente a assassinar o verdadeiro rei de Arelon? – exigiu saber.

Os membros da Guarda recuaram, confusos e assustados.

– Homens, protejam-me! – Telrii gritou, dando a volta e escapando do aposento. Os soldados viram seu líder fugir, então sem cerimônia alguma se juntaram a ele, deixando os conspiradores sozinhos.

Espírito – Raoden – saltou sobre a mesa e passou correndo por Lukel. Empurrou o ainda balbuciante Ahan e se ajoelhou ao lado de Kiin – o único que pensara em

cuidar do ferimento de Roial. Sarene observava aturdida um pouco atrás, seus sentidos estavam paralisados. Era óbvio que os cuidados de Kiin nem de perto seriam suficientes para salvar o duque. A espada transpassara completamente o corpo do homem, causando uma dolorosa ferida que era certamente mortal.

– Raoden! – o duque Roial arfou. – Você voltou para nós!

– Fique quieto, Roial – Raoden falou, apunhalando o ar com o dedo. Uma luz brotou da ponta enquanto ele começava a desenhar.

– Devia ter sabido que era você – o duque divagou. – Toda aquela conversa boba sobre confiar nas pessoas. Acredita que começava a concordar com você? Devia ter mandado aqueles assassinos fazerem o serviço assim que chegaram.

– É um homem bom demais para isso, Roial – Espírito disse, a voz tensa de emoção.

Os olhos de Roial focaram, percebendo pela primeira vez o aon que Espírito desenhava sobre ele.

– Também fez a bela cidade regressar?

Espírito não respondeu, concentrado em seu aon. Desenhava diferentemente de antes, seus dedos se moviam com mais destreza e rapidez. Terminou o aon com uma pequena linha embaixo. O caractere começou a brilhar calidamente, banhando Roial com sua luz. Enquanto Sarene observava, as bordas da ferida do duque pareciam se juntar levemente. Um arranhão em seu rosto desapareceu, e várias manchas de idade em seu couro cabeludo sumiram.

Então a luz se apagou, e a ferida ainda derramava sangue com cada inútil batida do coração moribundo do duque.

Raoden praguejou.

– É muito fraco – disse, começando desesperadamente outro aon. – E não estudei os modificadores de cura! Não sei como mirar em uma única parte do corpo.

Roial estendeu o braço trêmulo e agarrou a mão de Espírito. O aon parcialmente completado se desvaneceu, pois o movimento do duque fez com que Espírito cometesse um erro. Espírito não começou novamente, inclinando a cabeça como se chorasse.

– Não chore, meu menino – Roial falou. – Seu retorno é abençoado. Não pode salvar este corpo velho e cansado, mas pode salvar o reino. Morrerei em paz, sabendo que está aqui para proteger Arelon.

Espírito segurou o rosto do ancião entre suas mãos.

– Fez um trabalho maravilhoso comigo, Roial – sussurrou, e Sarene sentiu que estava se intrometendo. – Sem você me vigiando, eu teria ficado como meu pai.

– Não, menino – Roial disse. – Você era muito mais parecido com sua mãe desde o início. Domi o abençoe.

Sarene se virou quando a morte do duque se tornou arrepiante, seu corpo sofria

espasmos e o sangue aflorava em sua boca. Quando olhou novamente, pestanejando para espantar as lágrimas, Raoden ainda estava ajoelhado junto ao cadáver do ancião. Por fim, inspirou profundamente e se levantou, virando-se para olhar os demais com olhos tristes, mas firmes. Ao seu lado, Sarene sentiu Shuden, Eondel e Lukel caírem de joelhos, inclinando as cabeças em reverência.

– Meu rei – Eondel disse, falando por todos eles.

– Meu... marido – Sarene percebeu, surpresa.

—Ele fez *o quê*? – Hrathen perguntou surpreso.

Sobressaltado pela súbita reação do gyorn, o sacerdote gaguejou enquanto repetia a mensagem. Hrathen interrompeu o homem na metade.

O duque da Colônia Ial, morto? Por ordem de Telrii? Que tipo de atitude sem sentido era essa? Hrathen podia dizer pelo rosto do mensageiro que havia mais, então fez sinal para que o homem prosseguisse. Logo percebeu que a execução não fora tão ao acaso assim – de fato, fora completamente lógica. Hrathen não podia acreditar na sorte de Telrii. Dizia-se que Roial era um homem astuto; pegar o duque em um ato de traição fora surpreendentemente oportuno.

O que o mensageiro relatou na sequência era ainda mais incrível. Corriam rumores de que o príncipe Raoden voltara do túmulo.

Hrathen permaneceu sentado, aturdido, em sua mesa. Uma tapeçaria esvoaçou na parede quando o mensageiro fechou a porta ao sair.

Controle, ele pensou. *Você pode lidar com isso*. O rumor do retorno de Raoden era falso, é claro, mas Hrathen admitia que era um golpe de mestre. Conhecia a reputação virtuosa do príncipe; o povo olhava Raoden com um nível de adoração reservado apenas para os mortos. Se Sarene, de algum modo, encontrara alguém parecido com ele, podia dizer que era seu esposo e continuar seu apelo pelo trono, mesmo agora que Roial estava morto.

Ela certamente trabalha com rapidez, Hrathen pensou com um sorriso respeitoso.

O assassinato de Roial ainda incomodava Hrathen. Matar o duque sem um julgamento ou encarceramento deixaria os outros nobres ainda mais apreensivos. Hrathen se levantou. Talvez não fosse tarde demais para convencer Telrii a pelo menos rascunhar uma ordem de execução. As mentes aristocráticas ficariam mais calmas se fossem capaz de ler um documento desses.

***

Telrii se negou a recebê-lo. Hrathen ficou na sala de espera novamente, encarando os dois guardas de Telrii, de braços cruzados. Os homens olhavam para o chão com timidez. Aparentemente, algo inquietara tanto o rei que ele não queria ver ninguém.

Hrathen não pretendia se deixar ignorar. Ainda que não pudesse forçar a entrada no aposento, podia fazer de si mesmo um estorvo tão grande que em algum momento Telrii concordaria em recebê-lo. Por isso, passou a última hora exigindo uma audiência a cada cinco minutos.

De fato, já era momento de se aproximar para outra petição.

– Soldado – ordenou –, pergunte ao rei se pode me receber.

O soldado suspirou – exatamente como fizera nas últimas dezenas de vezes que Hrathen fizera a mesma exigência. Mesmo assim obedeceu, abriu a porta e entrou para procurar seu comandante. Alguns segundos mais tarde, o homem voltou.

A pergunta de Hrathen ficou presa em sua garganta. *Não era o mesmo homem*.

O "guarda" desembainhou a espada e atacou o segundo homem de sentinela. Sons de metal contra metal ressoaram na câmara de audiências do rei, e homens começaram a gritar – alguns de raiva, outros de agonia.

Hrathen praguejou – uma batalha na única noite em que deixara sua armadura para trás. Rangendo os dentes, desviou dos guardas que lutavam e entrou na sala.

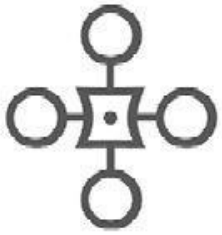
As tapeçarias estavam em chamas, e homens lutavam desesperadamente nos espaços estreitos. Vários guardas jaziam mortos na porta do fundo. Alguns usavam o marrom e amarelo da Guarda de Elantris. Outros estavam de azul e prata – as cores da legião do conde Eondel.

Hrathen se esquivou de alguns ataques, desviando das espadas ou arrancando-as das mãos dos homens. Tinha que encontrar o rei. Telrii era importante demais para...

O tempo parou quando Hrathen viu o rei através da briga, pedaços de tecido em fogo despencavam dos brocados do teto. Com os olhos fora de órbita de medo, Telrii ocorria na direção da porta do fundo da sala. A espada de Eondel encontrou o pescoço do rei antes que desse mais do que alguns passos.

O cadáver decapitado de Telrii caiu aos pés de Eondel. O conde o encarou com olhos sombrios e despencou, segurando uma ferida na lateral do corpo.

Hrathen ficou parado, em silêncio, no meio da confusão, o caos esquecido momentaneamente, olhando os dois corpos. *Tudo isso por evitar uma mudança sangrenta de poder*, pensou com resignação.



PARTE III
O ESPÍRITO DE ELANTRIS

Parecia anormal contemplar Elantris do lado de fora. Raoden pertencia à cidade. Era como se estivesse fora do próprio corpo, observando-o através da perspectiva de outra pessoa. Não devia estar separado de Elantris, assim como seu espírito não devia estar separado de seu corpo.

Estava com Sarene no alto da casa fortificada de Kiin, ao sol do meio-dia. O mercador, demonstrando tanto previdência quanto saudável paranoia após o massacre dez anos antes, construíra sua mansão mais como um castelo do que como uma casa. Era um quadrado compacto, com eretos muros de pedra e janelas estreitas, e ficava em cima de uma colina. O telhado tinha um reforço de pedras na beirada, como o parapeito de uma muralha. Era contra uma dessas pedras que Raoden se apoiava agora, Sarene se postava ao seu lado e mantinha os braços ao redor da cintura dele, enquanto observavam a cidade.

Pouco depois da morte de Roial, na noite anterior, Kiin havia trancado as portas e informado que tinham suprimentos estocados suficientes para durar anos. Ainda que Raoden duvidasse que as portas sobrevivessem contra um ataque determinado, acolheu com prazer o sentimento de segurança que Kiin inspirava. Ninguém sabia como Telrii reagiria à aparição de Raoden. Contudo, era provável que renunciasse a toda pretensão e buscasse a ajuda de Fjorden. A Guarda de Elantris podia ter hesitado em atacar Raoden, mas as tropas fjordênicas não teriam essa inibição.

– Eu devia ter imaginado – Sarene murmurou ao lado de Raoden.

– É? – Raoden perguntou, erguendo uma sobrancelha. Ela estava usando um dos vestidos de Daora. Era, é claro, muito curto para ela, mas Raoden gostava do pedaço de perna que ficava descoberto. Usava sua peruca loira curta, que fora cortada de um jeito que a fazia parecer mais jovem do que era, uma estudante em vez de uma mulher madura. Bem, Raoden retificou, uma estudante de um metro e oitenta de altura.

Sarene levantou a cabeça, olhando-o nos olhos.

– Não acredito que não juntei as peças. Até estava desconfiada com seu desaparecimento, quero dizer, com o desaparecimento de Raoden. Achei que o rei havia matado ou pelo menos exilado você.

– Ele certamente teria gostado de fazer isso – Raoden falou. – Tentou me mandar embora em várias ocasiões, mas eu conseguia me livrar de alguma forma.

– Era tão *óbvio*! – Sarene disse, descansando a cabeça no ombro dele contrariada. – O disfarce, a vergonha..., faz todo o sentido.

– É fácil ver as respostas quando o mistério está resolvido, Sarene – Raoden

lembrou. – Não me surpreende que ninguém tenha conectado meu desaparecimento com Elantris. Não é o tipo de coisa que um areleno supõe. As pessoas não falam sobre Elantris, e certamente não querem associá-la com aqueles que amam. *Preferiam* acreditar que eu havia morrido do que aceitar que eu fora tomado pela Shaod.

– Mas não sou arelena – Sarene falou. – Não tenho os mesmos preconceitos.

– Você vivia com eles – Raoden ponderou. – Não podia deixar de ser influenciada pela disposição deles. Além disso, não viveu perto de Elantris, não sabia como a Shaod atuava.

Sarene bufou para si mesma.

– E você me deixou na ignorância. Meu próprio esposo.

– Eu lhe dei uma pista – ele protestou.

– Sim, cinco minutos antes de revelar sua identidade.

Raoden riu, puxando-a para mais perto. Não importava o que mais acontecesse, estava feliz por ter tomado a decisão de deixar Elantris. Este breve tempo com Sarene valia a pena.

Depois de alguns instantes, ele percebeu algo.

– Não sou, você sabe.

– Não é o quê?

– Seu marido. Pelo menos, o relacionamento é questionável. O contrato nupcial dizia que nosso casamento seria obrigatório se um de nós morresse antes da cerimônia. Não morri, fui para Elantris. Ainda que essencialmente seja a mesma coisa, as cláusulas do contrato não são muito específicas.

Sarene levantou os olhos, preocupada.

Ele riu baixo.

– Não estou tentando escapar, Sarene – afirmou. – Estou só dizendo que deveríamos formalizar, para que todos se tranquilizem.

Sarene pensou um instante, então assentiu vivamente.

– Definitivamente. Estive noiva duas vezes nos últimos dois meses, e nunca cheguei a me casar. Uma garota merece um bom casamento.

– Um casamento de rainha – Raoden concordou.

Sarene suspirou enquanto olhava novamente para Kae. A cidade parecia fria e sem vida, quase despovoada. A incerteza política estava destruindo a economia de Arelon, assim como o governo de Iadon destruíra seu espírito. Onde deveria haver um comércio agitado, apenas alguns pedestres corajosos deslizavam furtivamente pelas ruas. A única exceção era a grande praça da cidade, que abrigava as tendas do Mercado Areleno. Enquanto alguns mercadores haviam decidido cortar as perdas – indo para Teod vender o que pudessem – um número surpreendente permanecera. O que teria persuadido tantos comerciantes a ficar e oferecer seus produtos para

pessoas que não estavam comprando?

O único outro lugar que mostrava algum sinal de atividade era o palácio. Os membros da Guarda da Cidade de Elantris pululavam na região como insetos preocupados durante toda a manhã. Sarene enviara seu seon para investigar, mas ele ainda não retornara.

– Ele era um homem muito bom – Sarene disse suavemente.

– Roial? – Raoden perguntou. – Sim, era. O duque era todo o modelo que eu precisava quando meu pai se provou indigno.

Sarene deu uma risadinha.

– Quando Kiin me apresentou Roial, disse que não tinha certeza se o duque nos ajudava porque amava Arelon, ou simplesmente porque estava entediado.

– Muita gente tomava a astúcia de Roial como um sinal de enganação – Raoden falou. – Estavam errados; Roial era esperto, e gostava das intrigas, mas era um patriota. Ele me ensinou a acreditar em Arelon, mesmo depois dos muitos tropeços da nação.

– Era como um avô sábio – Sarene comentou. – E quase se tornou meu marido.

– Ainda não acredito nisso – Raoden falou. – Eu amava Roial..., mas imaginá-lo casado? Com você?

Sarene riu.

– Não acho que acreditássemos tampouco. É claro, isso não quer dizer que não iríamos adiante com isso.

Raoden suspirou, acariciando o ombro de Sarene.

– Se eu soubesse em que mãos capazes estava deixando Arelon. Teria me poupado muitas preocupações.

– E Nova Elantris? – Sarene perguntou. – Karata está cuidando dela?

– Nova Elantris cuida de si mesma sem muitos problemas – Raoden afirmou. – Mas enviei Galladon de volta esta manhã, com instruções de começar a ensinar o AonDor às pessoas. Se falharmos aqui, não quero deixar Elantris incapaz de se proteger.

– Provavelmente não resta muito tempo.

– Tempo suficiente para que aprendam um aon ou dois – Raoden respondeu. – Eles merecem conhecer o segredo de seu poder.

Sarene sorriu.

– Sempre soube que você encontraria a resposta. Domi não deixaria que sua dedicação fosse desperdiçada.

Raoden sorriu. Na noite passada, ela o fizera desenhar várias dúzias de aons para provar que realmente funcionavam. É claro, não haviam sido suficientes para salvar Roial.

Uma rocha de culpa queimava no peito de Raoden. Se conhecesse os

modificadores adequados, poderia ter sido capaz de salvar Roial. Uma ferida na barriga levava muito tempo para matar um homem; Raoden poderia ter curado cada órgão separadamente e então fechado a pele. Em vez disso, fora capaz apenas de desenhar um aon genérico que afetou o corpo inteiro de Roial. O poder do aon, já enfraquecido, se diluiu tanto pelo objetivo amplo que não serviu de nada.

Raoden ficara até tarde memorizando modificadores. A cura com o AonDor era complexa, uma arte difícil, mas estava determinado a se assegurar de que ninguém mais morreria por causa de sua inabilidade. Levaria meses para decorar, mas aprenderia o modificador para cada órgão, músculo e osso.

Sarene voltou a contemplar a cidade. Continuava segurando com força a cintura de Raoden – a princesa *não* gostava de alturas, especialmente se não tivesse onde se firmar. Olhando por sobre a cabeça dela, Raoden repentinamente se lembrou de algo de seus estudos noturnos.

Estendeu a mão e puxou a peruca dela. A peruca resistiu enquanto a cola aguentou, depois cedeu, revelando o cabelo que começava a nascer embaixo. Sarene se virou com expressão intrigada e incomodada, mas Raoden já estava desenhando.

Não era um aon complexo; só exigia que ele estipulasse um objetivo, como o objetivo seria afetado, e a quantidade de tempo. Quando terminou, o cabelo dela começou a crescer. Veio devagar, deslizando de sua cabeça como uma respiração lentamente exalada. Em poucos minutos, no entanto, estava acabado – seus longos cabelos loiros novamente chegavam ao meio das costas.

Sarene correu os dedos pelos cabelos incrédula. Então olhou para Raoden com olhos lacrimejantes.

– Obrigada – sussurrou, puxando-o mais para perto. – Não tem ideia do que isso significa.

Depois de um momento, se afastou, encarando-o com intensos olhos cinza prateados.

– Mostre-se para mim.

– Meu rosto? – Raoden perguntou.

Sarene assentiu.

– Você já o viu antes – ele disse, hesitante.

– Eu sei, mas estou ficando muito acostumada com este. Quero ver seu verdadeiro aspecto.

A determinação nos olhos dela o impediu de argumentar mais. Com um suspiro, tocou com indicador na gola de sua camiseta de baixo. Para ele, nada mudou, mas viu Sarene se enrijecer quando a ilusão se desfez. Sentiu-se repentinamente envergonhado e começou apressadamente a desenhar o aon de novo, mas ela o deteve.

– Não é tão horrível quanto pensa, Raoden – ela disse, passando os dedos pelo

rosto dele. – Dizem que seus corpos são como cadáveres, mas não é verdade. Sua pele pode ser descolorida e um pouco enrugada, mas ainda há carne por debaixo.

O dedo de Sarene encontrou o corte na bochecha dele, e ela gemeu ligeiramente.

– Eu fiz isso, não foi?

Raoden assentiu.

– Como eu disse..., não tinha ideia de que fosse tão boa esgrimista.

Sarene passou o dedo pelo machucado.

– Fiquei terrivelmente confusa quando não pude encontrar a ferida. Por que a ilusão mostra suas expressões, mas não um corte?

– É complicado – Raoden falou. – Você tem que ligar cada músculo do rosto com o equivalente da ilusão. Nunca pude fazer isso por mim mesmo: as equações estão todas em um dos meus livros.

– Mas você alterou a ilusão tão rapidamente na noite passada, mudando de Kaloo para Raoden.

Ele sorriu.

– É porque eu tinha *duas* ilusões prontas, uma conectada em minha camiseta de baixo e outra ao meu casaco. Assim que dissolvi a que estava em cima, a de baixo se mostrou. Só fiquei feliz que tenha parecido comigo o suficiente para que os demais me reconhecessem. Não havia, é claro, nenhuma equação que indicasse como criar meu próprio rosto, tive que descobrir por minha conta.

– Fez um bom trabalho.

– Extrapolei a partir do meu rosto elantrino, dizendo à ilusão para usá-la como base – ele sorriu. – Você é uma mulher de sorte, tem um homem que pode mudar de rosto a qualquer momento. Nunca vai ficar entediada.

Sarene fez uma careta.

– Gosto bastante desse. É o rosto que me amou quando achavam que eu era elantrina, sem posição ou títulos.

– Acha que poderia se acostumar com isso? – Raoden perguntou.

– Raoden, eu ia me casar com Roial semana passada. Era um velho querido, mas era tão incrivelmente feio que as pedras pareciam belas ao lado dele.

Raoden gargalhou. Apesar de tudo – de Telrii, de Hrathen e da morte do pobre Roial – seu coração estava em júbilo.

– O que *estão* fazendo? – Sarene perguntou, olhando novamente para o palácio.

Raoden se virou para seguir o olhar dela – um movimento que empurrou Sarene levemente para a frente. Ela reagiu agarrando com força o ombro de Raoden, seus dedos enterrando-se na carne dele.

– Não faça isso!

– Ops – ele disse, colocando um braço ao redor dos ombros dela. – Esqueci do seu medo de altura.

– *Não* tenho medo de altura – Sarene disse, ainda segurando o braço dele. – Só fico tonta.

– É claro – Raoden aquiesceu, contemplando o palácio. Apenas podia distinguir um grupo de soldados fazendo alguma coisa diante do edifício. Estavam carregando cobertores ou lençóis de algum tipo.

– Está muito longe – Sarene comentou. – Onde está Ashe?

Raoden levantou a mão e esboçou um Aon Nae – um grande caractere circular – no ar diante deles. Quando terminou, o ar dentro do círculo do aon ondulou como água, então clareou para mostrar uma visão ampliada da cidade. Colocando sua mão no centro do círculo, Raoden moveu o aon até apontá-lo para o palácio. A vista se aclarou, e foram capazes de ver os soldados com tantos detalhes que até podiam distinguir as insígnias de seus postos.

– Isso é útil – Sarene observou enquanto Raoden erguia o aon levemente. Os soldados estavam realmente carregando lençóis..., lençóis que envolviam corpos. Raoden ficou gelado enquanto movia o disco ao longo dos cadáveres alinhados. Os dois últimos cadáveres da fila eram familiares.

Sarene arfou de horror quando o aon focou os rostos de Eondel e Telrii, ambos mortos.

—Ele atacou tarde da noite, minha senhora – Ashe explicou.

Os membros remanescentes do grupo – Kiin, Lukel e Shuden– estavam reunidos na parte superior da casa, observando enquanto Raoden focava com seu aon lupa as piras funerárias erguidas diante do palácio.

O barão Shuden estava sentado sombriamente em uma das pedras do telhado, sacudindo a cabeça incrédulo. Sarene segurava a mão do jovem jindonês em uma tentativa de consolá-lo, dolorosamente ciente do quão difíceis os últimos dias deviam ter sido para ele. Seu futuro sogro se mostrara um traidor, Torena estava declaradamente desaparecida, e agora seu melhor amigo estava morto.

– Era um homem corajoso – Kiin disse, de pé ao lado de Raoden.

– Isso nunca esteve em questão – Raoden concordou. – Suas ações, no entanto, foram uma tolice.

– Ele fez isso por honra, Raoden – Sarene disse, observando o abatido Shuden. – Telrii assassinou um grande homem noite passada. Eondel agiu para vingar o duque.

Raoden balançou a cabeça.

– A vingança é sempre uma motivação estúpida, Sarene. Agora perdemos não só Roial, mas também Eondel. O povo se encontra com um segundo rei morto em um espaço de poucas semanas.

Sarene deixou o assunto para lá. Raoden falava como governante, não como amigo. Não podia se dar ao luxo de perdoar Eondel, mesmo na morte, por causa da situação que o conde criara.

Os soldados não esperaram por cerimônias para incinerar os caídos. Simplesmente acenderam a pira, então bateram continência enquanto os cadáveres ardiam. O que quer que pudesse ser dito sobre a Guarda, os soldados haviam cumprido esse único dever com solenidade e honra.

– Aqui – Raoden disse, apontando seu aon para um destacamento de cerca de cinquenta soldados que deixara a pira e galopava na direção da casa de Kiin. Todos usavam os mantos marrons que os caracterizava como oficiais da Guarda da Cidade de Elantris.

– Isso pode ser ruim – Kiin disse.

– Ou pode ser bom – Raoden replicou.

Kiin negou com a cabeça.

– Devíamos bloquear a entrada. Deixá-los tentar derrubar minha porta com uma tonelada de pedra atrás dela.

– Não – Raoden falou. – Ficar preso aqui dentro não serviria de nada. Quero me

encontrar com eles.

– Há outras saídas do edifício – Kiin comentou.

– Mesmo assim, espere pelo meu comando para bloquear a entrada, Kiin – Raoden falou. – É uma ordem.

Kiin apertou os dentes por um momento, então assentiu.

– Tudo bem, Raoden. Não porque é uma ordem, mas porque confio em você. Meu filho pode chamá-lo de rei, mas não aceito a autoridade de nenhum homem.

Sarene olhou seu tio com expressão de chocada surpresa. Nunca o vira falar dessa maneira; era normalmente tão jovial quanto um urso de circo feliz. Agora seu rosto estava sério e sombrio, coberto pela barba que permitira que crescesse no momento em que Iadon foi encontrado morto. Havia desaparecido o brusco, mas complacente *chef*, e em seu lugar estava um homem que parecia mais um grisalho almirante da marinha de seu pai.

– Muito obrigado, Kiin – Raoden disse.

Seu tio assentiu. Os cavaleiros se aproximaram rapidamente, espalhando-se para cercar a fortaleza de Kiin. Notando Raoden no telhado, um dos soldados fez seu cavalo avançar um pouco.

– Ouvimos rumores que lorde Raoden, príncipe herdeiro de Arelon, ainda vive – o homem anunciou. – Se há verdade nisso, que se adiante. Nosso país precisa de um rei.

Kiin relaxou visivelmente, e Raoden soltou um silencioso suspiro. Os oficiais da Guarda permaneceram em fila, ainda montados, e até mesmo a essa distância Raoden podia ver seus rostos. Estavam atormentados, confusos, mas esperançosos.

– Temos que agir rapidamente, antes que o gyorn possa dar uma resposta – Raoden falou para seus amigos. – Mandem mensageiros para a nobreza, planejo celebrar minha coroação dentro de uma hora.

***

Raoden entrou na sala do trono do palácio. Ao lado do trono estavam Sarene e o patriarca de aparência jovem da religião Korathi. Raoden acabara de conhecer o homem, mas a descrição feita por Sarene fora acurada. Longos cabelos dourados, um sorriso que afirmava saber coisas que não sabia e um ar de grandeza eram suas características mais marcantes. Contudo, Raoden precisava dele. A decisão de escolher o patriarca do Shu-Korath para coroá-lo era um precedente importante.

Sarene sorria encorajadora enquanto Raoden se aproximava. Surpreendia-o o quanto ela tinha para dar, considerando o que passara recentemente. Juntou-se a ela e se virou para olhar a nobreza de Arelon.

Reconhecia a maior parte dos rostos. Muitos o apoiavam antes de seu exílio. Agora a maioria estava simplesmente confusa. Sua aparição fora súbita, assim como

a morte de Telrii. Corriam rumores de que Raoden estava por trás do assassinato, mas grande parte das pessoas parecia não se importar. Seus olhos estavam cheios de espanto, e estavam começando a mostrar os sinais de cansaço pela tensão acumulada.

Isso vai mudar agora, Raoden prometeu em silêncio. *Não haverá mais questionamentos. Não haverá mais incertezas. Formaremos uma frente unida com Teod, e enfrentaremos Fjorden.*

– Meus senhores e senhoras – Raoden falou. – Povo de Arelon. Nosso pobre reino sofreu muito nos últimos dez anos. Vamos endireitá-lo mais uma vez. Com esta coroa, prometo...

Ele se deteve. Sentia um poder. No início, pensou que o dôr estava atacando. Contudo, percebeu que era outra coisa – algo que não havia experimentado antes. Algo externo.

Alguém estava manipulando o dôr.

Procurou na multidão, disfarçando sua surpresa. Seus olhos pousaram em uma pequena figura de túnica vermelha, quase invisível entre os nobres. O poder estava vindo dele.

Um sacerdote derethi? Raoden pensou, incrédulo. O homem estava sorrindo, e seu cabelo era loiro embaixo do capuz. *O quê?*

O estado de espírito dos presentes mudou. Várias pessoas desmaiaram imediatamente, mas a maioria ficou simplesmente olhando. Aturdidos. Espantados. Mas, de algum modo, não estavam surpresos. Haviam suportado tanta coisa que já esperavam que algo horrível acontecesse. Sem conferir, Raoden soube que sua ilusão desaparecera.

O patriarca gemeu e derrubou a coroa, enquanto cambaleava para trás. Raoden olhou a multidão, enjoado. Estivera tão perto...

Uma voz falou ao lado dele.

– Olhem para ele, nobres de Arelon – Sarene declarou. – Olhem o homem que teria sido seu rei. Olhem para sua pele escura e seu rosto elantrino! E agora, me digam: isso realmente importa?

A multidão ficou em silêncio.

– Por dez anos foram governados por um tirano porque rejeitaram Elantris – Sarene prosseguiu. – Vocês eram os privilegiados, os ricos, mas, de certo modo, eram os mais oprimidos, pois nunca tiveram segurança. Seus títulos valeram o preço das suas liberdades? Este é o homem que os amou quando todos os outros queriam apenas roubar seu orgulho. O fato de ser elantrino o tornará um rei pior do que Iadon ou Telrii?

Ela se ajoelhou diante de Raoden.

– Eu, pelo menos, aceito seu reinado.

Raoden observou tenso a multidão. Então, um a um, começaram a se ajoelhar. Começou com Shuden e Lukel, que estavam na frente da multidão, mas logo se espalhou entre os demais. Como uma onda, as pessoas se ajoelhavam – umas em estupor, outras com resignação. Alguns, no entanto, ousavam ficar felizes.

Sarene estendeu o braço e pegou a coroa caída. Era uma coisa simples – não mais do que uma banda de ouro feita às pressas – mas representava muito. Com Seinalan aturdido, coube à princesa de Teod o dever de colocar a coroa na cabeça de Raoden.

– Contemplem seu rei! – exclamou.

Alguns até mesmo começaram a comemorar.

***

Um homem não celebrava, mas sibilava. Dilaf parecia disposto a abrir caminho entre a multidão e destroçar Raoden com as mãos nuas. As pessoas, cuja celebração deixara de ser alguns gritos esparsos para se tornar uma exclamação generalizada de aprovação, o mantiveram afastado. O sacerdote olhou ao redor com repulsa e então abriu caminho pela multidão e escapou pelas portas em direção à cidade escura.

Sarene ignorou o sacerdote e, em vez disso, olhou para Raoden.

– Congratulações, Vossa Majestade – disse, beijando-o de leve.

– Não posso acreditar que me aceitaram – Raoden comentou, assombrado.

– Há dez anos eles rejeitaram os elantrinos – Sarene falou – e descobriram que um homem pode ser um monstro não importa sua aparência. Estão finalmente prontos para aceitar um governante não porque é um deus ou porque tem dinheiro, mas porque sabem que vai governá-los bem.

Raoden sorriu.

– É claro, ajuda quando o governante tem uma esposa que pode fazer um discurso motivador no momento certo.

– É verdade.

Raoden se virou, olhando pela multidão, na direção do fugidio Dilaf.

– Quem era aquele?

– Só um dos sacerdotes de Hrathen – ela respondeu com desdém. – Imagino que não está tendo um bom dia. Dilaf é famoso por seu ódio contra os elantrinos.

Raoden não parecia pensar que o desdém dela fosse justificado.

– Algo está errado, Sarene. Por que minha ilusão sumiu?

– Você não fez isso?

Raoden negou com a cabeça.

– Eu..., eu acho que aquele sacerdote fez.

– O quê?

– Senti o dôr um momento antes que meu aon caísse, e estava vindo daquele

sacerdote – Deteve-se por um momento, rangendo os dentes. – Pode me emprestar Ashe?

– É claro – Sarene disse, acenando para que o seon se aproximasse.

– Ashe, entregaria uma mensagem para mim? – Raoden perguntou.

– É claro, meu senhor – o seon disse, balançando.

– Encontre Galladon em Nova Elantris e conte para ele o que aconteceu – Raoden disse. – Depois avise-o para estar preparado para alguma coisa.

– Para o quê, meu senhor?

– Não sei – Raoden admitiu. – Só lhe diga para ficar preparado. E diga-lhe que estou preocupado.

Hrathen observava enquanto "Raoden" entrava na sala do trono. Ninguém desafiava a reivindicação do impostor – este homem, Raoden ou não, logo seria rei. O movimento de Sarene era um golpe de mestre. Telrii assassinado, um pretendente no trono..., os planos de Hrathen corriam sério risco.

Observou o pretendente, sentindo um estranho arrebatamento de ódio ao ver como Sarene olhava para o homem. Hrathen podia ver amor nos olhos dela. Poderia aquela tola adoração realmente ser séria? De onde esse homem viera tão repentinamente? E como conseguira capturar Sarene, que era em geral tão sagaz?

Pelo que parecia, ela havia dado seu coração para ele. Logicamente, Hrathen sabia que seus ciúmes eram uma tolice. Sua própria relação com a garota havia sido de antagonismo, não de afeição. Por que sentiria ciúmes de outro homem? Não, Hrathen precisava manter o equilíbrio. Restava apenas um mês até que os exércitos dos derethi unidos varressem Arelon, massacrando seu povo – Sarene incluída. O gyorn tinha que trabalhar rápido se quisesse descobrir um jeito de converter o reino com tão pouco tempo restante.

Hrathen começou a se afastar enquanto Raoden começava a cerimônia de coroação. Muitos reis ordenavam o encarceramento de seus inimigos como primeiro decreto real, e o gyorn não queria que sua presença fosse um lembrete para aquele impostor.

No entanto, estava perto o suficiente da frente para testemunhar a transformação. Hrathen se confundiu com a visão: supunha-se que a Shaod vinha repentinamente, mas não *tão* repentinamente. A estranheza o obrigou a reconsiderar suas suposições. E se Raoden não tivesse morrido? E se estivesse escondido em Elantris todo esse tempo? Hrathen encontrara um jeito de se fingir de Elantrino. E se aquele homem tivesse feito o mesmo?

O gyorn estava surpreso pela transformação, mas ficou ainda mais quando o povo de Arelon não fez nada a respeito. Sarene fez seu discurso e todos ficaram ali, em pé, aturdidos. Não a impediram de coroar um rei elantrino.

Hrathen se sentiu enjoado. Deu meia-volta e casualmente viu Dilaf escapulindo entre a multidão. Seguiu-o; pela primeira vez, compartilhava o desgosto do arteth. Estava surpreso que o povo de Arelon pudesse agir de modo tão ilógico.

Naquele momento, Hrathen percebeu seu erro. Dilaf estivera certo: se tivesse se concentrado mais em Elantris, o povo teria se sentido desgostado demais para aceitar Raoden como rei. Deixara de incutir em seus seguidores o autêntico sentido da sagrada vontade de Jaddeth. Usara popularidade para converter, em vez de

doutrina. O resultado era uma congregação frágil, capaz de regressar aos antigos costumes tão rapidamente quanto os havia abandonado.

Esse maldito limite de tempo!, Hrathen pensou consigo mesmo, enquanto percorria as ruas de Kae, cada vez mais escuras. Três meses não era tempo suficiente para formar um seguidor estável.

Diante dele, Dilaf entrou em uma rua lateral. Hrathen se deteve. Aquele não era o caminho para a capela – era o caminho para o centro da cidade. A curiosidade venceu o mau humor, e o gyorn virou-se para seguir o arteth, mantendo distância suficiente para ocultar o som metálico de seus pés nos paralelepípedos. Não tinha que se preocupar; Dilaf atravessava a noite escura com um único propósito em mente, sem se incomodar em olhar para trás.

Anoitecia, e a escuridão cobria a praça do mercado. Com a luz tênue, Hrathen perdeu Dilaf de vista e parou, olhando ao redor das tendas silenciosas.

De repente, luzes apareceram ao redor dele.

Centenas de tochas ganharam vida em dezenas de tendas diferentes. Hrathen franziu o cenho, e seus olhos se arregalaram quando homens começaram a sair de dentro delas, as tochas iluminando suas costas nuas.

Hrathen recuou, horrorizado. Conhecia aquelas figuras retorcidas. Braços como nodosos troncos de árvores. A pele marcada com estranhas protuberâncias e símbolos que não podiam ser pronunciados.

Embora a noite estivesse silenciosa, lembranças uivaram nos ouvidos de Hrathen. As tendas e os mercadores haviam sido um ardil. Era por isso que tantos fjordênicos haviam vindo ao Mercado Areleno, apesar do caos político, e era por isso que haviam ficado quando todos partiram. Não eram mercadores, mas guerreiros. A invasão de Arelon estava começando um mês antes.

Wyrn enviara monges de Dakhor.

Raoden despertou com estranhos ruídos. Ficou desorientado por um momento na mansão de Roial. O casamento só estava programado para acontecer na tarde do dia seguinte, então Raoden preferira dormir nos aposentos de Kaloo, na mansão de Roial, em vez de permanecer na casa de Kiin, onde Sarene já ocupava o quarto de hóspedes.

Os ruídos voltaram novamente – barulhos de luta.

Raoden saltou da cama e abriu as portas da sacada para observar os jardins e Kae. A fumaça cobria o céu noturno, incêndios ardiam por toda a cidade. Era possível ouvir gritos que se erguiam na escuridão, como lamentos de condenados, e metal se chocava contra metal em algum lugar ali perto.

Vestiu rapidamente seu casaco e Raoden correu pela mansão. Virou uma esquina e deu de cara com um esquadrão de guardas lutando por suas vidas contra um grupo de demônios.

Estavam de peito desnudo, e seus olhos pareciam arder. Assemelhavam-se a homens, mas sua carne estava cheia de protuberâncias e desfigurada, como se, de algum modo, um pedaço de metal tivesse sido inserido sob a pele deles. Um dos soldados de Raoden acertou um dos demônios, mas sua arma mal deixou marca – arranhando onde deveria ter cortado. Uma dúzia de soldados jazia moribunda no chão, mas os cinco demônios pareciam ilesos. Os soldados restantes lutavam aterrorizados, suas armas eram ineficazes, seus companheiros morriam um a um.

Raoden retrocedeu, aterrorizado. O líder dos demônios pulou sobre um soldado, esquivando-se do golpe do homem com velocidade inumana, então o empalou com uma espada vingativa.

Raoden congelou. Reconhecia aquele demônio. Embora seu corpo estivesse retorcido como os demais, seu rosto era familiar. Era Dilaf, o sacerdote fjordênico.

Dilaf sorriu, olhando para Raoden, que tentou pegar a arma de um dos soldados caídos, mas foi lento demais. Dilaf disparou pelo aposento, movendo-se como o vento, e acertou um soco no estômago de Raoden. O príncipe arfou de dor e caiu no chão.

– Tragam-no – a criatura ordenou.

***

– Assegure-se de fazer a entrega esta noite – Sarene disse, fechando a tampa da última caixa de suprimentos.

O mendigo assentiu, olhando apreensivamente para a muralha de Elantris, que estava a apenas alguns metros de distância.

– Não tem o que temer, Hoid – Sarene assegurou. – Você tem um novo rei agora. As coisas vão mudar em Arelon.

Hoid deu de ombros. Apesar da morte de Telrii, o mendigo se recusava a encontrar Sarene durante o dia. O povo de Hoid passara dez anos temendo Iadon e suas fazendas; não estavam acostumados a agir sem a presença envolvente da noite, não importava o quão de acordo com a lei fossem suas intenções. Sarene teria usado outra pessoa para fazer a entrega, mas Hoid e seus homens já sabiam onde depositar as caixas. Além disso, preferia que a população de Arelon não descobrisse o que ia nesse carregamento em particular.

– Essas caixas estão mais pesadas do que as anteriores, minha senhora – Hoid observou astutamente. Havia uma razão pela qual conseguira sobreviver uma década nas ruas de Kae sem ter sido capturado.

– O que tem nas caixas não é da sua conta – Sarene respondeu, dando-lhe uma bolsa de moedas.

Hoid assentiu, seu rosto estava escondido pelas sombras do capuz. Sarene nuca vira seu rosto, mas presumia pela voz que era velho.

Ela estremeceu na noite, ansiosa para voltar para a casa de Kiin. O casamento estava marcado para o dia seguinte, e Sarene estava com dificuldades de conter a excitação. Apesar de todas as tentativas, problemas e contratempos, havia finalmente um rei honrado no trono de Arelon. E, depois de anos de espera, Sarene finalmente encontrara alguém com quem seu coração estava disposto a se casar tanto quanto sua mente.

– Então boa noite, minha senhora – Hoid falou, seguindo a fila de mendigos que subia lentamente as escadarias da muralha de Elantris.

Sarene acenou com a cabeça para Ashe.

– Vá dizer a eles que o carregamento está a caminho, Ashe.

– Sim, minha senhora – Ashe disse, balançando, e flutuou atrás dos mendigos de Hoid.

Apertando o xale de encontro ao corpo, Sarene subiu em sua carruagem e ordenou ao cocheiro que a levasse para casa. Esperava que Galladon e Karata entendessem por que estava enviando caixas cheias de espadas e arcos. O aviso apreensivo de Raoden mais cedo, naquele mesmo dia, deixara Sarene muito inquieta. Continuava se preocupando com Nova Elantris e seu povo amistoso e contente, então finalmente decidira fazer algo.

Sarene suspirou enquanto a carruagem seguia pela rua tranquila. As armas provavelmente não ajudariam muito; as pessoas de Nova Elantris não eram soldados. Mas era o que podia fazer.

A carruagem parou repentinamente. Sarene franziu o cenho, abrindo a boca para perguntar ao cocheiro o que havia acontecido. Então parou. Agora que o ruído da

roda parara, podia ouvir algo. Algo que soava levemente como gritos. Sentiu cheiro de fumaça no instante seguinte. Sarene abriu a cortina da carruagem, colocando a cabeça para fora da janela. Viu uma cena que parecia o próprio inferno.

A carruagem estava parada em um cruzamento. Três ruas pareciam tranquilas, mas a que estava bem diante dela estava iluminada de vermelho. As casas ardiam, e haviam cadáveres no chão. Homens e mulheres corriam gritando pelas ruas; outros simplesmente ficavam parados, em choque. Entre eles caminhavam guerreiros sem camisa, suas peles brilhavam de suor sob a luz do fogo.

Era uma carnificina. Os estranhos guerreiros matavam impassíveis, abatendo igualmente homens, mulheres e crianças com golpes indiferentes de suas espadas. Sarene observou aturdida por um instante antes de gritar para que o cocheiro desse meia-volta. O homem saiu de seu estupor, chicoteando os cavalos para que virassem.

O grito de Sarene morreu em sua garganta, quando um dos guerreiros sem camisa percebeu a carruagem. O soldado correu na direção deles, enquanto a carruagem começava a fazer o retorno. O grito de advertência de Sarene para o cocheiro foi tarde demais. O estranho guerreiro saltou, cobrindo uma distância incrível para aterrissar nas costas do cavalo. O soldado se agarrou com agilidade na carne do animal, e, pela primeira vez, Sarene conseguiu ver as torções inumanas de seu corpo e o fogo gélido em seus olhos.

Outro salto curto levou o guerreiro para o teto da carruagem. O veículo balançou ligeiramente, e o cocheiro gritou.

Sarene abriu a porta e saltou. Correu pelos paralelepípedos, perdendo os sapatos na pressa. Rua acima, longe dos incêndios, estava a casa de Kiin. Se pudesse...

O cadáver do cocheiro se chocou contra um edifício ao lado dela e despencou no chão. Sarene gritou, cambaleando para trás, quase tropeçando. Ao lado, a criatura demoníaca era uma escura silhueta contra a luz dos incêndios, enquanto saltava da carruagem e avançava lentamente pela rua na direção dela. Ainda que seus movimentos parecessem casuais, ele se movia em um ágil estado de alerta. Sarene podia ver as sombras e protuberâncias anormais sob a pele dele, como se seu esqueleto tivesse sido retorcido e entalhado.

Contendo outro grito, Sarene começou afastar, correndo rua acima, na direção da casa de seu tio. Não era rápida o bastante. Capturá-la seria apenas um jogo para esse monstro; ela podia ouvir os passos dele logo atrás. Aproximando-se. Mais e mais rápido. Podia ver as luzes adiante, mas...

Fora agarrada pelo tornozelo. Sarene se debateu enquanto a criatura puxava com força incrível, torcendo a perna dela e fazendo-a girar até derrubá-la de costas no chão. Sarene rodou, gemendo de dor.

A figura retorcida se assomou sobre ela. Podia ouvi-la sussurrar em uma língua

estrangeira. Fjordênico.

Algo escuro e imenso acertou o monstro, jogando-o de costas. Duas figuras lutavam na escuridão. A criatura uivava, mas o recém-chegado gritava mais alto. Aturdida, Sarene se levantou, observando as figuras nas sombras. Uma luz nas proximidades logo as desmascarou. O guerreiro sem camisa era esperado. O outro não.

– *Kiin?* – Sarene perguntou.

Seu tio segurava um imenso machado, grande como o peito de um homem. Acertou-o nas costas da criatura que se retorcia nas pedras, procurando sua espada. A criatura praguejou de dor, ainda que o machado não tivesse penetrado muito. Kiin puxou a arma, ergueu-a em um poderoso arco e voltou a acertá-la diretamente na cara do demônio.

A criatura grunhiu, mas não parou de se mexer. Nem Kiin. Acertou mais uma vez, e outra, esmagando a cabeça do demônio com golpes repetidos, dando gritos de batalha teodenos com sua voz áspera. Os ossos se esmagaram, e finalmente a criatura ficou imóvel.

Algo tocou seu braço, e Sarene gritou. Lukel, ajoelhado ao lado dela, erguia uma lamparina.

– Venha! – ele instou, agarrando-a pela mão e ajudando-a a ficar em pé.

Cruzaram correndo a pequena distância até a mansão de Kiin, seu tio seguiu arrastando-se pesadamente. Atravessaram as portas e entraram na cozinha, onde um grupo assustado esperava o regresso deles. Daora correu até seu marido, enquanto Lukel fechava a porta.

– Lukel, bloqueie a entrada – Kiin ordenou.

Lukel obedeceu, empurrando a alavanca que Sarene sempre pensara que era uma base para um porta-lamparina. No instante seguinte, houve um poderoso desmoronamento na entrada e o pó se espalhou pela cozinha.

Sarene se largou em uma cadeira, olhando para o aposento silencioso. Shuden estava ali, e havia conseguido encontrar Torena, que soluçava baixinho em seus braços. Daorn, Kaise e Adien se amontoavam em um canto com a esposa de Lukel. Raoden não estava ali.

– O que..., o que *são* aquelas coisas? – Sarene perguntou, olhando para Lukel.

Seu primo balançou a cabeça.

– Não sei. O ataque começou há uma hora, e estávamos preocupados que alguma coisa tivesse acontecido com você. Estávamos lá fora esperando, ainda bem que o pai conseguiu ver sua carruagem ao pé da colina.

Sarene assentiu, ainda um pouco aturdida.

Kiin estava de pé, abraçando a esposa, olhando para o machado ensanguentado na outra mão.

– Jurei que não voltaria a usar essa maldita arma – sussurrou.

Daora deu algumas palmadinhas no ombro do marido. Apesar de sua comoção, Sarene percebeu que reconhecia o machado. Costumava ficar pendurado na parede da cozinha, com outras lembranças das viagens de Kiin. No entanto, ele manejara a arma com habilidade inegável. O machado não era um simples enfeite como ela presumira. Olhando mais de perto, pode ver entalhes e arranhões na lâmina. Gravado no aço estava um aon heráldico – Aon Reo. O caractere significava "punição".

– Por que um mercador precisaria saber como usar uma arma como essa? – Sarene perguntou, quase para si mesma.

Kiin balançou a cabeça.

– Um mercador não precisaria.

Sarene conhecia apenas uma pessoa que havia usado o Aon Reo, embora fosse mais um mito do que um homem.

– Eles o chamavam de Dreok – ela sussurrou. – O pirata Esmagarganta.

– Isso sempre foi um erro – Kiin falou, com sua voz áspera. – O nome verdadeiro era Dreok *Gargantesmagada*.

– Ele tentou roubar o trono de Teod do meu pai – Sarene disse, olhando Kiin nos olhos.

– Não – Kiin respondeu, virando-se. – Dreok queria o que lhe pertencia. Tentou tomar de volta o trono que seu irmão mais jovem, Eventeo, roubara..., roubara bem debaixo do nariz de Dreok, enquanto ele estava tolamente desperdiçando sua vida em agradáveis viagens.

***

Dilaf entrou na capela, o rosto brilhava de satisfação. Um de seus monges deixou cair um inconsciente Raoden perto da parede do fundo.

– É assim, meu caro Hrathen – Dilaf disse – que se lida com hereges.

Horrorizado, Hrathen se afastou da janela.

– Você está massacrando a cidade inteira, Dilaf! Qual o objetivo disso? Onde está a glória de Jaddeth nisso?

– Não me questione! – Dilaf gritou, seus olhos ardendo. Seu fanatismo finalmente havia sido liberado.

Hrathen se virou. De todos os títulos na hierarquia da Igreja Derethi, apenas dois superavam o de gyorn: Wyrn e gradget – líder de um monastério. Os gradgets em geral não contavam, pois tinham pouco a fazer no mundo fora de seus monastérios. Aparentemente isso mudara.

Hrathen passou os olhos pelo peito nu de Dilaf, vendo os padrões retorcidos que sempre estiveram escondidos sob a túnica de arteth. O estômago de Hrathen se revirou com as linhas e curvas que corriam como veias varicosas sob a pele do

homem. Era osso, Hrathen sabia – osso duro e inflexível. Dilaf não era apenas um monge, e não era apenas um gradget; eram monge e gradget do mais infame monastério de Fjorden. Dakhor. A Ordem do Osso.

As orações e encantamentos usados para criar monges de Dakhor eram secretos; nem mesmo gyorns os conheciam. Alguns meses depois que um menino era iniciado na ordem Dakhor, seus ossos começavam a crescer e se retorcer, adotando estranhos padrões como os que eram visíveis sob a pele de Dilaf. De algum modo, cada uma daquelas deformações dava ao seu portador habilidades como aumento da velocidade e da força.

Horríveis imagens passaram pela mente de Hrathen. Imagens de sacerdotes cantando sobre ele; lembranças de uma dor pavorosa crescendo dentro dele, a dor dos ossos se deformando. Fora demais para ele – a escuridão, os gritos, o tormento. Hrathen partira depois de poucos meses para se juntar a outro monastério.

Não deixara para trás os pesadelos e as lembranças, no entanto. Dakhor não era facilmente esquecido.

– Então sempre foi fjordênico? – Hrathen sussurrou.

– Nunca suspeitou, não é? – Dilaf perguntou com um sorriso. – Tinha que ter percebido. É muito mais fácil imitar um areleno para quem fala fjordênico do que é para um homem real de Arelon aprender a Sagrada Linguagem com tanta perfeição.

Hrathen abaixou a cabeça. Seu dever era claro; Dilaf era seu superior. Não sabia quanto tempo Dilaf estava em Arelon – os monges de Dakhor viviam vidas inusitadamente longas – mas era óbvio que estava planejando a destruição de Kae há muito tempo.

– Ah, Hrathen – Dilaf disse com uma risada. – Nunca entendeu seu lugar, não é? Wyrn não mandou você para cá para converter Arelon.

Hrathen levantou a cabeça, surpreso. Tinha uma carta de Wyrn que dizia o contrário.

– Sim, conheço suas ordens, gyorn – Dilaf assegurou. – Releia aquela carta quando tiver oportunidade. Wyrn não o enviou para Arelon para converter, enviou você para informar o povo sobre sua iminente destruição. Você era uma distração, algo para chamar a atenção de pessoas como Eventeo, enquanto eu preparava a cidade para a invasão. Fez seu trabalho com perfeição.

– Distração...? – Hrathen perguntou. – Mas o povo...

– A intenção nunca foi salvá-los, Hrathen – Dilaf contou. – Wyrn sempre pretendeu destruir Arelon. Precisa de uma vitória assim para garantir o controle sobre os outros países. Apesar dos seus esforços, nosso controle sobre Duladel é tênue. O mundo precisa saber o que acontece com aqueles que blasfemam contra Jaddeth.

– Essas pessoas não blasfemam – Hrathen falou, sentindo sua ira aumentar. –

Nem mesmo conhecem Jaddeth! Como podemos esperar que ajam bem se não lhes damos uma oportunidade para se converter?

A mão de Dilaf disparou e esbofeteou Hrathen no rosto. O gyorn retrocedeu, a bochecha ardia com a dor do golpe – desferido por uma mão surpreendentemente forte, endurecida por ossos extras.

– Esquece com quem está falando, gyorn – Dilaf exclamou. – Este povo é ímpio. Apenas arelenos e teodenos podem se tornar elantrinos. Se os destruirmos, então acabaremos com a heresia de Elantris para sempre!

Hrathen ignorou sua bochecha latejar. Com incredulidade crescente, compreendeu por fim o quão profundo era o ódio de Dilaf.

– Vai massacrar todos eles? Assassinaria uma nação inteira?

– É a única maneira de ter certeza – Dilaf respondeu, sorrindo.

Raoden despertou com novas dores. A pior era em sua nuca, mas havia outras – arranhões, hematomas e cortes por todo seu corpo.

Por um momento, foi quase insuportável. Cada ferida doía de maneira aguda, sem jamais cessar, sem nunca diminuir. Felizmente, passara semanas lidando com os terríveis ataques do dôr. Comparado com aqueles esmagadores momentos de agonia, as dores regulares de seu corpo – não importava o quão severas fossem – pareciam mais fracas. Ironicamente, a mesma força que quase o destruíra agora lhe permitia manter a insanidade a distância.

Embora atordoado, podia sentir que alguém o pegava e o jogava em algo duro – uma sela. Perdeu a noção do tempo enquanto o cavalo galopava, e foi obrigado a lutar contra a escuridão da insensibilidade. Ouvia vozes ao seu redor, mas falavam em fjordênico, e ele não entendia.

O cavalo parou. Raoden abriu os olhos com um gemido, enquanto mãos o desmontavam e o colocavam no solo.

– Acorde, elantrino – uma voz disse em aônico.

Raoden levantou a cabeça, pestanejando, confuso. Ainda era noite, e podia sentir o denso odor de fumaça. Estavam ao pé de uma colina – a colina de Kiin. A pesada casa estava a apenas alguns metros de distância, mas mal podia distingui-la. Sua visão oscilava, tornando tudo borrado.

Misericordioso Domi, ele pensou, *que Sarene esteja a salvo*.

– Sei que pode me ouvir, princesa – Dilaf gritou. – Olhe quem tenho aqui. Vamos fazer um acordo.

– Não! – Raoden tentou dizer, mas só conseguiu gemer. O golpe em sua cabeça havia feito algo com seu cérebro. Mal podia se manter em pé, muito menos falar. A pior parte era que sabia que nunca melhoraria.

Não podia se curar – agora que o atordoamento se apoderara dele, jamais iria embora.

***

– Percebe que não há acordo com ele – Kiin disse em voz baixa. Observavam Dilaf e o cambaleante Raoden por uma das janelas em forma de fenda da casa de Kiin.

Sarene assentiu em silêncio, sentindo-se gelada. Raoden não tinha um bom aspecto: cambaleava enquanto ficava em pé e parecia desorientado com a luz das chamas.

– Misericordioso Domi. O que fizeram com ele?

– Não olhe, Ene – Kiin falou, afastando-se da janela. Seu imenso machado (o

machado de Dreok, o Pirata) estava pronto no canto.

– Não posso – Sarene sussurrou. – Preciso pelo menos falar com ele..., para dizer adeus.

Kiin suspirou, então assentiu.

– Muito bem. Vamos lá em cima. Ao primeiro sinal de arcos, no entanto, nos trancamos novamente.

Sarene assentiu solene, e os dois subiram os degraus até o telhado. Ela se aproximou da borda para ver Dilaf e Raoden. Se pudesse convencer o sacerdote a tomá-la no lugar de Raoden, faria isso. Contudo, suspeitava que Dilaf exigiria a casa inteira, e Sarene jamais concordaria com uma coisa dessas. Daora e as crianças estavam escondidas no sótão, sob os cuidados de Lukel. Sarene não os trairia, não importava quem Dilaf tivesse como refém.

Abriu a boca para falar, sabendo que suas palavras seriam provavelmente as últimas que Raoden ouviria.

***

– Vão! – Dilaf ordenou.

Hrathen observava inquieto enquanto Sarene caía na armadilha de Dilaf. Os monges Dakhor saltaram para frente, saindo de seus esconderijos ao longo da base do edifício. Escalaram as paredes, seus pés parecendo grudar nelas enquanto encontravam diminutos apoios entre os tijolos e as ranhuras. Vários monges, já localizados no fundo do telhado, interceptaram a rota de fuga de Sarene.

Hrathen ouviu gritos de sobressalto quando a princesa e seu acompanhante perceberam a situação. Era tarde demais. Instantes depois, um Dakhor saltou do telhado com Sarene se debatendo em seus braços.

– Hrathen, traga-me seu seon – Dilaf ordenou.

Hrathen obedeceu, abrindo a caixa de metal e deixando a bola de luz flutuar livre. O gyorn não se incomodara em perguntar como o monge sabia sobre o seon. Os Dakhors eram os guerreiros favoritos de Wyrn; o líder deles devia partilhar muitos de seus segredos.

– Seon, desejo falar com o rei Eventeo – Dilaf disse.

O seon obedeceu. Logo sua luz se moldou no rosto de um homem com sobrepeso e ar orgulhoso.

– Não conheço você – Eventeo disse. – Quem me chama no meio da noite?

– Sou o homem que está com sua filha, rei – Dilaf respondeu, cutucando Sarene de lado. A princesa gritou sem querer.

Eventeo virou a cabeça como se procurasse a fonte do som, embora só fosse capaz de ver o rosto de Dilaf.

– Quem é você?

– Sou Dilaf. Gradget do monastério de Dakhor.

– Misericordioso Domi... – Eventeo sussurrou.

Dilaf estreitou os olhos, com um sorriso perverso.

– Achei que tivesse se convertido, Eventeo. Não importa. Acorde seus soldados e os reúna em seus navios. Chegarei em Teod daqui a uma hora e, se não estiverem prontos para se render formalmente, matarei a garota.

– Pai, não! – Sarene gritou. – Ele não é de confiança.

– Sarene? – Eventeo perguntou ansioso.

– Uma hora, Eventeo – Dilaf falou. Então agitou a mão no ar com desdém. O confuso rosto do rei se converteu novamente na forma esférica do seon.

– Matará os teodenos também – Hrathen disse em fjordênico.

– Não – Dilaf negou. – Outros farão essas execuções. Só matarei o rei, e então queimarei os navios de Teod com os marinheiros ainda dentro deles. Uma vez que a Armada tenha sido destruída, Wyrn pode desembarcar seus exércitos na costa teodena e usar o país como um campo de batalha para provar seu poderio.

– Isso é desnecessário, você sabe – Hrathen disse, enjoado. – Eu o tinha, Eventeo era meu.

– Talvez ele tivesse se convertido, Hrathen – Dilaf falou. – Mas você é um débil mental se acha que teria permitido que nossas tropas desembarcassem nas terras dele.

– Você é um monstro – Hrathen sussurrou. – Vai massacrar dois reinos para alimentar sua paranoia. O que aconteceu para que odiasse tanto Elantris?

– *Basta!* – Dilaf gritou. – Não ache que hesitarei em matá-lo gyorn. Os Dakhor estão acima da lei! – O monge encarou Hrathen ameaçador, então se acalmou devagar, respirando profundamente enquanto observava seus cativos mais uma vez.

O ainda desorientado Raoden cambaleava na direção de sua esposa, presa por um silencioso Dakhor. O príncipe estendeu a mão para ela, o braço tremendo.

– Ah – Dilaf disse, desembainhando sua espada. – Tinha me esquecido de você.

Sorriu malignamente enquanto atravessava a lâmina pelo estômago de Raoden.

***

A dor cobriu Raoden como uma súbita onda de luz. Nem sequer percebera a chegada do golpe.

Mesmo assim, sentiu-o. Gemendo, caiu de joelhos. A agonia era inimaginável, mesmo para alguém cuja dor se acumulava há dois meses. Segurou o estômago com as mãos trêmulas. Podia sentir o dôr. Sentia-o perto.

Era demais. A mulher que amava estava em perigo, e não podia fazer nada. A dor, o dôr, seu fracasso... A alma que era Raoden se desmoronou sob aquele peso combinado, dando um suspiro final de resignação.

Depois disso, não houve mais dor, pois já não havia essência. Não havia nada.

***

Sarene gritou quando Raoden caiu no chão. Podia ver o sofrimento no rosto dele, e sentiu como se a espada tivesse atravessado seu próprio estômago. Estremeceu, chorando, enquanto Raoden se debateu por um momento, suas pernas se agitavam. Então ele simplesmente parou.

– Falhei – Raoden sussurrou, seus lábios formando um mantra hoed. – Falhei com meu amor. Falhei...

– Traga-a – Dilaf ordenou. As palavras, ditas em fjordênico, mal foram registradas na mente de Sarene.

– E os outros? – um monge perguntou.

– Reúna-os com o resto do povo desta cidade amaldiçoada e leve-os para Elantris – Dilaf falou. – Encontrará os elantrinos perto do centro da cidade, em um lugar que parece mais limpo.

– Nós os encontramos, meu gradget – o monge disse. – Nossos homens já atacaram.

– Ah, bom – Dilaf comentou, com um suspiro de prazer. – Assegure-se de reunir seus cadáveres: os elantrinos não morrem tão facilmente quanto os homens normais, e não queremos deixar que nenhum escape.

– Sim, meu gradget.

– Quando tiver todos em um único lugar, corpos, elantrinos e futuros elantrinos, celebre os rituais de purificação. Queime todos eles.

– Sim, meu gradget – o guerreiro disse, fazendo uma reverência com a cabeça.

– Venha, Hrathen – Dilaf mandou. – Você me acompanhará até Teod.

Sarene caiu em incrédulo estupor enquanto a levavam, olhando para Raoden até que o vulto caído dele não fosse mais visível na noite.

Galladon estava escondido nas sombras, com cuidado para não se mover até que o gyorn e seus estranhos acompanhantes de peito nu partissem. Então, fazendo um sinal para Karata, arrastou-se até o corpo de Raoden.

– Sule?

Raoden não se moveu.

– Doloken, sule! – Galladon disse, afogado pela emoção. – Não faça isso comigo!

Um barulho veio da boca de Raoden, e Galladon se inclinou ansiosamente, ouvindo.

– Falhei... – Raoden sussurrou. – Falhei com meu amor... – O mantra dos caídos; Raoden se juntara aos hoed.

Galladon tombou sentado no chão duro de paralelepípedos, seu corpo se sacudia enquanto chorava sem lágrimas. A última hora fora um horror. Galladon e Karata estavam na biblioteca, planejando como tirar as pessoas de Elantris. Ouviram os gritos mesmo naquela distância, mas quando chegaram a Nova Elantris, não restavam mais do que hoed. Pelo que sabiam, ele e Karata eram os dois últimos elantrinos conscientes.

Karata colocou uma mão no ombro do dula.

– Galladon, precisamos ir. Este lugar não é seguro.

– Não – Galladon disse, ficando em pé. – Tenho uma promessa a cumprir.

Olhou a encosta da montanha fora de Kae, uma encosta que guardava uma piscina especial de água. Então, abaixando-se amarrou seu casaco ao redor de Raoden, para cobrir a ferida, e ergueu o amigo para carregá-lo no ombro.

– Raoden me fez jurar que lhe daria paz – Galladon lembrou. – Depois de fazer isso, pretendo fazer o mesmo comigo. Somos os últimos, Karata; não há mais espaço para nós neste mundo.

A mulher assentiu e se aproximou para levar parte do peso de Raoden. Juntos, os dois começaram o caminho que terminaria no esquecimento.

***

Lukel não lutou; não havia sentido nisso. Seu pai, no entanto, foi uma história distinta. Foram necessários três fjordênicos para amarrar Kiin e jogá-lo em um cavalo – e, mesmo então, o grande homem conseguiu dar um chute desajeitado em uma cabeça que passava por perto. Depois de um tempo, um dos soldados teve a ideia de acertar sua nuca com uma pedra, e Kiin ficou quieto.

Lukel estava próximo de sua mãe e de sua esposa enquanto os guerreiros os arrebanhavam para Elantris. Era uma longa fila de pessoas – nobres capturados nos

quatro cantos de Kae, com as roupas e os rostos esfarrapados. Os soldados vigiavam os cativos atentamente – como se algum deles tivesse coragem ou vontade de tentar escapar. A maioria dos presos sequer levantava a cabeça enquanto era empurrada pelas ruas.

Kaise e Daorn se agarravam a Lukel, os olhos arregalados, assustados. Lukel sentia mais pena deles, por sua juventude. Adien caminhava ao seu lado, aparentemente despreocupado. Contava lentamente os passos enquanto caminhava.

– Trezentos e cinquenta e sete, trezentos e cinquenta e oito, trezentos e cinquenta e nove...

Lukel sabia que marchavam para sua própria execução. Viu os cadáveres que cobriam as ruas e compreendeu que esses homens não estavam interessados em dominação. Estavam ali para fazer um massacre, e nenhum massacre ficaria completo se deixassem algumas das vítimas com vida.

Pensou em lutar, agarrar uma espada em algum ato desesperado de heroísmo. Mas, no fim, simplesmente seguiu com os demais. Sabia que ia morrer, e sabia que não havia nada que pudesse fazer para impedir. Não era um guerreiro. O melhor que podia esperar era por um fim rápido.

Hrathen estava parado perto de Dilaf, completamente imóvel como lhe fora ordenado. Formavam um círculo – cinquenta Dakhor, Sarene e Hrathen, com um único monge solitário no centro. Os Dakhor ergueram as mãos, e os homens situados em ambos os lados de Hrathen colocaram uma mão sobre seu ombro. Seu coração bateu com força quando os monges começaram a brilhar, as inscrições de ossos sob suas peles resplandesciam. Houve uma sensação estranha, e Kae desvaneceu ao redor deles.

Reapareceram em uma cidade desconhecida. As casas que flanqueavam a rua mais próxima eram altas e conectadas, em vez de separadas e baixas como as de Kae. Haviam chegado a Teod.

O grupo se manteve em círculo, mas Hrathen não deixou de notar que o homem no centro havia desaparecido. Estremeceu, imagens de sua juventude retornavam. O monge no centro fora usado como combustível, sua carne e alma queimadas – um sacrifício em troca do transporte instantâneo para Teod.

Dilaf deu um passo adiante, liderando os homens rua acima. Pelo que Hrathen sabia, Dilaf trouxera consigo o grosso de seus homens, deixando Arelon sob o cuidado dos soldados fjordênicos regulares e de alguns supervisores Dakhor. Arelon e Elantris haviam sido derrotadas; a batalha seguinte era Teod. Hrathen podia ver nos olhos de Dilaf que o monge só ficaria satisfeito quando cada pessoa de ascendência aônica estivesse morta.

Dilaf escolheu um edifício com terraço no teto, e fez sinal para que seus homens escalassem. Era fácil para eles, sua força e agilidade os ajudavam a saltar e a se

agarrar a superfícies que nenhum homem normal seria capaz de escalar. Hrathen sentiu que era erguido e jogado sobre o ombro de um monge, e o chão se afastou enquanto era carregado pela parede lateral – era carregado sem dificuldade alguma, apesar de sua armadura. Os Dakhor eram monstruosidades sobrenaturais, mas não podia deixar de se assombrar com o poder deles.

O monge largou Hrathen sem cerimônias no telhado, e sua armadura ressoou contra a pedra. Enquanto o gyorn se colocava em pé, seus olhos se encontraram com os da princesa. O rosto de Sarene era uma tempestade de ódio. Ela o culpava, é claro. Não percebia que, de certo modo, Hrathen era tão prisioneiro quanto ela.

Dilaf se colocou na beira do telhado, perscrutando a cidade. Uma frota de navios entrava na enorme baía de Teod.

– Chegamos cedo – Dilaf disse, sentando-se. Vamos esperar.

***

Galladon quase podia imaginar que a cidade estava em paz. Estava parado em uma formação rochosa na montanha, contemplando a luz da manhã se estender sobre Kae – como se uma mão invisível estivesse empurrando uma sombra escura. Quase podia se convencer de que a fumaça vinha das chaminés, não dos destroços arrasados pela chama. Quase podia acreditar que as manchas que cobriam o chão não eram cadáveres, mas arbustos ou caixas, e que o sangue carmesim nas ruas era um efeito óptico da luz do amanhecer.

Galladon deu as costas para cidade. Kae podia estar em paz, mas era a paz da morte, não da serenidade. Sonhar outra coisa não serviria de nada. Talvez sentisse menos inclinação para o delírio se não tivesse deixado que Raoden o arrancasse das sarjetas de Elantris. Se não tivesse permitido que o otimismo simplista de um único homem nublasse sua mente; se não tivesse começado a acreditar que a vida em Elantris podia ser algo além da dor. Se não tivesse ousado ter esperança.

Infelizmente, havia escutado. Como um rulo, havia se deixado prender pelos sonhos de Raoden. Em outros tempos, pensara não ser mais capaz de sentir esperança; havia afastado esse sentimento, cauteloso de seus truques enganosos. Devia ter deixado onde estava. Sem esperança, não tinha que se preocupar com a decepção.

– Doloken, sule – Galladon murmurou, olhando para o ausente Raoden – você certamente virou minha vida de cabeça para baixo.

O pior de tudo era que ainda tinha esperança. A luz que Raoden lhe insuflara ainda brilhava dentro do peito de Galladon, não importava o quanto tentasse apagá-la. As imagens da destruição de Nova Elantris ainda estavam frescas em sua memória. Mareshe, com um enorme buraco no peito. O silencioso artista Taan, com o rosto esmigalhado por uma grande pedra, enquanto seus dedos ainda se agitavam.

O velho Kahar – que limpara toda Nova Elantris praticamente sozinho – perdera um braço e as duas pernas.

Galladon ficara parado em meio à carnificina, maldizendo Raoden por tê-los abandonado, por deixá-los para trás. Seu príncipe os traíra por Sarene.

E, mesmo assim, ainda tinha esperança.

Era como um pequeno roedor, encurralado em um canto de sua alma, assustado pela ira, pera fúria e pelo desespero. Mesmo assim, cada vez que tentava agarrá-la, a esperança escorregava para outra parte de seu coração. Era o que o estimulara a deixar os mortos para trás e rastejar para fora de Elantris em busca de Raoden, acreditando, por algum motivo irracional, que o príncipe podia consertar tudo aquilo.

Você é o tolo, Galladon. Raoden, não, Galladon disse para si mesmo amargamente. *Ele não podia deixar de ser quem era. Você, no entanto, sabia bem*.

Mesmo assim, tinha esperança. Uma parte de Galladon ainda acreditava que Raoden melhoraria as coisas de algum modo. Essa era a maldição que seu amigo lhe deixara, uma perversa semente de otimismo que se recusava a ser desenraizada. Galladon ainda tinha esperança, e provavelmente a teria até o momento em que submergisse na piscina.

Em silêncio, Galladon assentiu para Karata, e os dois pegaram Raoden, preparados para percorrer a curta distância até o lago. Em poucos minutos se livrariam da esperança e do desespero.

***

Elantris estava escura, embora começasse a amanhecer. As altas muralhas criavam uma sombra que mantinha a luz do sol de fora, prolongando a noite por alguns momentos. Foi ali, em um lado da ampla praça de entrada, que os soldados depositaram Lukel e os outros nobres. Outro grupo de fjordênicos estava construindo uma imensa pilha de madeira, transportando pedaços de construções e móveis para a cidade.

Surpreendentemente, havia poucos dos estranhos guerreiros-demônios; apenas três dirigiam o trabalho. O resto eram soldados regulares, suas armaduras cobertas com sobretudos vermelhos que os identificavam como monges derethi. Trabalhavam com rapidez, sem olhar os prisioneiros, aparentemente tentando não pensar muito em como iam usar a madeira.

Lukel tentou não pensar nisso tampouco.

Jalla se apertou contra ele, seu corpo tremia de medo. Lukel tentara convencê-la a implorar por liberdade por causa de seu sangue svordish, mas ela não aceitou. Era tão calada e inexpressiva que alguns a tomavam por fraca, mas se pudessem vê-la como era, permanecendo voluntariamente com o marido ainda que isso significasse morte certa, teriam percebido seu engano. De todos os tratos, acordos e

reconhecimentos que Lukel conseguira, o prêmio do coração de Jalla era de longe o mais valioso.

Sua família se mantinha perto dele, Daora e as crianças não tinham para onde ir, já que Kiin estava inconsciente. Apenas Adien permanecia afastado, encarando a pilha de madeira. Continuava murmurando números para si mesmo.

Lukel escrutou a multidão de nobres, tentando sorrir e dar ânimo, embora ele mesmo sentisse pouca confiança. Elantris seria o túmulo deles. Enquanto olhava, Lukel percebeu uma figura parada no fundo do grupo, oculta pelos cadáveres. Estava se movendo lentamente, agitando as mãos diante de si.

Shuden?, Lukel se perguntou. Os olhos do jindonês estavam fechados, suas mãos se moviam fluidamente em algum tipo de padrão. Lukel observou confuso seu amigo, perguntando-se se tinha perdido o juízo; então se lembrou da estranha dança que Shuden fizera naquele primeiro dia de aula de esgrima de Sarene. ChayShan.

Shuden movia as mãos devagar, dando apenas um leve indício da fúria que estava por vir. Lukel observou-o com determinação crescente, compreendendo. Shuden não era um guerreiro. Praticava sua dança pelo exercício, não como combate. Mesmo assim, não deixaria que os seres que amava fossem assassinados sem lutar de alguma maneira. Preferia morrer lutando do que ficar sentado e esperar, desejando que o destino lhes mandasse um milagre.

Lukel inspirou, sentindo-se envergonhado. Olhou ao redor, seus olhos encontraram um pé de mesa que um dos soldados deixara cair ali perto. Quando o momento chegasse, Shuden não lutaria sozinho.

***

Raoden flutuava, sem sentido e inconsciente. O tempo não significava nada para ele – ele *era* o tempo. O tempo era sua essência. De vez em quando, balançava em direção ao que certa vez chamara de consciência, mas assim que se aproximava sentia dor e retrocedia. A agonia era como a superfície de um lago: se a irrompesse, a dor voltaria e o envolveria.

Mesmo assim, nas ocasiões em que se aproximou da superfície da dor, pensou ter visto imagens. Visões que podiam ter sido reais, mas eram provavelmente apenas reflexos de sua memória. Viu o rosto de Galladon, preocupado e zangado ao mesmo tempo. Viu Karata, os olhos cheios de desespero. Viu uma paisagem montanhosa, coberta de arbustos e rochas.

Tudo era imaterial para ele.

***

– Com frequência desejo que a tivessem deixado simplesmente morrer.

Hrathen levantou a cabeça. A voz de Dilaf era introspectiva, como se falasse consigo mesmo. No entanto, os olhos do sacerdote estavam focados em Hrathen.

– O quê? – Hrathen perguntou, hesitante.

– Se apenas tivessem deixado que ela morresse... – Dilaf guardou silêncio. Estava sentado na beira do telhado, observando os navios se reunirem lá embaixo, seu rosto reminiscente. Suas emoções sempre haviam sido instáveis. Nenhum homem podia manter o nível de ardor de Dilaf queimando por tanto tempo sem causar danos emocionais na mente. Uns poucos anos mais, e Dilaf provavelmente estaria completamente louco.

– Eu já tinha cinquenta anos, então, Hrathen – Dilaf disse. – Sabia disso? Vivi quase setenta anos, ainda que meu corpo não pareça ter mais de vinte. Ela achava que eu era o homem mais bonito que já tinha visto, mesmo que meu corpo tivesse sido retorcido e destruído para caber nos moldes de um areleno.

Hrathen permaneceu em silêncio. Ouvira falar dessas coisas, que os encantamentos de Dakhor podiam realmente mudar o aspecto de uma pessoa. O processo, sem dúvida, devia ter sido muito doloroso.

– Quando ela ficou doente, eu a levei para Elantris – Dilaf murmurou, as pernas apertadas contra o peito. – Sabia que era pagã, sabia que era blasfema, mas nem quarenta anos como Dakhor foram suficientes para me manter afastado dali, não quando pensava que Elantris poderia salvá-la. Elantris pode curar, diziam, enquanto Dakhor não pode. E eu a levei.

O monge já não estava mais olhando para Hrathen. Tinha o olhar perdido.

– Eles a mudaram – sussurrou. – Disseram que o feitiço havia falhado, mas eu sei a verdade. Eles me conheciam, e me odiavam. Por que, então, tiveram que amaldiçoar Seala? A pele dela ficou negra, o cabelo caiu e ela começou a agonizar. Gritava à noite, dizendo que a dor a devorava por dentro. Por fim, atirou-se da muralha da cidade.

A voz de Dilaf se tornou um lamento reverente.

– Eu a encontrei lá embaixo, ainda viva. Ainda viva, apesar da queda. Eu a queimei. Ela nunca parou de gritar. Ainda grita. Posso ouvi-la. Vai gritar até que Elantris tenha desaparecido.

***

Chegaram à saliência, atrás da qual se encontrava a piscina, e Galladon soltou Raoden. O príncipe caiu contra a rocha, sua cabeça pendeu levemente na borda do penhasco, os olhos sem foco contemplavam a cidade de Kae. Galladon se apoiou contra a pedra, junto ao túnel que levava de volta a Elantris. Karata se jogou ao lado dele, esgotada. Esperariam um momento, depois encontrariam o esquecimento.

***

Quando a madeira foi reunida, os soldados começaram uma nova pilha – desta vez, de corpos. Os soldados procuraram por toda a cidade, buscando cadáveres dos

elantrinos que haviam sido assassinados. Lukel percebeu algo enquanto via a pilha crescer. Não estavam todos mortos. Na verdade, a maior parte não estava.

A maioria tinha feridas tão graves que Lukel ficava enjoado só de vê-las, mesmo assim, seus braços e pernas se agitavam e seus lábios se moviam. *Elantrinos*, Lukel pensou com assombro, *os mortos cujas mentes continuam a viver*.

A pilha de corpos crescia. Havia centenas deles, todos os elantrinos que haviam sido reunidos na cidade ao longo de dez anos. Nenhum deles resistia; simplesmente permitiam que os amontoassem, seus olhos ausentes, até que a pilha de corpos se tornou maior do que a pilha de madeira.

– Vinte e sete passos até os corpos – Adien sussurrou repentinamente, afastando-se do grupo de nobres. Lukel tentou deter seu irmão, mas era tarde demais.

Um soldado gritou para que Adien voltasse com os demais. Adien não respondeu. Furioso, o soldado o acertou com a espada, abrindo um grande talho em seu peito. Adien cambaleou, mas continuou andando. Nenhum sangue saiu de sua ferida. Os olhos do soldado se arregalaram, e ele saltou para trás, fazendo um gesto contra o mal. Adien se aproximou da pilha de elantrinos e se juntou a ela, estendendo-se entre os demais e permanecendo quieto.

O segredo de cinco anos de Adien finalmente fora revelado. Ele se juntara ao seu povo.

***

– Eu me lembro de você, Hrathen – Dilaf sorria agora, o rosto retorcia de maneira demoníaca. – Lembro de quando era um menino, e veio até nós. Foi um pouco antes que eu partisse para Arelon. Estava assustado naquela época, e está assustado agora. Fugiu de nós, e eu o vi partir com satisfação. Você jamais poderia ser Dakhor, era muito fraco.

Hrathen sentiu-se gelar.

– Você estava lá?

– Eu já era gradget, Hrathen – Dilaf contou. – Lembra de mim?

Então, olhando nos olhos do homem, Hrathen teve um clarão de lembrança. Lembrava-se de uns olhos malignos no corpo de um homem alto e implacável. Lembrava-se dos cânticos. Lembrava-se dos fogos. Lembrava-se dos gritos – seus gritos – e de um rosto pairando sobre ele. Eram os mesmos olhos.

– Você! – Hrathen arfou.

– Você se lembra.

– Eu me lembro – Hrathen disse, estremecendo. – Foi você quem me convenceu a partir. Em meu terceiro mês, exigiu que um de seus monges usasse sua mágica para enviá-lo ao palácio de Wyrn. O monge obedeceu, dando a vida para transportá-lo a uma distância que poderia ter percorrido a pé em quinze minutos.

– Obediência absoluta é exigida, Hrathen – Dilaf sussurrou. – Os testes ocasionais e os exemplos despertam a lealdade dos demais. – Então, fazendo uma pausa, olhou para a baía. A frota começava a atracar, aguardando, tal como Dilaf ordenara. Hrathen perscrutou o horizonte e pôde ver várias manchas escuras – pontas de mastros. O exército de Wyrn estava chegando.

– Venha – Dilaf ordenou, ficando em pé. – Tivemos êxito; a Armada teodena atracou. Não serão capazes de impedir que nossa frota desembarque. Só me resta um dever a cumprir: a morte do rei Eventeo.

***

Uma visão se espalhou pela mente impassível de Raoden. Tentou ignorá-la. Mesmo assim, por algum motivo, se recusava a desaparecer. Ele a via através da superfície brilhante de sua dor: uma única imagem.

Era o Aon Rao. Um grande quadrado com quatro círculos ao redor e linhas que os conectavam ao centro. Era um aon muito utilizado – especialmente entre os korathi – por seu significado. Espírito. Alma.

Flutuando na eternidade branca, a mente de Raoden tentou descartar a imagem do Aon Rao. Era algo de uma existência anterior, sem importância e esquecido. Já não precisava dele. Mesmo assim, enquanto se esforçava para eliminar a imagem, outra ocupou seu lugar.

Elantris. Quatro muralhas formando um quadrado. As quatro cidades exteriores rodeando-a, suas fronteiras circulares. Uma estrada em linha reta conectando cada uma delas a Elantris.

Misericordioso Domi!

***

Os soldados abriram vários barris de óleo, e Lukel os observava com repulsa enquanto começavam a derramá-los sobre o monte de corpos. Os três guerreiros sem camisa, parados ao lado, entoavam uma espécie de cântico em uma língua estrangeira que soava muito áspera e desconhecida para ser fjordênico. *Seremos os próximos*, Lukel percebeu.

– Não olhem – Lukel ordenou para sua família, dando as costas enquanto os soldados preparavam Elantris para a imolação.

***

O rei Eventeo esperava a distância, cercado por uma pequena guarda de honra. Inclinou a cabeça enquanto Dilaf se aproximava. O monge sorriu, preparando sua faca. Eventeo pensava estar preparando seu país para a rendição – não percebia que estava oferecendo-o em sacrifício.

Hrathen caminhava ao lado de Dilaf, pensando em necessidades e deveres.

Pessoas morreriam, era verdade, mas suas perdas não seriam sem sentido. Todo o Império fjordênico ficaria mais forte com a vitória sobre Teod. A fé aumentaria nos corações dos homens. Era a mesma coisa que Hrathen havia feito em Arelon. Tentara converter o povo por razões políticas, usando política e popularidade. Subornara Telrii para convertê-lo, sem prestar atenção na salvação de sua alma. Era a mesma coisa. O que era uma nação de infiéis quando comparada a todo o Shu-Dereth?

Mesmo assim, enquanto racionalizava, seu estômago ficava enjoado.

Fui enviado para salvar essas pessoas, não para exterminá-las!

Dilaf segurava a princesa Sarene pelo pescoço, com a boca amordaçada. Eventeo levantou os olhos e sorriu tranquilo enquanto eles se aproximavam. Não podia ver a faca na mão de Dilaf.

– Esperei muito por isso – Dilaf sussurrou em voz baixa. No início, Hrathen pensou que o sacerdote se referia à destruição de Teod. Mas Dilaf não estava olhando para o rei. Estava olhando para Sarene, a lâmina de sua faca apertada nas costas dela.

– Você, princesa, é uma doença – Dilaf sussurrou no ouvido de Sarene, somente Hrathen escutou. – Antes que fosse a Kae, até os arelenos odiavam Elantris. Você é a razão pela qual se esqueceram da repulsa pela cidade. Você se associou com os ímpios, e até desceu ao nível deles. Você é pior do que eles, uma pessoa que não é amaldiçoada, mas que busca ser amaldiçoada. Pensei em matar seu pai primeiro e fazê-la assistir, mas agora percebo que o contrário é muito pior. Pense no velho Eventeo vendo-a morrer, princesa. Pondere sobre essa imagem enquanto a envio para os poços de tormento eterno de Jaddeth.

Ela chorava, as lágrimas manchavam sua mordaça.

***

Raoden lutou em direção à consciência. A dor o acertou como um enorme bloco de pedra, detendo seu progresso, sua mente retrocedia em agonia. Atirou-se contra ela, e o tormento o envolveu. Lentamente se obrigou a atravessar a resistente superfície, atingindo uma trabalhosa consciência do mundo que o rodeava.

Queria gritar, gritar uma e outra vez. A dor era inacreditável. Contudo, com a dor, sentia algo mais. Seu corpo. Estava se movendo, estava sendo arrastado pelo chão. As imagens inundaram sua mente quando a visão retornou. Estava sendo arrastado na direção de algo redondo e azul.

A piscina.

NÃO!, pensou, desesperadamente. *Ainda não! Sei a resposta!*

***

Raoden gritou repentinamente, se contorcendo. Galladon ficou tão surpreso que

derrubou o corpo.

Raoden caiu para frente, tentando recuperar o equilíbrio, e mergulhou na piscina.

Dilaf fez a princesa se virar para pressionar a adaga contra seu pescoço. Os olhos de Eventeo se arregalaram de terror.

Hrathen viu a adaga começar a cortar a pele de Sarene. Pensou em Fjorden. Pensou no trabalho que fizera, nas pessoas que salvara. Pensou no jovenzinho, ansioso para provar sua fé tornando-se sacerdote. Unidade.

– *Não!*

Rodopiando, Hrathen acertou o punho contra o rosto de Dilaf, que cambaleou por um momento, abaixando surpreso a arma. Então o monge levantou a cabeça com raiva e cravou a adaga no peito de Hrathen.

A faca resvalou na armadura de Hrathen, arranhando sem efeito algum o aço pintado. Dilaf olhou a placa peitoral, desconcertado.

– Mas, essa armadura é só para ostentar...

– Já devia saber, Dilaf – Hrathen disse, levantando o braço blindado e esmagando-o contra o rosto do monge. Ainda que o osso antinatural tivesse resistido ao punho de Hrathen, foi triturado com um som satisfatório sob o aço. – *Nada* do que faço é só para ostentar.

Dilaf caiu, e Hrathen tirou a espada da bainha do monge.

– Ordene que os navios zarpem, Eventeo! – ele gritou. – Os exércitos de Fjorden não vieram dominar, mas massacrar. Mexa-se agora se quer salvar seu povo!

– Rag Domi! – Eventeo praguejou, gritando para seus generais. Então se deteve. – Minha filha...

– Eu ajudarei a garota – Hrathen replicou. – Salve o reino, seu tolo!

Ainda que os corpos dos Dakhor fossem sobrenaturalmente rápidos, suas mentes se recuperavam do aturdimento com a mesma velocidade que os homens normais. A surpresa deles garantiu a Hrathen alguns segundos vitais. Empunhou a espada, empurrando Sarene por um beco e retrocedendo para bloquear a entrada.

***

A água recebeu Raoden com seu frio abraço. Era uma coisa viva: podia ouvi-la chamar em sua mente. *Venha*, ela dizia, *eu o libertarei*. Era um pai reconfortante. Queria levar sua dor e seus pesares embora, como sua mãe fazia antes.

Venha, suplicava. *Você finalmente pode desistir*.

Não, Raoden pensou. *Ainda não.*

***

Os fjordênicos terminaram de embeber os elantrinos em óleo e então começaram a

preparar suas tochas. Durante todo o processo, Shuden movia os braços em restritos padrões circulares, sem aumentar a velocidade, como fizera na aula de esgrima. Lukel começou a se perguntar se o jindonês estava planejando um ataque realmente, ou se estava apenas se preparando para o inevitável.

Então Shuden explodiu em movimento. O jovem barão saltou para frente, rodopiando como um bailarino, enquanto adiantava o punho e o descarregava contra o peito de um dos monges guerreiros. Houve um rangido audível, e Shuden voltou a girar, acertando o monge no rosto. A cabeça do demônio deu uma volta completa, enquanto seus olhos saíam de órbita e seu pescoço se quebrava.

E Shuden fez tudo isso com os olhos fechados. Lukel não tinha certeza, mas pensou ter visto algo mais – um leve brilho seguindo os movimentos de Shuden nas sombras do amanhecer.

Com um grito de batalha – mais para se motivar do que para assustar seus inimigos – Lukel agarrou a perna da mesa e golpeou um soldado. A madeira ricocheteou no elmo do homem, mas o golpe foi poderoso o suficiente para aturdi-lo, e então Lukel o deixou fora de combate com um golpe sólido no rosto. O soldado caiu e Lukel pegou a arma dele.

Agora tinha uma espada. Só desejava saber como usá-la.

***

Os Dakhor eram mais rápidos, mais fortes e mais resistentes, mas Hrathen era mais determinado. Pela primeira vez em anos, seu coração e sua mente concordavam. Sentia o poder – a mesma força que sentira no primeiro dia em que chegara a Arelon, confiante em sua capacidade de salvar o povo.

Ele os manteve a distância, ainda que com dificuldade. Hrathen podia não ter sido um monge de Dakhor, mas era mestre na espada. O que lhe faltava em força e velocidade era compensado com habilidade. Girou, lançando a espada contra o peito de um Dakhor, enfiando-a diretamente entre dois ossos protuberantes. A lâmina deslizou entre as costelas aumentadas, atingindo o coração. O Dakhor arfou, caindo enquanto Hrathen puxava sua espada. Os companheiros do monge, no entanto, obrigaram o gyorn a retroceder para o beco para se defender.

Sentiu Sarene tropeçando atrás dele, arrancando sua mordaça.

– São muitos! – ela disse. – Não pode lutar contra todos eles.

Ela estava certa. Felizmente, uma onda varreu o grupo de guerreiros e Hrathen ouviu sons de batalha vindos do outro lado. A guarda de honra de Eventeo havia se juntado à batalha.

– Vamos – Sarene disse, puxando-o pelo ombro. Hrathen se arriscou a olhar para trás. A princesa estava apontando para uma porta ligeiramente entreaberta no edifício próximo a eles. Hrathen assentiu, repeliu outro ataque e se virou para sair

correndo.

***

Raoden emergiu da água, arquejando instintivamente em busca de ar. Galladon e Karata pularam de susto. Raoden sentiu o frio líquido azul escorrer por seu rosto. Não era água, mas alguma outra coisa. Algo mais denso. Prestou pouca atenção enquanto se arrastava para fora da piscina.

– Sule! – Galladon sussurrou, surpreso.

Raoden balançou a cabeça, incapaz de responder. Achavam que ia se dissolver – não entendiam que a piscina não podia levá-lo a menos que ele quisesse.

– Vamos – ele finalmente falou, colocando-se em pé.

***

Apesar da enérgica investida de Lukel e do poderoso ataque de Shuden, os outros habitantes da cidade simplesmente ficaram olhando, aturdidos e estupefatos. Lukel se pegou lutando com desespero contra três soldados; a única razão pela qual continuava vivo era porque mais se esquivava e corria do que atacava. Quando a ajuda finalmente chegou, veio de uma fonte inesperada: as mulheres.

As várias esgrimistas de Sarene pegaram pedaços de madeira ou espadas caídas e se colocaram atrás de Lukel, atacando com mais controle e habilidade do que ele poderia sequer fingir. O peso do ataque delas teve a vantagem da surpresa, e por um momento Lukel achou que poderiam se libertar.

Então Shuden caiu, gritando quando uma espada feriu seu braço. Assim que a concentração do jindonês foi quebrada, o mesmo aconteceu com sua dança bélica, e um simples golpe na cabeça o deixou fora de combate. A antiga rainha, Eshen, caiu em seguida, o peito atravessado por uma espada. Seu grito horrível e a visão do sangue escorrendo por seu vestido afetou as outras mulheres. Interromperam o ataque, soltando as armas. Lukel recebeu um talho na coxa quando um de seus inimigos percebeu que ele não tinha ideia de como usar sua espada.

Lukel gritou de dor e caiu nos paralelepípedos, segurando a perna. O soldado nem sequer se incomodou em matá-lo.

***

Raoden desceu pela encosta da montanha em ritmo vertiginoso. O príncipe pulava e corria, como se não estivesse praticamente em coma alguns minutos antes. Um escorregão nesse ritmo, um passo errado, e não pararia de rolar até chegar ao pé da montanha.

– Doloken! – Galladon falou, tentando segui-lo o melhor que podia. Nesse ritmo, chegariam em Kae em questão de minutos.

***

Sarene se escondeu atrás de seu improvável salvador, mantendo-se absolutamente imóvel na escuridão.

Hrathen olhou para cima, por entre as tábuas do chão. Localizou a porta da adega, a abriu e empurrou Sarene para dentro. Lá embaixo, encontrou uma família aterrorizada, amontoada na escuridão. Ficaram todos em silêncio, tensos, enquanto os Dakhor vasculharam a casa e depois saíram pela porta.

Depois de um tempo, Hrathen assentiu.

– Vamos – disse, abrindo o alçapão.

– Fiquem aqui embaixo – Sarene disse para a família. – Não saiam até que seja absolutamente necessário.

A armadura do gyorn tilintava enquanto ele subia os degraus e espiava cautelosamente o aposento. Fez sinal para que Sarene o seguisse, e entrou em uma pequena cozinha nos fundos da casa. Começou a tirar sua armadura, derrubando as peças no chão. Ainda que não desse explicações, Sarene entendeu a ação. A armadura vermelho-sangue do gyorn era muito chamativa para que seu valor como proteção valesse a pena.

Enquanto ele se despia, Sarene se surpreendeu com o peso aparente do metal.

– Você andou por aí todos esses meses com uma armadura de verdade? Não foi difícil?

– O peso do meu chamado – Hrathen respondeu, tirando as últimas grevas. A pintura vermelho-sangue estava agora arranhada e amassada. – Um chamado que já não mereço. – Deixou-as cair com uma pancada.

Olhou as grevas, e então balançou a cabeça, tirando a grossa roupa interior de algodão, feita para acolchoar a armadura. Ficou nu da cintura para cima, só com uma calça fina que ia até os joelhos e uma tira de tecido ao redor do braço direito, como se fosse uma manga.

Por que o braço coberto?, Sarene se perguntou. *Alguma peça de vestuário derethi?* Outras questões eram mais urgentes, no entanto.

– Por que fez isso, Hrathen? – ela perguntou. – Por que se virar contra seu povo?

Hrathen se deteve. Então afastou o olhar.

– As ações de Dilaf eram perversas.

– Mas sua fé...

– Minha fé é em Jaddeth, um Deus que quer a devoção dos homens. Um massacre não Lhe serviria.

– Wyrn parece pensar diferente.

Hrathen não respondeu, em vez disso escolheu uma capa em um baú que estava ali perto. Estendeu-a para ela, e pegou outra para si mesmo.

– Vamos.

***

Os pés de Raoden estavam tão cobertos de bolhas, lacerações e arranhões que já não os considerava como pedaços de carne. Eram simplesmente uma massa disforme de dor ardendo na ponta de suas pernas.

Mas continuou correndo. Sabia que se parasse a dor o reivindicaria novamente. Não estava verdadeiramente livre – sua mente estava emprestada, retornando do vazio para realizar uma única tarefa. Quando terminasse, o nada branco o sugaria novamente para o esquecimento.

Correu para a cidade de Kae, sentindo tanto quanto via seu caminho.

***

Lukel jazia aturdido enquanto Jalla o arrastava de volta à massa de cidadãos aterrorizados. Sua perna latejava, e ele podia sentir seu corpo enfraquecendo na medida em que o sangue jorrava do longo talho. Sua esposa o amarrara o melhor possível, mas Lukel sabia que era inútil. Mesmo que conseguisse deter a hemorragia, os soldados iam matá-los em alguns instantes de qualquer maneira.

Observou em desespero enquanto um dos guerreiros de peito nu atirava uma tocha na pilha de elantrinos. Os corpos ensopados em óleo arderam em chamas.

O homem-demônio fez sinal para vários soldados, que ergueram suas armas e avançaram sombrios para os cidadãos reunidos.

***

– O que ele está fazendo? – Karata quis saber quando chegaram ao pé da encosta. Raoden ainda estava na frente, correndo de maneira instável até a baixa muralha da fronteira de Kae.

– Não sei – Galladon respondeu. Adiante, Raoden agarrou um longo graveto do chão e voltou a correr, arrastando a ponta no chão.

O que pretende fazer, sule? , Galladon se perguntou. Mesmo assim, podia sentir a obstinada esperança erguendo-se novamente.

– O que quer que seja, Karata, é importante. Devemos garantir que ele termine.

Correu atrás de Raoden, seguindo o príncipe em seu caminho.

Depois de alguns minutos, Karata apontou para a frente deles.

– Ali!

Um pelotão de seis guardas fjordênicos, provavelmente vasculhando a cidade em busca de alguém que pudesse ter ficado para trás, caminhava pela muralha fronteiriça de Kae. O líder percebeu a presença de Raoden e levantou a mão.

– Vamos – Galladon disse, correndo atrás de Raoden com força súbita. – Não importa o que mais aconteça, Karata, não deixe que o detenham.

***

Raoden mal ouviu os homens se aproximando, reconheceu apenas brevemente

Galladon e Karata correndo atrás dele e se atirando desesperadamente contra os soldados. Seus amigos estavam desarmados; uma voz no fundo de sua cabeça lhe dizia que não seriam capazes de lhe conseguir muito mais tempo.

Raoden continuou a correr, o graveto preso em seus dedos rígidos. Não tinha certeza de como sabia que aquele era o lugar certo, mas sabia. Podia *sentir*.

Só um pouco mais. Só um pouco mais.

Uma mão o agarrou; uma voz gritou com ele em fjordênico. Raoden tropeçou, sentindo o chão – mas manteve o graveto no lugar, sem deixá-lo deslizar nem um centímetro. Um momento depois, ouviu-se um grunhido, e a mão o soltou.

Só um pouco mais!

Homens lutavam ao redor dele, Galladon e Karata chamavam a atenção dos soldados. Raoden deixou escapar um soluço de frustração, arrastando-se como uma criança enquanto marcava sua linha no solo. As botas dos soldados pisoteavam a terra perto da mão de Raoden, a centímetros de esmagar seus dedos. Mesmo assim, ele continuava se movendo.

Levantou a cabeça quando se aproximava do final. Um soldado terminou de descarregar o golpe que separou a cabeça de Karata de seu corpo. Galladon caiu com um par de espadas em seu estômago. Um soldado apontou para Raoden.

Raoden trincou os dentes e terminou a linha na terra.

O corpanzil de Galladon despencou no chão. A cabeça de Karata se chocou contra a muralha baixa de pedra. O soldado deu um passo.

Uma luz explodiu do solo.

Irrompeu da terra como um rio de prata, espalhando-se no ar ao longo da linha que Raoden desenhara. A luz o envolvia – mas era mais que luz. Era pureza essencial. Poder refinado. O dôr. Envolveu-o, cobrindo-o com um líquido cálido.

E, pela primeira vez em dois meses, a dor desapareceu.

***

A luz continuou ao longo da linha de Raoden, que se conectava com a baixa muralha fronteiriça de Kae. Seguiu a muralha, brotando do solo, continuando em um círculo até rodear Kae completamente. Não parou. O poder percorreu o curto caminho entre Kae e Elantris, espalhando-se também pela muralha da grande cidade. De Elantris passou para as outras três cidades exteriores, suas pedras quase esquecidas nos dez anos desde o Reod. Logo as cinco cidades estavam contornadas pela luz – cinco pilares resplandecentes de energia.

O complexo das cidades era um enorme aon – o foco do poder elantrino. Tudo o que precisava era a linha do Abismo para começar a funcionar novamente.

Um quadrado, quatro círculos. Aon Rao. O Espírito de Elantris.

***

Raoden estava no meio da torrente de luz, sua roupa esvoaçava com o poder único. Sentia sua força retornar, suas dores evaporarem como lembranças sem importância e seus ferimentos se curarem. Não precisava olhar para saber que um suave cabelo branco nascera em seu crânio, que sua pele havia perdido o tom doentio para adquirir um delicado resplendor prateado.

Então experimentou o acontecimento mais jubiloso de todos. Como um trovão, seu coração começou a bater em seu peito. A Shaod, a Transformação, finalmente completara seu trabalho.

Com um suspiro de desapontamento, Raoden saiu da luz, emergindo no mundo como uma criatura metamorfoseada. Galladon, aturdido, levantou-se do chão a poucos metros de distância, sua pele reluzia um escuro prateado metálico.

Os soldados aterrorizados retrocederam. Vários fizeram sinais para afastar o mal, chamando por seu deus.

– Vocês têm uma hora – Raoden disse, apontando com um dedo brilhante para as docas. – Vão.

***

Lukel agarrava sua esposa, observando o fogo consumir o combustível vivo. Sussurrou seu amor para ela enquanto os soldados avançaram para fazer seu trabalho sujo. Padre Omin murmurava atrás de Lukel, oferecendo uma oração em voz baixa para Domi pelas almas deles e de seus executores.

Então, como um lampião que se acende de repente, Elantris irrompeu em luz. Toda a cidade estremeceu, suas muralhas pareceram se esticar distorcidas por algum poder assombroso. As pessoas lá dentro ficaram presas em um vórtice de energia, e ventos súbitos percorreram a cidade.

Tudo ficou em silêncio. Era como se estivessem no olho de uma enorme tempestade branca, o poder ardia em uma muralha de esplendor que circundava a cidade. Os cidadãos gritavam de medo, os soldados praguejavam, olhando confusos para as muralhas brilhantes. Lukel não estava olhando para as muralhas. Ficou levemente boquiaberto de assombro quando encarou a pira de cadáveres – e as sombras que se moviam lá dentro.

Lentamente, os corpos dos elantrinos brilharam com uma luz ainda mais luminosa e mais poderosa do que as chamas ao redor deles, e começaram a sair das chamas, sem serem afetados pelo calor.

As pessoas da cidade ficaram paradas, estupefatas. Apenas os dois sacerdotes-demônios pareciam capazes de se mover. Um deles gritou, negando, e correu para os elantrinos que emergiam do fogo com a espada em punho.

Um clarão de poder atravessou o pátio e atingiu o monge no peito, imolando a criatura em um sopro de energia. A espada caiu nos paralelepípedos com um som

estridente, seguido por uma chuva de ossos fumegantes e carne queimada.

Lukel, aturdido, virou os olhos para a fonte do ataque. Raoden estava parado nos portões ainda abertos de Elantris, a mão erguida. O rei brilhava como um espectro que voltara da tumba, sua pele prateada, seu cabelo um branco deslumbrante, seu rosto resplandecente de triunfo.

O sacerdote-demônio remanescente gritou para Raoden em fjordênico, amaldiçoando-o como svrakiss. Raoden levantou a mão, desenhando tranquilamente no ar, seus dedos deixavam brilhantes rastros brancos – rastros que resplandeciam com o mesmo poder ardente que rodeava a muralha de Elantris.

Raoden parou e manteve a mão próxima do caractere reluzente – Aon Daa, o aor do poder. O rei olhou através do símbolo resplandecente e seus olhos levantaram em desafio para o solitário guerreiro derethi.

O monge praguejou novamente, então devagar abaixou a arma.

– Pegue seus homens, monge – Raoden disse. – Subam naqueles navios e vão embora. Qualquer derethi, homem ou embarcação, que permanecer em meu país dentro de uma hora sofrerá a força da minha ira. Desafio você para que me ofereça um alvo adequado.

Os soldados já estavam fugindo, passavam correndo por Raoden. O líder escapuliu atrás deles. Diante da glória de Raoden, o horrível corpo do monge era mais deplorável do que aterrador.

Raoden os viu partir, e então se voltou para Lukel e os demais.

– Povo de Arelon. Elantris está restaurada!

Lukel pestanejou, aturdido. Por um momento, se perguntou se toda a experiência havia sido uma visão inventada por sua mente sobrecarregada. Mas quando os gritos de alegria chegaram aos seus ouvidos, soube que era tudo real. Haviam sido salvos.

– Isto sim que foi totalmente inesperado – declarou, e então desmaiou por causa da perda de sangue.

***

Dilaf tocou cuidadosamente seu nariz estilhaçado, resistindo à vontade de gritar de dor. Seus homens, os Dakhor, esperavam junto a ele. Mataram facilmente os guardas do rei, mas, durante o combate, de algum modo haviam perdido não apenas Eventeo e a princesa, como também o traidor Hrathen.

– Encontrem-nos! – Dilaf exigiu, ficando em pé. Paixão. Fúria. A voz de sua esposa morta ressoava em seus ouvidos, implorando por vingança. Ela a teria. Eventeo nunca alcançaria seus barcos a tempo. Além disso, cinquenta Dakhor já percorriam a capital. Os monges em si eram um exército, cada um tão poderoso quanto uma centena de homens.

Ainda tomariam Teod.

Sarene e Hrathen se esgueiraram pelas ruas da cidade, com as capas apertadas de encontro ao corpo. Hrathen mantinha seu capuz erguido para esconder o cabelo escuro. O povo de Teod estava reunido nas ruas, se perguntando por que seu rei trouxera a Armada para a baía. Muitos iam em direção das docas, e Sarene e Hrathen se misturaram a eles, suas cabeças abaixadas, tentando não chamar a atenção.

– Quando chegarmos, procuraremos passagem em um dos navios mercantes – Hrathen disse em voz baixa. – Eles escaparão de Teod assim que a Armada zarpar. Há vários lugares em Hrovell que não veem um sacerdote derethi durante meses. Podemos nos esconder ali.

– Fala como se Teod fosse cair – Sarene sussurrou de volta. – Pode ir, sacerdote, mas não abandonarei minha terra natal.

– Se valoriza sua segurança, irá comigo – Hrathen replicou. – Conheço Dilaf..., é um homem obcecado. Se ficar em Teod, ele também ficará. Se partir, talvez ele a siga.

Sarene apertou os dentes. As palavras do gyorn aparentemente faziam sentido, mas era possível que estivesse inventando coisas para obrigá-la a acompanhá-lo. É claro, não havia nenhum motivo para que fizesse uma coisa dessas. Por que se importaria com Sarene? Havia sido sua inimiga mais ardente.

Moviam-se lentamente, sem querer se destacar na multidão por aumentar a velocidade.

– Não respondeu a minha pergunta antes, sacerdote – Sarene sussurrou. – Você se voltou contra sua religião. Por quê?

Hrathen caminhou em silêncio durante um momento.

– Eu..., eu não sei, mulher. Tenho seguido o Shu-Dereth desde que era criança, a estrutura e a formalidade sempre me atraíram. Me juntei ao sacerdócio. Eu pensava que tinha fé. Acontece, no final das contas, que a coisa na qual eu acreditava não era o Shu-Dereth. Não sei o que é.

– O Shu-Korath?

Hrathen negou com a cabeça.

– Isso é ingênuo demais. A fé não é simplesmente korathi ou derethi, uma coisa ou outra. Ainda acredito nos ensinamentos derethi. Meu problema é com Wyrn, não com Deus.

***

Horrorizado por essa demonstração de fraqueza diante da garota, Hrathen

rapidamente endureceu seu coração contra novas perguntas. Sim, traíra o Shu-Dereth. Sim, era um traidor. Mas, por algum motivo, sentia-se calmo agora que tomara a decisão. Causara sangue e morte em Duladel. Não deixaria que acontecesse de novo.

Convencera a si mesmo de que a queda da República era uma tragédia necessária. Agora dissipara essa ilusão. Seu trabalho em Duladel não havia sido mais ético do que aquele que Dilaf tentava fazer em Teod. Ironicamente, ao abrir-se à verdade, Hrathen também se expunha à culpa das atrocidades do seu passado.

Uma coisa, no entanto, o mantinha longe do desespero – o conhecimento de que, independentemente do que acontecesse com ele, não importava o que fizesse, podia dizer que agora seguia a verdade em seu coração. Podia morrer e encarar Jaddeth com coragem e orgulho.

O pensamento cruzou sua mente bem antes de sentir a punhalada de dor no peito. Estendeu o braço, surpreso, gemendo ao olhar a mão. Seus dedos estavam manchados de sangue. Sentiu que os pés lhe faltavam e caiu contra um edifício, ignorando o grito de surpresa de Sarene. Confuso, olhou para a multidão, e seus olhos pousaram no rosto de seu assassino. Conhecia o homem. Seu nome era Fjon – o sacerdote que mandara embora de Kae no mesmo dia em que chegara. Fora há dois meses. Como Fjon o encontrara? Como...? Era impossível.

Fjon sorriu, então desapareceu entre as pessoas.

Enquanto a escuridão se fechava sobre ele, Hrathen descartou todas as perguntas. Em vez disso, sua vista e sua consciência se encheram com o rosto preocupado de Sarene. A mulher que o destruíra. Por causa dela, havia finalmente rejeitado as mentiras nas quais acreditara toda sua vida.

Ela jamais saberia que ele havia chegado a amá-la.

Adeus, minha princesa, pensou. *Jaddeth, seja misericordioso com minha alma. Só fiz o melhor que pude*.

***

Sarene viu a luz desaparecer dos olhos de Hrathen.

– Não! – ela gritou, pressionando a mão contra o ferimento dele, em um gesto inútil para tentar parar o sangue. – Hrathen, não ouse me deixar sozinha aqui!

O gyorn não respondeu. Sarene lutara com ele pelo destino de dois países, mas nunca chegara realmente a saber quem ele era. E nunca saberia.

Um grito sobressaltado trouxe Sarene de volta ao mundo tangível. As pessoas se reuniam ao redor dela, alarmadas pela visão de um homem moribundo na rua. Aturdida, Sarene percebeu que se tornara o centro das atenções. Levantou a mão, tentou se esconder, mas já era tarde demais. Várias figuras de peito nu surgiram de um beco para investigar o distúrbio. Um deles tinha sangue no rosto, resultado de um

nariz quebrado.

***

Fjon se afastou da multidão, exultante pela facilidade de sua primeira morte. Haviam lhe dito que seria simples: só tinha que esfaquear um homem, e seria admitido no monastério de Rathbore, onde seria treinado como assassino.

Você estava certo, Hrathen, pensou. *Me deram outra oportunidade para servir ao Império de Jaddeth..., uma oportunidade importante.*

Era irônico que o homem a quem lhe haviam ordenado assassinar fosse o próprio Hrathen. Como Wyrn sabia que Fjon encontraria Hrathen ali, nas ruas de Teod entre todos os lugares possíveis? Fjon provavelmente jamais saberia; o Senhor Jaddeth atuava além do entendimento dos homens. Mas Fjon cumprira seu dever. Seu período de penitência acabara.

Com passo alegre, voltou para sua pousada e pediu o desjejum.

***

– Deixe-me – Lukel disse, com um tom de voz pesaroso. – Estou quase morto..., cuide dos outros.

– Pare de choramingar – Raoden disse, desenhando o Aon Ien no ar sobre o ferido Lukel. Cruzou-o com a linha do Abismo e a ferida da perna do mercador se fechou instantaneamente. Desta vez Raoden não só conhecia os modificadores apropriados, mas seu aon tinha o poder de Elantris por trás. Com a ressurreição da cidade, o AonDor recuperara sua força lendária.

Lukel olhou para baixo, tentando dobrar a perna e apalpando onde estava o corte. Então franziu o cenho.

– Sabe, você podia ter deixado uma cicatriz. Tive que passar por muitas coisas para conseguir essa ferida, devia ter visto como fui corajoso. Meus netos ficarão desapontados em saber que não tenho nenhuma cicatriz para mostrar.

– Eles sobreviverão – Raoden falou, ficando em pé.

– O que você tem? – Lukel disse, atrás dele. – Pensei que tivéssemos *ganhado*.

Ganhamos, Raoden pensou, *mas eu falhei*. Buscara por toda a cidade – não havia sinal de Sarene, Dilaf ou Hrathen. Raoden capturara um soldado derethi perdido e exigira saber onde eles estavam, mas o homem disse não saber. Raoden o libertara com desgosto.

Ele meditava, observando as pessoas celebrarem. Apesar das mortes, apesar da destruição quase completa de Kae, estavam felizes. Fjorden havia sido derrotado, e Elantris se recuperara. Os dias dos deuses haviam voltado. Infelizmente, Raoden não podia desfrutar a doçura de sua vitória. Não sem Sarene.

Galladon se aproximou lentamente, afastando-se do grupo de elantrinos. As pessoas de pele prateada estavam, em grande parte, desorientadas. Muitos haviam

sido hoed durante anos, e não entendiam os atuais acontecimentos.

– Eles vão ser... – o dula começou a dizer.

– Meu senhor Raoden! – uma voz repentina o interrompeu. Uma voz que Raoden reconheceu.

– Ashe? – perguntou, ansioso, procurando pelo seon.

– Vossa Majestade! – Ashe disse, cruzando o pátio. – Um seon acaba de falar comigo. A princesa! Está em Teod, meu senhor. Meu reino está sob ataque também!

– Teod? – Raoden perguntou incrédulo. – Como, em nome de Domi, ela chegou *lá*?

***

Sarene retrocedeu, desejando desesperadamente ter uma arma. As pessoas da cidade notaram Dilaf e seus guerreiros e, ao ver os estranhos corpos retorcidos e os olhos malévolos dos fjordênicos, começaram a correr assustadas. Os instintos de Sarene a instavam a se juntar a eles, mas um movimento desses só a colocaria diretamente nas mãos de Dilaf. Os homens do pequeno monge se espalharam com rapidez para impedir a fuga da princesa.

Dilaf se aproximou – o rosto manchado de sangue seco, o torso desnudo suando no ar frio de Teod, os intrincados padrões sob a pele de seu peito e braços se avolumando, seus lábios curvados em um sorriso malévolo. Ali, Sarene soube que aquele homem era a coisa mais horrível que jamais vira.

***

Raoden escalou até o alto da muralha de Elantris, subindo os degraus de dois em dois, seus músculos elantrinos restaurados se moviam com mais rapidez e resistência do que antes da Shaod.

– Sule! – Galladon gritou, preocupado, correndo atrás dele.

Raoden não respondeu. Chegou no alto da muralha, abrindo caminho entre as muitas pessoas que estavam lá em cima observando os restos de Kae. Elas recuavam ao perceber quem ele era, algumas se ajoelhavam murmurando "Vossa Majestade". Suas vozes eram de assombro. Nele, viam o retorno de suas antigas vidas. Vidas de esperança e fartura, com comida e tempo de sobra. Vidas quase esquecidas depois de uma década de tirania.

Raoden não lhes deu atenção, continuou correndo até a muralha norte, que dava vista para o azul Mar de Fjorden. No outro lado dessas águas estava Teod. E Sarene.

– Seon – Raoden ordenou – mostre-me a exata direção da capital de Teod a partir deste lugar.

Ashe flutuou por um instante, então se colocou em um ponto diante de Raoden, marcando a posição no horizonte.

– Se quiser navegar até Teod, meu senhor, terá que ir nesta direção.

Raoden assentiu, confiando no senso de direção inato do seon. Começou a desenhar. Construiu um Aon Tia com mãos frenéticas, seus dedos traçavam padrões que aprendera por hábito, sem pensar se serviriam para alguma coisa. Agora, com Elantris de algum modo alimentando a força dos aons, as linhas não só apareciam simplesmente no ar quando ele as desenhava – elas explodiam. A luz fluía do aon, como se seus dedos abrissem pequenos buracos em um poderoso dique, permitindo que apenas um pouco de água escapasse.

– Sule! – Galladon disse, finalmente alcançando-o. – Sule, o que está fazendo? – Então, aparentemente reconhecendo o aon, praguejou. – Doloken, Raoden, não sabe o que está fazendo!

– Vou para Teod – Raoden disse, continuando a desenhar.

– Mas, sule – Galladon protestou. – Você mesmo me disse o quanto o Aon Tia pode ser perigoso. O que foi que disse? Que se não souber a distância exata que precisa viajar, pode ser morto. Não pode fazer isso às cegas. Kolo?

– É o único jeito, Galladon – Raoden disse. – Preciso pelo menos tentar.

Galladon sacudiu a cabeça e colocou uma mão sobre o ombro de Raoden.

– Sule, uma tentativa sem sentido não provará nada além de sua estupidez. Sabe ao menos a que distância está Teod?

A mão de Raoden se abaixou lentamente. Não era geógrafo; sabia que Teod estava há quatro dias de navio, mas não tinha conhecimento prático de quantas milhas ou quilômetros isso representava. Tinha que construir um marco de referência para o Aon Tia, dar algum tipo de medida, para que o caractere soubesse o quão longe devia mandá-lo.

Galladon assentiu, dando um tapinha no ombro de Raoden.

– Preparem um navio! – o dula ordenou para um grupo de soldados, os últimos remanescentes da Guarda da Cidade de Elantris.

Será tarde demais!, Raoden pensou com sofrimento. *De que serve o poder, de que serve Elantris, se não posso proteger a pessoa que amo?*

– Um milhão, trezentos e vinte e sete mil e quarenta e dois – disse uma voz atrás de Raoden.

Raoden se virou, surpreso. Adien estava ali perto, sua pele brilhava com o prateado resplendor elantrino. Seus olhos já não mostravam nada do retardamento mental que o amaldiçoara desde seu nascimento; em vez disso, encaravam com lucidez.

– Adien – Raoden disse, surpreso. – Você é...

O jovem, surpreendentemente parecido com Lukel agora que estava curado, deu um passo adiante.

– Eu..., eu sinto como se toda minha vida tivesse sido um sonho, Raoden. Lembro

de tudo o que aconteceu. Mas não podia interagir, não podia dizer nada. Tudo mudou agora, mas uma coisa permanece igual. Minha mente..., sempre fui capaz de calcular números...

– Passos – Raoden sussurrou.

– Um milhão, trezentos e vinte e sete mil e vinte e dois – Adien repetiu. – Esse é o total de passos até Teod. – Meça meus passos, e use-os como sua unidade.

– Rápido, meu senhor! – Ashe exclamou temeroso. – Ela está em perigo. Mai..., ele vê a princesa agora. Diz que ela está cercada. Ah, Domi! Rápido!

– Onde, seon? – Raoden perguntou, ajoelhando-se e medindo os passos de Adien com uma fita de tecido.

– Perto das docas, meu senhor – Ashe disse. – Ela está no caminho principal que conduz ao porto.

– Adien! – Raoden disse, desenhando uma linha em seu aon que duplicava o comprimento dos passos do garoto.

– Um milhão, trezentos e vinte e seis mil, oitocentos e cinco – Adien disse. – Isso o levará até as docas. – Ele ergueu os olhos, franzindo o cenho. – Eu não tenho certeza de como sei disso. Fui lá quando era criança uma vez, mas...

Terá que ser o suficiente, Raoden pensou. Levantou a mão e escreveu um modificador ao lado de seu aon, dizendo-o para transportá-lo um milhão, trezentas e vinte e seis mil, oitocentas e cinco vezes o comprimento da linha.

– Sule, isso é insano! – Galladon disse.

Raoden olhou para seu amigo, assentindo em concordância, e desenhou a linha do Abismo sobre seu aon.

– Você fica a cargo de Arelon até meu regresso, meu amigo – Raoden disse quando o Aon Tia começou a estremecer, expelindo luz diante dele. Ergueu a mão, pegou o centro do trêmulo aon e seus dedos se aferraram a ele como se fosse sólido.

Idos Domi, rezou, *se alguma vez já ouviu minhas orações, guie meu caminho agora*. Então, esperando que Ashe tivesse indicado a direção correta, sentiu o poder do aon percorrer e envolver seu corpo. No momento seguinte, o mundo desapareceu.

***

Sarene pressionou as costas contra a dura parede de tijolos. Dilaf se aproximava com olhos alegres. Ele avançava, e a fileira de monges se acercava de Sarene.

Estava acabado. Não havia para onde fugir.

De repente, um jato de luz caiu sobre um dos monges, atirando a criatura no ar. Estupefata, Sarene viu que o corpo do monge se arqueou diante dela, e caiu no chão com um estampido. Os outros monges se detiveram, desconcertados.

Uma figura atravessou a fileira de surpresos monges, correndo na direção de Sarene. Sua pele era prateada, seu cabelo um branco resplandecente, seu rosto...

– *Raoden?* – perguntou chocada.

Dilaf rosnou, e Sarene gritou quando o sacerdote avançou na direção de Raoden, com velocidade sobrenatural. Mesmo assim, de algum modo, Raoden reagiu com a mesma rapidez, girando e retrocedendo antes do ataque de Dilaf. A mão do rei se agitou, esboçando rapidamente um aon no ar.

Uma explosão de luz brotou do aon, o ar se deformou e se retorceu ao redor dele. Um raio atingiu Dilaf no peito e explodiu, atirando o monge de costas. Dilaf bateu contra um edifício e caiu no chão. O sacerdote gemeu, mas conseguiu ficar novamente em pé.

Raoden praguejou. Correu a curta distância e agarrou Sarene.

– Segure firme – ordenou, sua mão livre traçava outro aon. Os desenhos que Raoden fazia ao redor do Aon Tia eram complexos, mas sua mão se movia com destreza. Terminou bem quando os homens de Dilaf os alcançaram.

O corpo de Sarene se agitou, como acontecera quando Dilaf os trouxera para Teod. A luz a rodeou, sacudindo e pulsando. Um segundo mais tarde, o mundo voltou. Sarene cambaleou, confusa, caindo no familiar chão de paralelepípedos teodeno.

Olhou para cima, surpresa. A uns três metros rua abaixo, podia ver os peitos desnudos dos monges de Dilaf parados em um confuso círculo. Um deles levantou a mão, apontando para Raoden e Sarene.

– Idos Domi! – Raoden praguejou. – Esqueci o que diziam os livros! Os aons ficam mais fracos quando alguém se afasta de Elantris.

– Não pode nos levar para casa? – Sarene perguntou, ficando em pé.

– Não com aons – Raoden falou. Então, pegando a mão dela, começou a correr.

Sua mente estava tão cheia de perguntas que o mundo todo parecia um amontoado confuso. O que acontecera com Raoden? Como se recuperara da ferida que Dilaf lhe infligira? Sufocou as perguntas. Era o suficiente que tivesse ido buscá-la.

***

Frenético, Raoden procurou um meio de escapar. Talvez sozinho tivesse podido enfrentar os homens de Dilaf, mas nunca com Sarene a reboque. A rua desembocava nas docas, onde os grandes barcos de guerra de Teod moviam-se pesadamente para fora da baía para enfrentar a frota com a bandeira de Fjorden. Um homem com uma túnica real verde estava parado na outra extremidade das docas, conversando com um par de auxiliares. O rei Eventeo – pai de Sarene. O rei não os vira, e se virou apressado na direção de uma viela lateral.

– Pai! – Sarene gritou, mas estava muito distante.

Raoden ouviu passos se aproximando. Virou-se, colocando Sarene atrás de si, e levantou os braços para começar um Aon Daa com cada mão. Os aons eram mais

fracos em Teod, mas não eram ineficazes.

Dilaf ergueu uma mão, detendo seus homens. Raoden também parou, sem querer se envolver em uma batalha final, a menos que tivesse que fazê-lo. O que Dilaf estava esperando?

Monges de peito nu surgiam das ruas e vielas. Dilaf sorriu, esperando que seus guerreiros se reunissem. Em poucos minutos, seu grupo passara de vinte para cinquenta, e a situação de Raoden havia passado de péssima para desesperada.

– Não é bem um salvamento – Sarene murmurou, adiantando-se para ficar ao lado de Raoden, encarando o grupo de monstruosidades com insolência.

O desafio irônico dela trouxe um sorriso aos lábios de Raoden.

– Da próxima vez, lembrarei de trazer um exército comigo.

***

Os monges de Dilaf atacaram. Raoden completou seus aons duplicados – descarregando um par de poderosos raios de energia – e logo começou a desenhá-los de novo. Mas, segurando a cintura dele com mãos tensas, Sarene podia ver que Raoden não terminaria antes que os guerreiros sobrenaturalmente velozes os alcançassem.

As docas estremeceram com uma força poderosa. A madeira rangeu e a pedra tremeu, e uma explosão de vento passou por Sarene. Teve que se agarrar ao corpo de algum modo mais estável de Raoden para não ser atirada ao solo. Quando finalmente ousou abrir os olhos, estavam cercados por centenas de figuras de pele prateada.

– Aon Daa! – Galladon ordenou com voz retumbante.

Duzentas mãos se ergueram no ar, desenhando aons. A metade cometeu erros, e seus aons evaporaram. Mesmo assim, aons suficientes foram terminados para enviar uma onda de destruição tão poderosa na direção dos homens de Dilaf que arrasou por completo os monges que estavam mais próximos.

Corpos caíram e outros foram atirados para trás. Os monges que permaneceram em pé, se detiveram, surpresos, olhando os elantrinos.

Então os Dakhor se espalharam de modo ofensivo, deixando Raoden e Sarene de lado para atacar este novo inimigo.

***

Dilaf foi o único que pensou em se abaixar. Seus homens, arrogantemente convencidos de sua força, simplesmente permitiram que as poderosas explosões os atingissem.

Tolos, Dilaf pensou enquanto rolava no chão. Cada Dakhor fora abençoado com habilidades e poderes especiais. Todos tinham a força aumentada e os ossos quase indestrutíveis, mas apenas Dilaf tinha o poder que o tornava resistente aos ataques

do dôr – um poder cuja criação exigira a morte de cinquenta homens. Sentia, mais do que via, que seus homens eram destruídos pelo ataque dos elantrinos.

Os monges restantes estavam em menor número. Atacaram com bravura, tentando matar o máximo de elantrinos vis que pudessem. Haviam sido bem treinados. Morreriam lutando. Dilaf ansiava por se unir a eles.

Mas não fez isso. Alguns achavam que era louco, mas não era um tolo. Os gritos em sua cabeça exigiam vingança, e ainda havia um jeito. Uma forma de se vingar da princesa teodena e de seu elantrino. Um jeito de cumprir as ordens de Wyrn. Uma forma de causar uma reviravolta nessa batalha.

Dilaf escapou, cambaleando quando uma descarga de energia atingiu suas costas. Seus ossos aguentaram, e saiu ileso do ataque.

Ao chegar às docas, alguns momentos antes, vira o rei Eventeo desaparecer por uma viela lateral. Agora percorria a mesma viela.

Sua presa o seguiria.

***

– Raoden! – Sarene disse, apontando para o fugitivo Dilaf.

– Deixe-o ir – Raoden disse. – Ele não pode mais nos fazer mal.

– Mas meu pai foi por ali! – Sarene disse, arrastando-o pela viela.

Ela está certa, Raoden pensou, praguejando. Correu atrás de Dilaf. Sarene fez sinal para que continuasse, e ele a deixou para trás, permitindo que suas pernas elantrinas recentemente recondicionadas o levassem até a viela em uma velocidade extraordinária. Os outros elantrinos não o viram partir, e continuaram lutando contra os monges.

Raoden alcançou a viela, a respiração levemente alterada. Dilaf o atacou um segundo depois, o corpo poderoso do monge surgiu de um canto escuro, esmagando Raoden na parede da viela.

Raoden soltou um grito, sentindo suas costelas se partirem. Dilaf se afastou, desembainhando a espada com um sorriso. O sacerdote arremeteu contra ele, e Raoden mal teve tempo de se jogar de lado para evitar ser empalado. Mesmo assim, o ataque de Dilaf cortou a carne do antebraço esquerdo de Raoden, derramando o prateado sangue elantrino.

Raoden arfou, enquanto a dor percorria seu braço. Esta dor, no entanto, era fraca e insignificante se comparada com suas antigas agonias. Esqueceu-a rapidamente, desviando novamente da espada de Dilaf, que procurava seu coração. Se seu coração parasse novamente, Raoden morreria. Elantrinos eram fortes e se curavam rapidamente, mas não eram imortais.

Enquanto se esquivava, Raoden buscava mais aons na memória. Pensando com rapidez, ficou em pé e traçou um Aon Edo. Era um caractere simples, que exigia

apenas seis linhas, e terminou-o antes que Dilaf pudesse fazer um terceiro ataque. O aon piscou brevemente, e uma fina parede de luz apareceu entre os dois homens.

Dilaf, hesitante, testou a parede com a ponta da espada, e a parede resistiu. Quanto mais pressionava, mais o dôr respondia, devolvendo uma força similar. Dilaf não podia alcançá-lo.

Despreocupadamente, Dilaf estendeu o braço e tocou a parede com a mão desnuda. Sua palma brilhou por um momento e a parede se rompeu, faixas de luz se espalharam no ar.

Raoden maldisse sua estupidez – este era o homem que destruíra seu rosto ilusório apenas um dia antes. De algum modo, Dilaf tinha o poder de anular os aons. Raoden pulou para trás, mas a espada avançou com mais rapidez. A ponta não acertou seu peito, mas em vez disso atingiu sua mão.

Raoden gritou quando a espada atravessou sua palma direita. Levantou a mão esquerda para segurá-la, mas a ferida no antebraço ardeu com renomado vigor. As duas mãos estavam incapacitadas; não podia mais desenhar aons. O ataque seguinte de Dilaf foi um chute, e as já quebradas costelas de Raoden fraturaram ainda mais. Gritou e caiu de joelhos.

Dilaf começou a rir, batendo no rosto de Raoden com a ponta da espada.

– Os skaze estão certos, então. Os elantrinos não são indestrutíveis.

Raoden não respondeu.

– Ainda estou ganhando, elantrino – Dilaf falou, a voz apaixonada e frenética. – Depois que a frota de Wyrn derrotar a Armada teodena, vou reunir minhas tropas e marchar para Elantris.

– Ninguém derrota a Armada teodena, sacerdote – uma voz feminina interrompeu, enquanto uma espada reluzia para acertar a cabeça de Dilaf.

O sacerdote gritou, mal tendo tempo de levantar a própria espada para bloquear o ataque de Sarene. Ela encontrara uma espada em algum lugar e a agitava com rapidez para que Raoden pudesse acompanhar com os olhos. Ele sorriu com a surpresa de Dilaf, lembrando-se da facilidade com a qual a princesa derrotara suas próprias habilidades. Sua arma era mais grossa do que um syre, mas ela ainda a manejava com proficiência notável.

Dilaf, no entanto, não era um homem comum. Os padrões de ossos sob sua pele começaram a brilhar, enquanto ele bloqueava os ataques de Sarene, e seu corpo começou a se mover com ainda mais rapidez. Logo Sarene parou de avançar, e quase imediatamente foi obrigada a começar a retroceder. A batalha terminou quando a espada de Dilaf atravessou o ombro dela. A arma de Sarene caiu no chão, e ela cambaleou, caindo perto de Raoden.

– Sinto muito – ela sussurrou.

Raoden negou com a cabeça. Ninguém podia esperar ganhar uma luta de espadas

contra alguém como Dilaf.

– E minha vingança começa – Dilaf sussurrou, reverente, levantando a arma. – Pode parar de gritar, meu amor.

Raoden agarrou Sarene com uma mão ensanguentada. Então se deteve. Algo estava se movendo atrás de Dilaf – uma forma nas sombras da viela.

Franzindo o cenho, Dilaf se virou para seguir o olhar de Raoden. Uma figura surgiu da escuridão, segurando o lado do corpo dolorido. A figura era um homem alto e corpulento, com cabelos escuros e olhos determinados. Ainda que não usasse mais sua armadura, Raoden o reconheceu. O gyorn, Hrathen.

Curiosamente, Dilaf não parecia feliz em ver seu companheiro. O monge Dakhor girou, erguendo a espada, seus olhos brilhavam de ira. Saltou, gritando algo em fjordênico, e brandiu a arma diante do debilitado gyorn.

Hrathen parou, então tirou o braço debaixo da capa. A espada de Dilaf golpeou o antebraço do gyorn.

E parou.

Sarene arfou ao lado de Raoden.

– Ele é um deles – murmurou.

Era verdade. A arma de Dilaf resvalou pelo braço de Hrathen, arrancando a manga que o gyorn usava e revelando a pele embaixo. O braço não era de um homem normal; mostrava os retorcidos padrões sob a pele, os ossos salientes que eram a marca de um monge Dakhor.

Dilaf, obviamente, também estava surpreso pela revelação. O monge ficou parado, desconcertado, enquanto Hrathen estendia a mão e o agarrava pelo pescoço.

Dilaf começou a praguejar, se contorcendo sob o aperto de Hrathen. O gyorn, no entanto, começou a endireitar o corpo, apertando sua presa. Sob sua capa, Hrathen estava de peito nu, e Raoden pode ver que sua pele não tinha as marcas Dakhor, ainda que estivesse molhada de sangue que jorrava de uma ferida nas costelas. Apenas os ossos do braço tinha o estranho padrão retorcido. Por que aquela transformação parcial?

Hrathen se ergueu, ignorando Dilaf, embora o monge começasse a bater no braço aumentado do gyorn com sua espada. Os golpes resvalaram, e então Dilaf começou a golpear o lado do corpo de Hrathen. A espada mordeu profundamente na carne de Hrathen, mas o gyorn sequer gemeu. Continuou apertando o pescoço de Dilaf, e o pequeno monge arquejou, com muita dor, derrubou a espada.

O braço de Hrathen começou a brilhar.

As estranhas linhas retorcidas sob a pele de Hrathen emitiram um fulgor misterioso enquanto o gyorn levantava Dilaf do chão. O monge se contorcia e se retorcia, sua respiração arfava entrecortada. Debateu-se para escapar, batendo nos dedos de Hrathen, mas o aperto do gyorn era firme.

Hrathen levantou Dilaf para o alto, como se apontasse seu corpo para o paraíso. Olhou para cima, encarando o céu, os olhos miravam estranhamente desfocados. Dilaf proferiu uma espécie de invocação sagrada. O gyorn permaneceu ali por um bom tempo, o braço brilhando, enquanto Dilaf ficava mais e mais frenético.

Houve um estalido. Dilaf parou de se debater. Hrathen abaixou o corpo do monge em um movimento lento, então jogou-o de lado, o brilho de seu braço desapareceu. Olhou na direção de Raoden e Sarene, permaneceu em silêncio por um instante, então despencou sem vida.

***

Quando Galladon chegou alguns momentos mais tarde, Raoden estava tentando sem sucesso curar o ombro de Sarene com suas mãos feridas. O grande dula analisou a cena e fez sinal para que um par de elantrinos checassem os cadáveres de Dilaf e Hrathen. Então Galladon se sentou, para que Raoden o ensinasse a desenhar um Aon Ien. Instantes depois, as mãos e as costelas de Raoden estavam curadas, e ele foi ajudar Sarene.

Ela estava sentada em silêncio. Apesar de sua ferida, fora ver Hrathen. Estava morto. E, de fato, qualquer uma das feridas nas laterais de seu corpo deveria tê-lo matado muito antes que conseguisse quebrar o pescoço de Dilaf. Algo relacionado às marcas Dakhor o mantivera vivo. Raoden balançou a cabeça, desenhando um aon de cura para o ombro de Sarene. Ainda não tinha a explicação de por que o gyorn os salvara, mas abençoou a intervenção do homem.

– A Armada? – Sarene perguntou ansiosamente enquanto Raoden desenhava.

– Parece que está indo bem – Galladon disse, dando de ombros. – Seu pai está procurando por você, apareceu nas docas logo depois que chegamos.

Raoden desenhou a linha do Abismo, e a ferida no braço de Sarene desapareceu.

– Tenho que admitir, sule, que você é sortudo como Doloken – Galladon disse. – Saltar aqui às cegas foi a coisa mais estúpida que já vi um homem fazer.

Raoden deu de ombros, abraçando Sarene.

– Valia a pena. Além disso, você veio atrás, não foi?

Galladon fez uma careta.

– Fizemos Ashe chamar para cá, para ter certeza de que havia chegado em segurança. Não somos kayana, ao contrário do nosso rei.

– Muito bem – Sarene declarou com firmeza. – Alguém vai começar a me explicar o que aconteceu *agora mesmo*.

Sarene alisou o casaco de Raoden e deu um passo para trás, tamborilando na bochecha enquanto o estudava. Teria preferido um traje branco em vez de um dourado, mas por alguma razão o branco parecia pálido e sem vida perto da pele prateada dele.

– Bem? – Raoden perguntou, abrindo os braços.

– Vai ter que servir – ela decidiu alegremente.

Ele começou a rir, aproximando-se e beijando-a com um sorriso.

– Você não devia estar sozinha na capela, rezando e se preparando? O que aconteceu com a tradição?

– Já tentei isso uma vez – Sarene disse, virando-se para se assegurar de que ele não tinha borrado sua maquiagem. – Desta vez, pretendo ficar de olho em você. Por algum motivo, meus maridos potenciais têm a mania de desaparecer.

– Então pode ser alguma coisa com você, Vara de Leky – Raoden brincou. Ele havia gargalhado por um bom tempo quando o pai dela explicara a origem de seu apelido e, desde esse momento, havia se encarregado de usá-lo em todas as ocasiões possíveis.

Ela bateu nele, sem prestar atenção, enquanto alisava o véu.

– Meu senhor, minha senhora – disse uma voz estoica. O seon de Raoden, Ien, entrou flutuando pela porta. – É hora.

Sarene agarrou o braço de Raoden com força.

– Caminhe – ela ordenou, acenando em direção à porta. Desta vez, não o deixaria ir a nenhum lugar até que alguém os casasse.

***

Raoden tentou prestar atenção na cerimônia, mas os casamentos korathi eram compridos e, em geral, entediantes. O padre Omin, ciente do precedente que havia no fato de que um elantrino pedisse a um sacerdote korathi para oficiar seu matrimônio, preparara um extenso discurso para a ocasião. Como sempre, os olhos do homenzinho adquiriram o brilho quase vidrado enquanto falava, como se tivesse esquecido de que houvesse mais alguém presente.

Então Raoden também deixou sua mente divagar. Não podia deixar de pensar na conversa que tivera com Galladon mais cedo naquele dia, uma conversa iniciada por causa de um pedaço de osso. O osso, recuperado do corpo de um monge fjordênico morto, estava deformado e retorcido – mesmo assim, era mais bonito do que repugnante. Era como um pedaço de marfim entalhado ou um punhado de varetas de madeira esculpidas e retorcidas entre si. O mais inquietante era que Raoden jurava

que reconhecia símbolos levemente familiares nos entalhes. Símbolos que havia estudado: antigos caracteres fjordênicos.

Os monges derethi haviam criado sua própria versão do AonDor.

A preocupação pressionava sua mente com tanto vigor que distraiu sua atenção até mesmo no meio de seu próprio casamento. Durante os séculos, uma única coisa impedira que Fjorden conquistasse o ocidente: Elantris. Se Wyrn tivesse aprendido a acessar o dôr..., Raoden ficava se lembrando de Dilaf e de sua estranha habilidade para resistir aos aons – e até para destruí-los. Se mais alguns monges tivessem possuído esse poder, então a batalha poderia facilmente ter virado a favor deles.

A familiar bola de luz de Ien flutuava ao lado de Raoden. A recuperação do seon quase compensava os queridos amigos que Raoden perdera na batalha final para restaurar Elantris. Karata e os demais fariam falta. Ien afirmava não se lembrar de nada de seu tempo de loucura, mas algo parecia um pouco diferente no seon. Estava mais silencioso do que de costume, até mesmo mais pensativo. Assim que tivesse algum tempo livre, Raoden planejava interrogar outros elantrinos na esperança de descobrir mais sobre os seons. Incomodava-o que, durante seus estudos, leituras e práticas, nunca tivesse descoberto exatamente como os seons eram criados – isso se, de fato, eram criações do AonDor.

Aquela não era a única coisa que o incomodava, no entanto. Também havia a questão da estranha dança ChayShan de Shuden. Os presentes, incluindo Lukel, afirmavam que o jindonês conseguira derrotar sozinho um dos monges de Dilaf – com os olhos fechados. Alguns até diziam que o jovem barão brilhava enquanto lutava. Raoden estava começando a suspeitar de que havia mais de uma maneira de acessar o dôr – muitas mais. E um desses métodos estava nas mãos do mais brutal e dominador tirano de Opelon: Wyrn Wulfden, o Quarto, Regente de Toda a Criação.

Aparentemente, Sarene percebeu a falta de atenção de Raoden, pois lhe deu uma cotovelada quando o discurso de Omin estava prestes a acabar. Sempre uma mulher de estado, preparada, controlada e alerta. Sem mencionar sua beleza.

Realizaram a cerimônia, trocando pingentes korathi com o Aon Omi, e consagraram suas vidas e mortes um para o outro. O pingente que ele deu para Sarene fora delicadamente talhado em jade puro pelo próprio Taan, então sobreposto com faixas de ouro que combinavam com seus cabelos. O presente de Sarene era menos extravagante, mas igualmente adequado. Em algum lugar encontrara uma pesada pedra negra de reflexos metálicos cujo brilho complementava a pele prateada de Raoden.

Com isso, Omin proclamou a toda Arelon que seu rei estava casado. Começaram os vivas, e Sarene se inclinou para beijá-lo.

– Era isso que esperava? – Raoden perguntou. – Me disse que antecipou esse momento durante toda a sua vida.

– Foi maravilhoso – Sarene respondeu. – Mas há uma coisa pela qual esperei ainda mais do que meu casamento.

Raoden ergueu a sobrancelha.

Ela sorriu com malícia.

– A noite de núpcias.

Raoden começou a rir, perguntando-se onde tinha se metido ao trazer Sarene para seu país.

EPÍLOGO

O dia estava morno e brilhante, um contraste completo com o dia do funeral de Iadon. Sarene estava do lado de fora de Kae, contemplando o túmulo do antigo rei. Tudo pelo que Iadon lutara fora revogado; Elantris havia sido revitalizada e a servidão declarada ilegal. É claro, seu filho se sentava no trono de Arelon, ainda que este trono estivesse dentro de Elantris agora.

Apenas uma semana se passara desde o casamento, mas tanta coisa acontecera. Raoden acabara permitindo que a nobreza conservasse seus títulos, ainda que no início tivesse tentado abolir todo o sistema. O povo não teria permitido. Parecia anormal para eles que não houvessem condes, barões e outros lordes. Então Raoden modificou o sistema para seus próprios fins. Tornou cada lorde um servo de Elantris, encarregando-o com a responsabilidade de cuidar do povo nas partes remotas do país. A nobreza se tornou menos aristocrática e mais distribuidora de alimentos – o que, de certo modo, deveria ter sido desde o início.

Sarene o observava agora, falando com Shuden e Lukel, sua pele brilhando mesmo sob a luz do sol. Os sacerdotes que diziam que a queda de Elantris havia revelado a verdadeira natureza de seus ocupantes não haviam conhecido Raoden. Essa era sua verdadeira essência, o farol brilhante, a poderosa fonte de orgulho e esperança. Não importava o quão metalicamente reluzente sua pele se tornasse, ela nunca seria comparável ao resplendor de sua alma.

Ao lado de Raoden estava o tranquilo Galladon, sua pele brilhando também, embora de um jeito diferente. Era mais escura, como ferro polido, um resquício de sua herança dula. A cabeça do homenzarrão ainda estava careca. Sarene ficara surpresa com o fato, pois todos os outros elantrinos tinham cabelos brancos. Quando perguntado sobre essa singularidade, Galladon simplesmente dera de ombros, daquele seu jeito característico, resmungando:

– Parece correto. Sou careca desde minha terceira década. Kolo?

Bem atrás de Raoden e Lukel, ela podia ver a forma prateada de Adien, segundo filho de Daora. Segundo Lukel, a Shaod alcançara Adien há cinco anos, mas a família estava determinada a encobrir sua transformação com maquiagem, em vez de jogá-lo em Elantris.

A verdadeira natureza de Adien não era mais desconcertante do que a de seu pai. Kiin não estava disposto a dar muitas explicações, mas Sarene viu a confirmação nos olhos do tio. Há mais de dez anos, ele comandara sua frota contra o pai de Sarene, em uma tentativa de roubar o trono – um trono que Sarene começava a acreditar que poderia ter pertencido legalmente a Kiin. Se era verdade que Kiin era o

irmão mais velho, então deveria ter sido o herdeiro, não Eventeo. Seu pai continuava sem querer falar sobre o assunto, mas ela pretendia conseguir respostas mais cedo ou mais tarde.

Enquanto ponderava, notou que uma carruagem parava ao lado do túmulo. A porta se abriu e Torena desceu, trazendo seu obeso pai, conde Ahan. Ahan não era o mesmo desde a morte de Roial; falava com voz aturdida e doentia, e perdera uma alarmante quantidade de peso. Os outros não o haviam perdoado por sua participação na execução do duque, mas o desprezo deles nunca poderia se igualar à repulsa que ele devia sentir por si mesmo.

Raoden a olhou nos olhos, assentindo levemente. Já era hora. Sarene passou pelo túmulo de Iadon e por mais quatro iguais ao dele – os lugares de descanso de Roial, Eondel, Karata e um homem chamado Saolin. Este último túmulo não tinha nenhum corpo, mas Raoden insistira que fosse erguido com os demais.

Esta área se tornaria um memorial, um jeito de lembrar aqueles que haviam lutado por Arelon – assim como o homem que tentara esmagá-la. Cada lição tinha duas faces. Era tão importante para eles se recordarem da doentia ganância de Iadon quanto se lembrarem do sacrifício de Roial.

Sarene de aproximou lentamente do último túmulo. A terra estava levantada como as demais, formando um monte que algum dia estaria coberto de grama e folhagem. Por enquanto, estava estéril, a terra recém-empilhada ainda estava fofa. Sarene não havia precisado insistir muito. Todos conheciam a dívida que tinham para com o homem enterrado ali. Hrathen de Fjorden, alto sacerdote e sagrado gyorn do Shu-Dereth. Haviam deixado seu funeral por último.

Sarene se virou para se dirigir à multidão, Raoden se postou na frente deles.

– Não falarei muito – ela começou –, pois ainda que tenha tido mais contato com o homem Hrathen do que a maioria de vocês, eu não o conhecia. Sempre supus que poderia compreender um homem sendo inimiga dele, e pensei que entendia Hrathen..., seu senso de dever, sua vontade férrea e sua determinação em nos salvar de nós mesmos. Não vi seu conflito interno. Não pude conhecer o homem cujo coração o levou, no fim, a rejeitar tudo em que acreditara em nome do que sabia estar certo. Nunca conheci o Hrathen que colocou a vida dos demais acima de sua própria ambição. Essas coisas estavam ocultas, mas no final provaram ser mais importantes para ele.

– Quando lembrarem deste homem – ela prosseguiu –, não pensem nele como um inimigo. Pensem nele como um homem que ansiava proteger Arelon e seu povo. Pensem no homem em que se tornou, o herói que salvou seu rei. Meu marido e eu teríamos sido assassinados pelo monstro de Dakhor se Hrathen não tivesse chegado para nos salvar. Mais importante, lembrem-se de Hrathen como aquele que deu o aviso vital que salvou a frota de Teod. Se a Armada tivesse caído, asseguro que

Teod não teria sido o único país a sofrer. Os exércitos de Wyrn teriam caído sobre Arelon, com Elantris ou sem Elantris, e todos vocês estariam lutando para sobreviver neste momento. Isso se ainda estivessem vivos.

Sarene fez uma pausa, deixando que seus olhos pousassem sobre o túmulo. Na cabeceira a armadura vermelho-sangue fora cuidadosamente disposta. A capa de Hrathen estava pendurada no alto de sua espada, cravada na terra suave. A capa carmesim esvoaçava ao vento.

– Não – Sarene disse. – Quando falarem sobre este homem, que se saiba que ele morreu para nos defender. Que se diga que, ao fim e ao cabo, Hrathen, gyorn do Shu-Dereth, não era nosso inimigo. Foi nosso salvador.

GLOSSÁRIO

A seguir, um dicionário de alguns dos aons mais usados no texto. Não é de forma alguma abrangente. As palavras incluídas entre parênteses são exemplos de nomes e termos que incorporaram aquele aon em particular.



Aan
Verdade, fato
(Aandan, Taan)



Aha
Respiração, ar
(Ahan, Dahad, Kahar)



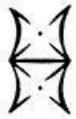
Ala
Beleza, formosura
(Meala, Seinalan)



Aon
Primeiro, linguagem
(AonDor, aônico)



Are
Unidade, coesão
(Arelon, Aredel, Maare, Waren)



Ashe

Luz, iluminação
(seon Ashe, Dashe)



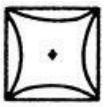
Ata
Graça, suavidade
(Karata, montanhas Atad, Atara)



Daa
Poder, energia



Dao
Estabilidade, segurança
(Daora, Daorn)



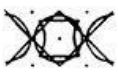
Deo
Ouro, metal
(Deos, colônia Deo)



Eda
Superior, sublime
(Edan)



Edo
Proteção, segurança



Ehe
Fogo, calor



Ela
Foco, centro
(Elantris, Elao)



Eon
Força de vontade, resistência
(Eondel, eônico)



Ena
Bondade
(Torena)



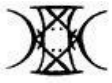
Ene
Perspicácia, inteligência
(Sarene)



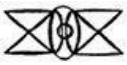
Eshe
Dom, talento
(Eshen, Mareshe)



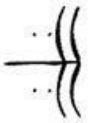
Iad
Responsabilidade, confiança
(Iadon)



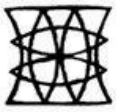
Ial
Prestatividade, ajuda
(Roial)



Ien
Sabedoria
(seon Ien, Adien)



Ire
Tempo, idade
(Diren)



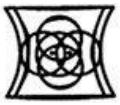
Ido
Misericórdia, perdão
("Idos Domi")



Kai
Calma, solenidade
(Kaise)



Kae
A direção leste
(A cidade de Kae)



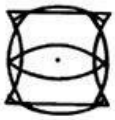
Kii
Justiça
(Kiin)



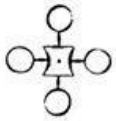
Nae
Visão, clareza



Omi
Amor
(Domi, Omin)



Opa
Flor
(seon Opa, Opais, Opelon)



Rao
Espírito, essência
(Raoden, Tenrao)



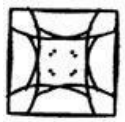
Reo
Punição, retribuição
(Dreok Esmagarganta, Reod)



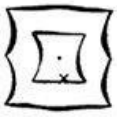
Rii
Riqueza, abundância
(Telrii, Sorii)



Teo
Real, majestoso
(Eventeo, Teod, Teois, Teora, Teorn)



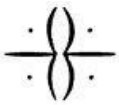
Mai
Honra



Mea
Reflexão, cuidado
(Meala)



Sao
Inteligência, aprendizado
(Saolin)



Sea
Castidade, fidelidade
(Seaden, Seala)



Seo
Lealdade, serviço
(seon, Seor)



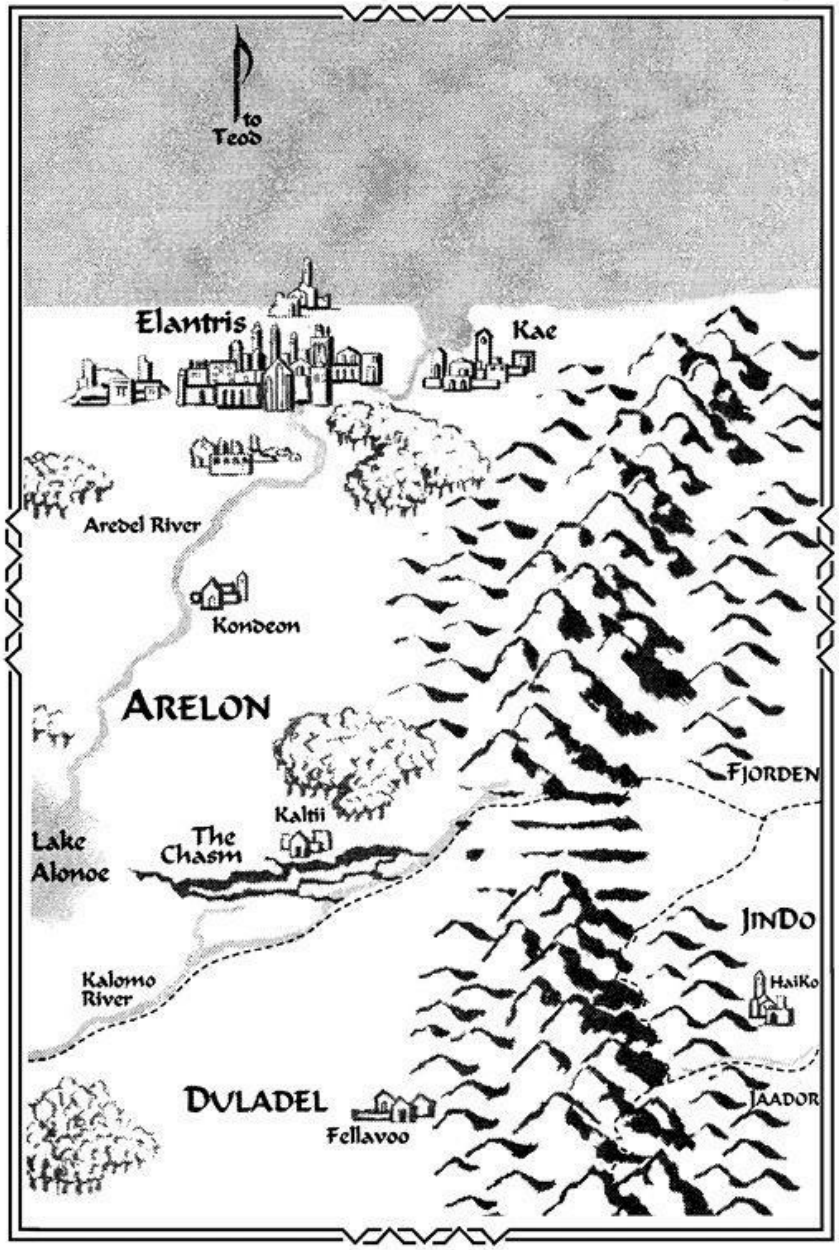
Shao
Transformação, mudança
(Shaod, Shaor)



Sheo
Morte



Tia
Viagem, transporte


to Teod
Elantris
Kae
Aredel River
Kondeon
ARELON
Kaltii
The Chasm
Lake Alonoe
FJORDEN
JINDO
Kalomo River
HaiKo
DULADEL
Fellavoo
JAADOR

Índice

CAPA
Ficha Técnica
AGRADECIMENTOS
PRÓLOGO
PARTE I A SOMBRA DE ELANTRIS
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27

PARTE II O CHAMADO DE ELANTRIS
- 28
- 29
- 30

31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
PARTE III O ESPÍRITO DE ELANTRIS
55
56
57
58
59
60
61
62
63
EPÍLOGO
GLOSSÁRIO